

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
CAMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



**GEOGRAFICIDADE LIBERTÁRIA EM ÉLISÉE RECLUS:
CONTRIBUIÇÃO HETERODOXA À HISTÓRIA DA GEOGRAFIA**

JOSÉ VANDÉRIO CIRQUEIRA PINTO

ORIENTADOR: DR. ELISEU SAVÉRIO SPOSITO

PRESIDENTE PRUDENTE

2015

JOSÉ VANDÉRIO CIRQUEIRA PINTO

**GEOGRAFICIDADE LIBERTÁRIA EM ÉLISÉE RECLUS:
CONTRIBUIÇÃO HETERODOXA À HISTÓRIA DA GEOGRAFIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, para o nível de doutorado da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), Campus Presidente Prudente, como requisito de avaliação para a obtenção de título de doutorado, sob a orientação do professor Dr. Eliseu Savério Sposito.

Grupo de Pesquisa: GASPERR - Eixo transversal: Pensamento Geográfico.

PRESIDENTE PRUDENTE

2015

FICHA CATALOGRÁFICA

C526g Pinto, José Vandério Cirqueira.
Geograficidade libertária em Élisée Reclus: contribuição heterodoxa à história da geografia / José Vandério Cirqueira Pinto. - Presidente Prudente: [s.n], 2015
527 f.: il.

Orientador: Eliseu Savério Sposito
Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia
Inclui bibliografia

1. Élisée Reclus. 2. Geograficidade libertária. 3. Geografia heterodoxa. I. Pinto, José Vandério Cirqueira. II. Sposito, Eliseu Savério. III. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Tecnologia. IV. Geograficidade libertária em Élisée Reclus: contribuição heterodoxa à história da geografia.

DEDICATÓRIA

Ao meu pai, José Henrique Pinto (*in memoriam*),
que, apesar de não poder ler estas páginas,
aspirava profundamente o sentimento
de luta pela liberdade e de justiça.

AGRADECIMENTOS

Ao professor, orientador desta tese, Dr. Eliseu Savério Sposito, que me ensinou a olhar sempre na direção das *solucionáticas* ao invés das *problemáticas*, estando sempre à disposição em contribuir positivamente com este trabalho, exprimindo seu profundo respeito ao trabalho de pesquisa, criatividade e individualidade de quem o escreve, além de estimular a organização, método e fundamentação teórico-prática do trabalho acadêmico. Ao querido professor Eliseu, agradeço, com toda a sinceridade, a oportunidade que me foi dada de ser orientado por ele, realizando tardiamente as esperanças de um jovem ingênuo, graduando da UEG de Anápolis, vislumbrado pela presença da filosofia no interior da história do pensamento geográfico.

Aos professores, Drs. Bernardo Mançano Fernandes e Nécio Turra Neto, pela avaliação do relatório de qualificação e pelas contundentes contribuições no processo de constituição do trabalho final.

À minha mãe, Maria José, meu irmão, Elton, minhas irmãs, Ediane e Maria Valdicéia, por acreditarem no meu esforço de conseguir concluir esse árduo desafio.

Em especial, à minha esposa, Ludmilla Carvalho Fonseca, por ter me apoiado incansavelmente nesse caminho de sobrepujamento dos obstáculos, estando lado a lado, todos os dias e em todos os espaços, me apoiando na superação dos quase intransponíveis desertos, pântanos e montanhas que se impõem como desafios ao longo do curso de doutorado.

RESUMO

O pensamento geográfico de Élisée Reclus é marcado por um discurso heterodoxo vinculado à condição teórica e de prática espacial que se confronta com os modelos hegemônicos de ordenamento territorial. Seu modelo de ciência não foi digerido pela crítica historiográfica da época, que negava a efetividade da geografia enquanto campo do saber politicamente engajado para a transformação dos desequilíbrios geográficos. Por sua vez, este era o principal papel da geografia para Reclus: ter um caráter eminentemente social, politicamente dissidente, colocado como uma experiência e prática espacial subversiva capaz de enfrentar as ingerências dos modelos hegemônicos. Por isso, busca-se investigar o caráter libertário presente na geograficidade de Reclus, avaliando o grau de aceitação deste pensamento heterodoxo, os fatores que desencadearam a negligência de parte de sua obra, e os impactos desta negligência na difusão de sua prática espacial de base anarquista. Entende-se aqui geograficidade como experiência e prática espacial, como modelo de reflexão acerca das relações resultantes da ação humana no meio, e em Reclus ela ganhará dimensão libertária. Este viés concebe a oportunidade de se avaliar quais foram as contribuições heterodoxas que o pensamento geográfico reclusiano legou à história da geografia, e quais as explicações da insuficiente aceitação desta modalidade de pensamento, ou seja, o que pode explicar sua negligência diante do contexto das geografias das *escolas nacionais*, inteiradas dos processos de expansão territorial da segunda metade do século XIX. Este trabalho tem como objetivo central destacar os elementos constitutivos da geograficidade libertária reclusiana, evidenciando seu caráter politicamente engajado enquanto fundamentação teórica e prática espacial, na tentativa de qualificar o que ele buscou denominar de *geografia social*.

Palavras-chave: Élisée Reclus. Geograficidade libertária. Geografia heterodoxa. Anarquismo. História da geografia.

ABSTRACT

The geographical thought of Élisée Reclus is marked by an heterodox speech connected to the theoretical condition and spatial practice that confront with the hegemonic models of territorial arrangement. The science model developed by Reclus was not accepted by critical historiography of the time, denying the effectivity of geography as a field of knowledge politically engaged for the transformation of geographical imbalances. On the other hand, this was the main role of geography to Reclus: to have an eminently social character, politically dissident, placed as subversive experience and spatial practice, able to face the interference of hegemonic models. Therefore, we seek to investigate the libertarian character in this geographicity of Reclus, assessing the degree of acceptance of this heterodox thought, the factors that initiated the neglect of his work, and the impacts of this neglect in the dissemination of his spatial practice of anarchist base. The geographicity concept can be understood as experience and spatial practice, as a reflection model about the relations resulting from human activities in the environment, and with Reclus, the geographicity has a libertarian dimension. This view conceives the opportunity to assess what were the heterodox contributions that the thought of Reclus bequeathed to the history of geographical thought, and what are the explanations of insufficient acceptance of this mode of thought, in other words, which may explain their negligence on the context of the geographies of “national schools”, included in the territorial expansion processes of the second half of the nineteenth century. This work is mainly aimed to highlight the elements of the libertarian geographicity of Reclus, showing his character politically engaged as theoretical foundation and spatial practice in an attempt to qualify what he called “social geography”.

Key words: Élisée Reclus. Libertarian geographicity. Heterodox geography. Anarchism. History of geographical thought.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

01	Capa de <i>Histoire d'un Ruisseau</i>	p. 134
02	Fotografia de Élisée Reclus por Nadar, durante sua detenção em 1871	p. 143
03	As redes reclusianas durante o exílio na Suíça (1872 – 1890)	p. 149
04	Capa de <i>Histoire d'une Montagne</i>	p. 156
05	Fotografia de Élisée Reclus por Nadar no ano de 1883	p. 160
06	Fotografia de Élisée Reclus por Nadar no ano de 1903	p. 173
07	Principais itinerários e descobertas no interior da África em 1885	p. 344
08	Ferrovias em Londres	p. 349
09	Estradas de Ferro na Inglaterra	p. 351
10	Divisão Etnográfica da Ásia Anterior	p. 354
11	Rede Ferroviária a Oeste e a Leste dos Estados Unidos, em 1889	p. 359
12		
13	Morfologia Urbana da Cidade de São Paulo	p. 363
14	Rede de Ferrovias do Rio, Minas e São Paulo	p. 364
15	Superfície da Austrália Comparada a da Inglaterra	p. 368
16	Vias de Comunicação entre a América do Sul, Europa e África	p. 372
17	Índios Carajás na Região do Vale do Rio Araguaia	p. 374
18	Capa da obra <i>L'Homme et la Terre</i>	p. 380

LISTA DE QUADROS

01	Síntese das contribuições ortodoxas ao pensamento geográfico	p. 43
02	Síntese das contribuições heterodoxas ao pensamento geográfico	p. 64
03	Descontinuidades discursivas em Gaston Bachelard	p. 84
04	Descontinuidades discursivas em Thomas Kuhn	p. 86
05	Descontinuidades discursivas em Michel Foucault	p. 88
06	Descontinuidades discursivas em Paul Feyerabend	p. 89
07	Regularidade e descontinuidade discursiva na geografia	p. 91
08	Reflexos da geografia de Ratzel, Reclus e de La Blache	p. 94
09	Traços biográficos vivenciados por Élisée Reclus (1830 a 1851)	p. 107
10	Traços biográficos vivenciados por Élisée Reclus (1851 a 1857)	p. 117
11	Traços biográficos vivenciados por Élisée Reclus (1857 a 1872)	p. 125
12	Traços biográficos vivenciados por Élisée Reclus (1872 a 1890)	p. 147
13	Traços biográficos vivenciados por Élisée Reclus (1890 a 1894)	p. 159
14	Traços biográficos vivenciados por Élisée Reclus (1894 a 1905)	p. 169
15	Assunto ou área dos trabalhos publicados por Élisée Reclus entre 1857 – 1869	p. 208
16	Assunto ou área dos trabalhos publicados por Élisée Reclus entre 1870 – 1889	p. 209
17	Assunto ou área dos trabalhos publicados por Élisée Reclus entre 1890 – 1894	p. 210
18	Assunto ou área dos trabalhos publicados por Élisée Reclus entre 1895 – 1905	p. 211
19	Principais veículos utilizados por Élisée Reclus para publicar seus trabalhos entre 1857 – 1869	p. 224
20	Principais veículos utilizados por Élisée Reclus para publicar seus trabalhos entre 1870 – 1889	p. 225
21	Principais veículos utilizados por Élisée Reclus para publicar seus trabalhos entre 1890 – 1894	p. 226
22	Principais veículos utilizados por Élisée Reclus para publicar seus trabalhos entre 1895 – 1905	p. 228
23	Local e número de publicações de Élisée Reclus (1857 – 1905)	p. 233
24	Características gerais do conceito geograficidade	p. 253
25	Características da geograficidade libertária em Élisée Reclus	p. 281
26	Nº de ocorrências de autores selecionados na obra <i>La Terre</i> , vols. 1 e 2	p. 299
27	Reflexo epistemológico da geograficidade de Reclus na perspectiva dissidente da geografia	p. 473
28	A geografia libertária como núcleo constitutivo das geografias dissidentes	p. 476
29	Campos ou áreas da geografia presentes na geograficidade reclusiana	p. 486
30	Categorias e conceitos presentes na geograficidade reclusiana	p. 488

SUMÁRIO

Parte I	INTRODUÇÃO	p. 12
	CONTRIBUIÇÃO HETERODOXA À HISTÓRIA DA GEOGRAFIA	p. 18
Cap. 1	ORTODOXIAS E HETERODOXIAS NA HISTÓRIA DA GEOGRAFIA	p. 27
1.1	Geografias evidenciadas e negligenciadas	p. 31
1.1.1	Geografia ortodoxa oficial	p. 36
1.1.2	Geografias heterodoxas	p. 53
1.2	Descontinuidades discursivas no pensamento geográfico	p. 80
Cap. 2	A FORMAÇÃO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO DE ÉLISÉE RECLUS	p. 97
2.1	Pensamento geográfico germinado na experiência espacial	p. 101
2.2	A natureza e a luta de classes como fonte da geografia reclusiana	p. 103
2.2.1	Saindo de casa em busca de experiências geográficas (1830 a 1851)	p. 104
2.2.2	Andanças e utopias no Novo Mundo: desconstruindo a divinização da natureza (1851 a 1857)	p. 113
2.2.3	A luta de classe e a formação de uma geografia essencialmente científica e libertária (1857 a 1872)	p. 123
2.2.4	Uma monumental obra de geografia anarquista comunista (1872 – 1890)	p. 145
2.2.5	Breve retorno à França e reconhecimento pela contribuição à geografia (1890 – 1894)	p. 158
2.2.6	Atividade docente engajada e geografia social libertária (1894 – 1905)	p. 167
2.3	Uma geografia libertária antes da hora?	p. 174
Cap. 3	A NEGLIGÊNCIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO DE ÉLISÉE RECLUS	p. 180
3.1	A diversidade temática	p. 200
3.2	A heterodoxia ideológica	p. 215
3.3	A prática científica engajada	p. 228
3.3.1	(Cons)ciência e prática espacial	p. 230
Parte II	GEOGRAFICIDADE LIBERTÁRIA EM ÉLISÉE RECLUS	p. 240
Cap. 4	A GEOGRAFICIDADE COMO AFIRMAÇÃO DA GEOGRAFIA ENQUANTO PRÁTICA ESPACIAL	p. 252
4.1	A geograficidade como experiência do/no mundo: o homem/mulher, a terra e a liberdade	p. 259
4.2	A geograficidade libertária como prática espacial dissidente	p. 273
Cap. 5	DA GEOGRAFICIDADE AMBIENTAL À GEOGRAFICIDADE SOCIAL	p. 288
5.1	<i>La Terre</i> : fundamentos teórico-metodológicos para a geograficidade ambiental	p. 297
5.1.1	A Terra como sistema dinâmico e complexo	p. 303
5.1.2	A Terra enquanto condicionamento	p. 311
5.1.3	O homem/mulher enquanto agente transformador	p. 317
5.1.4	A geograficidade do equilíbrio	p. 328
5.2	<i>Nouvelle Géographie Universelle</i> : fundamentos teórico-metodológicos para a geograficidade política	p. 335
5.2.1	Narrativas do mundo: inventando terras	p. 340

5.2.2	Discurso político sobre os lugares: a terra e os homens	p. 345
5.2.3	Uma geograficidade política das liberdades	p. 365
5.3	<i>L'Homme et la Terre</i> : fundamentos teórico-metodológicos para a geograficidade social	p. 378
5.3.1	A geografia social como paradigma radical <i>avant l'heure</i>	p. 384
5.3.2	Uma geograficidade de <i>episteme</i> anarquista	p. 403
5.3.3	Espaço-tempo como categorização universal	p. 417
5.3.4	A diferença e a identidade regional: a ajuda mútua como fator de integração	p. 424
5.3.5	O local comunalista e o global internacionalista	p. 431
5.3.6	Espantando fantasmas: Estado-Nação, pátria, fronteira e limite	p. 437
5.3.7	O confederalismo como prática territorial autogestionária	p. 447
Cap. 6	A PRESENÇA DA GEOGRAFICIDADE LIBERTÁRIA DE RECLUS NA GEOGRAFIA CONTEMPORÂNEA	p. 456
6.1	Esforço de continuação da geografia de Reclus na primeira metade do século XX	p. 457
6.2	A recuperação de Reclus pela matriz francesa na segunda metade do século XX	p. 459
6.3	A presença da geografia de Reclus na cultura anglófona	p. 462
6.4	A presença da geografia de Reclus na cultura ibérica e latino-americana	p. 465
6.5	Discurso geográfico da dissidência	p. 469
6.5.1	O discurso das liberdades e da organização espacial	p. 477
6.5.2	O discurso do equilíbrio e da autogestão do território	p. 479
	CONCLUSÃO	p. 483
	REFERÊNCIAS	p. 490
	ANEXO	p. 507

INTRODUÇÃO

No pensamento geográfico de Jean Jacques Élisée Reclus (1830 – 1905) encontra-se no seu discurso posicionamento heterodoxo, vinculado à condição teórica e a promoção de prática espacial, por este se posicionar como modalidade discursiva que almeja confrontar os modelos hegemônicos de ordenamento territorial. Seu modelo de ciência, em certos aspectos, não coadunava com o sentido dado genericamente por seus contemporâneos, e por isso, entre outros aspectos, ele não foi digerido pela crítica historiográfica da época, que negava a efetividade da geografia enquanto campo do saber politicamente engajado para a transformação dos desequilíbrios geográficos. Por sua vez, este era o principal papel da geografia para Reclus: ter um caráter eminentemente social, politicamente dissidente, colocado como uma experiência e prática espacial subversiva capaz de enfrentar as ingerências dos modelos hegemônicos. A geograficidade reclusiana porta em si aspectos marcantes advindo de fundamentos do anarquismo clássico, e dessa forma, não almejava ser o centro do poder hegemônico da produção teórica, porque funcionava como diferente modalidade de território do saber, compondo-se como *outra* centralidade ou mesmo uma *ex-centralidade* discursiva do pensamento geográfico.

Por isso é de suma importância investigar o caráter libertário presente na geograficidade de Reclus, buscando identificar os elementos constitutivos desta geografia que demarca seu veio dissidente, avaliando o grau de aceitação deste pensamento heterodoxo e seu contraponto com a concepção ortodoxa de geografia, como também, almeja-se verificar os fatores que desencadearam a negligência de parte de sua obra, e os impactos desta negligência na difusão de sua prática espacial de base anarquista. Entende-se aqui geograficidade¹ como experiência e prática espacial, como modelo de reflexão acerca das relações resultantes da ação humana no meio, e em Reclus ela ganha a dimensão libertária, como principal elemento que destoa sua geograficidade das demais produzidas na segunda metade do século XIX. Este viés concebe a oportunidade de se avaliar quais foram as contribuições heterodoxas que o pensamento geográfico reclusiano legou à história da geografia, e quais as explicações da insuficiente aceitação desta modalidade de pensamento pela historiografia dominante, ou seja, o que pode explicar sua negligência diante do contexto das

¹ Na segunda parte da tese: *Geograficidade libertária em Élisée Reclus*, especialmente no capítulo 04, intitulado: *A geograficidade como afirmação da geografia enquanto prática espacial*, será aprofundado o sentido dado ao conceito geograficidade, que por sua vez, far-se-á maior aprofundamento ao sentido deste conceito e sua relação com a heterogeneidade da geografia de Reclus.

geografias das *escolas nacionais*, inteiradas dos processos de expansão territorial da segunda metade do século XIX.

Este trabalho tem como objetivo principal destacar os elementos constitutivos do que se pretende denominar como geograficidade libertária no pensamento de Reclus, evidenciando o caráter politicamente engajado presente nesta geograficidade, vista como fundamentação teórica e prática espacial, e que por sua vez, foi qualificada como uma *geografia social*. A emergência desta geograficidade libertária, diante do contexto em que foi apresentada, funcionou como antinomia ao eferescente século do liberalismo, com seus imperialismos e industrialismos, que causaram graves acúmulos de poder e de pobreza, promoveram sangrentos conflitos e conquistas territoriais, redefinindo fronteiras, forjando e apagando outras, consumindo vidas, recursos, força de trabalho e liberdades, para nutrir os atores de poder do capital e do Estado como agentes autoritários de ordenamento do território, sobre os ombros dos trabalhadores. As questões territoriais, das regiões, dos lugares, das identidades, da exploração do homem, e da ação predatória deste sobre a natureza estavam consideravelmente evidentes para que a geografia ficasse unicamente omissa, calada e neutra ao passo que essas mazelas iam sendo lançadas sobre as faces destes especialistas do espaço geográfico.

Neste interim, Reclus buscou investigar o resultado da relação entre a sociedade e a natureza, e conseqüentemente, da produção do espaço geográfico e das diferenciações regionais, explicitando os três elementos balizadores da sua geografia social libertária: *a luta de classes*, como fundamento para a contestação dos modelos hegemônicos; *a busca do equilíbrio*, como elemento da ruptura à centralização e reprodução desigual do espaço; e *a autonomia dos indivíduos*, como sentido das geograficidades libertárias.

A evidência do papel da geografia social de Reclus se dá em virtude do pensamento geográfico ter a oportunidade de retornar aos clássicos, principalmente àqueles que foram descaracterizados pela historiografia dominante, e extrair deste exercício elementos consideráveis para que se possa repensar ou apenas instigar novos direcionamentos do saber geográfico enquanto prática espacial comprometida com a contestação dos modelos hegemônicos de ordenamento territorial.

No bojo desse pensamento geográfico e prática espacial engajada assenta-se o continente do que se buscou posteriormente denominar de geografia libertária, que por sua vez, situa-se na grande tradição da dissidência, aquela que questiona os poderes, ou, para ser mais preciso as diversas formas de dominação e exploração sedimentadas no espaço geográfico. Tal geografia, também é uma arma contra as ideologias

imperialistas, e Reclus foi o principal expoente dessa forma engajada de fazer saber geográfico, reluzindo subterraneamente suas ideias sobre diversas possibilidades radicais de pensar a dimensão geográfica. Hoje essa forma de fazer geografia é denominada de geografia dissidente, e a geograficidade libertária reclusiana tem seu papel como uma espécie de impulso pioneiro, que por cerca de cem anos, inúmeros esforços tentaram silenciá-la.

É perfeitamente compreensível que as recentes análises de Reclus se atentam excessivamente a seu caráter político libertário e muito pouco ao domínio do pensamento geográfico em si e seus meandros pluridiscursivos, merecendo maior destaque a essas últimas possibilidades de investigação. É preponderante reforçar a composição explicitamente política, ideológica, libertária, radical, engajada e ao mesmo tempo, acadêmica, técnica, científica do pensamento geográfico de Reclus, configurando-se em um volumoso conjunto pluridiscursivo, na direção de uma geograficidade libertária do presente e do futuro, guardada suas devidas atualizações, revisões e adaptações.

Depois de ter ultrapassado enormes esforços de privação o que fica dessa modalidade de geografia é sua capacidade ideologicamente heterodoxa de projetar a possibilidade de novos caminhos ao saber geográfico enquanto enfrentamento dos modelos hegemônicos, o desvinculando do monologismo ainda presente no discurso do paradigma contemporâneo.

Um das principais dificuldades em se pesquisar a obra de Reclus no Brasil se dá pela extensão que a mesma porta, além de haver muito poucas traduções. Sua obra é monumental, tomando como exemplo somente seus principais textos geográficos, como os dois tomos de *La Terre*, com cerca de oitocentas páginas cada; os dezenove tomos de *Nouvelle Géographie Universelle*, com cerca de setecentas páginas cada volume, que por sua vez abordam as cinco grandes regiões habitadas do mundo; e os seis tomos de mais de quinhentas páginas cada de *L'Homme et la Terre*, organizados em quatro livros que, consequentemente abordam desde a origem do homem ao período contemporâneo, totalizando, só nos principais textos cerca de dezessete mil páginas.

Como procedimento metodológico condutor desta tese foi realizada revisão em sua totalidade da obra *L'Homme et la Terre*, empreendendo discussão acerca dos seis volumes deste trabalho pioneiro em que Reclus apresenta os parâmetros fundadores da geografia social libertária; como também, foi feita revisão completa dos dois volumes da obra *La Terre*, texto em que o geógrafo francês aborda a natureza, sua dinâmica e complexidade, a diversidade da geografia física do planeta, os seres vivos que habitam a

superfície da Terra, e as transformações humanas da paisagem natural; além de ter recorrido à revisão completa do primeiro e do décimo nono volume de *Nouvelle Géographie Universelle*, por abordarem, respectivamente, os elementos introdutórios da obra, o caráter da geografia política da Europa como continente hegemônico, e por destacar elementos da geografia do subcontinente sul-americano. Foram investigadas também, acerca desta obra, diversas partes dos demais volumes que dê subsídios para a discussão do problema da tese, além da leitura e análise de inúmeros artigos e obras menores de Élisée Reclus. Para dar sustentação teórica às abordagens da geografia política presente em *Nouvelle Géographie Universelle* foi feita a revisão dos recentes trabalhos de geógrafos europeus e latino-americanos que se dedicam especialmente a ela, como os trabalhos de Pelletier, Ferretti e Creagh (autores debatidos nos capítulos abaixo), entre outros. Realizou-se também, revisão teórica do debate historiográfico sobre este campo da geografia e do pensamento reclusiano, na intenção de captar o sentido constitutivo da geografia social e do engajamento político impresso em seu pensamento, pois o mesmo está intimamente ligado à sua prática espacial ou o seu mergulho nas problemáticas espaciais de seu tempo.

Através de sua larga experiência espacial vivida em decorrência de suas longas e intensas viagens pelos mais diversos cantos da Terra Reclus projeta sua obra. Ela funciona como teoria dessa prática espacial de engajamento político libertário gestado em decorrência de seu envolvimento com a Comuna de Paris e outros diversos movimentos sociais de trabalhadores na Europa, impondo-lhe prisão e exílios, e esse conjunto profícuo da atividade política e das andanças projetou o espectro de suas narrativas do mundo. Esses resultados narrativos têm em seu cerne o desejo de reconciliação do ser humano com ele mesmo e com a terra, nos trilhos do humanismo fraternalista universal.

Desse modo, a experiência espacial em Reclus é empírica, é teórica e é também política, por isso ela é dimensão do social, por sua vez, o espaço reclusiano é social. Contudo, a experiência espacial que Reclus projeta em sua obra, por ser oriunda de suas experiências existenciais, está dotada do significado social e das suas múltiplas atribuições. Neste sentido, a experiência espacial de Reclus está imbuída da compreensão de espaço enquanto dado contextual, mas que se projeta, através de sua obra e das lutas sociais que ele envolveu pela espacialidade de base social, por isso, sua obra reflete sua prática espacial, sua obra então é a manifestação da geograficidade libertária.

Na intenção de buscar desenvolver argumentações sobre o significado da geograficidade libertária de Élisée Reclus organizou o texto da tese em duas partes, tendo cada uma delas três capítulos. Nos três primeiros capítulos da tese o destaque dar-se-ia à reflexão teórico-epistemológica acerca da formação e das características do pensamento geográfico reclusiano e, conseqüentemente, ao processo de negligência. Ao situar esse pensamento como heterodoxo fez-se necessário desenvolver reflexão acerca da história do pensamento geográfico, desempenhando crítica ao modelo de historiografia dominante, delineada pelo caráter ortodoxo, que por sua vez, rechaçou o sentido heterodoxo de certas contribuições geográficas. Em virtude de esta primeira parte estar debruçada com mais afinco ao debate historiográfico e teórico da geografia tentou-se ao máximo evitar os excessos da voz explícita de Reclus relacionadas às suas três grandes obras, para não comprometer os capítulos subsequentes, tarefa essa, que teve sua realização localizada na segunda parte da tese. Na primeira parte a voz do geógrafo francês aparece no momento em que são analisados seus outros trabalhos de menor porte. Então, nos três últimos capítulos o debate se concentrou ao conceito geograficidade presente no pensamento reclusiano, e especialmente, na apresentação de fragmentos, análise e discussão das três maiores obras de Reclus, ocasião em que sua voz é disposta com explícita emissão, em que este fala de forma solícita de sua geografia.

Com relação à primeira parte do trabalho, intitulada de *Contribuição heterodoxa à história da geografia*, buscou-se evidenciar o caráter heterodoxo presente na geografia reclusiana, como este foi gerado no contexto das lutas sociais e do envolvimento com a natureza. Por sua vez, por ser heterodoxa esta geografia mobilizou reflexos conflitivos diante das assimilações da historiografia dominante, que por diversas formas negligenciou este pensamento. Portanto, nestes três primeiros capítulos foram avaliadas a heterodoxia da geografia reclusiana e seu papel para a história da geografia diante do debate historiográfico.

No que tange a segunda parte: *Geograficidade libertária em Élisée Reclus*, o destaque se dá ao problema da tese, a geograficidade libertária. Após ter buscado investigar como se deu a formação, desenvolvimento e negligência desta geografia foi de suma importância apontar no que consiste este pensamento geográfico, quais são os elementos que configuram esta geograficidade libertária, o que ela tem a dizer para as geografias precedentes e contemporâneas à sua produção. Nestes três últimos capítulos, o de número cinco dedica-se a demonstrar o conteúdo explícito presente na obra reclusiana que subsidia a argumentação de uma geograficidade libertária. No derradeiro

capítulo deste trabalho, está presente o legado da geograficidade libertária reclusiana, sendo expressa sua ressonância na história do pensamento geográfico mais recente, a recepção mais atual desta modalidade de geografia e sua projeção enquanto uma nova geografia do presente.

Metodologicamente, ocorreu a inversão do título da tese para organizar a disposição das duas partes do trabalho, ficando a *contribuição heterodoxa* (parte final do título), como primeira parte do texto; e geograficidade libertária (parte inicial do título), como segunda parte do texto. Organizou-se dessa forma, por acreditar ser mais importante avaliar inicialmente a formação do pensamento geográfico de Reclus e conseqüentemente sua posição enquanto centralidade heterodoxa ao modelo oficial de geografia, que por sua vez, foi negligenciada pela historiografia dominante; para, a partir deste ponto, em um segundo momento, possibilitar com melhor qualidade discorrer acerca do entendimento desta heterodoxia do saber geográfico, transfigurada no que se buscou classificar como geograficidade libertária. O que subsidia esta geograficidade libertária é o seu caráter heterodoxo, retomando então ao início do texto, na qual, esta geografia aporta-se na história do pensamento geográfico como uma contribuição heterodoxa.

O que promoveu os impedimentos de difusão e ensino da geografia de Reclus, e conseqüentemente, sua maior aceitação pela historiografia como importante contribuição ao saber geográfico são os principais questionamentos desta primeira parte da tese. Já na segunda parte, o destaque se dá para a investigação do resultado da formação e aplicabilidade deste pensamento geográfico libertário, tendo como premissa básica tornar inteligíveis os aspectos centrais desta modalidade heterodoxa de reflexão e de prática geográfica do saber.

PARTE I
CONTRIBUIÇÃO HETERODOXA À HISTÓRIA DA GEOGRAFIA

A historiografia oficial nos apresenta a geografia moderna enquanto ciência dotada de uma história relativamente recente, marcada por contribuições paradigmáticas delineadas por aqueles trabalhos *eleitos*, ou seja, aquelas contribuições consideradas centrais que operaram os fundamentos da geografia contemporânea. Já quando se trata da geografia como campo de saber que apresenta um discurso sobre o mundo e os homens nele inter-relacionados sua história é bem mais longa e com textura mais densa.

Por sua vez, o trabalho realizado pela historiografia dominante visa restringir ao máximo essas outras *histórias* presentes no sinuoso percurso de produção do saber geográfico. Esse movimento aparentemente normal de restringir, omitir e limitar *outras* contribuições inviabiliza a tentativa de capitar as epistemes² e os paradigmas³ por elas calcificados, sendo necessário então, buscar nessas próprias contribuições heterodoxas o sentido de suas epistemes e de seus paradigmas. A crítica aqui se dá às construções oficiais da historiografia, que forja, criva e estabelece o que deve ser ensinado enquanto saber geográfico útil.

Obviamente que neste trabalho se abordará a geografia enquanto ciência moderna, mas não pelo quadro funcionalista da historiografia oficial, pois não será esquecida a contribuição da compreensão ontológica da leitura e da interpretação de mundo inerente ao discurso geográfico. Este, gestado desde sua origem, quando os sujeitos tinham a necessidade de narrar situações, conveniências, posições e direcionamentos dos lugares, em que o ato de estabelecer sua grafia sobre a terra convertia-se no fator central da constituição de suas geograficidades, grafando o espaço e geografizando a vida, nessa relação íntima entre ser humano e natureza. Essa grafia dos indivíduos na superfície, constituída enquanto saberes vivenciados, posteriormente se converteu em modelos sistematizados pelo padrão cientificista, mas que de forma implícita e quase que ausente, esses saberes não oficiais, conseguiram permanecer no interior do saber geográfico moderno e contemporâneo.

Na palavra geografia está guardada uma densidade de histórias não oficiais, relacionadas a produções, resistências e disputas por espaço no campo do saber oficial,

² Segundo Abbagnano (2000, p. 183) em *Dicionário de Filosofia*, *episteme* é semelhante a “teoria do conhecimento (in. *Epistemology*, rar. *Gnoseology*; fr. *Gnoséologie*, rar. *Épistemologie*; al. *Erkenntnistheorie*, rar. *Gnoseologie*; it. *Teoria della conoscenza*, *gnoseologie* [muito usado], *epistemologia* [menos usado]). [...] Todos esses nomes têm o mesmo significado: não indicam, como muitas vezes se crê ingenuamente, uma disciplina filosófica geral, como a lógica, a ética ou a estética, mas um modo de tratar um problema nascido de um pressuposto filosófico específico, no âmbito de determinada corrente filosófica. O problema cujo tratamento é tema específico da teoria do conhecimento é a realidade das coisas ou, em geral, do ‘mundo externo’”.

³ “Paradigma (in. *Paradigm*; fr. *Paradigme*; al. *Paradigma*; it. *Paradigma*). Modelo ou exemplo. Platão empregou essa palavra no primeiro sentido (cf. *Tim.*, 29 b, 48 e, etc.) ao considerar como Paradigma o mundo dos seres eternos, do qual o mundo sensível é imagem” (ABBAGNANO, 2000, p. 742).

permanecendo o seu significado gênico enquanto reflexão do mundo, sua função de mantenedora das relações dos sujeitos, sua condição de determinação da existência e da transformação das relações sociais e dos espaços geográficos. Por sua vez, no interior da geografia oficial ocorre a ingerência da necessidade de alcançar a restrição máxima do campo de pesquisa, como signo do projeto racionalista moderno, zoneando estruturalmente períodos e escolas nacionais, delimitando função prática e uso político, além de restringir certas metodologias de pesquisa por considerá-las à parte do processo de delineamento acadêmico. Comportamento esse, denominado na ocasião, de ortodoxo⁴, cujo intento é cadenciar arcabouço temático ao campo científico da geografia, configurando territórios imateriais de campos acadêmicos. Entende-se aqui, território imaterial através do prisma dado por Fernandes (2013, p. 182 - 183), em que o mesmo argumenta que

O território imaterial está relacionado com o controle, o domínio sobre o processo de construção do conhecimento e suas interpretações. Portanto, inclui teoria, conceito, método, metodologia, ideologia etc. O processo de construção do conhecimento é também, uma disputa territorial que acontece no desenvolvimento dos paradigmas ou correntes teóricas. [...] A produção material não se realiza por si, mas na relação direta com a produção imaterial. Igualmente, a produção imaterial só tem sentido na realização e compreensão da produção material. Essas produções são construídas nas formações socioespaciais e socioterritoriais. Os territórios materiais são produzidos por territórios imateriais.

Com perspectiva semelhante, Saquet (2013) também busca conceituar o território imaterial, e desse modo, essas duas noções dão base para refletir acerca dos interesses e ações, além de possibilitar o entendimento dos mecanismos de poder ideológico presentes no exercício de constituição historiográfica das ideias do pensamento geográfico.

A territorialização é **(i)material**, [...] com aspectos gerais ligados ao movimento de reprodução da sociedade e da natureza e com elementos específicos de cada lugar, grupo social, etnia, período, momento. Há uma (i)materialidade das formas e relações sociais: uma está na outra; as *obras* estão nos *conteúdos*, nas territorialidades e estas nas *obras*; não consigo imaginar que existam formas sem relações e relações sem formas (SAQUET, 2013, p. 160).

O território pode ser pensamento como um *texto* num *contexto*, como lugar articulado a lugares, por múltiplas relações, econômicas, políticas e culturais; é

⁴ Oriundo do radical “*doxa* (opinião). Husserl indica com esse adjetivo todos os caracteres próprios da crença (ou *doxa*) (*Ideen*, I, §103) (ABBAGNANO, 2000, p. 294). O prefixo *orto* dá o sentido de linear, único, uniforme, homogêneo. Então, *ortodoxo* será entendido neste trabalho como o discurso único, fechado, acabado, inflexível, ou a crença uniforme. O seu inverso, *heterodoxo*, pode ser entendido como o discurso diferente (*hetero*), contra a corrente, múltiplo, aberto, os diversos discursos, ou o discurso não convencional, da crença sem dogmas.

movimento e unidade entre o *ser* e o *nada*, (i)materialmente (SAQUET, 2013, p. 163).

A institucionalização da geografia, sua consolidação enquanto ciência foi de suma importância no que tange à organização do saber, que por sua vez, estava amplamente fragmentado, não conseguindo estabelecer interações regionais entre temas e categorias de análise. Entretanto, a forma como foi conduzida essa institucionalização foi determinante para afirmar na geografia um discurso ortodoxo. Na busca de unificar instrumentos de análise, metodologias de pesquisa e função política sob a égide do modelo totalizante do positivismo a geografia foi alimentada pela mentalidade funcionalista, refletindo nas suas narrativas historiográficas rigidez de método e seletividade epistemológica, fato que impulsionou o desenvolvimento do saber geográfico pelo crivo acadêmico (SPOSITO, 2004).

As diversas geografias que preexistiam à história oficial ou que coexistiram à geografia ortodoxa foram suprimidas, negligenciadas e intencionalmente ou tendenciosamente descaracterizadas. A busca de construir um edifício coerente, uniforme e rígido sobre a forma de se pensar sobre o mundo e os homens que nele vivem demarcou na história da geografia percurso unilateral na interpretação dos entes que fizeram essa ciência, por isso utiliza-se o termo ortodoxo. Com base na noção de Husserl (1989) a *doxa* é uma forma de pensamento sujeita à crença. O pensamento ortodoxo é aquele que transforma a contestação da verdade, tanto almejada pela ciência, em verdade absoluta, restringido a reflexão teórica a único encadeamento intelectual. O pensamento ortodoxo está intimamente ligado à unilateralidade da regularidade discursiva, não havendo espaço para descontinuidades na ordem do discurso. A ortodoxia levada ao extremo chega ao dogmatismo.

Os manuais de história da geografia que abordam os períodos denominado de clássico e moderno reproduzem esse modelo doxológico acima citado, cimentando todas as *heterodoxias*, vistas como inconvenientes para a evolução do projeto acadêmico-científico. É importante suscitar a atenção que Cioran (1995, p. 11 – 12) dá à noção de crença, fundamento moral da *doxa*, ao discutir a *genealogia do fanatismo*, que também está arraigada às ciências, não somente aos continentes religiosos, como muitos se enganam, pois “em si mesma, toda ideia é neutra ou deveria sê-la; mas o homem a anima, projeta nela suas chamas e suas demências”, ou seja, o homem dá o tom dramático à ideia, “transformada em crença, insere-se no tempo, toma a forma de acontecimento [...]. Assim nascem as ideologias, as doutrinas e as farsas sangrentas. [...] Disso resulta o fanatismo – tara capital que dá ao homem o gosto pela eficácia, pela

profecia e pelo terror”. O único fanatismo possível no conhecimento deve ser a idolatria pela dúvida.

A crença de que a geografia é um campo de saber que tem como verdade absoluta descrever a realidade espacial com o objetivo principal de produzir conhecimento técnico a serviço do desenvolvimento científico recobriu seu uso enquanto interesse das forças políticas de controle social e do capital centralizador. A mentalidade ortodoxa se delinea a partir dessa premissa justificadora do desenvolvimento. Explicitamente a ciência deve sustentar condição neutra, não produzindo saber a serviço de interesses particulares. Mas ao justificar sua aplicabilidade aos interesses *de todos, da sociedade, do desenvolvimento e do Estado* etc., ela coloca sua função política sob o manto de conceitos um tanto abstratos e amplos de cunho populista, ofuscando seus restritos interesses particulares.

No decorrer da história do pensamento geográfico especulações teóricas dedicaram a investigar as trajetórias metodológicas e epistêmicas do saber geográfico vinculado, cronologicamente, a três grandes momentos marcantes, definidos grosso modo como: geografia tradicional, geografia renovada e geografia crítica radical. Por sua vez, sustentado em Moreira (2009), compartimenta-se a história da geografia também em três grandes matrizes: as matrizes clássicas originárias, sendo o 1) paradigma holístico da baixa modernidade, 2) o paradigma fragmentário da modernidade industrial, 3) e as matrizes da renovação, com o paradigma do novo holístico da ultramodernidade plural. Em contrapartida, essa *história* da geografia, linearmente oficializada, forja uma epistemologia que canoniza ortodoxias de caráter teórico-prático do saber geográfico, subsumindo *estórias* de diversas geografias, como a geografia libertária de matriz anarquista, que receberá atenção à frente.

Naturalizar uma única história da geografia é suprimir o principal fator do saber geográfico, aquele voltado à diversidade de conformações espaciais. Por isso, é importante discutir sobre essas *outras* histórias da geografia, uma *estória* heterodoxa negligenciada, justaposta à história oficial da geografia. É de suma importância buscar empreender o debate acerca do pensamento único e doxológico da geografia, pois nas últimas três décadas os estudos historiográficos se restringiram às discussões sobre as categorias da geografia, em especial espaço e território. O momento é, também, de rediscutir a história da geografia, destacando seu caráter heterodoxo, principalmente em decorrência da eferescente ebulição pluralista das contribuições contemporâneas. O agente telúrico motivador da história heterodoxa no interior da geografia ortodoxa é o discurso da liberdade advindo das esquerdas radicais dissidentes.

Por sua vez, houve momentos na história da geografia que a incisiva fragmentação do saber científico era preponderante, conforme destaca Claval (2006, 2007), no que diz respeito à manutenção da estrutura funcionalista de pensamento, e Moreira (2008a, 2009) e Gomes (2010) no que se refere à compartimentação e especialização das ciências, enquanto discurso da modernidade, principalmente na segunda metade do século XIX, sob jugo dos efeitos do positivismo comteano, e impactados na ocasião, pela recente teoria darwinista. A total cisão entre filosofia histórica e filosofia natural promoveu a consolidação da ortodoxia na geografia, momento pelo qual esse jovem ramo do saber ganhou *status* científico-acadêmico, não sendo somente ramo auxiliar da geoestratégia dos Estados imperiais, tornando decisivamente a ciência dos Estados nacionais.

Nos manuais de história da geografia é comum inferir à *episteme* percurso linear na direção do tradicional, autoritário e ortodoxo até o momento da introdução do método dialético, postado na segunda metade do século XX, sendo somente a partir desse momento, segundo a história acadêmica da geografia, que houve a introdução de uma pluralidade temática. Por isso, é de suma importância retornar o olhar, de forma mais apreensiva, ao rico momento do recente passado geográfico, buscando apreender novas rugosidades teóricas da geografia. Esse novo olhar, que os historiadores e epistemologistas da geografia buscam empreender, essa análise da paisagem intelectual desprendida de teleologia temporal, no que diz respeito ao finalismo e a canonização de cada período do pensamento geográfico, escava a genealogia do conhecimento geográfico que estava soterrada pelos materiais litológicos do saber de cada matriz subsequente de sua história oficial.

Identificar todos os atores da denominada geografia tradicional como sendo ortodoxos, limitando-se a classificar seu método em hipotético-dedutivo, e suas correntes de pensamento ao positivismo empirista, é novamente evidenciar a história ortodoxa da dominante geografia oficial, que tem toda sua fundamentação no pensamento europeu. Por isso, em *Geografia e filosofia*, Sposito (2004) argumenta para a necessidade do debate metodológico em geografia. Da mesma forma ocorre com a geografia denominada de crítica radical. Comumente faz-se referência direta e grosseira entre o método dialético e a corrente doutrinária do pensamento marxista. Essa escolha ideológica, que vincula de forma unidimensional geografia crítica ao marxismo, empobrece a pluralidade epistêmica e a *práxis* política do recente pensamento geográfico após as agitações desconstrucionistas do Maio de 68. Longe da perspectiva de induzir uma taxonomia rígida e funcional das diversas matrizes doutrinárias do

pensamento geográfico, o sentido metodológico dessa discussão é alertar para a busca de distinguir, partindo do pressuposto introduzido por Sposito (2004), no intuito de reconhecer, as diversas geografias radicais que afloraram e que afloram na rica superfície do território imaterial do pensamento científico, denominado de tradicional. A ortodoxia geográfica resulta justamente do posicionamento que omite as matrizes divergentes ou heterodoxas do pensamento geográfico.

Classificar sistematicamente as matrizes do pensamento geográfico por um simples mérito funcional dirige-se novamente ao equívoco das *histórias* da geografia do passado. É necessário verificar as inter-relações entre as diversas matrizes do pensamento e o conteúdo político presente em cada uma delas. É importante também discriminar como essas epistemologias radicais vêm se compondo de novas geograficidades radicais, que são geografias libertárias plurais, pois não são somente uma única geografia marxista, por exemplo, ou uma geografia marxista única.

Os atores da geografia do passado, classificada de tradicional, contribuíram com a pluralidade do pensamento geográfico, que energicamente foi convertido pela decantação historiográfica em pensamento geográfico único, para ser concebido como científico e acadêmico, para ganhar legitimidade. Ou seja, a historiografia do pensamento geográfico constrói a ortodoxia em certas geografias, ao promoverem as interpretações destes mesmos pensamentos. Por isso, atualmente, ocorre fortes mobilizações de redescobrir um outro Vidal (HAESBAERT; PEREIRA; RIBEIRO, 2012), desvinculado do crivo tradicionalista da leitura regional; ou um outro Ratzel (FERRETTI, 2014), em que o seu território pode ser visto como a gênese da biopolítica pós-estruturalista.

De *geógrafos legítimos* surgiram *ilegítimas geografias* aos olhos das composições epistemológicas ortodoxas, são os exemplos de Hettner, que segundo Moreira (2009), foi pioneiro na discussão da diferença, identidade e alteridade no espaço geográfico, com influência da terceira crítica kantiana, que reflete atualmente na geografia pós-colonial e pós-estruturalista, guardados seus devidos ajustes e restrições metodológicos. Reclus e Kropotkin inauguraram o anarquismo geográfico, criando a geografia anarquista, convertida recentemente em geografia da autonomia pelo metamorfismo de contato advindo do encontro das ideias de Castoriadis (1982) com a geografia, expressos pelos trabalhos de Souza (2000, 2002, 2006) como principal exemplo no Brasil. Ainda com base em Moreira (2008a) e em Claval (2007), Sauer é o incentivador da geografia cultural que, posteriormente, reivindicou o método fenomenológico na geografia, como das filosofias da linguagem e seus sistemas de

representação espacial, da complexidade, advinda de Morin e dos sistemas físico-matemáticos. Com relação à teoria da complexidade em Sorre encontra-se fundamentação dessa teoria no que diz respeito à dimensão espacial e por sua vez, a rica noção de sociabilidade. Não somente Sorre encontra-se atual, mas também Tricart, com a simbiose da geografia física e humana, antecipando a discussão de bioespaço e da ecodinâmica, evidenciando o papel da Terra enquanto um planeta vivo. Em Dardel (1952) encontra-se a discussão da geograficidade e a antecipação do método fenomenológico e existencialista, como também do campo da geografia da religião.

Esses são alguns exemplos da forma como um pensamento projetado pela crítica para ser ortodoxo e a serviço de interesses conservadores esconde em si, e reproduz-se em novas formas de geografia. Nesse sentido, nem sempre a ortodoxia está no geógrafo e na sua obra, mas na sua forma de ser contada, na sua construção historiográfica. Daí nasce um problema central: desenvolver um debate sobre a ação da história da geografia na construção de uma narrativa geográfica unilateral. O mais intrigante é demonstrar que em plena geografia ortodoxa subsistiu uma história oculta, ou outra história, uma *estória* heterodoxa, tomando como base o recurso utilizado por Massey (2009) ao se referir às outras *estórias* do espaço geográfico.

Não é suficiente dizer que a ortodoxia da geografia nasce com a cientificização do seu pensamento, mas também pela apropriação ideológica que agentes hegemônicos promovem do seu saber científico oficializado, delimitando territórios da imaterialidade. O prisma heterodoxo inverte o sentido de uso da ciência, tornando o saber científico da geografia num meio de garantir a autonomia dos sujeitos. Dois troncos centrais de seu pensamento, presentes ainda como discurso de um saber surgido na Grécia Antiga, conforme demonstra Claval (2006), seja a perspectiva da filosofia histórica, herdada de Heródoto, e a filosofia natural, difundida por Eratóstenes e Estrabão, culminou na filosofia natural difundida por longos anos de ensino de geografia de Kant (VITTE, 2006) e pela filosofia histórica de Hegel.

Esses dois troncos de pensamento, passados por Varenus e Forster, levados até Humboldt e Ritter configurarão o corpo científico da geografia, que por esforço metodológico é um saber especialmente neutro, pois se exime do comprometimento com relação à transformação social, e que foi absorvido pelos interesses das classes dominantes. A função da geografia enquanto prática intelectual de transformação da realidade espacial passou despercebida em virtude da necessidade de institucionalização e de formação científica. Enquanto temas relacionados a exploração, descobertas, império, domínio, gestão, controle, limites, fronteiras, expansão, natureza, progresso,

barbárie, civilização, fisionomia da paisagem etc. eram difundidos, temas como igualdade, luta de classes, organização territorial, distribuição de renda, sociedade autônoma, equilíbrio ambiental, mutualismo, internacionalismo, federalismo etc., eram amordaçados. Apesar de estarem presentes na história da geografia concomitantemente à produção acadêmica oficial essas *outras* geografias mantiveram-se negligenciadas, configurando-se como *outros* territórios da imaterialidade.

Existe uma geografia heterodoxa na história ortodoxa da geografia. No horizonte paisagístico da história da geografia observam-se somente formas de pensamento lineares, conservativos, *neutros* e homogêneos, que estiveram a serviço dos interesses estatais e ou imperiais e do capital concentrador autoritário. Contra essa história resignadora, que classificou implacavelmente a geografia do século XIX como uma ciência conservadora, do estático, do lento e do autoritário, existe uma história heterodoxa, mas que não nasceu na década de 1970, e sim, na segunda metade do século XIX, podendo afirmar que a geografia crítica radical é tributária dos estudos de Reclus e de Kropotkin, que deram ao saber geográfico conteúdo político-ideológico de base anarquista-comunista e que, por isso, foram expulsos do éden acadêmico da geografia, sistematicamente harmonioso, organizado e desprovido de envolvimento com os dilemas espaciais.

A tradição acadêmica científica e ortodoxa tratou o pensamento geográfico como sendo desvinculado do próprio mundo que é seu objeto de estudo, criando alegoricamente uma espécie de paraíso sagrado da objetividade científica, um território imaterial reprodutor do *status quo* e imune dos demônios do pensamento radical. Para Creagh (2011, p. 23) “as geografias universitárias confundem tradicionalmente objetividade científica com neutralidade ideológica”, criando a configuração ortodoxa do pensar geográfico, enquanto que o saber geográfico é “dinâmico e profundamente influenciado pelos acontecimentos, pelas lutas e pelas políticas”.

Não somente o pensamento academicista tentou esconder a geografia libertária, mas os próprios marxistas ditos radicais temiam o resgate e a difusão de uma nova epistemologia do pensamento geográfico, tratando Reclus com um tom museológico, conforme destaca Boino (2010). Não significa que o pensamento de Reclus por ser libertário garante que a sua geografia não seja científica, conforme tentaram alcinhar. Ao contrário, era um pensamento eminentemente de *práxis* e profundamente científico, conforme será mostrado à frente, por isso, existencialmente heterodoxo e essencialmente radical.

CAPÍTULO 01

ORTODOXIAS E HETERODOXIAS NA HISTÓRIA DA GEOGRAFIA

Quando se cogita a existência de heterodoxias na história da geografia projeta-se a noção de haver uma história subterrânea do saber geográfico que, seguindo a delimitação do conceito de ciência elaborado pelo rigor racionalista, esses saberes estão na superfície exterior do território acadêmico-científico ocidental. Elas estão margeadas pelo limite do que se considera como ciência positiva, condição do empirismo lógico de base naturalista ou do historicismo idealista de base racionalista. Dessa forma, elas não são consideradas contribuições que participam da região institucionalizada pela ciência racional, elas são outros territórios, outras centralidades do saber geográfico, com discursos, formas e posições ideológicas diferentes das modalidades oficiais, por isso são concepções heterodoxas de saber.

Vale destacar que a geografia, por toda sua história clássica e moderna, ficou mergulhada em diversos dualismos sendo que o principal debate estava ligado a seu domínio epistemológico: se era uma ciência física ou humana. Dessa forma a geografia foi vista duplamente, ou como ciência física - pois dissecava um objeto de análise, aportava-se em metodologias empiristas, investigava e analisava a realidade espacial sustentada em método experimental – ou como ciência humana, pois desenvolvia discussão e argumentação sobre seus campos do saber restritos à dimensão da sociedade, evidenciando a transformação do espaço ao longo do tempo. Na noção dada por Foucault (2007, p. 507), o campo do saber denominado de ciência humana não deve ser classificado integralmente como ciência, tomando como base o sentido dado pela *episteme* clássica sujeita tradicionalmente à *mâthêses*⁵, que por sua vez, sugere a perspectiva quantificadora da análise e da explicação, enquanto que a ciência humana, por outro lado, está voltada ao domínio da qualificação explicativa e compreensiva da realidade. De forma polêmica ele argumenta ser “inútil, pois, dizer que as ‘ciências humanas’ são falsas ciências; simplesmente não são ciências” (FOUCAULT, 2007, p. 507). Ainda segundo Foucault (2007, p. 505), elas são o saber, e por isso não devem ser consideradas “apenas ilusões, quimeras pseudocientíficas, motivada ao nível das

⁵ “*Mathesis universalis*. Foi assim que Leibniz (*Op.*, ed. Erdmann, p. 8) chamou a arte combinatória ou *característica universal*. Husserl retomou esse termo para designar a lógica formal ou pura como ‘ciência eidética do objeto em geral’, que ele assim caracteriza: ‘Objeto é para ela tudo e cada coisa; portanto podem ser constituídas as verdades infinitamente múltiplas que se distribuem nas inúmeras disciplinas da *mathesis*. Estas últimas, por outro lado, remetem a um pequeno patrimônio de verdades imediatas ou fundamentais, que nas disciplinas puramente lógicas funcionam como axiomas’ (*Ideen*, I, §10; *Logische Untersuchungen*, I)” (ABBAGNANO, 2000, p. 653).

opiniões, dos interesses, das crenças, que elas não são aquilo que os outros dão o estranho nome de ‘ideologia’”. Em *Arqueologia do saber*, Foucault (2013, p. 219 - 220), ao continuar o debate iniciado em *As palavras e as coisas*, define a importância do saber enquanto componente regular de uma prática discursiva.

A esse conjunto de elementos, formados de maneira regular por uma prática discursiva e indispensável à constituição de uma ciência, apesar de não se destinarem necessariamente a lhe dar lugar, pode-se chamar de *saber*. Um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um *status* científico [...]; um saber é, também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso [...]; um saber é também o campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam [...]; finalmente, um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso[...].

As heterodoxias na história da geografia não são contribuições não científicas por simplesmente estarem à margem do modelo dado pela historiografia dominante. São ciências ou saberes pretensamente científicos que não se enquadraram aos *domínios científicos*, usando a expressão de Foucault (2013), previamente estabelecidos. Elas são o que ele classifica de *territórios arqueológicos*, pois não pertencem a um domínio modelar de cientificidade com proposições que obedecem às mesmas leis de construção. Por serem oriundas de diversas matrizes epistemológicas, ou de uma única matriz, mas que não se restringe ao temário ou ao arquivo enunciativo de uma única regularidade discursiva, elas promovem a descontinuidade discursiva, não ensejando o *status* científico hierarquicamente organizado.

É importante destacar que essa noção de saber dada por Foucault será incorporada no domínio das ciências humanas a partir da década de 1970, sendo vista como veículo de superação da crise vivida no pensamento acadêmico, crise essa demarcada por Kuhn (1971) ao demonstrar que sua gênese está ligada às transformações paradigmáticas e a necessidade de revolução científica como motriz de desenvolvimento do saber. A partir desse momento ocorre efervescente ebulição de estudos que começaram a valorizar saberes advindo de expressões populares, locais, tradicionais, regionais, entre outros, no interior das ciências humanas. Essa abertura no campo do saber acadêmico se deu graças ao intento da corrente pós-colonial e pós-estruturalista das últimas décadas. Mas, em pleno século XIX, quando Reclus buscou introduzir o anarquismo no território imaterial da geografia acadêmica e Dardel, na primeira metade do século XX, apresentou o existencialismo como síntese epistemológica fundamental

ao campo científico da geografia, por exemplo, as duas formas de heterodoxias foram negligenciadas.

Outro elemento a se considerar com relação às heterodoxias na história da geografia é que elas são marcadas pelo caráter ideológico no interior do saber, pois sua produção teórica está pautada na *práxis* social, mais especificamente na *práxis* espacial, que por sua vez é parte da mesma dimensão da sociedade. Seguindo a propositura de Foucault (2013, p. 224), “a ideologia não exclui a cientificidade” do saber. Ou seja, “o papel da ideologia não diminui à medida que cresce o rigor e que se dissipa a falsidade”. E continua argumentando que,

Estudar o funcionamento ideológico de uma ciência para fazê-lo aparecer e para modificá-lo não é revelar os pressupostos filosóficos que podem habitá-lo; não é retornar aos fundamentos que a tornaram possível e que a legitimam: é coloca-la novamente em questão como formação discursiva; é estudar não as contradições formais de suas proposições, mas o sistema de formação de seus objetos, tipos de enunciação, conceitos e escolhas teóricas. É retomá-la como prática entre outras práticas.

É nesse sentido que se busca discutir as heterodoxias da história da geografia, se posicionando na direção de identificar o caráter ideológico da historiografia oficial, e os elementos que levam a dificuldade de aceitar essas práticas discursivas no interior do domínio científico, que conseqüentemente, não foram consideradas parte constitutiva do jogo dominante, pois se posicionavam como centralidade adversa ao modelo ortodoxo. Para além das contradições formais existe um oceano de sistemas de formação de objetos, de enunciação, conceitos e escolhas teóricas a se navegar.

Outro elemento das geografias subterrâneas é a riqueza de enunciados e conceitos não convencionais ao crivo empirista ou idealista. A historiografia dominante busca dar prisma único a determinadas contribuições teóricas, limitando a plurivocalidade dessas geografias, na intensão de formatar, e nesse exercício, limita a capacidade de entendimento integral dos textos, pois se omite certas noções, narra-se equivocadamente outras e constrói posicionamentos genéricos sobre a opinião do autor. Nesse sentido, no interior da própria geografia tida como tradicional coexistem contribuições que, embora não portem o caráter ideológico do saber enquanto *práxis* espacial, elas são riquíssimas argumentações sobre a desmistificação da natureza, sobre a necessidade de laicização do conhecimento, sobre a perspectiva do saber enquanto movimento de emancipação da consciência humana. Elas inovaram a relação da geografia com os estudos dos fenômenos físicos da Terra. O caráter heterodoxo da geografia não está estritamente ligado aos seus diversos campos, mas ao tratamento que

a historiografia dominante lhe deu, limitando seu papel ou mesmo excluindo sua contribuição.

Desse modo, buscou dar aos termos ortodoxo e heterodoxo também a valorização de localização geográfica. Certas contribuições narradas pelo viés ortodoxo posicionarão mais ao centro dos territórios imateriais do saber geográfico, enquanto que outras contribuições vistas como heterodoxos se posicionarão mais às margens dos domínios oficiais da transmissão dos conhecimentos geográficos. São recortes espaciais, que refletem metaforicamente no modelo da compartimentação realizada pela história da geografia. Certos domínios epistemológicos serão colocados no centro da dinâmica acadêmica e outros serão expulsos, ou (re)significados, ou mesmo, existe o caso de certos saberes que não quiseram entrar no domínio científico, conformando-se enquanto diferente modalidade de centralidade do saber.

A heterodoxia teórica ou imaterial na história da geografia corresponde às diversas linhas de forças materiais que pertencem ao domínio dos estudos espaciais que a geografia se debruça. O mesmo mecanismo de exclusão que ocorre entre as teorias oficiais evidenciadas, que garantem a difusão de sua voz e de seu poder sobre as teorias subterrâneas negligenciadas, que por sua vez são fruto de esquecimento e subtração vocálica, é também o movimento exclusivista realizado entre os centros urbanos e as periferias, entre a organização territorial para as classes dominantes e para as classes exploradas, arcabouço teórico consideravelmente estudado pela geografia crítica radical, como também a relação de sujeição dos impérios com as colônias; e após a descolonização, a corrente pós-colonialista continua a evidenciar a relação de sujeição herdada, que permanece pelo modelo transcultural ocidental do capitalismo sobre as ex-colônias subdesenvolvidas, expressão essa cunhada pelo ocidente para delimitar os limites do norte (rico) e sul (pobre). A mesma relação de dominação do homem sobre a mulher, do heterossexual sobre o homossexual, do rico sobre o pobre, do branco sobre os negros, mestiços, índios e diversos outros grupos étnicos, e a dominação do que se buscou denominar de ocidente sobre o resto do mundo etc., reflete as relações entre as ortodoxias evidenciadas e as heterodoxias negligenciadas.

A intenção principal aqui é demonstrar que as relações de dominação impressas na espacialidade geográfica transcendem até o plano do saber, e/ou ao contrário, o saber, com seus recursos inventivos da representação do mundo e dos homens, é o principal responsável pela construção da condição de dominação através do discurso ortodoxo.

Não se tem a intensão de desenvolver juízo de valores maniqueístas entre as geografias oficiais evidenciadas e as negligenciadas, mas identificar as causas desse movimento de inclusão e exclusão, descentralização, recentralização ou de auto-segregação. A assertiva de Kuhn (1971), em que argumenta que, certos paradigmas quando insuficientes pela comunidade acadêmica são deixados de lado pelo seu próprio demérito, não se sustenta no campo das humanidades: vale lembrar que sua análise baseia-se nas ciências físicas. Há muito mais caracteres conflitivos entre ortodoxia e heterodoxia nesse oceano profundo e turvo da historia da geografia do que é explicitado nesses manuais sinteticamente harmônicos. É mais que necessária uma análise das relações de poder no interior da historia da geografia. Mas o que se evidencia entre as geografias colocadas em evidência e as negligenciadas é a incompatibilidade ideológica entre os que estão de dentro e os que estão de fora do núcleo do território imaterial do saber.

1.1 Geografias evidenciadas e negligenciadas

Conforme já foi afirmado, não se tem a pretensão de demonstrar a positividade e a negatividade da existência de geografias evidenciadas e negligenciadas. Mas é de suma importância reconhecer que elas existem, e que a condição de colocar certas contribuições à margem do centro, ou mesmo, não reconhecê-las como outras centralidades, promove a justificativa de desenvolvimento do pensamento acadêmico ortodoxo e incita a negligência de diversas contribuições heterodoxas. A seletividade da historiografia da geografia é necessária, mas deve ser guardada a devida atenção às contribuições oriundas da lógica incomum, baseadas em mentalidades alternativas do saber.

É salutar reconhecer também, o posicionamento *ex-cêntrico* de certos pensamentos, no sentido dado pelo Movimento Zapatista, através do discurso do Subcomandante Marcos, em que enseja a posição revoltosa, tanto da teoria quanto da prática, de baixo e pela esquerda negando as armadilhas da mentalidade fixista da lógica centro-periferia, por isso, *nem o centro, nem a periferia*, diz o movimento insurgente no ensinamento que conserva a sabedoria dos povos milenares das matas.

Nós pensamos que não se trata só de evitar as armadilhas e concepções, teóricas e analíticas neste caso, que o centro põe e impõe à periferia. Tampouco se trata de inverter e agora mudar o centro gravitacional para a periferia, para daí “irradiar” ao centro. Acreditamos, ao contrário, que essa outra teoria, [...],

deve romper também com essa lógica de centros e periferia, deve então ancorar-se em realidades que irrompem, que emergem, e, assim, abrir novos caminhos (MARCOS, 2008, p. 191).

Diferentemente dessa posição, Sartre (2007, p. 317), buscou discutir o conceito *ex-cêntrico* pelo viés da alteridade, na relação do eu com o outro, negando este último pela fusão de ambos. Nesse movimento, aquele que não é centro entrelaça-se com a centralidade pelo fato deste *outro* inquietar o que está na posição estabelecida de centro irradiador, como dominante. O *ex-cêntrico*, o diferente, o marginal ou o desconhecido e incompreendido, contribuiu com a formação do eu dominante, em virtude de lhe retirar dessa posição estável, me revelando no outro.

Sendo assim, o problema do outro não passa de um falso problema: o outro deixa de ser tal existência particular que encontro no mundo – e que não poderia ser indispensável à minha própria existência, já que eu existia antes de encontrá-la –, e se torna o limite *ex-cêntrico* (*ex-centrique*) que contribui para a constituição de meu ser. O que me revela originariamente o ser do outro é o exame de meu ser na medida em que este me arremessa para fora de mim rumo a estruturas que, ao mesmo tempo, me escapam e me definem.

O movimento de inclusão e exclusão de certas produções teóricas foi, por muitas vezes, encarado a partir da perspectiva processual apresentada por Kuhn (1971), na qual as quebras paradigmáticas acionam a dinâmica de sobreposição à noção *vencida*, no eterno movimento de evolução científica, transparecendo que esse processo evolutivo linear é natural no interior do domínio científico. É de suma importância destacar que esse movimento revolucionário da ciência não ocorre de forma tão sistemática, valendo-se da alerta feita por Kuhn (1971), Bachelard (2006), Foucault (2007, 2013) e Feyerabend (2011), por hora, esse pode ser um movimento difuso, que se estabelece através das linhas de fuga e segmentaridades, mais especificamente representado pela perspectiva rizomática trazida por Deleuze e Guatarri (1995,1996).

E é nessas discontinuidades paradigmáticas que se desenvolvem a sedimentação de um percurso epistemológico unitário, construindo o caminho que liga às noções *vencidas*, suas rupturas ou atualizações, chegando até a nova noção paradigmática aceita pela comunidade acadêmica. O problema é que certos epistemólogos ainda mantêm profunda crença na idoneidade da historiografia científica, pois não fizeram ainda a crítica ao modelo racional dogmático da ciência, evocado por Nietzsche (2008). Segundo o nietzschiano de esquerda Onfray (2010, p. 5), a pretensa neutralidade do saber é a fonte do núcleo dominante da historiografia.

Por que a historiografia ensinada nas instituições seria neutra? Em nome de que não obedeceria também a considerações ideológicas, notadamente as que são produzidas por uma civilização marcada desde há dois mil anos por uma visão cristã do mundo? Não poupamos a episteme da nossa cultura quando produzimos uma história de qualquer disciplina.

A calcificação desse percurso progressivamente evolutivo pode sobrepor certas contribuições, tidas aqui como heterodoxas, que antecipariam o processo revolucionário do saber, e que foram, por motivos diversos, deixados de lado. Feyerabend (2011) vai mais longe, argumentando que é dessas incongruências, postadas fora do eixo trilhado pela progressividade epistêmica, que nascem os curtos-circuitos que incendeiam o movimento revolucionário do saber. Desse comportamento, segundo argumenta Sposito (2001), nasce certa confusão metodológica plantada pelo autor de *Contra o método*. A mentalidade racionalista ortodoxa ou se aproveita dessas impulsividades criativas ou as negligenciam, colocando-as numa espécie de purgatório intelectual, que ao passarem por um processo de decantação moralizadora da revolta, afluem à frente na composição do trilho evolutivo da ciência.

Mas é de Onfray (2008), novamente, que parte a mais recente denúncia ao corporativismo, ou melhor, paroquialismo acadêmico expressado pela historiografia. Para este filósofo hedonista⁶ libertário a historiografia dominante da filosofia agiu, ao longo de todo seu percurso, escamoteando importantíssimas contribuições, que se fossem aceitas no momento que eram divulgadas causariam diversas revoluções no campo do saber filosófico, reorientariam mentalidades no caminho do hedonismo e da liberdade. Seguindo a sua perspectiva reflexiva, a historiografia não exclui certas contribuições por elas somente serem insuficientes, ultrapassadas, inválidas ou incapazes, mas por portarem no seu arquivo discursivo dispositivos criativos contestadores da estruturação de um domínio científico a serviço de interesses dominantes. Logo na primeira página de sua monumental *Contra-história da Filosofia*, volume 1, ele argumenta sobre o fato da historiografia ser uma arte da guerra, e está sempre marcada por uma polemologia.

A historiografia é do âmbito da arte da guerra. Não é de espantar, então, que nos arredores reine o ambiente dos segredos-defesa. A disciplina participa,

⁶ “Hedonismo. [...] Termo que indica tanto a procura indiscriminada do prazer, quanto doutrina filosófica que considera o prazer como o único bem possível, portanto como o fundamento de vida moral. Essa doutrina foi sustentada por uma das escolas socráticas, a Cirenaica, fundada por Aristipo; foi retomada por Epicuro, segundo o qual ‘o prazer é o princípio e o fim da vida feliz’ (DIÓG. L., X, 129). O hedonismo distingue-se do utilitarismo do séc. XVIII porque, para este último, o bem não está no prazer individual, mas no prazer ‘do maior número possível de pessoas’, ou seja, na utilidade social” (ABBAGNANO, 2000, p. 497).

portanto, da polemologia: como encarar o combate, medir as relações de força, elaborar uma estratégia, uma tática para realizá-la, gerir as informações, calar, silenciar, enfatizar o óbvio, fingir, e tudo o que supõe enfrentamentos capazes de determinar vencedor e vencido? A história mostra que é complacente com os ganhadores e impiedosa com os perdedores (ONFRAY, 2008 p. 11).

Com a história da geografia ocorre ação semelhante. Ela não está isenta de uma polemologia, pois também combate certas fundamentações, cala, negligencia outras contribuições, além de enfatizar o território dos *vencedores* como sendo o centro do debate científico-acadêmico. Com relação aos *vencidos*, a história da geografia também é impiedosa, pois coloca no esquecimento e não busca atualizar importantes contribuições heterodoxas.

E esse exercício de negligência está intimamente ligado ao ato de ser coerente ou não ao paradigma adotado pela produção geográfica e à sua posição política de engajamento. Quando o paradigma dominante era o naturalismo de base evolucionista não importava que naquele momento estivessem sendo feitas geografias que contestassem o imperialismo, e quando o paradigma do historicismo foi substituindo o evolucionista, não importava se haviam contribuições aliadas às identidades regionais, mas que não se restringissem ao culturalismo eurocentrista. Por sua vez, quando a ciência repudiava o engajamento político, seguindo o dispositivo categórico promovido por Weber (1973), mas que no seu íntimo ela estava atrelada aos financiamentos de órgãos governamentais técnico-burocráticos a serviço da classe dominante, os posicionamentos políticos heterodoxos radicais não eram aceitos como promotores de saber. Isso denota que a historiografia é dominante porque ela é a classe dominante e ela controla esse poderoso mecanismo de dominação que é a academia oficial. E ao controlar esse poderoso mecanismo de dominação ela reproduz uma *escrita dos vencidos*, tomando a expressão de Onfray (2008), que de tanto distorcer a realidade ela impõe sua verdade.

Nessa modalidade de escrita constroem-se narrativas do que deve ser o saber da geografia, restringe-se a autonomia criativa do saber, dá-lhes nomes pela imposição daquele único que fala e só dele pode ser escutada a geografia, não deixando o *outro* falar, pois se *inventa* o que deve ser geográfico no *outro*. Conforme destaca o filósofo libertário hedonista, a voz do *vencedor* advém de uma *episteme* liberal ortodoxa, e na geografia também ocorre o predomínio dessa *episteme* liberal sobre as matrizes libertárias, especialmente ao longo de todo o século XIX e até a metade do século XX. Mas o que Onfray (2008, p. 18) quer propor é a busca pela superação dessa imposição historiográfica.

Esta *Contra-história da filosofia* propõe olhar do outro lado do espelho platônico para descobrir paisagens alternativas.

Em face da história dos vencedores, diante da dominação sem partilha da historiografia dominante, para opor-se à doutrina oficial e institucional, falta evidentemente uma história dos vencidos, uma historiografia dos pensamentos dominados, uma doutrina oficiosa e alternativa. Logicamente, é evidente que ela não existe, o costume dos senhores da guerra opõe-se a ela. Lógica do massacre integral obriga.

E é a partir da perspectiva de buscar descobrir essas paisagens alternativas que se tem a intenção de evidenciar a história daqueles que estão nos subterrâneos da narrativa ortodoxa, havendo a necessidade da “emergência de um continente submerso, de uma cidade afundada há séculos, para lhe devolver a luz e a vida voltando à superfície” (ONFRAY, 2008, p. 19). E para que isso ocorra é importante atentar-se ao procedimento proposto por Onfray (2008, p. 22) que “assemelha-se mais ao do geógrafo, que tem familiaridade com as superfícies e os planos, do que ao geólogo, habituado às perfurações”. As contradições estão evidentes na superfície da construção da história da geografia. Estão ligadas aos planos de operação dos mecanismos de representação do saber. E essa narrativa heterodoxa, alternativa e subterrânea deixa a lição de sua resistência, por permanecer em pé mesmo após diversos abalos tectônicos, pois “um fluxo pode não se misturar ao meio ambiente, perseverar em seu ser e cumprir seu destino pela manifestação obstinada de seu poder de existir” (ONFRAY, 2008, p. 23).

Para construir esse jardim tão lindo com alamedas limpinhas e arbustos bem cortados, é preciso cortar muito, podar, talhar. O relevo dado a este ou àquele autor, a certo pensamento em vez de outro, o realce de uma corrente, a instalação de todo o aparato útil para fazer triunfar sua tese constroem a relegar nomes, teses, livros, conceitos ao porão... Pôr à luz aqui supõe guardar no esquecimento ali: existe, no entanto nesses quartos de despejo um material considerável, inexplorado. [...]

Portanto, a historiografia esqueceu, negligenciou no melhor dos casos; fez silêncio, conscientemente ou não; às vezes organizou essa marginalização; de tempos em tempos, o preconceito auxiliando, o questionamento não se faz [...] (ONFRAY, 2010, p. 8).

A figura de linguagem expressa acima calha muito bem ao sentido restritivo da historiografia dominante da geografia. Para conseguir ser construído o *status* de ciência, a geografia, ou melhor, sua historiografia, teve que realizar diversos cortes, remodelações e difundir diversos conglomerados com tom pejorativo, ou mesmo, colocar de lado importantes contribuições, guardar nos porões do esquecimento obras consideradas não convenientes ao momento, evidenciando aqui, negligenciando ali. Em

troca, a geografia institucionalizou-se, se tornou atrativa como campo científico aos impulsos imperialistas das potências europeias. Passados os anos, essas obras começaram a ser redescobertas, e o lamento sobre seu esquecimento foi generalizado pelas escolas nacionais de diversos cantos do mundo. “Assim como os ganhadores não podem dizer serenamente a verdade dos perdedores, os vencidos não podem escrever serenamente sua história. Ainda mais sendo preciso compor com fragmentos aleatórios e contextos redutores” (ONFRAY, 2008, p. 32).

A necessidade do exercício de genealogia arqueológica do pensamento geográfico coloca-se como urgente, embora esse trabalho já venha sendo feito, mas com certo retardo. Por sua vez, ao começar escavar em busca desses fragmentos arqueológicos da heterodoxia do saber, revela-se, não somente apenas, a geográfica única, aquela evidenciada pelo discurso acadêmico dominante. Encontram-se sob as superfícies litológicas da historiografia diversas geografias subterrâneas, negligenciadas diante da geografia única oficial. O desafio é: como falar dessas geografias que estavam soterradas sobre os escombros da ingerência ortodoxa acadêmica? Pois, o que sabemos sobre elas é o que o discurso ortodoxo escreveu. Um caminho a ser tomado é deixar que essas heterodoxias tenham a possibilidade de falar, se isso for realmente possível, mas que consigam falar despersonalizadas de juízos de valores impregnados de seu passado, que consigam falar por suas diversas vozes, plurivocalicamente, frente ao monologismo ortodoxo.

1.1.1 Geografia ortodoxa oficial

É necessário geografizar as heterodoxias negligenciadas. Em síntese, “a geografia constitui o discurso da imagem moderna do mundo” e por isso é um produto da modernidade europeia, conforme evidenciou Gomes (2010, p. 66), fundada sobre dois polos epistemológicos paradigmáticos: o racionalismo e o romantismo. Conforme destaca Foucault (2007), as ciências humanas se desenvolveram a partir das três positivities da modernidade: a vida, o trabalho e a linguagem, síntese do discurso científico. Ainda com base no filósofo francês, as ciências humanas baseiam-se, enquanto discurso da modernidade, na explicação contra a compreensão, a estrutura contra a História e a base material contra a interpretação hermenêutica. Por isso, na modernidade o saber consiste, pois: em “referir a linguagem à linguagem. Em restituir a grande planície uniforme das palavras e das coisas. Em fazer tudo falar. Isto é em fazer nascer, por sobre todas as marcas, o discurso segundo o comentário. O que é próprio do

saber não é nem ver nem demonstrar, mas interpretar” (FOUCAULT, 2007, p. 55). Desse impulso surge a necessidade de superar a *episteme* clássica dos séculos XVII e XVIII, cujo princípio consiste em “atribuir nome às coisas e com esse nome nomear o seu ser” (FOUCAULT, 2007, p. 169).

Novamente com Gomes (2010, p. 27), “a ciência, como elemento fundador da modernidade, está assim comprometida em sua base por esta discussão sobre a legitimidade e os limites da razão, e se encontra no centro dos debates críticos sobre a modernidade”. Mas mesmo estando grande parte da ciência comprometida com o mito da modernidade via a *episteme* racionalista, de caráter explicativo, coexistiram ao projeto moderno o que Gomes (2010) identificou de contracorrentes: Filosofia da Natureza, Romantismo, Hermenêutica e Fenomenologia. Mas com as críticas ao modelo racionalista de legitimidade científica, a passagem da geografia da modernidade para a contemporaneidade ficou marcada pelas contribuições das contracorrentes radicais, como o anarquismo, o existencialismo e o marxismo.

São dessas contracorrentes que se originam as geografias heterodoxas. Elas são a contraposição às várias geografias ortodoxas, identificadas por Lacoste (1988, p. 26) como: “a geografia dos oficiais [...], a geografia dos dirigentes do aparelho de Estado [...], a geografia dos exploradores, [...] a geografia dos estados-maiores”, que aqui se buscou denominá-las de geografias ortodoxas. Santos (1978, p. 15) alerta para a “relação entre a expansão da geografia e a da colonização. O ímpeto dado à colonização e o papel nela representado por nossa disciplina teria sido um fator de seu desenvolvimento”. Tomando como exemplo a geografia política produzida pela tradição alemã, desde Humboldt (1836, p. 405) em seu *Ensayo Político Sobre el Reino de la Nueva-España*, que diz ter o objetivo de “investigar las causas que mas han influido en los progresos de la poblacion y de la industria nacional. [...] Persuadido de que esta obra podia ser útil a los encargos del gobierno y administración de las colonias;” passando pelas noções presentes em *Géographie Générale Comparée* de Ritter (1838), que anuncia a relação de determinação que o homem sofre da natureza, culminando no paradigmático *La Géographie Politique* de Ratzel (1888), serviram de base para a apropriação da historiografia dominante, nesse momento vista como campo político. Buscaram incluí-las como base teórica que justificassem o etnocentrismo europeu e o imperialismo ocidental.

A apropriação dessa valorosa herança epistemológica da geografia foi levada ao extremo como recurso de imposição do poder estatal, ao passo que Raffestin (1993, p. 17) argumentou que a geografia deixou de ser política para tornar-se geografia do

Estado, pois “uma verdadeira geografia só pode ser uma geografia do poder ou dos poderes”. Essa incorporação do Estado pela geografia política tratou “de uma geografia unidimensional, o que não é aceitável na medida em que existem múltiplos poderes que se manifestam nas estratégias regionais e locais” (RAFFESTIN, 1993, p. 17). Seguindo essa genealogia do poder estatal, Rudolf Kjellen alcunhará o conceito de geopolítica, efetivando a tradição ortodoxa no pensamento geográfico, culminando assim “nos anos 30, uma série de autores, sob a direção de Karl Haushofer, que elaboraram o pensamento geográfico do Estado nazista, utilizável por qualquer Estado autoritário” (RAFFESTIN, 1993, p. 19).

Esse pequeno exemplo da geografia política alemã não é o único promotor da geografia ortodoxa, mas é o mais explícito. No caso da tradição francesa, evidenciada por La Blache haverá também uma geografia do Estado, embora esteja mais intimamente ligada aos aparelhos ideológicos governamentais, como a tradição academicista. Será uma geografia eminentemente universitária, mas que nos seus meandros epistemológicos está a serviço do projeto colonial civilizatório francês. Diversos outros exemplos podem ser elencados, pois em cada quebra paradigmática se reproduziu outras formas de sujeição da geografia ao modelo ortodoxo, seja gestado pelo Estado ou pelo capital, caso emblemático da geografia quantitativa.

Baseado na forma como a historiografia dominante explicita o percurso evolutivo do saber geográfico pode-se afirmar que a geografia ortodoxa oficial é única, ou seja, apesar de serem diversas geografias, com valorosas contribuições epistemológicas elas estão submetidas a único modelo explicativo, sujeitando sua atuação criativa ao molde paradigmático do: *saber pensar o espaço para saber nele produzir o Poder*; frente ao paradigma heterodoxo do: *saber pensar o espaço para saber nele se organizar, para saber ali combater* e produzir o poder das liberdades, tomando como base a síntese feita por Lacoste (1988).

Ao se realizar percurso de retorno às origens do saber geográfico no ceio da filosofia da antiguidade irá encontrar as bases de uma geografia como saber estratégico ao domínio do espaço e dos sujeitos que nele vivem. Quando os filósofos antigos, os padres e os viajantes árabes da idade média, os andarilhos exploradores do renascimento, os filósofos de gabinete da modernidade e propriamente os geógrafos universitários contemporâneos produziam saber geográfico eles não tinham a intensão de restringi-lo ao modelo de exploração da Terra e do homem. Ao contrário, eles buscavam formas explicativas da realidade espacial com a intensão de emancipar os homens. Isso prova, por exemplo, esforços realizados na busca de descobrir um *outro*

La Blache, conforme já foi citado, exemplo dos excelentes trabalhos realizados por Robic (1993, 2000), assunto que será abordado à frente.

O quadro 1 ilustra de forma sintética algumas das diversas contribuições de pensadores ao saber geográfico, partindo desde a antiguidade até a primeira metade do século XX, período que antecede o movimento oficial de radicalização do pensamento geográfico. O que garante que essas contribuições selecionadas sejam classificadas de ortodoxas é o fato de elas terem sido preponderantes na composição da geografia oficial acadêmica, e também pelo motivo delas estarem muito mais dependentes do modelo de controle dos aparelhos governamentais ou de controle ideológico social, e principalmente, por terem sido as contribuições que ganharam maior ênfase, destaque, ou seja, evidência pela crítica historiográfica, por sua vez, sendo as modalidades mais ensinadas nos bancos acadêmicos.

Entretanto, isso não significa que são geografias que merecem descrédito; pelo contrário, sempre foram as mais importantes contribuições da tradição do pensamento geográfico. No processo de construção das narrativas da história da geografia elas receberam maior atenção, por diversos motivos que agora não têm a possibilidade de serem explicitados, do que as demais geografias consideradas também importantes. Uma historiografia menos seletiva e mais apta a considerar a pluralidade de gêneros contributivos do saber funcionaria como um horizonte mais coerente, na tentativa da busca do debate sobre os rumos e a função de se produzir reflexão sobre o conhecimento geográfico.

Na busca desse esforço, propôs-se dividir, baseado nos trabalhos de Claval (2006) e Moreira (2009), a história da geografia em seis períodos: *a herança da antiguidade na descrição e representação do mundo; a herança da Idade Média no conhecimento e práticas geográficas; a herança das explorações geográficas na renascença; a herança do iluminismo e do racionalismo e a reflexão epistemológica na geografia; a institucionalização da geografia na baixa modernidade e a modernidade industrial e a geografia fragmentária*. Tatham (1959, p. 198) argumenta que “nenhuma ciência pode reivindicar uma genealogia maior do que a geografia”, pelo fato de ter surgido imediatamente ligada à necessidade de especulação natural do homem às coisas do mundo que o rodeia. Por isso, pretende-se somente discorrer superficialmente sobre os traços marcantes dessas inúmeras contribuições, na intenção de demonstrar que por variados motivos umas recebem maior atenção e tornaram plataforma de estudo, e outras foram postas de lado, imersas no esquecimento.

Ainda segundo Tatham (1959, p. 198), a geografia na antiguidade surgiu atrelada a três atividades intimamente ligadas: “a exploração, que provocou a compilação de fatos relativos à superfície da terra; a elaboração de cartas e mapas das áreas conhecidas; o estudo do material arrecadado”. Porém, os gregos foram mais bem sucedidos na difusão dessa habilidade de reflexão sobre o homem e o mundo, pois se dedicaram mais ao campo da análise do material compilado, produzindo análises e fazendo ciência, que por sua vez, melhor foi aproveitada pelas demandas de poder, tornando valioso instrumento do conhecimento humano.

É importante destacar que as contribuições que se estendem de Anaximandro até Eratóstenes estavam ligadas à necessidade de decifrar as medidas da Terra, produzir um sistema representativo baseado em projeções matemáticas, identificar as zonas climáticas e descrever a superfície terrestre (CLAVAL, 2006). Este último foi extremamente inovador no que tange às inovações matemáticas e os modelos de configuração representativa da Terra. Já com relação a Heródoto, Eratóstenes e Estrabão, eles acrescentaram o domínio das ações humanas, no qual, conforme destaca Lacoste (1988), Heródoto fez além de história uma geografia comprometida com os seres humanos, vendo o espaço como fator estratégico. Isso ocorreu também com Estrabão, que a serviço do governo romano produziu inventário de diversos povos no império e de suas periferias, priorizando mais o centro do que sua hinterlândia, muito embora ele seja conhecido por introduzir a perspectiva regional das análises do saber geográfico. Dentre todos, Ptolomeu é o pensador mais central. Ele foi responsável por desenvolver trabalho de compilação de todos os acúmulos produzidos pela antiguidade, por ter vivido no limiar dessa época. Foi também o elo de contato do saber ocidental com o árabe, além de divulgar modelo geocêntrico e sistema de coordenadas que se delongou até a quebra de paradigma causada pela revolução copernicana.

Pensar geografia nesse período era refletir sobre a descrição da Terra, *episteme* geográfica que se estendeu até o renascimento, conforme destacou Moreira (2009). Ortodoxamente esses saberes serviram à ingerência governamental e pouco confrontou com o modelo de pensamento ideológico religioso que estava nascendo, se posicionando contrário às outras contribuições ao saber geográfico da mesma época de vertente heterodoxa, conforme será mostrado à frente.

Com relação à herança medieval o avanço da mentalidade cristã funcionou como barreira às inovações no saber geográfico que estavam em curso, principalmente na cartografia. E o pensamento ortodoxo de Ptolomeu, aderido ao sistema idealista platônico, que prezava pela separação rígida entre mundo sensível e mundo inteligível,

entre o transcendente⁷ e o imanente⁸, como também o empirismo radical de Aristóteles, serviram como sustentação ao paradigma cristão da escolástica, difundida por Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. O saber geográfico oficial se restringiu aos limitados solilóquios de Cosmas Indicopleustes e Isidoro de Sevilha, só para citar alguns, que reafirmaram o paradigma ptolomaico da Terra plana e centro do universo, além de incorporarem perspectiva mítico-religiosa cristã à reflexão geográfica. Eles sabiam o quanto havia de revolta na essência da inteligência geográfica, pois seu objeto de estudo da época era confrontar os espectros celestes divinizantes à realidade física mundana.

Na renascença o saber geográfico se aportou nos litorais da exploração geográfica, tomando as direções das grandes navegações ultramarinas alimentadas pelos ventos dos *hasards*, com base na abordagem dada por Lacoste (1990) em *Paysages Politiques*, frutificando as esperanças daquilo que Dardel (1952, p. 109) chama de geografias heroicas e geografias de *plein vent*, expressão cunhada por Lucien Febvre. Segundo ele,

Elle s'oppose, en une formule heureuse, à la "géographie de cabinet" ou de laboratoire, celle des savants travaillant sur des documents, cartes, photographies, statistiques, comptes rendus de voyages. Elle est aussi un chapitre de la géographie héroïque, l'héroïsme étant ici le risque assumé, le courage de l'entreprise et de l'exécution, la résolutions d'individualités fortes [...]. Elle a été écrite d'abord par des hommes, au prix de grands efforts, de souffrances affrontées avec énergie, de beaucoup de sang aussi, avant de passer dans les livres.^{9 10}

⁷ “Esse termo foi usado com dois significados diferentes: 1º estado ou condição do princípio divino, do ser além de tudo, de toda experiência humana (enquanto experiência de coisas) ou do próprio ser; 2º ato de estabelecer uma relação que exclua a unificação ou identificação dos termos” (ABBAGNANO, 2000, p. 970).

⁸ “Esse termo pode significar: 1º presença da finalidade da ação na ação ou do resultado de uma operação qualquer na operação; 2º limitação do uso de certos princípios à experiência possível e recusa em admitir conhecimentos autênticos que superem os limites de semelhante experiência; 3º resolução da realidade na consciência. [...] O segundo significado desse termo corresponde ao emprego que Kant faz do adjetivo, chamando de imanentes ‘os princípios cuja aplicação se tem em tudo e por tudo dentro dos limites da experiência possível,’ contrapondo-se, portanto, aos princípios transcendentais, que ultrapassam esses limites” (ABBAGNANO, 2000, p. 540).

⁹ Ela se opõe, satisfatoriamente, à “geografia de gabinete” ou de laboratório, aquela dos cientistas trabalhando sobre documentos, mapas, fotografias, estatísticas, relatórios de viagens. Ela é também um capítulo da geografia heroica, o heroísmo sendo aqui o risco assumido, a coragem do empreendimento e da execução, a astúcia de individualidades fortes [...]. Ela foi escrita primeiramente por homens, ao passo de grandes esforços, de sofrimentos enfrentados com energia, de muito sangue também, antes de ser colocada nos livros.

¹⁰ Todas as citações em francês e inglês serão traduzidas pelo autor da tese na intenção de facilitar a leitura e compreensão do texto pelos mais diversos leitores. Todavia, não se tem a mínima intenção de fazer uma efetiva tradução desses trechos de textos, pois existe o enorme respeito pelo trabalho dos tradutores e a impossibilidade dessas curtas traduções equivalerem aos exaustivos trabalhos deste gênero, valendo-se daqui humildemente pedido de desculpas acerca de qualquer equívoco e má colocação dos termos oriundos do original. Os textos em espanhol serão mantidos no original na intenção de minimizar

Dardel dá muita importância a essa geografia, embora a geografia acadêmica não a valorize da mesma forma, pois segundo ele esta geografia heterodoxa conserva os efeitos da geograficidade mítica e ao mesmo tempo abre portas para a cientificização e institucionalização da geografia. Essa rica geografia, que recentemente está ganhando muita atenção das ciências sociais, antropologia e história, e ainda muito pouca atenção da própria geografia, foi também absorvida pelo discurso oficial, se prendendo ao discurso historiográfico de caráter ortodoxo, que no seu jogo dialético da inclusão-segregação negligenciou suas importantes contribuições.

O iluminismo e o racionalismo trarão ao saber geográfico intensos debates epistemológicos. O primeiro deles, segundo aponta Tatham (1959) está ligado aos trabalhos de Büsching e Mentelle, que buscavam aprofundar o dualismo na geografia consolidando a perspectiva político-estatística, com descrições regionais submetidas ao rígido sistema quantitativo explicativo. Para eles a geografia deveria ser puramente descritiva, e que não procurasse basear suas descrições na explicação de fatos, relações e causa. Esta escola político-estatística se confrontará com a escola da *Reine Geografia*, que apregoava a superioridade dos fenômenos físico-naturais como fundamentos do saber geográfico, tendo seus porta-vozes Leyser, Kircher, Gatterer, entre outros.

Em meio à construção de um projeto de modernidade, o saber geográfico contribuiu decisivamente com esse movimento de transformação da compreensão de mundo e do homem, tema central nos debates do período. O paradigma idealista de caráter racionalista alimentado no excepcionalismo geográfico (SCHAEFER, 1953) criado por Kant e também de certa forma iniciado pelo inglês Pinkerton, que buscaram separar e especificar os campos da geografia e da história como saberes distintos entre si fundaram as bases da geografia analítica de metodologia corográfica, cujo objeto é a diferenciações da paisagem, demarcada pela metafísica teleológica da contemplação das formas, que ecoará na geografia comparativista de Ritter (MOREIRA, 2009) e no neokantismo de Hettner, com suas diferenciações de áreas, posteriormente sintetizada como procedimento nomotético e idiográfico do paradigma da geografia regional (HARTSHORNE, 1978).

QUADRO 01: SÍNTESE DAS CONTRIBUIÇÕES ORTODOXAS AO PENSAMENTO GEOGRÁFICO	
A herança da antiguidade na descrição e representação do mundo	<ul style="list-style-type: none"> - Tales, Anaximandro, Hecateu e Aristóteles (geografia matemática - origem da cartografia, teoria geocêntrica); - Heródoto (privilegia os costumes em detrimento das paisagens e meios); - Parmênides (inicia estudos das zonas climáticas); - Hipócrates (avança os estudos das zonas climáticas); - Eratóstenes (cartografar o mundo habitado, medir a Terra); - Estrabão (desenvolve a abordagem regional – sistematizar o conhecimento sobre os lugares); - Ptolomeu (saber astronômico e geográfico – configuração da Terra, climas, inventário regional, projeções cartográficas); - Chang-Hen (primeiro mapa de conjunto da China); - Plínio e Pomponius (descrições naturais e corográficas).
A herança da Idade Média no conhecimento e práticas geográficas	<ul style="list-style-type: none"> - Beda, Guilherme de Conches, Lactâncio, Cosmas Indicopleustes e Isidoro de Sevilha: geografia teológica – Terra plana (redução dos conhecimentos geográficos).
A herança das explorações geográficas na renascença	<ul style="list-style-type: none"> - Vautrin Lud e Waldseemuller (síntese sobre as descobertas de novas terras, busca da unidade da Terra); - Oronce Fine, Sebastian Münster, Gerard Mercator, Ortelius, Jean Bodin e Blaeu (avanços na cartografia e na geografia física); - Richard Hakluyt e Philippe Cluver (descobertas e explorações geográficas); - Giovanni Botero (nascimento da estatística na geografia); - Cluverius (primeira introdução à geografia universal – geografia matemática, descrição regional).
A herança do iluminismo e do racionalismo e a reflexão epistemológica na geografia	<ul style="list-style-type: none"> - Dampier, Halley e Hadley (fragmentação do saber geográfico – estudos de geomorfologia, climatologia e meteorologia) - Phillipe Bauche e Giraud-Soulavie (geomorfologia e topografia); - Turgot (a geografia como política do Estado); - Pallas e Saussure (geologia – estudo da estrutura e origem das montanhas); - Wildenow (estudos iniciais de glaciologia e fisiografia); - Achenwall e Süßmilch (estudo estatístico da população); - Pinkerton (geografia não é mais servente da história – ênfase na corografia); - Conrad Malte-Brun (a diversidade das paisagens); - Büsching e Mentelle (geografia político-estatística – descrições regionais dentro do sistema rígido e artificial); - Kant (explicar a especificidade de cada parte da Terra – corografia);
A institucionalização da geografia na baixa modernidade	<ul style="list-style-type: none"> - Humboldt (globalidade do planeta, constituição holística – romantismo e empirismo); - Ritter (individualidades regionais, constituição holística – idealismo e teleologia);
A modernidade industrial e a geografia fragmentária	<ul style="list-style-type: none"> - Fröbel e Lüde (forte separação entre geografia física sistemática e geografia regional humana); - Peschel (geografia sistemática e empírica – observação, dedução e classificação. Revolução na geografia física: geografia submetida às leis naturais, pesquisa sobre a genética dos domínios geomorfológicos e os ciclos de erosão); - Ratzel (espaço vital, concepção orgânica, geografia política – positivismo evolucionista); - Arnold Goyot e William Morris Davis (geografia física estadunidense); - Richthofen (geografia política, concepção orgânica – positivismo evolucionista); - Mackinder (geografia política – aplicação da geografia aos problemas do Estado); - La Blache (gênero de vida, monografias regionais, contingência – historicismo); - Gallois, Demangeon, Levainville (vidalismo e monografias regionais); - Hettner (diferenciação de áreas, nomotético e idiográfico – neokantismo e antipositivismo);

	<ul style="list-style-type: none"> - Demolin (geografia das redes); - Blanchard (geografia urbana); - Chardonnet (geografia industrial); - Faucher (geografia agrária); - Martonne (geografia física); - Brunhes (geografia humana); - Sorre (geografia humana).
<p>Fonte: CLAVAL, P. História da geografia. Lisboa: 70, p. 2006. MOREIRA, R. Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica. São Paulo: Contexto, 2009. MOREIRA, R. O pensamento geográfico brasileiro. As matrizes originárias. Vol. 1. São Paulo: Contexto, 2008. GOMES, P. C. da. Geografia e modernidade. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. CAPEL, H. Filosofía y ciencia en la geografía contemporánea. Una introducción a la Geografía. Barcelona: Temas Universitarios, 1981. SPOSITO, E. S. Geografia e filosofia. Contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Ed. Unesp, 2004. GODOY, P. R. T. de. (Org.) História do pensamento geográfico e epistemologia em geografia. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. TATHAM, G. A geografia no século dezanove. Boletim Geográfico. Conselho Nacional de geografia. IBGE: Ano XVII, nº 150, maio – junho de 1959, p. 198 – 226. VOILQUIN, J. (Org.) Les penseurs grecs avant Socrate – de Thalés de Milet à Prodicos. Paris: Garnier, 1964. VITTE, A. C. (Org.) Kant, kantismo e a geografia. Histórias, percalços e possibilidades investigativas. Curitiba: Appris, 2014.</p> <p>Organização: José Vandério Ciqueira Pinto – 2014.</p>	

Entretanto, a contribuição de Kant ao saber geográfico ainda é mais profunda, conforme é possível verificar no trabalho *Kant, Kantismo e a Geografia*, organizado por Vitte (2014). Este foi responsável por definir o campo epistemológico da geografia, valorizando a categoria espaço como objeto central de estudo da ciência geográfica, mergulhando no debate teórico-metodológico das categorias universais tempo (correspondente à história) e espaço (correspondente à geografia), pois “a história, bem como a geografia, podem ser designadas como descrições, porém a história é o registro de acontecimentos que se sucedem no tempo (*nacheinander*) a geografia é o relatório de fenômenos que se sucedem no espaço (*nebeneinander*). Juntas, apresentam o todo de nossa percepção (isto é, o Conhecimento Empírico)” (MOREIRA, 2009, p. 24).

Conforme fica evidente em outros trabalhos de Vitte (2006, 2010), na medida em que Kant debruçou sobre a investigação do objeto da geografia, buscando restringir e especificar seu campo de trabalho ele transformou em preponderante contribuição do pensamento geográfico, pois foi o principal responsável pela consolidação da geografia enquanto ciência institucionalizada, sendo mais especialmente ainda para a geografia física em particular, pois restringiu os domínios epistemológicos dos estudos empíricos e garantiu a gênese desse importante campo do saber. Kant também empreendeu forte debate com Lineu sobre o sentido dos sistemas naturais e a importância dos sistemas geográficos frente ao avanço do território conceitual exposto por este em seu *Systeme Naturae*.

Segundo Tatham (1959), Kant demonstra que os sistemas naturais de Lineu se restringem ao domínio biológico dos fenômenos e suas interações manifestadas nos sistemas bióticos da Terra, já os sistemas geográficos são amplamente as interações fenomênicas na superfície terrestre, como também designam as condicionalidades enquanto motivadoras da organização, transformação e distribuição dos fenômenos

espaciais. Dessa forma ele garante a síntese do conhecimento empírico aos estudos geográficos; por isso, a classificação física da descrição geográfica da natureza feita por Kant nega o biologismo que examina minuciosamente a fisionomia e as espécies dos seres vivos, enfatizada por Lineu, porque ele descaracteriza o aspecto principal, que é a importância do sistema geográfico na constituição das diferenciações fenomênicas.

Em contraposição a esse método de classificação racional, encontra-se a classificação física, a descrição geográfica da natureza, que considera as coisas de acordo com o local de sua ocorrência na terra. Assim, o crocodilo e o lagarto que são, basicamente, o mesmo animal, distinguindo-se apenas pelo tamanho, seriam classificados juntos, de acordo com o Sistema da Natureza. No entanto, são encontrados em parte do universo bem diferentes, o crocodilo, no Nilo, o lagarto, na terra e sobre grande expansão de latitude. Em uma classificação geográfica, essa diferença seria reconhecida, porque “acima de tudo, considera-se aqui o aspecto da natureza, a própria terra, e as regiões onde as coisas são efetivamente encontradas”, e não, como no sistema da natureza, a semelhança da forma (TATHAM, 1959, p. 206).

Com esse *giro retórico* dos procedimentos metodológicos da análise geográfica sobre a natural, Kant irá constituir todas as bases sólidas para a construção do vigoroso edifício institucional da geografia. Com a institucionalização da ciência geográfica pelos seus *padres putativos* Humboldt e Ritter, conforme evoca Capel (1981, p. 79), eles conjuntamente fundamentarão a integração dos esparsos e numerosos caminhos teórico-metodológicos pelo exercício de síntese do saber geográfico, fundando a intercalada malha da geografia como científica moderna, que permanecerão inabaladas até a sistematização da geografia regional e da geografia humana realizada por La Blache. Porém, o geógrafo espanhol destaca que existe uma lacuna entre as produções dos fundadores e o desencadeamento da geografia contemporânea, que recebeu influências esparsas, desvinculadas da tradição acadêmica.

La sola existencia de Humboldt y Ritter no explica suficientemente el nacimiento y desarrollo de la geografía contemporánea. No se trata de negar, como ya he dicho antes, que sus ideas pudieran ser luego utilizadas por los geógrafos, sino de constatar que se trata de figuras aisladas que no dieron lugar a una red institucionalizada de discípulos y que, además, tuvieron escaso eco inmediato en la geografía de la época. En realidad Humboldt y Ritter serían, en todo caso, “precedentes” pero no “fundadores” de la geografía contemporánea.

Mas o debate epistemológico que será incorporado a esse período da história da geografia está ligado ao empirismo lógico e ao romantismo, dando direcionamentos ao novo paradigma das ciências naturais: o evolucionismo. Segundo Vitte (2009, p. 22), o darwinismo será constituído a partir da influência da filosofia natural, tendo na sua base as contribuições de Humboldt como fundamento epistemológico à geografia.

Humboldt foi fundamental para a tese darwinista da evolução das espécies, pois a ciência humboldtiana trazia consigo que a experiência estética era a responsável pela organização da matéria bruta, que se realizava em rochas, na distribuição espacial e na relação das plantas e dos animais para com as diferentes regiões do globo. Ou seja, Humboldt colabora com Darwin na medida em que epistemologicamente constrói a noção de que existe um sistema da natureza e que a vida deve ser compreendida nesse sistema dinâmico.

Os recentes trabalhos brasileiros acerca da história da geografia moderna realizados por Moreira e Vitte são excelentes contribuições à historiografia heterodoxa da geografia. Eles se baseiam em vias alternativas para explicar modelos de pensamentos que foram negligenciados ou condensados grosseiramente em agrupamentos epistêmicos pouco inter-relacionados. Eles são o fiel exemplo de atuações que resultam em *arqueologias da geografia*, pois refletem sobre o saber pela via dos *territórios arqueológicos*, não fechados aos domínios regulares do discurso. Isso pode ser notado com a citação abaixo, que evidencia o caráter duplamente transitivo da perspectiva epistemológica da paisagem em Humboldt.

Vimos que há uma dupla perspectiva da paisagem em Humboldt: uma ligada à perspectiva objetiva, ao reconhecimento de uma fisionomia que dá feição própria às regiões e emoldura a superfície da Terra; e outra atrelada à dimensão estética, que reconhece uma aproximação entre sujeito e objeto e mesmo uma atividade criadora do espírito na produção da paisagem. O impasse colocado por estas duas perspectivas diz respeito à contradição que envolve a adoção delas em conjunto. Na perspectiva estética impera a dimensão subjetiva; a paisagem é a cena que encontra legitimidade no campo de visão do sujeito; é a manifestação da idealidade no processo de captação e construção do mundo. Na perspectiva fisionômica, por sua vez, a dimensão objetiva existe como impressão, como dado do mundo e, nesse âmbito, independe sua existência e formação da dimensão subjetiva do observador, percebida então como um desvio, uma capacidade que deve se adequar às disposições de um mundo dado em sua realidade (VITTE, 2010, p. 191).

Já com relação a Ritter é importante destacar sua permanente dependência da explicação teleológica do mundo, que ao contrário de Humboldt, conforme mostrou Vitte (2010), foi superando sua metafísica ontológica da explicação da natureza na aurora da modernidade industrial. A geografia comparada de Ritter porta o caráter histórico como elemento diferencial, estando estruturada pelo finalismo e pelas determinações físicas da Terra sobre o homem, além de evidenciar as intensas relações que demarcam a forma como o homem reage e transforma a natureza, evidenciando a profunda conexão entre a natureza orgânica e a organização política do território. “D’autres termes, c’est l’accord entre le peuple et la patrie, entre la place qu’occupe le peuple avec la nature comme avec la vie humaine, c’est l’accord de la physique avec la

politique qui, dans l’histoire du monde, a toujours favorisé et avance, le progrès des peuples et des états.”¹¹ (RITTER, 1838, p. 6).

Segundo Capel (1981, p. 47), Ritter especifica o objeto da geografia como estudo da superfície terrestre, que é vista como palco das relações humanas, noção compartilhada com Herder, na qual Ritter absorveu de Forster e Zeune, que ao estudarem as individualidades geográficas ou regionais pela noção de totalidade ou conjunto irão profundamente influenciar os estudos do pai fundador da geografia. Para Tatham (1959, p. 211), “o conceito de individualidade regional, derivado das ideias de Zeune e Forster, combinado com o conceito de *ganzkeit* ou conjunto, segundo Kant, tornaram-se uns dos motivos da *Erkunde* [de Ritter]”.

Os “conjuntos” individuais podiam ser de várias dimensões. Cada continente possuía diversos *ganzkeiten*, sendo, entretanto, em si, um “conjunto”. Assim, também, a totalidade da terra era um “conjunto” cósmico, com organização individual (*ens sui generis*). Pesquisar a apresentar a individualidade da terra constituía a maior tarefa da ciência geográfica. [...] Ritter foi o primeiro a tentar a reunião dos diversos elementos e apresenta-los como uma totalidade distinta. [...] Porém, após essa compilação detalhada, todas as partes eram unidas novamente, e apresentadas mais uma vez como um continente inteiro, ou como um conjunto individual, que era mais do que a totalidade de suas partes.

Novamente segundo Capel (1981, p. 48), os efeitos da causalidade e da ação humana ganharam destaque nas análises ritterianas, pois “son estas relaciones mutuas de la naturaleza y el hombre, y la tierra como teatro de la actividad humana lo que a él le interesa fundamentalmente”. Ritter utiliza o conceito *Erkunde* (a ciência da Terra) para especificar o domínio do método corográfico, que ressoou profundamente em Reclus, na sua também *Erkunde*, a *Nouvelle Géographie Universelle*.

Esa geografia comparada abriría a la geografia como ciencia “un nuevo dominio”, que era el que precisamente él trataba de desbrozar con sus obras, y que com el tiempo quizá podría evolucionar hasta el punto de llegar a ser algún día la geografia universal.

Para Ritter, la geografia es algo más que una simple descripción de la Tierra. [...] El principio central de la geografia es la relación de todos los fenómenos y formas de la Naturaleza con la especie humana.

En realidad, para él su interpretación geográfica posee, sobre todo, un interés historico (CAPEL, 1981, p. 48).

Essa inovadora compreensão geográfica vai dar base para o surgimento do paradigma fragmentário da modernidade industrial, influenciando diretamente a

¹¹ “Em outros termos, é o acordo entre o povo e a pátria, entre o lugar que ocupa o povo com a natureza e com a vida humana, é o acordo da física com a política que, na história do mundo, sempre favoreceu o avanço, o progresso dos povos e dos estados”.

geografia humana e política de Ratzel, a geografia social e política de Reclus e a geografia humana e regional de La Blache. Por outro lado, Ritter se manteve preso em explicações metafísicas e religiosas, apostando nas teleologias como sistemas explicativos do saber científico, e por sua vez, foi o pioneiro protótipo do geógrafo universitário, catedrático alimentador da geografia acadêmica oficial, que por ser o primeiro geógrafo de carreira abriu caminho para o *status* gozado por La Blache e muitos outros, ostentadores de suas posições de dirigentes reformadores dos caminhos que a geografia deveria tomar.

Ainsi, Dieu a placé la nature aux côtés de l'homme comme une qui reste toujours près de lui pour le guider et le consoler dans la vie, comme un génie protecteur qui conduit l'individu, ainsi que toute l'espèce, à une harmonieuse unité avec soi-même. La terre, comme planète, est le sein maternel qui porte toute la race; la nature doit éveiller l'homme du sommeil où il reposerait, sans conscience de lui-même, le guider et l'instruire, et donner ainsi à l'humanité et la force et la vie!¹² (RITTER, 1838, p. 33).

Nota-se o caráter essencialmente ortodoxo legado por Ritter a Ratzel, Richthofen, Mackinder e La Blache. Estes mantiveram a tradição de sujeitar a produção acadêmica geográfica ao crivo do Estado nacional, sendo esta a principal característica ortodoxa das suas geografias, que por sua vez, compõem o continente das geografias evidenciadas. Para promoverem a transformação paradigmática do saber geográfico exerceram forte ingerência seletiva às outras geografias, escolhendo seus pares para o diálogo, e os escolhidos deveriam ser coerentes ao modelo epistêmico adotado. Eles também estabeleceram restrições temáticas no intento de delinear campo científico coeso para a geografia, e debateram o seu objeto totalmente desvinculado das suas consequências enquanto saber fundamentalmente atrelado à estratégia de transformação, uso e controle do espaço. Não levaram a cabo seriamente a capacidade incendiária impregnada nas fontes do saber geográfico.

Essa capacidade restritiva de campos do saber geográfico terá o nome de Oscar Peschel como o principal representante. O mesmo definiu a geografia como uma ciência sistemática e empírica, e neste percurso classificatório, criticou profundamente a adesão política, social e história da geografia de Ritter, buscando consolidar uma geografia prontamente física. Seus estudos sobre a classificação genética dos relevos causaram

¹² Assim, Deus colocou a natureza aos lados do homem como uma amiga, que fica sempre próxima dele para guiá-lo e consolá-lo na vida, como um gênio protetor que conduz o indivíduo, assim como toda a espécie, a uma harmoniosa unidade com si mesma. A terra, como planeta, é o seio materno que porta toda a raça; a natureza deve despertar o homem do sono onde ele repousava, sem consciência de si, o guiar e o instruir, e dar assim à humanidade a força e a vida!

importantes transformações na produção do conhecimento geográfico, promovendo a valorização dos estudos geomorfológicos, impulsionando profunda revolução no campo da geografia física, influenciando posteriores pesquisas paradigmáticas sobre os ciclos erosivos.

Segundo Tatham (1959, p. 221), a contribuição de Peschel “foi tão extraordinária e as possibilidades de investigação abertas pela mesma tão sedutora que, por algum tempo, o estudo das formas do terreno tornou-se a parte dominante da geografia, e, na verdade, é possível, designar universidades onde tal situação ainda persiste”. Esta modalidade de geografia restritivamente científica e acadêmica, por não aceitar estudos sociais e humanos no interior dos estudos geográficos, reproduzirá terreno propício ao aprofundamento do fosso que separa a geografia física da humana. Ratzel será o responsável por recuperar e revalorizar os estudos humanos na geografia do final século XIX, por sua vez manteve o dualismo ao negar os estudos regionais em virtude dos estudos sistemáticos (TATHAM, 1959).

Por serem geografias oficiais universitárias ganharam o direito de inventário sobre as outras geografias que margeavam as fronteiras acadêmicas, construindo à sua forma impressões, discursos, classificações, nomeações e narrativas completas, abrindo caminho ou fechando-o para eventuais diálogos com as produções heterodoxas. O impulso de criarem uma forte tradição acadêmica na geografia frente à nula ou frívola contiguidade do saber científico oficial, represada após a transição dos fundadores, estando em plena modernidade industrial, fez com que seus herdeiros também produzissem historiografias mal construídas de seus *mestres*, culminando no movimento de renovação quantitativa, que não foi suficiente para ultrapassar as más leituras dos clássicos, calhando na incisiva crítica da geografia radical pós-1970. Recentemente, há um movimento de releitura desses clássicos, e todos os resultados apontam para os gritantes equívocos cometidos pela historiografia oficial da geografia com relação aos conteúdos essenciais contidos nos trabalhos da geografia clássica.

É importante sinalizar que o modelo imperial presente na geografia de Richthofen, Mackinder, Kjellen e Haushofer é o resultado direto do paradigma industrial baseado no capitalismo imperial da segunda metade do século XIX e início do século XX, levado às consequências mais extrema de práticas colonialistas, imperialistas e fascistas de todas as espécies, mas também é tributário do percurso epistemológico nascido das investidas idealistas de Kant, no bojo da excepcionalidade do espaço, que por sua vez, estava intimamente ligado ao projeto de desenvolvimento iluminista liberal. Quando Heródoto e Estrabão lançam suas explicações da superfície

enquanto saber estratégico, tornadas instrumento a serviço dos impérios, e quando Ptolomeu alinha a explicação da materialidade sensível da Terra ao conjunto da dinâmica idealista celestial que foi alimentada pelo dogmatismo religioso ocidental cristão, eles estavam projetando um longo percurso férreo, quase inabalável, do saber geográfico trilhado pela mentalidade ortodoxa. Por sua vez, esta mentalidade tornou-se o centro das explicações da superfície terrestre, passando por toda a tradição renascentista, retirando do caminho as (ex)centricidades, ou novas centralidades, que funcionavam como fragmentos de empecilhos ao liso percurso linear do saber geográfico, incidindo na teleologia de Ritter, o divulgador pioneiro da geografia oficial.

Os fundamentos teóricos da filosofia natural evidenciados pelo nascente paradigma evolucionista serão bases diretas para a formação da geografia humana e política de Ratzel, por estar envolvido pelo fértil contexto intelectual, oriundo da revolucionária teoria de Darwin, do evolucionismo social de Spencer e da ecologia de Haeckel. Capel (1981, p. 278) destaca que “el impacto de las ideas positivistas y evolucionistas fue particularmente intenso en la geografía aleman, debido a la relativamente temprana institucionalización de esta ciencia em dicho país”. Continuando ele argumenta que

En la base de la visión geográfica de Ratzel se encuentra su concepción orgánica de la Tierra, que le conduce a un planteamiento integrado de los fenómenos vitales (“*concepción orgánica*” o “*biogeográfica*”) y que hace de Ratzel no sólo el primer geógrafo humano, sino también el primer geógrafo que identifica geografía con ecología humana (CAPEL, 1981, p. 282).

Ratzel, e de forma até mais decisiva, La Blache desempenharam papel fundamental na evolução da geografia no final do século XIX e início do século XX, conforme alerta Tatham (1959). O primeiro desempenhou papel revolucionário pela qualidade da sua obra, que equivocadamente foi entendida como síntese da geografia imperialista pela historiografia, não atentando para o esforço de Ratzel em definir leis específicas ao campo científico da geografia, valendo o alerta da necessidade de releitura dessas obras desvinculada de julgamentos, pois esses geógrafos mais evidenciados também têm suas contribuições heterodoxas sufocadas pela historiografia oficial. Logicamente que as geografias de Ratzel e de La Blache são as maiores expressões da geografia institucional, acadêmica e científica, e não foram trabalhos restritos ao imperialismo europeu, mas abriram precedente para serem assim usadas, por não terem declaradamente se posicionado como combatentes da captura do saber geográfico pelos instrumentos ideológicos de autoridade governamental.

No caso específico de La Blache, além de ter sido o protótipo fiel do geógrafo acadêmico, com trabalho exaustivo de consolidação da geografia oficial, ele também foi em parte negligenciado pela historiografia dominante. Mesmo assim é aqui classificado como geógrafo ortodoxo por ter suprimido, juntamente com seus seguidores, importantes contribuições das geografias heterodoxas que estavam à sua volta. Por outro lado, suas contribuições foram de suma importância para a organização e sistematização do saber geográfico, principalmente no que diz respeito à geografia humana, a tradição regional, e recentemente a redescoberta da geografia política, fortalecendo metodologicamente a geografia, deixando enorme legado para as geografias que o precedeu.

Haesbaert, Pereira e Ribeiro (2012) apresentaram, recentemente, um rico trabalho denominado de *Vidal, Vidais*, que se propõe fazer uma releitura de Vidal, reforçando ainda mais a diversidade teórica desse clássico da geografia, destacando seu itinerário pela geografia humana, regional e política, traduzindo textos clássicos, desconhecidos e paradigmáticos do grande geógrafo francês. Desmistificaram o equivocado conflito Ratzel (determinismo) e La Blache (possibilismo) criado pelo neolablacheano Febvre, para destacarem que houveram graves equívocos da historiografia ao narrarem o que foi realmente Vidal. Os equívocos se iniciaram, segundo eles, com a taxação do conceito região como obstáculo, realizado por Lacoste, e que somente com os trabalhos de Claval, Gomes, Robic entre outros, que esses equívocos foram sanados. “De um modo geral podemos dizer que a história do pensamento geográfico *canonizou* a Geografia vidaliana, ao reduzi-la a uma *única* versão, pautada em alguns artigos” (HAESBAERT, PEREIRA, RIBEIRO, 2012, p. 13). Eles argumentam que é necessário *descanonizar* Vidal, avaliando um *outro* ou os diversos Vidais, considerando o caráter dinâmico e múltiplo de sua extensa obra, chegando ao ponto de afirmar que ele é “um autor engajado no contexto socioeconômico, histórico e (geo)político de sua época” (p. 14).

Por essas e outras razões, cremos que a Geografia vidaliana, com todas as suas idas e vindas, representou uma perspectiva científica de *vanguarda* no ambiente intelectual francês na virada do século XIX para o XX, proporcionando, ainda hoje, releituras e debates importantes – como costuma ocorrer com todo autor a merecer o adjetivo “clássico” (HAESBAERT, PEREIRA, RIBEIRO, 2012, p. 15).

A historiografia dominante da geografia é marcada por esses percursos tortuosos, por isso a urgência de se investigar as causas particulares de cada modalidade

de negligência. Por exemplo, Vidal não foi negligenciado da mesma forma que Reclus, os fundamentos são outros, e nem sua obra como um todo, somente parte dela. O que leva isso acontecer? Como reparar esse transtorno em decorrência da teoria ter sido guardada nos porões da censura vocálica e por isso envelheceu? A via de mão-dupla da historiografia oficial escuta da teoria o que lhe convém, é o caso de Lacoste (1988), considerado em uma mesma obra, o profanador da teoria regional de Vidal, e ao mesmo tempo, o divulgador da geografia política de *La France de l'Est*. “Cependant des choses ont changé depuis cette époque”¹³ (BLACHE, 1918, p. 3) e o *outro* Vidal está cada vez mais com voz ativa. Por exemplo, ao abordar a situação de transformação socioterritorial da França do Leste, La Blache (1918, p. 79) argumenta que “C’est au contact d’inégalités profondes qui l’ont frappée dans l’état social et les moeurs de ses voisins, que cette France de l’Est s’est sentie représentante et gardienne d’un ordre de choses nouveau; et par instinct comme par gloire, elle s’identifie avec ce rôle.”¹⁴

Ironicamente, baseado na assertiva de Lacoste (1988), Vidal foi o maior contestador, juntamente com seus continuadores geógrafos oficiais, da inovação realizada por Reclus, de seu vanguardismo científico e de seu engajamento político. Hoje, Vidal é reconhecido como vanguardista e politicamente engajado. Mas de que inovação nós estamos falando? De que espécie de vanguardismo? Qual modalidade de engajamento político? Vidal é o maior representante da geografia da civilização, justificadora do que criticamente Said (2011) identifica como a ideologia contida na noção divulgada pela França de *a boa colonização ao método francês*, projeto civilizatório necessário à África em estado de barbárie segundo o discurso colonial. La Blache (2012, p. 256) discute o conceito civilização em consonância aos intelectuais liberais de sua época.

Não nos parece paradoxal afirmar que as novas condições convêm uma adaptação apropriada, uma armadura mais apta que a organização atual para combinar e manter em harmonia os interesses administrativos, políticos e econômicos. [...]

O que há de saudável e de estimulante nessa forma de civilização, por tantos ângulos brutais, é o princípio de esforço, a demanda perpétua por progresso. Pela aplicação da ciência, ela realiza uma incorporação mais íntima da inteligência a obras reputadas, no passado, como materiais. Ela está sob o impulso da concorrência. Mas é necessária uma armadura cômoda e flexível ao campeão que queira permanecer no campo de batalha.

¹³ “No entanto, coisas mudaram desde essa época”.

¹⁴ É em virtude do contato com as desigualdades profundas que marcaram o estado social e os costumes de seus vizinhos, que esta França do Leste trilha-se representante e dotada de uma nova ordem das coisas; e por instinto de glória, ela se identifica com este papel.

Por outro lado, Robic (2009, p. 306) vem demonstrar que, apesar de diferenças de cunho ideológico existentes entre Vidal e Reclus existem muitas similitudes entre suas geografias. Para ela, os dois foram os maiores geógrafos clássicos franceses, responsáveis pelo impulso criativo do saber na vida do século XIX para o XX. E a maior aproximação entre os dois, bem como, suas maiores contribuições, estão ligadas a inovadora qualificação que dão ao conceito de espaço-tempo. “Reclus et Vidal de la Blache partagent une même sensibilité à la relativité de la valeur des lieux pour les sociétés. Ils émettent des jugements semblables sur la variabilité historique des relations entre les hommes et le milieu.”¹⁵

1.1.2 Geografias heterodoxas

O exercício de geografizar essas heterodoxias é marcado pela abertura paradigmática, ou seja, não é possível ser realizado preso ao domínio de única *episteme* que compõe o paradigma dominante. São regularidades discursivas no que tange o domínio epistêmico coerente, mas progressivamente descontínuas, no que se refere ao domínio das influências, a conservação de tradições teóricas, a manutenção de valores nacionais no avanço do saber etc. Elas são produções geográficas espontâneas e insurgentes à classificação rígida, e também, são difusas aos compromissos do rigor metodológico. São unidades *epistêmicas* que formam uma constelação heterodoxa de pensamento geográfico. A regularidade desses saberes geográficos é mais evidente no que diz respeito ao caráter ideológico, por serem saberes comprometidos com a prática e/ou a experiência social, correspondentes à perspectiva político-ideológica expressa.

O que fundamentou metodologicamente a busca de classificação de certas contribuições geográficas como sendo heterodoxas e não oficiais, está ligado primeiramente a:

- 1 – serem contribuições que foram negligenciadas por variados fatores;
- 2 – serem paradigmas conflitantes ao paradigma dominante no momento em que foram apresentadas;
- 3 – portarem incompatibilidade político-ideológica a ideologia dominante;
- 4 – negarem a universalidade do método, em favor da perspectiva plurimetodológica.

¹⁵ “Reclus e Vidal de la Blache partilham uma mesma sensibilidade relativizando o valor dos lugares pelas sociedades. Eles emitem julgamentos semelhantes sobre a variedade histórica das relações entre os homens e o meio”.

Por sua vez, uma geografia heterodoxa pode não congrega todos os fatores ao mesmo tempo, mas o que é mais determinante são os elementos de negligência, em virtude delas terem sido contribuições que receberam menor atenção do que as demais. Este trabalho não se satisfaz com a justificativa de que a contribuição não foi divulgada ou pouco utilizada somente por sua insuficiência. Isso não que dizer que há um discurso pela insuficiência e ineficiência; ao contrário, muitas contribuições desnecessárias são supervalorizadas. O discurso é pela melhor eficiência, e pela maior divulgação e uso do saber geográfico. O discurso confronta-se ao mecanismo de exclusão entranhado na historiografia oficial, que alimenta o sectarismo ideológico, a segregação metodológica e a submissão paradigmática.

As noções heterodoxas na geografia, por elas incomodarem demasiadamente, foram silenciadas. As causas desse silêncio são de suma importância para entender nossa cumplicidade à tradição geográfica de fazer ciência. E nosso descrédito a essas ações censuradoras coaduna com a imobilidade transmutadora de nosso campo de trabalho. Então, existem muitos outros fatores determinantes para os seus esquecimentos, que é um poderoso mecanismo de neutralização das radicalidades teóricas e práticas do saber geográfico. Mas, além da história da geografia ser marcada pela ínfima diversidade teórica, ela também é conhecida pela limitada capacidade de produzir reflexões metodológicas, ou de inovar metodologicamente sua compreensão do objeto de estudo. Por isso é importante identificar as descontinuidades paradigmáticas, a incompatibilidade político-ideológica, e a emergência de múltiplas metodologias.

Novamente é preponderante destacar que, em sua maioria, diversos nomes expostos no quadro 2 não são comumente identificados como contribuições ao saber geográfico pelo crivo da historiografia dominante, e muito deles são filósofos, historiadores, cientistas naturais, andarilhos ou viajantes exploradores errantes etc. Por sua vez, o que há de geográfico neles ficou subsumido pela ingerência taxativa e classificatória da historiografia, e também, em decorrência deles portarem arquivo epistemológico adverso à concomitância teórica oficial da história da geografia. Esta, por sua vez, não se propôs a investigar a fundo quais contribuições poderiam ser adquiridas dessas produções teóricas e que poderiam ser incorporadas, rediscutidas, criticadas e res-significadas pela geografia.

Vale destacar, novamente, que a emergência na desconstrução historiográfica da geografia parte do princípio de que diversas noções foram voluntariamente ou involuntariamente negligenciadas, e que só com a abertura, ou melhor, a libertação dos instrumentos de investigação, coleta, análise, compilação e divulgação do saber

geográfico é que teremos um exercício arqueológico multiplicador do saber. Ocorreu também, certo combate à configuração dessas geográficas heterodoxas como outras centralidades do saber, modalidades diversificadas de pensar a geografia. Sua função era estar submetida às geografias evidenciadas, não podendo também, conformarem-se como centros diversos de reflexão e divulgação do saber. Certas barreiras epistemológicas devem ser sucumbidas para que os paradigmas não convencionais possam confluir aos paradigmas dominantes, trazendo maior energização ao confortável percurso aberto pela geografia oficial, criando o desconforto *ex-cêntrico* elencado pela reflexão sartreana.

Entretanto, mesmo diante do esforço de buscar geografizar certas contribuições heterodoxas torna-se o projeto quase impossível, para certos arquivos discursivos. “Em primeiro lugar, porque a história encontra seus limites na geografia” (ONFRAY, 2008, p. 39). Isso quer dizer que, a historiografia parte do pressuposto de que toda a história deva ser feita a partir da hipótese do *milagre grego*, em que sinaliza a excepcionalidade gênica de toda reflexão teórica sobre o mundo, na qual eles não retiraram sabedoria alguma das suas hinterlândias ou dos espaços geográficos mais longínquos, promotores também de saber.

A grande falha da historiografia oficial é anunciar os limites geográficos das fontes do saber, que são ilimitados, conforme já vem se mostrando pelo paradigma pós-colonial. Ocorrem de outro modo esforços em construir essas historiografias subterrâneas, marginais, alternativas ou inversas ao modelo unívoco do ocidente, no intento de descolonizar o saber, como a perspectiva das epistemologias do sul, tomando como exemplo o trabalho de Santos (2010) e de Santos e Meneses (2010).

O próprio Reclus (1905), ao longo de todos os seus seis volumes de *L’Homme et la Terre*, esforça-se para demonstrar o caráter mestiço das relações sociais e da produção do saber, apontando o extenso e emaranhado sistema de interações espaciais materiais e imateriais que ocorriam entre os povos da antiguidade.

Mas de um modo geral a academia, principalmente até os anos de 1970, sempre deixou à sombra as sabedorias da grande África, da Índia, da China, da Oceania e das Américas, creditando somente aos gregos a fonte oficial de todo o saber, esquecendo que a geograficidade é em essência integrada e interativa, e os valores, vontades, influências e características se transmitem, e por isso, o saber ocidental grego não nasceu sozinho, de si próprio. “Por trás dessas figuras da sabedoria grega primitiva ouve-se o eco de vozes antigas, mais antigas e distantes ainda, vozes de povos talvez sem escrita, sem arquivos ou sem vestígios” (ONFRAY, 2008, p. 40).

Por isso, geografizar todas essas heterodoxias é quase impossível, tomando novamente o vício de partir dos gregos, pois é justamente nesse imbróglio da assimilação e dominação da cultura do outro, operada pelo ocidente, é que se fez perder, modificar ou diluir as *outras* sabedorias *ex-cêntricas* a seus universos geográficos. Então, a contragosto, tem que partir do que se tem em mãos, aguardando os avanços das pesquisas sobre essas regiões sábias esquecidas, ou mesmo nesse processo negar as narrativas dominantes.

É por isso que, no domínio heterodoxo do saber geográfico, encontra-se também um Empédocles, Leucipo, Eudócio, Lucrécio, Plínio, Possidônio, Teofrastes, Agartácides e Dionísio de Periegeta, ao invés de somente Heródoto, Estrabão e Ptolomeu como os principais responsáveis pela consolidação do saber geográfico. Lógico que, os últimos foram de suma importância para o exercício de geografização do mundo. Mas por outro lado, nota-se que o conflito de ideias ou o deslocamento de certas acepções do percurso dominante é fundamental para revelar que esse saber quando foi gestado não germinou de um único domínio e por isso não pode ser reproduzido de uma uniforme sistematização, com leves ondulações no relevo histórico.

O relevo historiográfico da geografia é acidentado, com falhas, dobramentos, linhas contíguas e descontínuas, dotado de fraturas ideológicas e de formação de maciços epistemológicos quase intransponíveis, mas também, com diversos vales férteis de heterodoxias. O que menos se encontra no relevo da história da geografia são planícies de consciências teóricas, ao contrário do que é representado pela cartografia do pensamento geográfico oficial. Por isso, é preciso escavar muito mais essa superfície historiográfica para encontrar essas outras geográficas menos evidenciadas, que categoricamente foram negligenciadas. É preciso chegar para além das franjas periféricas da Grécia Antiga.

As contribuições de Empédocles, segundo aponta Cavalcanti e Viadana (2010, p. 23), sustentam na ideia de que o mundo seria constituído por quatro princípios, água, ar, fogo e terra, esboçando também “os primeiros passos do pensamento teórico evolucionista, [...] que o mundo evolui da água por processos naturais, aproximando-se da geografia seja por meio dos princípios biogeográficos, seja também, pelas bases conceituais da hidrografia”.

Com relação a Leucipo, Voilquin (1964) aponta que quase toda sua obra foi destruída ou perdida. Mas o pouco que se sabe sobre esse filósofo é que foi o criador da teoria atomista, posteriormente difundida por Demócrito e recuperada mais tarde por Epicuro, duas outras importantes contribuições ao saber geográfico que foram

cimentadas pela historiografia idealista platônica. As próprias palavras de Leucipo, oriunda dos poucos fragmentos de sua obra, direcionam para o entendimento do mundo como uma unidade em constante movimento, em que o mesmo afirma que “Rien ne se produit vainement, mais tout se produit à partir d’une raison et en vertu d’une necessite”¹⁶ (VOILQUIN, 1964, p. 169). Ainda segundo esse assunto, Onfray (2008, p. 42) tem a acrescentar que, “sem rosto, Leucipo, portanto, não é sem obra, especialmente uma *Grande Comologia* [ou *Grande Sistema da Terra*] na qual está exposto seu sistema”. Sistema esse que vinculava a análise atomista do movimento dos corpos com a descrição da superfície.

Eudócio de Cnido pode ser identificado como o percussor da extensa tradição geocêntrica (CLAVAL, 2006), que culminará na qualificada sistematização de Ptolomeu, sendo contestada somente com a revolução copernicana, atravessando toda a idade média. Mas essa regularidade discursiva não é tão contínua. No interior da mentalidade teórica de Eudócio preexiste parâmetro conceitual adverso à tradição socrático-platônica que compõe a reflexão de Heródoto, e da tradição aristotélica, que compôs a corrente que incide sobre Estrabão e Ptolomeu. Suas contribuições vão refletir na extensa produção de Eratóstenes, que ao trabalhar na biblioteca de Alexandria estava envolto por rico arsenal teórico. Apesar de Eudócio ser discípulo de Platão, segundo argumenta Onfray (2008, p. 154), ele é um discípulo heterodoxo, confrontando constantemente com as ideais do altivo mestre, principalmente ao negar a “separação entre o mundo sensível e um mundo inteligível”, aliando-se ao sistema mais contestador da tradição idealista dualista platônica, o atomismo materialista de Demócrito. “Para o filósofo hedonista, a Forma é imanente às coisas sensíveis. Ela não reside fora de sua materialidade, mas nela. Não há nenhuma transcendência dos princípios genealógicos, mas uma leitura que avança um passo na direção de Aristóteles” (ONFRAY, 2008, p. 155).

A negação do idealismo platônico feita por Eudócio e a afirmação do materialismo vai abrir grande e subterrânea tradição para o saber geográfico, que foi permeado pela dominante tradição idealista urgida de Platão, passando, grosso modo, pelo idealismo cristão da escolástica, culminando no idealismo de Kant, que se pulveriza na dualização da geografia na interpretação idealista do espaço, levada até Ritter, depois até o organicismo nacionalista da geografia de Ratzel. Essa ruptura ao idealismo ascético e a adesão ao materialismo hedonista feita por Eudócio vai garantir

¹⁶ “Nada não se produz em vão, pois tudo se produz a partir de uma razão e em virtude de uma necessidade”.

que ele figure na lista dos pensadores marginais. Superficialmente ele reproduz conhecimento equivalente ao geocentrismo ptolomaico, mas antes de tudo ele fundamentou uma geografia baseada na integração entre mundanidade¹⁷ e celestialidade, ou seja, diluição do paradoxo transcendente e imanente, ao negar que lá em cima estava a compreensão inteligível separada da explicação narrativa do mundo sensível. Se não há separação entre os dois mundos a astronomia ou cosmogonia eudoxiana é baseada na explicação da superfície terrestre, dos astros e da dinâmica do cosmo como entes integrados. “Viajando ao redor do mundo, faz anotações, redige como geógrafo, pensa como etnógrafo e reage como homem que tem curiosidade por tudo” (ONFRAY, 2008, p. 154). Ou seja, em Eudócio encontra as fontes da geografia experiencialista, heroica e humanística elucidada por Dardel (1952), confirmando a superfície acidentada do relevo da história da geografia.

No caso de Lucrecio, a regularidade discursiva do materialismo atomista permanece por sua revalorização da tradição democriteana, além de ser seguidor do grande continuador do hedonismo materialista, Epicuro, que possibilitará a fundamentação do naturalismo panteísta em Espinoza, principal responsável pela fundação de uma natureza profundamente imanente, que foi conciliada por Montaigne e seu materialismo utilitarista, chegando ao materialismo francês de La Mettrie e Meslier, passando pelo utilitarismo inglês empirista de Forster, refletindo no materialismo comunalista profundamente imanente de Reclus e Kropotkin.

Dessa forma, existe um caminho subterrâneo, cheio de desvios e atalhos tortuosos, tomado por falhas e barreiras explicativas, mas que teve como principal legado a junção entre mundo sensível e inteligível, afirmando sua permanência. Por isso é necessário que se debruce sobre a condição da natureza sobre a condição humana, para que se entenda melhor a heterodoxia dessas geografias negligenciada. A *episteme* adversa à negação da mundanidade terrena, na qual defende que toda sua diversidade

¹⁷ Segundo a discussão apresentada por Heidegger (2000, p. 104 - 105) a “*Mundanidade* é um conceito ontológico e significa a estrutura de um momento constitutivo do ser-no-mundo. Este, nós o conhecemos como uma determinação existencial da pre-sença. Assim, a mundanidade já é em si mesma um existencial. Quando investigamos ontologicamente o ‘mundo’, não abandonamos, de forma alguma, o campo temático da análise da pre-sença. Do ponto de vista ontológico, ‘mundo’ não é determinação de um ente que a pre-sença em sua essência *não* é. Isto não exclui o fato de que o caminho de investigação do fenômeno ‘mundo’ deva seguir os entes intramundanos e seu ser. A tarefa de ‘descrição’ fenomenológica do mundo é tão pouco clara que já a sua determinação suficiente exige esclarecimento ontológicos essenciais. [...] Por fim, mundo designa conceito existencial-ontológico da *mundanidade*. A própria mundanidade pode modificar-se e transformar-se, cada vez no conjunto de estruturas de ‘mundos’ particulares, embora inclua em si o *a priori* da mundanidade em geral.”

Para Abbagnano (2000, p. 687), em *Dicionário de Filosofia*, mundanidade refere-se a mundano, e “este adjetivo é empregado quase que exclusivamente em correspondência com o significado de mundo; designa o que pertence ao campo de atividades, interesses ou comportamentos não pertencentes à vida religiosa e algumas vezes em antagonismo com ela.”

caótica é fruto de uma má consciência da *verdadeira* realidade, que é a consciência inteligível transcendental, tradição nascida do imobilismo de Parmênides, levado até o idealismo platônico, posiciona frontalmente contrária à *episteme* materialista imanente. Esta, que nos primórdios do conhecimento geográfico, fundado na reflexão do homem sobre a natureza, se estenderá pelos caminhos subterrâneos até a metade do século XIX, e somente nesse momento que ela será realmente considerada como parâmetro fundador das relações sociais dos seres humanos com o meio através da radicalização operada pelo materialismo histórico e dialético de Marx, materialismo esse, segundo aponta Lefevre (1971), profundamente imanente e único capaz de superar o materialismo mecanicista precedente. Este materialismo chegou a se efetivar integralmente como *episteme* da geografia apenas nos idos de 1960, com Pierre George (MOREIRA, 2008a).

É evidente que o evolucionismo ratzeliano e o historicismo lablacheano já haviam introduzido a perspectiva materialista nos estudos da geografia, mas ainda não o considerava como principal paradigma, esquecendo-se de relacionar natureza com sociedade e sua ação reprodutora do espaço, mantendo a inércia no materialismo. Evidentemente Reclus também já havia feito essa recuperação do materialismo na geografia, a seu modo, colocando o paradigma da organização do espaço e também o posterior paradigma da reprodução do espaço pela sociedade de forma pioneira, mas a historiografia oficial do início do século XX não reconheceu essas contribuições.

Retornando a Lucrécio (1964), sua paradigmática obra, *De la Nature* [*De Nature Rerum – A natureza das Coisas*] vai confrontar à permanência dos além-mundos no saber filosófico evocando a dialética das forças vitais da natureza, que tem sua síntese no átomo e no movimento que eles empreendem. Desafiando que vai explicar esse sistema atômico da natureza, Lucrécio (1964, p. 54) diz: “Et maintenant, au moyen de quel mouvement les corps élémentaires de la matière, les atomes, engendrent la variété, puis arrivent à les désagréger; à quelle force ils obéissent et quelle est cette mobilité qui les comporte à travers le vide immense, je vais te l’expliquer.”¹⁸

Contrário ao imobilismo idealista, ele promoverá discurso voltado ao vitalismo dos movimentos dialéticos, onde “as forças vitais partilham o mercado atômico com forças de destruição”, pois “o amor e a guerra partilham o mundo entre si” (ONFRAY, 2008, p. 263). E a perspectiva da cosmogonia atomista que constitui a natureza do

¹⁸ “E agora, em meio do qual movimentam os corpos elementares da matéria, os átomos, engendram a variedade, depois se põem a desagregar; que força eles obedecem, e qual é esta mobilidade que eles comportam através do vazio imenso, eu vou te explicar.”

mundo para Lucrécio e a metodologia de investigar o que ainda mais se esconde atrás das paisagens, não se contentando com o aparente e suas explicações metafísicas, são bases fundamentais para o percurso subterrâneo do saber geográfico. Saber este, que refletirá nas análises da dinâmica criativa da física do mundo feitas por Metchinikoff (ao abordar a dinâmica fluvial) e Kropotkin (ao investigar a dinâmica do relevo), no debate da dinâmica da natureza e do movimento do espaço pela luta de classe, presente em Reclus, depositadas subterraneamente na geografia crítica radical, como também nas contribuições do final do século XVIII do ultra-iluminismo de Meslier, La Mettrie, Maupertius e D'Holbach que passaram a discutir o ordenamento e a caoticidade evolucionista da natureza material, sua dinâmica e transformação como fundamento do mundo e dos homens, contrariando o iluminismo idealista liberal de Rousseau e Voltaire, levados até Kant, novamente.

Segundo Onfray (2008), preexiste em Lucrécio a genealogia da dialética da ordem-desordem do mundo e dos dilemas sociais dele inerente. Ele propõe uma epistemologia radicalmente desmitificante para explicar a *natureza das coisas*. “A oposição entre a vida, a ideia, o imaterial dos espiritualistas, e a mecânica, o átomo, a matéria dos partidários da imanência pura age como *tópos* da história da filosofia” (ONFRAY, 2008, p. 258). Em seu método desmitificante ele busca descrever o mundo como é, mostra a realidade tal como aparece a um olhar experiente e lúcido.

Diante desta perspectiva ele instigou o uso do método dedutivo, partindo do ponto de vista que na paisagem estão impressas riquezas de ações, dinâmicas, objetos em plena interação, além disso, pôs-se a caminho da busca das profundidades do belo, do estético e do sensível da paisagem, sendo necessária investigação dedutiva das superfícies.

Sobre o mundo, ele adota o ponto de vista de Sirius: vê o que os outros não veem imaginando-o, deduzindo-o. [...] O segundo canto do poeta fornece uma imagem: de longe, não se vê o detalhe, contudo ele existe. Tal como não se avistam na colina distante os carneiros que, no entanto, pastam vertentes cobertas de capim; ou o movimento das legiões em manobra, nem sua correria, seus gritos, o tumulto que provocam, e no entanto elas existem; não captamos a priori, apenas com a ajuda dos sentidos, a organização refinada e secreta, invisível e oculta do funcionamento dos átomos que compõem toda a realidade, mas ela existe, eterna e mecanicamente ajustada. Praticando esse método já não se pensa no mundo como superfície, mas com a profundidade que ele requer (ONFRAY, 2008, p. 255).

Em defesa de um sistema radicalmente imanente da realidade, Lucrécio contribui para o saber geográfico por conceber a reflexão materialista da natureza, apostando nos processos dialéticos, usando a linhagem da geograficidade existencial,

aquela em que todos os elementos constitutivos da realidade espacial são fruto da matéria atômica e de seus movimentos, e o homem e a mulher, imbuídos dessa geograficidade, desenvolvem suas capacidades existenciais, na plenitude imanente, reconciliados com si mesmos e com o mundo que os envolvem, contrariando a *episteme* idealista que parte da premissa de dualizar a relação homem-meio.

A menor difusão dos nomes de Políbio, Possidônio, Teógrates e Agartácides demonstra o quanto o ensino de história da geografia carece de maior precisão e esclarecimento da diversidade metodológica e teórica que a sabedoria antiga tem. Estas são decisivas contribuições aos desdobramentos dos posteriores estudos geográficos, ocorrendo o uso de certos conceitos e parâmetros pelos clássicos, como Humboldt, Ritter, La Blache, Reclus, entre outros. Segundo Tatham (1959), Políbio desenvolveu estudos sobre a dinâmica das correntes fluviais, realizando pesquisas sobre as enchentes do Nilo, a formação dos deltas, os regimes pluviométricos, como também os estudos históricos, sociais e da organização urbana da sociedade grega, superando em qualidade os estudos de Heródoto, mas que em nível de centralidade seu pensamento não superou o do grande criador da história.

Heródoto inseriu considerável e valioso material geográfico em sua história posto que raramente considerasse o assunto do ponto de vista científico. Por outro lado, Políbio destacou-se pelo emprego científico dos fatos geográficos ao escrever assuntos históricos. [...] Em seus trabalhos encontram-se várias excelentes descrições da situação das cidades (TATHAM, 1959, p. 199).

Outro nome negligenciado pela historiografia dominante é o de Possidônio, que segundo Tatham (1959, p. 198), foi “o mais importante conhecedor da geografia física, pesquisou as marés de Gades, mediu a profundidade do mar além de Sardenha, e procurou descobrir a origem dos cascalhos de Crau”. No caso de Teófrastes, por ser discípulo de Aristóteles, interrogou sobre a interferência do pensamento idealista transcendental de Platão nos estudos da física do mundo, da relação mutante da natureza, buscando consolidar o pragmatismo aristotélico da reflexão imanente eudemonista¹⁹. Por isso, “examinou a relação das plantas com o clima, com a vegetação dos prados da Macedônia com a das montanhas adjacentes e das ilhas de Creta. Foi o

¹⁹ “Eudemonismo. [...] Qualquer doutrina que assuma a felicidade como princípio e fundamento da vida moral. São eudemonistas, nesse sentido, a ética de Aristóteles, a ética dos estoicos e dos neoplatônicos, a ética do empirismo inglês e do Iluminismo. Kant acredita que o eudemonismo seja o ponto de vista do *egoísmo* moral, ou seja, da doutrina ‘de quem restringe todos os fins a si mesmo e nada vê de ‘til fora do que lhe interessa’ (Antr., I, § 2). Mas esse conceito de eudemonismo é demasiado restrito, pois no mundo moderno, a partir de Hume, a noção de felicidade tem significado social, não coincidindo portanto com egoísmo ou egocentrismo” (ABBAGNANO, 2000, p. 391).

início da geografia das plantas” (TATHAM, 1959, p. 199), que bem mais tarde, no início do século XIX, Humboldt vai realizar magistral estudo sobre esse campo hoje denominado de biogeografia. Já Agartácides buscou ampliar os esparsos estudos humanos na geografia, estudando sistematicamente e registrando em longo inventário os hábitos, os costumes, os ritos, os comportamentos sociais e até da alimentação de diversas tribos do Chifre da África, em especial as tribos da Etiópia, além de fazer acurada descrição dos povos montanheses da Galícia e das Astúrias, recurso metodológico de análise sociocultural que Reclus vai admirar muito e realizar em toda sua obra sobre os homens e a Terra.

É importante fazer breve colocação sobre Dionísio de Periegeta. Contemporâneo de Ptolomeu ele vai ao caminho contrário de seu trabalho astronômico da *máthêsis* do mundo e de atualização geográfica pela herança grega, que muito embora ampliou os rumos da cartografia. Periegeta “compõe um pequeno poema didático, a *Periegesis*, em que descreve a esfera celeste e a superfície da Terra” (CLAVAL, 2006, p. 29). O sucesso dessa obra está ligado ao seu caráter didático, pois mobilizou nova forma de ensino dos saberes geográficos pelo mundo, permanecendo usual até o século XIX, exemplo desse modelo encontrado nas duas obras didáticas de geografia de Reclus (1881a, 1882) *Histoire d'une Montagne* e *Histoire d'un Ruisseau*, a título de exemplo. Esse trabalho de Periegeta se mantém entre as contribuições heterodoxas em decorrência de inovar o método de explicação didática do mundo, trazendo no contexto da narrativa incentivo a preservação da memória das bases territoriais, aplicando-se como uma espécie de pioneira geografia da educação e da valorização da identidade. Muitos outros trabalhos escapam de serem referenciados diante da riqueza intelectual do mundo antigo, como a força que os estoicos trazem ao combate do geocentrismo ptolomaico, que dominará até o renascimento, sendo que novamente, a ignorância sobre certos saberes não convencionais erraram sobre a evolução do saber geográfico. Isso denota a necessidade de mais trabalhos revisionistas sobre a formação do saber geográfico.

Com relação à herança medieval pelo prisma das heterodoxias houve muito mais acréscimo de riqueza ao conhecimento geográfico e também maior efetividade de práticas, andanças, ampliação da concepção de mundo conhecido, navegações longínquas, estabelecimento de novas interações geográficas etc., do que no saber geográfico oficial. Por estar nas margens, efetivamente, pois não foi tão presente na Europa medieval, raro exemplo de Crattes de Mallos, que negou o geocentrismo e a explicação religiosa do mundo impregnado de cristianismo e misticismo, a maior parte

da produção e das práticas geográficas ocorreu no oriente, especificamente ligado ao mundo árabe. Reclus (1905), no fascículo sobre os árabes e os berberes do volume quatro de *L'Homme et la Terre*, lamenta a forma em que a geografia árabe foi negligenciada pela Europa. Nós mantivemos, ainda que frágil lembrança desta geografia pelo fato dela ter recuperado Ptolomeu, através de sua *Sintaxe Matemática*, denominada pelos árabes de *Almagesto*, mas na verdade, conforme destaca Reclus, eles haviam conservado diversos outros ricos avanços cartográficos advindos de seu mundo antigo, tão iluminado quanto o ocidente, baseado na astronomia, na matemática e nas navegações pioneiras.

Com isso, sua cartografia era muito mais avançada do que a do ocidente medieval, pois em toda antiguidade se aventuraram por lugares que o ocidente não pensou em estar. Dominaram todo o mar mediterrâneo, e pela tradição da cultura fenícia que os precederam, estabeleceram interações comerciais e culturais com diversos povos, sendo refletida na sua rica literatura cosmológica dos relatos de viagem, além disso, passaram pelo golfo pérsico, chegaram às costas da Índia, China e Indonésia. Na contramão dessa direção, foram os primeiros povos a circunvagarem a África, partindo da região do chifre africano, ultrapassando o Cabo da Boa Esperança, chegando até Cabo Verde conforme descreve Reclus (1905). De Cartago seguiram pelo estreito de Gibraltar, avançando sobre o Atlântico até Cabo Verde. Todas essas navegações marcadas pelo conhecimento e interação com lugares e cultura, por exemplo, o domínio do comércio em Zanzibar e ao longo do curso do rio Nilo. Enquanto o ocidente estava acuado e trancafiado em seus micromundos sagrados do temor às experiências espaciais mundanas, os árabes estavam fazendo uma verdadeira geografia heroica, mantendo as interações entre os múltiplos mundos que a Europa não quis ver, somente sendo buscado tardiamente no século XV por necessidades econômicas.

Nomes como al-Balkhi, al-Istakhri, ibn Hawqal, al-Biruni contribuíram com avanços técnicos na cartografia, promovendo novas interações espaciais e novas bases astronômicas. Ibn Quatayba, Ibn Khordebech, al-Muqaddasi e al-Idrissi fundamentaram-se em descrições regionais, compilações geográficas, além de incorporarem os aspectos sociais, políticos e econômicos na geografia. E Ibn Battuta e Ibn Khaldun promoveram inovadoras análises históricas, sociais, culturais e econômicas de regiões desconhecidas do continente africano. Este último, Lacoste (1991) faz importante recuperação de seu papel enquanto fundador da história que aborda a temática terceiro-mundista, mesmo sabendo que ele desenvolveu discurso pejorativo

com relação aos povos subsaarianos, tidos como inferiores, em comparação a riqueza e superioridade dos árabes, em que o mesmo pertencia.

QUADRO 02: SÍNTESE DAS CONTRIBUIÇÕES HETERODOXAS AO PENSAMENTO GEOGRÁFICO	
A herança da antiguidade na descrição e representação do mundo	<ul style="list-style-type: none"> - Empédoclis (mundo constituído pelos quatro elementos – pioneiro na teoria evolucionista da natureza; introduz princípios biogeográficos e hidrológicos para explicar o mundo); - Leucipo (criador da perspectiva atomista para explicar a <i>physis</i> – avalia a ordem do mundo e sua configuração morfológica como unidade em constante dinamismo); - Eudócio (contesta o geocentrismo jônico; afirma a geografia experiencialista – vivenciar os lugares -; valorização das diferenças étnicas e diferenças culturais; mundo sensível inseparável de mundo inteligível); - Lucrécio (materialismo atomista trágico – negação das descrições míticas do mundo, revelar a profundidade das paisagens; introduz a dedução como método de explicação do mundo; a natureza é caótica – dialética atomista da ordem/desordem do mundo); - Políbio (estudo da dinâmica natural sobre a sociedade e emprego científico dos fatos geográficos pela análise histórica); - Possidônio (maior conhecedor da geografia física. Estudo dos mares e das rochas); - Teofrates (Criador da geografia das plantas. Examinou a relação das plantas com os climas, do relevo com a vegetação); - Agartácides (difundiu estudos de geografia social e cultural – destaque ao mundo habitado); - Dionísio Periegeta (caracterizar os lugares pela memória afetiva; preservar a identidade regional; dimensão ecumênica do espaço geográfico).
A herança da Idade Média no conhecimento e práticas geográficas	<ul style="list-style-type: none"> - Crates de Mallos (contestação da representação plana da Terra; negação das crenças religiosas como fundamentações da descrição da Terra); - Solínio (geografia fantástica, mítica, baseada em contos populares); - Ravena (geografia fabuladora e baseada em inventário estatístico); - Cartografia árabe: <ul style="list-style-type: none"> - al-Balkhi, al-Istakhri, ibn Hawqal, al-Biruni: avanços técnicos na cartografia, novas interações espaciais, bases astronômicas da geografia; - Ibn Quatayba, Ibn Khordebech, al-Muqaddasi, al-Idrissi: descrições regionais, compilações geográficas, consideração dos aspectos humanos na geografia; - Ibn Battuta, Ibn Khaldun: análises históricas, sociais, culturais e econômicas de regiões desconhecidas do continente africano.
A herança das explorações geográficas na renascença	<ul style="list-style-type: none"> - Hakluyt, Ramusio e Bry (compiladores das novas informações geográficas); - Léry e André Thévet (explorações geográficas - cosmografia romântica);
A herança do iluminismo e a reflexão epistemológica na geografia	<ul style="list-style-type: none"> - Varenius (geografia geral e geografia especial; articulação do espaço pela zonalidade e diversidade regional; teoria unitária da geografia que explica o mundo como um jogo de escalas); - James Hutton (morfologia do relevo – geografia física desligada da religião); - Leysler, Buache, Kircher, Gatterer, Hommeyer e Zeune (escola da <i>Reine</i> geografia – contra o paradigma político-estatístico e afirmação da natureza como fundamento da geografia – estudo das regiões naturais) - Meslier (desdivinização da natureza – organização espacial comunalista internacionalista; materialismo hedonista social) - La Mettrie (panteísmo materialista – a natureza como sistema dinâmico; negação da transcendentalidade da natureza e da explicação teleológica); - Maupertuis (estudos geodésicos, descrições e relatórios de viagens, domínios do relevo – pioneiro ao classificar o espaço como condição da

	<p>evolução);</p> <ul style="list-style-type: none"> - D’Holbach (natureza determinação das ações humanas; a natureza como sistema universal – a matéria imanente -; desvendar os segredos da natureza);
A institucionalização da geografia na baixa modernidade	<ul style="list-style-type: none"> - J. R. Forster e G. Forster (organização sistemática da geografia – inaugura a abordagem metodológica-; materialismo empirista utilitarista; objeto da geografia é o estudo da superfície e o método é a corografia); - Herder (a Terra como teatro das ações humanas; incorpora o caráter histórico como fundamentado nas especificidades geográficas; a identidade é fruto do meio particular que ela surge; a geografia explica a história dos povos).
A modernidade industrial e a geografia fragmentária	<ul style="list-style-type: none"> - Richard Francis Burton (geografia heroica – experiências culturais); - Flora Tristan (geografia da indústria, econômica e urbana pelo prisma do engajamento revolucionário – materialismo feminista e anticolonialista); - George Perkins Marsh (geografia física pelo prisma socioambiental); - Gustave Lefrançais (colaboração com a geografia através da abordagem comunalista) - Élisée Reclus (geografia anarquista – materialismo geográfico libertário); - Perron (cartografia e educação geográfica libertária); - Metchnikoff (geografia anarquista – materialismo geográfico libertário); - Dragomanov (colaboração com temas da geografia política); - Kropotkin (geografia anarquista – materialismo comunalista libertário); - Patrick Geddes (geografia urbana libertária); - Paul Reclus (geografia anarquista); - Odón de Buen (geografia física anarquista); - Anselmo Lourenço (geografia da educação anarquista); - Jean Gottmann (epistemologia, geografia humana, política e urbana); - Eric Dardel (geografia existencialista).
<p>Fonte: MOREIRA, R. Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica. São Paulo: Contexto, 2009. CLAVAL, P. História da Geografia. Lisboa: 70, p. 2006. GODOY, P. R. T. de. (Org.) História do pensamento geográfico e epistemologia em geografia. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. COELHO, P. A. (Org.) Élisée Reclus e a geografia das liberdades. São Paulo: Imaginário. Expressão e Arte, 2011. BORD, J-P. CATTEDRA, R., CREAGH, R., ROQUES, G. (Org.) Élisée Reclus – Paul Vidal de la Blache. Le géographe, la cité et le monde hier et aujourd’hui. Paris: L’Harmattan, 2009. ARNAU, X., CALVO, L., GIRÓN, A., NADAL, F. (Eds.) Élisée Reclus i la geografia de la llibertat. Ciència i compromís social. Barcelona: Residència D’Investigadors, 2007. ONFRAY, M. Contra-história da filosofia. Os ultras das luzes. Vol. 4. São Paulo: Martins Fontes, 2012. ONFRAY, M. Contra-história da filosofia. Sabedorias antigas. Vol. 1. Martins Fontes: São Paulo, 2008. ONFRAY, M. Contra-história da filosofia. Eudemonismo social. Vol. 5. São Paulo: Martins Fontes, 2013. VOILQUIN, J. (Org.) Les penseurs grecs avant Socrate – de Thalés de Milet à Prodicos. Paris: Garnier, 1964. TATHAM, G. A geografia no século dezanove. Boletim Geográfico. Conselho Nacional de geografia. IBGE: Ano XVII, nº 150, maio – junho de 1959, p. 198 – 226. Organização: José Vandério Cirqueira Pinto – 2014.</p>	

Neste mesmo período, erroneamente classificado em sua totalidade como obscuro, estagnado e inibido de inovações científicas, os estudos de Solínio e de Ravena cumpriram o papel de serem geografias míticas, ilustrativas, pedagógicas, pois esclareciam através de linguagem poética os lugares, se utilizavam de recursos teatrais para narrar o significado dos diversos mundos, apostando em larga linguagem fantástica, na difusão e reprodução de contos populares pelas extraordinárias *estórias*, lendas e ritos, criando uma espécie de geografia mítica fabuladora, que por sua vez, também conservavam a cosmografia árabe com a constituição de inventários estatísticos, toponímicos e descrições regionais, em especial esse papel foi realizado por Ravena.

Mesmo o ocidente insistentemente restringindo o diálogo com a geografia árabe foi ela que promoveu o movimento de renovação do saber geográfico, através das

pioneiras viagens e do acúmulo de conhecimento geográfico produzido, possibilitando a transição para o renascimento. Esse é o típico exemplo de que as medidas de força para combater certo campo de saber preponderante pela incompatibilidade político-ideológica, no caso aqui mais importante é o conflito religioso e cultural, não foram suficientes para conter a subterrânea contribuição com a revolução paradigmática. Sem os árabes a geografia tinha retardado mais ainda seu movimento de inovação metodológica, que foi por sua vez incorporado pelo domínio da geografia ortodoxa. O conhecimento heterodoxo só tem utilidade quando ele é incorporado ao modelo ortodoxo do saber científico a serviço do Estado colonial europeu. Raras contribuições, por vezes ortodoxas, mas em certos aspectos heterodoxas como parte das cosmogonias românticas de Jean de Léry e André Thévet, apesar de terem ideias adversas entre si. Para Silva (2003, p. 142) “no texto de Léry articula-se a comparação entre o europeu e o índio de uma forma relativista, e em diversos momentos os hábitos e costumes dos selvagens são considerados melhores do que os dos europeus [...]”.

Na herança do iluminismo a reflexão epistemológica renderá a discussão sobre os problemas de método e objeto da geografia. E essa discussão se aproximará do materialismo mecanicista e organicista, visualizando a natureza como a explicação laica da realidade e das relações sociais entre os homens, na busca de superar radicalmente as reminiscências religiosas enquanto narrativa do mundo. E Varenius, segundo aponta Moreira (2009), foi responsável por garantir a transição da geografia para a modernidade, interferindo na composição metodológica do objeto de análise e dos campos do saber, como a especificação da geografia geral e geografia especial – uma global e a outra regional –, nos termos atuais, além de evidenciar a articulação do espaço pela zonalidade e pela diversidade regional. Por fim, ele buscou alcançar a teoria unitária da geografia, que explica o mundo como um jogo de escalas. Segundo destaca Tatham (1959, p. 201) é necessário dar maior atenção a Varenius como o responsável por colocar a geografia no campo científico, bem antes de Kant, Humboldt e Ritter, que por sua vez foi negligenciada esta contribuição.

De maior influência, entretanto no desenvolvimento do pensamento geográfico foi a obra de Varenius. A sua *Geographia Generalis*, publicada em 1650, foi a primeira a incluir a nova teoria do universo. Tão impressionado ficou Varenius com os trabalhos de matemática de Copérnico, Kepler e Galileu, que definiu a geografia como um ramo das matemáticas mistas, e censurava os que a limitavam a uma descrição dos vários países. A contragosto, concebia à geografia humana um lugar na “geografia especial”, a segunda de suas duas principais divisões da matéria, porém, assim agindo, procurava justificar-se e explicava essa inclusão como uma concessão ao hábito.

Além da importância de James Hutton como o pai da geografia física e responsável por afastar os fantasmas da religiosidade no campo do saber geográfico, é importante dar atenção aos *ultras das luzes*, conforme denomina Onfray (2012, p. 13), por estes emitirem luzes mais reluzentes que as pálidas conotações dadas aos célebres filósofos oficiais das luzes. De Meslier a D’Holbach ocorreram profundas antecipações do que posteriormente chamou de iluminismo, como o evolucionismo, o positivismo, o ateísmo e até o comunismo e anarquismo, mas a historiografia é sempre mais lenta em decorrência de servir ao domínio das ortodoxias, “pois o historiógrafo desperta muito tempo depois da manifestação da realidade”, porque, “a escrita da História é sempre uma história da escrita” (ONFRAY, 2012, p. 14).

De fato, os *ultras* constituem uma paisagem intelectual e filosófica nova. É verdade que cada um representa um fragmento desse novo mundo, ou dois, ou três, ou até mais com Jean Meslier que os contém todos. Quatro continentes radicalmente novos emergem nessa época fortemente telúrica, caracterizada por uma formidável tectônica de placas: o *ateísmo*, o *materialismo*, o *hedonismo* e a *revolução*. Existem por certo precedentes na história das ideias, essas forças ideais não nascem do nada, mas sua modernidade encontra aqui a sua fórmula pela primeira vez (ONFRAY, 2012, p. 34).

No caso de Meslier, no que tange sua contribuição ao conhecimento geográfico é sua inovadora noção de organização social do espaço pela escala política do comunalismo, e na busca de se estabelecer que essa organização chegue ao internacionalismo federalista libertário, conceitos recuperados pelos anarquistas do século XIX, principalmente por Reclus e Kropotkin que dão o tom geográfico a essas práticas políticas territoriais. Além de ser o primeiro ateu, Meslier é o pioneiro comunalista anarquista. “Sua preocupação ética se desdobra, de modo que esse padre atípico também inventa o comunismo, ou até o anarquismo” (ONFRAY, 2012, p. 47). É do seu hedonismo social comunalista expressado por sua revoltada frase que desejava que “todos os grandes da terra e todos os nobres fossem enforcados e esganados com vísceras de padres”, que motivou a paráfrase no muro da Sorbonne em Maio de 68: “Quando o último sociólogo tiver sido enforcado com as tripas do último burocrata, ainda teremos problemas?” (ONFRAY, 2012, p. 54). Ao tecer seu sistema materialista ateu em sua única obra *Testament*, escrita até sua morte em 1729, Meslier discorre sobre as categorias lugar, espaço e extensão, demonstrando a progressividade escalar do lugar ao universal pela organização libertária da sociedade, conforme demonstra Onfray (2012, p. 81) ao analisar as palavras de Meslier:

Assim, a penúria naturalmente gerada pela estreiteza de um espaço pode desaparecer se a distribuição das riquezas e dos bens for organizada de outra forma. Se existe um estado de natureza em que reina a violência *a priori*, por motivos mecânicos, um estado de cultura pode remediar isso propondo novos esquemas de organização etológica e, portanto, social, comunitária. Logo um canteiro de obras político...

Com relação à La Mettrie e a contribuição ao pensamento geográfico, suas interlocuções vão refletir no organicismo adotado pela geografia no final do século XIX pelas ideias de Ratzel, também na concepção da simbiose homem/mulher-meio-equilíbrio²⁰ evocada por Reclus, em *La Terre*, no qual os seres humanos partilham sua evolução social das contingências naturais e não religiosas. O discurso empreendido por La Mettrie em *O Homem-Máquina* e em *L'Homme-Plante* vão dar base para a revolução positivista sustentada no mecanicismo social e no organicismo natural, que apesar de serem noções que coadunam com a ortodoxia positivista será negligenciada, promovendo influência subterrânea, por pautar seu materialismo mecanicista organicista no ateísmo, no hedonismo e na busca da negação absoluta da metafísica para explicar a física, além de introduzir o discurso da emergência do equilíbrio entre o humano e o meio.

Maupertuis é o mais geógrafo de todos, no sentido institucional da profissão. Desenvolveu trabalhos estritamente geográficos, geológicos e geofísicos, buscando explicar os processos evolutivos dos seres vivos e a dinâmica do relevo. Foi pioneiro ao classificar o espaço como condição central para os processos evolutivos das espécies, antecipando a confirmação evolucionista de Lamarck e as discursões da dinâmica natural de Buffon. Onfray (2012, p. 136) ao abordar a influência de Maupertuis na história das ciências diz que “a historiografia dominante conserva dele algumas lembranças, em geral no terreno científico: o organizador de uma expedição ao círculo polar; o inventor do princípio da mínima ação, também chamada de lei do mínimo esforço”, que será tese fundamental para o desenvolvimento de estudos geomorfológicos. Em seu *Essai de cosmologie* busca superar as explicações pela via metafísica e das teologias dominantes da época, constituindo-se em grande rigor científico. “A obra de Maupertuis pertence essencialmente ao registro da ciência. Do relato de viagem ao relatório geográfico, passando por considerações sobre escorpiões e

²⁰ Neste trabalho optou-se por escolher identificar e destacar o gênero feminino justamente quando é abordada a palavra *homem*, toda vez em que estiver abordando o pensamento de Reclus, em decorrência de salientar a defesa, mesmo que implícita, que este geógrafo fez da causa da mulher. Mesmo não diferenciando os gêneros, englobando os dois na palavra *homem* ao longo de suas obras, na escrita do geógrafo libertário está implícita a relação de dominação que a mulher sofre pelo homem, reconhecendo a necessidade de superação desse modelo.

salamandras, análises geodésicas – a famosa *Figure de la terre* (1738) -, proposições biológicas...” (ONFRAY, 2012, p. 150).

Todos os ultras iluministas são tidos pela historiografia dominante como mentalidades profanas por serem representantes do hedonismo social, do debate da natureza laicizada e principalmente por suas posições ateístas, em decorrência de seus vínculos com o materialismo radical. Por outro lado, participam do continente liberal (um tanto libertino²¹ no sentido filosófico) do iluminismo burguês europeu. Somente Meslier é radicalmente libertário comunista. D’Holbach também será partícipe desse liberalismo libertino, fundado no materialismo naturalista radical. Seu pensamento vai influir decisivamente na radicalização do romantismo de fins do século XVIII. Mas grande contribuição ao saber geográfico, que flagrantemente a historiografia negligenciou, como o fez com as evidentes contribuições de Maupertuis, está ligada a sua clássica obra *Système de la nature*, não se esquecendo de trabalhos como *Traité du souffre* e *Introduction à minéralogie*, que incita Goethe e diversos românticos a se aventurarem pelos estudos geológicos na intensão de desvendar o que motiva os movimentos de seu principal objeto de estudo, a natureza. Na sua obra *Éthocratie* desenvolverá argumentações a favor dos direitos humanos e da felicidade como pleno sentido dos homens, numa perspectiva eudemonista social utilitarista, onde a organização política é baseada na organização dos sistemas da natureza, em que para ele “só existe a natureza, não existe nada além dela, e ela é material” (ONFRAY, 2012, p. 239). Suas reflexões são levadas ao extremo do materialismo fatalista da natureza e “a leitura do mundo realizada por D’Holbach é radicalmente imanente, ela conjura qualquer transcendência” (p. 241). Essa forma de pensamento acarretará subterraneamente ao pensamento geográfico, apesar de ser de um modo geral ortodoxa por ser liberal, a transposição do idealismo na leitura de mundo, traços presentes nas contribuições dos mais inusitados geógrafos ou contribuintes do saber geográfico, presente na modernidade industrial fragmentária.

No movimento de institucionalização da geografia, os pivôs de representação heterodoxa são J. R. Forster, G. Forster e Herder, ao lado de Kant, Humboldt e Ritter como pivôs de representação da geografia oficial. Os primeiros figuram enquanto geografia negligenciada simplesmente pelo fato de terem sido menos evidenciados do que Kant, Humboldt e Ritter, pois seguem semelhantemente a mesma linha de

²¹ “Libertinismo. [...] Corrente antirreligiosa que se difundiu, sobretudo em ambientes eruditos da França e da Itália na primeira metade do séc. XVII; constitui a reação – em grande parte subterrânea – ao predomínio político do catolicismo naquele período” (ABBAGNANO, 2000, p. 613).

pensamento que oscila entre idealismo, romantismo e historicismo, sendo fruto do último rearranjo das Luzes. Por sua vez, no caso dos Forster suas importâncias se deram ao trabalho de sistematização teórico-metodológica da geografia, com esforço de especificar o objeto de estudo como a análise da superfície e o método como sendo o corográfico. Um traço diferencial no pensamento dos Forster está ligado aos seus envolvimento com o materialismo utilitarista inglês do início do século XIX, por isso incorporando à geografia forte traço empirista, envolvidos pelo continente teórico do socialismo de Godwin e Owen, e suas teorias da organização social.

Forster considerava a geografia do ponto de vista prático. Despertava-se lhe o interesse apenas pelo contato direto com uma variedade de naturezas em diversas partes da terra, e sua contribuição é o método adotado por ele no tratamento dos dados arrecadados. Dotado de acurados dotes de observação, assim como científica tendência de espírito, colecionava fatos, comparava-os e classificava-os, e extraía dessa classificação generalidades com as quais procurava, então, a explicação da causa. O tratamento sistemático da matéria é sobejamente demonstrado na classificação de suas observações nos Mares do Sul. Foram publicadas sob seis títulos, *Terra e países, Água e oceano, Atmosfera, Variações do globo, Corpos orgânicos (animais e plantas)*, e o *Homem* (TATHAM, 1959, p. 204).

A partir das palavras de Tatham (1959) pode-se notar o quanto Forster foi importante para o movimento de institucionalização da geografia, mas que não recebeu devido reconhecimento como contribuinte fundador das bases científicas da geografia moderna. Forster pai e filho se dedicaram aos estudos do método científico, assunto muito pouco organizado dentro da geografia naquela época e que ainda persiste até hoje, segundo aponta Sposito (2004), sendo os responsáveis pioneiros em constituir com a organização metodológica do campo de um saber que pretendia ser ciência autônoma e sistemática.

Além desse cuidadoso método científico, o trabalho de Forster é extraordinário pela sua contribuição à geografia humana. Reconheceu o estreito laço entre o homem e o meio e embora não fosse o primeiro a fazê-lo, foi um dos primeiros que tentou explicá-lo, procurando uma solução do tipo mecânico. Particularmente, chamou a atenção para a modalidade dos povos e a frequente necessidade de procurar a explanação de suas características físicas e culturais, com referência ao meio primitivo. Suas descrições das ilhas dos Mares do Sul contêm a análise do povoamento, da densidade de população, e a relação entre a densidade e os recursos do meio, ato que ordenou o respeito dos geógrafos, chegando mesmo até Ratzel (TATHAM, 1959, p. 204).

Com relação a Herder, os geógrafos comumente se atentam as suas contribuições à história, abdicando a valorosa contribuição que ele legou à geografia. Em decorrência da grandiosa contribuição de Kant para a geografia, a obra herderiana

foi menos importante para a historiografia dominante. Mas além dele ter sido seu aluno, negou os parâmetros teóricos de seu sistema filosófico dualista, contribuindo mais para a geografia no que tange ao futuro deste pensamento enquanto campo moderno e contemporâneo, do que o legado das noções kantianas e neo-kantianas.

A obra de Herder está cheia de surpresas para o geógrafo, que encontrará aí, em diversos lugares, uma argumentação bastante próxima daquela já conhecida de certos textos da geografia clássica. A importância do espaço é fundamental e só podemos nos admirar do esquecimento relativo do qual este autor é objeto (GOMES, 2010, p. 143).

Seguindo a argumentação de Gomes (2010), com relação à negligência parcial das ideias de Herder para a geografia, é intrigante pensar que tal contribuição de elevada importância para sistematização do saber geográfico foi deixada de lado. Um século depois todas suas ideias voltaram com muita força, chegando até ao movimento de radicalização por outros parâmetros metodológicos. O que melhor pode explicar a negligência de ideias está ligado ao fato delas negarem o continente idealista kantiano e da tradição iluminista da universalização da razão. Segundo Gomes (2010, p. 143),

Ele propõe como alternativa uma filosofia da História centrada sobre a expressão das culturas nacionais. [...] Os povos ou comunidades que constituem uma nação são identificados a um organismo vivo. Eles criam uma identidade pelo intercruzamento das diferentes condições do meio físico e dos diversos gêneros de cultura que aí se desenvolvem. A nação é, antes de tudo, uma comunidade territorial. Ela se define pela relação com as condições específicas do ambiente, pelos gêneros de vida adaptados a esse meio e, pela relação com as representações culturais que se desenvolvem no tempo, isso é, as tradições.

Então as condições do ambiente, os gêneros de vida e as tradições culturais são as três bases que compõem o todo orgânico que é a nação para Herder. Essas noções vão tomar caminhos diferentes, partindo da mesma fonte, pela mão de três geógrafos clássicos importantes que sofreram decisivas influências de Herder: Reclus, Ratzel e Vidal de La Blache. O primeiro se baseará na noção de histórica alinhada a condições espaciais, que apregoa a Terra como palco das relações históricas; o segundo incorporará a noção orgânica da cultura, sua unicidade e distinção das identidades definidas pelas condições do solo nacional; e o último se aportará nas ricas noções de gênero de vida e da natureza das identidades culturais regionais.

Por outro lado, as ideias de Herder mantêm sua atualidade de forma adaptada ao condicionamento da época, como é o caso da geografia radical marxista, em decorrência do crivo histórico; na geografia cultural e humanística em virtude do crivo culturalista.

Entretanto, a perspectiva de genuinidade do solo nacional e a equivalência entre cultura e natureza podem ser levadas a extremas teorizações de um nativismo nacionalista fundamentalista, como fora visto pelos fascismos geográficos europeus da primeira metade do século XX. É por isso que Gomes (2010) destaca que Herder alertou para o perigo do movimento eurocentrista em voga no interior da via iluminista. Ele também foi ácido crítico de toda forma de colonização, a maior responsável pela destruição da diversidade cultural. Ele almejava que as especificidades culturais mantivessem asseguradas, contrário ao fascismo que impõe o fim do *outro*, por essa posição ele é conhecido como o pai do relativismo cultural. Isso reforça ainda mais suas ideias enquanto vigorosa fonte inovadora, que perpassa o tempo, lançando sua luz, ou melhor, ultra-luz, sobre as recentes concepções pós-coloniais da diferença e da alteridade, que a geografia está também aportada na atualidade.

A sistematização histórica das identidades pela condição espacial herderiana tem vínculo subterrâneo e discursivamente descontínuo com o materialismo eudemonista social, se estendendo, num movimento de retorno, até as primárias conjecturas de Eudóxio, passando por Lucrécio e Periegeta, com suas defesas das condições dos lugares enquanto berços dos gêneros de vida, atravessando o comunalismo libertário de Meslier, culminando na geografia histórica de Reclus, Kropotkin e Metchnikoff, espalhada pelas nuvens do movimento de renovação crítica da geografia, que configurou uma atmosfera carregada de riqueza de diversificação teórica, promovendo torrencial precipitação de transformações no campo do saber geográfico, abrindo novos veios caudalosos epistêmicos. Esse arcabouço descontínuo de relações teóricas, relações essas fluídas, indiretas, algumas por mimetismo entre fronteiras epistemológicas, são o fiel retrato dos consequentes combates e *vitórias* da historiografia dominante sobre formas não convencionais de pensamento. Esse resultado em pedaços, esses estilhaços de ideias formam a regularidade descontínua do continente negligenciado da geografia não oficial.

Por isso, na modernidade industrial a geografia paira sobre o paradigma fragmentário, tanto na sua composição de evidência como de negligência. Há, também, descontinuidade temporal, em virtude de ideias não convencionais apresentadas no século XIX terem sido amordaçadas, narradas como incompatíveis, e recuperadas no século XX como ideias centrais pelo horizonte radical da geografia, que ao fazer sua historiografia tentou construir edifício modular em formato de obelisco, aparentando não haver pluralidades epistemológicas, com a intensão de impor a universalidade do marxismo. O horizonte radical da geografia nasceu dos auspícios do marxismo em

plena década de 1970 pode ter sua fonte não somente na tradição estadunidense e francesa, mas na própria contribuição do início do século XX de Élisée Reclus (1905), a partir da obra *L'Homme et la Terre*, ou da riquíssima contribuição de *Champs, Usines et Ateliers* e *La Conquête du Pain*, de Kropotkin (1910, 1892). Por sua vez, elas são oriundas da matriz epistemológica anarquista, que apesar de ser uma corrente radical ela não foi aceita pelo cientificismo crítico marxista.

Nesse caso específico da geografia, o marxismo funcionou como uma perspectiva ortodoxa ao compor sua narrativa da história da geografia, pois, implacavelmente cassou e negligenciou todas as correntes que não correspondiam ao enquadramento do sistema materialista histórico e dialético. Por essa ingerência historiográfica dominante do marxismo o anarquismo não pôde compor-se enquanto *episteme* que somasse com o movimento de radicalização da geografia. Essa radicalização esperou 70 anos para acontecer efetivamente. Vale destacar, que na ocasião em que Reclus e Kropotkin produziam suas especulações o modelo dominante historiográfico era reproduzido pela tradição lablacheana, que havia acabado de *vencer* a guerra contra a mentalidade alemã, segundo a forjada polemização determinismo versus possibilismo instigada por Febvre (1954) no início da década de 1920.

Retornando um pouco anteriormente à contribuição de Reclus e de Kropotkin encontram-se os relatos de viagens de Richard Francis Burton, andarilho e explorador inglês. É importante destacar que uma mera classificação rígida do que foi Burton pode induzir ao erro. Segundo seu biógrafo Raice (2008), ele foi marginalizado pela historiografia britânica por suas ideias essencialmente inovadoras e radicais, por ter pesquisado assuntos chocantes para a sociedade vitoriana, mas por outro lado, aonde ele chegava, nos confins mais hostis o governo imperial inglês via possibilidade de abrir as portas para a colonização. Para Torcato (1996, p. 215 - 216) ele é um andarilho na fronteira do oriente e o orientalismo, uma espécie de camaleão das fronteiras, que não só descreve o *outro*, mas torno-o um pouco, além de desenvolver discurso baseado na geograficidade.

Suas viagens eram geografizantes até a essência mais recôndita. Seu pensamento se exprime na forma de territórios separados e enlaçados ao elemento sócio-cultural lá existente. Suas descrições estão sempre recheadas de graus de localização, de medimentos de altitudes, de números em distâncias e de regimes climáticos, que evidenciam claramente suas necessidades de precisar seus passos e de ligar o terreno à população que lá vivia. Ele percebia que era preciso estabelecer dados corretos acerca de certo território, pois isso implicaria encontrar este e sua população novamente para outros estudos.

No que tange a sua geografia, seus primeiros trabalhos foram sobre a Índia, país onde iniciou sua carreira de militar na *Companhia das Índias Orientais*, e que por suas contribuições polêmicas da época, por estudar costumes, rituais místicos e eróticos sofreu grave censura, gravitando no esquecimento. Foi responsável, juntamente com John Hanning Speke por buscar as nascentes do Rio Nilo, produzindo diversos trabalhos dessas aventuras exploratórias, valendo-se destacar a importante síntese exploratória errante *Las Montañas de la Luna* (BURTON, 1993), estando em meio ao que Dardel (1952) chama de geografia heroica, que pode ser classificada também como geografia mítica e erótica, por se basear nos mitos mais exóticos e sua relação com os lugares. Seus três trabalhos sobre o Brasil são fruto de sucessivas viagens que fez até os campos de batalhas do Paraguai e também do período que residiu aqui, viajando pelo interior de Minas Gerais e Bahia, seguindo todo o curso do Rio São Francisco até sua foz. O resultado dessas viagens e da breve estadia transformou-se no relato de guerra *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai* (BURTON, 1997), memorável trabalho que destaca a identidade cultural dos guaranis no Paraguai e os elementos geopolíticos, além dos excessos da aliança Brasil, Argentina e Uruguai. Os relatos *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho* (BURTON, 1976) e *Viagem de Canoa de Sabará ao Oceano Atlântico* (BURTON, 1977), são importantes trabalhos que merecem revisão pelo prisma geográfico, já havendo muitos trabalhos da antropologia e história. Mas seu vínculo ao período vitoriano, o fato do resultado de suas andanças terem convertido em abertura para a entrada inglesa, mesmo sabendo que ele não tinha vínculo direto com o império britânico, afastou apuradas análises que possam extrair elementos constitutivos de uma geografia heroica útil. Said (2007) sintetiza bem a complexidade de se definir Burton, em decorrência dessa conflitualidade vivida por ele entre ser ocidental e contribuir com o desenvolvimento do projeto civilizatório e ao mesmo tempo ser rebelde aos processos de colonização, aderindo profundamente à cultura oriental.

Mas o legado de Burton é mais complexo do que o individualismo, precisamente porque na sua escrita podemos encontrar exemplificada a luta entre o individualismo e um forte sentimento de identificação nacional com a Europa [...]. Burton se julgava tanto um rebelde contra a autoridade [...] como um agente potencial da autoridade no Oriente. É a *maneira* dessa coexistência, entre dois papéis antagônicos para si mesmo, o que interessa. [...] (SAID, 2007, p. 269).

A liberdade de Burton residia em ter se livrado de suas origens europeias a ponto ser capaz de viver como um oriental. Cada cena na *Pilgrimage* o mostra vencendo os obstáculos que o confrontam, um estrangeiro, num lugar estranho. Foi capaz dessa proeza porque tinha, para esse fim, suficiente conhecimento de uma sociedade estrangeira. [...] (SAID, 2007, p. 270).

Burton levou a afirmação do conhecimento pessoal, autêntico, simpático e humanístico do Oriente tão longe quanto possível na sua luta com o arquivo do conhecimento europeu oficial sobre o Oriente (SAID, 2007, p. 272).

Mas se é importante identificar um exemplo distante dessa complexidade dualista vivida por Burton é preponderante considerar o caso de Flora Tristan. Viveu fugaz e intensamente entre 1803 e 1844, em meio à efervescência política do socialismo, sendo uma das primeiras defensoras o feminismo, além de ser ávida combatente do capitalismo e da exploração do trabalhador e da trabalhadora. Mas o que a torna uma contribuinte da geografia heterodoxa são seus dois principais trabalhos, um abordando Londres e o outro, o Peru, país este de seus ancestrais. Na obra *Promenades dans Londres* (TRISTAN, 1840), encontram-se concepções inaugurais quanto à geografia industrial, econômica e urbana de Londres, destacando-se a situação dos trabalhadores, os fatores do crescimento urbano, expressos no item que ela intitula de *La ville monstre*, mas à frente, aborda o clima poluído da capital inglesa, as características dos indivíduos, dos trabalhadores nas fábricas, das mulheres, das prostitutas, das prisões, do sistema econômico-financeiro, além de apresentar crítica discussão sobre os guetos irlandeses e de judeus. Ao tratar da *cidade monstro*, denominação que buscou dar à grande metrópole londrina, Tristan (1840, p. 7) destaca os processos de segregação, zoneando o espaço por agrupamentos sociais contraditórios.

Londres a trois divisions bien distinctes: la *cité*, le *west end* et les *faubourgs* [...]. Le contraste que présent les trois divisions de cette ville est celui que la civilisation offre dans toutes les grandes capitales; mais il est plus heurté à Londres que nulle autre part. – On passe, de cette active population de la *cité* qui a pour unique mobile le désir du gain, à cette aristocratie hautaine, méprisant, qui vient à Londres, chaque an e, pour échapper à son ennui et faire étalage d’un luxe effréné, ou pour y jouir du sentiment de sa grandeur par le spectacle de la misère du peuple!²²

Conforme elucida Onfray (2013, p. 28), o trabalho que escancara a situa o da classe operária de Londres, feito primeiro por Flora e não por Engels, data de 1840, e “muitas vezes se omite o fato de que Engels leu o livro e de que grande número de suas informaçoes se encontra sem remissão em *A situa o da classe trabalhadora na Inglaterra*, publicado em 1845, um ano depois da morte de Flora Tristan...” Vale

²² Londres tem três setores bastante distintos: a *cité*, o *west end* e os *faubourgs* [...]. O contraste que apresentam os três setores desta cidade é aquele que a civiliza o oferece em todas as grandes capitais; mas ele é mais chocante em Londres do que em nenhuma outra parte. – Se passa nessa ativa popula o da cidade que tem por único impulso o desejo de acumular, àquela aristocracia impositiva e depreciativa, que se dirige   Londres, a cada ano, para escapar de seu tédio e ostentar um luxo desenfreado, ou para gozar do sentimento de sua grandeza diante do espetáculo da miséria do povo!

lembrar que essa obra é de muito apressado para os geógrafos que buscavam introduzir fundamentos teóricos aos estudos da geografia urbana, tida como paradigmática. Novamente, a geografia desconsidera o papel de importantes contribuições heterodoxas, se apegando a noções que ganharam *status* científico. Com relação a esse assunto, Flora, também por ser mulher (pois o socialismo clássico de um modo geral reproduz o machismo), travará conflito ideológico com Proudhon (criador da anarquia, porém machista) e com Marx, via Engels, que a conheceu pessoalmente em diversos debates públicos, em decorrência de ela negar os sistemas científicos universalizantes do socialismo marxista, tendo, por sua vez, maior proximidade com as noções libertárias de Owen e Godwin.

Com relação ao trabalho do geógrafo estadunidense George Perkins Marsh (1864), *Man and Nature: or Physical Geography as Modified by Human Action*, este também pode ser considerado como uma geografia à margem em virtude de ter sido o pioneiro em apresentar teses que rechaçam os determinismos geográficos, por sua vez, fundamentados por Montesquieu e levados um século mais tarde até a tradição geográfica alemã.

Para Zerzan (2005), este foi importante trabalho que abriu caminho para a discussão da ação predatória do homem sobre a natureza, que, embora saliente essas problemáticas, mas por outro lado aprova a capacidade de tecnificação e modelação do espaço pelas sociedades, esta obra possibilitou, na contramão deste discurso, reflexões que chegasse ao radicalismo extremo do debate eco-anarquista ou primitivista da atualidade.

Essas conjecturas de Marsh serão deixadas de lado por um bom tempo pela tradição alemã e francesa, mesmo após os esforços de Reclus que se influenciou bastante nessas teses para desenvolver *La Terre*, cuja intensão era demonstrar como a ação humana é o principal agente de modificação da natureza. Esta noção somente foi recuperada, mas sem qualquer reconhecimento da inovação operada por Marsh, por Vidal de la Blache, já no início do século XX, ficando assim reconhecido como o principal responsável por constituir a análise das contingências do meio e da ação humana na transformação da natureza, que ficou conhecida posteriormente como possibilismo, levando cada vez mais a geografia marsheana às profundezas sísmicas do esquecimento.

Mas o caso de Élisée Reclus é o mais emblemático no que diz respeito à negligência operada pela história da geografia. Sua obra de geografia é muito mais extensa do que a que aborda o anarquismo, mas é pelo anarquismo que ele é mais

reconhecido. É de suma importância recolocar o papel de Reclus na geografia frente a todo o legado por ele deixado. A negligência de sua geografia²³ advém de motivos pessoais de seu envolvimento direto com a militância anarquista, e não tem explicação frente a sua obra geográfica, que por sua vez, é essencialmente atual à sua época, encontrando diversas atualizações e antecipações ao futuro do saber geográfico. Por isso, Creagh (2011, p. 12) afirma que “a obra de Reclus é uma das luzes que devemos transmitir se quisermos arrancar-nos da barbárie do século XXI. Se quisermos, também, entrar no transe dos movimentos de emancipação que atravessam a humanidade”.

Para Meynier (1969), Reclus é um extraordinário geógrafo de práxis, um verdadeiro escritor engajado, que foi negligenciado também como Émile Levasseur. Roques (2011, p. 49) argumenta que diante dos diversos temas abordados em sua extensa obra “Reclus insiste nos aspectos políticos, numa geografia engajada”. Pois “de fato, Reclus parte sempre e ainda da realidade para construir seu projeto social. Ele o julga realista se a observação científica, e singularmente a geografia, mostra o que é” (PELLETIER, 2011a, p. 116).

Quando Alavoine-Muller (2009, p. 213) polemiza que “l’écriture d’Élisée Reclus est plus littéraire que scientifique”²⁴, ela está chamando a atenção para o caráter polifônico dessa geografia heterodoxa, que destoa da noção monológica ortodoxa de ciência positiva. Por outro lado, houve a partir dessa geografia heterodoxa a emergência de formação de um pensamento geográfico das liberdades, se não fosse eminentemente anarquista seria ao menos libertária. Entretanto, esse curso fluvial foi de certa forma represado. Isso leva Creagh (2011, p. 30) a destacar que

Não se pode concluir, contudo, na existência de uma escola de geógrafos libertários. Trata-se mais de conceitos libertários incorporados à geografia, e, deste ponto de vista, existe um corpo embrionário de ideias relativas à geografia urbana, ao espaço rural, aos fenômenos migratórios, culturais e assim por diante. Essas ideias podem transformar simultaneamente o imaginário do geógrafo e o da geografia. Elas representam um potencial extraordinário de subversão das outras disciplinas humanas: basta imaginar, por exemplo, uma geopolítica que, em vez de fixar-se nos decisores, levasse em consideração os indivíduos como seres planetários. Como disciplina, uma geografia anarquista revestiria novas formas. [...] Mas aqui também a inspiração de um Reclus seria benéfica.

²³ Com relação ao detalhamento dos fatores que levaram a negligência da geografia de Reclus será exposto especialmente no capítulo 3: *A negligência do pensamento geográfico de Élisée Reclus*. Nesse momento a proposta se limita a abordar o caráter heterodoxo de sua obra como responsável pelo esquecimento na história oficial da geografia.

²⁴ “a escrita de Reclus é mais literária do que científica”

E o contexto em que Reclus estava submetido foi propício para o desenvolvimento de diversas geografias libertárias, não integradas ao modelo de uma corrente paradigmática e coesa, mas um saber feito na espontaneidade, não levado a cabo pela lógica institucionalista. Ao seu lado encontravam-se grandes nomes como dos anarquistas geógrafos Piotr Kropotkin e Léon Metchnikoff, sendo este responsável por apresentar o Japão a Reclus, com a obra *L'empire japonais*, obra marcada pelo discurso geopolítico e pela liberdade, além de *La civilisation et les grands fleuves historiques* (METCHNIKOFF, 1889), onde apresenta a dinâmica histórica, social e cultural dos povos em decorrência dos grandes rios, na qual Reclus retribuiu a sólida parceria fazendo importantes considerações em prefácio da obra em questão. Nesse mesmo conjunto, o suíço Charles Perron era grande cartógrafo, responsável pelo mapeamento existente nas obras de Reclus, e Paul Reclus, sobrinho de Élisée, responsável por organizar, publicar e divulgar *L'homme et la Terre*, além de buscar continuar certas noções da geografia do tio. Não podendo esquecer também das contribuições ao pensamento e prática geográfica advindas de Gustave Lefrançais e de Dragomanov, que assim como os demais, eram anarquistas e também envolvidos com a perspectiva comunalista e internacionalista da organização política e territorial do espaço. Este último irá contribuir principalmente com a discussão acerca do nacionalismo sérvio e balcânico.

Todos esses nomes faziam parte do grupo de anarquista responsável pelo jornal libertário *Le Travailleur*, composto de outros membros de diversas formações (FERRETTI, PELLETIER, 2013). Alsemo Lourenço, amigo e tradutor para o espanhol de *El hombre y la Tierra* de Reclus, que se dedicava a pesquisar a relação entre ensino e geografia, e o geógrafo libertário, pesquisador da área física, Odón de Buen (1905), revisor também da obra acima citada, são o exemplo da estreita relação de Reclus com o anarquismo na Espanha, além de ter fomentado a geografia, principalmente através do ensino, pela atuação de Ferrer i Guardia (1978).

Não deve ser esquecido o nome de Patrick Geddes, que também amigo de Reclus, admirador de sua obra, foi o urbanista responsável por introduzir o conceito conurbação, além de desenvolver estudos sobre as cidades jardins dentro de uma perspectiva de organização do espaço urbano pelo prisma ecologista libertário (FERRETTI, 2011a). “O que atrai Geddes às ideias de Reclus é a formulação do conceito de geografia que lhe parece ser a extensão natural do movimento de estudo da humanidade em seus diferentes contextos ambientais” (STEELE, p. 80).

No bojo dessa regularidade discursiva descontínua assenta-se o continente do que se buscou posteriormente denominar de geografia libertária, que segundo Creagh (2011, p. 25) “situa-se na grande tradição da dissidência, aquela que questiona os poderes, ou, para ser mais preciso, as diversas formas de dominação e exploração”. Ainda segundo o geógrafo anarquista estadunidense, “Tal geografia também é uma arma contra as ideologias imperialistas”, e Reclus foi o principal expoente dessa forma heterodoxa de fazer geografia, reluzindo subterraneamente suas ideias sobre diversas possibilidades radicais de pensar a dimensão geográfica, no que hoje se denomina de geografias dissidentes (BLUNT, WILLS, 2000).

Outro exemplo de *episteme* negligenciada, agora pela corrente neopositivista do domínio da geografia quantitativa foi o existencialismo, trazido a baila por Dardel (1952) em seu também *L’Homme et la Terre*, obra onde ele chama para o debate o fundador do existencialismo, Kierkegaard, além de Nietzsche, Heidegger, Jaspers, Sarte entre outros, para conversar de forma original com a dimensão vivida da geografia: a geograficidade. Pode-se considerar Dardel como o criador da geografia humanista, fundamentador da fenomenologia e do existencialismo na geografia. Ele abriu caminho para Buttimer, Fremont, Tuan entre outros, e que somente sobrou os lamentos de Pinchemel (1990) acerca de sua negligência pela geografia quantitativa e também pela tradição lablacheana, como Max Sorre, que flagrantemente evitou seu reconhecimento. Essa mesma geografia lablacheana difundida por Brunhes e Sorre evitou indiscretamente a importância dos trabalhos de Jean Gottmann (1952), principalmente o vigoroso trabalho *La Politique des États et sa Géographie*, como também suas inovadoras contribuições ao estudo da categoria território e do campo da geografia urbana como um todo.

É importante considerar que essas contribuições não convencionais à história da geografia sempre foram tratadas com ressalvas pela geografia acadêmica oficial por não estarem prendidas a nenhuma escola nacional, mas elas estão ligadas a alguma matriz de pensamento no sentido dado por Moreira (2008a). Por serem fruto das contracorrentes epistemológicas e abordarem noções não regulares ao rigor paradigmático diante da época em que foram apresentadas, elas são deixadas de lado pela historiografia.

É interessante salientar que Reclus é francês, mas foi expulso da França por envolvimento com a Comuna de Paris, juntamente com Lefrançais, também anarquista e amigo combatente na Comuna, importante colaborador da geografia universal reclusiana. Isso não significa que esta geografia cessou, ao contrário, se enriqueceu. Por não produzir sua geografia na França, e sim na Suíça e na Bélgica, na qual exerceu a

docência universitária nos últimos anos de sua vida (assunto que será detalhado à frente), este pensamento libertário não conseguiu penetrar a rígida barreira ortodoxa construída pela escola nacionalista de geografia da França, de matriz lablacheana.

Kropotkin e Metchnikoff, de nacionalidade russa, e Dragomanov, de nacionalidade ucraniana, também estudioso da geografia e anarquista combatente junto com seus companheiros russos da opressão czarista, não obtiveram nenhum reconhecimento pela nascente geografia física russa, apesar de terem contribuído enormemente sobre o tema.

É importante destacar, de outro modo, o caráter internacionalista e plurinacional desses personagens libertários, que se envolviam acima das questões de ordem de identidade nacional ou mesmo de caráter regionalistas, com o propósito maior de construir o comunismo ácrata internacional, contribuindo, na contramão das escolas nacionais de geografia, com a formação das bases de uma geografia de episteme anarquista.

O mesmo ocorre com Dardel, que em meio ao efervescente movimento neolablacheano das monografias regionais de cunho culturalista, que, ao lado de Martonne, Brunhes, Demangeon e Sorre, entre outros, não obteve devido reconhecimento pelos seus contemporâneos, abnegando sua preponderante contribuição ao pensamento geográfico. Denota-se, a partir desse caso, grave equívoco, em razão de seu trabalho ter sido recuperado com muita força após os anos de 1980, no interior da geografia cultural e humanística.

Por isso é de suma importância abordar à frente as *descontinuidades discursivas no pensamento geográfico* que figuram no bojo da regularidade epistemológica da geografia libertária, nascida das intervenções teóricas impulsionadas por Reclus.

1.2 Descontinuidades discursivas no pensamento geográfico

A geografia de Reclus, por não estar dentro da oficialidade acadêmica promoveu a consolidação de certa regularidade discursiva: a geografia libertária. No bojo desse discurso regular paradoxalmente evidenciam-se descontinuidades discursivas no que tange a contiguidade aberta pela geografia ratzeliana e lablacheana, rompendo com seus respectivos paradigmas, pela via do paradigma libertário da organização comunista e internacionalista do espaço. Da regularidade paradigmática da geografia enquanto campo que estuda a relação do homem com o meio, surge a descontinuidade que evidencia a organização do espaço pelas relações sociais libertárias em detrimento do

equilíbrio do meio, estruturado comunalmente. Foucault (2007, p. 496) comenta acerca dessa relação contraditória existente entre discurso contínuo e descontínuo no conjunto das regularidades discursivas.

A existência dessa oposição se explica pelo caráter bipolar dos modelos: a análise em estilo de continuidade apoia-se na permanência das funções (que se encontra desde o fundo da vida numa identidade que autoriza e enraíza as adaptações sucessivas), no encadeamento dos conflitos (ainda que assumam formas diversas, seu ruído de fundo não cessa jamais), na trama das significações (que se retomam umas às outras e constituem como que a superfície de um discurso); a análise das descontinuidades, ao contrário, procura antes, a especificidade dos conjuntos de regras e o caráter de decisão que elas assumem em relação ao que deve ser regulado, a emergência da norma acima das oscilações funcionais.

A geografia libertária oriunda da crítica do saber geográfico enquanto campo a serviço do Estado, realizada por Reclus, promoverá descontinuidade na aparente regular reflexão epistemológica que vigorava na segunda metade do século XIX e início do século XX, por estar voltada a essa *oscilação funcional* no interior do campo do saber geográfico. Esse movimento descontínuo, com sua *especificidade do conjunto de regra de decisão frente modelo regulado*, sofreu diversas censuras, em decorrência do envolvimento de Reclus e de seus companheiros com a militância anarquista, não conseguindo ecoar sobre a academia oficial e nem sendo tido como novo paradigma aceito pela comunidade acadêmica. Por isso, no interior da regularidade discursiva oitocentista da geografia apresenta-se a perspectiva do anarquismo à geografia, soando descontinuamente ao paradigma utilizado, não conseguindo abalar as estruturas e não chegando ao ponto de ser visto como movimento revolucionário de transformação paradigmática do campo do saber geográfico. Essa descontinuidade discursiva é baseada em dois pilares centrais: o discurso das liberdades, que almeja a organização espacial; e o discurso do equilíbrio, relacionado à autogestão do território. Essas modalidades discursivas soaram essencialmente incompatível com o projeto de geografia da época, por sua vez, com o projeto de sociedade, de mercado e de Estado nacional que estava sendo exercitado.

O tema das descontinuidades no interior de campo do saber e das ciências é evidenciado por quatro autores principais, que dadas suas variedades epistemológicas, ocorre certo consenso no que diz respeito à crítica as ciências e seu modelo dogmático racionalista, e no que tange ao movimento de desconstrução do discurso historiográfico canônico. Bachelard inicia a discussão apresentando os processos de descontinuidades discursivas nas epistemologias do saber científicos, depois Foucault aborda as

descontinuidades dentro da regularidade discursiva, sugerindo a substituição do estudo histórico para o estudo arqueológico do saber, sendo seguido por Kuhn, que realiza a discussão da descontinuidade baseada nas quebras paradigmáticas como forças motrizes da revolução do saber, e por último, Feyerabend desenvolve forte crítica à sacralização da ciência e a evolução do saber pela via do método hipotético-dedutivo racionalista.

É interessante notar que toda essa agitação em torno dos processos de desconstrução da coerência discursiva feita por esses autores nasce da crítica que Nietzsche faz da ciência e de seus mecanismos racionais de explicação da realidade. Somente Foucault dá crédito explícito a modalidade da crítica nietzschiana, mas todos eles partem indiretamente dessa mesma prerrogativa anti-racionalista da ciência. Até mesmo Reclus, quando vai abordar a evolução do saber científico, apesar de construir duras críticas ao aristocratismo presente no discurso de Nietzsche, destaca positivamente o papel da sua crítica ao racionalismo científico. Reclus incorpora na sua crítica da suposta neutralidade científica e da teleologia enquanto sentido da sociedade a emergência desconstrucionista evocada por Nietzsche, destacando a necessidade de a ciência estar a serviço do desenvolvimento da vida e não do poder. Foucault (2012) discorre que o processo de desconstrução empreendido por Marx foi incompleto frente ao de Nietzsche, em decorrência do primeiro ter operado na procura de uma história global, suprimindo todas as diferenças da sociedade por um sistema de valores único, coerente ao projeto civilizatório ocidental, recriando nova teleologia discursiva regular. Por outro lado, com relação

À descentralização operada pela genealogia nietzschiana, o tema opôs a busca de um fundamento originário que fizesse da racionalidade o *telos* da humanidade e que prendesse a história do pensamento à salvaguarda dessa racionalidade, à manutenção dessa teleologia e à volta, sempre necessária, a este fundamento (FOUCAULT, 2012, p. 16).

Embora exista enorme incompatibilidade ideológica entre o nietzschianismo e o anarquismo, por sua vez, com relação à crítica ao marxismo e sua ingerência teleológica de projeto histórico civilizatório único de sociedade existe enorme compatibilidade. Para os anarquistas, e nesse caso inclui-se Reclus, no regular discurso marxista de evolução cíclica dos modelos de produção e de organização social estruturalmente direcionado à teleologia histórica de civilização está presente o total descrédito as descontinuidades processuais dos modos de produção, como também, a desatenção frente à evolução complexa do projeto civilizatório e as diferenças que a materialidade espacial abarca com suas contingências, frente à aparente linearidade temporal de matriz

hegeliana. Para Nietzsche (2001, p. 63) é necessário destacar os constantes erros presentes no campo do saber, por ele estar vinculado a limitação dos instintos.

A tarefa de *incorporar o saber* e torna-lo instintivo é ainda inteiramente nova, apenas começa a despontar para o olho humano, dificilmente perceptível – uma tarefa vista apenas por aqueles que entenderam que até hoje foram incorporados somente os nossos *erros*, e que toda a nossa consciência diz respeito a erros!

Essa noção conduzirá maior crítica à ciência, a partir da segunda metade do século XX, que a via como modalidade despersonalizada da inteligência, trazendo ao saber a perspectiva intersubjetiva, pois “com a *ciência* pode-se realmente promover tanto um como outro objetivo! Talvez ela seja agora mais conhecida por seu poder de tirar ao homem suas alegrias e torna-lo mais frio [...]”, mas ela poderia “então talvez revelar-se igualmente o seu poder contrário, sua tremenda capacidade para fazer brilhar novas galáxias de alegria!” (NIETZSCHE, 2001, p. 65). É muito difícil pensar que a ortodoxia historiográfica do século XIX aceitasse a noção de ciência baseada na alegria, pois o conhecimento estava fundado sobre o princípio que promulgava a crença na verdade absoluta. “Portanto, a *força* do conhecimento não está no seu grau de verdade, mas na sua antiguidade, no seu grau de incorporação, em seu caráter de condição para a vida” (NIETZSCHE, 2001, p. 137). E é justamente no combate dessa crença na metafísica alinhada a fé suprema da ciência racionalista que Nietzsche (2001, p. 236) vai buscar sua ciência feliz ou *gaia ciência*, pois,

a nossa fé na ciência repousa ainda numa *crença metafísica* – que também nós, que buscamos o conhecimento, nós, ateus e antimetafísicos, ainda tiramos nossa flama daquele fogo que uma fé milenar acendeu, aquela crença cristã, que era também de Platão, de que Deus é a verdade, de que a verdade é divina... Mas como, se precisamente isto se torna cada vez menos digno de crédito, se nada mais se revela divino, com a possível exceção do erro, da cegueira, da mentira – se o próprio Deus se revela como a nossa mais longa mentira?

Ao confrontar ao modelo de ciência infeliz, despersonalizada, distante da vida, Nietzsche (2001, p. 41) também combate a sistematização mecânica da vida que foi produzida pela ciência racionalista, conforme está evidente no seu poema abaixo intitulado *Contra as Leis*.

Do meu pescoço, a partir de hoje
Pende o relógio das horas;
A partir de hoje cessa o curso dos astros;
O Sol, o canto dos galos e o evoluir das sobras,

O que uma vez me anunciava o tempo
 Está agora mudo, cego e surdo:
 Toda natureza para mim silenciosa
 Ao tique-taque do relógio e da lei.

Seguindo o percurso aberto pelo criticismo científico nietzschiano, Bachelard (1996, 2006) baseará sua descontinuidade na busca da negação do conhecimento homogêneo, diante da perspectiva da ruptura do conhecimento científico e vulgar. A negação da razão universal e a libertação dos interesses imediatos do empirismo ingênuo, a caminho de valores mais reflexivos do saber são o fluxo descontínuo nascente à margem das continuidades acadêmicas. Para o filósofo fenomenólogo francês, as descontinuidades estão ligadas a evidência do acaso como fundamento criativo das descobertas científicas, a crítica ao rígido domínio das influências, que no seu lugar, busca-se empreender a abordagem das regiões epistemológicas.

Quadro 03: Descontinuidades discursivas em Gaston Bachelard	
<ul style="list-style-type: none"> - Buscar a negação do conhecimento homogêneo; - a descontinuidade epistemológica surge da ruptura entre conhecimento científico e vulgar, da primazia da reflexão sobre a percepção, da captação fenomenológica no lugar da empírica, pois a primeira exige inventário e classificação; - negação da razão universal estável e busca da transmutação dos valores racionais; - o racionalismo realiza-se na libertação de interesses imediatos, em virtude de valores reflexivos; - as narrativas da continuidade escondem as dialéticas dos problemas epistemológicos sob o véu dos acontecimentos menores; - o acaso da descoberta evidencia a descontinuidade do saber; - o rígido domínio das influências obscurece as descontinuidades no progresso científico; - a autocrítica e a abordagem das regiões dos problemas manifestam as descontinuidades; 	<ul style="list-style-type: none"> - destacar a imperfeição e desarmonia dos métodos para desencadear a transformação do saber; - o racionalismo científico, assimilando os domínios da experiência, cresce no sentido inverso do dogmatismo do racionalismo sucinto; - a história da ciência contemporânea está sobre o tecido da discussão e os argumentos que se cruzam são outras tantas ocasiões de descontinuidades; - a revolução epistemológica é acionada pela multiplicação dos fatos científicos, enquanto o empirismo diminui; - trabalho científico é baseado na criação de dificuldades reais, e eliminação de dificuldades falsas ou imaginárias; - distinguir a dialética dos obstáculos epistemológicos e dos atos epistemológicos; - formar e reformar a dialética da história ultrapassada e da história sancionada pela ciência atualmente ativa.
<p>Fonte: BACHELARD, G. A formação do espírito científico. Contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. BACHELARD, G. A epistemologia. Lisboa: 70, 2006. Organização: José Vandério Cirqueira Pinto – 2014.</p>	

Os métodos anota Bachelard (2006), são marcados também por imperfeição e desarmonia, e esses traços são fundamentais para promover a reflexão e a transformação no saber, pois a história das ciências deve estar marcada pelo traço da discussão e da argumentação, movendo-se pelo percurso das descontinuidades criativas que produzem a revolução epistemológica, acionada pela multiplicação dos fatos científicos, confrontando à redução empirista do racionalismo dogmático. As revoluções epistemológicas são fruto das linhas descontínuas do saber, no qual nascem as

dificuldades reais do conhecimento, provedoras da relação dialética dos obstáculos epistemológicos contra os atos epistemológicos. O discurso da continuidade epistemológica busca ocultar as dificuldades e os obstáculos com a evidência dos atos epistemológicos, construindo assim, uma história inerte na evolução ativa do saber.

A filosofia da continuidade das noções valorizadas defronta, assim, um problema de ligação histórica, ligação pela qual o racional domina progressivamente o contingente. Vê-se, então, a necessidade educativa de formular uma *história recorrente*, uma história que se esclarece pela *finalidade do presente*, uma história que parte das certezas do presente e descobre, no passado, as formações progressivas da verdade. É assim que o pensamento científico se fortalece na descrição dos seus progressos (BACHELARD, 2006, p. 207).

Essa noção de *história recorrente*, desatrelada da rígida perspectiva das influências será retomada por Foucault (2012) com mais afinco, mas está também presente em Kuhn (1971), que aposta na discussão das mudanças paradigmáticas como elemento de transformação do saber científico. De forma polêmica Kuhn argumenta que os descobrimentos não são a única fonte de transformação do saber, a percepção e, o que buscou denominar de *anomalia*, são fenômenos de igual função transformadora do saber. As *anomalias* são fenômenos adversos que surgem em meio à continuidade discursiva, que aos poucos vão se mostrando efetivas perturbações explicativas aos paradigmas em vigor. Essas zonas de penumbra e de ambiguidade aos poucos ocasionam profundas discussões paradigmáticas, pois delas germinam a defesa de novos fenômenos, a busca de descobrir elementos isolados, implícitos, enclaves de interrogações provocando investigações que abalam o paradigma global.

Por sua vez, a busca por explicações submetidas a um corpo de regras coerente a uma tradição explicativa é menos eficiente para a revolução científica do que a explicação via os paradigmas. Dessa forma, as discontinuidades discursivas são os agentes motivadores das transformações paradigmáticas, que, por conseguinte, nos novos paradigmas estão contidos o elemento de transformação criativa do conhecimento. A interpretação ordinária feita pelos paradigmas dominantes inibe a ebulição discursiva, neutralizando o que Kuhn (1971, p. 113) denominou de *anomalias*, que são o fundamento criativo da emergência de novos paradigmas no interior das ciências. “Si la percepción de la anomalía desempeña un papel en la aparición de nuevos tipos de fenómenos, no deberá sorprender a nadie que una percepción similar, aunque más profunda, sea un requisito previo para todos los cambios aceptables de teoría.”

Quadro 04: Descontinuidades discursivas em Thomas Kuhn

<ul style="list-style-type: none"> - Os descobrimentos não são as únicas fontes das transformações, tanto destrutivas como construtivas dos paradigmas; - a percepção e a anomalia desempenham o papel de aparição de novos tipos de fenômenos que transformam as teorias; - as zonas de penumbras e de ambiguidades ocasionam as discursões paradigmáticas; - em defesa do objetivo de descobrir os elementos isolado, implícitos e explícitos para provocar investigações na comunidade do paradigma global; - a busca de um corpo de regras coerentes a uma tradição é mais difícil e menos satisfatória do que dos paradigmas; - a falta de uma interpretação ordinária ou de uma redução aceitável a regras, não impedirá que um paradigma dirija as investigações; - um descobrimento começa com a percepção de uma anomalia dentre de uma ciência normal; - de certo modo, a natureza tem violado as expectativas, induzidas pelo paradigma que rege a ciência normal; 	<ul style="list-style-type: none"> - a assimilação de um feito novo oriundo da zona de anomalia exige um ajuste mais aditivo da teoria até que a ciência aprende a ver a natureza de uma maneira diferente; - a percepção de anomalias desempenha o papel de aparição de novos tipos de fenômenos; - a comunidade científica passa a aceitar a crise, onde o paradigma tem deixado de funcionar o sentimento de mau funcionamento é o requisito prévio para a revolução científica; - guiados por um novo paradigma, os cientistas adotam novos instrumentos e buscam lugares novos; - as revoluções científicas expõem coisas novas e diferentes olhares dos pesquisadores aos objetos; - depois de uma revolução os cientistas respondem aos estímulos de um mundo diferente; - para que um paradigma possa triunfar ele deverá ganhar alguns primeiros adeptos, que com a multiplicação de argumentos tenazes possa ser aceito por uma comunidade científica.
<p>Fonte: KUHN, T. S. La estructura de las revoluciones científicas. México: Fondo de Cultura Económica, 1971. Organização: José Vandério Cirqueira Pinto – 2014.</p>	

As *anomalias* conduzirão nova forma dos cientistas apreenderem a natureza, aparecendo assim novos fenômenos de pesquisa, guiando a comunidade científica a adotarem novos instrumentos de pesquisas e buscarem novas abordagens, dando margens para as revoluções científicas, que expõem coisas novas e diferentes olhares sobre os objetos de pesquisa, pois, mergulhados no novo legado das revoluções científicas os pesquisadores passam a responder aos estímulos do mundo de forma diferente, conforme destaca Kuhn (1971, p. 176).

Examinando el registro de la investigación pasada, desde la atalaya de la historiografía contemporánea, el historiador de la ciencia puede sentirse tentado a proclamar que cuando cambian los paradigmas, el mundo mismo cambia con ellos. Guiados por un nuevo paradigma, los científicos adoptan nuevos instrumentos y buscan en lugares nuevos. Lo que es todavía más importante, durante las revoluciones los científicos ven cosas nuevas y diferentes al mirar con instrumentos conocidos y en lugares en los que ya habían buscado antes [...]. Sin embargo, los cambios de paradigmas hacen que los científicos vean el mundo de investigación, que les es propio, de manera diferente. En la medida en que su único acceso para ese mundo se lleva a cabo a través de lo que ven y hacen, podemos desear decir que, después de una revolución, los científicos responden a un mundo diferente.

Mas é importante destacar que novos paradigmas não triunfam facilmente, ou sequer são aceitos pela comunidade acadêmica. Dai nasce o debate sobre as contribuições heterodoxas realizadas no início desse capítulo. O paradigma pode ser pouco inovador, ou radicalmente inovador para o momento apresentado à comunidade

científica, ou tão desafiador em decorrência de sua *anomalía* teórica, ou talvez, não se enquadre às exigências da sociedade científica ou acadêmica, por isso ele é simplesmente negligenciado. Sua manutenção colocaria em risco o dito *progreso* científico, que infelizmente Kuhn não buscou frontalmente criticar, como o fez Feyerabend. Na justificativa de Kuhn estão impressas a busca do progresso irrestrito da ciência a qualquer preço, mas que não se desvinculam das questões de ordem sociais e políticas, permanecendo aquele paradigma que conseguiu melhor convencer maior quantidade de adeptos da comunidade acadêmica.

Esto no quiere decir que los nuevos paradigmas triunfan en definitiva mediante alguna estética mística. Contrariamente, son muy pocos los hombres que abandonan una tradición sólo por esas razones. Quienes lo hacen, con frecuencia se dan cuenta de haber sido llevados a conclusiones erróneas. Pero para que un paradigma pueda triunfar deberá ganar algunos primeros adeptos, hombres que lo desarrollen hasta el punto de que puedan producirse y multiplicarse argumentos tenaces. E incluso estos argumentos, cuando son producidos, no son individualmente decisivos. Debido a que los científicos son hombres razonables, uno u otro de los argumentos persuadirán en última instancia a muchos de ellos. Pero no existe ningún argumento único que pueda o deba persuadirlos a todos (KUHN, 1971, p. 245).

Por outro lado, Foucault (2007, 2012) recorreu à noção nietzschiana da finitude do homem alinhada à dissolução das velhas opacidades históricas como novo paradigma que supera a noção metafísica moderna de homem, impregnada da representação distinguida do duplo empírico-transcendental. Essa nova mentalidade operará a fragmentação do campo epistemológico clássico com a negação da pureza formal e empírica, efetivando a ascensão das ciências humanas, que apagam as fronteiras epistemológicas rígidas, se multiplicando em novas disciplinas. Esse movimento radicalmente desconstrucionista instaurado no final do século XIX é motivado pela emergência das discontinuidades.

Segundo Foucault (2007), a análise da continuidade baseia-se na permanência das funções e a discontinuidade na emergência das oscilações formais, conforme já foi dito anteriormente. Por isso, o problema não é mais o fundamento do saber, mas as transformações de seus fundamentos, que se multiplicam através da ruptura da história das ideais, anteriormente pautadas nas cronologias lineares, vistas pelo prisma das discontinuidades. Com base no quadro 5, as discontinuidades têm tripla função: distinguir os níveis de análise; descobrir os pontos de inflexão ou inversão de um movimento regulador das historiografias e tomar forma e função específica.

O discurso, por sua vez, não é simples ordenação sistemática, é um sistema de dispersão, baseado na incerteza, na criatividade e no devir. Por isso, a formação

discursiva não é uma totalidade homogênea, mas uma distribuição de lacunas, vazios, ausências de limites e de recortes. Dessa forma, Foucault (2012) propõe o abandono das descrições ortodoxamente históricas do saber, como o faz Onfray (2008) ao seguir sua genealogia, destacando o papel da investigação arqueológica do saber. Para Foucault (2012, p. 206) a arqueologia busca definir os discursos em sua especificidade, pois não é uma doxologia, mas uma análise diferencial das modalidades de discurso (heterodoxia), que são marcadas por contradições, por ser um espaço de disseções múltiplas, constituídos por conjuntos de oposições e de asperezas múltiplas. Nas arqueologias estão impressos os vetores temporais de derivação e de descontinuidades, pois ela “é uma prática que tem suas formas próprias de encadeamento e de sucessão”.

Quadro 05: Descontinuidades discursivas em Michel Foucault

<ul style="list-style-type: none"> - A finitude do homem se anuncia. Dissolver a velha opacidade das linguagens históricas; - a análise da finitude advém da interrogação da origem: fim da metafísica da representação moderna. Morte do homem moderno (empírico-transcendental); - fragmentação do campo epistemológico clássico da representação evidencia os saberes marginais das ciências humanas; - negação da pureza formal e da empiricidade; - entrecruzamento das ciências humanas e apagamento das fronteiras, multiplicação das disciplinas intermediárias e mistas; - análise da continuidade: permanência das funções; - análise das descontinuidades: surgir a coerência dos sistemas significantes, emergência da norma acima das oscilações formais; - o problema não é mais o fundamento que se perpetua, e sim as transformações que valem como fundação e renovação dos fundamentos; - multiplicação das rupturas na história das ideias: não mais definir relações, mas séries ou quadros, desligando-se da especificidade do tempo e das cronologias; - Triplo papel da descontinuidade: <ol style="list-style-type: none"> 1 – distinguir os níveis da análise, os métodos e as periodizações; 2 – descobrir os limites de um processo, o ponto de inflexão de uma curva, a inversão de um movimento regulador, os limites de uma oscilação e o limiar de um funcionamento; 	<ul style="list-style-type: none"> 3 – tomar forma e função específica de acordo com o nível em que é delimitada; - a análise dos acontecimentos discursivos não está limitada ao domínio, que por sua vez, não pode ser considerada como definitiva nem absoluta; - investigar os sistemas de dispersão, ao invés das ilhas de coerência, formas de repartição ou cadeias de interferência; - o discurso não é ordenação sistemática, mas uma rica incerteza da desordem em devir; - a formação discursiva não é uma totalidade homogênea, rica e difícil germinação, mas a distribuição de lacunas, de vazios, de ausências de limites, de recortes; - a descrição arqueológica é o abandono da história das ideias; - a arqueologia busca definir os discursos em sua especificidade, pois não é uma doxologia, mas uma análise diferencial das modalidades de discurso; - a ordem arqueológica não é nem a das sistematicidades, nem a das sucessões cronológicas; - a análise dos diferentes tipos de contradição demarca as funções discursivas; - a formação discursiva é um espaço de disseções múltiplas: conjunto de oposições diferentes, com asperezas múltiplas; - a arqueologia demarca os vetores temporais de derivação.
<p>Fonte: FOUCAULT, M. As palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas. 9ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. FOUCAULT, M. A arqueologia do saber. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. Organização: José Vandério Ciruqueira Pinto – 2014.</p>	

Já Feyerabend (2011, p. 31) desenvolverá sua discussão acerca das descontinuidades baseada na crítica ao método indutivo das ciências, seu modelo racionalista de explicação do mundo e sua dependência da verdade para o

desenvolvimento do saber. Polemicamente ele inicia seu *Contra o Método* argumentando sobre o papel do anarquismo enquanto domínio do conhecimento único capaz de *salvar* a epistemologia científica da crise que estava mergulhada, pois “a ciência é um empreendimento essencialmente anárquico: o anarquismo teórico é mais humanitário e mais apto a estimular o progresso do que suas alternativas que apregoam lei o ordem”. Ou seja, a indução como fundamento explicativo usado pelas ciências desde Descartes é uma barreira para o desenvolvimento autônomo do conhecimento, por estar baseado em leis e ordens que por si só não se sustentam.

Quadro 06: Descontinuidades discursivas em Paul Feyerabend	
<ul style="list-style-type: none"> - O anarquismo é o remédio para a epistemologia; - contra um método que contenha princípios firmes, imutáveis e absolutamente obrigatórios; - um método fixo e uma teoria da racionalidade é demasiado ingênuo. - em defesa de uma metodologia pluralista; - em defesa do procedimento contraindutivo: as propriedades de uma teoria são descobertas por contraste, e não pela análise; - preconceitos são descobertos por contraste, não por análise; - o conhecimento não são teorias autoconscientes, que convergem até a verdade, é um crescente oceano de alternativas mutuamente incompatíveis; - necessitamos de um padrão externo de crítica; - necessitamos de um conjunto de pressupostos alternativos; - necessitamos de um mundo imaginário a fim de descobrir as características do mundo real que pensamos habitar; - temos que inventar um novo sistema conceitual: <ol style="list-style-type: none"> 1 – suspender ou conflitar com os resultados de observação; 2 – contestar os princípios teóricos mais plausíveis; 3 – introduzir percepções que possa fazer parte do mundo perceptual existente; 	<ul style="list-style-type: none"> - para isso, deve-se aceitar que todas as metodologias têm seus limites, e eles devem ser demonstrados. - a proliferação de teorias é benéfica, e a uniformidade prejudica seu poder crítico; - a discussão de fatos incompatíveis com a teoria conduz ao progresso; - a ciência não existiria sem a contraindução. - ir contra a razão em favor da experiência subjetiva favorece a ciência; - nem as regras, nem os princípios e nem os fatos são sacrossantos; - a ciência só existiu porque frequentemente desconsiderou o contexto de justificação e os métodos rígidos; - experiência e teoria devem andar juntas no caminho de uma ciência anárquica; - racionalismo crítico (expor as ideias à crítica) contra o dogmatismo na ciência (separa experiência de teorias); - a ciência é muito mais “descuidada” e “irracional” do que sua imagem metodológica. Esses “desvios”, esses “erros” são precondições do progresso; - elogio à caótica criatividade inventiva, no lugar dos rígidos imitadores de padrões; - a ciência não é infalível e nem autocorretiva. Ela tem que escutar o “outro”, o cidadão.
<p>Fonte: FEYERABEND, P. <i>Contra o método</i>. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011. Organização: José Vandério Cirqueira Pinto – 2014.</p>	

A teoria da racionalidade é ingênuo, na compreensão de Feyerabend (2011), por estar sustentada por métodos imutáveis, sendo necessário ao campo científico incorporar a defesa de metodologias pluralistas. Para isso, o filósofo austríaco invoca a contraindução como alternativa anárquica à prática científica, que diz ser a propriedade de uma teoria descoberta por contraste e não por análise, pois o conhecimento não se compõe de teorias autoconscientes, que convergem até a verdade, mas em um oceano de alternativas incompatíveis. Por isso, é necessário um padrão externo de crítica e um

conjunto de pressupostos alternativos e a invenção de um novo sistema conceitual a fim de descobrir as características do mundo real. Com o uso da contraindução suspende-se ou conflita-se com os resultados observados, contestam-se os princípios teóricos mais plausíveis e introduz novas percepções que antes não faziam parte do mundo conceitual, pois, conforme destaca Feyerabend (2011, p. 221),

A explicação ortodoxa negligencia as relações cobertas que contribuem para seu significado, desconsidera mudanças perceptivas e trata o restante de maneira rigidamente estandardizada, de modo que qualquer debate de ideias incomuns é bloqueado de imediato por uma série de respostas rotineiras.

Dessa forma, o progresso está ligado à discussão e a incompatibilidade, a aceitação de diversas metodologias e a negação da uniformidade teórica, pois a perspectiva é promover o aumento dos processos críticos do saber, que deve ser exposto à reflexão, no chamado racionalismo crítico que separa a experiência da teoria, contrário ao dogmatismo científico. Na opinião de Feyerabend (2011) a ciência só existiu porque se praticaram a contraindução, ou seja, deram margem ao acaso, ao acidente teórico, pois foram contra a razão em favor da experiência subjetiva que nega os princípios e regras sacrossantas da ciência. A superação dos métodos rígidos conceberia a experiência andando junta com a teoria no caminho de uma ciência anárquica que elogia a caoticidade criativa e inventiva. Por sua vez, ela não crer na ciência autocorretiva e infalível em virtude de escutar o “outro” e o cidadão, por ser uma ciência humanitarista.

Para resumir: não há uma “visão de mundo científica”, assim como não há um empreendimento uniforme denominado “ciência” – exceto na mente dos metafísicos, mestres-escolas e políticos que tentam tornar sua nação competitiva. Ainda assim, há muitas coisas que podemos aprender das ciências. Mas também podemos aprender das humanidades, da religião e dos remanescentes de tradições antigas que sobreviveram ao furioso assalto da Civilização Ocidental. Nenhuma área é unificada e perfeita, poucas áreas são repulsivas e completamente despidas de mérito (FEYERABEND, 2011, p. 316).

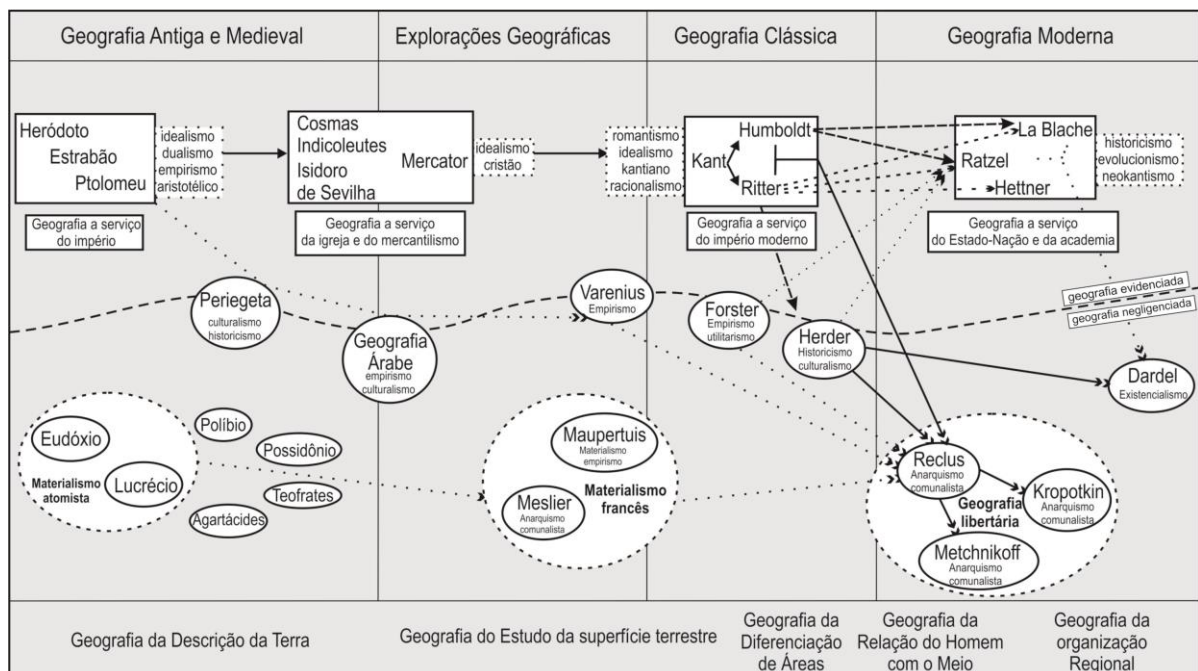
Dentre as diversas discontinuidades presentes no pensamento geográfico o paradigma libertário é o que merece evidência, por ser oriundo do território arqueológico vivenciado por Reclus e, por isso, ter sido explicitamente negado e parcialmente recuperado na contemporaneidade. Nessa discontinuidade a presença de elementos não convencionais ao paradigma dominante, como o discurso das liberdades e da autogestão, além do debate sobre os povos tradicionais, seus ritos e culturas, a crítica ao domínio colonial ocidental, o destaque aos excessos do imperialismo e a

dependência do saber geográfico dos espectros *Estado-Nação*, *civilização* e *progresso* entre outros, tornaram incompatível essa geografia das liberdades, por ser um discurso da dissidência.

No exercício arqueológico da geografia libertária nota-se que ela surgiu como um enclave em meio à progressividade histórica herdada do legado clássico Kant-Humboldt-Ritter, no limiar da herança moderna de Ratzel-La Blache-Hettner. Por sua vez, esse território arqueológico liga-se indiretamente aos longínquos territórios imateriais do saber geográfico, tanto ao lado das geografias mais evidenciadas, quanto do lado das geografias negligenciadas, caso dos fragmentos de composições das inteligências passadas da análise geopolítica de Heródoto, da descrição das paisagens e dos homens feita por Estrabão e do legado da representação espacial de Ptolomeu.

Os territórios arqueológicos representados por Reclus, Kropotkin, Perron, Metchnikoff e Dragomanov formam o continente da geografia libertária, compondo a regularidade discursiva da geografia dissidente, localizada nos subterrâneos da historiografia oficial. Entretanto, esse continente descontínuo da regularidade discursiva oficial absorveu pressupostos teórico-metodológicos gestados por Kant, Ritter e Humboldt, além de ser contemporâneo e de tentar promover o debate com o território moderno da geografia oficial representado por Ratzel, Hettner e La Blache.

Quadro 07: Regularidade e descontinuidade discursiva na geografia



Organização: José Vandério Cirqueira Pinto – 2014.

É de suma importância destacar que as regularidades discursivas são produto de um coerente processo histórico de substituição paradigmática, funcionando regularmente através da linearidade evolutiva da ciência geográfica oficial, compondo-se arrumações aos domínios epistemológicos e rearranjos metodológicos, mas mantendo certa equivalência discursiva. Ou seja, o discurso científico oficial é trilhado uniformemente ao arranjo almejado pela ideologia dominante da academia, ou pelos interesses que regem a produção do conhecimento geográfico, interesses estes tributários dos impérios na antiguidade, formando o veio epistêmico do idealismo dualista de base socrático-platônica e do empirismo aristotélico. Esse veio epistêmico foi assimilado, reconfigurado e continuado pela tradição judeu-cristã, tendo a escolástica como movimento de assimilação e de decantação da *episteme* greco-romana clássica. Por sua vez, o idealismo cristão culminou no idealismo kantiano, e a geografia que estava a serviço da igreja e do mercantilismo estará agora a serviço dos impérios modernos. A partir da institucionalização da geografia incorporaram-se diversas *epistemes*, em decorrência do movimento de fragmentação em curso no saber oriundo da modernidade industrial, mas no seu conjunto, manteve-se o percurso oficial do saber geográfico vinculado ao idealismo aberto no passado.

Já com relação ao continente da geografia libertária, seu percurso de transformação discursiva é muito mais acidentado, dotado de desníveis, mudanças de curso, falhas e barreiras epistemológicas. Isso não significa que ele não se liga indiretamente aos períodos transicionais vividos pela história da geografia, pois nenhum saber pode se desenvolver desconectado das manifestações intelectuais de sua época. O que ocorre é que ele se relaciona de forma diferente, compondo relações subterrâneas com epistemologias adversas a ortodoxia dominante. Essas geografias, que têm relação com o passado longínquo do saber geográfico mantêm relação e crítica ao pensamento de sua época. O que as torna ainda mais heterodoxas é o fato delas terem tido a oportunidade de antecipar ou inovar contribuições ao campo do saber geográfico, que ao serem negligenciadas em decorrência de seu caráter heterodoxo para a época, foram em alguns casos, recuperadas mais à frente. Caso emblemático é o existencialismo de Dardel, que deteve fragmentos arqueológicos do pensamento de Herder, se relacionou com a geração fenomenologista-existencial da primeira metade do século XX e projetou indiretamente a nascente geografia humanística pós-década de 1980.

A geografia de Reclus, marcada pelo anarquismo comunista, congrega-se aos territórios arqueológicos de Kropotkin e Metchnikoff, formando o continente libertário da geografia. Esse continente absorveu diretamente as contribuições do romantismo e

do racionalismo de Humboldt e Ritter, como também do historicismo de Herder, principalmente sua contribuição à noção de espaço como condição da identidade cultural e da formação histórica da nação. Indiretamente, o empirismo em Reclus advém das proposições do utilitarismo corológico de Forster e da sistematização descritiva de Varenius, postados no limiar da geografia que recebeu maior evidência e da que foi negligenciada, sendo explicação principal dessa localização de fronteira o fato de seus trabalhos terem obtido insatisfatórias difusões dentro da transmissão do saber geográfico.

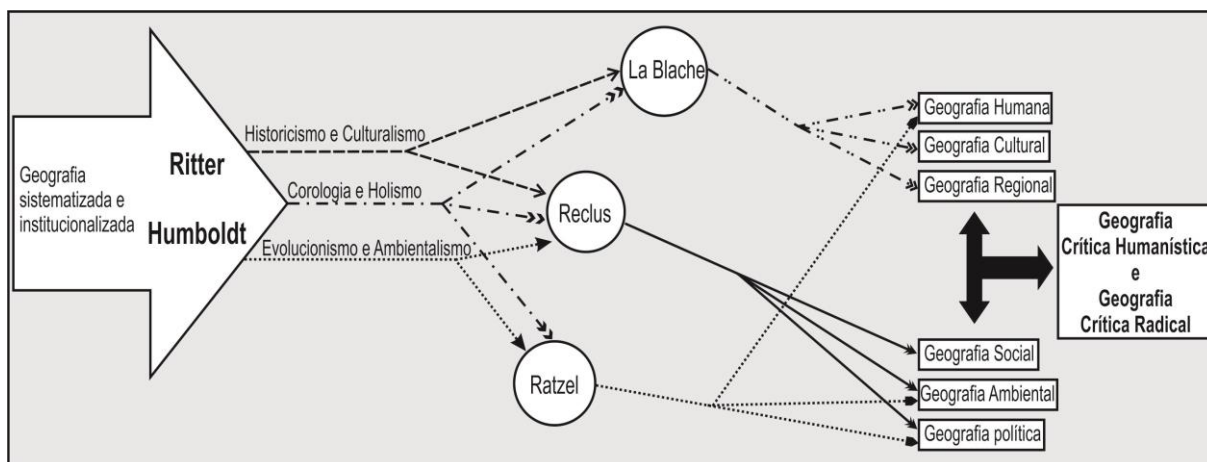
Mas existe outro eixo de composição, paradoxalmente contrário à tradição idealista do saber geográfico, o eixo fundamentado no materialista atomista, germinado das conjecturas de Demócrito. Grande parte do que Metchnikoff e Reclus discutem no bojo de uma dialética da natureza mantém fragmentos arqueológicos da compreensão materialista atomista nascida da *Natureza das Coisas* de Lucrecio. Nessa obra está identificado o fundamento da natureza baseado na dialética atomista. A imanência material e a relação interativa e dialética entre as coisas e o mundo, no eterno movimento criador-destrutor-transformador dos fenômenos abre precedentes ao tronco teórico que é totalmente adverso a tradição dualista idealista, sustentada no mundo inteligível. No materialismo lucreciano não há separação entre o mundo sensível e imanente e o mundo inteligível transcendental, pois o todo está sujeito à dialética atomista do movimento. Esta compreensão foi decisiva combatente do idealismo que percorreu todo o trilha ortodoxo da geografia, conforme foi demonstrado no quadro 07, e em plena antiguidade foi drasticamente combatida, negligenciada e profanada pela tradição *vencedora* platônica. Somente com Marx que o materialismo dialético gestado na vertente democritiana será recuperado, através da obra *A Ideologia Alemã* (MARX, ENGELS, 1974) e demais trabalhos, dando precedentes para posteriores usos das vertentes socialistas, inclusive do socialismo libertário de Proudhon, Bakunin, Reclus e Kropotkin.

Entre o materialismo atomista da antiguidade e o materialismo dialético do socialismo da modernidade existem *anomalias*, usando a expressão adotada por Kuhn (1971), que decisivamente melhor compuseram o materialismo construído pelo continente libertário, por estar impresso no seu conjunto o debate da natureza, sua contingencialidade e organicidade, elementos totalmente ausentes na discussão marxista originária. A presença da natureza enquanto conceito fundador do materialismo, lançado por Lucrecio, refletirá nas composições insulares de Políbio, Possidônio, Teofrates e Agartácides, chegando até o longínquo continente do materialismo francês após ter

vencido extensos oceanos da fragmentação do saber, tendo seus representantes Meslier e Maupertuis, de forma direta, e indiretamente, La Mettrie e D’Holbach, que vinculam seu materialismo radical à imanência da natureza, negando qualquer forma de mundo inteligível. O materialismo francês abrirá precedentes para a tradição socialista francesa debater a relação entre os homens e o meio, as consequentes lutas de classe e as dinâmicas sociais de transformação do espaço pelos processos de revolta, conforme destaca Reclus (2002), quando analisa a Revolução Francesa e a Comuna de Paris na obra *A Evolução, a Revolução e o Ideal Anarquista*, que por sua vez, não obteve tanta visibilidade frente às análises que dão centralidade ao tempo e as transformações históricas como principal resultado das revoltas sociais. Por ser uma *episteme* marginal, transmitida pelos subterrâneos do pensamento, é difícil capturar de forma explícita o papel do materialismo francês na composição do conceito de homem, natureza e de liberdade presente no continente libertário da geografia.

De um modo geral, esse continente libertário foi permeado pelo paradigma do estudo das diferenciações de áreas, da relação do homem e da mulher com o meio, mas também, pelo estudo da organização do espaço, por estar paralelo às proposituras regionais da matriz lablacheana. Dessa forma, mesmo estando do lado de fora da fronteira oficial da geografia eles estão integrados aos ecos acadêmicos que a geografia produziu. A historiografia oficial tentou não revelar o papel do paradigma libertário, mesmo assim, subterraneamente e indiretamente essa geografia produziu reflexo à conformação de novas geografias, quando elas passaram pela fase de radicalização do pós-década de 1970.

Quadro 08: Reflexos da geografia de Ratzel, Reclus e de La Blache



Organização: José Vandério Cirqueira Pinto – 2014.

Do movimento de institucionalização da geografia produziu-se a *episteme* historicista e culturalista, refletindo diretamente em La Blache e em Reclus, já a *episteme* corológica e holista marcou a obra de Reclus, Ratzel e La Blache e a *episteme* evolucionista e ambientalista, foi decisiva na composição da obra de Ratzel e de Reclus. Essas *epistemes* foram refletidas por La Blache e Ratzel pela área da geografia humana, dentro do movimento de fragmentação do pensamento geográfico, e pela geografia cultural e regional também pelo rico legado de La Blache. Já em Reclus, sua geografia será refletida diretamente sobre a área da geografia social, ambiental e política, tendo as duas últimas áreas como reflexo principal da obra de Ratzel.

Todas essas áreas compuseram efervescente e renovado contexto discursivo na geografia, marcado por rico processo de renovação e tomadas de novas direções, fluindo na quebra paradigmática ensejada pela via da geografia crítica humanística e pela via da geografia crítica radical. As discontinuidades promovidas por Reclus refletirá mais diretamente no paradigma crítico radical, em que no período em que foram apresentadas elas não conseguiram penetrar o paradigma dominante, e quando a geografia ingressou no movimento de renovação abriram-se novos precedentes para o reconhecimento e a reutilização de certas noções que haviam sido negligenciadas.

É importante destacar que esses três nomes (Ratzel, Reclus e La Blache) são representantes centrais na reflexão de novas áreas da geografia, como também, no movimento de redirecionamento dos seus paradigmas, por terem conduzido diversas espécies de discontinuidades discursivas. Por outro lado, podem ser feitos muitos outros exercícios arqueológicos que consigam destacar outros também importantes redirecionamentos paradigmáticos da geografia.

O mais importante é enfatizar que neste primeiro capítulo buscou-se demonstrar o que estava de fora do prisma oficial da historiografia, e nesse exercício encontram-se discontinuidades heterodoxas de suma importância para se repensar os caminhos que o saber geográfico fez até chegar à atualidade, e que dependendo da forma como a história da geografia ocultou certas contribuições por diversos motivos isso pôde interferir na revolução paradigmática do saber, atrasando, subtraindo ou eliminando a necessária renovação do pensamento.

Outro elemento importante a se destacar é a necessidade de provocar a discussão dialética entre o saber oficial acadêmico da geografia, postado com o *status* de oficial, por ser dominante – ou a voz que fala mais alto –, e o saber heterodoxo, fora dos domínios territoriais dominantes do pensamento, que tem sua voz abafada ou calada, que constrói seu domínio à parte, adverso e independente. O saber geográfico, para ser

necessário e eficiente não depende somente da alta voz emitida pelas academias dominantes vinculadas aos interesses das escolas nacionais, mas, sobretudo dos desníveis descontínuos de propostas divergentes ao saber dominante, como o exemplo da composição produzida por Reclus, que ainda podem ser encontradas outras contribuições também necessárias.

Por isso, no próximo capítulo, é indispensável levantar a discussão acerca de como se deu a formação do pensamento geográfico desse anarquista francês para buscar entender os motivos, as razões e o contexto de negligência de sua geografia, e como esse processo refletiu sobre um discurso geográfico das dissidências, buscando estar em meio à prática espacial, na vivência da sociedade, alimentando seu projeto de geograficidade libertária, e que por sua vez, não conseguiu pertencer ao universo acadêmico dito oficial.

CAPÍTULO 02

A FORMAÇÃO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO DE ÉLISÉE RECLUS

Buscar entender a forma como o pensamento geográfico de Élisée Reclus foi construído pode contribuir com a reflexão acerca do que foi mais definitivo no processo de negligência dessa geografia. Por sua vez, a medida como foi constituído esse pensamento leva a compreensão dos caracteres marcantes dessa geograficidade posta em discussão, seja a relação que ela teve com o pensamento de sua época, como a contribuição direta ou indireta à geografia que estava sendo feita e os efeitos complicadores decorrentes da ingerência que a negligenciou.

Da mesma forma que a geografia de Reclus está imersa em uma determinada época, e por isso, está marcada pelos efeitos constitutivos da geografia em voga, fazendo parte dessa regularidade discursiva permeada pelo prisma do pensamento ocidental, também ele, enquanto indivíduo nascido na França, numa família humilde, relacionará com esse mundo europeu que está imbuído de experiências próprias em si. Entretanto, as escolhas pessoais que o geógrafo fez, como os caminhos que ele pôs a seguir e as posições que tomou, incidiram decisivamente sobre a conformação de sua geografia, que foi escrita até seus últimos dias de vida.

É muito recorrente a interpretação de uma geografia despersonalizada, desvinculada de seu criador, na tentativa de demonstrar que as informações apresentadas são tão neutras que não se contaminam com a vivência daquele que a escreveu. A tentativa dessa forma de narrativa que estabelece a cisão entre autor, obra e contexto é de demonstrar que a originalidade das palavras e a potência do discurso estão divorciadas do seu emissor, estão desterradas dos lugares que foi construída e emitida, e são atemporais à época que está submetida. Neste trabalho busca-se justamente o inverso para discorrer sobre a formação do pensamento geográfico de Reclus. Almeja-se identificar o nível de envolvimento do geógrafo francês com o contexto histórico e social de sua época, qual sua posição ideológica e qual é seu engajamento político, e como eles estão alinhados ao entendimento que este faz de sua geografia. Outra questão a ser discutida refere-se a como suas experiências espaciais vão contribuir com a formação das narrativas geográficas, com a identificação de sua personalidade diante do mundo, dos objetos e das relações sociais, como também o amadurecimento de sua ação política. O que se encontra no percurso político reclusiano, que é fruto das experiências geográficas? Por outro lado, o que se encontra na sua escrita geográfica que é fruto das experiências políticas?

Em Reclus não há evidente cisão entre sua geografia e sua vida, nem entre a forma como ele experimentou geograficidades diversificadas e como ele contou essas narrativas, nem entre a forma como ele se posicionou diante das questões de ordem social e política com o grau de seu engajamento com as problemáticas evidentes de sua época. É porque ele encarou a vida e a política de forma semelhante ao que Onfray (2001, p. 14) classifica de *biografia existencial*, no qual “o hedonismo está para a moral assim como o anarquismo está para a política: uma opção vital, exigida por um corpo que se recorda [...]”. Pois ele “não imagina uma filosofia sem o romance autobiográfico que a torna possível”. Desse modo, Onfray (2010, p. 25) busca demonstrar que a história da filosofia buscou separar a vida da obra do autor, e esse exemplo também serve para alguns casos da geografia, havendo a necessidade de coloca-los de volta ao mundo material, pois essa cisão levava à mitificação do sujeito e à leitura genérica ou superficial de sua obra.

Donde a necessidade de uma íntima relação entre teoria e prática, reflexão e vida, pensamento e ação. A biografia de um filósofo não se resume ao simples comentário das suas obras publicadas, mas à natureza da ligação entre seus escritos e seus comportamentos. Somente o conjunto se chama uma obra. Mais que qualquer outro, o filósofo tem o dever de manter ligados esses dois tempos, com tanta frequência opostos. A vida alimenta a obra, que, por sua vez, alimenta a vida. [...]

A teoria propõe uma prática, visa uma prática. Fora disso, ela não tem nenhuma razão de ser. Numa lógica nominalista, as palavras servem de maneira utilitária e não são nada mais que instrumentos práticos. Não há religião do verbo.

E o que mais buscou Reclus em toda sua vida foi produzir uma obra alimentada de seu projeto existencial, alimentada de suas experiências geográficas e históricas, e que essa obra poderia ser revertida numa prática espacial, não a convertendo em uma *religião do verbo*, dando seu sentido nominalista, essencialmente utilitário, transformando devaneios em prática, retroalimentando sua vida rebelde e inquieta. O seu interesse não era transformar sua geografia na voz ativa do centro, a serviço da verbalização transcendental, ou da coerciva evolução do saber geográfico dirigido pela academia. Por isso é pluridiscursiva sua geografia (assunto que será detalhado à frente), pois estava sendo feita de vida, de suor, alegria e prazer, de sangue, de luta e de liberdade, para ser útil para a mesma vida de suor, sangue, luta, alegria, prazer e liberdade que ela foi gestada. Não era para ser uma geografia de gabinete, que somente compusesse o edifício acadêmico ortodoxo e as práticas opressoras do capital e do Estado, era para ser desde o início uma geografia dissidente, guardada a devida forma de radicalidade para a época, presente na geograficidade das lutas sociais de

transformação do espaço. É dessa negligência que se lamenta nesse trabalho, não somente da impermeabilidade montada pela academia, mas da impossibilidade de ter levado essa obra, e conjuntamente a geografia como um todo, à práxis científica e social.

De um modo geral, ocorre a permanência de duas formas de produção do conhecimento: “uma prática teórica de gabinete, e um engajamento existencial na vida cotidiana” (ONFRAY, 2010, p. 22). Isso é muito comum na geografia vivida por Reclus. Mas ele optou por fazer uma geografia que, embora científica, sustentada em modelos de explicação da realidade, na coleta de informações, no tratamento, discussão e apresentação de sínteses, na descrição, comparação, experimentação, quantificação e análise entre outros procedimentos, por sua vez, era essencialmente apregoada pela perspectiva do *engajamento existencial*, tendo os espaços e suas manifestações dialéticas de classes, e seu mergulho nesse oceano complexo do social, o substrato para a formação de seu ser e de sua geograficidade.

Essas duas formas de pesquisadores (a do geógrafo de gabinete e a do engajamento existencial), que têm maior impacto nas ciências humanas e sociais, com detalhe ao caso da geografia, pois o objeto de estudo é a própria realidade espacial que eles estão envolvidos; configura-se também no espectro pessoal do pesquisador viajante, cosmopolita nômade, que transpõem as seguras fronteiras nacionais, envolvendo-se com diversas culturas e conhecendo distantes lugares; e do pesquisador sedentário, presente no fortalecimento do saber, na configuração de refinadas sínteses, na promoção e divulgação dos resultados, amante da identidade nacional ou regional, dos costumes locais, por estar envolvido pela perspectiva patriótica nacionalista. Essa modalidade de pesquisador teve menor evidência no século XIX comparada aos séculos anteriores, principalmente aos séculos XVII e XVIII, ocasião em que amplas explorações geográficas foram conduzidas por inúmeros viajantes naturalistas, artistas, cientistas, exploradores que se encontravam espalhados pelas diversas partes do mundo, principalmente, nas regiões de natureza tropical. Mesmo assim, encontra-se um Richard Francis Burton, espectro do viajante andarilho errante, profundamente desterrado e absorto aos sentimentos locais do nacionalismo inglês, procurando explorar as poucas áreas do mundo que ainda restavam a serem conhecidas e exploradas pelos impulsos ocidentais avassaladores.

No caso de Reclus, ele configura-se pelo espectro do viajante nômade, mas também em parte, no do pesquisador sedentário, comprometido com o desenvolvimento de seus projetos teóricos, suas metas, o necessário esforço de síntese e de apresentação

dos resultados. Mas até sua morte fez as duas coisas, onde nos últimos dez anos de sua vida tornou-se professor universitário, deixou sua obra concluída, mas não se eximiu de suas viagens, inclusive não morreu em casa, mas em Thourout, próximo a Bruxelas. “Plus tard, beaucoup plus tard, chacun se découvre nômade ou sédentaire, amateur de flux, de transports, de déplacements, ou passionné de statisme, d’immobilisme et de racines”²⁵ (ONFRAY, 2007, p. 10). No caso de Reclus, ele foi mais amador de fluxos do que apaixonado pelas raízes. Mas um não anula o outro, é originalmente os dois, e sua geografia é formada pelas duas bases, a do viajante e a do agente envolvido pelas questões cotidianas locais, caso de sua forte atuação na Confederação Juraciana, culminando em suas análises das comunas.

O mais importante é demonstrar que a geografia de Reclus foi sendo construída ao passo de suas experiências existenciais. Por muitas vezes, são desenvolvidos trabalhos que evidenciam com maior intensidade a vida política de Reclus, seu envolvimento com a militância e a participação nas lutas históricas emblemáticas do século XIX que ele viveu. Essas pesquisas fazem incisiva separação entre o contexto ideológico e o contexto da produção geográfica, descaracterizando a importância de se observar que o pensamento ideológico, do engajamento político, e o pensamento geográfico, do engajamento científico de Reclus são uma mesma coisa, pois ambos foram formados diante das mesmas inquietações. Evidentemente que, no discurso geográfico reclusiano, não se encontram tão explícitas noções ideológicas como é facilmente encontrado nos textos políticos. Mas sua geografia é essencialmente política, não de Estado, como magistralmente define Raffestin (1993), mas atenta à materialidade histórica das relações sociais, e ao mesmo tempo, é essencialmente engajada às questões de ordem ambiental, dimensionadas pelo debate das relações humanas com o meio geográfico.

Por isso é importante destacar que seu pensamento foi gestado através da experiência espacial, marcada pelo confronto entre o entendimento da natureza e os embates das lutas de classe, formando sua geograficidade de dissidência, que busca veicular o discurso das liberdades, da organização do espaço, do equilíbrio e da autogestão do território à práxis espacial.

²⁵ “Mais tarde, bem mais tarde, cada um se descobre nômade ou sedentário, amador de fluxos, de transportes, de deslocamentos, ou apaixonado pelo estatismo, o immobilismo e as raízes”.

2.1 Pensamento geográfico germinado na experiência espacial

O pensamento geográfico de Reclus fundamentalmente foi germinado na experiência espacial. Nesse sentido, na medida em que o pesquisador foi interagindo com o objeto de estudo ele foi formando sua compreensão do geográfico. Por sua vez, o geográfico não é suficientemente capturado somente pela experiência empírica; por isso, o geógrafo francês envolveu-se com as bases teóricas do mais importante centro acadêmico indicado para quem necessitasse estudar os fundamentos da geografia na primeira metade do século XIX: a Universidade de Berlim, tendo Karl Ritter como principal professor.

A partir dessa perspectiva, a geografia para Reclus é compreendida por essas duas condições inseparáveis: a experiência empírica e a experiência teórica. Essa perspectiva assemelha-se a discussão feita por Feyerabend (2011), que discorre sobre a condição do elemento teórico não se sustentar sem a experiência, e o objeto, por sua vez, não se torna inteligível sem a fundamentação teórica, que organiza, sistematiza e analisa as informações capturadas. Nesse sentido, Reclus vai buscar viver, experimentar, ter contato, interagir para sentir, como também vai investigar, analisar e entender para compreender o geográfico, que não se restringe somente ao empírico e nem somente ao teórico. Quando um sobressai sobre o outro o entendimento do que é geográfico fica comprometido como um todo. Por isso o exercício teórico e prático será o tronco balizador da contribuição do pensamento reclusiano para a geografia.

A noção de experiência espacial não está relacionada somente a ambiência empírica do pesquisador com o objeto, mas a condição ontológica do ser social, que existencialmente está sempre no mundo, na qual ele sempre será o ser-no-mundo – no sentido dado por Heidegger (2000) –, por não se separar da realidade espacial que está imbuído, por ter sua existência intrinsecamente vinculada às condicionalidades e intencionalidades do meio, que por sua vez, preenche esse mesmo meio, produzindo condicionalidades e intencionalidades, e nesse processo contínuo, transforma seu eu e transforma seu ser social pelas necessárias associações que o meio empreende, conforme abaixo demonstra Massey (2009, p. 26).

A imaginação do espaço como uma superfície sobre a qual nos localizamos, a transformação do espaço em tempo, a clara separação do lugar local em relação ao espaço externo são todos meios de controlar o desafio que a espacialidade, inerente ao mundo, apresenta. [...] No entanto, as constantes associações deixam efeitos residuais. Desenvolvemos meios de incorporar uma espacialidade à nossas maneiras de ser no mundo, aos modos de lidar com o desafio que a enorme realidade do espaço projeta. Produzidos por e envolvidos

em práticas, das negociações cotidianas às estratégias globais, esses engajamentos implícitos de espaço retroalimentam e sustentam entendimentos mais amplos do mundo.

Nesse sentido, a experiência espacial é também uma condição de *práxis*, em virtude de que todo indivíduo ao se reconhecer enquanto parte integrante do meio, ao identificar sua condição intrínseca de intencionalidade, compreende que viver é essencialmente criar e transformar, e através da capacidade, advinda do conhecimento científico legado pela geografia, da cognoscibilidade do mundo e de seus fenômenos dinâmicos, do trabalho humano como eterno transformador do espaço, projeta-se sobre o mundo pelo signo da *polis*, pela condição de agente transformador. Então, o indivíduo recebe os estímulos do mundo ao vivenciá-lo, para nele se reconhecer, e estimula, por sua vez, o mundo que vivencia para mudá-lo.

Através de sua experiência espacial Reclus projeta sua obra, que funciona como teoria dessa prática espacial, narrativas do mundo que almeja a reconciliação do ser humano com ele mesmo e com a terra, nos trilhos do humanismo fraternalista universal. A experiência espacial em Reclus é empírica, é teórica e é também política, conforme foi demonstrada, por isso ela é também dimensão do social, por isso o espaço reclusiano é intrinsecamente social.

Souza (2000, p. 114) diz que “sob um ângulo mais abrangente, o espaço social pode ser visto como fruto das *relações sociais*, incluindo-se aí, além da transformação material pelo processo de trabalho, a territorialização através de projeções de poder e a atribuição de significados culturais”. Dessa forma, a experiência espacial que Reclus projeta em sua obra, por ser oriunda de suas experiências existenciais, está dotada do significado social e das suas múltiplas atribuições.

Soja (1993, p. 100) tenciona sua discussão para a importância da “distinção entre o espaço *per se*, o espaço como um dado contextual, e a especialidade de base social, o espaço criado da organização e da produção sociais”. Neste sentido, a experiência espacial de Reclus está imbuída da compreensão de espaço enquanto dado contextual, mas que se projeta, através de sua obra e das lutas sociais que ele envolveu pela espacialidade de base social. Pois, “o espaço socialmente produzido é uma estrutura criada, comparável a outras construções sociais resultantes da transformação de determinadas condições inerentes ao estar vivo, exatamente da mesma maneira que a história humana representa uma transformação social do tempo” (SOJA, 1993, p. 102).

Para continuar buscando entender a forma como o pensamento geográfico de Reclus foi gestado na experiência espacial é importante destacar que ele foi fecundado

da sua experiência com a natureza e com as lutas de classe, fundamentando sua geofricidade libertária, que é a expressão do saber enquanto prática social, e enquanto movimento de autonomia do indivíduo, integrando, e não separando mais, as relações entre o sujeito e o objeto, pelo viés da intencionalidade do meio. Santos (2004) destaca a importância do papel da intencionalidade como revisora da forma de produção do conhecimento, na qual “essa noção é igualmente eficaz na contemplação do processo de produção e de produção das coisas, considerados como um resultado da relação entre homem e o mundo, entre o homem e seu entorno” (SANTOS, 2004, p. 90), e em decorrência disso, “a intencionalidade seria uma espécie de corredor entre sujeito e o objeto” (SANTOS, 2004, p. 91). E esse é o sentido de percorrermos elementos marcantes da vida de Reclus, a forma como ele reagiu e atuou enquanto promotor de intencionalidades na construção de uma geografia que é essencialmente vida, teoria e prática.

2.2 A natureza e a luta de classe como fonte da geografia reclusiana

A formação do pensamento de Élisée Reclus ocorrerá até os últimos dias de sua vida, não cessando nem mesmo diante dos sinais de esgotamento de suas forças vitais, sendo composto por diferentes abordagens, conceitos e métodos de investigação e de explicação do caráter geográfico das ações humanas sobre a Terra. Mas o elemento demarcador da origem desse pensamento insubmisso e inquieto é a natureza e toda uma vida de experiências, investigações e busca de desvendamentos, desmistificação e explicações; por outro lado, cabe-se à luta de classe, engajada, revolucionária, fonte de contestação ao poder e à opressão às liberdades também referência fundadora a esse pensamento rebelde. Esse dois elementos se juntam para formarem a síntese do pensamento geográfico socioambiental libertário de Reclus, aqui denominado de geofricidade libertária.

No esforço de buscar estabelecer uma organização sistemática dessa vida tão intensa e produtiva de Reclus, buscou, nesta pesquisa, basear-se nas biografias realizadas por Nettleau (1928), Sarrazin (1985) e Giblin (1986), propondo a periodização da vida do geógrafo anarquista em seis etapas, na tentativa de melhor abordar os intensos 75 anos por ele vividos. A primeira etapa, segundo a periodização de Giblin (1986), estende-se de 1830 a 1851: *Los Orígenes y la Juventud de Eliseo Reclus*; a segunda vai de 1851 a 1857: *El Primer Exilio y América*; a terceira é de 1857 a 1872, chamada de *Estancia en Francia*; na quarta, de 1872 a 1890, destacando o *Segundo*

Exílio de Reclus: Suíça, na sexta e última, que ocorreu de 1894 a 1905, denominada de *Bélgica*, o destaque desse período é para os últimos anos da vida de Reclus, marcada pela atividade docente e diversas viagens.

Seguindo essa mesma sistematização acima, somente mudando o nome desses períodos, coloca-se a proposta de verificar o quanto os conceitos natureza e luta de classe, e conseqüentemente, o envolvimento prático com esses fenômenos foram decisivos na origem, formação e desenvolvimento do jeito reclusiano de pensar a geografia.

2.2.1 Saindo de casa em busca de experiências geográficas (1830 a 1851)

Nesta primeira etapa é importante destacar o que contribuiu com a formação do pensamento geográfico de Élisée Reclus, buscando não fazer nenhuma biografia de sua vida, baseando-se nos bons trabalhos já anteriormente realizados, almejando ao contrário, somente destacar traços ou acontecimentos marcantes da vida e não tentando reconstruir detalhadamente a trajetória do geógrafo.

Jean Jacque Élisée Reclus nasceu em Sainte-Foy-la-Grande, na Gironda, em quinze de março de 1830, região predominantemente rural, numa numerosa família de pai pastor protestante e mãe professora. Seu pai, Jacques Reclus, era conhecido por ser “un hombre dotado de una personalidad fuera de lo vulgar, esencialmente preocupado por su vida religiosa, obnubilado por el respecto debido a la letra de las Santas Escrituras” (GIBLIN, 1986, p. 13). Sua inflexibilidade moral, sua força de caráter incorruptível obrigava quem vivesse próximo a se submeter ao obsessivo dogma da aversão ao pecado e do temor do inferno. Por outro lado, almejava a justiça e a liberdade como valores incontestáveis, por isso não se submeteu ao novo cargo que havia lhe determinado, porque iria depender de remuneração do Estado, então se mudou para as proximidades de Orthez, onde criou uma comunidade protestante. “La fuerza de carácter de su padre, su espíritu independiente su inflexible consciencia, dejarán impresa en Eliseo una profunda huella a lo largo de su vida seguirá su ejemplo (GIBLIN, 1986, p. 14). Por esse lado Reclus obteve grande influência de seu pai no que tange a insubmissão ao poder de qualquer espécie, principalmente ao do Estado, a busca incansável, quase que religiosa pela justiça e pela liberdade, podendo afirmar que o protestantismo enquanto comportamento moral, e não enquanto instituição religiosa, marcará sua vida até os seus últimos dias. Mas por outro lado, no que diz respeito a rigidez de costumes, a rudeza de comportamento e a inflexibilidade dogmática de

Jacques Reclus, transformando o ambiente familiar em um lugar não muito amistoso, isso levava Élisée a não ter boas relações com seu pai. Ele atenuava essa relação conflituosa passando muito tempo em contato com a natureza, por viver na zona rural, observando os fluxos dos rios, a transformação das plantas ... Nos três volumes organizados de cartas enviadas por Élisée, com mais de 300 páginas cada, somente duas são diretamente direcionadas a seu pai, e as outras, grande parte delas, a sua mãe, que pela inflexibilidade do pai encontrava nela o inverso de ternura, sua confidente e maior conselheira por ser profundamente compreensiva. Na carta enviada para seu pai em novembro de 1856, Élisée (RECLUS, 1911, t. I, p. 148, 149) demonstra o quanto é conflituosa sua relação com o patriarca da família.

Je reçois seulement aujourd'hui la lettre touchante que tu m'avais écrite dès la fin de l'année dernière, et c'est avec une profonde reconnaissance, presque avec un sentiment d'humiliation que je l'ai lue et relue, pour la lire et la relire encore. [...]

Telle est aussi; je l'avoue, la grande raison qui m'a empêché de revenir en France. Te revoir et t'embrasser serait une bien douce chose, et faire le tour du monde n'est rien pour aller jouir d'un moment semblable, mais dans ces premiers embrassements et dans tes premières paroles, n'y aurait-il pas quelque chose de triste et de poignant qu'aucun élan d'amour de ton fils pour toi ne pourrait alléger? Et puis ma présence ne serait-elle pas comme un remords vivant? mes paroles, mes actions, le souffle de ma vie morale seraient une souffrance pour toi. Non, il vaut mieux que je reste à part et que mon amour de fils ne soit pas sans cesse contrarié par la tristesse de te déplaire.²⁶

Em contrapartida, sua mãe, Zéline Trigant, será a principal mulher, dentre as diversas outras presentes na sua vida, que participará ativamente de suas decisões, aconselhando suas atitudes, confidenciando seus projetos. Reclus admirava enormemente a força e a altivez de sua mãe, a forma aberta e flexível como enxergava suas atitudes, além de ter fundamentado profundamente o sentimento de liberdade em sua vida. No interessantíssimo trabalho *Les Femmes Reclus* de Auzias (2009) é explicitado o quanto Élisée estava em contado com sua mãe nos momentos mais marcantes de sua vida, além de ter vivido rodeado pelas irmãs, que trabalhavam com ele contribuindo com traduções, organização de material e publicações, além de suas esposas, não podendo deixar de falar do seu primeiro envolvimento amoroso, ocorrido

²⁶ Eu recebi somente hoje a carta tocante que você me tinha escrito desde o fim do último ano, e é com um profundo reconhecimento, quase com um sentimento de humilhação que eu a li e reli, por lê-la e relê-la ainda. [...]. Esta é também, eu confesso, a grande razão que me impede retornar a França. Te rever e te beijar seria uma doce coisa, e fazer a volta ao mundo não é nada para ir gozar de um momento semelhante, mas nestes primeiros cumprimentos e nas tuas primeiras palavras, não as teria qualquer coisa de triste e de mordaz e nenhum impulso de amor de teus filhos por ti nem poderia te iluminar? E após minha presença ela não será como um remorso vivido? Minhas palavras, minhas ações, o sopro de minha vida moral seria um sofrimento para ti. Não, é melhor que eu fique à parte e que meu amor de filho não seja constantemente contrariado pela tristeza de te desagradar.

com a senhorita Fortier, uma mestiça que conheceu na ocasião de sua estada em Nova Orleans, e por ela ser filha de um agricultor escravagista ele a abandonou, optando por manter os princípios políticos acima dos pessoais. Posteriormente casou-se com Clarice Brian, que faleceu no parto junto com o terceiro filho, em 1869, contraindo em seguida uma união livre com Fanny Lherminiez, que chegou a falecer quatro anos mais tarde, em 1874. “Cette union semble avoir concrétisé un idéal égalitaire de pensée chez notre géographe”²⁷ (AUZIAS, 2009, p. 14), pois essa foi a esposa que melhor congregou sua forma de pensar revolucionária às ideias de Élisée. A sua terceira esposa chamava Ermance Trigant-Beaumont, união que iniciou em 1875 e durou por mais de 30 anos. Quase no final da vida de Élisée, Ermance vem a óbito e ele não fica solitário, une-se com Florence de Brouckère, união que será responsável por grave ruptura familiar entre ele e seus irmãos.

Élisée n’aime pas le célibat. La vie solitaire lui pèse. Il n’entend rien à la gestion d’une maisonnée. Ses douleurs sucessives sont toujours suivies promptement d’un pari sur la vie. Élisée Reclus est un bon vivant. Il ne se laisse pas piéger par “mélancolie” comme il l’écrit lui-même, et dans le souci également de ses fillettes, choisit une vie familiale animée, avec de nombreux amis de passage, l’innombrable famille, les visiteurs professionnels qui se pressent avec le temps qui avance, enfin, les camarades politiques qui partagent ses idées²⁸ (AUZIAS, 2009, p. 14).

Retornando aos acontecimentos da primeira fase da vida de Élisée, aos treze anos de idade, não suportando a atmosfera familiar estabelecida pelas divergências com seu pai é enviado para a Alemanha, com seu irmão Elie, para estudar numa escola religiosa em formato de internato, sob a ingerência de Jacques Reclus, na intenção de transformar os filhos em pastores. Os irmãos Reclus não seguiram a carreira eclesiástica, retornando um ano após a partida, mas aproveitaram o conhecimento e a experiência de estarem pela primeira vez longe de casa, além de Élisée ter rapidamente aprendido as línguas acadêmicas latim e grego, como também aprendeu com os colegas o holandês, o alemão e o inglês. Essa facilidade por aprender línguas foi decisiva no futuro de Élisée no que tange sua vida de incansáveis viagens que realizará, e possibilitará a constante busca do que Nettlau (1928) chamou de *humanismo universal*, que se inicia por sua característica existencial cosmopolita, gestada nesta primeira

²⁷ “Esta união parece ter concretizado um ideal igualitário no pensamento de nosso geógrafo”.

²⁸ Élisée detesta o celibato. A vida solitária lhe pesa. Ele não entende nada da gestão de uma casa. Suas dores sucessivas são sempre seguidas rapidamente de uma aposta sobre a vida. Élisée Reclus é um *bon vivant*. Ele não se deixa tomar pela “melancolia” como ele mesmo escreve, e na preocupação igualmente de suas meninas, escolhe uma vida familiar animada, com numerosos amigos de passagem, a inumerável família, os visitantes profissionais que se apresentam com o tempo que avança, enfim, os camaradas políticos que compartilham suas ideias.

experiência fora de casa, constituindo em si os fundamentos para a sua personalidade libertária e sua vocação geográfica.

Esse primeiro regresso à França feito por Élisée possibilitará a conclusão dos estudos secundários no colégio protestante de Sainte-Foy-la-Grande, mantendo o desejo do pai de que seus filhos fiquem perto da família e siga o protestantismo. Mas em virtude dos irmãos Reclus terem conhecido um comerciante local de Sainte-Foy que havia sido operário em Paris e havia participado ativamente das agitações sociais de 1830 e seguintes, suas tendências ideológicas foram mudando gradativamente. Os irmãos Reclus deleitaram-se com a biblioteca desse comerciante através da leitura dos clássicos do socialismo como Proudhon, Owen, Saint-Simon, Fourier além de Augusto Comte, Leroux, Lamennais entre outros (SARRAZIN, 1985).

**Quadro 09: Traços biográficos vivenciados por Élisée Reclus (1830 a 1851):
Saindo de casa em busca de experiências geográficas**



Organização: José Vandério Cirqueira Pinto – 2014.

Essa proximidade com o socialismo foi decisiva na vida de Élisée, mudando o curso de seus sonhos e vontades para o sentido da luta pela justiça e o fim das desigualdades, reforçando os princípios de liberdade e de justiça legados pelo protestantismo no cerne de sua família, mas aproximando a perspectiva laica das suas noções políticas pessoais, fazendo-se notar que os princípios humanos que encontrava no protestantismo estavam presentes na causa socialista e que os princípios morais do primeiro era um contrassenso para a luta pela liberdade e a igualdade social. Um trabalho que melhor aborda essa questão foi elaborado por Paul Reclus (1964), em que enfoca esse processo de transição e ruptura ideológica e religiosa nos irmãos Élie e Élisée.

Bem mais tarde, em *L'Homme et la Terre*, Reclus (1905) vai discorrer longamente sobre a origem do protestantismo e seus princípios. Nota-se, a partir dessa abordagem, que apesar de seu ateísmo declarado, ainda no final de sua vida ele considera o ideal de liberdade e de enfrentamento do controle estatal, a busca pela autonomia individual e pela obra pessoal de evolução como sendo legados principais do protestantismo frente ao atraso moral, político e social causado pelo catolicismo medieval, mas que na sua reflexão, eles não originaram da revolução luterana, mas das antigas comunas autônomas de comerciantes e pequenos produtores artesanais e industriais que combatiam as formas de controle do Estado, em busca da autonomia e da evolução local. E nesse sentido, Reclus destaca que o protestantismo usufrui dessa precondição revoltada para conceber a reforma, neutralizando o que viria à frente, uma revolução social.

Élisée e seu irmão Elie seguiram com empolgação os acontecimentos da revolução de 1848 e aderiram sistematicamente às ideias republicanas, por sua vez, um republicanismo libertário, sob a égide proudhoniana do federalismo e mutualismo. Élisée via o controle do Estado através da representação de um único membro confortavelmente empoeirado como sério problema para a conquista das justiças sociais, para isso, era adepto da defesa das associações livres socialmente organizadas e o parlamento equalizaria suas forças aos desejos dessas estruturas confederadas.

Destoando deste contexto, os irmãos Reclus planejam se inscreverem na faculdade de teologia protestante de Montauban na intensão de não desagradar seu pai, entretanto o que ficou mais marcante na memória deles, recordada por Elie no final de sua vida, foi a primeira viagem exploratória que fizeram pela Europa. Eles saíram a pé de suas casas com destino ao Mediterrâneo, caminhando pelo maciço montanhoso de Cevenas, sendo tomados de assalto pelas paisagens prazerosamente observadas. Essa é a primeira experiência geográfica marcante na vida de Élisée, não considerando a primeira viagem a Alemanha feita para os estudos, pois ela não tinha esse propósito de deleitar-se com as fervilhantes formas da paisagem que pulsavam sobre sua existencialidade. Por toda a vida de Élisée ele considerará a observação da paisagem como fundamento primordial para os estudos geográficos, no qual é o *a priori* do desvendamento da realidade que o envolve. Pois, “Toute route rocailleuse est douce quand au bout on aperçoit les vagues sauvages de la mer ou le bleu des Pyrénées”²⁹ (RECLUS, 1911, t. 1. p. 28). Os irmãos Reclus ao escolherem fazer essa riquíssima

²⁹ “todo caminho pedregoso é doce quando ao fundo a gente avista as ondas selvagens do mar ou o azul dos Pireneus”.

viagem que muito acrescentou às suas consciências espaciais, principalmente no entendimento inicial da dinâmica física do mundo e no reconhecimento das diferenças na configuração da paisagem pela ação humana, foram expulsos da faculdade protestante. Esse era o alibi que eles estavam buscando criar para fugir do contexto de ensino protestante elaborado pelo pai. É nessa viagem que brota no sentido mais íntimo de Élisée seu desejo pelos estudos geográficos e por isso irá procurar sair de casa novamente para alcançar esse novo sonho, que veio substituir o sonho que Jacques o impunha.

Para ser formado todo o pensamento geográfico de Élisée e para ele transformar-se no grande geógrafo que foi rupturas graduais foram acontecendo em sua vida. Primeiro o protestantismo foi sendo abalado pela laicidade socialista. Sua perspectiva republicana foi adquirindo traços libertários, e seu entendimento de ser humano e de vida foi sendo sintetizado pela necessidade constante das experiências geográficas; ou seja, o homem e a mulher se formam e se engrandecem na construção da relação com a Terra baseada na consciência universal quando se lançam no mundo em busca do mergulho existencial das experiências por ricas paisagens, por organizações espaciais alternativas e diversificadas diante de diferentes identidades regionais, além de reconhecerem sua equivalência ontológica com a natureza, na negação da condição extramundana trazida pelas religiões monoteístas. Essa noção assemelha-se muito ao debate da ontologia do ser realizado pela *episteme* fenomenológica-existencial no interior da geografia, caso de Fremont (1976), sob a atmosfera da noção de *ser-lançado*, e *ser-em* de Heidegger (2000), fundamento filosófico que deu base a toda a geografia humanística, que vê na situação de condicionalidade mulher/homem-meio o sentido de geograficidade que constrói as relações de significação e identidade do grupo social.

Em decorrência das dificuldades financeiras da família Reclus, Élisée buscou ganhar sua vida aceitando “un puesto de profesor particular en el colegio protestante de los Hermanos moravos en Neuwied y en 1849 regresó a Alemania mientras Elías terminaba sus estudios de teología en Estrasburgo” (GIBLIN, 1986, p. 16). Élisée não suporta a hipocrisia e o conservadorismo dos dirigentes religiosos de Neuwied e sai do emprego com destino a Berlim em 1851, inscrevendo-se na universidade da capital alemã. Buscava estudar numa das mais conhecidas universidades da época, que acumulou fama pelas aulas de Hegel na primeira metade do século, e tinha em Ritter o primeiro professor de geografia universitária, além de muitos outros professores renomados. Cerca de 120 professores no total, segundo aponta Reclus, possibilitavam o ensino de qualidade da Universidade de Berlim. Por isso, em carta à sua mãe de 1851,

ele diz: “Je suis dans une université allemande, à Berlin. D’abord, je pensais aller à Leipsig, ou bien à Halle; mais là je n’aurais trouvé peu de professeurs réellement savants, peu de livres à ma disposition, peu de moyens de me tirer d’affaire”³⁰ (RECLUS, 1911, t. I, p. 31).

Almejando realizar seu sonho de ser geógrafo, que nasceu da andança até o Mediterrâneo, Élisée acompanhou os cursos de Ritter denominados de *Descrição da Terra*, onde adquiriu apressado pelo procedimento metodológico corográfico, no estudo comparativo da diferenciação das paisagens, além de ter cursado as aulas de economia política com o professor Schmidt entre outras. A base de formação de seu pensamento sustentou nos estudos da natureza, das configurações da paisagem e dos elementos físicos da Terra, como no estudo das ações históricas da sociedade e no pensamento econômico e político. Com relação aos estudos teológicos, ministrados pelo professor Mitsch, com a disciplina de dogmática, foram sendo cumpridos sem muita vontade, somente por obrigação, além de estar construindo mentalidade adversa aos dogmas religiosos e, em especial, protestantes, conforme ele demonstra em carta enviada para sua mãe em abril de 1851, onde aponta a consciência pessoal livre e o amor próprio como sentido motivador da ruptura com a carreira de pastor que o pai tanto queria:

Cette année d’intervalle dans mēs études a mis un terme à toutes mes hésitations et je suis fermement décidé à ne suivre, dans cette conjoncture comme dans toutes les autres, que la cri ma conscience. Je ne puis concevoir comment des professeurs assembles, comment des fidèles même pourraient me conférer le droit de prêcher l’Evangile, et je n’accepterai jamais aucune espèce de consécration quelle qu’elle soit, car je n’y vois autre chose qu’un papisme déguisé et incohérent. Por moi, qui accepte la théorie de la liberte en tout et por tout, comment pourrais-je admettre la dominations de l’homme dans un coeur qui n’appartient qu’à Dieu? Comment d’autres pécheurs j’ai résisté à tous mēs petits désirs d’amour-propre et c’est pour cela que je dis maintenant: “Je ne veux, ni ne peux, ni ne dois être pasteurs.”³¹ (RECLUS, 1911, t. III, p. 2 e 3).

Mais abaixo, na mesma carta, Reclus (1911, t. III, p. 4) demonstra o quanto seu republicanismo é libertário, marcado pelas perspectivas da autonomia individual

³⁰ “Estou em uma universidade alemã, em Berlin. De início, eu pensei ir para Leipsig, ou ainda para Halle; mas lá teria encontrado poucos professores realmente sábios, poucos livros à minha disposição, poucos meios de me lançar ao ofício”.

³¹ Este ano de intervalo em meus estudos tenho posto um termo a todas minhas hesitações e estou firmemente decidido a não seguir, nesta conjuntura como em todas as outras, senão o grito de minha consciência. Eu não posso conceber como uma junta de professores, como mesmo os paroquianos poderão conferir-me o direito de pregar o Evangelho e eu não aceitarei jamais nenhuma espécie de consagração qualquer que seja, pois não vejo nele outra coisa que um papismo disfarçado e incoerente. Para mim, que aceito a teoria da liberdade em tudo e para tudo, como eu poderia admitir a dominação do homem em um coração que pertence somente a Deus? [...] Eu resisti a todos os meus pequenos desejos de amor próprio e é por isso que eu digo agora: “eu não quero, nem posso, nem devo ser pastor”.

difundidas por Godwin, Mill e Stirner, e o quanto que a ruptura com o protestantismo está ligada ao fortalecimento de sua autoconsciência e a busca ontológica pela liberdade irrestrita. Mais tarde, gradativamente o republicanismo libertário vai se alterando para o anarquismo coletivista, em decorrência de seu contato com Bakunin no terceiro quartel do século XIX.

Un temps viendra où chaque homme sera son propre roi et son propre pasteur, où chacun offrira l'encens à Dieu dans le propre temple de son corps et de son âme. [...] Entre les hommes il n'y aura plus que des rapports d'influence et d'amour; chacun parlera à son frère des idées qui agitent sa tête, des sentiments qui traversent son coeur; ces idées et ces sentiments pourrout germer en un chacun, sans avoir revêtu un caractere d'officialité et sans avoir été brevetés par un homme ou par réunion d'hommes, par un cosistoire ou par un troupeau. Il n'y aura plus d'homme qui gouverne ou conduise d'autres hommes, mais chacun agira sur son voisin et prêchera la vérité qu'il sent et qu'il croit.³²

Não se tornando pastor e a permanência das dificuldades financeiras de Élisée o levou a continuar dando aulas para ganhar a vida, aproveitando da grande quantidade de idiomas que consegue falar. Seu envolvimento com as ideias republicanas o faz afastar da restrita sociedade acadêmica alemã, juntando-se aqueles estudantes trabalhadores, convivendo em ambiente de efervescente discussão e embates políticos. Ao final do ano universitário Élisée abandona Berlim com destino a Estrasburgo. Lá se encontra com Elie e juntos fazem a segunda viagem a pé, de Estrasburgo até Orthez, na França, dormindo no campo, pedindo pouso, observando paisagens, convivendo com pessoas e diferentes lugares, numa andança que durou 21 dias durante o verão de 1851. Novamente essa experiência trará a Élisée profundas contribuições para sua leitura de mundo e o dará novo curso a sua trajetória existencial. Ao abandonar a carreira academicista, escolhe fazer a geografia fluir de dentro de si e do meio que o envolve, usufruindo da base teórica que recebeu na universidade, mas aliada às experiências geográficas, pois ele via a necessidade de equilibrar a relação entre teoria e prática, senão ficaria como seu mestre Ritter, profundamente envolvido com a teorização e o ambiente do gabinete, longe da espacialidade, onde a geografia se faz. Dessa forma, Élisée fundamentará sua geografia num profundo autodidatismo, desenvolvendo futuras

³² Um tempo virá onde cada homem será seu próprio rei e seu próprio pastor, onde cada um oferecerá incensos a Deus no próprio templo de seu corpo e de sua alma. [...] Entre os homens não terá mais relações de influência somente de amor; cada um falará a seu irmão ideias que saiam de sua cabeça, dos sentimentos que atravessam seu coração; estas ideias e estes sentimentos poderão germinar em cada um, sem ter revertido um caráter de oficialidade e sem ter sido diplomado por um homem ou por uma reunião de homens, por uma *consistoire* [assembleia de ministros protestantes] ou por um rebanho. Não existirá mais o homem que governa ou conduz outros homens, mas cada um agirá sobre seu vizinho e pregará a verdade que ele sente e na qual ele crê.

discussões sobre o ensino de geografia em contato direto com a geograficidade, perspectiva advinda do legado de Pestalozzi, via os ensinamentos de Ritter e a experiência geográfica de Humboldt.

Ao chegarem a Orthez ocorre o golpe de Estado de Napoleão III em 1851. A sublevação dos republicanos caídos após o golpe converte-se em movimento de resistência ao governo de Napoleão III, em que os irmãos Reclus se envolveram diretamente, principalmente Elie, que frequenta as reuniões noturnas que davam os rumos para as ações. Esse envolvimento custará a eles o primeiro exílio. “El alcalde de Orthez tiene orden de detener a todos los republicanos. Pero gracias a la gran estimación que merece la señora Reclus, ésta recibe un discreto aviso y logra reunir los 500 francos necesarios para la escapatoria de sus dos hijos” (GIBLIN, 1986, p. 18). Então eles se dirigem para Inglaterra, no sentido de prosseguir os estudos sociológicos, além de ser uma nação que recebia muitos outros refugiados.

Por um lado Élisée estava envolvido com as questões políticas mais atuais, e já com 21 anos foi exilado, correndo o risco de ser preso, se posicionando contra a opressão religiosa e do Estado monárquico. Por outro lado, lançava-se em profundos mergulhos nos estudos da natureza, da geografia como um todo, experimentando a diluição de seu ser provinciano aos diferentes espaços por ele vivenciado, em decorrência das andanças pela Europa, que não cessará por ai, pois a partir desse exílio Élisée buscará viajar para lugares mais distantes até o final de sua vida. Então ele mergulhou profundamente nesses dois oceanos da consciência, o da experiência geográfica, direcionado ao trabalho científico, e o da experiência política, direcionado à *práxis social*.

Esses primeiros 20 anos de sua vida fundamentarão a consciência conjunta do geógrafo e do anarquista no futuro próximo, duas condições indistintas no seu ser, na qual o conhecimento do mundo pelo cosmopolitismo possibilitará o desvendamento do sistema natural da Terra, possibilitando o entendimento de como a mulher e o homem reagem e agem, participam, modificam, transformam, constroem e destroem relações sobre a sua superfície, produzindo história ao transformarem o espaço. O trabalho do geógrafo então está ligado ao desvendamento dos fenômenos manifestos na superfície terrestre, que por sua vez, ao buscar entender o mundo através da vivência e das técnicas científicas, os seres humanos transformam suas condições subjetivas e incitam a transformação social através do engajamento político, e por isso, a eterna busca pela liberdade é o sentido ontológico dos seres na visão reclusiana, que olham para a

necessidade de comporem uma consciência humanista universal, rompendo as barreiras limitadoras das escalas geográficas microcósmicas.

2.2.2 Andanças e utopias no Novo Mundo: desconstruindo a divinização da natureza (1851 a 1857)

Antes de ir até a Inglaterra, Élisée escreveu seu primeiro texto dedicado a discutir a anarquia, denominado de *Desenvolvimento da Liberdade no Mundo*, que só foi publicado postumamente em 1925. Neste texto Reclus (apud GIBLIN, 1986, p. 33) ainda não discute explicitamente o anarquismo como sistema alternativo de pensamento político, mas confere proposições sobre a anarquia enquanto ideal humano da liberdade, por isso sua anarquia é metafísica, nesse momento.

Así, pues, en resumen, nuestra finalidad política en cada nación particular es la abolición de los privilegios aristocráticos, y en la tierra entera es la fusión de todos los pueblos. Nuestro destino es el de llegar a este estado de perfección ideal donde las naciones no tendrán ya más necesidad de estar bajo la tutela o de un gobernador o de alguna otra nación; es la ausencia de gobierno, es la anarquía, la más alta expresión del orden.

Pero la libertad política no es nada sin las otras libertades, no es nada sin las libertades sociales. ¿Esta palabra libertad puede, acaso, tener un significado para aquellos cuyo sudor no basta para comprar el pan de la familia, para esos obreros que extraen nuevos sufrimientos de las revoluciones que ellos mismos hacen?

Nesta citação encontra-se a célebre frase: *a anarquia é a mais alta expressão de ordem*. Com essa frase Reclus aniquila qualquer espécie de má interpretação acerca da anarquia enquanto desordem, caos ou bagunça, tencionando seu significado ao sentido de contestação da ordem autoritária, que produz a desordem ao sustentar-se na exploração e no poder. A anarquia, ou seja, o abandono da opressão, do controle soberano e do poder explorador, é a maior expressão da auto-organização dos indivíduos e do espaço, pois, aparentemente contraditória, a ordem só é possível na liberdade. Segundo Enckell (2009) esse texto originário de Reclus sobre a anarquia será o fundamento principal das discussões da forma alternativa de pensar o socialismo no terceiro quartel do século XIX, principalmente em decorrência de sua vinculação a noções autoritárias, por isso ele aponta Reclus como o *inventor do anarquismo*, ou seja, um dos primeiros a propor sua distinção entre socialismo autoritário e libertário, por ser ao mesmo tempo um sistema alternativo de ideal humano e de política, como também, por ter desvinculado o sentido pejorativo de desordem às políticas ácratas.

Os irmãos Reclus chegaram a Londres em 1º de janeiro de 1852. Mas rapidamente seus esparsos recursos logo se findaram, passando assim, novamente, graves dificuldades financeiras. Élisée, não conseguindo classes para dar aulas por conta de ser um exilado, aceitou com entusiasmo emprego na Irlanda, no condado de Wiclow, para trabalhar como uma espécie de técnico agrícola, tendo a função principal reorganizar uma propriedade rural e de melhorar a qualidade do uso da terra, cujo dono residia em Londres, conforme destaca em carta enviada a seu irmão Elie.

Ici, tout va bien. J'ai fait une girouette, j'ai bêché, hersé, ratissé, semé et surtout j'ai porté des pierres. Ici l'agriculture en est à peu près à l'état où elle était au temps des anciens Celtes.

Sur une propriété large comme un pays, il n'y a pas une seule charrue. Le sol ne se compose guère que de tourbe, et c'est à peine si l'on a fait quelques tentatives de drainage; rien ne serait plus facile que d'amender les terres au moyen des masses immenses de sable charriées par la Liffey, mais personne n'y a encore réfléchi.³³ (RECLUS, 1911, t. 1, p. 60).

Élisée Reclus aproveitou a oportunidade, pois iria viver em contato direto com a natureza, na zona rural, além de vivenciar na pele a dura relação entre a mulher, o homem e a terra, atitude que mudará sua noção sobre o papel da geografia como ciência da organização do meio pela ação humana. Reclus aproveita o tempo livre para explorar a geografia da Irlanda, percorrendo cursos de rios, andando em florestas, subindo montanhas e “en curso de esas peregrinaciones se siente profundamente alterado por la extremada pobreza de los habitantes” (GIBLIN, 1986, p. 20). Quatro anos antes a Irlanda havia passado por uma de suas maiores fomes, deixando sequelas profundas na sociedade, e Reclus passou a refletir acerca da relação entre a dominação imperial inglesa e a desigualdade na Irlanda, que refletiu diretamente na concentração da terra pelos proprietários ingleses em terras irlandesas, nos mecanismos de controle do trabalho e do valor da terra, e na exploração do povo irlandês, reproduzindo os processos de alienação dos camponeses, conforme demonstra em carta enviada a Elie.

Oui, tu le dis, de grandes choses se préparent; tout était mal commencé, comme certains corps qui son amorphes tant que la chaleur n'est pas suffisante, mais qui deviennent cristallins par quelques degrés de plus; ainsi la vie d'amour et de liberté n'était pas assez puissante pour transformer la société jusqu'à aujourd'hui; mais les gouvernements font *tabula rasa* de tous nos rudiments

³³ Aqui tudo vai bem. Eu tenho feito um cata vento, cavei, cerquei, consertei, calcei e, sobretudo usei pedras. Aqui a agricultura está próxima do estado na qual ela estava nos antigos tempos Celtas. Sobre uma propriedade extensa como uma região, não existe um único arado. O solo é composto quase que de tufa, e dificilmente se faz alguma tentativa de drenagem; nada seria mais fácil do que fertilizar as terras por meio das massas imensas de areia aradas pela Liffey, mas nenhuma pessoa ainda pensou.

tronqués, afin qu'ensuite nous puissions tout recommencer sur une nouvelle échelle³⁴ (RECLUS, 1911, t. 1, p. 55).

Esse período que Reclus passou na Irlanda marcará sua percepção acerca das infinitas possibilidades de análise existentes entre as relações dos homens com a terra, incluindo esse assunto como tema central em todas suas futuras produções teóricas. A relação do homem/mulher com a terra passou a ter conotação ontológica, sendo o fundamento da existência social no mundo. E essa compressão ontológica de Reclus acerca do homem/mulher na terra foi despertada em decorrência de sua estreita relação com a questão agrária irlandesa, que abriu precedentes para ele discutir as noções de dominação vinculadas ao substrato espacial que envolve.

De uma só vez, sua posição política ganhou convicções mais radicais, sendo levada até a defesa da anarquia, e seu entendimento de geografia compôs-se da perspectiva geopolítica, impressa pelo resultado da relação do homem/mulher com a terra, na qual, além de somente descrever a superfície e a dinâmica da natureza inter-relacionada com a ação humana, a geografia tem no seu poderoso objeto, até então a terra, o sentido das lutas de classe, como o agente motivador da dominação e da exploração.

A formação do pensamento geográfico reclusiano foi adquirindo mais elementos que compunha sua perspectiva inalienável da noção natureza/sociedade, mulher/homem/terra, saber/prática social, luta de classes/organização socioespacial. O contato com o desenvolvimento técnico industrial visto na cidade de Londres, a natureza desvendada e desdivinizada pelas andanças na Europa e a questão agrária irlandesa induziram Reclus a iniciar suas primeiras conjecturas de produção geográfica. Este contexto se aplica ao exemplo da construção de sua primeira grande obra *La Terre*, que foi iniciada em decorrência de seu contato com a natureza na Irlanda, longe dos gabinetes da geografia oficial, sendo concluída somente 15 anos depois, após ter vivenciado diversos outros lugares pelas viagens no continente americano, conforme destaca Reclus (1869, p. 2) no prefácio da mesma obra.

Le livre qui paraît aujourd'hui, je l'ai commencé, il y a bientôt quinze années, non dans le silence du cabinet, mais dans la libre nature. C'était en Irlande, au sommet d'un tertre qui commande les rapides du Shannon, ses flots tremblant sous la pression des eaux et le noir défilé d'arbres dans lequel le fleuve

³⁴ Sim, você o disse, grandes coisas se preparam; tudo estava mal começado, como certos corpos que tanto são amorfos que o calor não é suficiente, mas que tornam cristalinos por alguns graus a mais; assim a vida de amor e de liberdade não esteve bastante poderosa para transformar a sociedade até hoje; mas os governantes fazem *tabula rasa* de todos os nossos princípios truncados, a fim de que em seguida nós possamos recomeçar tudo sobre uma nova escala.

s'engouffre et disparît après un brusque détour. Étendu sur l'herbe, à côté d'un débris de muraille qui fut autrefois un château fort et que les humbles plantes ont demoli pierre à pierre, je jouissais doucement de cette immense vie des choses qui se manifestait par le jeu de la lumière et des ombres, par le frémissement des arbres et le murmure de l'eau brisée contre les rocs. C'est là, dans ce site gracieux, que naquit en moi l'idée de raconter les phénomènes de la terre, et sans tarder, je crayonnai le plan de mon ouvrage. Les rayons obliques d'un soleil d'automne doraient ces premières pages et faisaient trembloter sur elles l'ombre bleuâtre d'un arbuste agité.³⁵

Novamente, a dificuldade financeira o levou a partir em busca de novas perspectivas de vida, cada vez mais longe da França que o expulsou, cumprindo seus longos anos de exílio, em busca do novo mundo, pois tinha a intensão, juntamente com seu irmão, de criar sociedades ácratas, sabendo da riqueza dos solos, da natureza exuberante e da distância dos monarquismos europeus. Seu desejo de criar micro-sociedades libertárias advém das bem sucedidas experiências implantadas no norte da América, mais especificamente nos Estados Unidos, impulsionadas pelo socialista Owen, como também do modelo falansterista³⁶ de Fourier. Por sua vez, escolheu as regiões de natureza tropical, por acreditar na maior possibilidade de êxito em decorrência dos fatores físico-estruturais, mas também na capacidade positiva da mestiçagem dessas sociedades do novo mundo, além de estarem menos afetadas pelos absolutismos de Estado do velho mundo, conforme destaca Ferretti (2013a).

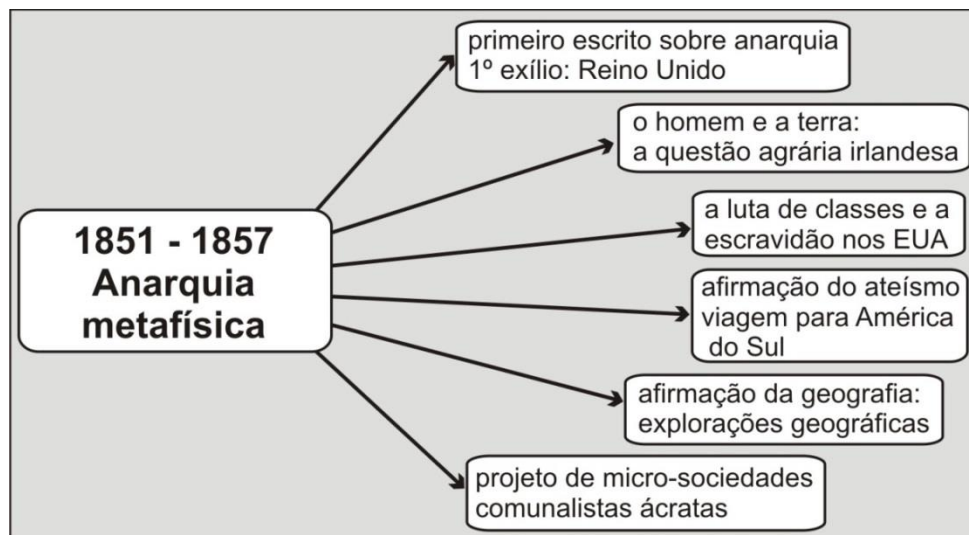
No final de 1852 Reclus partiu da cidade de Liverpool em um veleiro, trabalhando como cozinheiro para pagar a viagem, com destino à Nova Orleans. Mas seu objetivo principal era se instalar na América do Sul, em busca de construir o *paraíso ácrata*. Desde a passagem de Reclus por Londres, pela Irlanda, e depois sua chegada aos Estados Unidos, juntamente com as andanças que irá empreender pela América do Norte, Central, Caribe e do Sul possibilitará com seu retorno à França, a produção de diversos trabalhos iniciais, artigos de revistas, livros em formato de relatos

³⁵ O livro que aparece hoje, eu o comecei, há quinze anos, não no silêncio do gabinete, mas na livre natureza. Estava na Irlanda, no cume de um monte que comanda as velocidades do Shannon, seus fluxos trêmulos sob a pressão das águas e o escuro desfiladeiro de árvores em que o rio se enfia e desaparece após um brusco desvio. Estendido sobre a vegetação, ao lado de detritos de muralha que foi outrora um castelo imponente e que as humildes plantas têm demolido pedra por pedra, eu desfruto docemente dessa imensa vida de coisas que se manifestava pelo jogo de luz e de sombras, pelo estremecimento das árvores e o murmúrio da água batendo contra as rochas. É lá, neste lugar gracioso, que nasce em mim a ideia de narrar os fenômenos da terra, e rapidamente rascunhei o plano de minha obra. Os raios oblíquos de um sol de outono douravam estas primeiras páginas e faziam tremer sobre elas a sombra azulada de um arbusto agitado.

³⁶ Oriundo de falanstério. “Termo empregado por Charles Fourier para designar a organização social utópica por ele prevista: um grupo de cerca de 1 600 pessoas vivendo em regime comunista, com liberdade de relações sexuais e regulamentação da produção e do consumo dos bens (*Tratado de associação doméstica e agrícola ou teoria da unidade universal, 1822*)” (ABBAGNANO, 2000, p. 426).

de viagens, culminando na sua primeira grande obra, *La Terre*, conforme já foi destacado.

**Quadro 10: Traços biográficos vivenciados por Élisée Reclus (1851 a 1857):
Andanças e utopias no Novo Mundo - desconstruindo a divinização da natureza**



Organização: José Vandério Cirqueira Pinto – 2014.

O contato com os Estados Unidos, através da cidade de Nova Orleans, que possibilitou estabelecer diversas incursões no interior do território estadunidense, não tantas como queria, penetrando através do Rio Mississippi, impactará decisivamente em sua vida, no que tange à decisão de romper com qualquer religiosidade, assumindo seu ateísmo, que estava amordaçado pela influência familiar, mas que sempre esboçou dúvidas sobre a existência de Deus, e o choque pela avalanche de informações que saltavam a seus olhos nessas novas terras, ligado à organização e ao progresso técnico do norte do novo mundo, mas principalmente pelos enfrentamentos sociais representados no palco escravagista da exploração máxima dos homens.

Em virtude da incursão na diversificada espacialidade dos Estados Unidos Reclus de imediato tornou-se ateu e geógrafo conforme evidenciam Ferretti (2009) e Creagh (2011), e desta experiência espacial no novo mundo exótico fecundará a forma do pensamento tanto geográfico como anarquista do jovem francês, fazendo com que mais tarde esse pensamento amadurecesse mais, adquirindo originalidade e engajamento libertário, inovando a forma de pensar e de fazer geografia no século XIX, pois “la révolution reclusienne nous invite à une géographie qui met en contraste les grands

prédateurs internationaux face à une géographie de l'émancipation"³⁷ (CREAGH, 2011, p. 39), que manteve esse estilo engajado e libertário nascido das experiências estadunidenses até seus últimos dias de vida.

Chegando a Nova Orleans Reclus trabalhou em diversos ofícios até se assentar na propriedade rural do senhor Fortier, respeitado latifundiário escravagista da reigião. Não demorou muito, enamorou-se pela senhorita Fortier, a filha do patrão. Viajou pelo Mississipi até a região dos lagos, conheceu Chicago, estudou a sociedade sulista e a relação da luta de classe entre o norte e o sul dos Estados Unidos, rendendo-lhe diversos trabalhos sobre o assunto, sendo o principal denominado *Da Escravidão dos Estados Unidos* (RECLUS, 2010c) e *Le Mississipi et ses Bordes* de 1859. Segundo Douzet (2005, p. 69), essa viagem pelos Estados Unidos e a observação do espaço e da sociedade desse novo mundo foi o que mais o inspirou a desenvolver os trabalhos acima, “Reclus ne se contente pourtant pas d’opposer patrons et employés mais montre la compétition économique croissante entre les groupes sociaux, qui nourrit la xénophobie et la résistance à une immigration pourtant indispensable au développement économique et démographique du pays.”³⁸

O primeiro destes trabalhos foi publicado em duas partes na *Revue des Deux Mondes* em dezembro de 1860 o primeiro artigo, e segundo em janeiro de 1861, estando imerso no contexto da guerra civil que dividiu o país. Em seu conjunto, é um trabalho magistral no que se refere à crítica a escravidão, pelo seu posicionamento radicalmente abolicionista, expressando profunda posição libertária, que foi sendo fortalecida em decorrência das barbáries que vivenciou. O texto inicia-se com a comparação entre a exploração dos trabalhadores mineiros da Europa com a exploração do trabalho escravo na América, e Reclus (2010c, p. 30) destaca a relação de poder na apropriação do patrão sobre o escravo, em que “os negros são um capital para o proprietário, e este deve preservá-los de todo mal, a fim de extrair deles um lucro considerável”. Outro elemento fortemente destacado por Reclus está ligado aos frutos dessa exploração no embrutecimento do ser humano, na diluição de sua subjetividade e na eliminação do vigor pela vida, através do sistema de repressão amplamente abrangente em que o negro está submetido, sob as justificativas do Estado, por sua vez republicano, o levando a

³⁷ “a revolução reclusiana nos convida a uma geografia que coloca em contraste os grandes predadores internacionais em face de uma geografia da emancipação”.

³⁸ “Reclus não se contenta, no entanto [em suas análises], em somente opor patrões e empregados, mas em mostrar a competição econômica crescente entre os grupos sociais, que alimenta a xenofobia e a resistência a uma imigração, no entanto indispensável ao desenvolvimento econômico e demográfico do país”.

romper com essa linha de política e a se assumir anarquista, do capitalista e principalmente da igreja, o levando assumir seu ateísmo, transformando-o numa prática política libertária.

Os pastores brancos que os fortalecem na fé cristã expõem a mesma doutrina com mais autoridade. Eles recomendam aos negros que obedçam sem protestar, recebam os golpes de açoite sem experimentar o mínimo sentimento de vingança, abençoem aqueles que os golpeiam, veneram seus senhores como representantes do pai universal. É a essa obra de covardia e corrupção que se aplicam milhares de predicadores da boa nova: longe de empregar sua eloquência para fazer homens, eles tornam o escravo ainda mais escravo, o covarde ainda mais covarde, e na alma do negro rebelde acrescentam o medo do inferno ao medo do açoite. Assim, eles ganham seu salário de ministros de Deus vendendo as almas que lhes são confiadas. (RECLUS, 2010c, p. 58).

O contato com a barbárie da luta de classe entre brancos e negros condicionará o discurso libertário da revolta em Reclus, proporcionará sua tomada de posição ateia, além de fazê-lo notar que o estudo da geografia não deve ser distinguido das condições sociais e políticas, estando evidente ao longo do texto, que a escravidão está fortemente assentada sobre a condição da disputa pelo controle do território pela exploração da força de trabalho, configurando-se em dois países bem distintos: norte branco industrializado e sul negro agrícola.

Assim, essa terra de liberdade, essa terra para a qual, durante meio século, voltaram-se os olhos de todos os oprimidos da Europa, para a qual corre incessantemente um rio de homens buscando simultaneamente o bem-estar e a independência, essa terra deve ser eternamente a prisão de vários milhões de negros, a fim de assegurar aos brancos a felicidade que eles vêm buscar! (RECLUS, 2010c, p. 77).

O processo de desterramento que a mulher e o homem africano sofreu para ter seu trabalho explorado na América é para Reclus (2010c, p. 83) uma das mais dramáticas condições de sujeição da liberdade, principalmente porque ele não é visto como um componente cidadão da sociedade e do espaço que foi obrigado a desenvolver suas novas vidas.

Visto que os negros foram arrancados de sua pátria primeira, que eles agora sejam deixados naquela que lhes deram! Eles nasceram na América, ali passaram sua infância, ali sofreram: que possam, enfim, ser felizes ali! Foram torturados por seus senhores: que se tornem cidadãos e gozem da liberdade! O mesmo solo que viu seu aviltamento deve ser o teatro de sua reabilitação.

Esse necessário reconhecimento dos negros como cidadãos só será possível com a ruptura radical do modelo escravagista, pois só há cidadania com o reconhecimento irrestrito da liberdade. Mas a permanência de mecanismos de poder e repressão do

corpo e do espírito choca nosso geógrafo francês, o fazendo romper drasticamente com a religião, retirando suas máscaras ecumênicas, de comunhão, que servem sectariamente somente a que sujeita sua liberdade e autoconsciência à mão moralizadora das instituições sacras, e a mão repressora do Estado e do capitalista, não havendo alternativa senão a revolta.

Assim, mesmo do fundo desse pavoroso aviltamento, do seio dessas cerimônias religiosas nas quais os escravagistas veem uma de suas melhores salvaguardas, surge uma voz profética de vingança e retribuição. Esses quatro milhões de homens hoje tão ternos e pacíficos, podem em futuro próximo erguer-se ávidos e ferozes. Defendia pelo freio do trabalho, pelo terror organizado, pelas divisões intestinas dos negros, pelos costumes sociais, pelo governo e pelas poderosas corporações religiosas, a iniquidade da escravidão pode ter um fim, pois ela porta em si mesma o germe de sua própria destruição (RECLUS, 2010c, p. 65).

Em carta enviada a Elie, Élisée declara seu ateísmo, vinculando sua tomada de conduta aos graus de decepção que foi agregando durante suas viagens, desde a passagem por Londres e depois pela Irlanda, onde enxergou a relação de poder e de controle dos indivíduos realizada conjuntamente pelo império britânico e a igreja. “Tu éprouveras la même chose: quand tu te promèneras dans les brouillards de Liverpool, entre les toneaux d’huile de palme et les barils de farine, en attendant le départ d’un John Howell quelconque, alors tu cessaras d’être Chrétien, et tu dessaras d’écraser l’infâme parce qu’il aura disparu”³⁹ (RECLUS, 1911, t. I, p. 96). Depois, nos Estados Unidos, vivenciou a encarniçada luta de classe entre o negro escravo e o branco livre, totalmente justificada pelo Estado republicano liberal, os capitalistas, seus privilegiados, e a igreja, o sistema espiritual mentor e justificador dessas atrocidades genocidas. “C’est réellement magique que ce changement de décoration intérieur, opéré par un changement de séjour: toutes les idées mortes que j’avais brûlées à petit feu dedans de moi à Berlin et à Londres, je les portais toujours en moi, chaque objet me les rappelait”⁴⁰ (RECLUS, 1911, t. I, p. 95).

Para fugir de um possível casamento com a senhorita Fortier, Reclus seguiu sua viagem de descobertas transmutadoras da consciência pessoal, com destino ao Caribe, por também não suportar adquirir um matrimônio ligado a uma família escravagista, além do forte desejo de conhecer novas terras daquele imenso novo mundo,

³⁹ “Tu sentirás a mesma coisa; quando passar-te nas brumas de Liverpool, entre os tonéis de óleo de palma e os barris de farinha, esperando a partida de um John Howell qualquer, então cessarás de ser Cristão, e deixarás de submeter ao infame porque terá desaparecido”.

⁴⁰ “É realmente mágico esta transformação de decoração interior, operada por uma transformação de estadia; todas as ideias mortas que tinha queimado a fogo baixo dentro de mim em Berlim e em Londres, eu as portava sempre em mim, e cada objeto me as lembrava”.

principalmente, os Andes. “J’ai besoin de marcher, de voir de nouveaux pays, de contempler surtout ces Cordillères auxquelles je rêve depuis mon enfance et qui sont si près, de l’autre côté du golfe du Mexique”⁴¹ (RECLUS, 1911, t. I, p. 109). Outra força que o levou a buscar novas andanças é o desejo de ser um geógrafo viajante, de poder vivenciar as paisagens na pele, de mergulhar naquelas espacialidades distintas, incomuns, para poder produzir uma geografia excitante, vivaz e comprometida com a rica análise, que supere a simples descrição realizada nos gabinetes. As palavras que Reclus (1911, t. I, p. 109) dirige à sua mãe, em carta de 13 de novembro de 1855, deixam claro essa perspectiva.

D’ailleurs voir la terre; c’est pour moi l’étudier; la seule étude véritablement sérieuse que je fasse est celle de la géographie, et je crois qu’il vaut beaucoup mieux observer la nature chez elle que de se l’imaginer du fond de son cabinet. Aucune description, aussi belle qu’elle soit, ne peut être vraie, car elle ne peut reproduire la vie du paysage, la fuite de l’eau, le frémissement des feuilles, le chant des oiseaux, le parfum des fleurs, les formes changeantes des nuages; pour connaître, il faut voir. J’avais lu bien des phrases sur la mer des Tropiques, mais je ne l’ai pas comprise tant que je n’ai pas vu de mes yeux ses îles vertes et ses traînées d’algues et ses longues processions de nautilus oses et ses grandes nappes de lumière fosforescente. Voilà pourquoi je veux voir les volcans de l’Amérique du Sud.⁴²

Então Reclus pelo passou pelo Caribe, conhecendo Cuba e depois chegou a Portobello, e continuou até Cartagena, hoje Colômbia, na época Nova Granada, que durou até 1861 antes da fragmentação da então Venezuela e Equador. Cantero (1992) argumenta que essas experiências geográficas advindas das andanças no novo mundo feitas por Reclus irão contribuir profundamente na formação do seu pensamento, principalmente para o delineamento da noção de natureza tropical e de paisagem geográfica. Sua trajetória errante no continente sulamericano inicia pelo rio Magdalena, na qual chegou até Barranquilla, localizada no litoral norte do subcontinente. Começou a explorar a região viajando em uma mula com a companhia de um guia, até chegar a Santa Marta. Logo de início, observou o sistema de exploração da mão-de-obra indígena ocorrida nesta terra inóspita por entidades capitalistas. Reclus percorreu mais 75

⁴¹ “Eu tenho a necessidade de caminhar, de ver novas terras, de contemplar, sobretudo essas Cordilheiras em que sonho desde minha infância e que estão tão próximas, do outro lado do golfo do México”.

⁴² Aliás, ver a terra é para mim estudá-la; o único estudo verdadeiramente sério que eu faça é aquele da geografia, e creio que queira muito mais observar a natureza no seu próprio lugar que imaginá-la do fundo de um gabinete. Qualquer descrição, por bela que seja não pode ser verdadeira se não poder reproduzir a vida da paisagem, o declive da água, o estremecimento das folhas, o canto dos pássaros, o perfume das flores, as formas mutantes das nuvens; para conhecer, é necessário ver. Eu havia lido muitas frases sobre o mar dos Trópicos, mas não compreendi enquanto não as vi com meus próprios olhos suas ilhas verdes e seus rastros de algas em suas grandes procissões de cortinas de luz fosforescente. Eis o porquê que eu queira ver os vulcões da América do Sul.

quilômetros após Santa Marta, chegando até a localidade de Riohacha. Todos aqueles sonhos de construir comunidades libertárias em decorrência dos solos férteis e da menor pressão do poder estatal começaram a ruminar. Observou muita pobreza, mau uso do solo e opressão. Mesmo assim se esforçou em construir seu sonho de micro-sociedades ácratas, criando cultivos cooperativos na vila de San Atonio. “Cándidamente ve em ese tipo de colonización de pueblos la posibilidad de dar nacimiento a un hombre nuevo, capaz de organizar una nueva sociedad, utopía que compartirán una buena cantidad de anarquistas” (GIBLIN, 1986, p. 24).

Em setembro de 1856 chegou a tão desejada Sierra-Nevada, conseguindo interagir com aquela paisagem de montanha, admirando toda sua opulência e beleza. Sua relação com essa configuração morfoescultural rendeu-lhe a produção de seu primeiro livro eminentemente geográfico, em formato de relato, sua *Voyage à la Sierra-Nevada de Sainte-Martha* (RECLUS, 1861, p. 212), que descreve a paisagem dessa natureza tropical se utilizando do método de incursão, mas essa descrição ocorre em formato heterodoxo, em virtude de ter a intensão de captar profundamente o *espacio poético* – no sentido dado por Bachelard (1993) – por ele vivenciado. “Dans cette nature tropicale surtout, que je ne connaissais pas encore sous ses divers aspects, je désirais n’avoir point de compagnons, je voulais être toute entier à la joie des découvertes et tâcher de vivre pendant de longues semaines comme nos ancêtres errants à travers les forêts.”⁴³ Este belo trabalho será publicado após sua volta à França, em decorrência de suas decepções com a colônia libertária, além de ter contraído graves enfermidades tropicais, conforme demonstra Sarrazin (1985).

O mais importante é destacar que essas experiências no novo mundo vão render-lhe a afirmação enquanto geógrafo, que faz imersões nos lugares e produz análises científicas dos mesmos. O principal resultado dessas explorações geográficas é a consolidação de sua profissão de geógrafo ao retornar à Europa, entrando em uma fase de ampla produção teórica, gozando de certo reconhecimento. Outra questão é sua mudança de tomada de decisão política, migrando do republicanismo libertário de base prodhoniana e oweniana para o que se buscou classificar de anarquia metafísica, uma espécie de utopismo sentimentalista ácrata, que aposta na criação de comunidades autônomas separadas do mundo conflituoso e desigual, baseadas no ideal humano da anarquia. Também, outra mudança de concepção, segundo aponta Sarrazin (1985), foi

⁴³ “Nesta natureza tropical, sobretudo, que eu não conhecia ainda sob seus diversos aspectos, desejava não ter guias, eu queria sentir por inteiro o gozo das descobertas e viver durante longas semanas como os antepassados errantes pelas florestas.”

que, a partir dos Estados Unidos Reclus se assume vegetariano, e passa, com o retorno à Europa, defender esse regime alimentar.

Reclus retornará à França bem diferente de quando partiu: saiu estudante de geografia, retornou como um potencial geógrafo, com relativa bagagem empírica; saiu como cristão laico e retornou como ateu convicto, engajado na militância esclarecedora da consciência anticristã; saiu como republicano e retornou como anarquista, tendo como novo ideal de vida fazer uma geografia excepcional, diferente das que estavam sendo feitas, e engajar-se nas lutas pela liberdade, em defesa da justiça e a autonomia dos indivíduos.

2.2.3 A luta de classes e a formação de uma geografia essencialmente científica e libertária (1857 a 1872)

Reclus desembarcou em Havre em Julho de 1857, com a intensão de exercitar sua nova profissão, a de geógrafo, trabalhando em jornais especializados. Iniciou sua produção teórica com a publicação de diversos artigos sobre suas viagens nos Estados Unidos, Cuba e Colômbia. Envolveu-se com renomados geógrafos da época, como Malte-Brun, que solicitou o texto sobre Sierra-Nevada para ser publicado pelo senhor Hachette, além de traduzir a obra de Karl Ritter, *Configurations des Continents*, e de publicar outros artigos na Société de Géographie de Paris. Graças ao contato com Malte-Brun, então presidente da Société de Géographie de Paris, além do contato com Maury, Reclus conseguirá ingressar na entidade em 1862, tendo como principal interesse ter acesso à biblioteca e à mapoteca, na época uma das principais fontes de informação.

Os bons textos que escreveu agradaram a editora Hachette que contratou o geógrafo francês em 1858, e que acompanhará sua produção geográfica até o final do século XIX, com a conclusão da *Nouvelle Géographie Universelle*. Inicialmente ele foi indicado para escrever uma coleção, “Los Guías Joanne tenían por función informar a los viajeros, los turistas, acerca de los itinerarios posibles, las distancias y las características de una región” (GIBLIN, 1986, p. 27). Para obter informações suficientes Reclus viajou por quase toda à França a pé, com caderno de notas à mão observa, desenha, descreve e analisa, exercendo seu principal procedimento metodológico, o de ter contato direto com o que está estudando para poder melhor falar daquilo.

Financeiramente a vida de Reclus ganhou maior estabilidade em decorrência do emprego estável, com função sendo cumprida regularmente, tendo seu escritório na

editora Hachette, muito diferente da recente vida de viajante errante. Em decorrência desse novo contexto, teve a possibilidade de casar-se em 14 de dezembro de 1858 com Clarisse Brian. Neste período sua vida fica muito ocupada e, devido o trabalho científico percorre a pé diversos países da Europa como: Alemanha, Suíça, Itália e Espanha. Escreve artigos para a *Revue Germanique*, *Revue des Deux Mondes* e *Le journal des Voyages*, além de traduzir obras de geografia para o inglês e o alemão. Reclus tem muito prazer com a nova vida que leva, fazendo o que sempre quis fazer, escrever sobre a geografia e trabalhar em contato direto com a natureza, percorrendo lugares, escalando montanhas, andando por campos, bosques, florestas... Em carta enviada por sua mãe em 1860 Reclus (1911, t. I, p. 209) destaca o quanto admira esse novo estilo de vida que estava levando, o trazendo muita felicidade.

J'aime beaucoup ce genre de vie: se lever avant jour ou bien lorsque les nuages commencent à rougir un peu; marcher au milieu des forêts, des sentiers dans les herbes fraîches de rosée, s'arrêter sur le bord d'une fontaine sous les rochers pour manger son pain et son fromage, gravir à travers les pierres qui s'écroulent et vont bondir à plusieurs centaines de mètres plus bas, se souvenir qu'on a été nourri par une chèvre en escaladant les rochers, monter sur un pic pour contempler un admirable horizon de montagens, puis redescendre sur le gazon des pentes, quelquefois aussi sur les chemins pierreux pour gagner son dîner à la sueur de son front, tout cela me plaît infiniment.⁴⁴

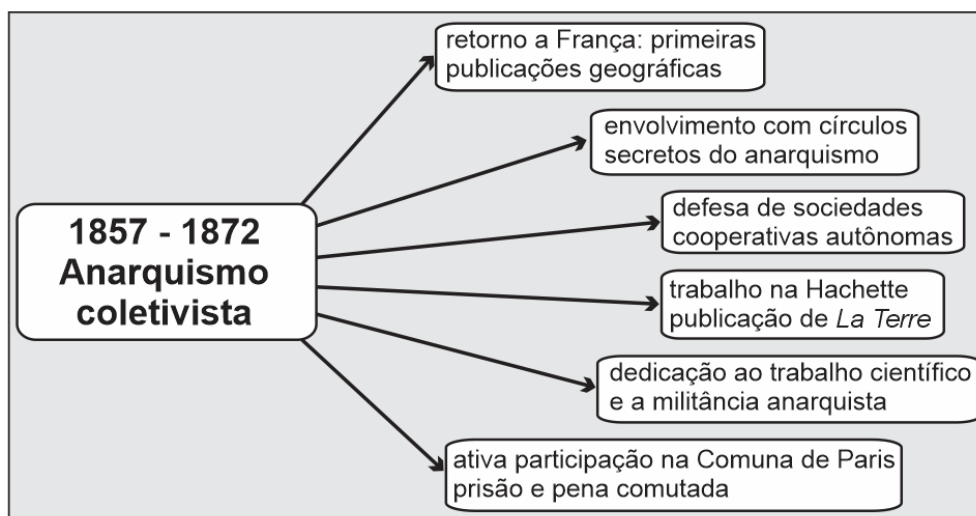
Encarando essa forma de fazer geografia baseada na incansável andança sobre o objeto de estudo, Reclus desenvolverá seu trabalho alinhado ao que era de costume na época. Os relatos de viagens e as descrições empíricas eram o fundamento de uma geografia que ainda não tinha totalmente sido institucionalizada. O diferencial dessa comum forma de fazer ciência está assentado no discurso, por sua vez, plural, por explicar os fenômenos físicos, a interação humana, a beleza da paisagem, a dinâmica natural e os elementos sociais, tudo baseado em estilo poético, marcado por descrições sentimentais de cunho romântico. Reclus admirava muito as descrições da Terra que se vinculavam a construções de imagens poéticas dos lugares. Esse estilo diferenciado rendeu-lhe novos convites para escrever outros trabalhos, e isso lhe dava impulso para confirmar suas experiências geográficas através do discurso, causando muita satisfação nos receptores dessas informações, por serem apresentadas de forma original, por vezes

⁴⁴ Gosto muito deste gênero de vida: levantar-me antes do amanhecer ou quando as nuvens começam a corar um pouco; caminhar em meio a floresta, na senda da vegetação fresca do orvalho, detendo-me sobre a borda de uma fonte, sob as rochas, para comer o pão e o queijo, escalar através das pedras que se desabam e saltam a diversas centenas de metros mais abaixo, lembrando-se de haver sido nutrido por uma cabra escalando as rochas, subir a um pico para contemplar um admirável horizonte de montanhas, depois voltar a baixo sobre a relva das encostas, as vezes também pelos caminhos pedregosos para ganhar sua comida com o suor de seu rosto, tudo isso me agrada extremamente.

literária, e ainda, eram emissões com maior veracidade, pois tinha como meta percorrer todos os lugares que descrevia.

Reclus fez uma geografia para os anseios de sua época, em meio ao universo ortodoxo da academia em formação, profundamente restritiva ao discurso literário presente nos relatos geográficos, mas não se esqueceu do teor libertário, presente em todos esses primeiros escritos, além de inovar os trabalhos em formato de relato em decorrência do caráter didático, feito para ser lido por jovens, contendo estilo prazeroso de leitura, sempre marcado pela ontologia do homem/mulher no meio. Recentemente está ocorrendo movimento de revalorização desse tipo de relato de viagem, principalmente pelas disciplinas história, antropologia e sociologia, e muito pouco ainda pela geografia. Estes estudos destoam da perspectiva canônica do discurso acadêmico, que não os via como importantes contribuições, ou que faziam análises superficiais, taxando-os de puras apreensões empiristas, negligenciando a riqueza discursiva neles contida.

Quadro 11: Traços biográficos vivenciados por Élisée Reclus (1857 a 1872): A luta de classe e a formação de uma geografia essencialmente científica e libertária



Organização: José Vandério Cirqueira Pinto – 2014.

Mergulhando no compromisso de produzir diversos trabalhos de geografia, após dez anos de andanças e acúmulos de materiais, Reclus partirá inicialmente para a publicação de seu primeiro trabalho de geografia, que o próprio a tratou como uma obra literária, saindo pela editora Hachette em 1861 o relato de viagens que realizou na Colômbia. Em um segundo momento irá se dedicar ao extenso e complexo trabalho *La Terre*, monumental obra em dois volumes, com cerca de 900 páginas cada, publicando seu primeiro tomo em 1868 e o segundo em 1869. Em carta enviada à sua mãe, Reclus

(1911, t. I, p. 214) destaca a felicidade de estar em parceria com a Hachette para produzir trabalhos com envergaduras mais técnicas e volume mais extenso, vinculado ao compromisso de estar a serviço de uma casa editorial que lhe dá segurança e certa autonomia.

J'éprouve un très grand plaisir à t'envoyer mon premier ouvrage littéraire [...]. Je désire vivement que ce livre te plaise: tu sais combien ton suffrage m'est précieux. Bientôt je vais m'occuper d'un autre ouvrage plus considérable, un traité de géographie physique en plusieurs volumes avec planches et cartes. M. Hachette m'a promis de le publier et s'offre à passer un traité avec moi dès que je lui aurai fourni le plan de mon livre. Ce travail sera, je pense, l'oeuvre sérieuse de ma vie: depuis dix ans j'amasse des matériaux et j'emploierai probablement plusieurs années à le rédiger.⁴⁵

Paralelamente a essas publicações nosso geógrafo francês continua realizando diversas comunicações na Sociedade de Geografia, além de apresentar trabalhos em várias conferências. Publica, em 1862, o *Guide des Pyrénées* e seu *Guide du Voyageur à Londres et aux Environs*. O primeiro trabalho descreve ricamente os maciços montanhosos, o sistema hidrológico e vegetativo, os gêneros de vida etc., e os impressionantes detalhes estão ligados ao tempo de infância, no qual viva percorrendo sua superfície. Este trabalho não recebe nenhuma espécie de consideração por parte de Max Sorre quando resolve escrever também sobre os Pirineus, notando o quanto o agrupamento de origem lablacheana evitava reconhecer as contribuições contemporâneas ao mestre. O trabalho sobre Londres tem a mesma ideia daquele realizado por Flora Tristan, revolucionária socialista também negligenciada, que foi citada no capítulo 01, por sua vez, o geógrafo francês abordou com maior categoria os subúrbios da capital inglesa, a dinâmica populacional e os processos de industrialização. Mas a essência ou a ideia de intuir análise sobre uma metrópole que diz muito sobre o capitalismo e as lutas socialistas de resistência à opressão se mantém semelhante nos dois autores.

Reclus balizou suas publicações entre os temas relacionados à geografia física e à geografia humana ou social, como gostava de classificar (anexo 01). É de suma importância destacar que sua geografia nunca foi somente física ou somente social, apesar de fazer parte do processo de fragmentação do saber geográfico, até o final de

⁴⁵ Sinto grande prazer em te enviar minha primeira obra literária [...]. Eu desejo energicamente que este trabalho te agrade: tu sabes o quanto tua opinião me é preciosa.

Logo vou me ocupar de outra obra mais considerável, um tratado de geografia física, composto em diversos volumes, além de quadros e mapas. O senhor Hachette me prometeu publicá-la e se ofereceu em fazer um tratado comigo, desde que eu lhe apresente o plano do livro. Penso que este trabalho será a obra mais séria de minha vida: dede dez anos agrupo materiais e empreenderei, provavelmente, mais diversos anos para redigi-la.

sua vida se manteve atrelada à perspectiva holística, porém um holismo⁴⁶ da modernidade industrial, não aquele da baixa modernidade romântica, conforme demonstra Moreira (2009).

Em 12 anos Reclus publicou 82 trabalhos, levando em conta as publicações que foram repetidas em outras nacionalidades, sendo traduzidas para outros idiomas, no total de mais de 400 trabalhos até 1905, ano de sua morte. De todos esses, seu primeiro grande trabalho tem como marca a data de 1868, *La Terre*, não sendo somente um tratado de geografia física, mas na sua parte final do segundo volume inaugura a análise socioambiental na geografia, assunto que será detalhado no capítulo 5, da parte dois dessa tese, com o primeiro item especialmente dedicado a essa extraordinária obra.

Os dez primeiros trabalhos, de 1857 a 1860, dedicam-se a reproduzir descrições de viagens, principalmente acerca da passagem pelos Estados Unidos e Colômbia, sempre intercalando os temas físicos e humanos, como é o caso do primeiro trabalho, ainda uma análise geológica e etnológica da Europa, de outro modo, pode-se citar o exemplo do décimo trabalho que aborda a escravidão nos Estados Unidos e os efeitos da guerra civil. Há também trabalhos dedicados a um só tema, como os rios, exemplo dos trabalhos de número 6 e 7 (anexo 01). O trabalho sobre a natureza tropical de Nova Granada, depois será publicado em 1861 com o título de *Voyage à la Sierra Nevada*. Neste trabalho, depois de ter passado por ampliação e reorganização, aparece a primeira vez o aspecto do naturalismo evolucionista, baseado na recente teoria de Darwin. Reclus incorporará essa nova abordagem em todas suas análises físicas ao longo dos futuros trabalhos.

O ano de 1862 terá grande quantidade de publicações, pois foi o período em que o jovem geógrafo francês conseguiu manter sua estabilidade na Hachette, realizando diversas viagens. Das 10 publicações de artigos, sua maioria no periódico *Revue des Deux Mondes* e *Bulletin de la Société de Géographie*, o que mais chama a atenção para nosso caso, são os textos dedicados ao Brasil e o modelo de sua colonização (artigo de número 21 e 22, no anexo 01), que no formato semelhante ao dos Estados Unidos apresenta descrição dos aspectos físicos, como estrutura do relevo, sistema fluvial etc., mas sua maior ênfase se dá às questões sociais, políticas e culturais do povo brasileiro. Ele aponta as diferenças no processo de ocupação do norte (região amazônica) para o

⁴⁶ Segundo Abbagnano (2000, p. 512) holismo é “Uma variante da doutrina da *evolução emergente*, que consiste na inversão da hipótese mecanicista e em considerar que os fenômenos biológicos não dependem dos fenômenos físico-químicos, mas o contrário. [...] Karl Popper denominou Holismo a tendência dos historicistas em sustentar que o organismo social, assim como o biológico, é algo mais que a simples soma dos seus membros e é também algo mais que a simples soma das relações existentes entre os membros (*The Poverty of Historicism*, 1944, § 7)”.

sul, relacionando a condição fito-fisionômica ao processo de adaptabilidade social na ocupação do território. Destaca a oposição entre litoral e sertão, tão marcante no nosso país, cujo objetivo principal é “reunir essas duas zonas, colocar em constante relação a região dos diamantes e de ouro com aquela do açúcar e do café, facilitar a troca dos produtos entre os consumidores da planície e aqueles dos planaltos, tal é a principal tarefa que se dá o Brasil” (RECLUS, 2011e, p. 66). Outro assunto destacado está ligado aos dilemas da escravidão, fonte de todo o atraso do país. “A escravidão, essa chaga que devora mais ou menos todas as porções da sociedade brasileira, cria aos senhores uma comunidade de interesses e força-os a negligenciarem a política local para prevenir-se de concerto contra o perigo que os ameaça a todos juntos” (RECLUS, 2011e, p. 73). Demonstra que a escravidão é mantida pelo modelo centralista monárquico, que é constantemente confrontado com revoltas separatistas. “Toda centralização administrativa torna-se facilmente uma insuportável tirania nas extremidades do território brasileiro, e naturalmente as províncias distantes da capital buscam dela escapar adotando o sistema da federação” (RECLUS, 2011e, p. 72).

Outro assunto importante destacado nesses dois artigos denominados de *O Brasil e a Colonização* está ligado à luta de classe entre o nativo indígena e o colonizador europeu, com ênfase no processo genocida possibilitado pela ação jesuítica e do estado imperial. Reclus mostra-se muito eufórico com os processos de mestiçagem e transculturalização desses povos, em defesa do hibridismo cultural e de recentes gêneros de vida alternativos formados dessas misturas étnicas. Por outro lado, o viajante geógrafo francês se mostra muito conservador, reproduzindo o discurso colonial europeu com posição etnocêntrica na ocasião de analisar a insubmissão dos aborígenes brasileiros ao trabalho e ao modelo ocidental de vida. Chega por três vezes no artigo em questão a insultarem de *preguiçosos*, mas depois, contraditoriamente, fala que essa forma de vida desligada de um planejamento futuro e de uma base material sólida é positiva. Infelizmente, as análises da época eram em sua maioria baseadas no discurso de uma única voz, emitida pelo eurocentrismo genocida avassalador, e Reclus, por ser francês e explorador viajante, não importando sua posição de anarquista, também coadunou em certas ocasiões com esse discurso pejorativo, comprometendo a importância desse trabalho.

Na ocasião em que se discute a saída para a superação das imensidões do território brasileiro e os desafios de integração, o geógrafo exhibe novamente sua posição libertária ao defender o federalismo do nosso território e a integração mútua pela implantação de redes de transportes fluviais mais eficientes, como a multiplicação de

vapores, a construção de estradas de ferro e um novo sistema de integração comercial, principalmente entre a região andina e amazônica, apostando que ali está o maior e mais importante desafio de integrar o Brasil à América do Sul, pois está virado para a Europa, de costas para a região platina e andina. Essa posição expressa na ocasião do texto *O Brasil e a Colonização*, e depois no artigo sobre *As Repúblicas da América do Sul*, será a primeira manifestação formal escrita em que Reclus apresenta sua posição em favor do federalismo internacionalista libertário. Esse debate assenta-se essencialmente na necessidade de implementar técnicas no território brasileiro, discussão que permanece, valendo o exemplo do trabalho *O Brasil*, de Santos e Silveira (2001), que também sustenta sua análise no paradigma do meio técnico.

A discussão de *O Brasil e a Colonização* acerca da questão urbana é muito atual e profícua. Interessante notar o quanto que problemas da estrutura organizacional do Brasil de 1862 estão presentes até hoje, pelo mesmo formato e capacidade de organização de nosso espaço geográfico. Reclus (2011e, p. 64) demonstra o quanto que importantes cidades brasileiras como Recife, Salvador e Rio de Janeiro contrastam a opulência de suas construções, casarões e ostentação da aristocracia escravagista com a insalubridade e desperdícios de dinheiro público, semelhante ao que ainda acontece hoje.

Em geral, as municipalidade das grandes cidades brasileiras, à exceção de Rio de Janeiro, parecem dedicar-se principalmente a construção de edifícios de luxo e negligenciam bastante as melhorias que concernem à higiene urbana. Em Salvador, em Recife, gastaram muitos milhões a fim de construir teatros suntuosos e garantir célebres *prima-donas*; mas se dedicaram muito pouco à construção de esgotos, tão necessários nesse império de febre amarela; [...] Por toda patê vemos estradas abertas a elevados custos que a vegetação já obstrui e que se vão perder no meio da floresta; em toda parte observamos pontes das quais só restam pilares ou contrafortes inclinando-se sob o esforço das terras ou então, semiderrubados pelas inundações; por toda parte fundações de edifícios que deveriam ser esplêndidos, mas cujas paredes que mal saíram do solo só servem hoje aos répteis.

Com relação ao campo destacam-se os problemas ligados ao latifúndio e a exploração da mão-de-obra escrava, além da formação de oligarquias rurais poderosas que estabelecem os *votos de cabresto*, movimentando o mecanismo eleitoral coercitivo e clientelista típico do império e que se estende pela república, levando Reclus (2011e, p. 88) a fazer comparação crítica e irônica da organização territorial rural oligárquica do Brasil, com seus barões e títulos de nobreza, ao feudalismo europeu, denominado de feudalismo territorial brasileiro, mesmo sabendo que esse sistema não se implantou aqui.

Ao mesmo tempo em que o peso da escravidão torna-se mais pesado, a força do feudalismo territorial cresce. O espaço visível em um mesmo horizonte, que vê seus animais pastarem aos milhares em seus *campos*, seus escravos trabalharem às centenas em suas plantações de cana-de-açúcar ou de café, é cercada de um cortejo de homens de todas as raças que vivem de sua munificência e provam sua gratidão por complacentes votos jogados na urna eleitoral. No meio de todos os seus satélites, o proprietário feudal, que, de resto, tem na maioria das vezes o título de conde ou barão, e possui toda a autoridade política e judiciária, é, na realidade, rei em seu domínio; tem seus vassallos e só reconhece por suseranos o imperador e o congresso do Rio de Janeiro, composto em sua grande maioria por plantadores como ele.

Para finalizar com relação a essas publicações sobre o Brasil, infelizmente elas pecam por serem resultados de análises que Reclus fez à distância, o que não era comum, pois ainda não havia visitado o país, que somente viria aqui no final do século XIX, que na ocasião produziu importantíssima obra denominada de *Estados Unidos do Brasil*, que compõe mais de 500 páginas, em dois volumes, do 19º tomo e último, da *Nouvelle Géographie Universale*. Esta obra foi fundamental para a consolidação da geografia brasileira no início do século XX, tendo boa aceitação pela comunidade acadêmica, sendo rapidamente traduzida, e pela sua maior experiência teórica, técnica, e ainda, por ter visitado por um bom tempo o Brasil, ela contém excelente grau de qualidade, e principalmente, está livre desses deslizes pejorativos existentes nos artigos citados acima, mantendo seu teor libertário, ainda mais radical e fundamentado, com análises físicas e sociais do território, com destaque a situação recente do abolicionismo, além da discussão sobre o modelo republicano em implantação. Por sua vez, a questão das cidades foi largamente explorada, com análise cuidadosamente precisa e explicativa, contendo diversos mapas e dados estatísticos, lembrando que o subtítulo é *Geographia, Ethnographia, Estatística*.

Nos artigos em questão, já se encontram diversas guinadas libertárias em Reclus (2011e, p. 92), principalmente quando aborda criticamente a grande lavoura brasileira, “pois a *instituição patriarcal* utiliza a terra e o homem com a mesma barbárie, e nunca lhe dá algo em troca por seus serviços; ela queima o solo por onde passa”. Além de armar seu debate até o fim do artigo para o confronto contra a instituição escravagista, que “de qualquer modo, a influência moral da escravidão no Brasil é a mesma que em todos os outros países onde a servidão dos negros é a pedra angular da sociedade” (RECLUS, 2011e, p. 93), o geógrafo libertário francês defende como contrassenso a essa situação submissa a revolta e a busca pela liberdade, equalizadas pela construção irrestrita da comunhão solidária, mutualista e fraterna entre os múltiplos grupos étnicos do Brasil, no qual, “só homens livres cultivando um solo livre podem com efeito, salvar

o império brasileiro e arrancá-lo de uma iminente desorganização” (RECLUS, 2011e, p. 122).

Continuando com a proposta de apresentar a periodicidade das produções teóricas de Reclus, é importante destacar que ainda no ano de 1862 ele publicou trabalhos sobre cidades lacustres (quadro 11), sobre as revoluções políticas e sociais na Colômbia, como também sobre o litoral francês e as crises políticas nos Estados Unidos. Pode-se notar o quanto seus trabalhos são de temas diversos, oscilando de pesquisas arqueológicas de cidades antigas, a metrópoles modernas, ou de questões políticas e revoluções sociais a descrições físicas do relevo. Essa pluridiscursividade temática reclusiana será destacada no capítulo 03, item 3.1. Já nos anos de 1863 e 1864 tiveram trabalhos cujos resultados advêm dos transbordamentos de suas viagens nos Estados Unidos, abordando a continuidade do conflito entre norte e sul, culminando na guerra civil, além de trabalho dedicado a viagem à Tunísia, às cidades mediterrâneas e um importante artigo (número 40) dedicado ao tema do homem e da natureza, contendo os primeiros esboços paradigmáticos dessa relação ontológica homem-meio, que será consolidada à frente.

Com relação ao ano de 1865 é importante destacar os trabalhos dedicados à guerra do Paraguai e as repúblicas do rio da Prata, e os trabalhos sobre o monte Etna e sobre as oscilações terrestres, na intenção de sinalizar essa via de mão dupla contida na base do pensamento geográfico reclusiano, que traçará análises sociais e políticas de um lado, e físicas e naturais de outro, que na ocasião de suas grandes obras, essas perspectivas se juntam de forma muito original por estar imbuída da análise socioambiental. Reclus se admira muito com as teorias evolucionistas além de seu anarquismo estar sustentado na noção bakuniana, classificado de anarco-coletivismo (anexo 01), que defende a destruição revolucionária para a criação, levando o geógrafo anarquista francês a juntar as teorias da evolução natural às teorias da revolução social, pareando-as a perspectiva da dialética da natureza, esse exemplo pode ser evidenciado com o trabalho sobre o vulcão Etna. Em 1866 outros dois trabalhos merecem o destaque por representarem a mesma noção que alia a evolução natural à revolução social, sendo o caso do artigo que se dedica ao projeto de federação das repúblicas da América do Sul (anexo 01, número 60), onde aborda de forma inovadora a necessidade de integração confederalista do subcontinente, sinalizando os rumos de uma política internacionalista libertária, marcada pela tradição revolucionária dos povos sulamericanos subalternizados.

Infelizmente essas nações, desunidas pelas guerras intestinas, separadas umas das outras por vastas solidões e, inclusive, por regiões inexploradas, ainda não são um grupo de povos irmãos: sua unidade, tão bem indicada pela natureza e pela origem, ainda não se realizou em política. Todavia, essa união é o ideal dos americanos que desejam verdadeiramente a prosperidade de sua pátria, e a própria massa do povo começa a partilhar essas aspirações de federação. Numerosas tentativas já foram feitas nesse sentido, e várias delas lograram parcialmente êxito. [...] Que essa liga esteja destinada a tornar-se o núcleo de uma federação hispano-americana ou que ela desapareça para dar lugar a outras combinações, é certo que a união de vários povos em nome da liberdade comum terá as mais felizes conseqüências para o futuro de todos os Estados do continente colombiano (RECLUS, 2011d, p. 15).

Enquanto na velha Europa erige-se como lei providencial do futuro a absorção dos pequenos Estados pelos grandes reinos, as repúblicas do Novo Mundo adotam um outro princípio, mais conforme à justiça, aquele da federação entre povos livres (RECLUS, 2011d, p. 76).

Já no trabalho intitulado *Do Sentimento de Natureza nas Sociedades Modernas* (número 56 do anexo 01), a atenção se volta para a atuação humana sobre a natureza e a simbiótica relação existente entre ambos. É importante salientar que ele foi escrito em 1866, mas posteriormente foi incorporado na parte final do segundo volume de *La Terre*, em 1869. Reclus (2010d, p. 94) acredita que nessa relação harmônica secreta reside o sentido ontológico do ser humano, seu modo de existência espacial, ou seja, sua geograficidade, e nela está a fonte para a busca universal da liberdade e da justiça, na intensão de produzir um modo de vida autêntico, baseado no equilíbrio homem/mulher-meio, na solidariedade e na felicidade. “Quanto ao homem simples que se contenta em amar a natureza em si mesma, nela encontra sua alegria, e quando está infeliz, seus sofrimentos são ao menos suavizados pelo espetáculo da liberdade no campo”.

Os desenvolvimentos da humanidade ligam-se da maneira mais íntima com a natureza circundante. Uma harmonia secreta estabelece-se entre a terra e os povos que ela nutre, e quando as sociedades imprudentes permitem-se erguer a mão contra o que faz a beleza de sua região, elas acabam sempre por arrepender-se. Lá onde o solo enfeou-se, lá onde toda poesia desapareceu da paisagem, as imaginações desvanecem-se, os espíritos empobrecem-se, a rotina e o servilismo apoderam-se das almas e dispõem-nas ao torpor e à morte (RECLUS, 2010d, p. 91).

Em 1867 Reclus produz um interessante trabalho sobre os povos Bascos, destacando a resistência histórica e a fragmentação cultural, e em contrapartida, desenvolve artigo sobre as forças subterrâneas da Terra, assunto que lhe é muito tentador. Desenvolve dois trabalhos sobre aspectos geopolíticos do continente americano, o primeiro sobre a Guerra do Paraguai (número 66), onde discute o massacre feito pela aliança Brasil, Argentina e Uruguai na vizinha nação, mostrando o quanto nações regionais disputam os despojos de um jogo encarniçado em tempos de guerra. O

segundo trabalho (número 67) é um escrito sobre o abolicionista rebelde estadunidense John Brown. Na contramão desses dois trabalhos, no mesmo ano, publica outros dois sobre aspectos físicos da terra: o primeiro sobre os aspectos físicos dos oceanos (número 68), e o segundo, sobre as praias e fiordes (número 69). Dessa forma, Reclus mantém sua lógica de escrever sobre geografia social ou política, e sobre geografia física.

Já o ano de 1868 foi emblemático para Reclus, não pela quantidade de produções teóricas, onde produziu, traduziu e republicou 11 trabalhos, mas pela importância do trabalho de número 74, *La Terra*, que será republicado até 1883 conforme consta no quadro 11. Esse trabalho é responsável por lhe dar relativo reconhecimento no mundo científico, sendo visto como um escrito muito inovador, levando Emmanuel de Martonne (1953) a elogiá-lo profundamente por conter a primeira análise verdadeiramente física da geografia, ser atual e completo e ainda conter uma linguagem poética, antecipando a função de seu *Tratado de Geografia Física*. Este ano também foi emblemático em decorrência do profundo engajamento anarquista de nosso geógrafo francês com o círculo de Bakunin, no Congresso da Liga da Paz.

Se por um lado Reclus se consolida enquanto importante geógrafo, inaugurando sua ampla produção teórica com a primeira grande obra, por outro, ele se envolve profundamente nos círculos mais radicais do anarquismo da época, e atua diretamente no enfrentamento revolucionário, e gradativamente vai incorporando essas duas facetas nos trabalhos, tendo escritos de geografia anarquista ou libertária, e escritos sobre o anarquismo com teor geográfico. Isso o torna um geógrafo anarquista, consequentemente inseparável da atuação científica de pesquisador e de anarquista revolucionário, sendo o principal motivo de ser classificado de um geógrafo de exceção conforme o faz Giblin (2005a), conforme buscou se definir anteriormente nesse trabalho, pois, apesar ter tido parcial reconhecimento no interior da comunidade acadêmica, não se desvinculou do engajamento político, ao contrário, defendeu que a geografia só seria ciência eficaz se fosse engajada nos problemas sociais e políticos, por isso, fez uma geografia heterodoxa, em meio às ortodoxias produzidas e criadas pela historiografia dominante.

No ano de 1869 dois outros trabalhos merecem a menção de destaque por serem duas novas obras paradigmáticas de Reclus: a *Histoire d'un Roisseau* e o segundo volume de *La Terre*. No primeiro, constitui-se o legado reclusiano da preocupação com o ensino de geografia, na intensão de incentivar novos procedimentos didáticos para essa disciplina. Vale lembrar que esse livro foi adotado pelo ministério da educação da

França. Reclus conta a história de um riacho, analisando conjuntamente os elementos físicos que possibilitam a origem, fluxo, curso, ou seja, a vida do rio, destacando que eles também têm história, conforme mostrou Campos (2011).

Ilustração 01: Capa de *Histoire d'un Ruisseau*



Fonte: RECLUS, Élisée. **Histoire d'un Ruisseau**. Paris: Bibliothèque d'Education et de récréation J. Hetzel et Cie, 1869. Ilustração de L. de Benett.

Nesse pequeno livro de caráter didático está expressa a noção socioambiental do pensamento reclusiano e sua preocupação com uma descrição poética que fertiliza a imaginação dos jovens ao sentirem a beleza da paisagem, os levando a buscarem fazer uma geografia mais significativa, desejando mergulhar por experiências existenciais significativas, causadas pelo contato direto com o meio. Reclus transforma o rio em uma categoria significativa do ensino de geografia e da apreensão dinâmica das interações dinâmicas correlacionadas à vida na Terra.

L'histoire d'un ruisseau, même de celui qui naît et se perd dans la mousse, est l'histoire de l'infini. Ces gouttelettes qui scintillent ont traversé le granit, le calcaire et l'argile; elles ont été neige sur la froide montagne, molécule de vapeur dans la nuée, blanche écume sur la crête des flots; le soleil, dans sa course journalière, les a fait resplendir des reflets les plus éclatants; la pâle lumière de la lune les a vaguement irisées; la foudre en a fait de l'hydrogène et de l'oxygène, puis d'un nouveau choc a fait ruisseler en eau ces éléments primitifs. Tous les agents de l'atmosphère et de l'espace, toutes les forces cosmiques ont travaillé de concert à modifier incessamment l'aspect et la position de la gouttelette imperceptible; elle aussi est un monde comme les

astres enormes qui roulent dans les cieux, et son orbite se développe de cycle en cycle par un mouvement sans repos⁴⁷ (RECLUS, 1869, p. 1, 2).

Com este pequeno trecho pode-se notar o quanto a linguagem que Reclus utiliza é baseada em metáforas e figuras de linguagens, direcionada a imagens poéticas desejando explicar a *physis*. Além disso, é evidente a influência desta forma de fazer geografia no holismo de Humboldt. Reclus aborda o riacho da gota d'água até sua foz no mar, já como um grande rio no final do livro. Demonstra o quanto uma gotinha está ligada ao cosmo, e como todos os fenômenos físicos estão integrados em uma obra harmônica que nutre o movimento e a vida na Terra. Com grande influência da perspectiva romântica da natureza, sustentada nas conjecturas de Goethe e Schelling, permanecendo ainda no seu discurso o universo da metafísica transcendental fenomênica de base kantiana, fez com que o geógrafo anarquista desenvolvesse também seu segundo volume de *La Terre*, mas com o diferencial, porque incorporou o caráter evolucionista de base darwinista, além de adaptar a discussão libertária das transformações sociais da realidade material para explicar a ação modeladora do humano na natureza, que produz espaço geográfico pelas ações técnicas que dominam os fenômenos naturais.

Em virtude dessa ampla fase de publicação da geografia reclusiana, especialmente em decorrência da publicação dos dois volumes de *La Terre*, haverá certo reconhecimento pela comunidade científica europeia, por ser uma forma de fazer geografia inovadora, integrando análise ambiental e social. Todavia esse reconhecimento é fugaz, justamente por ter esta forma inovadora, isso possibilitará a negligência profunda dessa geografia que não se explica somente pelo texto em si.

Concomitante à produção científica, Reclus envolvera-se, profundamente, com o ativismo político radical do anarquismo. Os anos de 1864 a 1871 são os mais engajados de Reclus, por sua vez, o de construção de um pensamento e de uma prática mais radicais, sendo a principal justificativa do frágil reconhecimento da geografia reclusiana. Então, foi uma fase de riquíssima produção teórica científica e de riquíssima atuação política libertária.

⁴⁷ A história de um riacho, mesmo estes que nascem e se perdem em espumas, é a história do infinito. Essas gotinhas que cintilam atravessaram o granito, o calcário e a argila; elas eram neve sobre a montanha fria, molécula de vapor na nuvem, espuma branca sobre o cume dos fluxos; o sol, no seu curso diário, as fez resplandecerem reflexos mais deslumbrantes; a pálida luz da lua as tem vagamente irisado; a faísca a tornou hidrogênio e oxigênio, depois de um novo choque, fez correr em água este elementos primitivos. Todos os agentes da atmosfera e do espaço, todas as forças cósmicas trabalharam em comunhão para modificar incessantemente o aspecto e a posição da gotinha imperceptível; ela também é um mundo como os enormes astros que vagam nos céus, e sua órbita se desenvolvem de ciclo em ciclo por um movimento incessante.

O forte envolvimento de Reclus com os anarquistas se deu primeiramente pelas tentativas do movimento socialista em formar uma integração internacional, e desse modo Karl Marx possibilitou maior debate sobre o assunto, chegando até Élisée através de seu irmão Elie, que foi encomendado por Marx para traduzir suas obras econômicas para o francês, projeto que foi abandonado no meio. Essa atitude de Elie contrariou muito Marx, que por seu temperamento explosivo passou o tempo seguinte criticando duramente os irmãos Reclus, incluindo Élisée nesse jogo de problemas pessoais e divergências ideológicas no interior do movimento socialista. As críticas de Marx ultrapassaram o domínio do discurso político e ganharam tom pessoal, levando os irmãos Reclus a aderirem mais integralmente ao anarquismo. Inicialmente Élisée e Elie conheceram personalidades anarquistas da época como Proudhon, mas não acompanharam sua evolução política, depois com os círculos radicais secretos, com o grupo de Blanqui por pouco tempo, mas também não compatibilizavam com seus ideais, além de as intrigas internas o afastarem. O anarquismo de Reclus oscilará até o final de sua vida, mas o traço mais importante está na sua posição fortemente defensora da individualidade, ou de seu anarquismo individualista de base oweniana e stirneriana, não tendo a defesa radicalizada do ego do último autor, mas conservando a soberania do sujeito frente ao social, próximo também da posterior noção anarco-individualista defendida por Émile Armand (2007). Esse traço individual e intersubjetivo, por muitas vezes, impedirá a aproximação de Reclus a certos círculos revolucionários, que exigiam dedicação quase que profética à causa da revolução global coletivista.

Reclus encontrara-se com o mais conhecido anarquista da época, Mikhail Bakunin, em novembro de 1864, que estava indo para a cidade de Londres diante da Internacional Socialista, passando na França para arregimentar membros da sua empreitada. Paradoxalmente ao individualismo do geógrafo anarquista, Bakunin é o maior representante do anarco-coletivismo, crítico das teorias individualistas, no qual Reclus irá construir sólida amizade, sendo o responsável por compilar, organizar, publicar e divulgar os escritos e manuscritos de Bakunin, após sua morte em 1876, ou seja, será o responsável por possibilitar o conhecimento de maior parte das teorias do revolucionário anarquista. Ao demonstrar os fatores que levaram a aproximação de Reclus à Bakunin, Sarrazin (1985, p. 70) sinaliza que,

Bakounine reprend les idées de Proudhon et les porte à leur ultime incandescence: propriété collective du sol et des moyens de production, suppression de la religion, suppression de l'État. C'est par ce dernier point que

Bakounine se désigne à la fureur des siècles, mais c'est sur ce point qu'il rallie Élisée.⁴⁸

Reclus envolveu-se diretamente em suas sociedades secretas, principalmente na *Fraternidade Internacional*, protótipo anterior da Internacional Socialista que Marx usou como base, e passou a participar dos movimentos cooperativistas e associativos libertários, fundando com seu irmão Elie a revista *L'Association*, boletim internacional das sociedades cooperativistas, com publicações vigorando de novembro de 1864 a dezembro de 1865, com 14 números aparecidos (NETTLAU, 1928). Com o fracasso dessa revista aderiu ao periódico *Démocratie* em 1868, que fazia parte do fundo da associação das cooperativas, por isso se mantendo por mais tempo que o anterior. Por sua vez, Reclus manteve sua posição independente, não aliando a certas tomadas de conduta dessas sociedades secretas, mostrando-se desinteressado em virtude de conversar seu princípio anarco-individualista, negando envolver-se com certos projetos universalizantes de sociedade e de mundo.

Preocupa muito Reclus quando os movimentos revolucionários ferem o princípio do anarquismo como ideal humano, construindo certas idolatrias a líderes e a projetos salvadores, pois ele não queria guiar, nem ser guiado, no sentido dado por Nietzsche (2001), apesar de seu pensamento ser totalmente adverso ao do filósofo alemão. Reclus abomina qualquer forma de poder e de coerção, e isso, por muitas vezes está presente nessas sociedades secretas revolucionárias, como em partidos, em sindicatos e agrupamentos dissidentes.

Em decorrência das dificuldades financeiras enfrentadas pelos anarquistas para promover sua *propaganda pela ação* os irmãos Reclus buscaram fundar o *Crédit au Travail*, que “según Eliseo Reclus debía ser el equivalente de un banco destinado a facilitar la creación de sociedades obreras, descontando el papel de las asociaciones, y construbuir de todas las maneras posibles a facilitar las relaciones entre la burguesia republicana de ‘buena voluntad’ y el mundo de los trabajadores” (GIBLIN, 1986, p. 350). Mas o projeto faliu, pois os irmãos não tinham nenhuma capacidade e nem arrojo para se envolverem com questões financeiras.

Não satisfeito com a ineficiência do movimento anarquista Reclus transforma sua casa em um centro de encontro, de acolhimento de exilados e foragidos, construindo um ambiente profundamente profícuo aos debates, projetos e ações libertárias. Deste

⁴⁸ Bakunin retoma as ideias de Proudhon e as leva a sua máxima incandescência: propriedade coletiva da terra e dos meios de produção, supressão da religião, supressão do Estado. É por este último ponto que Bakunin se designa ao furor dos séculos, e é sobre este ponto que ele arregimenta Élisée.

contexto, Reclus se entusiasmou com o anarquismo coletivista bakuniano, acabando por aderir a *Ligue de la Paix et de la Liberté*, organização fundada por burgueses democratas de diversas nações, mas que foi por um período organizada por Bakunin, passando por fase de radicalização. É diante desses círculos radicais que Reclus amadurece sua posição com relação ao anarquismo, incorporando noções internacionalistas e federalistas, sustentadas em associações livres, no bojo da teoria revolucionária coletivista libertária de Bakunin, conforme deixa claro em carta enviada a Elie.

Quatrième jour: question fédéraliste. Tout le monde était d'acord sur le principe; seulement pour ma part, je tenais à le préciser. Je démontrai, et je crois avec logique, qu'après avoir détruit la vieille patrie des chauvins, la province féodale, le département et l'arrodissement, machines à despotisme, le canton et la commune actuels, inventions des centralisateurs à outrance, il ne restait que l'individu et que c'est à lui de s'associer comme il l'entend. Voilà la justice idéale. Au lieu de communes et de provinces, je proposai donc: associations de production et groupes formés par ces associations⁴⁹ (RECLUS, 1911, t. I, p. 285).

Esse trecho expressa parte do discurso realizado por Reclus em Berna na celebração do congresso da *Ligue de la Paix et de la Liberté*, em setembro de 1868, sendo, segundo Nettlau (1928) a primeira elucubração pública do geógrafo sobre o anarquismo, cujo tema central era o federalismo. Nota-se como ele aborda a questão, demarcando sua posição em defesa do indivíduo, como último componente da transformação libertária, depois de todas as desconstruções operadas pela revolução social anarquista, restando-lhe somente a associação ácrata, baseada nos fundamentos do confederalismo anarquista. Não há como desvencilhar a sua defesa do indivíduo e organização pelas associações livres da teorização realizada por Stirner (2004), que apesar de ser considerado erroneamente como fundador do anarquismo individualista, pois este não pode ser tão simplesmente classificado, ele defende da mesma forma como Reclus o fez posteriormente a autonomia individual irrestrita como fundamento máximo do eu e sua ação existencial sustentada na associação livre e espontânea. Paradoxalmente, Reclus adere ao coletivismo federalista de Bakunin, mas não elimina a função do indivíduo, sua autoconsciência e autonomia, como fundamento atômico de toda a sociedade libertária.

⁴⁹ Quarto dia: questão federalista. Todo mundo estava de acordo sobre o princípio; só que por minha parte, eu teria que precisar. Demonstrei, e creio eu, com lógica, que depois ter destruído a velha pátria dos chauvinistas, a província feudal, o departamento e a delimitação, máquinas do despotismo, o cantão e a comuna atuais, invenção dos centralizadores em excesso, não restava senão o indivíduo e a este associar-se como bem o entende. Eis a justiça ideal. Em lugar de comunas e de províncias, eu proponho, pois: associações de produção e grupos formados por essas associações.

Nesse discurso em Berna de 1868 encontra-se, não somente a primeira exposição pública de Reclus sobre o anarquismo, mas também a primeira tentativa de construção do anarquismo geográfico; ou seja, a incorporação do discurso, de categorias e de temas geográficos no interior das bases teóricas do anarquismo, que posteriormente com o amadurecimento, se converterá em geografia anarquista, ou seja, a disciplina irá incorporar, pelas mãos de Reclus e também por Kropotkin e Metchnikoff, o anarquismo.

O discurso em questão é intitulado *Federalismo e Divisão Territorial*, conforme anota Nettlau (1928), e nele está contido não somente a figura do anarquista, que era a função primeira do evento, mas também a do geógrafo Reclus, que inovadoramente não se limitou a expor suas ideias ácratas na eventualidade dos debates, pois sabia que estava construindo o que hoje se chama de anarquismo, em virtude do resultado das discussões demandarem ações práticas e produções teóricas, mas diferentemente de todos, usou a oportunidade para incorporar o discurso geográfico no tão caloroso debate, quebrando o protocolo, mudando o tom dessas conferências, que tinham debates sobremaneira marcados pelo discurso histórico, sociológico, econômico e político, sendo a vez também da anarquia falar a língua da geografia.

Nesse contexto dos debates originários do anarquismo nasce, também, a geografia anarquista ou libertária, que não recebeu tanta evidência como os outros campos das teorias sociais, destacando novamente outra negligência da historiografia tanto do anarquismo clássico como da própria geografia acadêmica, que não consideraram o papel de um geógrafo em meio a importante confederação anarquista, por usar da palavra para criticar o centralismo territorial dos Estados, assunto retomado nos anos de 1970 pela geografia crítica radical marxista, como também, o debate sobre as fronteiras e os limites, que segregam e são responsáveis pelas diásporas, assunto retomado nos anos 1990 pela geografia cultural pós-colonialista, entre outros assuntos geograficamente atuais.

Lourenço e Buen (1986, p. 29) recuperam o texto *Federalismo e Divisão Territorial* da qual Reclus expôs em Berna linguagem geográfica anarquista, onde diz que “si las fronteras estatales dependen de la voluntad de los pueblos y deben ser modificadas conforme a sus deseos, lo mismo puede aplicarse a las fronteras, igualmente convencionales, que separan artificialmente los estados en diferentes provincias”. Pode-se notar o quanto Reclus procurou aproximar a teoria anarquista que enfrenta o poder, da luta pela autonomia social, atrelando-as ao conjunto da teoria geográfica da fronteira pela via do federalismo, as tratando como formas artificiais

imaginariamente forjadas pelos Estados, se mostrando totalmente oposto à teoria de Ratzel, que vê a fronteira como natural, e de La Blache, que a justifica pelo regionalismo dos gêneros de vida, garantidos também pelo Estado. Isso a torna uma geografia libertária, por ela ser heterodoxa, ir na contramão dos anseios ideológicos, teóricos, metodológicos e práticos da geografia oficial acadêmica ortodoxa.

Todavía son comprensibles las divisiones basadas en la reforma agraria, pero tampoco éstas, lo mismo que las antes citadas, deben ser un obstáculo entre las poblaciones ni servir de fundamento a la organización de la sociedad. ¡No hay ninguna frontera natural; el océano mismo no separa ya a los países! (RECLUS, apud LOURENÇO e BUEN, 1986, p. 29).

Esse debate sobre as fronteiras, inaugural na conformação do anarquismo geográfico e da geografia anarquista, profundamente contrário ao debate ratzeliano e lablacheano, e de seus desdobramentos no campo a geopolítica, se difundirá por todas as obras de Reclus, principalmente, e muito marcadamente em *Nouvelle Géographie Universelle* e também em *L'Homme et la Terre*, conforme será mostrado à frente, no capítulo 05. Outro debate síntese da geografia anarquista, que encontra expresso também nessa fala de Reclus, é a crítica ao centralismo estatal, frente a alternativa do federalismo libertário, na qual “los departamentos, distritos y otras unidades administrativas son los peores instrumentos de despotismo que há inventado el Estado centralista” (RECLUS apud LOURENÇO e BUEN, 1986, p. 29), então,

?Cuál será la nueva forma de la sociedad? Será la asociación. Que los límites de los municipios actuales, que abarquen varios de ellos o bien que, en una ciudad, se forme un número más o menos grande de asociaciones, es constantemente libre voluntad de los ciudadanos la que decide sobre la formación de estas comunas siempre móviles. Estas se forman y se reforman con arreglo a la voluntad de los asociados; se desplazan con el trabajo, ora para construir una línea ferroviaria; incluso emigrar, como lo hacen ciertas asociaciones en Rusia. Pero todas ellas basadas en el trabajo.

Nesse intermédio, profundamente engajado no projeto de consolidação do anarquismo, Reclus irá envolver-se com a Comuna de Paris, no ano de 1871, um dos mais importantes eventos revolucionários que a Europa presenciou. Quem se envolveu com esses acontecimentos ficou conhecido de *Communard*. É interessante salientar que, enquanto nos anos de 1870 Reclus estava tecendo profundas críticas ao Estado moderno, sua faceta republicana, monarquista e imperialista, como o pangermanismo que culminou na Guerra Franco-Prussiana e na unificação da Alemanha, além de ter escrito textos criticando duramente a partilha da África e o colonialismo francês no seu norte, na Indochina, além do colonialismo britânico por grande parte do mundo, com

ênfase na Índia, a geografia acadêmica estava se consolidando sustentada no discurso do território ou do espaço vital, sob o subterfúgio de possibilitar instrumentalização teórica ao Estado imperial. Essa geografia colonialista e imperialista será a voz altiva do saber geográfico que nasceu dentro das trincheiras sangrentas do conflito franco-prussiano e dos massacres colonialistas nos desertos do norte da África e nas florestas tropicais e equatoriais do Sudeste asiático. A voz que Reclus emitiu pela sua geografia libertária foi calada, ele foi preso em meio a Comuna de Paris, projeto autônomo de matriz de organização territorial, adverso ao germanismo, ao colonialismo francês e ao imperialismo inglês, ou seja, a primeira tentativa de construir uma sociedade libertária moderna na Europa, transformando a *utopia* em *topia*, ou seja, em uma *polis* de todos.

É preponderante destacar que no continente americano antecederam-se e muito as tentativas, as lutas e as resistências em busca de construir *topias* libertárias conforme evidenciou Creagh (1981) e Bookchin (1999, 2012), e que o anarquismo europeu é somente uma parte dessa eterna e grandiosa consciência humana, mas que sempre se portou, conforme tudo que é ocidental, essencialmente colonizador, como o modelo de anarquia totalizante para o mundo. E Reclus sabia bem disso, por isso se lançou em mundos extra-ocidentais para percorrer os rastros do ideal humano da anarquia.

Em meio às agitações da Comuna, Reclus buscou entrar em contato com o fotógrafo e aeronauta (na época era aquele que se envolvia com o balonismo) Nadar, que tornou seu grande amigo até os últimos dias da vida, realizando diversas fotos de sua vida e de paisagens que compuseram suas obras. Mas Reclus buscava em Nadar a possibilidade de também ser aeronauta e de conseguir produzir um globo aerostático, e depois possibilitar um projeto gigantesco de uma espécie de museu geográfico, junto com o amigo Patrick Geddes, que pelos recursos esparsos não se materializou e quase os faliram (ALAVOINE-MULLER, 2003). Seu grande amigo Nadar o convenceu a alistar na Guarda Nacional da Comuna, na seção aeronáutica, que por sua vez, era dirigida pelo próprio Nadar. Reclus também se candidatou para as eleições, mas não levou a cabo esse projeto. Diante da Comuna, Reclus dedicou ativamente às atividades revolucionárias com a produção de panfletos, cartazes, ativismo nas assembleias locais, como também, e com mais afinco, às atividades educativas em meio ao movimento rebelde, constituindo classes de geografia e de outras áreas, juntando professores para comporem formas alternativas de ensino que pudessem ensinar principalmente conteúdos relacionados à necessidade de formar federações livres através de organizações sociais comunais.

Em três de abril de 1871, num domingo, os versalianos atacaram pela primeira vez os agrupamentos rebeldes federados, que de imediato responderam ao ataque. Elie, Élisée e Pablo, seu grande amigo, integraram ao batalhão 119 da Guarda Nacional com a intenção de constituir uma resistência, conforme relata Élie Reclus (1908, p. 63) em sua obra *La Commune de Paris au Jour le Jour*: “Nous sommes trois frères, nous partons ensemble. Deux ont leur arme et un accoutrement militaire quelconque. Avec une main endommagée, je ne puis servir un fusil. N’importe, je serai de la partie: je porterai le sac des hommes fatigués, je ramasserai peut-être des blessés...”⁵⁰ Mas essa extravagante e aventureira ação, de três homens que não foram rigidamente formados pela disciplina e a tradição militar, iria terminar-se desastrosa, conforme demonstra Élie Reclus (1908, p. 69, 70).

Déjà les balles commencent à pleuvoir. Un de vos frères s’attarde à ramasser un blessé. Plusieurs bataillons versaillais débusquent; ils avancent au cri de “Vive la République!” Feinte ou non, les Parisiens le prennent pour sincère, répondent “Vive la République!” et se laissent approcher en mettant eux-mêmes la crosse en l’air.[...] Nos Parisiens, enveloppés par des forces quintuples ou décuples, essaient encore de résister, mais quelques minutes à peine, ils étaient bouselés, renversés, tués, blessés ou prisonniers. La mêlée fut trop courte pour avoir été très sangalante. Mais que sont devenus vos frères? Je ne puis vous le dire...⁵¹

Pablo e Élie escaparam, mas Élisée foi capturado com armas na mão, preso e levado para o forte de Quelern, na baía de Brest. “Durante este tiempo Eliseo sigue preso pero continua trabajando y dando algunas lecciones a sua compañeros de infortunio. Hacia el 1º de agosto, fue transferido del fuerte de Quelern a la isla de Trébéron, siempre en la rada de Brest” (GIBLIN, 1986, p. 41). Temendo a rigidez da pena, Reclus pensa na possibilidade de ser exilado para os Estados Unidos, lugar onde poderia continuar sua profissão de geógrafo. A editora Hachette não cortou o contrato com ele e solicitou que escrevesse mesmo na prisão *Histoire d’une Montagne*, além de sinalizar a possibilidade de iniciar o grandioso projeto de uma nova geografia universal,

⁵⁰ “Éramos três irmãos, partimos juntos. Dois tem sua arma e outro um adorno militar qualquer. Com uma mão danificada, não posso usar um fúsil. Não importa, farei minha parte: levarei a mochila dos homens fatigados, ajudarei talvez os feridos...”

⁵¹ Logo as balas começaram a chover. Um de vossos irmãos demora-se a apanhar um ferido. Diversos batalhões versalianos deslocam. Eles avançam ao grito de “Viva a República!” Fingimento ou não, os Parisienses o tomam por sincero, respondendo “Viva a República!” e se deixam aproximar colocando eles mesmos a correr ao vento. [...] Nossos Parisienses, envolvidos por forças quintuplas ou decuplas, ensaiam ainda resistir, mas em alguns minutos apenas, eles foram amassados, atropelados, mortos, feridos ou aprisionados. A batalha foi bastante curta para ter sido tão sangrenta. Mas, o que tornaram vossos irmãos? Eu não posso vos dizer.

atualizando a de Malte-Brun, e pelo sucesso de *La Terre*, escreveu sua síntese intitulada de *Les Phénomènes Terrestres*.

A Sociedade de Geografia se preocupou com a situação, mas estranhou o fato de um talento tão grandioso ter se envolvido com ações radicais, acreditando que ele estava na ocasião fora de seu juízo normal, pois é inaceitável o envolvimento de cientistas e sua ciência com militância revolucionária, e sugere a Reclus que escreva uma carta pedindo desculpas às autoridades, se redimindo de suas ações, explicando a eles o qualificado cientista que é. Esse episódio somente ocorreu porque Reclus sempre buscou não ser tão explícito politicamente nas obras de geografia, isso não significa que elas não o são, mas a forma que os olhos ortodoxos da academia as via não creditavam importância às discussões políticas libertárias diluídas por suas obras. Reclus repudiou essa atitude da Sociedade de Geografia, percebendo o quanto a academia pouco se preocupava com a liberdade de seus membros e a luta destes pela busca da justiça social, rechaçando seu conservadorismo, sua hipócrita busca por homens conscienciosos e amigáveis aos padrões da sociedade, em vez de enxergar e potencializar o papel transformador que a ciência detém.

Ilustração 02: Fotografia de Élisée Reclus por Nadar, durante sua detenção em 1871



Fonte: Bibliothèque Nationale de France. Atelier Nadar/ Firme /0530. Élisée Reclus, géographe / [photographie, tirage de démonstration]. gallica.bnf.fr

No outono de 1871 Reclus foi transferido para Versalhes e depois para Saint-Germain-en-Laye. Em 15 de novembro de 1871 seu processo foi concluído, tendo uma

condenação pesada, que julgou pela perpétua deportação da França para Nova Caledônia, longe da família, livros, bibliotecas e dos companheiros anarquistas. Rapidamente diversos intelectuais saíram em defesa do geógrafo anarquista solicitando a comutação da pena perpétua. “El organizador de esa petición es Eugenio Oswald, un alemán residente en Londres, amigo de Luisa Dumesnil, hermana de Reclus, que conoce bien a Eliseo y el mundo de los sábios ingleses” (GIBLIN, 1986, p. 44). O secretário da Sociedade de Geologia e de Zoologia de Londres, senhor Henry Woodward, envia em 30 de dezembro uma primeira lista de assinaturas contendo sessenta e um nomes ao quais se agregam posteriormente mais trinta e três. Em 15 de fevereiro de 1872 o governo francês comutou a pena de deportação perpétua para 10 anos de banimento da França. Depois de um ano e meio de detenção, Reclus foi transferido de Versalhes para Paris e depois para Suíça, na qual ele foi levado em 14 de março de 1872 até a fronteira com a França, estando fortemente escoltado e algemado. Dalí fixou residência em Lugano, próximo à Itália, ao lado do lago de Genebra. As condições da prisão eram desumanas e esgotaram muito a saúde do geógrafo revolucionário, mas não o fez, apesar de tanta humilhação e sofrimento, abandonar seus ideais libertários, conforme ficou evidente na carata enviada à sua família em 15 de março de 1872.

*Je viens de passer une année vraiment dure et qui m'épouvante un peu quand je me rappelle tout ce que j'ai dû subir, la faim, le froid, le manque d'air respirable, les coups, les insultes, les grossièretés de toute espèce, le spectacle de maux inouïs, les douleurs morales et les souffrances physiques. Maintenant, tout est passé pour moi comme un mauvais rêve, mais cet affreux cauchemar dure encore pour nombre de mes amis [...]. Le souvenir de ces amis prisonniers me poursuit toujours et m'empêche de jouir de ma propre liberté. [...] Sans doute, mon cher père, tu diras que ma conscience n'est pas éclairée, mais, telle qu'elle est, elle me montrait un chemin que je croyais celui du devoir. Si je ne l'avais suivi, je me serais méprisé moi-même et je mènerais maintenant une existence misérable, rongé par le remords. Du moins puis-je me dire à présent que j'ai été sincère et fidèle à mes convictions. L'estime de mes amis aussi bien que votre douce affection, m'ont aidé à supporter cette année d'infortune*⁵² (RECLUS, 1911, t. II, p. 90, 91).

⁵² Eu venho passando um ano verdadeiramente duro e me apavora um pouco quando relembro de tudo isso que tive que sofrer a fome, o frio, a falta de ar puro, os socos, os insultos, as grosserias de toda espécie, o espetáculo de males inauditos, as dores morais e os sofrimentos físicos. Agora, tudo passou por mim como um pesadelo, mas este horrível pesadelo dura ainda para uma quantidade de meus amigos [...]. A lembrança destes amigos prisioneiros me persegue sempre e me impede de gozar de minha própria liberdade. [...] Sem dúvida, meu caro pai, tu dirás que minha consciência não é esclarecida, mas, tal como ela é, me mostrava um caminho que acreditava ser o do dever. Se eu não a tivesse seguido, me depreciaria a mim mesmo e levaria agora uma existência miserável, corroído por remorsos. Ao menos posso dizer-me agora que fui sincero e fiel às minhas convicções. Estimo meus amigos tanto quanto vossa doce afeição, que me ajudaram a suportar este ano de infortúnio.

2.2.4 Uma monumental obra de geografia anarquista comunista (1872 – 1890)

Em seu segundo exílio, agora na Suíça, Reclus passará por este período marcado por ampla produção bibliográfica e retomará também suas relações com os anarquistas, inclusive Bakunin, que reside em Zurique. No mesmo ano que chegou à Suíça nosso geógrafo anarquista firmou contrato com a editora Hachette para finalmente escrever sua *Nouvelle Géographie Universelle*, sua maior obra de geografia, com 19 volumes, e cerca de 900 páginas cada. A Hachette foi convencida pelo argumento de que a Geografia Universal de Malte-Brun já havia sido publicada a mais de 50 anos, necessitando escrever uma nova, com atualizações, mas mantendo o caráter enciclopédico, sendo publicados gradativamente em numerosos pequenos fascículos. Por sua vez, a editora restringiu qualquer vinculação religiosa, política e social da obra, pois, mesmo sabendo da certa notoriedade que Reclus tinha adquirido como escritor de geografia, não aprovava sua relação com o movimento revolucionário anarquista. Mas conforme mostra Ferretti (2011a) em importante tese sobre essa obra de Reclus, com pesquisa ampla e apurada ele confirma que o autor manteve, mesmo diante da censura da Hachette, tom libertário, perfazendo seu percurso anteriormente indicado com *La Terre*, que almejava fazer uma geografia eminentemente anarquista, assunto que será abordado com mais precisão no capítulo 5.

Esse período de 1872 a 1890 na vida do geógrafo anarquista será marcado por maior produção teórica em geografia e também maior dedicação teórica ao anarquismo. Depois da humilhante prisão ele vai buscar amadurecer sua noção de anarquismo coletivista, de base bakuniana, se aproximando do que posteriormente ficou conhecido como anarquismo comunista. O tempo que Reclus ficou exilado na Suíça realizou diversas viagens à Milão e se envolveu diretamente com os internacionalistas italianos, marginalizados da Internacional Socialista por Marx, além de ter contribuído com a organização e publicação dos manuscritos de Bakunin, iniciando no ano de 1874, que o pediu esse trabalho por estar sentindo grande cansaço de sua vida militante, além de estar visualizando também que sua vida estava chegando ao fim (SARRAZIN, 1985). Logo depois, em 1876 Bakunin veio a falecer. A segunda esposa de Reclus também veio a falecer, só que no ano de 1874, por complicações no parto junto com o filho. Em decorrência dessa tragédia ele se mudou para Vervèy, nas proximidades de Genebra, pois necessitava estar próximo de uma cidade grande, com boas bibliotecas e ativamente integrado ao movimento revolucionário anarquista.

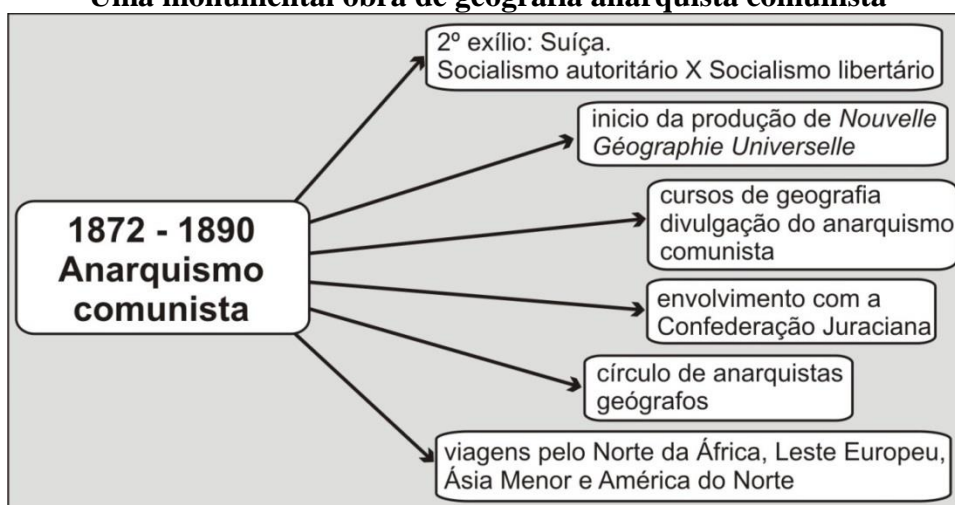
Desse modo, ingressa-se na Federação Juraciana, uma das mais importantes organizações anarquistas da Europa na época, com posicionamento frontalmente contrário ao socialismo liderado pela figura de Marx, que havia expulsado Bakunin da Internacional em 1872, os anarquistas italianos e os confederados do Jura (como ficou conhecida essa federação suíça) em 1873. Esse período, e da forma como ocorreu essa cisão no interior do movimento dos trabalhadores promoveu profunda distinção entre os socialistas autoritários e os socialistas libertários. Esse cisma, alimentado por divergências ideológicas e metodológicas da luta política configurará grande fragmentação no movimento revolucionário, separando entre dois polos opostos os ativistas radicais da época. No interior da Confederação do Jura Reclus encontrará terreno satisfatório para multiplicar suas produções e especulações teóricas sobre o anarquismo, produzindo juntamente com James Guillaume, Cafiero e Kropotkin o que posteriormente ficou conhecido como Anarquismo Comunista, conforme destaca Nettlau (2008, p. 188), na qual,

Kropotkin entendeu-se, então, com Dumartheray e com Herzig do grupo de Genebra, depois com Reclus e com Cafiero – provavelmente entre julho e setembro de 1880 – para propor à Federação jurassiana que aceitasse em seu congresso (9 e 10 de outubro) o comunismo anarquista: o que foi feito. [...] Cafiero pronunciou o discurso “Anarchie et communisme”. Kropotkin e Reclus difundiram a ideia anarco-comunista em inúmeros discursos, e o congresso a adotou. [...] Este termo *comunista anarquista* disseminou-se rapidamente na França. Um cartaz de janeiro de 1881 menciona: *Communismo libertário e anarquista*.

Em outro trabalho, Nettlau (1928), ao desenvolver importante biografia de Reclus, buscou definir quatro grandes momentos que marcaram a evolução da sua concepção de anarquia: a primeira fase ocorreu quando Reclus escreveu o manuscrito entre 1849 e 1851, intitulado de *Desenvolvimento da Liberdade no Mundo*, e aqui, definimos essa fase de anarquia metafísica; o segundo momento foi em virtude do discurso pronunciado em 1868 no Congresso da Liga da Paz e da Liberdade, em Berna, intitulado de *Federalismo e Divisões Territoriais*, ocasião em que se aderiu ao federalismo coletivista bakuniano; no terceiro momento, frente ao artigo publicado em 1873 no *L'Almanach du Peuple*, cujo título *Quelques Mots sur la Propriété*, Reclus irá entrar na frase transicional entre o coletivismo e o comunismo; e na última fase, o anarquismo comunista, que irá defender até o final da vida, o marco é o discurso pronunciado em 18 de fevereiro de 1876 em Berna, onde pela primeira vez define seu anarco-comunismo ou socialismo libertário, como marco da cisão com o socialismo autoritário.

O primeiro encontro de Reclus com Kropotkin ocorrerá em fevereiro de 1877, na cidade de Vevey. Este encontro consolidou em uma profunda amizade, ainda mais em virtude de Kropotkin também ser geógrafo, com grande habilidade nos assuntos relacionados a geografia física. “L’amitié entre Reclus et Kropotkine s’est nourrie d’estime reciproque; ces sentiments, au cours de leur vie, ne se sont jamais démentis”⁵³ (SARRAZIN, 1985, p. 177). Os dois irão desenvolver as bases fundadoras da geografia anarquista e introduzirão no anarquismo o discurso geográfico, pela entrada aberta pela *episteme* comunista, ao considerarem como preponderantes os assuntos vinculados ao federalismo e as questões das fronteiras, conflitos e enfrentamentos ao poder estatal. Além disso, evidenciaram a constituição de pesquisas sobre as comunas e suas organizações autonomistas de governabilidade libertária, introduziram ainda no anarquismo a preocupação com as questões urbanas, a separação dos homens e as questões industriais, e de tal modo deram forte ênfase às questões agrárias e a luta campesina, principalmente pelos trabalhos de Kropotkin (1892, 1910) intitulados *Champs, Usines et Ateliers* e *La Conquête du Pain*.

**Quadro 12: Traços biográficos vivenciados por Élisée Reclus (1872 a 1890):
Uma monumental obra de geografia anarquista comunista**



Organização: José Vandério Cirqueira Pinto – 2014.

Segundo Lourenço e Buen (1986), Reclus e Kropotkin iniciarão juntos o desenvolvimento de um trabalho restrito às questões metodológicas e epistemológicas da geografia, que iriam chamá-lo de *Esboços Geográficos*, mas infelizmente esse projeto nunca foi concluído. Por outro lado, a colaboração de Kropotkin com o geógrafo francês foi considerável, pois ele revisou diversas partes relacionadas à geografia física

⁵³ “A amizade entre Reclus e Kropotkin se nutre de estima recíproca; estes sentimentos, no curso de sua vida, jamais serão abalados”.

de *Nouvelle Géographie Universelle*, escreveu grande parte do volume dedicado à Rússia e aos países asiáticos e contribuiu enormemente com dados técnicos e experiências que Kropotkin fez nos países submetidos aos climas frios e polares, em especial à região da Sibéria.

Ce volume, le sixième de la *Nouvelle géographie universelle*, n'est signé que d'un seul nom et n'a été rédigé que par une seule personne; mais, comme les précédents, il appartient, pour une honne part, à des collaborateurs, que je tiens à remercier de leur précieux concours. M. Kropotkin surtout peut revendiquer bien des pages de ce livre. Faisant revivre pour moi le souvenir de ses explorations géologiques dans la Sibérie orientale et dans la Mandchourie, et m'a communiqué ses notes et ses observations et m'a indiqué, ce qu'il pouvait mieux que personne, la valeur relative des mémoires insérés dans les publications scientifiques russes⁵⁴ (RECLUS, 1881b, p. 893).

Quando Kropotkin criou o periódico *La Révolte* em Genebra, que após sua prisão foi fechado e depois reaberto, passando-se a denominar de *Le Révolté*, Reclus contribuiu intensamente com a produção de textos anarquistas, traduções de diversos idiomas de outras produções libertárias e, por um tempo, coordenou a revista no período em que Kropotkin foi preso, recolhendo diversos textos do geógrafo anarquista russo para os congregarem no livro *Palavras de um Revoltado* (KROPOTKIN, 2005).

Reclus convidou o grande cartógrafo, também anarquista internacionalista Charles Perron, estabelecido em Genebra, para desenvolver todos os inúmeros mapas e cartas topográficas contidos em sua geografia universal. Além dele contratou também um assistente para ajudar levar para frente esse enorme projeto de geografia, Gustave Lefrançais, que depois foi substituído pelo viajante explorador e geógrafo Metchnikoff, que não largou mais ele até os últimos trabalhos. Este russo anarquista participou da expedição de Mille, em companhia de Garibaldi, além de ter viajado pelo Extremo Oriente, vivendo bom tempo no Japão, contribuindo enormemente com os fascículos dedicados ao Japão e os outros países do extremo oriente, pois era grande conhecedor dessa região, conforme destaca Pelletier (2007).

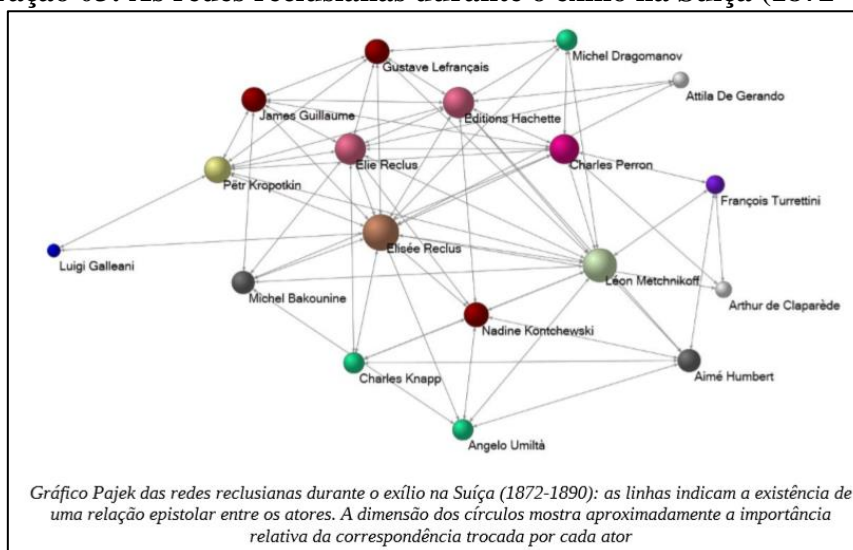
Além do periódico agora denominado de *Le Révolté*, coordenado por Kropotkin, o periódico *Le Travailleur*, coordenado por Reclus e Perron, serão espaço de construção geográfica libertária, seguindo aquela máxima reclusiana de fazer geografia com

⁵⁴ Este volume, o sexto da *Nouvelle géographie universelle*, não destacou somente um único nome e nem foi redigido por apenas uma única pessoa; mas, como os precedentes, ele constitui, em uma honrosa parte, a seus colaboradores, que tenho que agradecer-lhes por suas preciosas contribuições. O senhor Kropotkin, sobretudo pode reivindicar boas páginas deste livro. Fazendo-me reviver a lembrança de suas explorações geológicas na Sibéria oriental e na Manchúria, ele me comunicou suas notas e suas observações e me indicou que poderia melhor que minha pessoa dar o valor relativo das memórias inseridas nas publicações científicas russas.

anarquia e anarquia com geografia. Reclus obteve a contribuição de outros anarquistas para qualificar mais ainda o trabalho de *Nouvelle Géographie Universelle*, como os nomes de Dragomanov, junto com Lefrançais e Desjardins, conforme já foi citado, trabalhavam contribuindo com a correção da monumental geografia universal e no periódico *Le Travailleur*, como também, Slomezynski, que se encarregava de produzir os mapas da região do Cáucaso, Oriente Próximo e Médio, pois as conhecia muito bem.

Ou seja, a geografia anarquista de Reclus estava sendo feita em meio a uma *intelligentia* marginal anarquista, de diversificada composição acadêmica, como geógrafos, sociólogos, historiadores e cartográficos, mas alinhada ao anarquismo comunista em voga, nos círculos marginais heterodoxos de Genebra e do Jura, conforme representa o fluxograma (ilustração 3) desenvolvido por Pelletier e Ferretti (2013). É importante observar também os outros nomes que figuram como: Bakunin, Élie Reclus, Aimé Humbert, Attila de Gérando e Dragomanov como outras importantes contribuições desse círculo libertário.

Ilustração 03: As redes reclusianas durante o exílio na Suíça (1872 – 1890)



Fonte: FERRETTI, F., PELLETIER, P. Indígenas do Universo: espaço, dominação e práticas de libertação social na obra dos geógrafos anarquistas Elisée Reclus, Piotr Kropotkin e Léon Metchnikoff. *Revista Território Autônomo*, nº 2. Outono de 2013, p. 5 - 16.

Esse inovador círculo de debates e de práticas políticas o é em decorrência de ter introduzido o saber geográfico em sua agenda, fato inaceitável em qualquer círculo de discussões revolucionárias de cunho socialista, por isso esse período de exílio na Suíça será o mais rico na formação do pensamento geográfico de Reclus, e também na sua anarquia, fundamento moral e político de sua geograficidade. Outro elemento diferencial desse período está ligado às diversas outras viagens que Reclus teve que

realizar para cumprir com qualidade sua geografia universal, que por sua vez, induziram a proliferação de suas atividades pedagógicas. Esse campo de estudo continuamente presente no pensamento reclusiano merece maiores pesquisas acadêmicas, principalmente sobre a forma como ele define o ensino de geografia, mais significativamente em virtude da emergência de temas ambientais e ecológicos, por ele negar toda essa vulgarização e insuficiência crítica libertária que distingue o social do ambiental.

Em suas viagens por Londres, Bruxelas e Estocolmo, e pelos países: Austrália e Hungria, por exemplo, Reclus foi passando e ministrando diversos cursos, que buscou classificá-los de *geografia comparada no espaço e no tempo* (RECLUS, 2010b). É o caso de Genebra, na Universidade de Neuchâtel, que também discorreu conferências de geografia, conforme explicou a seu amigo Gérando em carta de 15 de fevereiro de 1876, na qual disse que, quando passava “quelques jours à Genève où la municipalité m’a demandé de faire un cours. J’ai choisi pour sujet de mes conférences ‘la Méditerranée et les Peuples de son bassin’. C’est un cours de géographie appliquée à l’histoire”⁵⁵ (RECLUS, 1911, t. II, p. 177). Sempre combatendo os manuais de geografia e almejando uma geografia cada vez mais vivaz e instigante, que leve o indivíduo ao descobrimento e ao questionamento da complexidade do mundo, Reclus (1911, t. II, p. 183) faz forte crítica ao senhor Drapeyron, fundador da *Revue de Géographie*, dizendo que seu ponto de partida ao ensino de geografia é muito mal selecionado, pois começa pela topografia e não pela cosmografia, isso é, ele compreende a ciência de maneira estreita, pois

La vie ne s’accommode pas de ces modes arbitraires d’enseignement. Or la science doit être un chose vivant; sinon, elle n’est qu’une misérable scolastique. Comme une plante qui va puiser au loin sa nourriture par toutes ses racelles aussi bien que par les pores de ses feuilles, la géographie doit commencer par tout à la fois: cosmographie, histoire naturelle, histoire, topographie. La nature ambiante est une immense synthèse qui se présente à nous dans tout son infini et non partie par partie, à nous de distinguer peu à peu les éléments divers de cet ensemble confus en apparence. C’est ainsi que l’enfant, se servant de tous ses sens à la fois, apprend peu à peu à reconnaître tout ce qui l’entoure. Le grand art du professeur, qu’il soit professeur de géographie ou de toute autre science, est précisément de savior montrer tout dans tout et de varier à l’infini les points de vue, afin de tenir toujours l’esprit en éveil et de lui faciliter inoessamment de nouvelles conquêtes.⁵⁶

⁵⁵ “alguns dias em Genebra onde nessa municipalidade solicitou-me a necessidade de dar um curso. Escolhi como sujeito de minhas conferências ‘o Mediterrâneo e os Povos de sua bacia’. É um curso de geografia aplicada à história”.

⁵⁶ A vida não se acomoda nestes modos arbitrários de ensino. Porém, a ciência deve ser uma coisa vivaz; senão, ela é somente uma miserável escolástica. Como uma planta, que vai buscar longe seu alimento por todas as suas raízes, assim como pelos poros de suas folhas, a geografia deve começar por toda parte ao mesmo tempo: cosmografia, história natural, história, topografia. A natureza ambiente é uma imensa

Esse fértil período na Suíça possibilitará na produção de 15 do total de 19 volumes de sua *Nouvelle Géographie Universelle*, obra que porta importantes contribuições ao saber geográfico, realiza o trabalho de atualização dos estudos científicos da época, goza de categorizada distribuição de análises e de informações, além de ter em seu discurso a permanência heterodoxa da análise libertária, principalmente no campo da abordagem da geografia política de todas as partes do mundo, traço principal desta obra. Por sua vez, não foi escrita com linguagem inacessível, tautológica, ou tomada de academicismo retórico, mas com linguagem simples, envolvente e clara, na qual Reclus almejava que ela chegasse a maior quantidade de pessoas possível, principalmente como forma de desvendamento do espaço, na relação da terra com os homens, para os trabalhadores que estavam engajados na luta social. Por isso foi publicada em pequenos fascículos, custando um preço irrisório, conseguindo chegar às mãos das organizações de trabalhadores ácratas que a utilizavam como importante fonte de desvendamentos das máscaras sociais e do poder no território, conforme descreve Ferretti (2013b).

Além de ter se envolvido com a produção de sua mais extensa obra dedicada a descrição universal da Terra pela geografia, Reclus produziu também diversos outros trabalhos menores, como artigos e conferências, conforme pode ser notado no anexo 02. Quando ainda estava preso publicou alguns trabalhos relacionados à luta pela democracia (nº 83 do anexo 02) e a temas abolicionistas penais (nº 85), sendo este marcado por empolgante posicionamento ácrata sobre as prisões e as penas de morte. Neste curto escrito intitulado de *Pena de Morte*, Reclus (2011c, p. 93) logo no início afirma que “a origem da pena de morte, tal como atualmente é aplicada pelos Estados, é decerto a vingança, a vingança sem medida, tão terrível quanto possa inspirá-la o ódio”. Conseqüentemente, esse ódio e essa vingança reproduzem-se, da mesma forma em que mostrou Foucault (1987), empossado de momentos libertários, na qual investigou os males do controle e da punição transfigurados nas prisões castigadoras, Reclus (2011c, p. 96) argumentou de forma semelhante que “é em torno dos cadafalsos e nas prisões que se formam os assassinos e os ladrões. Nossos tribunais são escolas do crime”. Para ele, a solução reside na justiça social, na ampla distribuição de renda, pois “ao direito da

síntese que se apresenta a nós em toda sua totalidade e não parte por parte, a nossa tarefa é distinguir pouco a pouco os elementos diversos deste conjunto confuso em evidência. É assim que a criança, se servindo de todos seus sentidos ao mesmo tempo, aprende pouco a pouco reconhecer tudo isso que a envolve. A grande arte do professor, que seja professor de geografia ou de qualquer outra ciência, é precisamente saber mostrar tudo em tudo e de variar ao infinito os pontos de vista, a fim de ter sempre o espírito alerta e de facilitar-lhe sem embaraço novas conquistas.

força, que prevalece na natureza selvagem, é tempo de fazer suceder a justiça, que é o ideal de todo homem digno desse nome” (RECLUS, 2011c, p. 99).

A Hachette publicou o primeiro volume da síntese de *La Terre*, que ficou intitulado como *Les Phénomènes Terrestres*, que de síntese tem muito pouco, além de ter ocorrido diversas publicações em outras línguas de seus trabalhos. Mas em 1872, quando saiu da prisão, o geógrafo anarquista publicou excelente trabalho em defesa dos camponeses, com contribuição pouco aproveitada pela geografia agrária radical de base marxista, denominado de *A Mon Frère le Paysan*. Neste paradigmático artigo, publicado no periódico *Les Temps Nouveaux*, de suma importância para a geografia agrária hoje, Reclus (2011b, p. 83 e 91) vai buscar demonstrar o quanto mantém sua adesão em defesa da revolução social pela luta de classe ao evocar seus irmãos camponeses para a luta.

Evitai essa morte a qualquer preço, camaradas. Conservai com desvelo vossa terra, vós que tendes um pedaço; ela é vossa vida e aquela da mulher, dos filhos que amais. Associais-vos aos companheiros cujas terras estão ameaçadas como a vossa pelos usineiros, pelos amantes da caça, pelos agiotas; esquecei todos os vossos pequenos rancores de vizinho a vizinho, e agrupai-vos em comunas onde todos os interesses sejam solidários, onde cada tufo de grama tenha todos os comunais por defensores. [...] Com essas pessoas, atacareis, derrubareis as muralhas desses domínios; com elas, fundareis a grande comuna dos homens, onde trabalhareis de concerto para vivificar o solo, embelezá-lo e viver felizes sobre essa boa terra que nos dá o pão.

No mesmo ano publicou seu *Quelques Mots sur la Propriété*, trabalho que marcou a fase transicional entre anarco-coletivismo e anarco-comunismo, ensejando vetores de amadurecimento da concepção anarquista reclusiana permeada pelo discurso geográfico. Já no ano de 1894, o trabalho número 223, do anexo 2, será publicado com título quase homônimo, seu *Quelques mots d'histoire*, outro também paradigmático artigo de incrível texto, em que é abordada as transformações históricas do espaço geográfico, antecipando o debate espaço-temporal, do meio técnico e do sistema-mundo. Neste texto, Reclus (2010a, p. 80) evidencia os sintomas do processo de uniformização das culturas e da integração dos espaços pelos níveis técnicos, na qual a civilização estava caminhando para “fusão das histórias locais em história universal” e a diluição das fronteiras, universalizando os espaços e os tempos, conforme pode ser notado no trecho abaixo.

Agora a história é aquela do mundo inteiro: ela desenvolve-se em torno de Seul e nas margens do golfo Petchili, nas florestas profundas do Congo e nos planaltos abissínicos, nas ilhas de Sonda e nas Antilhas bem como em todos os lugares famosos outrora considerados como os “umbigos” do grande corpo

terrestre. [...] Só em nossos dias a história pode dizer-se “universal” e aplicar-se a toda a família dos homens. [...] As fronteiras convencionais, sempre incertas e flutuantes, apagam-se gradualmente, e, sem desejá-lo, o patriota mais ardente torna-se cidadão do mundo: malgrado sua aversão pelo estrangeiro, malgrado a aduana que o protege contra o comércio com o exterior, malgrado os canhões afrontados dos dois lados da linha-tabu, ele come o pão que lhe vem da Índia, bebe um café colhido por negros ou malaaios, veste-se com tecidos feitos com a fibra enviada da América, utiliza invenções devidas ao trabalho combinado de mil inventores de todos os tempos e de todas as raças, vive sentimentos e pensamentos que milhões de homens vivem com ele de uma extremidade à outra do mundo (RECLUS, 2010a, p. 81).

Em 1873 saíram outros trabalhos reclusianos relacionados estritamente à geografia em renomadas revistas especializadas, e um sobre o internacionalismo na revista *Almanach du “Peuple”*, importante periódico Internacionalista libertário. Em 1876 foi publicado o primeiro volume de *Nouvelle Géographie Universelle*, diversos outros trabalhos especializados entre os anos de 1873 e 1877, além de artigos ácratas. O ano de 1878 representa o caráter heterodoxo da produção teórica de Reclus, com trabalhos sínteses sobre a anarquia, no exercício de evolução e organização dessa forma política de ver a sociedade, como exemplo de: *A Propos de L’Anarchie* e *L’évolution Légale et L’Anarchie*, os dois no periódico socialista libertário *Le Travailleur*. Por outro lado, importantes trabalhos críticos da noção de oriente (nº 120) e à geografia política nos estados Unidos (nº 121).

Em 1880 é importante mencionar três trabalhos de Reclus que compuseram esse movimento de formação ininterrupto de seu pensamento: a conferência *Évolution et Révolution*, e o artigo da imprensa juraciana e da revista *Le Révolté: Ouvrier, Prends la Machine! Prends la Terre, Paysan!*, e o livro *Histoire d’une Montagne*. Os dois primeiros artigos são fundamentos do anarquismo comunista, sendo o primeiro uma resposta de Reclus ao que ele entende por Revolução, como a evolução é fundamental a esse processo e como a luta restrita somente a evolução limita a revolução social, pois se converte em evolucionismo.

Ele mostra que a necessidade de cautela, de organização e ao mesmo tempo da espontaneidade e do espírito de revolta são fundamentais para que se alcance a revolução social, podendo fazer um esforço de aproximação ao que Camus (2003) definiu, cinquenta anos mais tarde, como *medida e desmedida*, ressaltando, claramente, que o escritor e filósofo franco-argelino negava a ideia de revolução, por se posicionar em favor exclusivamente da revolta.

Essa conferência do geógrafo francês sobre evolução e revolução se transformará mais tarde em importante livro de Reclus (2002), denominado de *A Evolução, a Revolução e o Ideal Anarquista* (ver anexo 04), trabalho em que demonstra

maior maturidade no que diz respeito à luta revolucionária, faz interessante distinção entre evolução e evolucionismo darwiniano, e mostra a necessidade de valorizar o ideal comunalista do anarquismo, rompendo com certos elementos do coletivismo bakuniano.

Já no artigo número 131 (anexo 02), Reclus convoca tanto os operários da indústria como os camponeses a lutarem contra o modelo capitalista explorador. Ele defende a profunda ligação entre operariado e camponesinato, hoje tão reivindicada, mas que antes foi profundamente descaracterizada, em virtude de a geografia marxista ter abdicado dessa integração clássica, pois alinhada ao marxismo mais ortodoxo, via no camponesinato uma espécie de pequena burguesia, culminando na perseguição operada por Lenin e o posterior governo soviético, à revolução social na Ucrânia construída por Nestor Mackno (2001), por exemplo, que era eminentemente libertária e camponesa e foi expressamente aniquilada pelo regime totalitarista da URSS.

A geografia agrária, por muito tempo e ainda hoje, virou as costas às contribuições dos anarquistas, em virtude dessa falsa polêmica plantada por Marx, que tinha muita pouca experiência na luta social camponesa e nem mesmo tinha qualquer habilidade com os temas relacionados ao campo, a terra e sua dinâmica física, como também, sobre a ação humana na organização do espaço, universo conceitual da geografia que o mesmo definiu como *complicação desnecessária* (SOJA, 1993), e por isso a própria historiografia não foi buscar nos geógrafos libertários sua impar contribuição aos estudos agrários, por ser assaz politizada, engajada, e ao mesmo tempo, entendida da fundamentação técnica, metodológica e conceitual da estrutura da terra.

Na contramão dessa ineficiente habilidade de entender o campo da ciência e da luta social, Reclus publicou a obra *Histoire d'une Montagne*, excelente trabalho que apresenta a montanha como protagonista, e sua relação com o ser humano que dela vive, seguindo a mesma metodologia da *Histoire d'un Ruisseau*, obra de 1869 que já foi discutida anteriormente nesse capítulo, na qual Reclus também abordou história do fenômeno físico da gota até a foz. De forma semelhante, a história de uma montanha também será direcionada ao ensino de geografia, com a proposta de lançar o aluno sobre o universo complexo e dinâmico de uma estrutura geológica tão imponente, demonstrando as diversas geografias impressas nos degraus de altitude da montanha, da base até o cume.

Quase ao mesmo tempo em que Reclus (1882a) leva seu homem para a montanha, Nietzsche (2011) leva o Zarathustra também para lá, mas de forma diferente. É importante destacar que, *Histoire d'une Montagne* foi publicada primeiramente em 1880, e *Assim Falou Zarathustra*, em 1883. Na obra de Reclus encontra-se profunda

consideração sobre essa forma geográfica, sua dinâmica, sua força, sua atuação enquanto provedora de geograficidade singular, e mostra as formas de vida dessa configuração física, e ainda explícita como o homem inter-relaciona com suas leis, e como ele se engrandece, se reencontra consigo mesmo, para no final, retornar ao mundo da urbanidade. De forma semelhante ao Zaratustra, o homem de Reclus também se encontrava triste e foi buscar na reclusão da montanha formas de reconciliar consigo mesmo, com a natureza e com o mundo, almejando reconstruir sua consciência do eu-no-mundo, negando a hipocrisia de diversos valores morais, as mazelas e a dissolução que a sociedade embrutecida operava na autonomia do indivíduo de espírito livre. Ainda no plano de comparação com o Zaratustra, o homem de Reclus também retorna da montanha profundamente feliz e transformado.

J'étais triste, abattu, las de la vie. La destinée avait été dure pour moi, elle avait enlevé des êtres qui m'étaient chers, ruiné mes projets, mis à néant mes esperances [...]. L'humanité tout entière, avec ses intérêts en lutte et ses passions déchaînées, m'avait paru hideuse. Je voulais à tout prix m'échapper, soit pour mourir, soit pour retrouver, dans la solitude, ma force et le calme de mon esprit⁵⁷ (RECLUS, 1882a, p. 1).

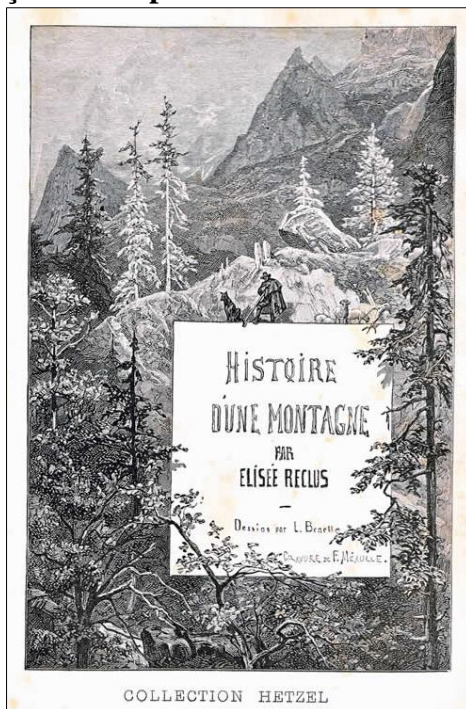
Mas esse importante livro de Reclus não é marcado somente por linguagem figurada e de certa forma literária, ou possivelmente filosófica, ao passo que busca debater a condição humana frente sua relação com o mundo. É um texto que merece grande atenção pela geografia, merece ser revisto e melhor trabalhado no ensino de geografia em decorrência de apresentar profunda análise física da montanha, perpassando por considerações geológicas, geomorfológicas, a conformação estrutural do acidente geográfico em questão, a dinâmica hídrica que dela se forma. Além disso, e o mais importante, discute os diferentes gêneros de vida que se formam diante e sobre as montanhas, identificando as diferenças entre os grupos humanos postados nos degraus de uma altitude para a outra, na qual muda a forma de cultivo e a criação de animais, até mesmo a relação com o mundo da não montanha e seus condicionamentos políticos e sociais do espaço plano.

Reclus vai buscar esse profundo conhecimento e transformá-lo nesse livro, em virtude da larga experiência que teve como montanhista, seu esporte predileto, que acreditava ser necessário para todas as pessoas que buscavam melhorar enquanto seres humanos, conforme destaca em *Do Sentimento de Natureza na Sociedade Moderna*

⁵⁷ Eu estava triste, abatido, cansado da vida; o destino havia sido duro comigo, arrebatando-me seres que me eram queridos, arruinando meus projetos, aniquilando minhas esperanças [...]. A humanidade inteira, com a luta de seus interesses e suas paixões desenfreadas, me parecia hedionda. Queria escapar a todo custo, para morrer, para recobrar na solidão, minhas forças e a tranquilidade de meu espírito.

(RECLUS, 2010d), além de seu forte envolvimento com os revolucionários montanhistas que viviam na região do Jura, na Suíça, momento que conseguiu aliar luta política com experiência natural, conformando sua singular forma de pensamento geográfico.

Ilustração 04: Capa de *Histoire d'une Montagne*



Fonte: **Histoire d'une montagne**. Paris: Bibliothèque d'éducation et de récréation, 1882a.

Este pequeno livro é constituído de doze capítulos, com cerca de duzentas páginas no total, abordando desde o exílio do homem para a montanha, como as várias formas geológicas, os cumes, os vales, a estrutura mineralógica das rochas, além de demonstrar como a montanha origina-se, se forma e se desenvolve e como ela se transforma através dos processos erosivos e os movimentos de massa. Ainda está expresso nesse modesto livro considerações sobre os regimes hidrológicos e o sistema das neves na montanha, a variabilidade da vegetação que se desenvolve em decorrência da altitude, da inclinação, do clima e da qualidade do solo, como consequência disso, as formas de vida típica desse fenômeno geográfico, os escalonamentos climáticos e os gêneros de vida humanos que deles coexistem, além de um capítulo especialmente dedicado ao montanhês livre, evocando a relação transcendental entre a liberdade do homem e a natureza, principal responsável para essa condição autonomista do espírito livre. No final, não satisfeito, Reclus dedica a conclusão do livro para o tema do homem, fechando o ciclo com seu retorno a superfície exterior desse microcosmo

significativo, demonstrando como esse discreto escrito é uma extraordinária aula de geografia, porque aborda diversos temas, conceitos e fenômenos geográficos usando somente um único elemento material e simbólico: a montanha.

No plano epistemológico e metodológico Reclus se utilizará da corografia de Humboldt, seguindo a metodologia holista do micro ao macro, sob o viés teórico do romantismo amalgamado à metafísica da natureza e dos humanos. Comparou o fragmento de rocha da montanha e seu processo de formação à dimensão do cosmo, buscando demonstrar que na lógica cósmica essencialmente complexa congregam-se todas as relações dinâmicas da *physis*, sendo o ser humano a natureza autoconsciente dessa universalidade transcendental, mas que nele reside todo o fundamento da imanência existencial, por estar sempre apregoada da realidade material cósmica, demonstrando a necessidade de superação da transcendentalidade kantiana na geografia que herdou de Ritter e de Humboldt pela imanência materialista das relações humanas com o meio.

Ainsi, jusque dans sa plus petite molécule, la montagne énorme offre une combinaison d'éléments divers qui se sont mélangés en proportions changeantes; chaque cristal, chaque minéral, chaque grain de sable ou parcelle de calcaire, a son histoire infinie, comme les astres eux-mêmes. Le moindre fragment de roche a sa genèse comme l'univers; mais, tout en s'entraïdant par la science les uns des autres, l'astrologue, le géologue, le physicien, le chimiste, en sont encore à se demander avec anxiété s'ils ont bien compris cette pierre et le mystère de son origine⁵⁸ (RECLUS, 1882a, p. 39).

De 1882 a 1889 Reclus publicou novos artigos em periódicos especializados em geografia como também outros em periódicos anarquistas. Mas os trabalhos que mais merecem destaque são *Les Produits de la Terre* (nº 155), da federação do Jura, e *Les Produits de L'Industrie* (nº 171), no periódico *Le Révolté*. Todos esses dois trabalhos, dentre muitos outros, conforme será destacado à frente, são exemplos básicos de composições anarquistas da geografia, e também são iniciais apresentações de geografia anarquista. Já os trabalhos *À Propos d'une Carte Statistique* (nº 181) e *Australasia* (nº 177) são importantes contribuições sobre a definição de parâmetros metodológicos de representação espacial e da regionalização do globo, como diversos outros trabalhos dedicados ao que se convencionou chamar de monografias regionais, abordando regiões

⁵⁸ Assim, até na sua menor molécula, a enorme montanha oferece uma combinação de elementos diversos que se misturaram em proporções transformadoras; cada cristal, cada mineral, cada grão de areia ou fragmento de calcário tem sua história infinita, como os astros em si mesmos. O menor fragmento de rocha tem sua gênese como a do universo; mesmo, toda a ciência cooperando entre si, a astrologia, a geologia, a física, a química, elas estão ainda se perguntando ansiosas se têm satisfatoriamente compreendido esta pedra e o mistério de sua origem.

da África, Ásia, extremo norte da Europa (exemplos dos trabalhos de número 120, 136, 138, 175 e 176 no anexo 02).

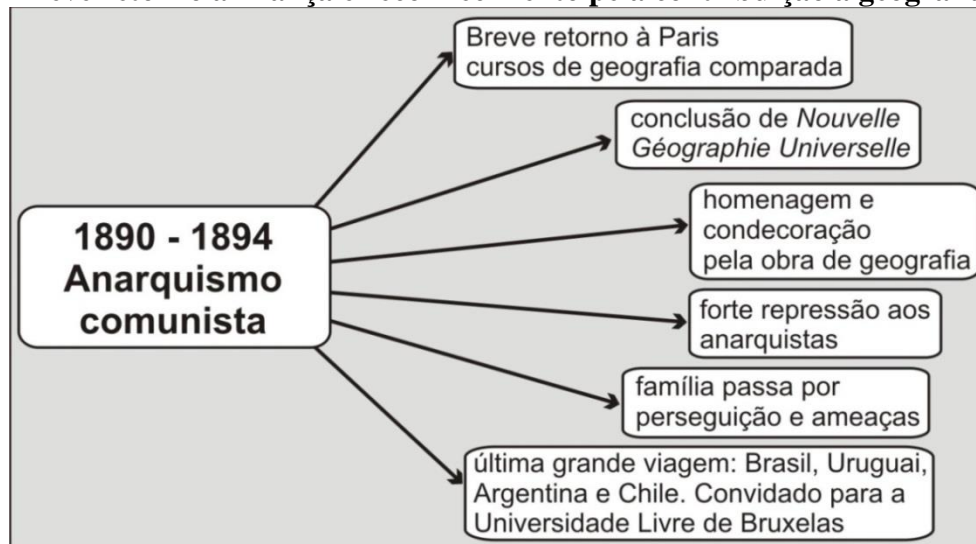
Em 1882 inicia forte repressão contra os anarquistas em decorrência de ter ocorrido alguns atentados e conflitos que tentavam confrontar a situação de crise econômica que a Europa estava vivendo, principalmente no campo da indústria e da agricultura. Mais de sessenta anarquistas foram presos e condenados, Reclus e Kropotkin saíram em defesa desses irmãos de luta, e por isso, foram acusados de mentores e chefes desse movimento rebelde. Kropotkin foi expulso da Suíça e depois foi preso em 21 de dezembro, e sentenciado a cinco anos prisão. Reclus foi ameaçado novamente de prisão, mas continuou denunciando os abusos de autoridade e os horrores da repressão estatal. Para amenizar a pressão que estava sofrendo foi forçado pela editora Hachette a fazer novas viagens, atividade que gostava muito, assim viajou pelo Egito, Tunísia e Argélia, onde passou a voltar diversas vezes, pois sua filha mais velha residia lá. Em 1885 ele viajou para Constantinopla, percorreu diversas partes da Ásia Menor e atravessou a Hungria, onde se encontrou com seu amigo Attila de Gerando, húngaro e grande colaborador dos seus trabalhos de geografia sobre a região. Na mesma época Élisée preparou o volume sobre a África e América do Sul. Frequentou assiduamente a biblioteca de Lisboa, Madrid e Barcelona, e aproveitou para encontrar com companheiros ibéricos. Em 1886 passou por Nápoles, andou pelo leste europeu, e chegou em 1889 nos Estados Unidos, para sua segunda visita, e no Canadá, onde admirou o grau de transformação do espaço desses novos mundos. Absorveu muitas informações na biblioteca dos Estados Unidos, retornando com alegria a visitar o lugar em que viveu em 1855.

2.2.5 Breve retorno à França e reconhecimento pela contribuição à geografia (1890 – 1894)

Reclus voltou à Paris no verão de 1890, ano que já tinha autorização para retornar a seu país natal. Essa espécie de terceiro exílio, saindo do país que já estava exilado para viajar pelo mundo lhe proporcionou maior interação com as transformações que estavam em curso fora da França e Suíça, estabelecendo contatos e profundas amizades com companheiros de Portugal e Espanha, além de ter percorrido nações fora da Europa Ocidental, ultrapassando a fronteira com o velho continente, percorrendo a África, Ásia e principalmente, encontrando as transformações técnicas do espaço geográfico estadunidense e canadense do final do século XIX, que possibilitará

desenvolver com maior qualidade os volumes da geografia universal dedicados a essas partes do mundo. Esses breves quatro anos que ficou na França (quadro 13) foram conturbados e muito intensos, apesar de terem sido frutíferos para a finalização da *Nouvelle Géographie Universelle*.

**Quadro 13: Traços biográficos vivenciados por Élisée Reclus (1890 a 1894):
Breve retorno à França e reconhecimento pela contribuição à geografia**



Organização: José Vandério Cirqueira Pinto – 2014.

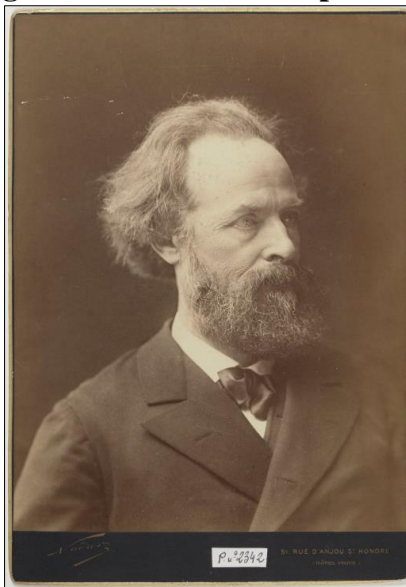
Primeiramente, nesse período, Reclus continua através de suas viagens promovendo seus cursos de geografia comparada, que por sua vez, chamavam muita atenção e causavam grande reconhecimento, em decorrência da forma como ele fazia sua geografia: original por ser libertária. Isso demonstra que a historiografia dominante construiu erroneamente o estigma de que a geografia reclusiana não foi amplamente conhecida, por isso foi negligenciada, por não ter sido bem divulgada no seio dos territórios acadêmicos dominantes, e nem ter sido submetida aos debates acadêmicos ou científicos da época, além de seu autor ter vivido em eterna reclusão pelos constantes exílios. Tudo isso é um grande equívoco, e as causas da negligência da obra geográfica reclusiana não se sustentam somente por essas considerações, que por sua vez, serão explicitadas no próximo capítulo.

Contrariamente a esta posição simplória que relaciona esquecimento deste pensamento aos exílios e pouca difusão da obra, a divulgação e o debate que ocorreu em torno da obra geográfica de Élisée foi amplamente considerado, mas se restringiu a seu caráter meramente funcional e técnico que estava equalizado ao conhecimento geográfico produzido no momento. No que tange o caráter heterodoxo, sobretudo vinculado a seu posicionamento ideológico e da prática espacial, em que via estreita

relação entre ciência e transformação política e social do espaço, claramente muito pouco foi reflexionado pela crítica da época, que escolheu se posicionar de forma neutra ou mesmo descompromissada com estes elementos.

O fato de ele ter sido constantemente exilado não anula a possibilidade de difusão de sua obra. Os exílios expressam a atitude de um homem em busca da incansável justiça e da liberdade, se portando como poucos geógrafos da época, mantendo posição contestadora aos autoritarismos, ao contrário da maioria dos geógrafos ortodoxos, que se calavam diante das mazelas, se omitindo, ou mesmo apoiando em alguns casos os absurdos expropriadores da mão opressiva do Estado e do aliciamento do capital. Reclus percorreu centros acadêmicos, divulgou sua geografia, ingressou em debates e produziu círculos de produção e de transformação do conhecimento, mas tudo isso não estava de bom grado ao modelo de produção do conhecimento vigente.

Ilustração 05: Fotografia de Élisée Reclus por Nadar no ano de 1883



Fonte: Bibliothèque Nationale de France. Atelier Nadar/0530. Élisée Reclus, géographe / [photographie, tirage de démonstration]. gallica.bnf.fr

A pesar de tudo, por ter sido expulso da França, depois, espancado na prisão, maltratado fisicamente e moralmente, além da opressão que seu pensamento sofreu e do corpo marcado pela tortura, Reclus superou todas essas formas de sujeição. Continuou sua atividade anarquista e geográfica, recebendo em 1892 a notícia de sua condecoração com a medalha de ouro pela Sociedade de Geografia da França, em decorrência da enorme contribuição de sua grandiosa *Nouvelle Géographie Universelle* e do conjunto de sua obra geográfica precedente. Somente após ter passado todos esses mecanismos

de opressão do corpo e da alma que o geógrafo libertário pôde ser aceito como geógrafo de verdade. O rigoroso e tradicional modelo de educação da sociedade judaico-cristã ocidental presa pelo processo de desintegração do sentimento rebelde no indivíduo, e por isso, realiza trabalho de decantação e de redirecionamento, ou *norteamento* dos instintos para reconduzir o corpo insurgente e a mente libertária aos trilhos da docilidade e da domesticação social. Somente a partir desse sistema essencialmente castigador e castrador que o geógrafo anarquista poderia ser condecorado, e após esse gesto que notifica a notoriedade e a capacidade de um indivíduo perante os crivos da sociedade, imediatamente seguindo o modelar percurso civilizatório ocidental, ele foi convidado, já no final de sua vida, para ser professor da Universidade Livre de Bruxelas.

Em relação à condecoração, Reclus não se sentiu confortável, conforme fica claro no trecho da carta que enviou a sua irmã Luisa Dumesnil em fevereiro de 1892, que ao comentar sobre o recebimento da notícia de condecoração pelo senhor Maunoir, então secretário geral da Sociedade de Geografia da França, afirmou que queria “Fuir! Tu le sais, fut mon premier cri. Mais ce n’est pas tout de fuir, il faut aussi que la fuite soit justifiée. Après la lettre de Maunoir, arrive une lettre officielle indiquant le jour de la crucifixion, encore fort éloigné, le 22 avril”⁵⁹ (RECLUS, 1911, t. III, p. 102, 103). Ainda com respeito à condecoração, Reclus estranha muito ela ter sido dada em virtude de uma obra que ainda não havia sido concluída, conforme é explicitado na carta em que agradece o gesto da Sociedade de Geografia.

Messieurs et chers collègues de la Société de Géographie,
L’honneur qu’il vous plait de me conférer pour une oeuvre inachevée et bien imparfaite, me rend tout confus. Quand je relis les noms de ceux auxquels vous associez le mien, je me demande comment des livres dont la valeur diminue d’année en année par suite de l’accroissement rapide de nos connaissances et des transformations incessantes de la société, peuvent être mis en balance avec les explorations de ces hommes, les grands découvreurs, dont les conquêtes pacifiques, point de départ de toutes les recherches faites après eux, grandissent de siècle en siècle dans la mémoire des hommes. Ils [os livros da *Nouvelle Géographie Universelle*] vivent à jamais dans l’histoire des progrès humains et c’est par eux que je reçois un lustre éphémère.
Mais je dois m’incliner devant votre décision et l’accepter en toute gratitude. Je me sens, dans cette occasion, le représentant des collaborateurs désormais nombreux qui, dans notre société, dans nos écoles et autour d’elles, travaillent comme moi, les uns avec plus de science, les autres avec plus de méthode, et tous avec le même dévouement au grand oeuvre de la connaissance de la Terre et des Hommes. Comment les récompenser tous? Parmi tous ces hommes de conscience, vous avez choisi l’un de ceux qui ont eu la joie d’être à la tâche

⁵⁹ “fugir! Você sabe, foi o meu primeiro grito. Mas isto não é tudo, é necessário também que a fuga seja justificada. Após a carta de Maunoir, chega uma carta oficial indicando o dia da crucificação, bastante longe ainda, o 22 de abril”.

depuis le plus grand nombre d'années et qui, probablement, devra la terminer bientôt ⁶⁰ (RECLUS, 1911 t. III, p. 104, 105).

Mas se enganaram quando pensaram que este nobre gesto de reconhecimento perante a sociedade de geografia iria inibir a contundência insurgente e a eloquência pela liberdade deste geógrafo anarquista. Ao contrário, seguindo o movimento inverso apontado por Kuhn (1971) de que a anomalia quebra paradigmas somente quando é aceita pela sociedade científica, após essa fase Reclus irá produzir sua mais paradigmática obra: *L'Homme et la Terre*, passo final de sua jornada em busca da geografia das liberdades, desamarrada dos crivos limitadores da ortodoxia acadêmica. Mesmo recebendo outra medalha de ouro, agora pela Sociedade de Geografia de Londres o geógrafo anarquista não abrirá mão de suas posições subversivas, e ao mesmo tempo continuará seus cursos de geografia, marcados por lógicas alternativas, ou seja, heterodoxas de abordagem do objeto geográfico. É o caso dos *Summer Meetings*, dirigidos por ele seu amigo Patrick Geddes em Edimburgo, em que Reclus engaja-se ativamente. Conforme destaca Steele (2011, p. 81), “persuadido de que os métodos tradicionais só podem paralisar a criatividade e o interesse dos estudantes, Geddes utiliza esses cursos como uma conjuntura favorável a métodos e atividades de ensino experimentais”. Será o espaço ideal que Reclus encontrou para exercitar sua tendência pluralista discursiva da geografia, ligado a transmissões heterodoxas do conhecimento, pois os cursos visam encorajar “a abordagem artística com vistas a uma síntese construtiva dos resultados obtidos. [...] Oferecem aos estudantes, contudo, uma abordagem interdisciplinar dos problemas econômicos e sociais, fundada simultaneamente sobre as ciências, as artes e as letras, e incitam-nos a considerarem seu trabalho de modo global” (STEELE, 2011, p. 82).

Neste contexto de produção teórica intensa, de aulas em cursos fora de seu país de residência, Reclus irá encontrar tempo para realizar sua última grande viagem:

⁶⁰ Senhores e caros colegas da Sociedade de Geografia,

A honra que vos concede a mim por uma obra inacabada e imperfeita me deixa muito confuso. Quando reli os nomes dentre os quais vós associastes o meu, me perguntei como livros cujo valor diminui de ano em ano devido ao aumento rápido de nossos conhecimentos e das transformações incessantes da sociedade, podem ser comparados às explorações destes homens, os grandes descobridores, cujas conquistas pacíficas, ponto de partida de todas as pesquisas feitas após eles, engrandecem de século em século na memória dos homens. Eles [os livros de *Nouvelle Géographie Universelle*] nunca vivem na história dos progressos humanos e é por eles que recebo um lustre efêmero.

Mas devo inclinar-me diante de vossa decisão e aceitá-la com toda a gratidão. Eu me sinto, nesta ocasião, o representante, daqui em diante, dos numerosos colaboradores que, em nossa sociedade, em nossas escolas e em volta delas, trabalham como eu, uns com mais ciência, outros com mais método, e todos com a mesma dedicação à grande obra do conhecimento da Terra e dos Homens. Como recompensá-los todos? Entre todos estes homens de consciência, vocês escolheram um daqueles que tinha a alegria de estar na função desde o maior número de anos e que, provavelmente, deva terminar daqui a pouco tempo.

percorreu a região do Cone Sul sul-americano. No verão de 1893 viajou pelo Brasil, Uruguai, Argentina e Chile, compondo informações fundamentais para realização de seus trabalhos. A viagem ao Brasil rendeu-lhe grandes recordações, como fica evidente em carta enviada a seu genro Paul Regnier, em cinco de agosto de 1893 (RECLUS, 1911, t. III). Despertou a atenção de diversos setores intelectuais, como na literatura, pelo contato direto com Euclides da Cunha, que ao desenvolver trabalho de cartógrafo no Ministério do Exterior com o Barão de Rio Branco irá declarar a profunda influência que recebeu do geógrafo anarquista, principalmente em suas análises sobre o Brasil baseadas na obra *Estados Unidos do Brasil*, que por sua vez, em *Os Sertões* Euclides da Cunha fez discussão geográfica sustentada nos pilares epistemológicos de Reclus: a terra, o homem e a luta de classes. Lima Barreto será outro escritor que sentirá profunda admiração pelos trabalhos de Reclus, não só pelo fato de sua posição política ser a mesma, o libertarismo, mas também pela geografia reclusiana ser aquela que valorizava a identidade cultural brasileira. Sua viagem ao Brasil reforçou esse contato, estando explícita sua contribuição no conto *O Moleque*, em que cita a importância de Reclus ao defender a conservação dos nomes tupis dos lugares, como síntese da resistência cultural dos povos aborígenes brasileiros. Outros nomes como o de Monteiro Lobato e de Graça Aranha reforçam o exemplo de destaque que a vinda de Reclus rendeu aos círculos intelectuais brasileiros. No plano da geografia, Cardoso (2006) evidencia a abordagem que o geógrafo anarquista francês recebeu da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, apresentando um curso, baseado na divulgação de seu *Estados Unidos do Brasil*, abordando as potencialidades que esse país tem no plano da força de trabalho, da dinâmica econômica e da luta do povo, mas que melhor poderia ser aproveitado. Milton Lopes (2004, p. 37, 38), ao destacar a vinda dos primeiros anarquistas ao Rio de Janeiro, descreve elementos da passagem de Reclus aqui no nosso país.

Reclus realizou sua última longa viagem para colheita de dados para suas obras. Além da Argentina, Uruguai e Chile, esteve também no Brasil. E é neste contexto que o vemos ser homenageado a 18 de julho de 1893 em sessão solene da Sociedade Geográfica do Rio de Janeiro, localizada em espaço atualmente ocupado pelo prédio da Escola Amaro Cavalcanti no Largo do Machado (então Praça Duque de Caxias). Das mãos do presidente daquela instituição, o Marquês de Paranaguá, Reclus recebeu o diploma de sócio honorário, a coleção da revista da instituição, o catálogo de sua biblioteca e arquivo, o relatório da Exposição Geográfica Sul-Americana e o trabalho relativo ao meteoro Bendengó, caído na Bahia e trazido para o Museu Nacional no Rio pela Sociedade.

Com o retorno dessa longa viagem, pronto para iniciar uma nova função, a de professor universitário, mesmo já com idade avançada, Reclus ficará muito

entusiasmado com o novo direcionamento que sua vida poderá tomar. Sempre trabalhou divulgando sua geografia através de cursos, na juventude trabalhou como professor do ensino básico, mas como professor do ensino superior em uma instituição que o acolhesse vinculado a uma cátedra exclusiva à docência em geografia nunca havia sido possível.

A oportunidade de incorporar mais essa função na vida não se deu de forma tão parcimoniosa. No ano de 1892 ocorreram diversos atentados terroristas na Europa, que vinham seguindo a tendência do movimento niilista russo e o que posteriormente convencionou chamar de anarquismo terrorista, explodindo ações em diversos países como na Espanha, na Itália e também na França, deixando diversas vítimas fatais e parciais. Monteiro (2010, p. 58) identifica esse tipo de ação política de *niilismo social* ou *anarquismo terrorista*, destacando que entre 1890 e 1900 essa modalidade de terrorismo “vitimou na Itália cinco pessoas fatais e nove parciais; enquanto que na França o número sobe para doze pessoas mortas e mais de cem feridas; já na Espanha, foram ainda maiores as vítimas, entre quarenta e duas e quarenta e nove vítimas fatais, além de noventa e oito ou cento e cinco não fatais.”

Embora pareçam ações pontuais que visam somente promover o terror generalizado, o niilismo social que usa da ação anarquista incendiária é visto por Vattimo (1989, 1992, 2000) como ruptura ao paradigma da política liberal, compondo uma espécie de *esquerda niilista* ou *socialismo niilista*, que tem suas fontes gestadas bem antes das agitações russas da segunda metade do século XIX, ainda no pensamento dos libertinos barrocos do século XVIII e na Revolução Francesa, e seus incontáveis movimentos sociais insurgentes, conforme identifica Volpi (1999).

Nietzsche (2008), ao discutir sobre esse assunto, vai demonstrar que apesar de existirem diversas matrizes que compõem o complexo agrupamento filosófico e político do niilismo europeu o princípio motivador desse movimento se sustenta na contestação à crença aos valores morais, que tem como ponto de partida os desequilíbrios sociais, a negação do cristianismo e todo seu mecanismo de controle ideológico, o abandono do teleologismo histórico, a repulsa ao aprisionamento economicista e o posicionamento cético fundado pelos avanços da ciência, induzindo o desmoronamento dos valores cosmológicos. “O niilismo não é nenhuma causa, mas somente a causa da *décadence*” (NIETZSCHE, 2008, p. 45), que contesta o sentido histórico moderno, anunciando a decadência dos valores civilizatórios ocidentais, como o faz Cioran (2011) ao debruçar sobre o tema da utopia e da história nas sociedades do século XX, desacreditadas após os desastres do projeto liberal e o encaminhamento da falência do sistema soviético (o

livro foi publicado em 1960, com escritos de 1957), sendo este filósofo romeno um dos últimos remanescentes dessa tradição metafísica do niilismo.

Já no plano da ação política, o niilismo social se expressa primordialmente nos idos de 1860 na Rússia, quando a liberalização do modelo de exploração do trabalho servil se estabeleceu em decorrência de profundas revoltas sociais, locais e individuais, pelo método do terrorismo individual, culminando em um dos mais radicais movimentos políticos da Europa no século XIX. Os jovens Nikolaj Dobroljubov (1836 – 1861) e Dimitri Pisarev (1840 – 1866) contestavam o imobilismo russo e seu profundo tradicionalismo cultural, a posse da terra, a concentração de renda e o modelo arcaico de organização social, apregoando que a única saída estava assentada na destruição total e irrestrita de todo o modelo, resplandecendo a partir desse prisma, forte influência em atos extremistas de ataques contra estadistas, estruturas governamentais e empresariais.

Este engajamento revoltado individual e revolucionário social refletiu na cultura literária russa sobre o alicunho niilista sendo a chave para os principais escritores da época pensar sobre este espírito impetuoso, caso de Turgueniev e Dostoiévski. O primeiro, tendo como destaque a obra *Pais e Filhos*, em que a partir dela introduz explicitamente o termo niilista numa obra de literatura, embora este conceito já viesse sendo abordado anteriormente em outras obras da Europa Ocidental, caso de *Fausto*, de Goethe. No caso de Dostoiévski, o niilismo está presente na grande maioria de suas grandes obras, mas vale ser destacado *Crime e Castigo* e *Os Possessos*, em que nesta última, o niilismo social ganha feição mais elaborada e aparece na forma do projeto estético literário.

Figuras como a do terrorista russo Seguei Netcháiev, que junto com Bakunin, em virtude de curta, mas intensa e conflituosa amizade escreveu um *Catecismo do Revolucionário* (NETCHÁIEV, 2007) que invocavam a destruição como único caminho para a reconstrução ideal. Essa modalidade de pensamento possibilitou os atentados contra o Czar Alexandre II em 14 de março de 1881, ato máximo do niilismo social russo, que imediatamente abriu precedente a maior repressão a esses movimentos insurgentes, que já vinha ocorrendo desde a década de 1870, e por outro lado, intensificaram a reprodução deste tipo de atuação nos países da Europa Ocidental.

O movimento anarquista tinha como modalidade política a *propaganda pela ação* e a *ação direta* (BERTHIER & VILAIN, 2011; COLOMBO, 2011), que foram absorvidas e interpretadas por algumas facções niilistas como a possibilidade de efetivar o radicalismo político por confrontos, bombas e crimes, no contexto do terrorismo

individual, proliferando diversas ações incendiárias semelhantes ao modelo russo, generalizando a situação de crise e terror. Diversos anarquistas apoiaram em parte ou totalmente essas ações extremas contra a opressão exercida pelo czarismo ao povo russo, e também contra os monarquismos e republicanismos autoritários na Europa Ocidental. O terrorista anarquista Ravachol se destacou em meio ao turbulento movimento niilista francês em virtude de ter planejado o atentado do dia 27 de março de 1892 que tinha como alvo o promotor de justiça Bulot, que apesar de ter destruído todo o segundo andar do prédio o promotor conseguiu sair ileso (MONTEIRO, 2010). Ravachol foi preso em 30 de março de 1892 e sua prisão despertou opiniões e posicionamentos de diversos anarquistas europeus, inclusive Kropotkin e Reclus, que repudiavam a ação violenta injustificável, que ferissem inocentes e que levasse mais dor e sofrimento, mas por outro lado, defendiam ações radicais na busca da revolução social.

Vale destacar que depois de sua prisão pelo episódio da Comuna de Paris Reclus passou a desacreditar na ação violenta como a única fonte eficaz de combate à opressão, por isso escreveu o seu último texto essencialmente político intitulado *A Evolução, a Revolução e o Ideal Anarquista* como defesa da educação e da organização revolucionária pelos processos de evolução da consciência individual e coletiva na busca de estratégias de combate à injustiça a caminho da revolução social, de uma forma que não precisasse chegar aos extremismos assassínios de fundamentos militares ou para-militares.

Mesmo não apoiando diretamente o movimento niilista e buscando diferenciar as ações revolucionárias dos anarquistas das ações rebeldes dos terroristas niilistas, Reclus e todos os anarquistas europeus passaram por profundo momento de repressão e retaliação de suas organizações, sofrendo limitação de suas liberdades. Os seus principais periódicos *Revue Libertaire*, *Père Peinard* e *La Révolte* foram todos fechados em 1894, além de diversos anarquistas terem sido presos. Em meio a essa conturbada relação de perseguição Reclus concluiu finalmente sua maior obra *Nouvelle Géographie Universelle*, por sua vez, ficou muito preocupado com as ameaças que passou constantemente a receber, pois era relacionado equivocadamente como mentor de alguns atentados terroristas, além de sua família também ter sido ameaçada, principalmente sua mãe, sua mulher e as filhas terem convivido com constantes perseguições em meio a um clima de terror e repressão.

Diante dessa situação conturbada a Universidade Livre de Bruxelas, fortemente alinhada as perspectiva liberal e dependente do governo Belga e dos interesses da

França, que anteriormente havia convidado Reclus para ser professor de geografia, cedeu às pressões do governo francês em aderir a seu movimento de *caça aos anarquistas terroristas* rejeitando a cátedra ao geógrafo anarquista, explicitamente em decorrência de seu vínculo com o movimento revolucionário, mesmo não tendo nenhuma prova de seu envolvimento direto com o nihilismo social ou o anarquismo terrorista individual. A reação foi imediata e os diversos intelectuais e alunos saíram em defesa de Reclus pressionando o fechamento da universidade, provocando a demissão do reitor, constituindo uma assembleia permanente, resultando na formação de uma nova universidade, agora a Universidade Nova de Bruxelas (UNB), que Reclus será acolhido finalmente como seu grande professor, legando todo o respeito que merecia.

Neste curto período que Reclus viveu na França pós-exílio ele terá como maior contribuição teórica a conclusão de sua geografia universal. Por sua vez, os trabalhos 211, 212 e 213, do anexo 03, merecem destaque. No primeiro, ele desenvolve apurada análise das condições climatológicas e hidrológicas da África tropical, servindo como material de apoio as aulas que iria ministrar na universidade. O trabalho 212 é um curso de geografia para a Universidade de Bruxelas sobre a América do Sul, já o 213 é um excelente artigo sobre o conceito geográfico e ideológico de Oriente e Ocidente. Neste texto Reclus antecipa o debate que irá figurar nos anos de 1970 na geografia sobre essa divisão polarizada do mundo, sendo considerado paradigmático por diversos autores que tratam do assunto, conforme destaca Pelletier (2007), tanto como fonte ao debate marxista, quanto como pelo debate empreendido pelo pós-colonialismo no que tange a geopolítica imperial.

2.2.6 Atividade docente engajada e geografia social libertária (1894 – 1905)

A partir de 1894 Reclus iniciará sua atividade docente na Universidade Nova de Bruxelas (UNB) onde ficará até seus últimos dias de vida. Em virtude das perseguições na França teve que novamente se exilar, mas dessa vez foi uma espécie de autoexílio, se instalando na cidade de Bruxelas para os últimos 11 anos de sua vida, que por sua vez, serão os primeiros e únicos anos tranquilos de sua existência indomável e insubmissa. Esta última etapa da vida de Reclus não significa que ela não foi também de formação de seu pensamento, ou seja, o pensamento reclusiano foi sendo formado ao longo de toda sua existência, passo a passo foi adquirindo novas experiências e com isso acumulando formas de pensar a geografia e o anarquismo.

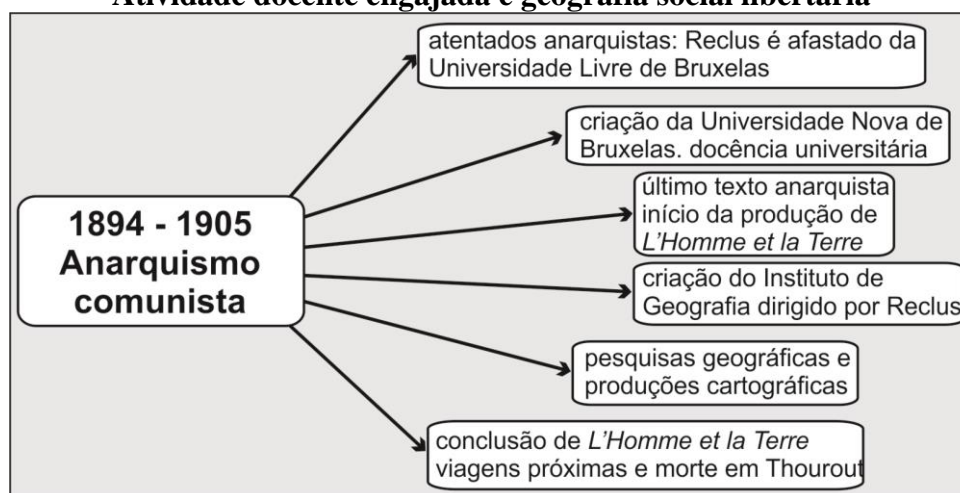
Seu anarquismo, por exemplo, partiu da perspectiva libertária metafísica, ganhando noções federalistas coletivistas, chegando ao anarquismo comunista. Da mesma forma com a geografia. Reclus iniciou com uma geografia descritiva, de cunho heroico e poético, marcada pelo estilo de relatos de viagens, passou por obras pedagógicas de ensino de geografia, por uma primeira grande obra de geografia socioambiental, depois por uma ainda maior geografia de cunho político, para no final, concluir seu itinerário de produção do conhecimento geográfico com outra grande obra, agora sua última *L'Homme et la Terre*, ou seja, sua geografia social.

Então o percurso de pensamento desenhado pelo geógrafo anarquista francês teve seu início, meio e fim. Ao contrário de diversos autores que não conseguem concluir sua obra, ainda mais quando o projeto é muito extenso, Reclus ao concluir sua geografia universal não se deu por satisfeito. Acreditando que teria que escrever mais um volume conclusivo que se transformou em novos seis grandes volumes de uma nova obra, não mais somente uma conclusão da monumental anteriormente escrita, agora invertendo a metodologia *Terra e homens*, para *homem e a Terra*. Imediatamente logo após a conclusão de sua mais recente obra ele veio a falecer, não conseguindo publicar todos os volumes, deixando os manuscritos sobre a responsabilidade de seu tão querido seu sobrinho Paul Reclus, que aceitou a missão e logo tratou da publicação desse novo e último grandioso projeto, dessa nova aventura pelos meandros tortuosos do saber geográfico, que ganhou mais outra grande obra do incansável militante anarquista geógrafo.

Reclus, como sempre incansável, nunca reduziu sua intensidade de trabalho, e dividiu suas jornadas diárias entre as aulas na Universidade Nova de Bruxelas (UNB) e a construção dos escritos de *L'Homme et la Terre*, que ganhou mais de três mil páginas distribuídas por seis volumes. Na atividade docência buscou desenvolver excelência produtiva, qualidade teórica e prática, pois incitava a prática de diversos trabalhos de campo e visitas técnicas, e ao mesmo tempo buscou fortalecer a pluridisciplinalidade conforme destaca Mosquete (2007, 2008), congregando um quadro de professores diverso, com especialistas na geografia física, médica, cartografia, geologia, além de especialistas em história. Élisée Reclus era responsável pelas disciplinas de geografia comparada e seu sobrinho Paul Reclus por geografia humana. Ainda baseado em Mosquete (2007), Reclus vinculou-se ao *Institut d'Hautes Études* (IHE) da UNB, ocupando a cátedra de Geografia Comparada, entre os anos de 1894 e 1904, ministrando os cursos denominados de *Geografia e História da Geografia* no IHE entre os anos de 1894 a 1899; já os cursos *Exercícios de Geografia*, estavam vinculados ao doutorado da

Faculdade de Filosofia e Letras da UNB, entre os anos de 1894 a 1895; além dos cursos *Noções Elementares de Geografia Física*, para a licenciatura na Faculdade de Ciências e para o doutorado de Ciências Naturais, estes foram durante os anos de 1894 e 1899. Por último, Reclus ministrou os cursos de *Geografia Comparada*, na Faculdade de Ciências Sociais, na seção de Sociologia, entre os anos de 1899 a 1905, sendo os últimos de sua vida.

**Quadro 14: Traços biográficos vivenciados por Élisée Reclus (1894 a 1905):
Atividade docente engajada e geografia social libertária**



Organização: José Vandério Cirqueira Pinto – 2014.

Essa intensa dedicação à docência universitária fez com que Reclus buscasse ainda mais possibilidades de fortalecimento da geografia universitária da UNB, almejando qualificar a pesquisa e a formação profissional de especialistas em geografia. Por isso criou o *Instituto de Geografia da Universidade Nova de Bruxelas*, no ano de 1898 que perdurou até o ano de 1909, quatro anos depois de sua morte. Neste instituto buscou criar um espaço acadêmico propício à renovação do ensino de geografia, experimentando novas modalidades pedagógicas, produzindo pesquisa específica aos temas em debate, além de ter criado como suporte técnico ao instituto a *Société Anonyme d'Études et d'Éditions Géographiques Élisée Reclus*, que segundo Mosquete (2007, p. 29) “la aplicación del saber geográfico llevó a Élisée Reclus a fundar una empresa que aportó la realización de trabajos cartográficos, contribuyendo decisivamente a incrementar los fondos de la biblioteca del Instituto de Geografía y la Universidad Nueva, a la vez que intentaba ser una salida profesional para los estudiantes de geografía.” Foi uma ótima ideia a implantação de pesquisas e produções cartográficas, rendendo-lhes diversos trabalhos com encomendas que não se exauriam.

Entretanto, o projeto de criar, juntamente com Geddes, um gigantesco globo terrestre (anexo 04, nº 239), conforme já foi dito, não se materializou. Os dois amigos tinham a ideia de criar uma espécie de museu vivo da geografia, que funcionava como uma imensa torre pedagógica em formato de observatório, com plataformas ou caminhos que contornavam o imenso globo terrestre postado no meio, e na sua superfície expressas diversas informações geográficas, históricas, políticas, econômicas, sociais e culturais, que poderiam sempre ser atualizadas com novas informações, projeto esse que seria apresentado na Exposição Universal de Paris, em 1900 (ALAVOINE-MULLER, 2003). “Para Reclus, isso era uma metáfora primordial da unidade cósmica da vida humana e dos laços universais que esta supõe, desprezando as fronteiras políticas, as raças ou as crenças, e ela era a própria demonstração de uma humanidade comum” (STEELE, 2011, p. 85).

Além da vigorosa e frutífera atividade acadêmica, contrariando o discurso oficial da historiografia dominante ortodoxa, Reclus também manteve suas atividades no movimento anarquista. Escreveu seu último texto sobre o assunto, sendo considerada sua única obra eminentemente anarquista, intitulada de *A Evolução, a Revolução e o Ideal Anarquista* (ver anexo 04, nº 263). Este escrito é fruto de diversas palestras sobre o assunto, também das experiências e das decepções que teve com o movimento revolucionário, principalmente da opressão sentida na prisão, fruto também dos escritos nos periódicos libertários, e uma tentativa de atualizar a noção de anarquia como ideal humano, e do sistema anarquista enquanto alternativa libertária de organização política.

Mesmo sendo um texto eminentemente anarquista ele não deixa de ter linguagem geográfica, e por muitas vezes Reclus usa do discurso espacial para explicar a luta de classes e a necessidade de revolução social, contrariando a tradição marxista de apregoar todas suas explicações ao economicismo e ao historicismo. Este livro é um escrito de maturidade sobre a anarquia, de limpidez ideológica sobre o conceito evolução e revolução, sendo o texto de maior destaque do autor, e por ser curto, com cerca de 130 páginas, obteve ampla divulgação, sendo lido por diversos setores de trabalhadores do campo e da cidade, chegando aos círculos revolucionários mais longínquos, inclusive no Brasil, que logo recebeu tradução, sendo republicado diversas vezes, como pode ser notado no anexo 04, no número 263.

Reclus (2002) diferencia evolução de revolução, e ao mesmo tempo mostra como elas interdependem, não sendo possível a revolução social sem as pausas organizativas da evolução, e esta não sendo consciente e efetivamente transformadora sem a necessidade de rupturas bruscas, a revolução, que dá o tom das necessárias

transformações. Esta compreensão leva à reflexão de que evolução sem revolução resulta no evolucionismo natural e social. Neste livro ele nega o evolucionismo darwiniano e afirma a evolução e a revolução como modelos mutualistas fundamentais da sociedade, que almeja o ideal anarquista como ideal humano universal de liberdade.

Pode-se dizer, assim, que a evolução e a revolução são dois atos sucessivos de um mesmo fenômeno, a evolução precedendo a revolução, e esta precedendo uma nova evolução, mãe de revoluções futuras. Pode acontecer uma mudança sem provocar repentinos deslocamentos de equilíbrio na vida? A Revolução não deve necessariamente suceder à evolução, assim como o ato sucede à vontade de agir? Uma e outra só diferem pela época de seu aparecimento. Quando um deslizamento obstrui um rio, as águas acumulam-se pouco a pouco até o alto do obstáculo, e um lago se forma por uma lenta evolução; em seguida, repentinamente, produz-se uma infiltração no dique, e a queda de uma pedra provocará o cataclismo: a barragem será violentamente arrastada e o lago esvaziado voltará a ser rio. Assim ocorrerá uma pequena revolução terrestre. Se a revolução está sempre atrasada em relação à evolução, isto se dá por causa da resistência dos meios: a água de uma correnteza sussurra em suas margens porque estas a retardam em sua marcha; o raio ribomba no céu porque a atmosfera opõe-se à faísca emanada da nuvem. Cada transformação da matéria, cada realização da ideia é, no próprio período da mudança, contrariada pela inércia do meio, e o novo fenômeno só pode realizar-se por um esforço ainda mais violento ou por uma força ainda mais poderosa do que a resistência (RECLUS, 2002, p. 25, 26).

É importante destacar como ele aborda o meio, podendo ser sinônimo de espaço, no contexto da revolução, enquanto agente que modela e prende as forças dialéticas, indo além da teoria marxista, que de um modo geral, se limita ao tempo e à história para explicar a dialética das forças contraditórias. Para o geógrafo ácrata, sua compreensão espacial dos processos antagônicos está intimamente ligada à revolução, e esta também está muito presente na geografia, ou melhor, na geograficidade dos fatos, nas relações de diferenciação e de interação entre os objetos, os sujeitos e os fenômenos espaciais. Desse modo, Élisée coloca o geográfico como fator central para se pensar a dialética e a revolução.

Apesar desses últimos onze anos da vida de Reclus terem sido os de maior produção teórica, com a quantidade de trabalhos publicados que se estendem do número 226 ao 403 (anexo 04), em sua maioria são republicações de artigos em outros periódicos ou em outras línguas e em países diferentes, pois ao contrário do que se afirma, sua obra foi amplamente divulgada em vida, não sendo devidamente reconhecida depois de sua morte e colocada em merecido lugar de destaque como decisiva contribuição ao saber geográfico.

Diante destes diversos trabalhos é importante destacar os cursos que desenvolveu para o IHE da Universidade Nova de Bruxelas (nº 270), o trabalho

dedicado à geografia urbana (nº 255), o trabalho direcionado para o ensino libertário (nº 278), entre outros inúmeros trabalhos inéditos em que Reclus publicou ao longo da década de 1890, que em sua maioria estavam ligados aos trabalhos realizados na academia, com especial destaque ao ano de 1899, com trabalhos que se dedicavam as questões regionais sobre diversas regiões do mundo, como: Congo, Argélia, Egito, Índia, Guiné, sobre projetos de regionalização da França, entre outros.

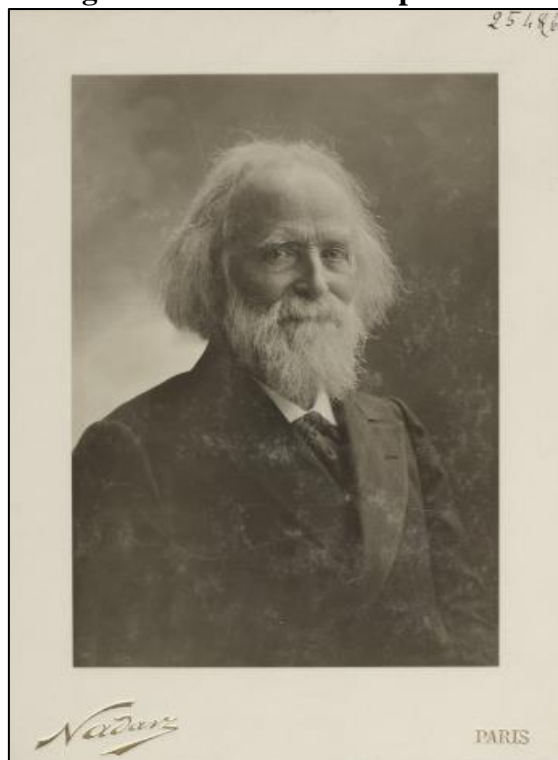
Mas o que merece ser destacado é o livro *Estados Unidos do Brasil*, que já foi comentado acima, texto que faz parte do volume de *Nouvelle Géographie Universelle* que trata da América do Sul, e foi publicado separadamente no Brasil, recebendo especialmente tradução para o português pela editora Garnier, do Rio de Janeiro.

Ao longo dos anos de 1900 os trabalhos de Reclus foram seguindo sua intensa quantidade de republicações e novos escritos foram aparecendo, como artigos dedicados ao ensino de geografia (nº 344), diversas outras monografias regionais, trabalhos sobre ferrovias (nº 362), sobre a geografia política da Rússia (nº 372), trabalhos sobre epistemologia da geografia, abordando os movimentos geográficos (nº 369), e em 1904, penúltimo ano de sua vida, Reclus ainda estava trabalhando com vigor e produtividade, apesar de sua fisionomia cansada e envelhecida (ilustração 06), escrevendo trabalhos sobre a guerra no Extremo Oriente (nº 381) entre outros.

Mas em 1905, com 75 anos, o geógrafo anarquista demonstrou muito esforço e buscou muita força de vontade para concluir sua última grande obra, *L'Homme et la Terre*, pois estava sentindo muito cansaço e as debilidades físicas já estavam se evidenciando com maior intensidade.

O mais incrível é que mesmo nos últimos momentos de sua vida, segundo conta seu sobrinho Paul Reclus, Élisée ainda estava trabalhando na sua mais nova obra, essa que por seu teor explicitamente libertário não foi aceita pela editora Hachette para ser publicada, pois não seguia suas exigências de censura por portar discurso engajado na geografia. Não satisfeito com a posição da Hachette Reclus ampliou mais ainda a obra, que era para ter somente um volume, depois três, ficando no final com seis, e buscou outra editora que não limitasse o projeto original, sendo publicada postumamente por seu sobrinho Paul entre os anos de 1905 e 1908 pela Librairie Universelle de Paris. Reclus a definiu como uma obra de geografia social, que por sua vez é o primeiro tratado explícito de sua geografia anarquista, e que por diversos motivos, que serão abordados no próximo capítulo, ela não recebeu o devido reconhecimento, sendo somente redescoberta nos anos de 1970.

Ilustração 06: Fotografia de Élisée Reclus por Nadar no ano de 1903



Fonte: Bibliothèque Nationale de France. Atelier Nadar/0530. [Élisée Reclus, geografe - 1903]. gallica.bnf.fr

Pouco antes de sua morte Reclus realizou diversas viagens nas proximidades da Bélgica, segundo conta Nettleau (1928), parecendo que estava adivinhando que a morte estava chegando, então fez sua peregrinação cansada, como uma espécie de despedida, passando pelas casas de diversos amigos. Em março de 1905 apareceu publicamente pela última vez na *Société des Savants* em Paris para fazer uma defesa aos revolucionários russos, onde teve um desmaio no ato da exposição oral, outra pessoa terminou de ler o discurso que estava pronunciando. Estava com grave problema pulmonar. Quando a saúde recobrou um pouco viajou à Bruxelas e depois a Thourout, onde sua vida se extinguiu na noite de quatro de julho de 1905 (SARRAZIN, 1985). Seu corpo foi enterrado no subúrbio de Bruxelas, na Comuna de Ixelles.

Na carta de seis de julho de 1905 que Paul Reclus enviou a Kropotkin para avisar da morte do tio ficou evidente o quanto até o final da vida Élisée manteve-se apegado ao anarquismo, pois até os últimos instantes queria saber sobre os desdobramentos da revolta dos marinheiros russos; como também à geografia, preocupado com a divulgação de sua nova obra, sendo seu último escrito o prefácio de *L'Homme et la Terre* e algumas notas ditadas ao sobrinho. Conforme relata Paul (RECLUS, 1911, t. III, p. 327) “Ses derniers instants de bonheur ont été, lundi, quelques heures avant sa mort, d’entendre la lecture des dépêches de Russie... Son dernier travail

fini a été la préface de *L'Homme et la Terre* pour l'édition russe, mais jusqu'à samedi, il a pu dicter quelques notes pour son ouvrage.”⁶¹

2.3 Uma geografia libertária antes da hora?

Com a morte desse excêntrico personagem da geografia e do anarquismo abriu-se enorme lacuna no que tange a continuidade dos trabalhos que ele incansavelmente vinha desenvolvendo ao longo dos anos, em meio a prisões, exílios e ativismo revolucionário, e por outro lado, profunda dedicação ao trabalho científico envolvendo-se com os periódicos especializados em geografia da época, com as publicações mais engajadas do anarquismo, além de ter conquistado respeito de diversas sociedades de geografia distribuídas pela Europa e de ter construído um círculo de geógrafos anarquistas, que levaram pesquisas a diversos confins através de cursos e palestras, fizeram também pesquisas geográficas nos mais longínquos rincões da Terra, mantendo relações com pesquisadores de diversos lugares.

Todo esse trabalho foi bruscamente limitado e sua última grande obra não obteve qualquer recepção pelo mundo científico e acadêmico. A principal hipótese se sustenta no forte teor libertário explícito neste texto, além de *L'Homme et la Terre* ter também causado intensa aproximação da geografia com a sociologia e a história, por estar marcada pela análise histórico-geográfica da ação do homem/mulher sobre a Terra, e por sua vez elevar a categoria espaço-temporal como a chave metodológica para a compreensão da relação entre sociedade e natureza. É importante destacar que *L'Homme et la Terre* será analisada especialmente no capítulo cinco dessa tese. É importante também destacar que essa obra fechou a trajetória intelectual de Reclus fortalecendo as bases do discurso heterodoxo no interior da disciplina geografia do século XIX e primeira metade do século XX, discurso esse também difundido por Kropotkin, Perron, Metchnikoff e Geddes.

Paradoxalmente o pensamento de Reclus, tanto no âmbito da geografia quanto no da anarquia, recebeu reconhecimento do contexto intelectual e de luta social que estava envolvido, mas este reconhecimento consequentemente foi fugaz, caindo em profundo esquecimento. O maior impacto se deu em sua obra mais paradigmática, seu tratado de geografia social que abriu possibilidades para novos direcionamentos da

⁶¹ “seus últimos instantes de alegria foram segunda-feira, quando algumas horas antes de sua morte ouviu a leitura dos despachos da Rússia... Seu último trabalho finalizado foi o prefácio de *L'Homme et la Terre* para a edição russa, mas até sábado ele pôde ditar algumas notas para sua obra.”

geografia, lançando-a no caminho de uma ciência engajada pela práxis espacial e pela transformação da sociedade desigual.

Reclus projetou uma geografia que nasceu da perspectiva ambiental, não naturalista e nem limitadamente física, como o fez Peschel, mas socioambiental, ligada a consciência do equilíbrio entre a ação humana e o meio; depois incorporou a noção política no discurso espacial, mas diferentemente da tradicional geografia política do Estado vinculada ao imperialismo e ao colonialismo, anunciou caminhos para o federalismo libertário, a luta de classe em prol da liberdade autonomista dos grupos sociais, enfatizando os valores do fraternalismo universal, contrário aos nacionalismos e as guerras por território, escolhendo valorizar as identidades regionais, mas também, a diluição das fronteiras, a integração sociocultural e a implantação de formas alternativas de relações econômico-financeiras, pelo associativismo, o comunalismo, a autogestão, o cooperativismo entre outros; e por fim, *L'Homme et la Terre* congregou todos esses acúmulos alternativos, ou melhor, heterodoxas conjecturas sobre o saber geográfico, inaugurando o paradigma social libertário na geografia, efetivando no seu campo de saber a análise espaço-temporal para entender os processos de transformação da Terra pelos humanos, como ela é convertida em espaço e como a disputa por espaço evidencia a necessidade de organização equitativa do mesmo pela sociedade, a caminho da autonomia. Essa linha de reflexão sobre a formação do pensamento reclusiano assemelha-se ao modo em que Creagh (2011, p. 4) discorre sobre a geografia anarquista de Reclus,

Car il refuse les frontières et les nations, il croit à l'unité de l'humanité, et il préfère faire sentir l'épaisseur des relations sociales et des rapports humains avec la Terre plutôt que de réduire la vie au squelette de cartes abstraites et de tableaux statistiques. La géographie reclusienne n'aura pas pour but de fournir des cartes d'état-major pour les guerres futures, ni d'inculquer le patriotisme.⁶²

Esse itinerário constitutivo do pensamento geográfico de Reclus, que somente acabou com sua morte, deu precedentes para a inauguração do que hoje se busca definir de geografia libertária, ou geografia das liberdades, que faz parte do grande conjunto de geografias dissidentes ou marginais. Estas são uma modalidade de discurso geográfico essencialmente crítico, vinculado à transformação do espaço e da sociedade, por sua vez, o exemplo típico da geografia reclusiana que, no momento em que foi apresentada

⁶² Pois ele recusa as fronteiras e as nações, crê na unidade da humanidade, e prefere sentir a espessura das relações sociais e das interações humanas com a Terra em vez de reduzir a vida ao esqueleto de mapas abstratos e de quadros estatísticos. A geografia reclusiana não terá de forma alguma o objetivo de fornecer mapas aos Estados maiores para suas guerras futuras, nem de proliferar o fanatismo patriótico.

à comunidade acadêmica não conseguiu ser totalmente aceita, por isso, estas geografias são subterrâneas, por estarem colocados do lado de fora território da historiografia, à margem exterior da fronteira do pensamento dominante oficial, expulsa do círculo intelectualmente coerente aos objetivos e às práticas pré-estabelecidas pela academia dominante.

A heterodoxa geografia de Reclus é o exemplo prático do saber que se constrói em toda uma vida, que é tributária de suas vivências espaciais, germinada no solo fértil da academia alemã da primeira metade do século XIX, gestada no berço fecundo e enigmático da natureza pelas experiências existenciais demarcadas pelas andanças e pousos. Mas principalmente, a geografia reclusiana foi desde o seu primeiro dia até o último o subterfúgio para que se almejasse a luta de classe, a transformação da sociedade e a organização equitativa do espaço. Por isso, além de ter sido gestada na academia, germinada na natureza ela foi educada nos movimentos sociais em busca da liberdade.

Não é uma geografia que, em certo momento da vida, com os acúmulos de experiência e após as condecorações que lhe colocou em posição confortável ficou pronta, acabada, monológica e monolítica, complacente ao discurso científico uniformizador, mas sim uma geografia pluridiscursiva, multifacetada e atenta aos movimentos complexos da sociedade e do espaço, por isso, profundamente se expressa como uma voz que incomoda, perturbando os silêncios determinados pela tradição acadêmica, que cala os desejos de grito por liberdade. Diante do contexto intelectual em que Reclus apresentou sua geografia ela esteve equalizada aos temas e aos parâmetros de pesquisa da época. De certa forma, ele seguiu esse caminho trilhado pela academia dominante, contribuindo enormemente com as Sociedades de Geografia, trabalhando na mesma sintonia com que iam colocando como desafios de pesquisa, por isso fez também geografia ao modelo ortodoxo. Claro que o reconhecimento com as medalhas de ouro só vieram bem tarde, em virtude de erroneamente estarem acreditando na domesticação do espírito livre insurgente do geógrafo anarquista.

Diante desse contexto ortodoxo em que Reclus parcialmente figurou ele deu enorme contribuição ao saber geográfico, sendo um dos principais responsáveis por garantir a continuidade e o desenvolvimento das pesquisas, avançando o saber da geografia enquanto ciência, após o desaparecimento de Ritter e Humboldt, fazendo essa conexão, conforme destaca Tatham (1959), dos clássicos fundadores aos inovadores estudos de Ratzel e La Blache por exemplo.

Mesmo sendo personagem fundamental dentro deste delicado momento de defasagem dos estudos em que a geografia passou, transportando grande parte da carga dessa tradição até o novo ciclo de renovação localizado logo à sua frente, Reclus não foi reconhecido como agente desse trabalho de passagem, de transposição dos desertos do saber geográfico. Tanto Hettner, como Ratzel e La Blache desconsideraram a geografia reclusiana, se apoiando em diversos conceitos e linhas de reflexão por ela aberto, mas flagrantemente lançou-o no esquecimento, por sua geografia ser profundamente incompatível à orientação político-ideológica que a academia estabelecia como aceitável, e seus novos representantes confortavelmente sentados em suas cátedras da seletividade intelectual tinham que zelar para que não ocorresse a penetração de *impurezas* no árduo trabalho de filtragem e decantação da institucionalização e da cientificização do saber geográfico.

Essas *grandes geografias*, que se posicionavam como a *eleita*, responsável por trilharem os novos caminhos da geografia, estando à frente orientando os melhores percursos a se tomar, tinha como principal missão ou *destino manifesto*, saber da melhor forma incluir, descartar, colocar no trilho ou desviar essas *pequenas geografias* que representasse incongruência ao modelo intelectual ortodoxo.

Mas a geografia de Reclus estava equalizada às *grandes geografias*, sempre esteve conectada ao que se melhor buscava fazer desse campo do saber, contribuindo com o projeto de consolidação e de *status* científico-acadêmico. Ideologicamente a geografia libertária reclusiana intuía *curto-circuito* (tomando a expressão de Kuhn, 1971) ao paradigma ideológico dominante da geografia, que apesar deste afirmar que não possuía nenhuma adesão política, essas geografias da segunda metade do século XIX e início do século XX eram adeptas a correntes de pensamento delineadas pela perspectiva liberal, tendo geógrafos que defendiam o evolucionismo darwinista, outros o neokantismo, como também havia aqueles que se alinhavam ao regionalismo e ao nacionalismo, mas todos estavam cientes da importância do Estado e do capital empresarial fortemente presente nos interesses da produção do saber geográfico. O ponto de conflito entre a geografia de Reclus e de seus contemporâneos se dava justamente no que concerne seu caráter ideológico: eticamente era uma geografia das liberdades, sustentada na corrente teórica do anarquismo.

Por sua vez, Reclus fez uma geografia conectada do movimento de produção do conhecimento de sua época, totalmente coerente aos desafios e necessidades de pesquisa, mas conseqüentemente, por ser uma geografia engajada ao anarquismo, pois todas as geografias estão engajadas direta ou indiretamente a algum interesse, foi

desconectada do contexto acadêmico-científico. A historiografia dominante coloca que em virtude de seu profundo engajamento, atitude inaceitável para a época, esta geografia não foi essencialmente científica, por isso, não mereceu ter ganhado devida atenção, pois tinha como objetivo fim as liberdades e não a pura e neutra produção do conhecimento. Outras historiografias mais recentes apontam que esta geografia libertária forjada por Reclus e demais deste círculo anarquista comunista, apareceu antes da hora, portando discurso muito heterodoxo para a época. Esse tipo de compreensão constrói profundos equívocos no estudo e ensino de história da geografia, pois tenta impor que em cada período devem-se aparecer determinadas doutrinas, e em cada época cabe determinado uso metodológico. Nunca um saber surge fora de sua época, são as condições de definição e de classificação pela historiografia da ciência que o evidencia, descarta, ou mesmo o faz na medida em que os interesses da época querem melhor recepção-lo, dando a forma que a época melhor quer vislumbrá-lo, forma essa que não cause escatologias.

É mais do que necessário e coerente uma geografia libertária em pleno século XIX, pois nesse efervescente século o liberalismo com seus imperialismos e industrialismo causaram graves acúmulos de pobreza, promoveram sangrentos conflitos e conquistas territoriais, redefinindo fronteiras, forjando e apagando outras, consumindo vidas, recursos, força de trabalho e liberdades, para nutrir os agentes de poder do capital e do Estado sobre os ombros dos trabalhadores. Nessa mesma época surgiram diversos socialismos, as admiráveis teorias científicas de Marx, tão res-significadas até hoje, os diversos anarquismos, formas de culturalismo e também os extremados niilismos. As questões do território, da região, dos lugares, das identidades, da exploração da mulher/homem e da ação predatória destes sobre a natureza estavam consideravelmente evidentes para que a geografia ficasse omissa, calada e neutra quanto às mazelas que eram jogadas nos rostos destes especialistas do espaço geográfico. Se por sua vez fizeram geografias que justificassem essas ingerências do capital e do Estado não era estranho que também fizessem geografias que contestassem o poder em prol da liberdade a qualquer custo.

Se a geografia libertária de Reclus não apareceu antes da hora e sim na hora certa, pois tinha campo fecundo para surgir e se desenvolver, e o fez isso, com a materialização de larga produção escrita, com ampla atuação profissional, pois foram onze anos intensos de aula e de pesquisa, além de ter sido uma geografia vivencial diluída na luta revolucionária, seu pouco reconhecimento e má leitura que a trouxe até hoje pelos manuais de história da geografia e a defasada capacidade explicativa no seu

ensino pela historiografia dominante, significa que o campo do saber geográfico como um todo perdeu muito com essas falhas historiográficas do passado.

Por isso, neste próximo capítulo é de suma importância que se apresente as causas, as consequências, as razões e os fundamentos que levaram a negligência do pensamento geográfico de Élisée Reclus, na intenção de buscar entender que a forma como esse pensamento foi construído e os esforços para que ele fosse esquecido projetou um caráter inovador ao saber geográfico, que aqui neste trabalho buscou-se defini-lo como geografia libertária.

CAPÍTULO 03

A NEGLIGÊNCIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO DE ÉLISÉE RECLUS

Para discutir a negligência do pensamento geográfico de Élisée Reclus é necessário, primeiramente, identificar se realmente ele foi desvalorizado, esquecido e posto de lado, e qual foi o grau de esquecimento que ele sofreu; posteriormente, é de suma importância notar se existe justificativa plausível para a pouca atenção ao pensamento reclusiano pela historiografia dominante, identificando assim, quais são as possíveis explicações que naturalizam o processo de esquecimento; por final, é preponderante apontar quais são os possíveis impactos desta negligência para a contribuição do desenvolvimento do pensamento geográfico como um todo.

Mas, o que se quer dizer com negligência de determinado pensamento? Conforme já foi apontado no capítulo 01, com base nas considerações do filósofo e historiador da filosofia Michel Onfray (2008), os conhecimentos são propostos, produzidos e divulgados diante da comunidade científica e da comunidade geral como um todo, e por sua vez eles ganham maior ou menor atenção em decorrência de diversos fatores, sendo eles rerepresentados, divulgados e revalorizados com maior ou menor intensidade do que outras propostas teóricas. Essa modalidade classificatória por estratos de importância sugerida pelo grau de contribuição teórica para comunidade acadêmica gera divergências e certas contestações sobre quais contribuições melhor poderiam ser aproveitadas, ao passo em que outras historiografias vão sendo feitas no desenrolar da divulgação do conhecimento. Por isso, constituem-se historiografias dominantes, estas por sua vez são delineadas por interesses acadêmicos corporativos, formando blocos coesos, incluindo e excluindo certos pensamentos e pensadores, para ecoar a voz dominante que dita o sentido epistemológico que o saber deve tomar. Por outro lado, constituem as historiografias das margens, ou não pertencentes ao único núcleo, configurando-se em diversos núcleos, por estar espacialmente fora do centro único de atenção e de importância, que por sua vez, são contribuições territorialmente pouco ortodoxas ou totalmente heterodoxas ao sentido ideológico dado pelas historiografias oficiais, postando-se desse modo, eticamente como saberes contrários às ortodoxias corporativistas acadêmicas.

No plano epistemológico, conforme já demonstrado, as negligências se apresentam na medida em que o pensamento é construído através de discursos descontínuos à regularidade evolutiva dominante pré-estabelecida. Os teóricos Kuhn (1971), Bachelard (1996, 2006), Foucault (2007, 2012) e Feyerabend (2011), cada um a

seu modo, debruçam-se sobre essas descontinuidades discursivas dos saberes científicos para demonstrar que essa uniforme regularidade evolutiva do conhecimento, progressivamente linear, periodicamente organizada e epistemologicamente coerente são discursos dominantes que teimam por evitar a riqueza criativa que residem nesses planos de fuga, nessas linhas descontínuas, nessas variações epistemológicas, periodicamente complexas que, por sua vez, são o veículo motivador das quebras paradigmáticas e, conseqüentemente, da evolução criativa do pensamento teórico-científico.

Por isso, o pensamento negligenciado é aquele evitado, mas que se encontra presente, no plano histórico e epistemológico do saber. De certa forma, a negligência se justifica quando o pensamento não produz transformação paradigmática, não evoluiu frente os demais e ainda não consegue dar as devidas respostas esperadas pela comunidade acadêmica. Mas o que se busca evidenciar aqui é o porquê de certos pensamentos que promoveram impactos paradigmáticos, sinalizaram para inovações epistemológicas e mesmo assim foram forçosamente negligenciados. Outro questionamento que pode ser feito é sobre qual a verdadeira legitimidade que a ciência oficial detém para discriminar que certos pensamentos devem ser aceitáveis ou não perante a recepção pública. Ou seja, o que deve ser considerado paradigmático ou útil para o pensamento oficial não se traduz literalmente como significativo para a realidade e aplicabilidade desse pensamento ou para o que não é considerada uma expressão oficial de reflexão teórica. Existem interesses nesse jogo de elucubrações textuais. Como a academia que se julga politicamente neutra e assentada nos valores da ética pode reproduzir valores segregacionistas a certas modalidades de pensamento?

Nesse sentido, ser negligente é saber que o pensamento está ali, presente, demarcando sua importância e grau de potência, mas mesmo assim é colocado de fora do domínio acadêmico sem as justificativas plausíveis necessárias. O principal questionamento das imposições negligentes se faz pelo fato delas terem comumente descartado ricas, valorosas e inquietantes contribuições para os campos do saber e que, quando isso é feito, promovem incontornáveis situações de direcionamentos e tomadas de decisão. No futuro, quando são identificados os equívocos que foram exercidos contra essas contribuições não convencionais ou alternativas, elas não mais se materializam com o mesmo grau de efetividade e valor que havia sido proposto na época, por agora estarem em outro contexto, e por isso, o saber não consegue mais qualitativamente absorver aquele pensamento que foi negligenciado. As perdas são sempre irrecuperáveis e sua maioria, em decorrência do exercício segregacionista do

saber, descartam as sobras do passado que poderiam ainda ser reaproveitadas, em virtude de reforçar a historiografia que se sustenta nesses corporativismos e paroquialismos presente nas academias dominantes.

Conforme foi demonstrado no capítulo 02, o pensamento geográfico de Reclus foi sendo formado até seus últimos dias de vida, e paradoxalmente ele foi construindo seu espaço dentro dos movimentos sociais e do domínio científico-acadêmico da segunda metade do século XIX, mas por sua vez, todo um grande legado não foi eficazmente aproveitado, e mesmo em vida já foi sendo descaracterizado por construções pejorativas, classificações genéricas e apontamentos superficiais acerca da seriedade científica.

Com sua morte, o processo de esquecimento foi profundo, e com a consolidação da geografia acadêmica francesa ele foi totalmente posto de lado, vulgarmente tachado como não acadêmico. Os esforços de diálogos feitos com a academia alemã, já um bom tempo consolidada no curso do século XIX, também não obtiveram êxito, e a forma como Reclus pensou a geografia e seu papel frente à sociedade entrou em profundo desuso, por ser incompatível ao modelo de sociedade que a academia e a ciência construía. Os esforços de diálogos feitos com a recente academia francesa também não obteve êxito, em virtude deles estarem envolvidos profundamente com as questões diplomáticas e de disputa territorial com a Alemanha, e conseqüentemente, fazia uma geografia compromissada com os temas subsidiários deste contexto, que repensassem a nação, a identidade regional, e o papel do Estado na organização do espaço e da sociedade, todos esses assuntos explicitamente adversos ao panteão teórico defendido pelo geógrafo anarquista francês.

O grau de negligência do pensamento geográfico de Reclus foi alto por ter sido superficialmente assimilado pelas academias francesa e alemã, que consideraram somente válidas as contribuições referentes às descrições físicas do mundo contidas em *La Terre*. Ambas as academias valorizaram o caráter científico das descrições, a atualização que Reclus fez do legado humboldtiano no que tange a dinâmica natural da Terra, os processos geológicos, pedológicos, hidrológicos etc., mas negligenciaram fortemente as contribuições socioambientais da obra, o papel da natureza como substrato de transformação pela sociedade, a ação humana como força transformadora da materialidade espacial, entre outros assuntos abordados principalmente no segundo e último volume, na sua parte final. Todas as referências a Reclus e suas obras eram apenas superficiais, pontuais e estereotipadas, que permaneceu até os anos de 1970.

Vidal de la Blache (2012, p. 82), em sua aula inaugural do curso de geografia na Faculdade de Letras de Paris, em 7 de fevereiro de 1899, conferência que depois foi publicada nos *Annales de Géographie*, ao realizar breve reconstituição da geografia e seu legado histórico desde sua origem na Grécia Antiga até o momento em que ele assumiu a cátedra, apontou a evolução do saber, mas principalmente destacou o estado de retardo da fundamentação científica da geografia, afirmando que esse atraso chegou até ele na qual tinha então profundo e árduo trabalho de inovação e desenvolvimento do saber geográfico científico-acadêmico a ser cumprido, embora reconhecesse o papel de outros menores esforços de renovação teórico-metodológica, em virtude de “quando o mundo das altas montanhas começou a liberar seus segredos, Élisée Reclus retrazava em um belo livro a harmonia e a correspondência do organismo terrestre. Ao mesmo tempo, Oscar Peschel abordava o difícil problema da interpretação das formas do relevo e dos continentes”. A partir dessa breve referência a Reclus é possível notar o quanto *La Terre* era a base do pensamento reclusiano para Vidal e o quanto todo seu pensamento era explicado pelo paradigma organicista.

Toda a historiografia dominante da época elogiou o caráter poético e harmonioso de *La Terre*, mas nem todos afirmaram sua importância ao domínio acadêmico-científico, restringindo-a como uma obra simplesmente descritiva e compilatória. Mas *Nouvelle Géographie Universelle* foi menos ainda aceita como contribuição eficaz ao pensamento geográfico do final do século XIX, em virtude de sua linguagem simples, notadamente marcada pelo discurso político e estratégico do saber geográfico. Por fim, *L'Homme et la Terre* foi unilateralmente tachada como um tratado demasiadamente sociológico e histórico para ser considerado como útil contribuição à geografia. Esta foi indubitavelmente a obra de Reclus que recebeu o maior grau de negligência e que menos ressoou sobre os territórios acadêmicos, por sua vez, é atualmente a mais lamentada pelo esquecimento.

Reclus não poupou esforços em divulgar seu projeto de produção do conhecimento geográfico, conforme fica evidente em carta que enviou a Oscar Peschel, em 24 de outubro de 1868 (RECLUS, 1911, t. I, p. 296 a 298), em virtude de estar repassando para o grande mestre da geografia alemã os dois volumes de *La Terre* e ainda, em mesma carta, anuncia que irá escrever longo projeto de geografia geral, no modelo da geografia universal de Malte-Brun, que está a mais de cinquenta anos atrasado. Inicialmente o projeto teria dez volumes, mas ao final chegou a dezenove. Reclus propõe a Peschel intercâmbio de publicação desse grande projeto na Alemanha, que o mesmo iria traduzir, e ainda solicitou do mestre contribuições ao volume que seria

dedicado ao seu país natal. O projeto ambicioso de intercalar publicações em duas línguas, até três, pois queria também publicar na Inglaterra, de também fortalecer laços entre a geografia francesa, alemã e inglesa pela contribuição mútua de textos não obteve qualquer resposta de Peschel. Sozinho em meio aos consolidados nomes da geografia científica e acadêmica da Europa Reclus resolveu continuar em seu caminho alternativo, independente, constituindo laços com aqueles que compatibilizavam ideologicamente com as esquerdas socialistas. Por isso, o círculo de geógrafos anarquistas que formou e alimentou por muitas vezes não se prontificou em adentrar nesses círculos oficiais da geografia acadêmica dominante.

Quatro foram os principais graus de negligência que a obra de geografia reclusiana passou. O primeiro, que se estende de 1868, com a publicação de sua primeira grande obra *La Terre*, até 1905 ano de sua morte, e início da publicação de sua última grande obra *L'Homme et la Terre*. O segundo grau de negligência se dá justamente depois de sua morte até 1918, ano de falecimento de Vidal de la Blache. De 1918 até 1960 a obra reclusiana passou por outro grau de negligência, em virtude das construções historiográficas dos discípulos lablacheanos. A partir dos anos de 1960, principalmente de 1970 até os anos 2000, Reclus recebeu outra modalidade de tratamento negligente, agora pelas mãos dos marxistas mais ortodoxos, que passaram a dominar a centralidade científico-acadêmica da geografia.

Neste primeiro grau, tanto a academia ou as sociedades de geografia da Alemanha, Inglaterra e da França procuraram negligenciar parcialmente o que Reclus vinha produzindo sobre geografia. Num primeiro momento, suas descrições, relatos de viagens e textos científicos equivaliam ao modelo de ciência em voga. Mas seu forte envolvimento com atividades políticas heterodoxas que contestavam o liberalismo republicano autoritário ou os monarquismos imperialistas e colonialistas rendeu-lhe certo distanciamento dessas instituições geográficas. Somente após a prisão, diversos exílios e a insistente larga produção geográfica de qualidade, profundamente ética e valorosamente libertária, é que Reclus recebeu reconhecimento oficial das sociedades de geografia da França e Inglaterra. Esse período de reconhecimento será fugaz, rapidamente irá se esvanecer, por não conseguir se sustentar como alternativa eficaz ao recente modelo de geografia que estava sendo constituído no final do século XIX, baseado na fragmentação das áreas e no academicismo do movimento de institucionalização científico-acadêmica desse campo do saber eficaz aos agenciamentos do capital e do Estado. Por outro lado, a geografia de Reclus se sustentava na prática e na experiência espacial, advinda de suas andanças e envolvimento direto com o objeto

de pesquisa, por isso, baseada em discurso jornalístico e em descrições de viagens, nos relatórios técnicos de campo, com narrativas especialmente marcadas pelo discurso poético, na qual, a espacialidade era abordada por narrativas de cunho literário, pedagógico e universal.

Em um momento em que a ciência apostava no rigor metodológico, na unilateralidade ideológica, na restrição explicativa dos fenômenos pelo empirismo lógico do método positivo, e principalmente, em que o conhecimento fosse produzido no seio de uma confiável tradição científica ou acadêmica, aportada nas escolas nacionais e nas renomadas sociedades científicas, a geografia de Reclus foi constituída como enclave incompatível ao progresso científico oitocentista.

Com a morte de Reclus em 1905 até o ano de 1918, quando La Blache faleceu, o pensamento geográfico reclusiano entrará em outro grau de negligência. No final do século XIX, La Blache assumiu a cátedra da Sorbonne como renomado professor de geografia, cuja função era fortalecer a institucionalização dessa disciplina na França e a torná-la um valoroso campo científico-acadêmico. Felizmente ele conseguiu ainda com maior vigor conduzir sua tarefa máxima de desenvolvimento do saber geográfico, sendo responsável por constituir uma nova tradição geográfica na Europa, além de avançar os estudos científicos, fortalecer grupos de pesquisa acadêmica, de ampliar e valorizar o trabalho do profissional geógrafo na França, como também, e principalmente, de ter criado uma escola de geografia francesa que possibilitou a cristalização de uma nova tradição de pensamento, inovando metodologicamente e epistemologicamente a recente ciência, calcificando a matriz francesa de geografia. É possível afirmar que, todo conhecimento que se eleva enquanto dominante, que acumula a função de centralidade única, sendo modelo de reflexão a se seguir, tem seu direito de inventário sobre aquelas contribuições precedentes e contemporâneas.

É justamente nessa ação seletiva que ocorre os equívocos classificatórios de determinadas geografias não convencionais. E assim ocorreu com as contribuições de Reclus. Vidal negligenciou profundamente a forma de fazer geografia pelo geógrafo anarquista, apesar de diversas contribuições serem compatíveis entre ambos. Os dois congregaram inúmeras linhas de reflexão sobre o desenvolvimento da geografia, como por exemplo, a compreensão acerca da relatividade espaço-temporal; a perspectiva dos gêneros de vida, identificando a importância da sensibilidade dos grupos sociais com relação ao espaço; como também, a noção de *revolução geográfica*, sustentada nos avanços dos transportes; e principalmente, estes geógrafos, cada um a seu modo,

também compatibilizaram a ideia da luta pela unidade das leis dos estudos geográficos, conforme destaca Robic (2009).

Ela também busca destacar que Reclus inovou o saber geográfico, abrindo a vias para a continuidade desse renovador trajeto da geografia francesa, e Vidal seguiu esse percurso reproduzindo a riqueza necessária como síntese cumulativa e qualitativa desse movimento revolucionário da geografia moderna do início do século XX. Então, o grau de negligência do reclusianismo operado pelo lablacheanismo assenta-se na qualidade de reconhecimento das contribuições científicas contidas na obra do geógrafo *communard*, o colocando somente como geografismos fruto de descrições e relatos, ou especulações que devaneiam sobre a relação dos homens com o meio.

Já o terceiro grau de negligência que o pensamento geográfico de Reclus sofreu, de 1918 até os anos de 1960, a intensidade se deu por completo apagamento, esquecimento e escamoteação das principais contribuições para a geografia da metade do século XX. A geografia reclusiana estava indiretamente sendo reaproveitada, por ser muito compatível com os anseios do projeto de busca metodológica e especificação temática que a geografia acadêmica de tradição lablacheana estava operando e continuando, depois da partida de seu mestre. Incrivelmente, mesmo com os principais eixos de abordagem da geografia de Reclus vivos e necessariamente usuais dentro do contexto de produção geográfica pelos pupilos de La Blache, os mesmos não mencionaram nenhuma atenção ao legado do geógrafo anarquista. A impressão é que eles não conseguiram mais fazer a conexão entre os tempos da geografia de La Blache, e com isso, a contribuição de Reclus e a continuidade das contribuições do grande mestre juntamente com a do geógrafo marginal em plena metade do século XX. Conservaram o lablacheanismo e negaram profundamente o reclusianismo. Esse período será o de maior intensidade de negligência do pensamento geográfico de Reclus, justamente por sua geografia estar, mais do que nunca, vivamente nas produções desses neo-lablacheanos e ao mesmo tempo, ter sido categoricamente abandonada, ou melhor, subsumida, em virtude de operarem o inelutável trabalho de exaltação de Vidal de la Blache.

Jean Brunhes será o neo-lablacheano que mais se interessará por Reclus, mas também será responsável por constituir graves equívocos sobre o papel dele na história da geografia. Além de desenvolver em parceria com Paul Girardin dois artigos sobre a vida e obra de Reclus, no ano de 1905 e 1906, se interessou também pela abordagem humana que ele deu aos estudos geográficos, além de suas contribuições ao estudo da transformação da natureza pela sociedade, metodologia muito bem aplicada em sua

principal obra *Geografia Humana* (BRUNHES, 1962). Nesta paradigmática obra, mesmo valorizando os procedimentos metodológicos defendidos por Reclus para os estudos humanos na geografia, Brunhes o referenciou considerações diretas em somente quatro breves ocasiões, que por sua vez seguem o estilo superficialmente classificatório e tendenciosamente sugestivo, marcado por taxações simplórias. Brunhes (1962, p. 27), em nota de rodapé, na tentativa de demonstrar o frágil fio epistemológico existente entre Reclus e La Blache, restringindo o papel do primeiro como somente suporte para o desenvolvimento da geografia que o segundo irá operar destaca que,

En Francia, el renacimiento ha sido lento; antes de la penetrante y profunda transformación a que permanecerá unido sobre todo el nombre de VIDAL DE LA BLACHE, nuestra enseñanza ha permanecido, durante excesivo tiempo, fiel a una lamentable rutina. [...].

No echaré en olvido el prodigioso esfuerzo de ELISÉE RECLUS, que intento durante un cuarto de siglo renovar los estudios geográficos. Sus dos volúmenes: *La Terre. Description des phénomènes de la vie du globe*, necesitan un reajuste o corrección en muchos aspectos; pero ¡qué ardiente inteligencia de la naturaleza física revelan! En cuanto a su gran obra: *Nouvelle géographie universelle. La Terre et les Hommes*, 19 vol. en 4º, véase lo que de ella disse un geógrafo competente, cuyos juicios son siempre conscienciosos y meditados.

No caso de Camille Vallaux, Pierre Deffontaines, Demangeon e Sorre não serão encontradas nenhuma forma de referência à geografia de Reclus nos seus principais trabalhos, somente em raras ocasiões, esparsas citações sobre a personalidade dele, mesmo sabendo que os temas que eles abordaram eram estreitamente compatíveis ao do geógrafo *communard*.

O caso de Max Sorre é ainda mais emblemático. Desenvolveu estudos sobre os montes Pirineus para configurar suas bases da geografia humana, na qual, tem nesta análise extrema proximidade com a análise que Reclus realizou quatro décadas antes sobre as mesmas formações rochosas. Por sua vez, a magistral obra *El Hombre en la Tierra*, onde ele apresenta a noção de sociabilidade pela via da integração humana sobre o meio, que apesar do título e também do conteúdo ser semelhante ao *L'Homme et la Terre* de Reclus, Sorre (1961) não faz nenhum tipo de menção a este derradeiro trabalho. Sorre (1957, p. 34), somente faz uma rápida, mas elogiosa, referência a Reclus na obra *Rencontres de la géographie et de la sociologie*, na qual destaca que, “nos maîtres s’appelaient A. de Humboldt, Élisée Reclus, Frédéric Ratzel, Paul Vidal de la

Blache. Ils furent pour nous des guides à cause même de la richesse de leur personnalité et de leur don du style.”⁶³

O fato de Brunhes (1962) ter considerado essa última obra de Reclus muito histórica e sociológica para ser geográfica, por isso não devia receber maior atenção, contribuiu com o quase nulo exercício de revisão desta, que apesar de importante contribuição aos estudos de Demangeon, Vallaux, Deffontaines e principalmente Sorre, ela não foi satisfatoriamente aproveitada. Tomando como base a explicitação enfática de Vidal em que afirma ser a geografia o estudo dos lugares e não dos homens, e como Reclus inverteu esse procedimento em *L’Homme et la Terre*, sendo para ele a geografia uma ciência primeiramente dos homens, depois dos lugares, e todos os neo-lablacheanos difundiam fidedignamente os direcionamentos apontados pelo mestre Vidal, isso prejudicou a aproximação com a contribuição reclusiana. Outro elemento a ser levantado diz respeito ao esforço, por parte dos pupilos de Vidal, em ocultarem a presença de elementos do papel da geografia reclusiana nos seus pensamentos.

Outros dois neo-lablacheanos que negligenciaram o pensamento geográfico de Reclus foram Lucien Febvre e Emmanuel de Martonne. Este último, em seu *Tratado de Geografia física*, obra que terá sua primeira edição em 1909 e que será ampliada até 1925, irá fazer como a maioria dos outros lablacheanos, mencionar brevemente a contribuição de Reclus, mesmo assim somente destacando a beleza poética do texto e sua função transicional da geografia moderna para a contemporânea.

Vale lembrar que todas essas análises são da primeira década do século XX ou no máximo da segunda, estando dessa forma muito próximas ao momento de publicação da última obra de Reclus, que é de 1908, e mesmo assim esta geografia social não recebeu nenhum tipo de menção, e as poucas referências se concentraram somente através de sua primeira grande obra, que é de 1868.

Os graus de negligência se intensificam na medida em que vão se aproximando das obras mais recentes de Reclus, em virtude da ocasião em que essas suas últimas obras soam como ameaça ao projeto lablacheano de revolução teórico-metodológica da geografia.

De Martonne (1953, p. 35) ao desenvolver curta discussão sobre os principais personagens e suas respectivas teorias na história da geografia identifica o papel de Reclus semelhante ao de Peschel, como difusores do pensamento geográfico físico,

⁶³ “nossos mestres chamam-se A. de Humboldt, Elisée Reclus, Frédéric Ratzel, Paul Vidal de la Blache. Para nós, eles foram os guias causadores da riqueza de nossa personalidade e de nosso dom de escrever.”

principalmente em virtude de *La Terre*, do geógrafo francês anarquista, e de *Neue Probleme der Vergleichenden Erdkunde*, do geógrafo alemão.

Por habilidade de la exposición y la amenidade de la forma, estos dos libros, a pesar de sus defectos, contribuyeron poderosamente a difundir en el público el interés por la geografía física. El éxito de la obra de Reclus, debido sin duda en gran parte a la forma literaria y al carácter poético de sus descripciones, influyó en la concepción de su monumental *Géographie Universelle* cuyos 18 [são 19] volúmenes se sucedieron con una regularidade sorprendente; y esta publicación, de valor científico desigual, debe considerarse como uno de los más poderosos instrumentos de difusión de los conocimientos geográficos.

O intrigante é que sempre nessas passageiras citações permanece o mesmo formato de se dirigir à geografia reclusiana, como poética, excepcional, valorosa contribuição científica e esforço de continuidade da tradição, mas todos esses geógrafos não souberam ou não quiseram aproveitar a contribuição reclusiana, como é de praxe com todas as outras contribuições, principalmente por ela incidir contra os mesmos temas abordados pelos lablacheanos, pois, mais do que nunca, nas primeiras décadas do século XX a obra reclusiana estava pulsante em atualidade, e essa mesma intensidade de atualidade foi convertida em esquecimento.

No caso de Lucien Febvre (1954), em sua importantíssima *A Terra e a Evolução Humana: introdução geográfica à história*, um dos primeiros trabalhos a se dedicar ao estudo da história e da epistemologia da geografia, muito embora, também ele é responsável por construir um dos maiores equívocos na história do pensamento geográfico, forjando a oposição epistemológica determinista e possibilista pelos personagens Ratzel e La Blache, Febvre vai também, com certo sarcasmo, apontar a contribuição de Reclus como força transicional entre o determinismo ingênuo e o possibilismo fundamentado, se postando como um ambientalista consciente da ação humana sobre o meio.

O importante dessa contribuição febvreana é que ele não comete o mesmo equívoco de muitos que não leram bem Reclus, que comumente classificam sua geografia como mera descrição determinista ambiental. Porém, Febvre (1954) manteve o grau de negligência dado pelos outros neo-lablacheanos ao negligenciar o papel da obra reclusiana enquanto pioneira abordagem socioambiental, além de sua ação desestabilizadora da fundamentação determinista e contestadora do mecanicismo no discurso geográfico do final do século XIX.

Outro elemento interessante a ser notado nesta obra de Febvre é a citação que faz a Kropotkin, elogiando suas discussões sobre o cooperativismo natural e humano,

sendo uma das primeiras vezes que o geógrafo anarquista russo aparece em um manual de história da geografia, com reconhecimento de seu nobre papel para essa ciência.

Febvre (1954, p. 524) cita Reclus direta e indiretamente, no corpo do texto e em notas de rodapé, por nove vezes. Em sua primeira menção a Reclus, como todos os outros neo-lablacheanos, irá também se dedicar a obra *La Terre*, na qual argumentou que este trabalho “[...] naturalmente antiquado, mas que revelou outrora, e ainda hoje revela, uma tão viril apreensão do real, Eliseu Réclus descreveu-a de um modo inesquecível.” Entretanto, das nove citações, apenas uma não é de *La Terre*, pois está relacionada ao periódico de geografia de Neuchatel, o artigo *La Phénicie et les Phéniciens*, de 1900. Ou seja, cita sua primeira obra de 1868 e 1869 e um artigo de 1900, mas abandona toda a monumental *Nouvelle Géographie Universelle*, de 1876 a 1894, cujo subtítulo é *La Terre et les Hommes*, além de *L’Homme et la Terre*, de 1905 a 1908, que justamente esses dois últimos trabalhos são análises que dão importante suporte teórico-metodológico para a investigação da Terra e da ação humana, justamente o objeto de estudo da obra em questão de Febvre, mostrando sua fragilidade analítica enquanto primeiro tratado estrito de história e de epistemologia da geografia.

Em outra ocasião, Febvre (1954, p. 601) afirma que “Eliseu Reclus descreveu muito bem a espécie de atração que sobre os habitantes das margens continentais exercem as terras cujo perfil vaporoso, emergindo das ondas, se descobre ao longe nos dias claros”, cuja principal tentativa era de constituir o determinismo no pensamento reclusiano, em decorrência de sua análise superficial e descontextualizada, confrontando ao amadurecido possibilismo lablacheano.

É preponderante destacar que Febvre cumpre muito bem a função da historiografia dominante, que em seu primeiro tratado de história da geografia Reclus irá logo aparecer de forma pontual e superficialmente estereotipado, no sentido de fortalecer a importância de La Blache. Este trabalho também se consolida diante do combate frontal às ideias de Ratzel, sendo responsável por configurar superficialismos historiográficos sobre a geografia ratzeliana, que por ele *amaldiçoada* ficou estigmatizada, conforme destacaram Tatham (1959), Raffestin (1993), Moraes (1989), Gomes (2010), Moreira (2009), entre outros, continuamente sendo ensinada equivocadamente nos bancos universitários de geografia como concepção oposta, divergente e combativa ao lablacheanismo, fundamentando na mentalidade dos educandos a defesa aos corporativismos acadêmicos e às escolas nacionais de geografia.

Este tipo de historiografia é responsável por submeter a geografia ao restritivo domínio de seu debate epistemológico, metodológico e conceitual, empobrecendo

enormemente o ensino e a reprodução do conhecimento geográfico, por limitá-la como máquina de ensino e reprodução ideológica do pensamento ortodoxo. O direito de inventário da história da geografia, ou mesmo a necessidade de se fazer uma contra-historiografia que confronte ao discurso dominante aponta-se como uma das mais urgentes tarefas para a geografia do século XXI, principalmente por almejar a maior qualidade do ensino desse importante saber acadêmico, o levando aos patamares da consciência crítica e da efetiva consciência socioambiental.

O último grau de negligência da geografia reclusiana, que se estende do período de 1970 até o início do século XXI, será marcado por menor intensidade. Ocorreu especial retomada do pensamento do geógrafo libertário, tanto pela tradição estadunidense, quanto pela tradição francesa, e em menor grau pela geografia espanhola, inglesa, alemã e italiana, conforme será detalhado no capítulo seis. Porém essa recuperação se vincula ao papel engajado e à geografia militante reclusiana, que foi vista positivamente pelo movimento de radicalização crítica e social que estava em voga no terceiro quartel do século XX, na eventualidade de a geografia estar buscando romper com o paradigma neo-positivista da revolução teórico-quantitativa.

Os geógrafos críticos marxistas viram em Reclus uma espécie de pioneiro motivador das abordagens sociais críticas na geografia, apesar de diversas de suas ideias já estarem ultrapassadas. Todavia, eles não se dedicaram ao estudo apurado das fragilidades e dos legados da obra reclusiana de geografia em si, dando-lhe, por sua vez, um caráter museológico, subestimando o potencial atualizador e paradigmático que esta geografia portava. Outro ponto central para o parcial grau de negligência do pensamento reclusiano se deu pelo fato de ter sido profundo defensor do anarquismo, despertando dessa forma, desagrado por parte dos marxistas que tendiam a orientações ortodoxas e que operavam o movimento de renovação do saber geográfico, pois continuavam imersos na conflituosa cisão, nascida ainda na I Internacional, entre os socialistas autoritários e os libertários.

Com exceção dos trabalhos especialmente dedicados a recuperarem a obra de Reclus a partir dos anos de 1970 os demais geógrafos pertencentes à revolução paradigmática marxista fizeram menções esparsas, superficiais e por vezes estereotipadas do conteúdo geográfico libertário reclusiano. Um dos primeiros exemplos de trabalhos que citaram a importância de Reclus durante a década de 1970 foram *Histoire de la Pensée Géographique em France*, de André Meynier (1969), embora este texto seja ainda do final da década de 1960; também, a obra *Evolución de la Geografía Humana* de Paul Claval (1974), na qual os dois são geógrafos franceses;

como também o paradigmático trabalho *Filosofía y Ciencia en la Geografía Contemporánea*, obra do início da década de 1980, escrita pelo grande geógrafo espanhol Horacio Capel (1981); merecendo ser citado também o nome do nosso grande geógrafo brasileiro, Milton Santos (1978), com seu também paradigmático *Por uma Geografia Nova*, que foi publicado pela primeira vez no Brasil em 1978; e já em plena década de 1990, mais especificamente em 1996, o importantíssimo material epistemológico *Geografia e Modernidade*, de Paulo da Cesar da Costa Gomes (2010), só para citar algumas contribuições epistemológicas que referenciam Reclus.

Todos esses trabalhos são memoráveis obras de geografia. Todas vincularam o papel de Reclus ao contexto da geografia crítica radical por eles vivenciada como uma contribuição importante, mas ultrapassada, valendo-se somente do seu papel engajado, não se atentando as especificidades desta geografia que tanto estava viva e atual ao movimento de renovação, por conter elementos explícitos que todos estes apregoavam como necessários à revolução paradigmática da geografia.

Destes nomes acima, somente Manuel Correia de Andrade (1985) deu maior atenção às especificidades da geografia reclusiana, intercalando informações de sua vida militante com sua geografia libertária, expondo traduções para o português de trechos marcantes de suas principais obras de geografia, culminando no trabalho: *Élisée Reclus - geografia*. É de suma importância salientar que Florestan Fernandes foi o principal motivar, incentivador e articulador da organização desta obra, que julgava ser preponderante para a geografia brasileira, sendo assim o consultor geral do texto. Até então, só havia uma única tradução de Reclus para o Brasil, que foi feita no ano de 1900, realizada por Ramiz Galvão, com o livro *Estados Unidos do Brasil* (RECLUS, 1900), que faz parte da *Nouvelle Géographie Universelle*. Então, os trechos de *La Terre e L'Homme et la Terre*, além de *L'Empire du Milieu* e outras partes de *Nouvelle Géographie Universelle*, receberam as primeiras traduções para o português do Brasil através da organização desta obra, sendo somente em 1985 que os brasileiros tiveram essa maior aproximação com a geografia de Reclus, valendo ser destacado a importância desse trabalho realizado por Andrade⁶⁴.

No caso do já citado trabalho de Meynier (1969), este dedica somente três páginas incompletas e mais duas rápidas citações indiretas para avaliar a contribuição de Reclus à história do pensamento geográfico na França, no recorte de 1872 a 1969. Nesta

⁶⁴ Vale destacar que Andrade não traduziu os textos desta obra, ficando a cargo de organizar e empreender análise da geografia reclusiana. As traduções foram realizadas pelos autores: Maria Cecília França, Januário Francisco Megale e B. F. Ramiz Galvão, este conforme já foi citado, responsável pelo texto de *Estados Unidos do Brasil*.

curta consideração, Meynier (1969, p. 11) classifica Reclus como geógrafo extraordinário, escritor engajado, professor excelente e “le meilleur représentant de la géographie descriptive, on aurait tort de ne voir en lui que son talent littéraire”⁶⁵. Essa geografia descritiva e literária, segundo Meynier, terá seu primeiro sucessor, o geógrafo Pinchemel (1964), com sua obra *Géographie de la France*, que apareceu somente na metade da década de 1960, mantendo essa grande lacuna de continuidade do pensamento geográfico reclusiano, por isso, segundo ele, não conseguiu merecido reconhecimento.

Já Paul Claval (1974) fez referências diretas e indiretas a Reclus por dez vezes. Em uma delas argumenta que “Elisée Reclus habría podido asegurar igualmente la continuidad de la tradición geográfica en Francia” (CLAVAL, 1974, p. 38). As pontuais considerações de Claval são preponderantes em virtude de serem precisas identificações de algumas das principais contribuições de Reclus à história da geografia, como seu papel de assegurador da continuidade da tradição geográfica na França, conforme já foi destacado acima.

Outra consideração importante pauta-se no fato de Reclus ter sido o primeiro geógrafo francês a defender com maturidade a ideia ambientalista desvinculada do determinismo geográfico que estava em voga na Alemanha. Ele assimilou muito bem a influência do já citado pioneiro trabalho de George Perkins Marsh, em seu *Man and Nature: on Physical Geograpy as Modified bu Human Action*, de 1864, trabalho esse que contribuiu profundamente para Reclus expressar em *La Terre*, quatro anos depois, as bases para geografia que entende a ação humana sobre a natureza como principal elemento de transformação do espaço. Essa reorientação epistemológica na geografia francesa foi promovida pelo geógrafo *communard*, segundo defende Claval (1974, p. 53), que “en su ‘geografía universal’, desarrolló ampliamente el tema del hombre que controla y domina a la naturaleza”, influenciando decisivamente na quebra paradigmática operada seguidamente por Vidal de la Blache, no que se convencionou chamar de possibilismo, consolidando a propagada continuidade da tradição francesa.

Outra contribuição que Claval (1974) identifica advinda de Reclus é o fato de ele ter sido o iniciador da geografia humana na França, embora Claval coloque geografia humana como a mesma coisa que geografia social, valendo-se da ressalva de Meynier (1969, p. 26), que na ocasião argumenta que “l’expression [geografia social] semble

⁶⁵ “O melhor representante da geografia descritiva, na qual, a gente não teria razão de ver nele somente seu talento literário”.

avoir été créée par Elisée Reclus (*L'homme et la Terre*, Introduction), non par C. Vallaux comme le croit Claval.”

Entretanto, as considerações sobre o papel do geógrafo anarquista na história do pensamento geográfico francês por Claval se restringe a essas esparsas colocações, as vezes equivocadas, conforme demonstrou Meynier, que não conseguiram reconhecer o devido valor da contribuição reclusiana, permanecendo como a maioria das outras análises na posição de distanciamento quanto a atitude de aprofundamento ao estudo da obra, mantendo a análise do comportamento margeante ao conteúdo do pensamento, não adentrando em seus reais méritos epistemológicos, e principalmente, o definindo como uma espécie de sombra das ideias lablacheanas.

No caso específico de Horacio Capel (1981) a referência ao estudo da obra de Reclus será bem maior do que dos outros autores acima citados, dedicando um item com texto muito sugestivo *Reclus: un geógrafo anarquista marginado*, cinco páginas, pertencentes ao capítulo dez, intitulado de *El Positivismo y la Geografía*. Em sua breve análise Capel (1981) descreve rapidamente a vida e a obra de Reclus, e de antemão demonstra a grande influência que ele recebeu do determinismo e do evolucionismo, influenciado fortemente pelo darwinismo, mas que ao mesmo tempo defendeu o fraternalismo universal, alinhado ao anarquismo. Com esse paradoxal pensamento, segundo defende Capel (1981, p. 304, 305),

Reclus busca en la naturaleza un ejemplo y un modelo para la organización anarquista de la armonía, cooperación y simbiosis, en lugar de las típicamente darwinistas de competencia, selección y lucha por la vida. Su visión de la sociedad se aleja de la del darwinismo social, aunque el papel concedido a la lucha de clases podría sugerir algún eco no sólo de la teoría marxista, sino también de la biología evolucionista.

Essa análise taxativa de Capel (1981, p. 305) acerca do dualismo epistemológico de Reclus, entre a teoria social crítica e o evolucionismo darwinista demonstra o quanto foi pouco explorado a capacidade crítica sobre o que é realmente materialismo histórico e dialético e o que é materialismo evolucionista, de doutrina positivista, no interior do pensamento geográfico, na qual, vinculam grosseiramente qualquer estudo que se baseia no conceito natureza como unilateralmente evolucionista, descaracterizando a importância de toda uma análise social e espacial crítica, realizada por Reclus, exortando toda a sua complexidade existente nos meandros de um pensamento geográfico anarquista.

Esse posicionamento dicotômico da historiografia marxista se apoia no fantasma do positivismo evolucionista para esconder o lado crítico da geografia socioambiental reclusiana, usando-se do artifício de jogar contra o discurso radical pioneiro de Reclus o estereótipo ortodoxo aportado nas filosofias da natureza, por inelutavelmente não conseguirem aceitar que antes da revolução radical dos anos de 1970 já tinha havido uma geografia social também radical perdida em meio às geografias dos Estados maiores.

Novamente, reafirma-se a necessidade de se desenvolverem mais apuradas análises dessa difícil classificação de pensamento geográfico libertário, por estarmos profundamente imersos na forma ortodoxa de fazer historiografia, formatados pelos moldes do pensamento dominante. Mesmo assim, a contragosto, Capel (1981, p. 304) destaca o valor de Reclus frente à história da geografia francesa, lamentando seu abandono, “pero la geografia francesa no siguió el camino del compromiso social que le marcaba la obra de Reclus, sino el más convencional y académico que le marcó la de Vidal de La Blache”.

Com relação ao exemplo dado por Milton Santos (1978), ao abordar a emergência de uma *Geografia Nova* no final da década de 1970 que esteja para além *da crítica da Geografia*, e que seja uma *Geografia crítica*, Reclus será citado, juntamente com Vallaux e Kropotkin como contracorrentes daquelas geografias imperialistas que contribuíam com a manutenção do pensamento acrítico e envelhecido, ou seja,

diante da marcha triunfante do imperialismo, os geógrafos dividiram seus pontos de vista. De um lado, aqueles que lutavam pelo advento de um mundo mais justo onde o espaço seria organizado com o fim de oferecer ao homem mais igualdade e mais felicidade: são os casos de Elysée Reclus e Camille Vallaux. Será que se pode também incluir Kropotkin entre os que viam no espaço uma das chaves da construção de uma nova sociedade? Não importa que o príncipe anarquista não tenha sido oficialmente geógrafo (SANTOS, 1978, p. 14).

O equívoco de Santos (1978) é imenso, no que diz respeito às dúvidas que levantou sobre o papel de ator geógrafo que Kropotkin desempenhou principalmente em virtude dos diversos estudos recentes sobre o geógrafo anarquista russo demonstrarem ainda mais sua importância no plano da geografia libertária, denotando que não precisa estar a serviço das cátedras oficiais, como o queria Santos, para o saber adquirir valor como geografia. Por isso, é de suma importância, na compreensão kropotkiniana, negar esse formalismo legalista da historiografia dominante. O fato do grande geógrafo

brasileiro ter os colocados como geografias combatentes ao modelo imperial é louvável, exercício esse que reconhece e recupera a crítica de seus papéis.

Já no caso do trabalho *Geografia e Modernidade* de Paulo Cesar da Costa Gomes (2010, p. 288, 289) ele irá reservar a única menção a Reclus para sinalizar a importância de recuperação de sua geografia, no interior da crítica radical francesa, que as vezes o colocaram como mártir, restringindo seu reconhecimento somente a seu ativismo político, esquecendo de sua geografia propriamente dita.

O radicalismo francês, tal qual a corrente analítica, foi buscar no passado da geografia as raízes que pudessem corroborar seu ponto de vista atual. A obra de Elisée Reclus foi reapropriada pelos geógrafos radicais como sendo um exemplo de ciência geográfica militante e consciente de seu papel social. Numerosos artigos abordaram a obra, porém muito mais a ação política de Reclus, e a ele foram consagradas alguns livros.

Desta forma, uma vez mais, a legitimidade foi buscada no passado, mostrando que as tradições esquecidas são o símbolo da permanência de uma luta epistemológica.

Para melhor entender os graus de negligência que a geografia reclusiana passou, é de suma importância retomar a atenção às justificativas de negligência desse pensamento, em que a cada tempo e a seu modo apresentou suas explicações, sendo todas elas carentes de uma minuciosa análise da obra geográfica de Reclus, tal como em relação a seus avanços e desusos para a geografia de hoje.

É importante destacar que na contramão das geografias oficiais que estavam sendo feitas na Alemanha, na França, na Inglaterra, na Espanha, na Itália e na Rússia, só para citar algumas, todas essas marcadas por certo fechamento quanto a seus métodos e abordagens teóricas, calcificando-se no que se convencionou chamar de escolas nacionais de geografia, modalidades quase que nacionalistas de pensar a ação humana no meio, Reclus buscou, do mesmo modo que na luta revolucionária, o fraternalismo internacionalista entre os diferentes territórios produtores do saber geográfico.

Esse projeto de integralizar amplamente as informações geográficas que estavam sendo desenvolvidas nas diversas partes do mundo não obteve respaldo. Como nos domínios imperiais e nos campos de batalha onde existe pouco diálogo e nula integração, no campo acadêmico também ocorre o mesmo. Os esforços do projeto ambicioso do geógrafo *communard* foram minados, pois desejava criar amplo envolvimento entre os geógrafos em prol da produção consciente do saber geográfico, havendo intensas trocas de ideias, cooperação técnica, traduções, divulgações mútuas, entre outros, para posicionar esse saber tão estratégico no sentido do internacionalismo solidário, uma espécie de comunalismo fraternalista do saber geográfico.

Obviamente que os grandes interesses imperiais vislumbravam no saber geográfico desejável instrumento de poder inerente a seu objeto de estudo, optando pela atitude nacionalista e imperialista das escolas nacionais de geografia, frente ao internacionalismo libertário das geografias heterodoxas, ocorrendo grandes esforços corporativos para limitar o papel e a importância dessas geografias, não somente a de Reclus, como também de todas as outras conjecturas que afrontavam o imperialismo geográfico.

Muitas vezes esse projeto internacionalista libertário de geografia almejado por Reclus foi classificado como um movimento de vulgarização do saber científico conforme demonstra Alavoine-Muller (2009). Ela discute, na verdade, que o geógrafo anarquista frequentemente buscou transformar o saber geográfico enfadonho e técnico, preso aos academicismos e aos interesses estratégicos governamentais, em um *saber para todos*, por isso o frequente uso de linguagem literária, às vezes jornalística, envolvente, clara e objetiva, isso não quer dizer que não seja científica e compromissada com a verdade e a precisão explicativa, por sua vez, é uma forma heterodoxa de fazer ciência para a época, que hoje é muito melhor recepcionada pelos territórios acadêmicos.

Pierre George (1979, p. 727) vai lamentar profundamente que este estilo tenha sido grosseiramente abafado, principalmente pelo fato de Reclus ter feito uma pioneira geografia engajada, que reflete sobre o destino da humanidade e sobre a responsabilidade social.

Le lourd silence qui est retombé sur l'oeuvre monumentale d'Élisée Reclus [...], témoigne du refus de l'*establishment*, de reconnaître une *géographie engagée* qui se voulait aussi *appliquée*. [...] Il appelle à la réflexion sur le destin de l'humanité et sur la responsabilité de l'homme qui ne peut se départir de sa philosophie pour essayer de le comprendre et de faire comprendre⁶⁶.

Sanguin (2009, p. 283), usará a expressão *brilhante meteoro*, advinda de Candaux e Soddart, para classificar o papel de Reclus na história da geografia, pois ele “a passé dans notre ciel puis s'est enfoncé dans le mystère de l'infini”⁶⁷. Essa geografia brilhante como um meteoro foi esquecida rapidamente com a mesma velocidade do belo

⁶⁶ O pesado silêncio que recaiu sobre a monumental obra de Élisée Reclus [...], testemunho da recusa do *establishment*, de reconhecer uma *geografia engajada* que também queria ser *aplicada*. [...] Ele evoca a reflexão sobre o destino da humanidade e sobre a responsabilidade do homem que não pode se despojar de sua filosofia para tentar compreender e de ser compreendido.

⁶⁷ “passou em nosso céu depois se afundou no mistério do infinito”.

corpo celeste, afundando-se nos mistérios das profundezas infinitas do cosmo da consciência geográfica.

Mas para buscar mapear os elementos desse enigma de negligência Sanguin (2009) elenca alguns pontos principais para explicar os motivos que, misteriosamente uma obra de geografia tão inovadora e paradigmática foi poderosamente abandonada, ouvindo-se falar quase nada dela. Seis justificativas principais são levantadas por ele, na tentativa de explicar o enigma da negligência que a geografia reclusiana sofreu: 1 – seu estilo jornalístico e literário, que funcionou como motivador de guinadas incendiárias do pensamento libertário dentro da geografia, na opinião de Olwing; 2 – “pour Mikesell, la principale raison de l’oubli réside dans l’inconsistance, dans l’argumentation contradictoire et dans le manque de méthode chez Reclus”⁶⁸ (SANGUIN, 2009, p. 285); 3 – o estilo literário gerou enorme popularidade, que por sua vez, foi responsável por diminuir consideravelmente seu impacto acadêmico e científico, segundo a opinião de Stoddart; 4 – “pour la revue Hérodote, la conspiration du silence apparaît comme une autre raison de l’oubli. Prenant position sur le plan politique contre les pouvoirs établis, Reclus fut un *geographe engagé*”⁶⁹; 5 – para Pierre George esse silêncio recaiu sobre ampla obra por a historiografia recusar o reconhecimento de uma geografia engajada e que desejava ser aplicada à realidade social, como também, a ameaça que a geografia universitária francesa sofreu pelas teses reclusianas, e os conflitos do anarquismo com a geografia marxista; 6 – nesta hipótese, Sanguin (2009) dá sua própria justificativa aos esforços de negligência à obra de Reclus, notando que isso ocorreu em razão do modelo universitário de geografia francesa, que blindava qualquer pensamento que não fosse produzido em suas academias (citando Jean Gottmann como o melhor exemplo de abandono), valendo lembrar que o geógrafo anarquista nunca lecionou em uma universidade francesa, e sim belga, por sua vez pequena e autônoma, com métodos heterodoxos e posicionamento alternativo sobre o ensino do saber geográfico. Por Reclus ter ficado sempre de fora do domínio acadêmico oficial sua geografia nunca foi considerada como necessária e partícipe do rigoroso processo de filtro acadêmico, e seu modelo heterodoxo soou como inadmissível ao corporativismo e ao funcionalismo das cátedras francesas de geografia.

⁶⁸ “para Mikesell, a principal razão do esquecimento reside na inconsistência, na argumentação contraditória e na falta de método em Reclus”.

⁶⁹ “para a revista Heródoto, a conspiração do silêncio aparece como uma outra razão do esquecimento. Tomando posição sobre o plano político contra os poderes estabelecidos, Reclus foi um *geógrafo engajado*”

C'est là toute la différence avec un Vidal de la Blache dont les élèves, devenus patrons de la géographie à Paris et en province (persones à Blanchard, à De Martonne, à Demangeon, à Sion, à Sorre...) développèrent le modèle vidalien au point de l'installer dans la géographie française pendant plus d'un demi-siècle⁷⁰ (SANGUIN, 2009, p. 285).

Dessas seis justificativas compiladas por Sanguin (2009), as três primeiras são inconsistentes, em decorrência de usarem de artifícios rasos para justificar todo um profundo processo de poderosa negligência. Entretanto, a justificativa que Claval (1974, p. 39) utiliza para explicar a negligência que Reclus sofreu é uma das mais difundidas e com a mesma potência, mais infundada, pois segundo ele, mesmo o geógrafo anarquista tendo participado dos cursos de geografia oferecidos por Ritter em Berlim, sua geografia não foi metodologicamente eficiente, “pero vivía en exilio y su influencia en el desarrollo de los estudios geográficos en Francia fue por ello inferior. Su geografía fue utilizada y aprovechada, pero no se sacaron de ella demasiadas lecciones metodológicas”. Ou seja, uma geografia só é eficiente se for feita dentro da França, em uma academia reconhecida, seguindo os mesmos parâmetros metodológicos por eles determinados. É importante destacar, conforme já foi mostrado no capítulo dois, que mesmo exilado e até preso o geógrafo *communard* produziu amplamente sua geografia. O que impediu sua aceitação pelas academias dominantes está ligado ao profundo provincianismo e paroquialismo dessas universidades ortodoxas oficiais.

Não se nega um pensamento geográfico somente por seu estilo discursivo, mas pela capacidade criativa ou destrutiva que esse discurso porta em si. É sabido que os centros universitários do século XIX inibiam qualquer modalidade de discurso heterodoxo, por outro lado, eles utilizavam da capacidade de poder, por eles sedimentado, para negligenciar certas geografias, cujo interesse principal era o de manter seguramente confortável a posição de detentores dos trilhos da evolução do conhecimento. Por isso, guiavam os rumos do saber para a direção que melhor convinha, dando funcionalidade a este em favorecimento do que melhor seria usual para seus pares apoiadores e financiadores.

Este sempre foi um dos principais papéis da historiografia dominante no interior das academias de geografia, pois um conhecimento tão estratégico, eficiente e valioso não deveria caminhar espontaneamente para sentidos não recorrentes, pois poderia

⁷⁰ Esta é toda a diferença para com um Vidal de la Blache da qual os alunos, tornados patrões da geografia em Paris e nas províncias (pensamos em Blanchard, em De Martonne, em Demangeon, em Sion, em Sorre...) desenvolveram o modelo vidaliano ao ponto de o instalar na geografia francesa ao longo de mais de meio século.

agitar a imobilidade do poder oficial do saber, sendo necessário o rigoroso controle da produção e divulgação do conhecimento geográfico.

3.1 A diversidade temática

A negligência da geografia reclusiana ocorreu de forma parcial perante o contexto científico-acadêmico da segunda metade do século XIX, da mesma forma parcialmente pelas academias oficiais de geografia do início do século XX, e quando foram se estabelecendo as primeiras discussões estritamente epistemológicas no campo da geografia, que se aprofundaram até a metade do século XX, o pensamento de Reclus foi deixado integralmente de lado. Já na segunda metade do século em questão, com o movimento de renovação e de radicalização crítica da geografia, seu pensamento foi retomado, algumas vezes adquirindo tom estereotipado e sem qualquer inovação para o movimento revolucionário no campo do saber geográfico.

Existem indícios que apontam para certa utilidade e eficiência dessa forma de fazer geografia tanto para a primeira metade do século XX como para a segunda, reforçando que seu pensamento não foi aproveitado por ter sido ineficiente, inadequado e incoerente ao contexto que esteve submetido. Ao contrário, as características discursivas, a prática científica, o posicionamento ideológico constituíram uma modalidade heterodoxa de saber geográfico, sendo determinante para seu abandono, esquecimento e até mesmo distanciamento, com atitudes que tentaram banir suas reflexões do interior da história da geografia.

O mais interessante é notar, não somente o movimento de negligência do pensamento geográfico libertário, inibindo sua permeabilidade nas cátedras oficiais, mas, porém, e ainda mais significativo, é o movimento de não reconhecimento e esforçado combate do paradigma libertário como uma *outra* centralidade do pensamento geográfico ou mesmo a negação do centro. Para além de negligenciar a validade da geograficidade libertária reclusiana, selecionando fragmentos lançados sobre o chão da territorialidade imaterial do saber, está a conflitualidade de reconhecer tal geograficidade como uma modalidade que se agrupa a outras de mesmo caráter ácrata e sendo livres para poder perpetuar suas ideias.

Nos subterrâneos do saber geográfico o pensamento reclusiano foi resistindo até os dias de hoje, e nessa segunda década do século XXI ele vem ganhando novas leituras e esforços recuperadores. Por sua vez, a crítica se assenta sobre como são feitas as historiografias, podendo observar em que grau as proteções ideológicas são inquiridas

pelos forjadores da história do saber geográfico, e principalmente, o quanto a atitude de excluir, por de fora, separar, calar e marginalizar reflexões teóricas constitui uma atitude presente nos exercícios historiográficos, incidindo na forma como esse conhecimento é apresentado e ensinado nas universidades e nos demais espaços geográficos de discussão.

Esses esforços de negligência concebidos pelas ortodoxias acadêmicas se embatem frontalmente contra o arquivo discursivo dessas modalidades heterodoxas de fazer geografia. No caso específico de Reclus, a diversidade temática é o elemento que contribui com certa atitude de distanciamento de sua obra. A geografia da segunda metade do século XIX estava imbuída do paradigma fragmentário, comprometida com a objetivação e restrição máxima em busca do objeto científico uniforme e modelar: por isso, monológicas e monotêmáticas. As narrativas reclusianas soaram como envelhecidas, por serem grandes narrativas plurais, por serem dotadas de diversidade temática. Somente a partir dos anos de 1980 houve certa retomada do espectro pluritemático na geografia, sob grande influência do paradigma pós-estruturalista e pós-colonial.

A diversidade temática da geografia de Reclus se monta através da inclusão de elementos epistemológicos não convencionais ao modelo explicativo comumente apregoado pela academia oficial. Ou seja, o geógrafo *communard* transcende o discurso da ciência positiva – armado pelo mecanicismo produtivista – com o uso do contrapeso do discurso do equilíbrio ambiental. Com a apropriação do discurso da política autonomista e autogestionária de organização do território ele confronta-se ao debate da geografia política do Estado-Nação, voltado às justificativas imperialistas da Europa Ocidental pelo resto do mundo. Ao invés do discurso globalitarista inquire-se o discurso internacionalista fraternalista; ou, evita-se o discurso da ordem, pelo da divulgação irrestrita da liberdade; nega o cientificismo pela consciência social do saber; discute a natureza junto com a sociedade, e a demanda por melhor uso do espaço, distribuição dos recursos, respeito às identidades e ressignificação com o mundo vivido, no lugar de apregoar o funcionalismo distintivo entre homem e meio, sociedade e natureza.

No que se refere a essa pluritematicidade, Reclus usa com demasia as diversas modalidades temáticas dos campos do saber geográfico, abordando o campo e sua questão agrária, a cidade e suas questões urbanas, a indústria e o comércio e suas questões socioeconômicas, as redes e as regiões e a articulação do território, por outro lado, investiga inúmeros temas da geografia física, geologia, etnografia, sociologia e história, por sua vez, mantendo em todos seus temas o assunto transversal da politização

do discurso geográfico. Todo o complexo e numeroso arcabouço temático e discursivo auferido pelo geógrafo ácrata é permeado pelo caráter político, delimitado pela dimensão da anarquia, que também não é monodiscursiva, pois oscila entre o comunismo libertário, o coletivismo revolucionário e a autonomia individual.

Para Creagh (2011, p. 10) Reclus é um daqueles teóricos que desenvolve a grande narrativa da Terra para fazer sua geografia. Apesar de parecer romântico seu pensamento, pela qualidade da escrita e a expressão de certos sentimentos pelo discurso, ele se posiciona bem além, pois “apresenta critérios precisos de interpretação e esforça-se para estabelecer leis que, bem melhores do que a simples ilustração moralizadora ou a lição pedagógica devem esclarecer o devir coletivo da sociedade humana”. Ainda segundo Creagh (2011), em toda obra reclusiana encontra-se flexões ao passado longínquo dos indivíduos, mas que também busca apontar o devir da humanidade e do planeta frente às situações limite da espacialidade vivida.

Reclus posiciona-se entre os cientistas que nos legaram uma monumental encenação do devir humano e planetário.

Essa filosofia da história, essa meta-história visa à metanóia, isto é, conversão do espírito. O leitor é convidado a descobrir sua solidariedade com seu meio, a importância do apoio mútuo, a riqueza da mestiçagem social, em resumo, é convidado a um percurso coletivo suscetível de conduzir a humanidade a uma perfeição complexa nunca alcançada (CREAGH, 2011, p. 11).

É importante destacar que essa meta-história, ou mais ainda, esta metanóia buscada por Reclus não se limita aos meta-relatos e suas conjurações canônicas, por sua vez contestadas por Lyotard (1988). São grandes narrativas, embora se agarrem aos relatos heterodoxos, como mestiçagem, solidariedade, mutualismo, anarquia, equilíbrio ambiental, revolução social, vegetarianismo, comunidades autônomas etc., ou seja, são micronarrativas congregadas à grande narrativa do solidarismo internacionalista fraternal. Por isso Creagh (2011, p. 11) argumenta que

Toda a obra de Reclus constitui, pois, uma grande narrativa explicativa do mundo e de sua história, dividida em narrativas de sequências temporais diversas. O que não deixa de colocar certas questões sobre a função desse tipo de epopeia em nossas sociedades pós-modernas e, mais precisamente, no seio dos movimentos contestatórios em geral e do anarquismo em particular. [...]

É sobre um duplo percurso que se lança a aventura intelectual de Reclus: o anarquismo e a geografia. No primeiro, ele contribui para a gênese do movimento conferindo à anarquia um conteúdo positivo, o anarquismo coletivista, fundado no apoio mútuo. Na segunda, [...] estamos diante de uma relação dialética entre quatro elementos: o espaço, o tempo, a sociedade, o indivíduo (CREAGH, 2011, p. 14).

Nesse grandioso edifício épico conceitual construído por Reclus para explicar sua geografia alternam-se os fundamentos transversais da anarquia e a exigência de reflexão da realidade espacial pelos homens, que se fazem e refazem diante dessas experiências complexas que o meio lhe impõe, por isso, as quatro dimensões dialéticas estão entrecruzadas sobre égide do discurso geográfico das liberdades, e as categorias espaço, tempo e sociedade, são agenciadas pela geografia para construir as grandes narrativas dos homens enquanto agentes de transformação do mundo.

O espaço faz-se sinfônico, transforma-se em hino à natureza; o tempo desposa a sociedade, pois quando esta sai de seu isolamento, torna-se mais complexa; a mudança linear da história transforma-se em uma ascensão em espiral. Em resumo, a crescente complexidade que se observa na evolução da Terra e de seus seres vivos aplica-se também à humanidade. E o indivíduo, que não pode ser passivo, é o agente dessas novas harmonias.

Estamos, portanto, diante de uma grandiosa narrativa cósmica, que cobre o conjunto dos espaços e dos tempos (CREAGH, 2011, p. 16).

O que acentua a pluralidade discursiva de Reclus é sua defesa da complexidade espaço-temporal intrincada pelo relativismo dessas categorias universais. Essa grandiosa narrativa cósmica do tempo e do espaço se conduz a explicar o devir da humanidade pela perspectiva da complexidade das relações sociais e da dinâmica da natureza. Por isso, “o grande sopro que inspira a obra de Reclus encontra-se sem dúvida modulado pela multiplicidade de pontos de vista nas microanálises, e as unidades narrativas são quebradas por imprevistos” (CREAGH, 2011, p. 23). Nesse sentido, essa gigantesca epopeia discursiva não deve ser confundida com os rígidos meta-discursos canônicos. Ela é grande por se apoiar em objetivos universais, mas comumente o discurso é quebrado, refeito, complementado, percorrendo enviezadamente a superfície alimentada pela complexidade espaço-temporal, que nega o cerceamento do pensamento monológico, pois crê na capacidade emancipatória das vozes heterodoxas do saber. “A vontade emancipadora de Élisée Reclus convida hoje seus admiradores a multiplicar as formas de representação do mundo [...]”, pois ele “questiona perpetuamente as ortodoxias, que são sempre frágeis e efêmeras” (CREAGH, 2011, p. 23).

Esse impulso reclusiano pela múltipla leitura do mundo irá custar o desinteresse de certas academias por essa forma de pensar, classificando-a como rasamente científica, não sendo necessária ao modelo da ciência positiva das academias. Para Alavoine-Muller (2009, p. 213) e espectro vulgarizador da geografia reclusiana será o principal responsável por sua negligência pela geografia oficial.

O primeiro envolvimento do geógrafo francês com a geografia se deu pelos estímulos do trabalho jornalístico de viajante, iniciado em virtude de suas andanças pelo continente americano. Nesse interim, prestou serviço para o periódico *Revue des Deux Mondes*, que presava por textos com menores detalhes científicos, e que possibilitava ao leitor oitocentista europeu matar a curiosidade sobre essas novas terras exóticas. Por sua vez, Reclus buscou desenvolver escritos que motivassem a curiosidade pelo desconhecido, as informações sobre os costumes e valores, mas que também trouxesse um discurso científico compreensivo, coerente e comprometido com a verdade, embora, distante do tecnicismo científico de outros periódicos da época. Como elemento inovador, o geógrafo libertário incluiu também o elemento político nessas descrições e análises jornalísticas, que em sua maioria eram despersonalizadas das problemáticas sociais destes lugares retratados.

La prose vulgarisatrice de Reclus est le résultat d'un enchaînement logique. Arrivé dans le métier dans une période de plein développement du feuilleton, de la littérature industrielle et de la vulgarisation scientifique, il est poussé par ses éditeurs à rentrer dans le moule de la littérature qui marche et qui permet de vivre, ce que l'on pourrait appeler la géographie pour tous⁷¹ (ALAVOINE-MULLER, 2009, p. 213).

A busca por uma *geografia para todos* irá constituir em Reclus a necessidade de desenvolver um estilo que seja científico, mas não excludente, pela desinteressante e ininteligível linguagem técnica, e ao mesmo tempo, que desvende as contradições sociais no espaço geográfico, definido pelo teor político crítico libertário. “Cette tentative pour faire sortir la géographie de ses organes de diffusion habituels⁷²” (ALAVOINE-MULLER, 2009, p. 214) custou seu afastamento dos diversos periódicos que vinha contribuindo de caráter jornalístico, o levando mais a fundo a contribuir com os veículos anarquistas, local em que tinha total liberdade para fazer uma geografia para todos, teórica, prática e politizada. Em carta enviada para seu irmão Elie, em 1868, Élisée Reclus (1911, t. 1, p. 314) demonstra o quanto esses veículos retalhavam sua forma de fazer geografia, fazendo com que ele buscasse outras alternativas. Em um dos trechos da carta ele afirma, “Je ne sais si t'ai dit que je cessarai probablement d'écrire dans la *Revue des Deux Mondes*. Buloz voudrait me faire modifier mon article sur les

⁷¹ A prosa vulgarizadora de Reclus é o resultado de um encadeamento lógico. Chegou na profissão num período de pleno desenvolvimento do folhetim, da literatura industrial e da vulgarização científica, na qual é impulsionado por seus editores a entrar no molde da literatura que marcha e que permite viver, isto é o que agente poderia chamar de a geografia para todos.

⁷² “esta tentativa de tirar a geografia de seus órgãos habituais de difusão”

Femmes en Amérique et je ne veux pas. Me voilà donc malgré moi lancé dans la Géographie pure, jusqu'à nouvel ordre du moins".⁷³

Nessa jornada em busca de constituir um discurso plural ao saber geográfico, Reclus irá escrever grossos volumes de geografia, uns voltados ao meio ambiente, outros à organização geopolítica e a ação da sociedade na organização do espaço, e outros dedicados à síntese da relação do homem/mulher com a terra, seguido dos processos de transformação do espaço. Escreverá também textos curtos, didáticos e ilustrativos de questões geográficas, históricas, antropológicas, sociais entre outros, como também textos sobre a luta operária e campesina, sobre os valores da anarquia e de uma sociedade igualitária e justa. Diante desta variabilidade discursiva em busca de um saber de todos e para todos, "Élisée Reclus, qui apporte autant de soin et de conviction à l'écriture et à la fabrication des gros et beaux volumes que des petits, apparaît aussi comme une figure marginale par rapport à l'attitude des savants et des écrivains qui l'entourent"⁷⁴ (ALAVOINE-MULLER, 2009, p. 216).

Essa marginalização da modalidade discursiva reclusiana assenta-se na intensão vulgarizadora intuída por ele, marcada pelo discurso político e social dentro do saber geográfico, conseqüentemente por estar dotado de certa sensibilidade pedagógica e educativa, por ter se inscrito nas vias de dois movimentos de renovação:

d'un côté le progrès de la connaissance pure, le progrès technique, facteur de mieux-être et de l'autre le progrès social, l'émancipation morale et politique. Très attaché à tout ce qui pouvait promouvoir les connaissances, il multiplie les angles d'approche pour aider à la diffusion de la géographie⁷⁵ (ALAVOINE-MULLER, 2009, p. 214).

Por todos os veículos de difusão do conhecimento que Reclus passou seu pensamento foi tentado a sofrer censuras, cortes, adaptações, na tentativa de serem retiradas as noções socializantes, políticas libertarizantes e emancipativas. Sua geografia não se conformava ao rígido formato em voga. Quando passou a trabalhar na casa editorial Hachette, importante editora da época, esta agiu por diversas formas em estabelecer enquadramentos ao pensamento geográfico reclusiano, exigindo que

⁷³ "Eu não sei se já te disse que cessarei, provavelmente, de escrever para a *Revue des Deux Mondes*. Buloz queria me fazer modificar o artigo sobre as *Femmes en Amérique* e eu não quis. Aqui estou eu pois, apesar de lançado na Geografia pura, até nova ordem ao menos".

⁷⁴ "Élisée Reclus, que deposita tanto cuidado e convicção na escrita e na produção dos grossos e belos volumes quanto nos pequenos, é visto também como uma figura marginal, comparado à atitude dos estudiosos e escritores que o envolvem."

⁷⁵ de um lado, o progresso do conhecimento puro, o progresso técnico, fator de bem-estar, e do outro, o progresso social, a emancipação moral e política. Profundamente integrado a tudo isso que poderia promover os conhecimentos, ele multiplica os anglos de abordagens para contribuir com a difusão da geografia.

retirasse qualquer menção política de seus textos e que eliminasse a perspectiva de uma ciência múltipla, alternativa ao modelo uniforme das academias europeias.

Quanto às suas grandes obras, *La Terre* e *Nouvelle Géographie Universelle*, estas foram insistentemente supervisionadas pelo corpo editorial da Hachette, no intento de limpar qualquer noção política dos textos, mesmo assim, a sensibilidade do editor chefe Templier aos objetivos de Reclus possibilitou que não ocorresse total censura do libertarismo. Entretanto, o caso mais emblemático de censura ocorreu com a série de textos de cunho didático intitulado *Guide Joanne*. O geógrafo libertário não seguiu as regras de escrita tradicional da série de coleções anteriormente publicadas, preferindo escrever longos capítulos temáticos ao invés de curtos e genéricos itinerários de viagem, cujo objetivo era produzir escritos com visão geográfica estimulante e marcados pelo discurso político e social. Quando escreveu seu *Guide du voyageur à Londres*, publicado em 1860, sob grande influência do já citado *Passeios por Londres* da socialista Flora Tristan, este foi impositivamente reduzido de suas mais de 530 páginas para 219, suprimindo principalmente suas análises engajadas, que se dedicavam aos temas sociais e urbano-industriais da metrópole mundial. Mesmo assim ele não desistiu do estilo engajado dos guias de viagens, como também, inseriu esse formato em suas grandes obras, conforme destaca Alavoine-Muller (2009, p. 219).

Élisée Reclus s'inspire beaucoup de la narration type tout en l'approfondissant. Tout d'abord, le guide est l'occasion de s'adresser directement au lecteur; il est une médiation qui permet au voyageur de suivre réellement les pas du géographe dans le paysage. Prendre son lecteur par la main, lui proposer un regard structuré sur le paysage qui l'entoure est une démarche qui plait à Élisée Reclus et il utilisera de nouveau le procédé dans la *Nouvelle Géographie Universelle*. Dans les guides écrites par Reclus, les lieux ont un sens qui se rapporte à une histoire, une situation géographique, des activités, des constructions établies par les hommes. Rien n'est insignifiant à ses yeux. Tout ce que l'on voit, des cailloux du chemin au développement des villes doit être intégré dans un système d'explication du monde. [...] Les guides ont joué pour lui le rôle d'une école de la vulgarisation.⁷⁶

Por esse prisma interpretativo a autora afirma que Reclus se ocupou de fazer uma geografia científica engajada e de qualidade, enquanto que os veículos editoriais se

⁷⁶ Élisée Reclus inspira-se bastante na narração do tipo aprofundamento. Em primeiro lugar, o guia é a ocasião de dirigir-se diretamente ao leitor; ele é uma mediação que permite ao viajante seguir realmente os passos do geógrafo na superfície geográfica. Toma seu leitor pela mão, lhe propondo um olhar estruturado sobre a paisagem que o cerca, é um processo que agrada a Élisée Reclus e ele utilizará novamente o procedimento na *Nouvelle Géographie Universelle*. Nos guias escritos por Reclus, os lugares têm um sentido que se refere a uma história, a uma situação geográfica, das atividades, das construções estabelecidas pelos homens. Nada é insignificante a seus olhos. Tudo o que a gente vê, das pedras no caminho ao desenvolvimento de cidades, deve ser integrado num sistema de explicação do mundo. [...] Os guias têm representado para ele o papel de uma escola de vulgarização.

puseram pela ação de vulgarização desta geografia pluritemática. O esforço vulgarizador não deve ser confundido com a ação banalizada e celetista dos parâmetros teórico-metodológicos do saber geográfico, e sim pluralista e criativamente científica, se inscrevendo por alternativos parâmetros de análise da realidade espacial, montado sobre os ombros da acessibilidade do saber como motivador das transformações sociais. Por isso, é uma geografia científica e libertária, profundamente dedicada à transmissão do conhecimento teórico e estimuladora de práticas espaciais emancipatórias, por ser um saber para todos.

La géographie pour tous propose une formations en autodidacte. Ele transcende les catégories, s'adresse à tous, aux hommes de bonne volonté, amateurs soucieux de comprendre par eux-mêmes les lois qui régissent le monde. Le livre permet la formation tout au long de la vie et cette idée plaisait fortement à Élisée Reclus. La circulation et l'apprentissage des savoirs pouvaient se faire sous la forme de lectures collectives ou d'un enseignement mutuel à partir des ouvrages empruntés dans les bibliothèques populaires⁷⁷ (ALAVOINE-MULLER, 2009, p. 215).

Essa geografia para todos, abarcada pela pluralidade discursiva e temática, que se utiliza de diversos veículos e formas de ação para que possa ser divulgada, sentida e experimentada, terá seu desejo de reflexão nas classes sociais marginalizadas, que tem seu o trabalho explorado pelo capital que, em seguida, financiava as geografias oficiais, rigorosamente científicas e distanciada do objeto socioespacial. Nesta perspectiva, o saber geográfico deveria promulgar discurso técnico que distinguisse da linguagem e das práticas comuns, fortalecendo o mecanismo de segregação social e intelectual, neutralizando a capacidade transformadora do saber consciente e engajado sobre o espaço e a sociedade diante de valores emancipatórios libertários, para justificar a neutralidade científica, que por sua vez, era financiada e estimulada pelas estruturas de poder estatal e do capital.

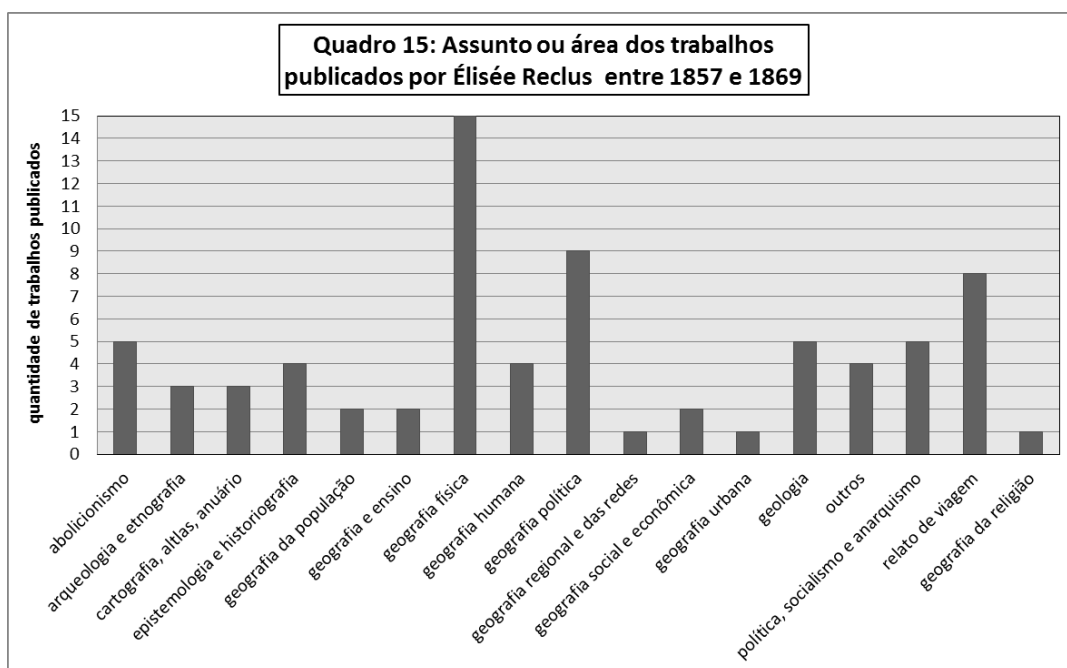
Para ter uma breve noção do quanto Reclus utilizou da diversidade temática para exprimir seu pensamento é importante observar os principais assuntos, temas e áreas⁷⁸

⁷⁷ A geografia para todos propõe uma formação autodidata. Ela transcende as categorias, pois se dirige a todos, aos homens de boa vontade, amadores preocupados em compreender por conta própria as leis que regem o mundo. O livro permite a formação integral ao longo da vida e esta ideia agradava fortemente Élisée Reclus. A circulação e a aprendizagem dos saberes poderiam se fazer sob a forma de leitores coletivos ou de um ensino mútuo, a partir de obras emprestadas nas bibliotecas populares.

⁷⁸ Os assuntos, temas e áreas expressos nos quadros e gráficos que se seguem não foram utilizados explicitamente por Élisée Reclus. A maior parte deles ainda nem haviam sido elaborados. Todavia, buscou-se nomear e qualificar certas abordagens que permeiam o pensamento geográfico reclusiano na intensão de induzir à reflexão acerca da atualidade da geografia em questão, almejando também, o exercício de síntese de um agrupamento de temas, contribuições e abordagens e uma única palavra. Houve, contudo, a intensão de exemplificar este pensamento do século XIX pelo uso da terminologia geográfica atual.

que permeiam o conjunto de sua grande narrativa da Terra, usando a classificação evidenciada por Creagh (2011), que se estende do ano de 1857, momento de sua primeira publicação, até o ano de 1905, quando faleceu.

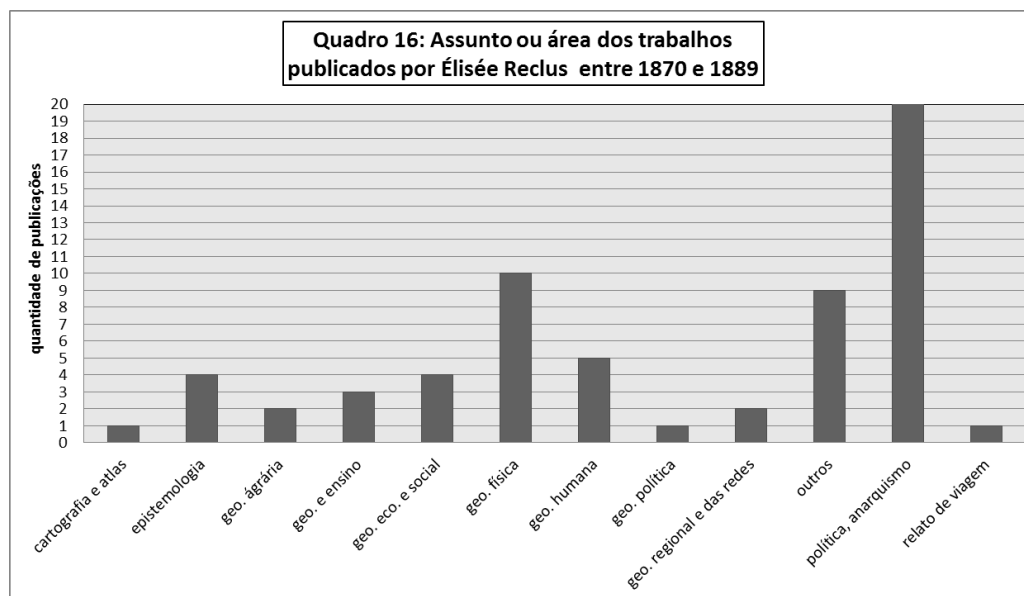
No quadro 15 estão contidos os assuntos ou temas por ele mais utilizado entre 1857 a 1869, merecendo destaque os trabalhos de geografia física, chegando ao total de quinze, sendo livros e artigos; além dos trabalhos relacionados a área da geografia política, com o total de nove; e os relatos de viagens, com oito, em virtude de neste período ter contribuído com diversos periódicos especializados neste tipo de narrativa. É importante também destacar os temas incomuns ao saber geográfico, como abolicionismo, crítica à religião, arqueologia, etnografia e mais quatro outros diversificados de caráter literário. Reclus também desenvolveu trabalhos de geologia (cinco no total), geografia humana (quatro), epistemologia, como trabalhos cartográficos e atlas, abordagens relacionadas ao ensino de geografia, manuais, composições didáticas, sobre o urbano e a geografia social. Muito embora, escreveu também cinco trabalhos relacionados aos temas políticos, como o socialismo e o anarquismo, além de um trabalho sobre geografia regional e das redes de circulação.



Fonte: RONCO, Daniele. **Bibliografia di Élisée Reclus**. (aggiornata al 2000). Gálica.bnf.fr (acesso em 10 /05/2012).
Organização: José Vandério Cirqueira Pinto – 2014.

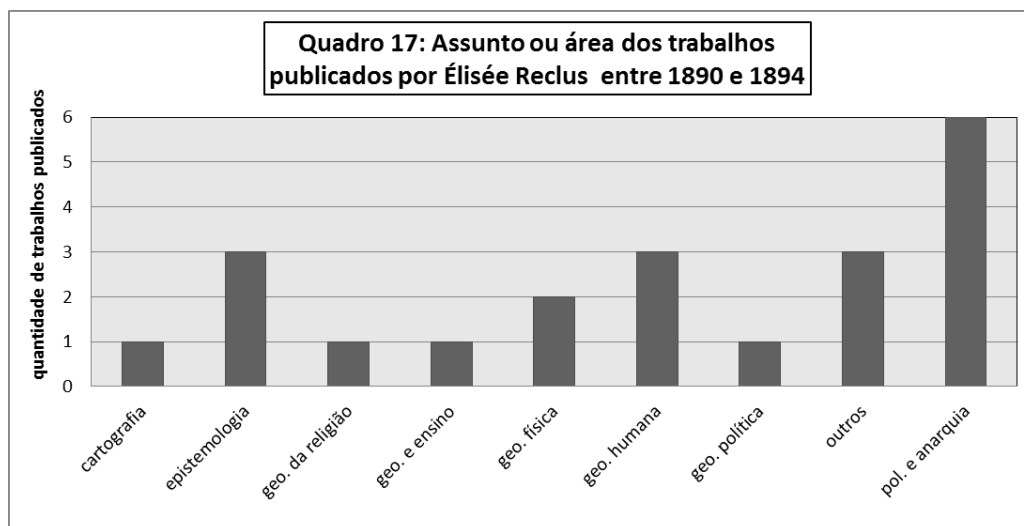
O discurso e os temas neste período de formação do pensamento reclusiano foram diversos, prevalecendo os estudos do campo físico da geografia, mas que oscilaram pelos temas da climatologia, hidrografia, geomorfologia e pedologia.

Já no período seguinte, de 1870 até 1889, a prevalência se dá para os trabalhos relacionados à política, principalmente os escritos anarquistas (vinte no total), período em que Reclus estava exilado e intensamente envolvido com o movimento revolucionário anarquista. Embora encontra-se diversos trabalhos de geografia física (dez escritos), tendo também destaque neste período; como também os de geografia humana (cinco) e os de epistemologia e de geografia social, sendo quatro cada. Outros temas presentes na primeira fase foram retomados, como os trabalhos cartográficos, os de ensino, de geografia política, das redes e os relatos de viagens. Reclus também desenvolveu dois trabalhos de geografia agrária, importantes escritos para se entender o engajamento que o mesmo teve com os movimentos sociais do campo na Europa.



Fonte: RONCO, Daniele. **Bibliografia di Élisée Reclus**. (aggiornata al 2000). Gálica.bnf.fr (acesso em 10 /05/2012).
Organização: José Vandério Cirqueira Pinto – 2014.

Nos próximos quatro anos em que o geógrafo ácrata viveu na França, ameaçado de um novo exílio que iria lhe ser imposto até o final de sua vida, sua produção teórica foi pequena no que tange o número de publicações anteriores. Mas foi justamente neste período que ele conseguiu avançar muito na produção de sua geografia universal, gigantesca obra que lhe consumiu fiel dedicação dos anos de 1876 até 1894. Mesmo assim, seis trabalhos sobre a política e a anarquia foram sendo divulgados; como também três trabalhos de epistemologia e de geografia humana; além de outros dois de geografia física; e outros de cartografia, religião, ensino, e de geografia política.

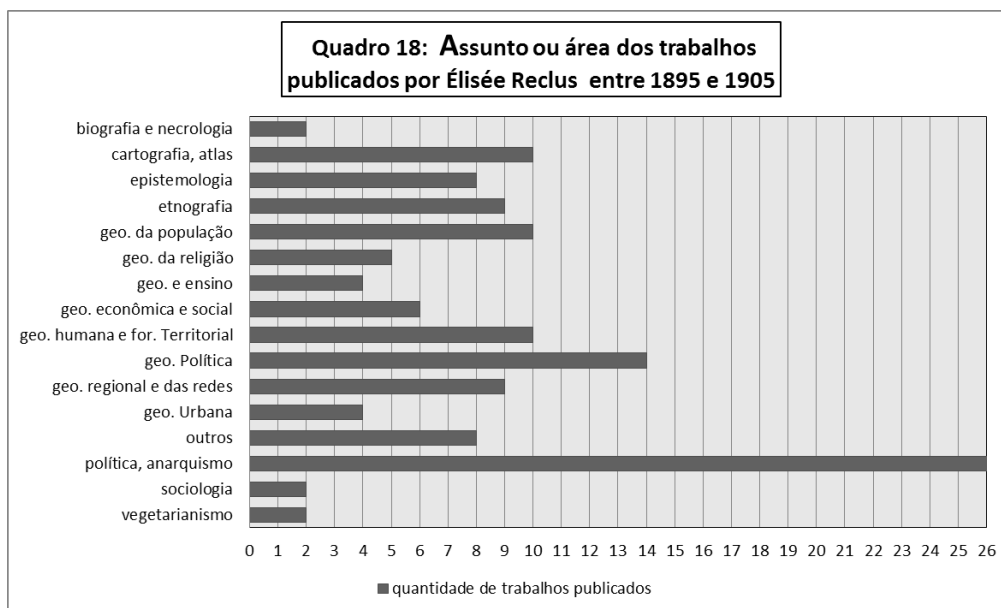


Fonte: RONCO, Daniele. **Bibliografia di Élisée Reclus**. (aggiornata al 2000). Gálica.bnf.fr (acesso em 10/05/2012).
Organização: José Vandério Cirqueira Pinto – 2014.

De um modo geral, o que se pode perceber é que Reclus tentou não evitar certos temas, assuntos e áreas de seu pensamento, permanecendo envolto por este arsenal discursivo e temático. Já nos últimos dez anos de sua vida, inclusive os mais produtivos em quantidade e diversidade temática, outros novos temas e áreas foram abordados, merecendo lembrar de que o geógrafo libertário se tornou professor da UNB, abrindo margem para uma atividade docente estável, vinculada a uma instituição de ensino aberta a produções alternativas do conhecimento geográfico.

Vinte e seis trabalhos nesse período foram dedicados ao debate político e a anarquia; outros quatorze, à geografia política; e dez, à geografia humana, cartografia, e geografia da população; nove, a etnografia e geografia regional; e oito, a epistemologia. Interessante notar que Reclus não produziu nenhum trabalho estritamente dedicado à geografia física, área tão comum no início de sua carreira, que foi contrabalançada por outros trabalhos do domínio humano da geografia, como geografia urbana, geografia e ensino, geografia social e econômica, regional, das redes, além de temas incomuns, como o vegetarianismo, na qual Reclus era adepto, trabalhos de necrologia, caso do que foi dedicado ao seu grande amigo Bakunin, morto no ano de 1876, como também, os trabalhos de outros campos do saber não especificamente geográfico, como etnografia e a sociologia.

No mesmo período o geógrafo francês também irá dedicar a sua última grande obra, *L'Homme et la Terre*, além de ter se envolvido intensamente com sua nova função profissional, a de professor universitário, produzindo diversos trabalhos junto a seu instituto de geografia que o mesmo criou.



Fonte: RONCO, Daniele. **Bibliografia di Élisée Reclus**. (aggiornata al 2000). Gálica.bnf.fr (acesso em 10 /05/2012).
Organização: José Vandério Cirqueira Pinto – 2014.

As grandes narrativas reclusianas sobre o dever da sociedade na Terra, a prospecção vulgarizadora do saber científico engajado a serviço da consciência social e da transformação da espacialidade geográfica e a diversidade temática, projetou neste saber geográfico agregado volume de dimensões analíticas da realidade, principalmente por este não ter restringido seu saber a especialização de áreas, o levando ao encontro do holismo consciencialista, fraternalista e libertário, o compoendo de noções ambientais, sociais, educacionais, como também de técnicas de análise espacial, de geografia política, de geografia física, de ética e de geografia humana, entre outros. Partiu da escala comunal à internacional, das temporalidades lentas para as rápidas, e das sociabilidades compósitas para as atávicas, tudo isso, delineado pelo discurso dissidente do engajamento pela anarquia, perfazendo uma espécie de geograficidade libertária universalista, que neste processo criativo, avolumará essa narrativa geográfica, ainda mais, em decorrência do tamanho em si, não cabendo desse modo aos quadros do modelo de ciência geográfica que estava sendo experimentado e defendido pela Europa Ocidental.

Peter Marshall (2009), ao definir Reclus como um *geógrafo da liberdade*, assinalar-se-ia para a importância da diversidade temática integrada a seu discurso, que por sua vez, tem fundamento em sua perspectiva libertária de saber científico e de prática geográfica, que se mistura a seus valores existenciais ácratas. Logo na juventude o geógrafo dissidente rompeu com o protestantismo e republicanism, conforme já foi destacado no capítulo dois, assumindo-se ateu e socialista, na qual começou a buscar os ideais de liberdade individual e social alinhado aos teóricos socialistas libertários da

primeira metade do século XIX, aproximando do libertarismo de Godwin, do mutualismo federalista de Proudhon, do socialismo associativista de Owen, do falansterismo socialista de Fourier, do socialismo da organização fabril de Saint-Simon, entre outros.

Este conglomerado de noções sociais elevou-se como o ideal maior a liberdade e a autonomia humana, o amor e a fraternidade universal como fim almejado pelas lutas políticas. Esta posição demasiadamente ampla do socialismo libertário de Reclus foi classificada neste trabalho como anarquia metafísica, em virtude de basear-se na idealização do teor ético da anarquia quanto um valor humano universal, mas não havendo ainda reverberações sobre as modalidades de prática política deste entendimento socialista, na qual, este entendimento reivindicou posteriormente a capacidade de prática revolucionária frente às especulações metafísicas de outras composições teóricas socializantes.

Em virtude do envolvimento de Reclus com Bakunin, que se transfigurou em sólida amizade, ele irá aderir ao modelo coletivista revolucionário do anarquismo bakuniano, que se estendeu até o momento da amizade contraída com o geógrafo anarquista russo Kropotkin. A partir desse momento, juntos irão buscar a elaboração do que ficou conhecida como anarquismo comunista ou comunismo libertário, modalidade de pensamento que levará até o final da vida.

Nesse interim, Reclus irá compor seu pensamento geográfico destas inúmeras noções socialistas, além de projetar uma diversidade temática para explicar a realidade socioespacial. Sua geografia se oporá a toda forma de dominação e de hierarquia social, deste modo ela é essencialmente libertária, anti-colonialista e anti-imperialista, além de ser uma das primeiras críticas geográficas do domínio territorialista exercido pelos totalitarismos estatais, assunto posteriormente retomado na geografia quando os fascismos e totalitarismos europeus na metade do século XX tornaram mais evidentes.

Outro tema pioneiro abordado pelo geógrafo das dissidências, infelizmente de forma muito esparsa, foi a defesa da emancipação feminina, que, conforme já foi citado ele pretendia escrever mais sobre o assunto em virtude das inúmeras amizades que compôs com feministas, tais como André Léo, Juliette Adam e Jenny d'Hericourt.

Reclus também defendeu como tema fundamentalmente importante para do desenvolvimento de uma sociedade anarquista a educação, na qual invariavelmente esteve envolvido com diversos escritos que apresentasse defesa da co-educação e a métodos libertários de ensino, dedicando um fascículo inteiro de *L'Homme et la Terre* para este tema.

O tema da escravidão, especialmente as formas deploráveis da exploração humana e a luta pela liberdade, ou seja, o abolicionismo escravocrata, foi um assunto que marcou muito Reclus, em virtude de suas andanças pelo continente americano, tecendo diversos trabalhos sobre a dominação humana e o racismo, como também escreveu um artigo sobre o abolicionismo penal, demonstrando os absurdos da pena de morte e do modelo punitivo judiciário e prisional.

Os posicionamentos ambientalistas de Reclus estenderam-se até a defesa irrestrita dos animais, exemplo do texto *La Grande Famille* (RECLUS, 1897), denunciando os excessos da dominação humana sobre os outros seres vivos, antecipando alertas sobre a extinção da vida animal e dos biomas, os impactos dos desmatamentos e da exploração predatória dos recursos naturais, posicionando como um ecologista libertário em favor do equilíbrio mulher-homem-meio, na possibilidade de construir novas cognoscibilidades laicas pós-cristã quanto aos valores de uma sociedade eticamente integrada dimensão cósmica que lhe nutre.

Nesta perspectiva, Reclus foi também pioneiro em pensar uma geografia que possa defender os animais, sendo assim árduo defensor do vegetarianismo, na qual, no escrito intitulado de *À Propos du Végétarisme* (RECLUS, 1901) ele vai defender uma profunda reforma alimentar, argumentando que não há sentido as sociedades basearem os regimes alimentares no sacrifício dos animais, modelo esse reprodutor de atitude perversa milenar e que garante uma reprodução arcaica e predatória do espaço. A defesa do vegetarianismo aponta-se na busca pela beleza da vida saldável e em simbiose com todos os entes da Gaia, descompromissada com os sacrifícios e os sofrimentos dos animais, pois, segundo defende Reclus (1901, p. 43), “nous tenons à les conserver soit comme compagnons de travail respectés, soit comme simples associés dans la joie de vivre et d'aimer”, porque, “la laideur dans les personnes, dans les actes, dans la vie, dans la nature ambiante, voilà l'ennemi par excellence. Devenons beaux nous mêmes et que notre vie soit belle!”⁷⁹ (RECLUS, 1901, p. 45).

A defesa dos camponeses será também outra preocupação importante para Reclus, em virtude da exploração que os trabalhadores e trabalhadoras sofrem por causa do controle da propriedade privada dos meios de produção, exercida pelo capital e pelo Estado. Sua defesa do campesinato está atrelada à busca do equilíbrio entre a ação

⁷⁹ “queremos nos manter seja como companheiros respeitados de trabalho, quanto como simples associados na alegria de viver e de amar”, porque, “a feiura nas pessoas, nos atos, na vida, no meio ambiente, eis o inimigo por excelência. Tornamos belos nós mesmos e que nossa vida seja bela!”

humana e o uso da Terra, e o quanto ela é o fundamento da liberdade para homens e mulheres.

Ele dedica-se a preocupar também com os trabalhadores da cidade, desenvolvendo em diversas ocasiões discussões sobre a exploração do trabalhador operário, sua forma de vida urbana, a segregação que o mesmo é submetido, os dilemas sociais, de habitação e de organização das cidades, na qual critica duramente a *urbanofobia* propagada por teóricos do século XIX, defendendo o modo de vida urbano organizado, harmonioso e todos os benefícios das luzes que a cidade unicamente traz.

Para Marshall (2009, p. 38), essas múltiplas perspectivas discursivas e temáticas são admiráveis, por elas serem efetivamente condizentes com o amplo projeto libertário de uma nova sociedade, baseada na harmonia entre a mulher, o homem e o meio, atravessada pela libertação física, ideológica e espiritual dos entes, congregada a uma geografia social e ambiental da liberação.

Comme géographe, il avait une sensibilité écologique profonde; comme moralite, il était concerne par la souffrance des animaux aussi bien celle des humains. Comme anarchiste, il argumenta de manière persuasive en faveur d'une forme de communisme volontaire qui respecte l'individualité tout en fondé sur la solidarité [...]. Nonobstant ses intérêts scientifiques, il était préoccupé du bien être spirituel autant que matériel, insistant sur le fait que les anarchistes avaient un triple idéal à réaliser: du pain pour le corps (la nourriture), du pain pour la pensée (l'éducation), et du pain pour l'esprit (la fraternité).

Reclus ne brille pas seulement comme l'un des penseurs anarchistes les plus séduisants et les plus avisés. Il est aussi un précurseur visionnaire d'une écologie de la libération qui cherche à délivrer tous le êtres de leurs fardeaux et les aider à réaliser leur plein potentiel en harmonie les uns avec les autres et avec la nature comme un tout.⁸⁰

A incompatibilidade discursiva dessa modalidade de geografia, em virtude de suas características, não se resguarda entre as rígidas paredes das academias, somente podendo manter-se viva na realidade espacial, diante das práticas socioespaciais emancipadoras e rebeldes. Essa modalidade discursiva de geografia pôs-se a perecer, em decorrência de sua excessiva dimensionalidade e falta de enlace com os limites

⁸⁰ Como geógrafo, tinha uma sensibilidade ecológica profunda; como moralista, havia concebido o sofrimento dos animais de modo idêntico àquele dos humanos. Como anarquista, argumenta de maneira persuasiva em favor de uma forma de comunismo voluntário que respeita a individualidade integralmente fundada na solidariedade [...]. Não obstante a seus interesses científicos, era preocupado com o bem-estar espiritual da mesma forma que material, insistindo sobre o fato de que os anarquistas tinham um tripé ideal a realizar: do pão para o corpo (o alimento), do pão para o pensamento (a educação), e do pão para o espírito (a fraternidade).

Reclus não brilha somente como um dos pensadores anarquistas mais sedutores e mais sensatos. Ele é também um precursor visionário de uma ecologia da liberação, que busca desprender todos os seres de seus fardos e os ajudarem a realizar seu pleno potencial em harmonia uns com os outros, junto com a natureza como um todo.

organizadores do saber científico, transbordando seus objetivos para os extramuros da consciência acadêmica, embora ela também não tenha sido digerida pela sociedade não acadêmica, caindo pelo esquecimento e desuso por ter sido demasiadamente heterodoxa, suplantando juntamente com sua filosofia anarquista os limites epistemológicos da consciência geográfica acadêmica em curso, somente sendo revivida a partir de 1970 e suas agitações dissidentes.

3.2 A heterodoxia ideológica

Dos três principais pilares motivadores da negligência do pensamento geográfico reclusiano pela acadêmica e pela ortodoxia historiográfica, a heterodoxia ideológica aponta-se como a principal justificativa utilizada pela maioria dos analistas deste pensamento. Embora a diversidade temática e a prática científica engajada sejam fortes elementos motivadores do aviltamento da geografia libertária reclusiana pela geografia universitária, a defesa da anarquia, ou mesmo do comunismo libertário são decisões da grade epistemológica que compromete decisivamente a aceitação desta geografia alternativa pelo conjunto oficial científico-acadêmico dominante.

Não significa que por ser uma geografia marginal, ou seja, que está posta de fora da centralidade oficial geográfica, desterrada destes territórios da consciência intelectual ortodoxa, que ela não possa ser usufruída e reproduzida enquanto saber necessário a se pensar o espaço geográfico. É de suma importância reconhecer o seu território imaterial, a sua centralidade de pensamento geográfico. Somente pelo fato da geografia libertária ser heterodoxa não significa que ela seja incompatível com a interpretação da realidade espacial e da sociedade. Ao contrário, a partir deste posicionamento contestador e comprometido com o engajamento político é que se afluíram as novas geografias pós-maio de 68, conforme destaca Claval (2006).

O movimento de revolução do saber geográfico só foi possível diante da aceitação de novas abordagens teóricas e de novas práticas espaciais, que não deve ser referenciado somente pela ação do marxismo como sendo a única fonte teórico-metodológica de renovação paradigmática da geografia, embora tenha sido a mais importante, devido à sobreposição de seu comportamento teórico frente às diversas outras abordagens.

De imediato, o próprio marxismo se converteu em campo epistêmico dominante dentro das academias, e prontificou, seguidamente, suas historiografias críticas sobre o pensamento geográfico. Num primeiro eixo os marxistas se comportaram como todas as

outras historiografias dominantes, *caçando os indesejáveis*, eliminando as ameaças a sua hegemonia territorial acadêmico-intelectual, tachando e fustigando aqueles que se coloraram na posição de contestadores da universalidade unilateral do estruturalismo marxista. Num outro eixo, menos ortodoxo, fizeram exercícios revisionistas, desconstrucionistas e buscaram recontar certas histórias negligenciadas. Toleraram em maior grau abordagens alternativas ao marxismo, e estimularam de certa forma, interações transdisciplinares no plano epistemológico da geografia.

Destes exercícios revisionistas boa parte da contribuição geográfica libertária de Reclus foi recuperada e estimulada, caso dos trabalhos realizados pelo periódico *Hérodote*, na França, e pelo importante periódico estadunidense *Antipode*, assunto que será detalhado no capítulo seis.

Todas essas menções em defesa da recuperação do pensamento reclusiano pela geografia crítica radical apontam para o conjunto de erros da historiografia do passado, por ela, em muitos casos, ter evitado essa importante contribuição, que de certa forma antecipou uma série de proposituras que a geografia radical veio a difundir quase cem anos depois, principalmente por ter ele colocado na geografia a possibilidade de se fazer uma ciência ideologicamente heterodoxa, marcada pelo comunismo libertário. Paul Boino (2010, p. 9, 10) se surpreende com o quanto uma obra científica de geografia tão vasta, com qualidade colossal dos escritos, pôde ser negligenciada.

Outra coisa surpreendente é a qualidade de sua obra que desenvolve análises arrebatadoras sobre o capitalismo, o colonialismo, mas também sobre a urbanização, as mutações sociais e, além do mais, funda, para ser exato, uma grade de análise, uma maneira de ver o mundo em sua globalidade e em suas dinâmicas.

O que também surpreende, sobretudo, é a maneira como sua obra foi alternadamente celebrada, oculta e, mais recentemente, parcialmente redescoberta pela comunidade científica.

Em trabalho anterior, Boino (1999) destaca que os motivos que ainda impulsionam a necessidade de pesquisas sobre o pensamento geográfico reclusiano se pautam por sua originalidade e atualidade, principalmente no que se refere aos temas urbanos, quanto às análises globalizantes da realidade espaço-temporal, e a noção de complexidade espacial, e dos contingencialismos relativizadores, como também, a crítica aos domínios totalizantes da sociedade e dos territórios.

O esforço de ocultamento desta geografia libertária incide justamente contra seu caráter inovador, e principalmente por ser ideologicamente heterodoxa, que funcionou como ameaça ao modelo oficial, no momento em que esta foi apresentada, fundando um

primeiro ciclo de negligência. Este ofuscamento não se atenuou com o movimento renovação, por ter sido garantido por sólidas bases respeitáveis, advindas de classificações simplórias do vidalismo de Brunhes, por exemplo, que a definiu como pré-científica e unicamente descritiva, além de ter sido marcada, a seu ver, por excessos sociológicos, históricos e políticos, definindo desta forma, o segundo ciclo de negligência. “Ocultando simplesmente uma das duas mais importantes obras de Reclus, os vidalianos desejaram não desacreditar totalmente sua contribuição científica, mas diminuir fortemente seu alcance analítico” (BOINO, 2010, p. 15).

Entretanto, a geografia marxista também será responsável por certa negligência do pensamento geográfico de Reclus, constituindo o terceiro ciclo de ofuscamento desta geografia rebelde, conforme identifica Boino (2010, p. 17), em virtude de ela ser adepta do anarquismo, contrariando a coerência epistemológica do marxismo.

Com efeito, a oposição política entre anarquistas e marxistas tem naturalmente uma retranscrição no plano científico. Para esses geógrafos marxistas, o espaço só podia ser o produto de uma história, determinada ela própria pelas relações de produção. Ao *contrario*, para Reclus, o espaço não era simples e unicamente um reflexo do sistema econômico. O espaço era simultaneamente um reflexo da sociedade, uma aposta social, um quadro de realização das relações sociais e um fator influenciando na sociedade. Além disso, Reclus, sendo anarquista, não considerava que tudo era redutível à única questão das relações econômicas e de sua evolução histórica. Podemos supor, definitivamente, que essa oposição político-científica entre geografia social (reclusiana) e geografia radical (marxista) sem dúvida desempenhou importante papel na não-redescoberta de Reclus nesse imediato pós-guerra. Observemos, contudo, que a oposição não se dava mais no campo da geografia como com os vidalianos, mas na grade de análise a ser adotada.

É de suma importância reforçar essa colocação de Boino (2010) em que identifica a condição metodológica da geografia reclusiana como empecilho para o sistema vidaliano, enquanto para os marxistas estava ligado ao campo epistemológico. Segundo ele, é por este prisma interpretativo que os geógrafos franceses optaram por escolher Vidal ao invés de Reclus, sendo decisivo o contexto científico e político para reforçar o corporativismo acadêmico, escolha essa efetuada na ótica de identificar qual das duas geografias era capaz de fazer reconhecer sua disciplina como científica, o que no plano institucional, significa ingresso na universidade dominante. Diante dos dois perfis postos, o menos heterodoxo que representava seguramente o reforço da cientificidade e do academicismo seria o nome responsável pelo modelo a se seguir.

Por um lado, Vidal de la Blache, politicamente conservador, preconizava uma geografia que não aborda a questão social, para centrar-se no estudo das paisagens e dos tipos de vida. Com Vidal, a geografia podia esperar obter um

estatuto científico tornando-se neutra politicamente. Por outro lado, Reclus, *ex-communard* e anarquista, refutava simultaneamente um meio para compreender o mundo, analisar seus desequilíbrios, tentar circunscrever qual poderia ser seu equilíbrio, e também um instrumento para formar cidadãos no sentido anarquista do termo e um instrumento para a ação política. Em sua perspectiva, ciência e política estavam indissolúvelmente ligadas (BOINO, 2010, p. 20).

Béatrice Giblin (2005a) vai buscar reforçar que em Reclus reside tanto o geógrafo quanto o anarquista, indistintamente, funcionando uma geografia libertária engajada, restrita ao seu modo de ver o papel desse saber. Segundo ela, o traço marcante desta geografia libertária é seu caráter de *exceção*, conforme buscou definir esta geografia incomum ao modelo convencional da época. A capacidade de Reclus juntar ciência com política, fazendo com que o ideal anarquista tornasse o sentido principal do saber geográfico, é o que fez Giblin (2005a, p. 13) classificá-lo como um *geógrafo de exceção*.

Reclus est en vérité porté par son idéal politique. Son oeuvre est non seulement l'oeuvre d'un grand géographe mais c'est aussi l'oeuvre d'un militant au service de la "science", mais aussi au service de son idéal politique, l'anarchie telle que la conçoit Reclus: les hommes libres et égaux dans une société sans lois et sans autorité. Toute sa vie Reclus sera un militant de la cause anarchiste. Or compte tenu de sa personnalité c'est un être absolu, totalement engagé dans ce combat pour une société juste et libre. Il se donne une mission, travailler à l'établissement que c'est possible, et la géographie est un excellent outil pour cela.⁸¹

Essa excepcionalidade na forma como Reclus busca edificar sua geografia, rapidamente foi vista como insuficiente contribuição ao exercício academicista, por ser ideologicamente heterodoxa. “Mais Élisée Reclus n'est en rien un géographe comme les autres; il eut l'étrange idée d'être un géographe libertaire”⁸² (GIBLIN, 1981, p. 6). Por ser libertário, ao invés de pensar a ciência como instrumento a serviço do capital ou do Estado, o geógrafo anarquista a ela via como instrumento de transformação social, além de considerar sua geografia e seu libertarismo como entes indistintos. “Disons-le d'entrée de jeu, pour nous on ne peut dissocier le géographe du libertaire et c'est son appartenance au mouvement anarchiste qui lui a fermé les portes de la reconnaissance de

⁸¹ Reclus é na verdade guiado por seu ideal político. Sua obra não é somente a obra de um grande geógrafo, mas é também, a obra de um militante a serviço da “ciência”, como também, a serviço de seu ideal político, a anarquia, tal como a concebe: os homens livres e iguais numa sociedade sem leis e sem autoridade. Em toda sua vida Reclus será um militante dedicado a causa anarquista. Porém, seguro de sua personalidade, é um ser absoluto, totalmente engajado neste combate por uma sociedade justa e livre. Ele se dá a uma missão, trabalhar em função do *établissement* que é possível, e a geografia é um excelente instrumento que para isso ocorra.

⁸² “Mas Élisée Reclus não é em nada um geógrafo como os outros; ele teve a estranha ideia de ser um geógrafo libertário”.

l'institution universitaire française”⁸³ (GIBLIN, 2005a, p. 13). Segundo discute Lacoste (1988, p. 105) “para o grande pensador anarquista, a geografia não somente não pode ignorar os problemas políticos, mas ela permite colocá-los melhor, ou revelar a importância dos mesmos”. Em trabalho anterior, Giblin (1976, p. 30 – 31) esclarece que:

Pourtant, dans le discours géographique de Reclus, nous trouvons une finesse d'analyse des faits économiques, sociaux et politiques que ses successeurs n'ont pas égalée. [...] D'autre part, l'hégémonie de la pensée marxiste — subordination de l'analyse spatiale à l'explication historique — rend compte du faible intérêt porté aux anarchistes.⁸⁴

Neste trecho em que Giblin (1976) demonstra suas primeiras opiniões sobre a geografia anarquista presente em Reclus na revista *Hérodote*, ainda na década de 1970, ela deixa claro o quanto a hegemonia do pensamento marxista, por vezes excessivamente historicista e economicista, subordinou a análise espacial anarquista reclusiana, principalmente no trato que ele dá ao tema natureza, sociedade e equilíbrio socioambiental. Ideologicamente havia incompatibilidade entre o pensamento geográfico marxista e anarquista, o que leva Lacoste (1988, p. 129) a apontar essa oposição como uma das principais causas da negligência da geografia libertária reclusiana pela geografia universitária lablacheana, quanto também, pela geografia crítica radical marxista.

Sem dúvida, suas aspirações políticas são o sustentáculo de sua obra de geógrafo, mas esta última pode ser tomada como tal pelos geógrafos universitários, para os quais a palavra anarquia amedronta; [...] Mas se é fácil fazer abstração das atividades militantes de Reclus, não é possível considerar sua geografia escamoteando o lugar considerável que ele dedica aos fenômenos políticos. E eu acredito que o silêncio que continua a ser feito na corporação dos geógrafos universitários sobre a obra de Reclus resulta, principalmente, hoje, da recusa da mesma em admitir a geograficidade dos fatos que advêm da política, mormente aqueles que traduzem o papel dos diferentes aparelhos de Estado.

O antimarxismo de Reclus, mas não anticomunismo, pois defende o comunismo libertário, será decisivo para que os impulsos negligentes e até mesmo combatentes, por certa parcela de geógrafos marxistas ortodoxos, se fortaleçam, por estes confrontarem à

⁸³ “Digamos de início, para nós, não se pode dissociar o geógrafo do libertário e é seu pertencimento ao movimento anarquista que lhe fechou as portas do reconhecimento da instituição universitária francesa”.

⁸⁴ Portanto, no discurso geográfico de Reclus, nós encontramos uma finesa na análise dos fatos econômicos, sociais e políticos que seus sucessores não alcançaram. [...] Em contrapartida, a hegemonia do pensamento marxista – subordinação da análise espacial à explicação histórica – resultou no ínfimo interesse dado aos anarquistas.

possibilidade de nascimento de uma geografia anarquista diante da emergência de uma geografia genuinamente marxista. Segundo Giblin (1976, p. 39), “Reclus, parce que géographe-anarhiste, critique le système capitaliste et argumente son analyse par des exemples géographiques. La transformation des campagnes par le système capitaliste fait partie du discours géographique”⁸⁵.

E em virtude desta modalidade ideológica heterodoxa, mesmo após o processo de radicalização do pensamento geográfico pós-70, por almejar tornar libertário fundamentos geográficos, incluindo esta também como discurso crítico do espaço produzido pelo capitalismo, será por diversas vezes combatida pelas *novas ortodoxias acadêmicas*, que intuíram o utopismo anarquista como uma grave fragilidade em vias de penetrar na geografia radical. Para essas *novas ortodoxias*, usando a expressão de Benko e Lipietz (1994), o pensamento reclusiano é essencialmente incapaz de amadurecer dentro da geografia por ser marcadamente utópico. Giblin (1976, p. 45, 46) sai em defesa da geografia reclusiana, afirmando sua *topia* no lugar desta ingênua classificação, advinda da nova ortodoxia historiográfica, que a tacha de utópica.

Reclus essaie constamment de démontrer que l’anarchisme n’est pas une utopie, que les exemples embryonnaires, spontanés, d’organisation anarchiste foisonnent dans le monde entier, et que leurs échecs sont dus à la volonté du pouvoir de s’opposer à la libre association pour assurer la pérennité du système économique sur lequel il repose. La géographie est un outil indispensable à la bonne marche des communes anarchistes, surtout dans des contrées étrangères où les colonisateurs connaissent mal les conditions du milieu naturel et la situation socio-économique du pays où ils s’installent.⁸⁶

Contrariando a perspectiva na qual discute que o pensamento geográfico reclusiano foi negligenciado, Arrault (2005) buscou demonstrar que somente parcialmente isso ocorreu, e não gerou tantos percalços como comumente é apresentado pela escola crítica francesa. Para ele, Reclus recebeu certa atenção da escola vidaliana de geografia, não adquirindo admiração e nem desprezo por parte Vidal de la Blache, que se portou indiferente diante do pensamento do geógrafo anarquista.

⁸⁵ “Reclus, enquanto geógrafo-anarquista critica o sistema capitalista e sustenta sua análise através dos exemplos geográficos. A transformação das zonas rurais pelo sistema capitalista faz parte do discurso geográfico”.

⁸⁶ Reclus esforça-se constantemente em demonstrar que o anarquismo não é uma utopia, que os exemplos embrionários, espontâneos, de organização anarquista espalham pelo mundo inteiro, e que seus fracassos são devidos à vontade do poder de se opor a livre associação, por assegurar a perenidade do sistema econômico sobre o qual se assenta. A geografia é um instrumento indispensável para o bom funcionamento das comunas anarquistas, sobretudo, nos territórios [contrées] estrangeiros onde os colonizadores conhecem equivocadamente as condições do meio natural e a situação socioeconômica do país onde se instalam.

Segundo Vidal e os vidalianos a contribuição reclusiana se deu mais efetivamente no âmbito da geografia física e da inter-relação humana com os fenômenos da natureza, mais próxima da tradição alemã do que da francesa propriamente dita. Embora, eles reconheçam que Reclus foi a principal ponte entre a geografia francesa já envelhecida, advinda das fracas emissões de Malthé-Brun, com a nova geografia francesa por eles edificada.

Diante desta perspectiva, Arrault (2005, p. 8) chega a afirmar que Reclus foi uma espécie de mestre para os vidalianos, apesar deles não o reconhecerem como tal, nesse sentido, havendo a necessidade emergente de reencontrar a proximidade latente que há entre Reclus e Vidal.

Loin d'être oubliée ou rejetée, l'œuvre de Reclus se trouve donc au contraire investie d'une signification, d'une portée particulières, parce qu'elle a offert aux géographes français les seuls traités disponibles, les seules sommes géographiques en France avant que les "vidaliens" ne produisent les leurs.⁸⁷

Lafaille (1989, p. 457) propôs outra leitura sobre as causas da negligência do pensamento geográfico de Reclus, afirmando que não é por causa de seu posicionamento heterodoxo vinculado a anarquia que sua geografia foi evitada, nem pelo fato dele ter inserido o caráter político ao saber geográfico, mas pela forma como abordou a política, colocando-a majoritariamente frente ao caráter científico-acadêmico, pesando muito sobre a validade desta geografia em meio a afirmação do saber científico da época. Por isso a necessidade, na opinião do autor, de fazer novas leituras de Reclus, abordagens essas que considerem o caráter ideológico heterodoxo do geógrafo anarquista como elemento a parte da sua posição de geógrafo pesquisador neutro, noções ainda muito pouco exploradas.

Lorsqu'on laisse apparaître la géographie de Reclus dans toute étendue de sa manifestation on découvre de nouvelles lignes de force. Sa géographie affirme comme une géographie littéraire, comme une géographie gonflée de nombreux thèmes romantiques. Pareille extension montre les limites d'une interprétation uniquement préoccupée par les dimensions épistémologico-politiques de l'oeuvre. En vérité, la lecture de Reclus, les interprétations de histoire de la géographie sont plongées sur un tout autre versant, versant encore mal explore, où le refoulement du littéraire accompagne le refoulement du politique.⁸⁸

⁸⁷ Longe de ser esquecida ou rejeitada, a obra de Reclus se encontra, pois, ao contrário, investida de uma significação, e de um alcance particular, porque ela ofereceu aos geógrafos franceses os únicos tratados disponíveis, e as únicas contribuições geográficas na França antes que os "vidalianos" não produzissem as suas.

⁸⁸ Quando se deixa aparecer a geografia de Reclus em todo alcance de sua manifestação a gente descobre novas linhas de força. Sua geografia afirma como uma geografia literária, como uma geografia repleta de novos temas românticos. Semelhante extensão mostra os limites de uma interpretação unicamente comprometida com as dimensões epistemológico-políticas da obra. Na verdade, a leitura de Reclus, as

É perfeitamente compreensível que as recentes análises de Reclus se atracaram excessivamente a seu caráter político libertário e muito pouco ao domínio do pensamento geográfico em si e seus meandros discursivos, merecendo maior destaque a essas últimas possibilidades de investigação. Em contrapartida, anular o elemento social, político e ideológico do pensamento geográfico reclusiano, conforme sugere Lafaille (1989), na intensão de melhor dimensionar sua colocação na história da geografia, é cometer o grave erro, repetindo o que os três níveis de negligência no passado o fizeram sobre essa modalidade libertária de geografia. O erro se confirma, por sua vez, ao afirmar-se que, o engajamento político e o desejo de relacionar o saber geográfico à luta pela transformação do espaço e da sociedade em Reclus não tem peso frente as suas contribuições estritamente técnicas para a geografia, e por isso, a geografia reclusiana deve ser descartada do jogo oficial.

O mesmo Lafaille (1989) defende que o pensamento reclusiano, por muitas vezes, é literário, descritivo e pouco científico, e ao mesmo tempo lamenta seu amplo uso do político. Ou seja, busca retirar de seu *corpus* o valor político-transformador e seu caráter alternativo de ciência, para reproduzir, como fizeram em diversas outras ocasiões, as justificativas de ineficiência acadêmico-científica da geografia reclusiana, incompatibilidade ideológica e discursiva, entre outras linhas de força segregacionistas da historiografia dominante.

É preponderante reforçar a valorizo composto explicitamente político, ideológico, libertário, radical, dissidente, engajado e ao mesmo tempo, acadêmico, técnico, científico, como, literário, sensível e poético do pensamento geográfico de Reclus, constituindo esse volumoso conjunto temático-discursivo na direção de uma geografia do presente e do futuro, guardada suas devidas atualizações, revisões e adaptações.

Depois de ter ultrapassado enormes esforços de privação o que fica dessa modalidade de geografia é sua capacidade ideologicamente heterodoxa de projetar a possibilidade de novos caminhos ao saber geográfico, o desvinculando do monologismo ainda presente no discurso do paradigma contemporâneo.

Pelletier (2011b) demonstra que é incongruente distinguir em Reclus geografia e anarquismo, por sua vez, teoria geográfica e engajamento político, como também, desvincular discurso científico de heterodoxia ideológica, pois, para o geógrafo *communard* a anarquia deve estar a serviço da ciência geográfica, por sua vez, o mesmo

interpretações de história e da geografia estão imersas sobre apenas uma única versão, versão essa mal explorada, onde a supressão do literário acompanha a supressão do político.

busca ainda uma ciência geográfica a serviço da anarquia, fundindo em sua forma de pensar uma geografia significativamente anarquista, e um anarquismo efetivamente geográfico.

Essa forma de pensar a geografia parte do princípio da irrestrita transformação do tempo e do espaço, levando Reclus a considerar “meio-espaço” e “meio-tempo” como categorias centrais no conjunto de uma reflexão geográfica libertária, por apregoar a constante transformação e a busca do equilíbrio, conforme demonstra abaixo Pelletier (2011b, p. 15).

La géographie reclusienne du “milieu-espace” et du “milieu-temps” rappelle combien l’environnement a changé, combien il change et combien il changera, avec ou sans l’être humain. Avec l’être humain, ce changement doit être fait dans une perspective d’amélioration pour tous.⁸⁹

Desse modo, as conjecturas tornam-se insustentáveis, principalmente as que buscam construir que, em virtude dos intensos exílios sofridos pelo *ex-communard* fez com que sua geografia não fosse qualitativamente e quantitativamente divulgada, por isso, não percebida pela historiografia dominante. Nesse sentido, a mesma não foi avaliada, não se submeteu ao crivo crítico da história do pensamento por não ter tido chance de apresentar suas principais condições teóricas. O exemplo acima das categorias *meio-tempo* e *meio-espaço* e a veiculação delas ao processo de transformação e reprodução do espaço não foi recepcionada pela crítica historiográfica por portarem em si o elemento libertário em suas explicações, e não em virtude de sua pouca difusão. É o elemento anarquia o principal fator de negligência do pensamento geográfico de Reclus, pois, por muito tempo, não se acreditava ser possível uma geografia científica e ao mesmo tempo anarquista.

Em contrapartida, desde o início de sua trajetória profissional vinculada a geografia Reclus sempre buscou divulgar seu pensamento, dando chance às oportunidades de discussão, o lançando pelo fluxo vulgarizador da linguagem acessível e do formato agradável.

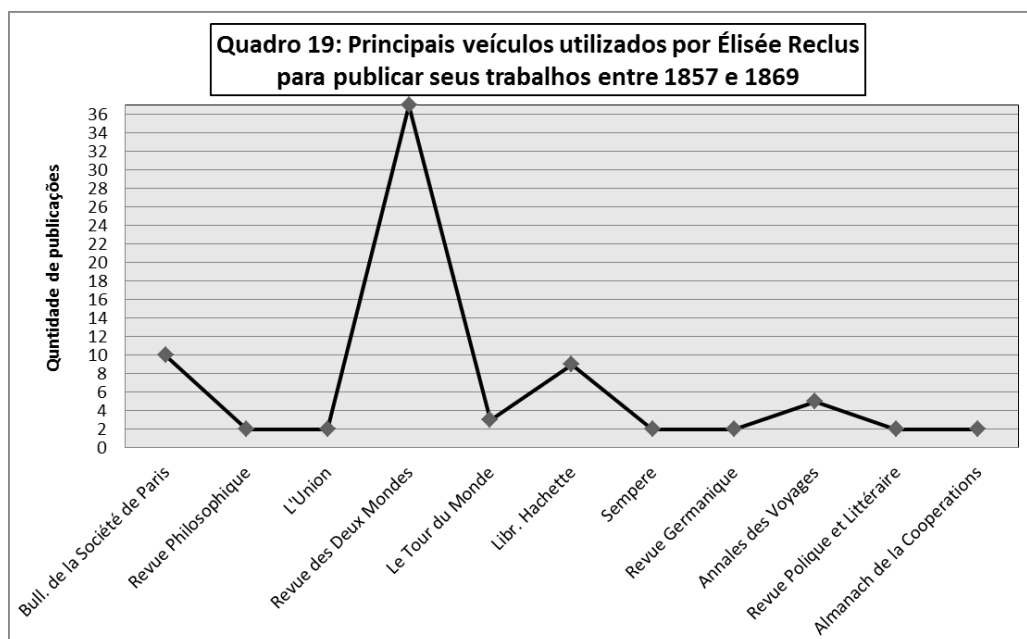
No quadro 19 é possível notar os principais veículos utilizados por Reclus para publicar seus trabalhos no período de 1857 a 1869. Neste período ele trabalhou como correspondente de viagem na função de jornalista viajante para o importante periódico *Revue des Deux Mondes*, na qual explica a maior quantidade de trabalhos publicados no

⁸⁹ A geografia reclusiana do “meio-espaço” e do “meio-tempo” recorda o quanto o meio ambiente mudou, o quanto ele muda e o quanto ele mudará, com ou sem o ser humano. Com o ser humano, esta transformação deve ser feita numa perspectiva de melhoramento para todos.

veículo em questão, em que no total foram trinta e seis. Lá ele apresentou diversos tipos de escritos, permeados por vários temas da geografia, conforme já foi mostrado anteriormente.

Por sua vez, no *Bulletin de la Société de Paris*, veículo integrado ao universo acadêmico-científico, partícipe do modelo das sociedades científicas e das escolas nacionais, até mesmo, nacionalista de ciência, Reclus publicou dez outros trabalhos, todos marcados pelo rigor científico exigido pela sociedade de Paris, mostrando sua versatilidade em escrever temas de fácil leitura ou temas dedicados aos rigorosos padrões de ciência da época.

Continuando seu percurso divulgador do pensamento, o geógrafo francês publicou outros nove trabalhos na livraria e editora Hachette, importante casa editorial de Paris, amplamente conhecida e solicitada pelas academias e sociedades científicas para a divulgação de inúmeros trabalhos. Pela Hachette Reclus permaneceu por muito tempo contribuindo intensamente, mesma editora também em que publicou duas grandes obras, inclusive a maior de sua vida, entre outras diversas obras menores e trabalhos esparsos. Só rompeu com a editora no final do século XIX em decorrência de divergências acerca do modelo restritivo de censura que ela lhe impunha.



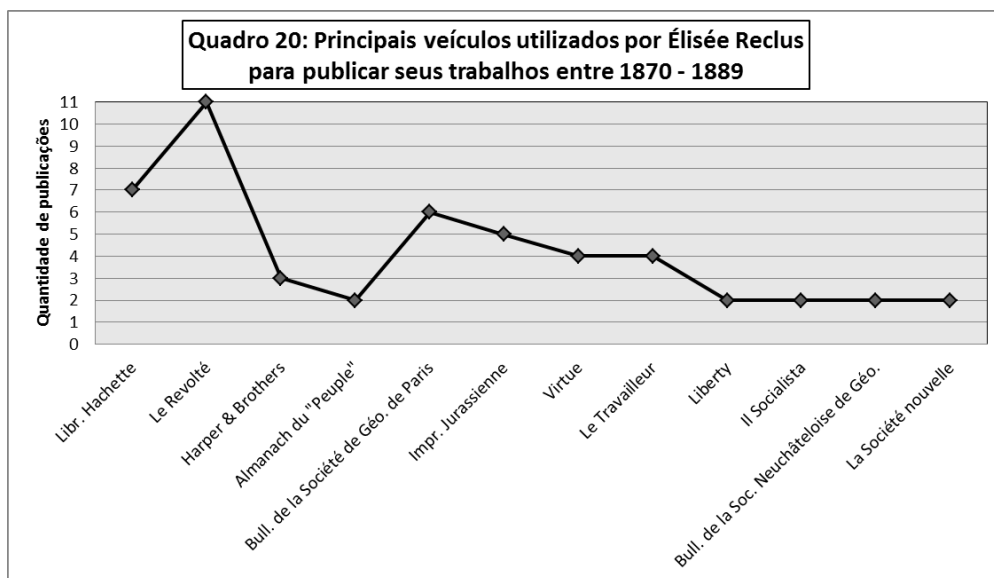
Fonte: RONCO, Daniele. **Bibliografia di Élisée Reclus**. (aggiornata al 2000). Gálica.bnf.fr (acesso em 10 /05/2012).
Organização: José Vandério Cirqueira Pinto – 2014.

Os outros veículos utilizados por Reclus neste período demonstram o quanto tinha uma forma diversificada de reproduzir suas ideias, aportado na diversidade temática, oscilando entre periódicos de filosofia como a *Revue Philosophique* de Nova

Orleans, nos Estados Unidos; como também, periódicos científicos direcionados aos relatos de viagens, caso do *Le Tours du Monde*; e *Annales du Voyage*; periódicos especializados da Alemanha, *Revue Germanique*; por sua vez, divulgou trabalho na Espanha, pela editora *Sempere*; além de diversos outros escritos divulgados em veículos politicamente de esquerda de base socialista, internacionalista e anarquista, caso de *Revue Politique et Littéraire*; *Almanach de la Cooperations* e *L'Union*.

Já no período de 1870 a 1889 a quantidade de trabalhos políticos e principalmente de cunho anarquista aumentaram bastante em virtude de seu maior engajamento com o movimento revolucionário, acrescentando também a quantidade de veículos libertários que o geógrafo *communard* passou a usar.

Foram onze trabalhos no importante periódico anarquista-comunista *Le Révolté*, que foi criado por Kropotkin e no momento de sua prisão passou a ser coordenado por Reclus. Outros cinco trabalhos foram publicados na imprensa federalista anarquista *Jurassienne*, da Suíça; quatro no *Le Travailleur*; dois no *Il Socialista* e no *Almanach du Peuple*; como também na editora estadunidense *Liberty*.



Fonte: RONCO, Daniele. **Bibliografia di Élisée Reclus**. (aggiornata al 2000). Gálica.bnf.fr (acesso em 10 /05/2012).
Organização: José Vandério Cirqueira Pinto – 2014.

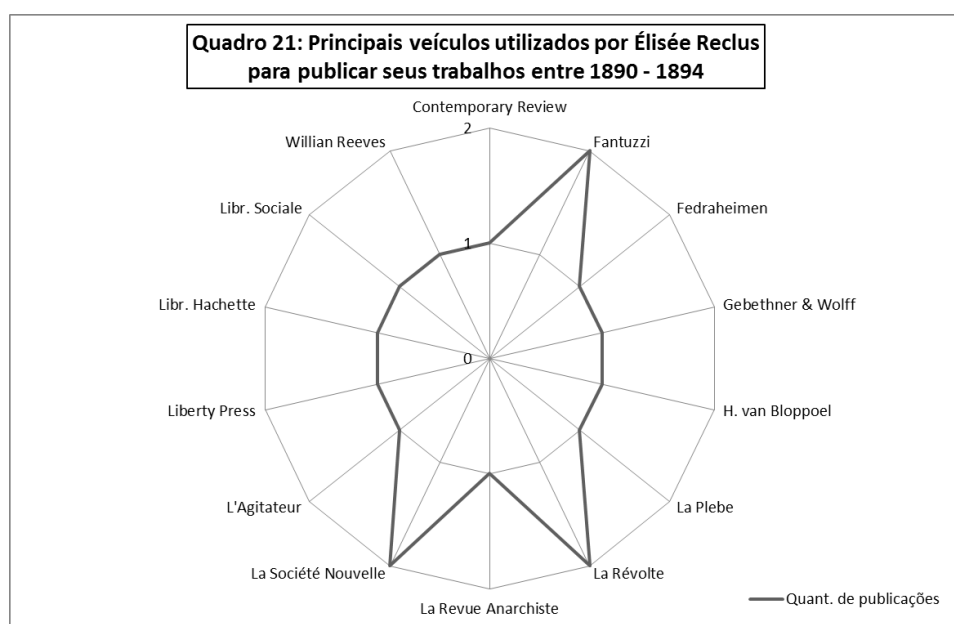
Os trabalhos de geografia também foram divulgados por diversos periódicos, como a editora *Hachette*, com sete trabalhos no total; o *Bulletin de la Société de Géographie de Paris*, com outros seis, que seguiram o mesmo propósito de divulgar pesquisas técnicas para a mais importante sociedade de geografia da França na época; além de quatro trabalhos pela editora inglesa *Virtue*; dois pelo *Bulletin de la Société*

Neuchâteloise de Géographie, outra importante sociedade de geografia europeia; e mais dois trabalhos no periódico parisiense *La Société Nouvelle*.

No curto período de 1890 a 1894, Reclus publicou sua mais extensa obra pela editora Hachette, e em virtude desta intensa dedicação não apresentou muitos outros pequenos trabalhos como foi de costume em tempos anteriores.

Por sua vez, manteve a divulgação em maior quantidade de veículos diferentes, usufruindo da possibilidade de ter trabalhos publicados em veículos de diversos outros lugares fora do *L'Hexagone*.

Pode ser destacado o exemplo do importante periódico inglês *Contemporary Review*, como também do *William Reeves*; o estadunidense *Liberty Press* e *Gebethner & Wolff*; o periódico alemão *Fedraheimen*; o italiano *Fantuzzi*; não deixando de lado as tradicionais contribuições com a editora *Hachette*; *Le Révolté* e *La Société Nouvelle*; além dos periódicos anarquistas *La Revue Anarchiste*; *la Plebe*; *L'Agitateur* e *Librairie Sociale*.



Fonte: RONCO, Daniele. **Bibliografia di Élisée Reclus**. (aggiornata al 2000). Gálica.bnf.fr (acesso em 10/05/2012).
Organização: José Vandério Cirqueira Pinto – 2014.

Nos últimos dez anos de sua vida, de 1895 a 1905 (quadro 22), Reclus publicou a maior quantidade de trabalhos, permeando diversas áreas do conhecimento geográfico como também da anarquia, acumulando grande quantidade de veículos de diferentes lugares.

A maior quantidade de trabalhos deste período foi publicada no periódico *L'Humanité Nouvelle*, com o total de trinta trabalhos; seguidos pelos doze trabalhos divulgados nos periódicos *La Revue de Géographie*, importante veículo de divulgação

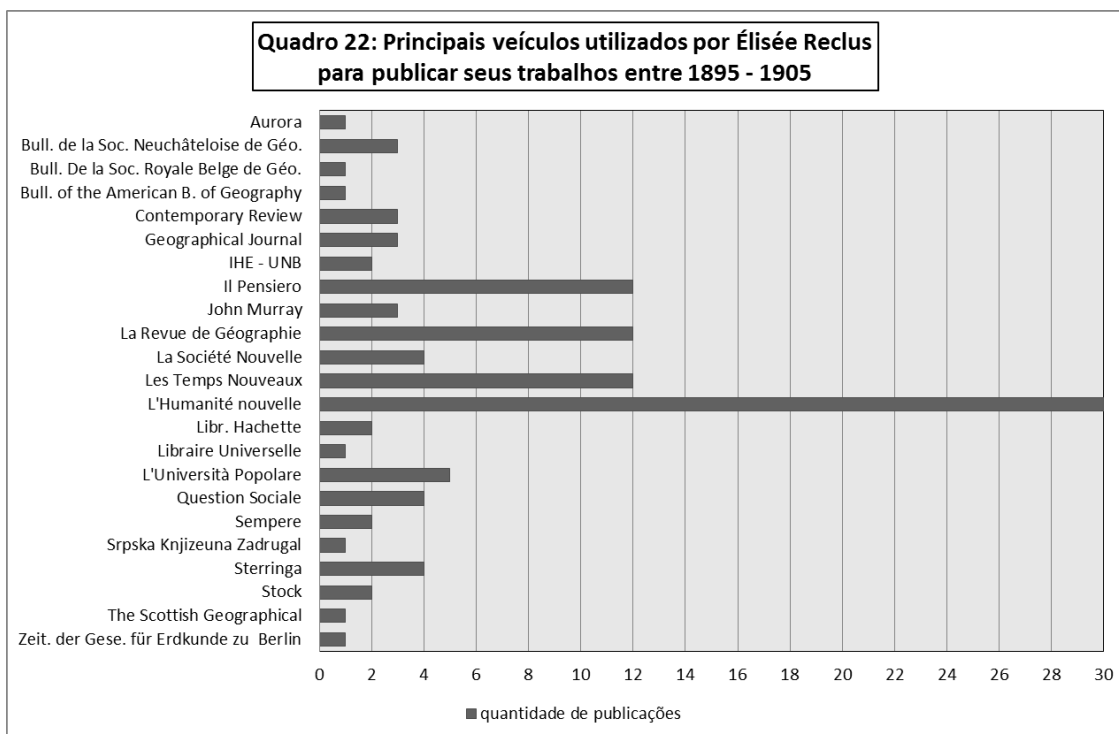
científica da geografia europeia; *Le Temps Nouveaux*, outro considerável veículo editorial do século XIX; e *Il Pensiero*, jornal anarquista italiano conhecido por seu combate a opressão dos trabalhadores.

Na *Università Popolare*, espaço italiano de circulação do saber libertário, Reclus publicou cinco trabalhos; e mais quatro na editora holandesa *Sterringa*; outros no periódico socialista *Question Sociale*; e no também importante periódico *La Société Nouvelle*.

É importante destacar que o geógrafo libertário publicou três trabalhos no Brasil, dois em São Paulo e um no Rio de Janeiro, merecendo destaque o trabalho divulgado pela editora Aurora.

Publicou outros trabalhos na sociedade de geografia americana e belga; no importante periódico *Geographical Journal*; na editora *John Murray*; em *The Scottish Geographical*; em *Contemporary Review*, vinculados à cultura anglófona; na editora *Stock e Sempere*, da Espanha; além do importante periódico de divulgação científica da geografia alemã *Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*; merecendo destaque a *Librairie Universelle*, editora parisiense em que foi publicada a obra de geografia social libertária *L'Homme et la Terre*, em virtude da ruptura que o geógrafo anarquista teve com a editora *Hachette*, por ela não ter aceitado os fundamentos libertários explícitos desta sua última grande obra.

Diante destas informações expostas sobre os veículos utilizados por Reclus no período de 1857 até 1905 é possível notar o quanto ele buscou divulgar seus escritos por diversos formatos, veículos e lugares. Essa necessidade de alcançar diferentes lugares e personagens com sua geografia libertária baseiam-se na perspectiva ideologicamente heterodoxa que este geógrafo adotou em toda sua vida, não se eximindo de publicar em sociedades nacionais especializadas, e ao mesmo tempo em sociedades anarquistas, por muitas vezes secretas, antinacionalistas, assumidamente internacionalistas; como também publicou trabalhos especializados técnicos em grandes universidades e ao mesmo tempo em universidades populares ácratas, contidas de métodos alternativos de ensino; da mesma forma publicou em grandes casas editoriais, por sua vez, também em editoras marginais, autônomas, voluntárias e espontâneas; podendo citar também as diversas línguas que utilizou para escrever seus trabalhos, desde a língua francesa materna, quanto espanhol, inglês, português, alemão, holandês, com a ajuda de Kropotkin o russo, o polonês, o sérvio entre outros.



Fonte: RONCO, Daniele. **Bibliografia di Élisée Reclus**. (aggiornata al 2000). Gálica.bnf.fr (acesso em 10 /05/2012).
Organização: José Vandério Cirqueira Pinto – 2014.

O discurso geográfico heterodoxo reclusiano por sua própria condição não convencional usufrui de diversas plataformas de divulgação a caminho de produzir conhecimento que transformasse com consciência a realidade material, e almejasse a busca da liberdade e da justiça social.

Por sua heterodoxia ideológica, marcadamente libertária, a emissão discursiva da geografia reclusiana não conseguiu receber qualificado retorno das grandes academias de geografia, que decodificou este tipo de sonoridade ideológica como ameaçadora ao modular acabamento da ciência geográfica institucionalizada.

Da mesma forma, o discurso heterodoxo não obteve menor frequência contínua entre geografia, sociedade e transformação do espaço, sendo submetido ao abafamento para que não gerasse a inquietação necessária que a própria modalidade discursiva apregoava. Seu modelo de ciência não foi digerido pela crítica historiográfica da época, que negava a efetividade da geografia enquanto campo do saber engajado politicamente para a transformação dos desequilíbrios geográficos.

3.3 A prática científica engajada

O terceiro nível de negligência que o pensamento geográfico de Reclus sofreu está ligado à forma como ele fez ciência. Notadamente, ela deve ser uma prática de

transformação da realidade espacial e por isso, deve ser engajada politicamente aos paradigmas libertários do pensamento e da consciência social.

Com esta postura acerca da prática científica o anarquista francês fortalece as duas outras posturas que contribuíram com o esquecimento de seu pensamento, pois nela se congrega a diversidade temática e a heterodoxia ideológica, constituindo as bases do edifício científico da prática e da experiência política engajada.

Para Roger Brunet (1979, p. 291), um dos pioneiros a redescobrir a importância da geografia reclusiana na França, “l'esprit scientifique de Reclus ne se sépare pas de ses attitudes politiques. [...] C'est un plaidoyer pour la liaison entre science et pratique. Mais il s'agit d'une science discrète, accessible, aux antipodes de la cuistrerie”.⁹⁰

Na concepção reclusiana de ciência ela deve estar intimamente ligada à prática social, por sua vez, inseparável das atitudes políticas coerentes a justiça e a igualdade. Do contrário, é um poderoso instrumento de opressão, controle e subjugação dos indivíduos e das sociedades em virtude da capacidade acumulada pela instrumentalização que o saber pode constituir via o poder adquirido pelas instituições capitalistas e pelo Estado.

Igualmente ao costume da maioria dos personagens do século XIX que se envolveram com o saber o geógrafo libertário portava excessiva crença na ciência como instrumento de libertação social, que pudesse garantir plena autonomia aos sujeitos. Em contrapartida, foi grande crítico ao uso da ciência enquanto poder para a opressão, havendo a necessidade que este tipo de poder advindo do saber se convertesse em poder de todos, para isso, a ciência geográfica deveria ser uma prática engajada para a transformação do espaço e da sociedade a caminho da justiça e do bem estar social.

Por sinal, a admiração que sentimos por esses grandes homens não nos impede em absoluto de discutir, com toda a liberdade, as palavras que eles consentem em nos dirigir de seu firmamento. Não aceitamos verdade promulgada: fazemo-la nossa, antes de mais nada, pelo estudo e pela discussão, e aprendemos a rejeitar o erro, tivesse ele mil selos de garantia e certificados. Quantas vezes, com efeito, o povo ignorante teve de reconhecer que seus doutos educadores não tinham outra ciência a ensinar-lhe além da de marchar pacífica e alegremente para o abatedouro, como esse boi das festas, coroado de guirlandas de papel dourado!

Professores ricos de diplomas fizeram-nos amavelmente avaliar as vantagens que apresentaria um governo composto de altas personagens, como eles próprios o são (RECLUS, 2002, p. 52).

⁹⁰ “o espírito científico de Reclus não se separa de suas atitudes políticas. [...] É uma defesa da ligação entre ciência e prática. Por sua vez, é uma ciência discreta, acessível, aos antípodas do pedantismo.”

Nessas ácidas palavras de Reclus contra o poder que a ciência concebe aos seus maiores beneficiários é possível notar a negação do formalismo acadêmico construtor de verdades absolutas, promulgadas por títulos, carimbos e papéis cujo objetivo central é dominar e guiar as pessoas pelo artifício do ensino libertador, na qual, ensinam para domesticar gentilmente, coibindo a revolta e a indignação pelas fantasias do contrato social liberal.

O geógrafo anarquista evoca a construção da verdade pela luta social, pelos enfrentamentos dos dilemas e dos grilhões que fundam o tratamento diferenciado, expurgando os privilégios que estes ricos professores diplomados, oficialmente protegidos pelas instituições de poder detêm, ao comporem uma sociedade guiada por esta elite intelectual corporativa. Nesse sentido, é inalienável em Élisée a busca por uma ciência aberta, ampla e além das instituições de poder científico, plenamente engajada aos anseios de todos, como instrumento que confronta os privilégios e combate a desigualdade.

Ao invés de uma simples ciência, formatada, rígida e corporativa, o geógrafo das liberdades busca uma consciência científica, para todos, em todos os lugares e comprometida com a autonomia. Ao invés do poder e dos privilégios que a ciência promove, ele busca a experiência e a prática espacial, a reorientação do saber científico geográfico para a transformação igualitária do espaço, não para a manutenção dos privilégios, das desigualdades e do poder das instituições autoritárias.

3.3.1 (Cons)ciência e prática espacial

Por ter optado por uma prática científica engajada a geografia reclusiana não obteve considerada aceitação pela comunidade acadêmica da época, porque o resultado desta geografia de *práxis* social ou mesmo espacial é a constituição da consciência científica libertária, desvinculada do controle e da formatação imprimida pela ortodoxia acadêmica. Uma (cons)ciência geográfica no lugar de ciência geográfica é a atitude que projeta no seu conteúdo a emergência do engajamento político nos espaços geográficos, conseqüentemente, a fundação de uma consciência política da transformação e da organização do espaço pela via do engajamento dissidente.

A escolha do prefixo (*cons*) para a ciência de Reclus tem como intensão central demonstrar que o seu modo de ver ciência não se separa da consciência, que é crítica, política, social, humana, ambiental, cósmica etc. O fato de a consciência estar cada vez mais desintegrada da ciência transforma a última em poderoso instrumento de poder e

de opressão coletiva. O saber geográfico reclusiano buscou sempre ser uma consciência geográfica, sensibilizada com os dilemas ambientais, sociais, urbanos, agrários, entre outros. A consciência geográfica presa pela quebra paradigmática deste saber enquanto instrumento a serviço do imperialismo, do colonialismo, do regionalismo, do nacionalismo, do localismo, ou seja, de qualquer forma de uso do saber para a instrumentalização do poder opressor segregacionista. E o anarquista francês pagou caro por ter defendido essa consciência geográfica libertária, perecendo no esquecimento da história da geografia, não podendo ser qualitativamente ensinada como necessária contribuição ao saber geográfico, contrariando seu desejo do ensino integral de geografia, aquele dos bancos escolares e dos enfrentamentos das intempéries da vida.

O quadro 23 exemplifica o quanto Élisée buscou levar a diversos lugares suas contribuições teóricas, tentando alcançar os mais distantes pontos. É importante destacar que os dados referem-se somente ao período em que ele estava vivo, e após sua morte seus trabalhos foram republicados em diversas outras línguas, nos mais distintos países, assunto que será destacado no capítulo seis.

É possível notar a explícita contradição da crítica ortodoxa que estabelece as causas do esquecimento da geografia reclusiana à sua não divulgação na França, especificamente em Paris, justificando hipocritamente que, se o saber não está facilmente acessível aos centros acadêmicos dominantes ele não merece ser avaliado, conseqüentemente, deve ser deixado em suas periferias do conhecimento, à margem de fora da fronteira do que é científico e do que é somente (cons)ciência.

Essa aparente contradição se materializa quando se avalia que Paris foi a cidade em que Élisée mais publicou trabalhos, no total foram cento e quarenta e três, e conforme foi mostrando anteriormente, ele utilizou os mais renomados veículos da época, as sociedades de geografia e as academias nacionais para divulgar seus escritos. Mas não se resume somente à Paris, na França as cidades de Lyon, Marseille, Lille e Amiens também receberam trabalhos do geógrafo libertário, que utilizou principalmente os jornais anarquistas marginais para divulgar seu comunismo anarquista.

Outros diversos países da Europa tiveram trabalhos de Élisée publicados, como a Alemanha, sendo oito em Berlin, em importantes periódicos; dois em Leipzig; e um em Odense e Braunschweig. Em Viena, na Áustria um trabalho foi publicado. Já na Bélgica, país que lhe acolheu nos últimos anos de vida, lugar também onde exerceu sua carreira acadêmica houve a publicação de uma grande quantidade de trabalhos, sendo cinquenta em Bruxelas, cidade em que trabalhou com inúmeros projetos de divulgação

do saber geográfico; além de ter publicado em Mechelen, Anvers e Namur um trabalho cada.

Nos outros grandes centros acadêmicos de geografia na Europa, como a Inglaterra, a Holanda, a Suíça, a Itália e a Espanha, trabalhos de geografia reclusiana também foram publicados, tanto nas renomadas academias, quanto em universidade populares livres, em jornais marginais e periódicos anarquistas.

Na Inglaterra, todos os trabalhos foram publicados em Londres, no total foram trinta e cinco, tendo importantes escritos sobre a metrópole Londres, sobre as questões urbanas, sobre o imperialismo inglês, um importante artigo sobre o oriente e o ocidente, na qual faz ressalvas ao modelo apresentado por Meckinder, além de trabalhos sobre a Irlanda e a Escócia.

Na Holanda, cinco trabalhos apareceram em Amsterdam e dois em Roterdã.

Na Itália, em virtude de seu envolvimento com os anarquistas italianos foram trinta trabalhos em Milão; seis em Roma; cinco em Torino; e um em diversas outras cidades, como Firenze, Gênova, Napoli entre outras, sendo o país em que ele publicou na maior quantidade de cidades diferentes, possivelmente em virtude da força do movimento trabalhador deste país e do modelo autonomista das cidades italianas.

Se dedicando ao traduzirem os escritos do anarquista francês, na Espanha a cidade de Valência recebeu quatro trabalhos; Madrid e Barcelona outros dois, Mahón, mais um. É neste país que *L'Homme et la Terre* será rapidamente traduzida por Anselmo Lourenço, com a supervisão do professor de geografia física Odon de Buen, que junto com Ferrer i Guardia, eram grandes amigos do geógrafo francês anarquista, e foram intensos incentivadores da divulgação de suas obras em terras hispânicas.

Na Suíça, devido sua longa estadia nas proximidades de Genebra, além do vínculo com a Confederação do Jura, foram publicados vinte e dois trabalhos; mais sete em Neuchâtel e um em Saint-Imier.

O professor da UNB também buscou divulgar trabalhos em outros países europeus que não estavam na centralidade do mundo acadêmico, como a Noruega, com um trabalho em Tynset; outro em Varsóvia, na Polônia; três na cidade de Praga, na República Tcheca; dois em Bucareste na Romênia; dois em São Petersburgo, na Rússia; um em Belgrado, na Sérvia; quatro em Budapeste, na Hungria; e um em Razgrad, na Bulgária. Estes trabalhos distribuídos pelos diversos pontos da Europa demonstram o quanto para o professor anarquista francês era necessário a divulgação do saber, e como ele estava ligado aos dilemas regionais e locais também, o levando a pesquisar temas próprios de países não convencionais aos olhos da ortodoxia acadêmica.

Quadro 23: Local e número de publicações de Élisée Reclus (1857 – 1905)		
País	Cidade	Quant. de publicações
Alemanha	- Berlin	8
	- Odense	1
	- Leipzig	2
	- Braunschweig	1
Áustria	- Viena	1
Bélgica	- Bruxelas	50
	- Mechelen	1
	- Anvers	1
	- Namur	1
Bulgária	- Razgrad	1
Espanha	- Valência	4
	- Madrid	2
	- Barcelona	2
	- Mahón	1
França	- Paris	143
	- Lyon	2
	- Marseille	3
	- Lille	2
	- Amiens	1
Holanda	- Amsterdam	5
	- Roterdã	2
Hungria	- Budapeste	4
Inglaterra	- Londres	35
Itália	- Milão	30
	- Napoli	1
	- Torino	5
	- Gênova	1
	- Imola	1
	- Senigallia	1
	- Firenze	3
	- Padova	1
	- Marsala	1
	- Macerata	1
	- Roma	6
	- Chieti	1
Noruega	- Tynset	1
Polónia	- Varsóvia	1
República Tcheca	- Praga	3
Romênia	- Bucareste	2
Rússia	- São Petersburgo	2
Sérvia	- Belgrado	1
Suíça	- Genebra	22
	- Neuchâtel	7
	- Saint-Imier	1
Argentina	- Buenos Aires	3
Brasil	- São Paulo	4
	- Rio de Janeiro	1
Chile	- Santiago	1
Colômbia	- Bogotá	2
Estados Unidos	- Nova Orleans	4
	- Nova York	11
	- Boston	4
	- Washington	1
Paraguai	- Assunção	1
Nº de países: 23	Nº de cidades: 54	Nº de trabalhos: 397

Fonte: RONCO, Daniele. **Bibliografia di Elisée Reclus**. (aggiornata al 2000). Gálica.bnf.fr (acesso em 10/05/2012).

Organização: José Vandério Cirqueira Pinto – 2014.

Mas os trabalhos reclusianos não se restringiram somente a Europa, também houveram diversas publicações em países americanos. Na Argentina foram três trabalhos, todos publicados em Buenos Aires. No Brasil, foram quatro na cidade de São Paulo e um no Rio de Janeiro, tanto seus textos anarquistas quanto a tradução da obra *Estados Unidos do Brasil*. Em Santiago, no Chile, foi publicado um trabalho, sobre a viagem que fez a este país; e na Colômbia, em Bogotá, foram dois, referentes também às suas andanças e a breve estadia na região de Serra Nevada. Ao cobrir os acontecimentos da Guerra do Paraguai, o viajante libertário francês escreveu um trabalho sobre o assunto, sendo publicado na capital Assunção.

Mas é nos Estados Unidos o país em que o viajante francês publicou mais trabalhos fora da Europa, sendo onze em Nova York, em importantes periódicos universitários, científicos e marginais de cunho libertário; quatro em Boston e em Nova Orleans, cidade em que residiu por curto tempo e vivenciou a conflituosa cisão entre brancos e negros diante da Guerra de Secessão, sendo nesta cidade o lugar na qual publicou seus primeiros trabalhos da carreira, em 1857; tiveram também um trabalho em Washington. O envolvimento de Reclus com os Estados Unidos foi muito estreito, colaborando com diversos veículos formais, veículos acadêmicos na área de geografia e ácratas, fazendo com que este valorizasse muito a forma como era feita a geografia estadunidense, principalmente com relação ao nome do grande geógrafo George Perkins Marsh.

No total, em vida, Reclus publicou 397 trabalhos, por 54 cidades e 23 países, dando a breve noção do quanto sua obra foi bem difundida e como ela buscou ter modelo heterodoxo e amplamente divulgador de ciência. Chegou a países que não tinha tradição científica na geografia, abordando temas convencionais, mas também, incomuns, com perspectiva teórica marginal ao modelo liberal predominante na época, e principalmente, o que melhor garante essa busca pela (cons)ciência geográfica é que a maioria dos trabalhos foram publicados tanto por veículos marginais de vanguarda, quanto por veículos tradicionais renomados.

Essa condição leva Roques (2011, p. 37) a contestar as justificativas da historiografia dominante que aponta para a incompetência científica de Reclus como principal causa de seu esquecimento, mas que na verdade é o caráter heterodoxo de seu discurso e o modo de fazer ciência que o afastou dos limites do reconhecimento acadêmico, força essa exercida tanto pelas academias nacionais de geografia, como pelo lablacheanismo e, posteriormente, pelo marxismo.

Seu ponto comum é terem todos feito o que era preciso para que a geografia simultaneamente radical, ecológica e social de Reclus fosse cuidadosamente ocultada. A sequência dirá que só havia aí razões científicas. Esse longo silêncio nada deve nem ao acaso nem ao envelhecimento das ideias, mas muito a necessidades distantes do campo científico, ao menos na aparência.

Boino (1999) inicia seu artigo em que evoca a defesa da geografia reclusiana apontando que tanto o movimento de negligência da obra em questão quanto o fugaz movimento de retomada e recuperação desta a partir dos anos de 1970 não conseguiu com transparência transcrever as características evidentes desta geografia libertária precoce. O excessivo louvor da obra e as homenagens ao engajamento político não conseguiram materializar as reais contribuições no campo científico da geografia pela obra reclusiana, como também, deixaram a desejar em certas análises acerca do papel político transformador de sua forma de ver a geografia, por isso, sendo necessárias novas investigações em defesa dessa ímpar contribuição ao saber geográfico.

Ce concert de louanges ne doit pas, cependant, nous induire en erreur. S'il marque une redécouverte au moins partielle de Reclus, ainsi qu'une réhabilitation certaine, il n'indique pas pour autant une résurgence d'une géographie telle que pouvait l'entendre ce géographe libertaire. La plupart de ceux et de celles qui lui rendent hommage ne s'inscrivent ni dans le cadre de ses idées scientifiques, ni à fortiori de ses conceptions politiques. Cela n'implique même pas qu'ils reprennent, en la réactualisant ou non, sa simple démarche de recherche.⁹¹ (BOINO, 1999, p. 1).

Jean-Pierre Chevalier (2009, p. 237) buscou demonstrar que para estabelecer uma geografia científica engajada, estruturada enquanto prática espacial, Reclus exerceu dedicadas contribuições ao ensino de geografia, pois na transmissão do conhecimento geográfico residia, na opinião do geógrafo anarquista, a fonte para a *práxis* espacial, pois “les relations hommes-nature sont souvent implicitement au coeur de l'éducation géographique scolaire”.⁹² Ainda segundo Chevalier (2009, p. 237) “en 1881, Élisée Reclus est une des références scientifiques majeures en géographie”⁹³, e por ter sido ferrenho opositor ao modelo tradicional de ensino de geografia baseado no modelo oficial e oficioso sua importância no campo da geografia escolar será marcada pela denúncia aos programas escolares ortodoxos.

⁹¹ Este concerto de louvor não deve, no entanto, nos induzir ao erro. Se ele marca uma redescoberta ao menos parcial de Reclus, assim como uma certa reabilitação, ele não indica igualmente uma ressurgência de uma geografia tal como poderia ouvir este geógrafo libertário. A maior parte destes e daqueles que lhes prestam homenagem não se inscrevem nem no quadro de suas ideias científicas, nem a fortiori de suas concepções políticas. Isso não implica igualmente que eles recuperam, reatualizando ou não, sua simples trajetória de pesquisa.

⁹² “as relações homens-natureza estão amiúde implicitamente no coração da educação geográfica escolar”.

⁹³ “em 1881, Élisée Reclus é uma das maiores referências científicas em geografia”

Na busca de configurar o ensino libertário da instrução integral, tão difundido posteriormente por Ferrer i Guardia, a figura de Reclus configurará nos anos seguintes à sua morte como uma das principais “référénc[e]s científic[as] pour la géographi[e] scolaire”⁹⁴ (CHEVALIER, 2009, p. 238), justamente por buscar empreender novas metodologias de ensino de geografia, alinhado ao modelo do ensino direto em campo, pela submersão no meio geográfico, nos moldes de Pestalozzi, por ter rompido com os manuais formatadores e ter buscado desenvolver textos pedagógicos de geografia voltados aos jovens, contribuindo com dicionários, porém quebrando o modelo tradicional destes volumes, tipo monografias regionais. No lugar, propôs análises globais sugeridas pela complexidade da inter-relação dos fenômenos geográficos.

Por esse comportamento atípico através do ensino de geografia, Chevalier (2009, p. 245) argumenta que “Reclus est ainsi le premier auteur géographe du Dictionnaire [de Ferdinand Buisson] à ne pas utiliser un plan stéréotypé de type catalogue”⁹⁵, causando desconforto ao sistema de ensino totalmente submetido aos manuais e modelos programados para reproduzir o saber mecânico, promovendo o abandono do modelo heterodoxo reclusiano de ensino para o recentemente institucionalizado modelo lablacheano. Por sua vez, a crença no ensino de geografia como gênese da *práxis* espacial permaneceu como marca chave das reflexões reclusianas sobre educação e sobre a instrução integral, sendo de suma importância da junção entre a vida e o aprendizado, entre o ensino de geografia e a prática espacial, por uma ciência como um legado de todos.

A visão da natureza e das obras humanas, a prática da vida, eis, portanto, os colégios onde se faz a verdadeira educação das sociedades contemporâneas. Ainda que as escolas, propriamente ditas, tenham, elas também, realizado sua evolução no sentido do verdadeiro ensinamento, elas possuem uma importância relativa, bem inferior à da vida social ambiente. É certo, o ideal dos anarquistas não é suprimir a escola, ao contrário, fazê-la crescer, fazer da própria sociedade um imenso organismo de ensinamento mútuo, onde todos seriam simultaneamente alunos e professores, onde cada criança, depois de ter recebido “noções de tudo” nos primeiros estudos, aprenderia a desenvolver-se integralmente, segundo suas forças intelectuais, na existência por ela livremente escolhida. Mas, com ou sem escolas, toda a grande conquista da ciência acaba por entrar no domínio público. [...] Certamente privilegiados gostariam de guardar para eles os benefícios da ciência e deixar a ignorância ao povo [...], arrogando o direito de fabricar sozinho tal ou qual coisa útil à humanidade (RECLUS, 2002, p. 108,109).

⁹⁴ “referência científica para a geografia escolar”

⁹⁵ “Reclus é assim o primeiro autor geógrafo do Dicionário [de Ferdinand Buisson] a não utilizar um plano estereotipado em formato de catálogo”

Consequentemente, a reprodução desse modelo de (cons)ciência está sempre integrada à prática e a experiência espacial, na qual é no meio e juntamente através dos enfrentamentos das problemáticas sociais que se evidenciam o papel político do saber geográfico, e por sua vez, lugar onde os homens adquirem maior parte do aprendizado e reflexão sobre o mundo em que vivem. Essa perspectiva reclusiana é radicalmente contrária ao modelo de ensino protegido pelos muros das instituições, sob a tutela do Estado, que neste mesmo ambiente circunscrito surge a ciência pronta a reproduzir esse padrões, modelo esse que aleija todas as capacidades subversivas que o ensino libertário pode possibilitar, limitando a força insurgente que o saber científico dele nascido pode transformar.

No entanto, segundo Roques (2011, p. 49), é justamente por causa deste modelo libertário de geografia científica que o pensamento reclusiano será deixado de lado, por sua vez, o engajamento político será posto como o pretexto principal para a negligência desta geografia (cons)científica ácrata.

Reclus insiste nos aspectos políticos, numa geografia engajada. Ora, a geografia necessita ocupar um lugar na universidade, em uma feroz concorrência com outras disciplinas, em particular a sociologia. É essa diferença de campo científico e a dimensão política que vai fazer com que Lucien Febvre, muito habilmente, escolha a geografia contra a sociologia de Durkheim, mas a geografia ciência dos lugares de Vidal contra aquela do indivíduo de Reclus. Os historiadores, reservando-se os aspectos políticos, fizeram da geografia, duravelmente, a serva da história. Portanto, é bem mais a geografia de Reclus do que o homem político que é rejeitada. O político foi, então, só um álibi para rejeitar uma disciplina julgada simultaneamente inadequada e perigosa.

Por outro lado, Lacoste (2005, p. 46) vem lamentar sobre os impactos do esquecimento desta geografia engajada e rebelde, que, por um lapso de mais de setenta anos, tornou muito difícil a recuperação sem qualquer danos, da contribuição de Reclus a nascente geografia crítica radical marxista, que, por diversas vezes, repetiu, de outras formas, as principais contribuições da geografia libertária reclusiana, principalmente no que tange a dominação imperial e a opressão colonial.

Reclus étudie (de façon évidemment très critique) les diverses formes de domination qu'exercent des États sur des nations qui ne sont pas encore indépendantes, et la lucidité de ses analyses se manifeste tout particulièrement lorsqu'il souligne que l'oppression s'exerce aussi entre peuples dominés et qu'elle prend dans ces cas les formes les plus brutales.⁹⁶

⁹⁶ Reclus estuda (de modo evidentemente bastante crítico) as diversas formas de dominação que exercem os Estados sobre as nações que ainda não são independentes, e a lucidez de suas análises se manifesta particularmente quando ele destaca que a opressão se exerce também entre os povos dominados e que ela adquire nestes casos formas ainda mais brutais.

Para finalizar, conforme foi sugerido no início deste capítulo, é de suma importância sinalizar quais foram os principais impactos desse esquecimento do geógrafo anarquista francês na geografia contemporânea. Primeiramente foram apontados os elementos motivadores da negligência do pensamento geográfico, depois os graus dessa negligência, na tentativa de investigar as possíveis justificativas do abandono desta geografia libertária, e por último, é importante mencionar quais poderiam ter sido os possíveis impactos deste abandono, deixando claro que a parte dois desta tese, com seus três capítulos, tem como objetivo central demonstrar as perdas que a história da geografia adquiriu em evitar o ensino desta modalidade discursiva de geografia, aqui definida como geograficidade libertária.

O primeiro impacto se dá pelo fato de quando se ingere contra a difusão e aceitação de qualquer contribuição importante ao saber geográfico todo seu conteúdo fica comprometido. Pois, se do contrário tivesse ocorrido, essa contribuição ao longo do tempo iria sendo complementada, refeita, desfeita, desconstruída, reconstruída, alimentada, difundida, discutida e prolongada, chegando como um arquivo necessário a evolução do saber geográfico do presente. Isso quer dizer que, o que a geografia é hoje enquanto saber e como é transmitido esse saber devem-se muito ao comportamento que sua historiografia dominante adotou no passado. Houveram rarefeitas continuidades da geografia reclusiana, e em sua maioria não conseguiram abarcar com qualidade o sentido do conteúdo pretendido originalmente, em virtude de a geografia ter sido sujeitada aos modelos acadêmicos ortodoxos e cientificamente impregnada por sentimentos nacionais estratégicos.

Outro impacto aparente se dá pelo fato de o professor de geografia da UNB ter sido deixado de fora do panteão de geógrafos clássicos na medida em que foi sendo ensinada a história deste saber, mesmo tendo conhecimento de que ele repudiava o universo acadêmico catedrático oficial, pois acreditava na geografia vivencial, em meio ao mundo e as pessoas.

Não ter pertencido ao quadro de importantes nomes contribuiu diretamente com o bloqueio de futuras pesquisas sobre sua geografia, não passando então por necessárias críticas e assimilações, digressões e digestões, mormente porque todo seu extenso pensamento ficou inerte, estático, sem contraposições e combates, somente sendo revivido como um achado precioso durante várias décadas depois. Por não ter sido uma geografia que foi usufruída, concebida e transformada ela ganhou essas diversas análises espetaculosas ou mesmo depreciativas, não tendo mais sentido sua aplicação ao modelo contemporâneo de geografia.

Por fim, o último impacto, que por sua vez tem forte ligação com o anterior, pois está vinculado ao tratamento exótico que a geografia reclusiana sempre recebeu e vai receber, por ela ter sido proposta no final do século XIX e ainda até hoje encontram-se diversos esforços de recuperação, fomentando avaliações equivocadas sobre a anarquia. Por sua vez, Reclus a defendia como uma nova *episteme* da geografia, por sua vez, novo paradigma que redirecionaria este saber aos caminhos da (cons)ciência socioambiental. Para a historiografia dominante a anarquia indicou profunda desconexão com a atualidade, não sendo possível uma geografia efetivamente libertária em pleno século XIX e início do século XX.

Por isso, na intenção de buscar compreender melhor esta relação entre paradigma libertário e geografia em Reclus é de suma importância que se faça reflexões sobre o conteúdo de suas três principais obras. A intenção central é de verificar a incidência das linhas de força dos mecanismos de negligência sobre este pensamento geográfico heterodoxo, cuja funcionalidade delas era confrontar com o sentimento de ruptura paradigmática advinda da geograficidade libertária reclusiana, projeto esse mitigado, que merece maior reflexão na segunda parte deste trabalho.

PARTE II
GEOGRAFICIDADE LIBERTÁRIA EM ÉLISÉE RECLUS

A abordagem acerca da geograficidade libertária em Élisée Reclus coloca em evidência essas duas palavras, que por sua vez, merecem melhor conceituação para que seja possível buscar maior precisão em seu uso, demarcando, com maior clareza, o que se entende por geograficidade e por libertário diante da obra reclusiana, primeiro, separadamente, depois de forma integrada. Antes de adentrar no sentido epistemológico do termo geograficidade, é de suma importância discorrer breves considerações acerca da sua função morfológica, em virtude de buscar delinear o significado e a aplicação do vocábulo, como também, destacar a relação entre a abordagem gramatical e o uso do termo enquanto um conceito no interior do pensamento geográfico.

Geograficidade deriva do vocábulo *geográfico*, se enquadrando no grupo de substantivos que são formados a partir de adjetivos. De acordo com Cunha e Cintra (2001, p. 96), na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, “os substantivos derivados, geralmente nomes abstratos, indicam qualidade, propriedade, estado ou modo de ser”. *Geograficidade* advém da junção do termo *geográfico* com o sufixo *dade*. Laudelino Freire (1940), em seu *Dicionário da Língua Portuguesa*, mostra que *-dade* provém do sufixo latino *-tatem*, sendo um elemento de composição que forma substantivos femininos abstratos que indicam: qualidade, características, essência (dignidade, castidade); ideia de ação realizada, efeito, ato (crueldade); coleção (mortandade, cristandade).

O sufixo *-ité*, na língua francesa, corresponde ao sufixo *-dade*, na língua portuguesa. Então, *géographicité* equivale à *geograficidade*. No *Nouveau Petit Robert: Dictionnaire Analogique et Alphabétique de la Langue Française*, Dubois descreve o sufixo da seguinte forma:

Si l'on examine les aires d'emploi de *-ité*, on constate qu'elles sont essentiellement constituées par deux zones différentes. i) Philosophie et psychologie: *altérité, apostériorité*. ii) Vocabulaire industriel et scientifique; ce suffixe désigne la qualité d'un métal, d'un produit, etc.: *aluminité, aviabilité*, etc. Le suffixe *-ité* s'étend aussi aux aires d'emplois qui présentent des analogies de formations: économie politique, linguistique, médecine [...] ⁹⁷ (REY-DEBOVE; REY, 1996, p. 97).

O motivo de ter exemplificado o emprego do sufixo *-ité* na língua francesa deve-se ao fato da palavra *geograficidade* advir das conjecturas teóricas promovida pela

⁹⁷ Se formos examinar as áreas de emprego de *-ité*, constataremos que são essencialmente constituídas por zonas diferentes. i) Filosofia e psicologia: *altérité, apostériorité*. ii) Vocabulário industrial e científico; aqui o sufixo designa a qualidade de um metal, de um produto etc.: *aluminité, aviabilité* etc. O sufixo *-ité* se estende assim a áreas de emprego que apresentam analogias de formações: economia política, linguística, medicina [...].

geografia francesa. Deste modo, a noção de *géographicité*, elaborada pelo discurso geográfico francês, serve como base de interpretação para o entendimento do conceito *geograficidade*, aqui no Brasil. Nesse sentido, o sufixo *-ité* pode apresentar maior abrangência no que tange a teoria do conhecimento e suas áreas afins, inclusive o saber geográfico.

Por sua vez, o que justifica a escolha deste termo, *geograficidade*, como sendo o principal problema deste trabalho se deve, primeiramente, à sua aplicação morfológica, de igual forma à sua aplicação epistemológica, em um segundo momento. Para entender o que se quer dizer com *geograficidade* nesta pesquisa é preponderante que se delimite a aplicação desta derivação sufixal, para posteriormente, inter-relacionar seu significado morfológico com o caráter epistemológico.

Conforme foi possível notar acima, a derivação prefixal *-dade* pode ter uma significação diversa. No caso específico do pensamento geográfico de Reclus a *geograficidade* implícita, que reside no fundamento de sua escrita, está ligada à *propriedade* e ao *modo de ser*. Ou seja, o adjetivo *geográfico* ao sofrer a derivação prefixal *-dade*, convertendo-se no substantivo *geograficidade*, representa o estado de propriedade ou modo de ser, no que se refere ao pensamento reclusiano. Outra significação que pode ser referida ao domínio do saber geográfico de Reclus é o sentido dado de *característica*, *essência* e, principalmente, de *ideia de ação realizada*. O sentido do termo *geograficidade* presente neste trabalho tem como signo balizador a ideia de característica do geográfico, de essência do geográfico, e o mais importante ainda, representa a ideia de ação realizada do/no geográfico, o que aqui, desde as primeiras palavras da introdução, buscou relacionar *geograficidade* enquanto prática ou experiência espacial ou geográfica.

Ao se tratar do geográfico como um *prático-inerte*, usando a expressão de Sartre (2002), que por sua vez, foi geografizada por Santos (2004), como um *a priori* fundamental que induz, promove e recebe a ação, coloca-se uma luz no interesse de ver a *geograficidade* como a ideia de ação realizada no geográfico, como a síntese da prática e da experiência espacial. Diante destas práticas geográficas sinaliza-se, também, a oportunidade de avaliar as características e as essências contidas no geográfico. E quando se motiva perfazer a reflexão do geográfico considerando suas características e essências, conseqüentemente, ingere-se uma reflexão da *geograficidade* dos fenômenos.

A escolha do termo *geograficidade* para representar o domínio fundamental do pensamento reclusiano se dá em decorrência da necessidade de expressar as

características e essências dessa geografia, o modo de ser do geográfico, como também, de sinalizar que sua produção teórica almejou estruturalmente promover o saber geográfico como uma experiência e, eminentemente, uma prática espacial de engajamento dissidente.

Vale lembrar que Reclus nunca utilizou explicitamente o conceito geograficidade. Mas em toda sua obra está contido o sentido epistemológico deste termo. A geograficidade presente no pensamento reclusiano se expressa através do enlace entre o homem/mulher e a Terra, suas interações, condicionamentos e transformações, abordados em sua magnitude como elementos centrais da forma de refletir acerca do saber geográfico. Ela é vista como o modo de existência do humano sobre o meio. Além de suas duas maiores obras abordarem no tema a relação entre a Terra e o homem, na obra *La Terre*, é discutido, também, a profunda integração entre o ser humano e o planeta que ele vive, com toda sua diversidade de acidentes geográficos e de outros seres vivos.

Para além do sentido explícito que revela a intimidade do homem com o meio ao longo dos títulos e subtítulos das obras, o mais importante pertence ao conteúdo desses volumosos trabalhos. Todas essas obras ensejam debater o geográfico como condição primordial para a conformação da ação humana na produção e organização do espaço. Ora colocando o geográfico como condicionante das relações sociais, ora colocando a ação humana como modeladora da natureza geográfica. A geograficidade aqui se expressa na forma de experiência e prática do geográfico.

Essa monumental obra de geografia funciona como um incorruptível elogio do geográfico, o vendo como condição primordial para o desenvolvimento da humanidade. E nesse geográfico sempre se almeja ver a sua ideia de ação inquirida pela sociedade, permeada pela significação íntima e singular da atuação dos homens na Terra. Projeta-se a busca de sentido do ser no mundo que o rodeia, o grau de sua interação, ensejando a reflexão acerca da ontologia de sua existencialidade, ou seja, da essência do seu significado enquanto ser da presença geográfica. Parafraçando Massey (2009), Reclus mobiliza incansavelmente suas ações *pelo geográfico*.

O fato de não existir a palavra geograficidade na obra de Reclus não anula a possibilidade de refletir acerca de sua geograficidade. Esse termo aparecerá a primeira vez na década de 1920, momento em que o geógrafo libertário já estava morto. Por outro lado, seu pensamento geográfico possibilitou indiretamente futuras reflexões acerca deste termo. Por isso que não nos impede debruçar sobre a geograficidade

presente nesta obra. A geograficidade sempre esteve lá, só não sintetizaram essa forma do geográfico em um conceito.

Partindo dessa premissa, a geograficidade reclusiana precede todos os outros esforços de classificação e de conceituação, além de ter alimentado, direta e indiretamente, todas as denominações explícitas de geograficidade. Busca-se assim, levantar a questão de que o pensamento geográfico de Reclus proporcionou a reflexão epistemológica que levou a necessidade de implantação do paradigma da geograficidade como afirmação do saber geográfico.

Essa reflexão epistemológica presente em toda sua obra proporcionou o encaminhamento de duas principais noções de geograficidade: 1ª vista como a atividade própria do geógrafo, pelo paradigma da diferenciação espacial ou regional; 2ª vista como uma reflexão existencial, estabelecida da relação entre os seres humanos com o meio. Diante destas composições reverberadas a partir da obra de Élisée, pode-se exprimir ainda, uma terceira noção: nesta, ela é vista como experiência e prática espacial. Esta última noção, ainda não discutida pela crítica historiográfica do conceito, congrega as duas outras perspectivas, ao passo que sustenta suas explicações no paradigma da diferenciação espacial, oriundo do olhar geográfico, como no paradigma existencial, da relação entre mulher/homem e meio, por isso ela é vista como experiência e prática espacial.

Na reflexão da experiência espacial está composto o paradigma do olhar geográfico e da reflexão existencial, por assentar sua análise sobre o modo de existência do humano na terra que lhe nutre. Por sua vez, no prisma da prática espacial compõem-se uma diversidade de novos elementos da geograficidade de Reclus, principalmente, de vislumbrar o saber geográfico, o papel do geógrafo e das relações entre sociedade e natureza como práticas geográficas, reflexão essa, que só se materializou com a implantação do paradigma crítico radical pós-maio de 68. Essa terceira via da geograficidade reclusiana encaminhou a reflexão crítica da geografia, e hoje, proporciona continuado debate do engajamento dissidente no interior da geografia. E é por isso que a importância de refletir acerca das geograficidades reclusianas torna-se ainda mais latente, em virtude de poder incluir nesta reflexão o geográfico enquanto experiência e prática.

O termo geograficidade congrega uma diversidade de derivações mais específicas: espacialidade, regionalidade, territorialidade, escalaridade, entre outras; além do pensamento geográfico dialogar com demais derivações de outros campos do saber, como: historicidade, temporalidade, sociabilidade, identidade etc. Todas essas

derivações representam o quanto pode ser amplo o domínio da reflexão sobre geograficidade, que tem seu correspondente em cada categoria geográfica. Cada derivação passa a ideia de ação realizada, característica e essência mais o conteúdo de seu conceito particular.

Por exemplo, com relação ao conceito territorialidade, Raffestin (1993, p. 158) argumenta que ela “adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do ‘vivido’ territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral”. Nesse sentido, “os homens ‘vivem’, ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas.” Mais à frente, Raffestin (1993, p. 161 - 162) argumenta sobre a concomitância da experiência e da prática espacial presente neste conceito, argumentando que “a territorialidade se manifesta em todas as escalas espaciais e sociais; ela é consubstancial a todas as relações e seria possível dizer que, de certa forma, é a ‘face vivida’ da ‘face agida’ do poder.”

Já no caso da espacialidade, de uma forma geral, tomando como exemplo as palavras de Soja (1993, 2007) e de Moreira (2007), ela é vista como a qualidade do que é espacial. O perpétuo movimento ou ação do que é geográfico. A estruturação espacial é a tomada de consciência do próprio sujeito, da situação de seu corpo com o meio ambiente; do lugar e orientação em relação às pessoas e às coisas, com possibilidade de organizar as coisas entre si, de coloca-las em um lugar e de movimentá-las. Passa também, a ideia de ação da localização, de ocupação de um determinado espaço ou uma sensação de ampliação de espaço. Essa última noção, vinculada à localização, se encontrará abundantemente defendida por Lacoste (1988), no que buscou chamar de *espacialidade diferencial*, todo esse quadro global de múltiplos entrecruzamentos, plano esse, de multiplicas interseções.

Conjuntamente a esse debate, Lacoste (1988) lançou precisa discussão sobre a *escalaridade* do geográfico, colocada como o entrelaçamento escalar de um jogo de olhares em que se pode ver cada recorte em seu plano locacional face aos demais, e esses recortes serve de plano de visão do todo. Deslocando-se entre esses planos, o olhar do observador obtém então um resultado paisagístico diferente, cada plano vem a ser um nível distinto de representação e de abordagem.

Por sua vez, com relação à regionalidade, Haesbaert (2010, p. 5) buscou distinguir, num esforço de síntese, regio e regionalização da mesma. Segundo o autor, quando se fala em *regionalização*, pretende-se abordar “a região enquanto processo, em constante rearticulação”, e quando é abordada “a propriedade de ‘ser’ regional, trata-se

da *regionalidade*, vistos a partir da grande diferenciação cultural e da enorme desigualdade social produzida [...].”

A regionalidade envolveria a criação concomitante da “realidade” e das representações regionais, sem que elas possam ser dissociadas ou que uma se coloque, a priori, sob o comando da outra – o imaginário e a construção simbólica moldando o vivido regional e a vivência e produção concretas da região, por sua vez, alimentando suas configurações simbólicas (HAESBAERT, 2010, p. 8).

Novamente, nota-se uma equivalência do uso do prefixo *-dade*, acrescido aos diversos conceitos, concomitante ao sentido de geograficidade. Todas essas derivações prefixais do universo geográfico significam *o imaginário e a construção simbólica*, tomada anteriormente como essência do fenômeno, que molda o *vivido e a vivência*, tida como experiência geográfica, sendo uma *produção concreta*, posta como prática espacial. Dessa forma, geograficidade engloba todo o conjunto de construções simbólicas, materiais, experiências e práticas do geográfico, por isso, ela sustenta as derivações espacialidade, regionalidade, escalaridade etc.

O uso da geograficidade enquanto episteme expande dialogicamente a outros campos, categorias e conceitos exteriores ao pensamento geográfico. Por exemplo, o termo *sociabilidade*, conceito fundamental que aporta diversas investigações e análises de numerosos geógrafos. A partir do momento que o espacial é visto como uma *quarta instância do social*, conforme aponta Santos (1978), sustenta-se a inter-relação entre as categorias espaciais e sociais. Ao buscar dissociar o espaço do sociólogo ao do geógrafo, Sorre (1984) elencou o papel da *sociabilidade* do meio geográfico. Argumentando a estreita relação entre a abordagem sociológica e geográfica, mas cada uma com sua especificidade, e ao mesmo tempo, com objetos que se completam, ele diz que “como os princípios e normas dos grupos sociais apresentam grande variedade, cada forma de atividade social possui sua sociologia particular. Todas têm em comum o caráter de se desenvolverem no espaço, *todas têm uma distribuição espacial*” (SORRE, 1984, p. 157). Moreira (2008b, p. 174 - 175) advoga uma noção mais ampla para o conceito em questão, argumentando que

A sociabilidade é o todo societário formado pela integração das esferas da vida humana pelo metabolismo do trabalho e cujo conteúdo é o salto de qualidade da história da natureza (em que se inclui o homem-natureza) para a história social (em que a “primeira natureza” se transfigura em “segunda natureza”) que ocorre com o homem. Seu centro é, assim, o trabalho ontológico, isto é, o trabalho visto como processo de formação do homem na história, segundo a concepção desenvolvida por Marx. [...]

Por conta disso, a existência humana é algo feito pelo próprio homem. E são essas características que explicam a sociabilidade como ontologia do homem e o homem como um ser social.

Igualmente aos demais casos, é possível notar a evidência do caráter espacial, mediatizado pelo trabalho, como condicionante ou substância das relações sociais. De igual modo, Reclus usa abundantemente a evidência do geográfico como fundamento de suas análises, mas também, o caráter libertário funciona como contrapeso à geograficidade de seu pensamento. Nas análises reclusianas não basta somente dar evidência ao geográfico, é preponderante que ele seja libertário, ou melhor, que seja uma geograficidade – por ser experiência e prática espacial – libertária – por advogar pelo fundamento ético das liberdades.

Argumentar que a geograficidade de Reclus é libertária não significa estritamente tachar que todas as outras geografias que a envolveram sejam autoritárias. Na verdade, a questão se coloca diante da posição de que o principal compromisso de sua geografia seja integralmente com a temática das liberdades, estas, por sua vez, de vínculo ácrata ou da anarquia enquanto fundamento ético das relações no espaço geográfico. Todas as outras geografias contemporâneas àquela de Reclus não colocaram a liberdade como centralidade de seu conteúdo, algumas, em diversos momentos, coadunaram com o paradigma da liberdade liberal, não com o paradigma da anarquia.

E este é o principal diferencial da geograficidade reclusiana, projetar a necessidade de uma experiência e prática geográfica e, principalmente, ser uma reflexão libertária do mundo que nos rodeia. Essa condição diferencial contribuiu marcadamente com a negligência e descrédito deste pensamento enquanto um novo território imaterial do saber geográfico. De outro modo, o que a torna então essa geograficidade como libertária é seu profundo compromisso com a libertação dos contingencialismos impressos na íntima relação dos homens com o meio, elemento que congrega o controle e a reprodução do poder. É libertária também, justamente por ter sido pioneira forma de saber geográfico que se propôs a negar, romper e combater as relações de poder e de exploração social. Na base das relações sociais com o espaço reside as relações de dominação e de exploração, e esta geograficidade libertária almeja saber pensar estes espaços para saber nele combater a dominação e a limitação das liberdades autônomas.

Entretanto, quais são as justificativas para a escolha do termo libertário ao invés de anarquista? Conforme foi demonstrado no capítulo dois, Reclus era anarquista, pioneiro difusor desta corrente de pensamento e de prática social, e que em vida abdicou do alcunho libertário. Ele acreditava na necessidade de mantermos o sentido original do

anarquismo, não buscando variar o conceito desse grandioso movimento em troca da intensão de melhor harmonizar com o alcunho pejorativo que o mesmo portava, sempre ligado à desordem. De modo algum, entretanto, Reclus (2011a, p. 25 – 26) buscou separar anarquistas de libertários, para ele era a mesma coisa de uma múltipla faceta do movimento socialista revolucionário de contestação da autoridade do Estado, conforme pode ser notado abaixo.

Assim, os anarquistas têm, em relação a isso, os princípios mais firmes: segundo eles, a conquista do poder só pode servir para prolongar sua duração com aquela da escravidão correspondente. Não é sem razão que o nome “anarquista” que, no fundo, só tem uma significação negativa, permanece aquele pelo qual somos universalmente designados. Poder-se-ia nos chamar de “libertários”, assim como muitos de nós qualificam-se de bom grado, ou então “harmonistas”, por causa do livre acordo dos quereres que, de acordo conosco, constituirá a sociedade futura; mas essas denominações não nos diferenciam bastante dos socialistas. É a luta contra todo o poder oficial que nos distingue essencialmente; cada individualidade parece-nos ser o centro do universo, e cada uma tem os mesmos direitos a seu desenvolvimento integral, sem intervenção de um poder que a dirige, repreende ou castiga.

Por outro lado, se for avaliar todo o conjunto da ampla e complexa geografia reclusiana nota-se a incompatibilidade de fidelizar toda essa produção como sendo integralmente anarquista. Vale lembrar que são produções que se estendem da metade do século XIX ao início do século XX, onde a própria noção de anarquia tomou diversas acepções, e o próprio geógrafo anarquista acompanhou essas mudanças, participando e construindo noções. O que se manteve, ao longo desse tempo transmutador, foi o princípio geral fundador da anarquia, que o mesmo buscou introduzir no conhecimento geográfico, ou seja, a negação de qualquer espécie de autoridade e o compromisso com a liberdade, conforme pode ser notado em seu *A Evolução a Revolução e o Ideal Anarquista*:

Nosso ideal comporta, portanto, para todo homem, a plena e absoluta liberdade de exprimir seu pensamento em todas as coisas, [...] sem outra reserva além daquele de seu respeito por outrem; ele comporta igualmente, para cada um, o direito de agir a seu bel-prazer, de “fazer o que quiser”, associando naturalmente sua vontade à dos outros homens em todas as obras coletivas: sua liberdade própria não se encontra absolutamente limitada por essa união, mas cresce, ao contrário, graças à força da vontade comum (RECLUS, 2002, p. 75).

No decurso desse agitado e cambiante período de produção teórica, a própria abordagem metodológica e epistemológica da geografia reclusiana foi se transformando, se aperfeiçoando conforme as mudanças de cunho acadêmico-científico, variando reflexões e temáticas, deixando outras de lado. Reclus produziu grande parte de sua

obra marcada pela censura dos veículos de divulgação científica, conforme já foi demonstrado, e somente sua última grande obra obteve total liberdade para imprimir todo seu posicionamento anarquista na geografia. Nas demais obras, as ocorrências de guinadas libertárias são esporádicas, lampejos fugazes de noções ácratas que conseguiram driblar a censura. Nesse sentido, é muito mais confortável e abrangente classificar sua geografia como sendo libertária, principalmente por acompanhar dentro do próprio anarquismo contemporâneo a evidência das diversas liberdades, e que a geografia dissidente atual compactua de igual modo com a defesa das liberdades, estas em grande parte defendidas na obra de Reclus.

Mas o que é ser libertário no pensamento de Reclus? Não é somente ser contrário ao autoritário. É, além disso, ser comprometido com as liberdades. Posicionar fundamentalmente a liberdade como ética de todas as relações. Então, é promover as liberdades, confrontando os regimes de controle e de autoridade pelas organizações autogestionárias. No caso da geografia, é trabalhar para desconstruir o regime de poder presente nas relações de dominação do homem sobre a mulher e sobre o meio, reprodutor da desigualdade, com o intuito de reconstruir uma nova cognoscibilidade entre os seres humanos e a natureza circundante, reestabelecendo o equilíbrio geográfico.

Desde a metade do século XIX o adjetivo libertário já vigorava diante dos movimentos sociais franceses. A primeira vez que o termo apareceu formalmente em meio às movimentações revolucionárias foi em 1857, advindo de Joseph Déjacques (1912), vinculado ao nome do panfleto anarquista internacionalista *Le Libertaire: journal du mouvement social*, cujo título *À bas les chefs!*, de um dos panfletos, expressava a contestação do papel da autoridade. Neste momento, e em todo o século XIX até a metade do século XX, libertário vigorava quase como sinônimo de anarquista. Com a fragmentação do núcleo de ideias do anarquismo clássico o adjetivo libertário, diante dos movimentos sociais, passou ter uma amplitude ainda maior, englobando concepções neo-anarquistas, da perspectiva da autonomia, do eco-anarquismo, de movimentos autonomistas no campo e na cidade, do pós-estruturalismo e pós-colonialismo, por serem anti-autoritários, com temáticas em defesa das mulheres, negros, grupos étnicos marginalizados, homossexuais, entre outros.

Embora essa expansão, de certo modo, deixou a noção de libertário um pouco mais distante do anarquismo clássico, ela ainda conserva espectros balizadores da anarquia enquanto fundamento ético, principalmente no que tange a contestação da autoridade e do poder enquanto força que subjuga a sociedade. Em virtude de se

encontrarem noções ainda atuais dentro da geograficidade de Reclus é o que sugestiona denomina-la de libertária, em decorrência de se posicionar amplamente em defesa do eco-anarquismo, dos animais, do vegetarianismo, e de contestar o imperialismo e o colonialismo, dando ênfase nos princípios federativos ácratas em contraposição à autoridade do Estado, e também, por defender as organizações sociais anarquistas do campo e da cidade, a ampla e irrestrita busca pela autonomia e pela autogestão da sociedade no espaço etc.

As primeiras palavras de Déjacques (1899, p. 5) em *L'Humanisphère*, dão o tom do que este queria expressar com o termo libertário, ao afirmar nessa importantíssima obra para os fundamentos do anarquismo, que “ce livre n'est point une oeuvre littéraire, c'est une oeuvre *infernale*, le cri d'un esclave rebelle”⁹⁸. Mais à frente ele prossegue argumentando sobre a relação conflitante de liberdade e de autoridade, demarcando o sentido de libertário como ética balizar dos movimentos sociais revolucionários anarquistas. “L'autorité, c'est l'unité dans l'uniformité! La Liberté, c'est l'unité dans la diversité. L'axe de l'autorité, c'est la knout-archie”⁹⁹. L'anarchie est l'axe de la liberté”¹⁰⁰ (DÉJACQUES, 1899, p. 12).

Optar então por geograficidade libertária ao invés de anarquista não é de modo algum desmerecer o papel da anarquia para Reclus. Existe uma geografia anarquista reclusiana, principalmente quando se refere a *L'Homme et la Terre*, e outras diversas partes de sua obra, incluindo artigos diversos. Consequentemente, existe também amplo material teórico que se enquadra ao adjetivo libertário. A intensão primordial é de buscar maior equivalência ao próprio conteúdo de sua obra.

Não significa que Reclus, por ter sido um árduo defensor do anarquismo, que este tenha conseguido como o desejava produzir explicitamente e solidamente sua geografia anarquista. Por inúmeras vezes essa geografia teve que contentar com restrições para poder existir, e teve de outra forma, que expandir o sentido restrito da anarquia para as noções internacionalistas e federalistas do fraternalismo libertário, introduzindo, positivamente, fundamentos para a recente geografia libertária de engajamento dissidente. Como nunca se contentou com o anarquismo que lhe chegava aos ouvidos sempre buscou discutir e conduzir suas reformulações, atualizações e ampliações. Dessa atitude inquieta se projetou a geografia libertária do futuro. A

⁹⁸ “este livro não é uma obra literária, é uma obra *infernal*, é o grito de um escravo rebelde”.

⁹⁹ Knout é originário de knut, que no russo significa chibata, chicote ou bastão. Então, Déjacques quer dizer que Knout-archie significa governo da chibata ou estado da opressão.

¹⁰⁰ A autoridade é a unidade na uniformidade! A Liberdade é a unidade na diversidade. O eixo da autoridade é o knout-archie. A anarquia é o eixo da liberdade.

escolha aqui se alia ao exercício evocado por Souza (2012, p. 7), de considerar a pluralidade das facetas do movimento anarquista, sintetizado pela expressão libertário.

O pensamento libertário, hoje, é representado por três “linhas” principais: 1) aqueles que retomam ou tentam retomar de maneira direta o anarquismo clássico, ainda que, aqui e ali, introduzam ou se vejam forçados a introduzir pequenas adaptações ou atualizações; 2) os neoanarquistas que, como Murray Bookchin, se afastaram em grau significativo da herança dos clássicos, mas sem deixar de cultivar fortes laços explícitos com o anarquismo; 3) os autonomistas, que podem sentir-se ou não próximos da herança clássica, conquanto, na prática, tenham uma afinidade essencial com ela.

A geograficidade libertária é uma conceituação mais honesta para englobar toda a diversidade da obra reclusiana, que é o epíteto ácrata na história do pensamento geográfico. A busca de delinear essa geograficidade pelo prisma libertário é a atuação de promover o valoramento desse complexo volume de conjecturas geográficas. Valorizar a diversidade temática desta geografia, afirmando a linguagem anarquista como sendo também paradigma radical na história do pensamento geográfico é o sentido fim de se voltar o olhar ao signo libertário desta geograficidade, que se projeta como afirmação da geografia enquanto prática espacial dissidente.

CAPÍTULO 04

A GEOGRAFICIDADE COMO AFIRMAÇÃO DA GEOGRAFIA ENQUANTO PRÁTICA ESPACIAL

A abordagem acerca da geograficidade enquanto conceito dentro do pensamento geográfico pode ser feita considerando suas ocorrências na história da geografia, que no total foram três principais momentos, estes que deram diferente acepção ao termo; e também pode ser considerada suas diversas manifestações, concebidas através da abordagem históriográfica, epistemológica e ontológica.

A primeira aparição formal e direta do conceito geograficidade na história do pensamento geográfico data de 1921, segundo explica Robic (2004), diante do trabalho do geógrafo belga Paul Michotte (1922), denominado de *L'Orientation Nouvelle en Géographie*. Participa desta primeira ocorrência, seguindo sua denominação, os posteriores trabalhos de Richard Hartshorne, de 1939, denominado de *The Nature of Geography*; de William Pattison, de 1964, cujo título é *The four Traditions of Geography*; e o trabalho de Peter Haggett, de 1965, intitulado de *Locational analysis in geography*.

A segunda ocorrência, que conseguiu se distinguir da abordagem dada pela primeira, foi publicada em 1952, por Eric Dardel, no seu *L'Homme et la Terre*. Seguindo esta concepção, os trabalhos de Claude Raffestin, de 1989, *Théories du Réel et Géographicité*, e de Jean-Paul Ferrier, de 1998, intitulado *Le Contrat Géographique ou l'habitation durable des territoires*, estas, por sua vez, são manifestações que acompanham o sentido do termo dado por Dardel.

A terceira ocorrência foi divulgada em 1979, por Yves Lacoste, no artigo *À bas Vidal... Viva Vidal!*; posteriormente, o livro *Paysages Politiques*, de 1990 e o artigo *Élisée Reclus, une très Large Conception de la Géographicité et une Bienveillante Géopolitique*, de 2005, todos de Lacoste, complementaram a sua noção de geograficidade, incorporando novos elementos que não haviam sido trazidos anteriormente.

Novamente, segundo Robic (2004), o termo geograficidade esteve dotado de duas concepções distintas. A primeira, conforme acrescenta Thémines (2006), corresponde a própria atividade do geógrafo dada a um momento específico da história da geografia. Advém da necessidade do debate epistemológico sobre o campo de trabalho deste profissional. A segunda concepção corresponde a uma interrogação ontológica sobre a origem e a natureza do conhecimento geográfico, sua universalidade

ligada a condição existencial de todo ser humano confrontado ao mundo que o mesmo apreende em sociedade.

Quadro 24: Características Gerais do Conceito Geograficidade			
Manifestação	Perspectiva	Característica	Ocorrências
Epistemológica	Modo de ser do geográfico	<ul style="list-style-type: none"> - Revelar a especificidade do objeto da geografia; - Atividade própria do geógrafo: discurso que recorta, ordena, hierarquiza e analisa o espaço e seus conteúdos variáveis; - Perspectiva corológica dos estudos geográficos: paradigma da diferenciação espacial ou regional; - Especificidade da natureza do objeto geográfico: gênero particular dos fatos; - Geograficidade como experiência de relação e de distinção das formas da superfície da Terra. 	<ul style="list-style-type: none"> - Reclus, 1868, vol. 1, <i>La Terre</i>.* - Michotte, 1922, <i>L'orientation nouvelle en géographie</i>. - Hartshorne, 1939, <i>The nature of geography</i>. - Pattison, 1964, <i>The four traditions of geography</i>. - Haggett, 1965, <i>Locational analysis in geography</i>.
Ontológica	Experiência existencial do geográfico	<ul style="list-style-type: none"> - Ordem fenomênica existencial estabelecida entre o homem/mulher e o meio; - Perspectiva fenomenológico-existencial dos estudos geográficos: paradigma da identidade, do significado e da experiência vivida de mundo; - Geograficidade do ser humano como modo de sua existência e de seu destino; - Ênfase na experiência simbólica, concreta e afetiva do vivido no espaço; - Destaque para as experiências e conhecimentos de enraizamento do humano na Terra; - Geograficidade como presença da potência de estrutura de organização do homem/mulher sobre a Terra. 	<ul style="list-style-type: none"> - Reclus, 1869, vol. 2, <i>La Terre</i>.* - Reclus, 1905, <i>L'homme et la terre</i>.* - Dardel, 1952, <i>L'homme et la terre</i>. - Besse, 1988, <i>Lire Dardel aujourd'hui</i>. - Raffestin, 1989, <i>Théories du réel et géographicité</i>. - Pinchemel et Besse, 1990, <i>Géographie et existence d'après l'oeuvre d'Eric Dardel</i>. - Ferrier, 1998, <i>Le contrat géographique ou l'habitation durable des territoires</i>.
Histórica ou Paradigmática	Prática e ação política do geográfico	<ul style="list-style-type: none"> - Geograficidade de entendimento dicotômico: política e não política; - Perspectiva geopolítica do desenvolvimento socioespacial dos estudos geográficos; - Concepção global de geopolítica que inclui os problemas de poder e de ação; - geograficidade como modelo de ação, práticas e de conhecimentos geográficos; - Discurso que capta a ordem espacial do mundo; - Intencionalidade e condicionalidade das ações humanas na Terra; - A geograficidade como sentido da marcha histórica; - Modo espacial de existência do homem/mulher pelo prisma do engajamento dissidente. 	<ul style="list-style-type: none"> - Reclus, 1876 – 1894, <i>Nouvelle géographie universelle</i>.* - Reclus, 1905, <i>L'homme et la terre</i>.* - Lacoste, 1979, <i>A bas Vidal... Viva Vida!</i> - Lacoste, 1990, <i>Paysages politiques</i>. - Lacoste, 2005, <i>Élisée Reclus, une très large conception de la géographicité et une bienveillante géopolitique</i>. - Besse, 2009, <i>Remarques sur la géographicité</i>.
<p>* Nestas obras de Reclus não se encontra de forma explícita da palavra <i>géographicité</i>, por sua vez, o sentido de seu conteúdo é abordado através de outras manifestações discursivas, então, são fontes que fundamentam a composição do conceito.</p> <p>Organização: José Vandério Cirqueira Pinto – 2015.</p>			

É necessário acrescentar ainda uma terceira concepção de geograficidade. As recentes abordagens empreendidas por Jean-Marc Besse (2009), que por sua vez acompanharam as novas discussões sobre a historicidade, conceito que deu base para a composição da geograficidade, no rastro dos trabalhos de Delacroix, Dosse e Garcia (2009), que apontam recentes discussões sobre o regime de historicidade (HARTOG, 2009), salientam a emergência da reflexão dos regimes de geograficidade, como o já ocorrido com a historicidade, noção que defende a consciência geográfica como dimensão espacial da existência. Para ele, a geograficidade não corresponde somente à produção de saberes objetivos sobre o mundo, mas, sobretudo, de colocar em ação certo sentido de mundo e de sua dimensão enquanto fundamento da experiência existencial.

E na geograficidade de Reclus estão contidas essas três concepções, tanto a que ingere a discussão epistemológica, quanto a que promove a reflexão ontológica, como a que concebe a noção paradigmática, recolocando no centro o geográfico como fundamento da existência social, semelhante ao que Soja (1993) buscou fazer com o espaço. O diferencial desta última abordagem em Reclus é que ela é libertária, então, o vínculo existencial do ser humano com o meio, mediatizado pelas relações de trabalho e de experiências simbólicas é direcionado para o foco das liberdades e para a autogestão do território.

Ao discorrer acerca da abordagem epistemológica promovida por Michotte em virtude da geograficidade dos fatos, Besse (2009) demonstra que ele baseou em dois critérios: o princípio da interdependência ou da conectividade dos fenômenos; e o princípio da extensão ou da distribuição de um mesmo gênero de fenômenos na superfície do globo terrestre. Destas noções, Michotte (1922) busca definir a geografia como uma ciência corológica, cujo objeto, é o espaço e suas subdivisões com seus caracteres distintivos, como já havia sido feita por Ritter e amplamente por Reclus no século XIX.

É neste contexto de buscar definir um objeto especificamente geográfico, que aparece a intenção de tratar a geograficidade como este gênero particular dos fatos da superfície, que são os mesmos fatos da geografia humana. Para Michotte (1922), a questão então é de colocar a *geograficidade dos fatos*. A palavra é empregada numa intenção inclusiva: a preocupação é saber se estes *fatos* podem ser ditos *geográficos*, se eles pertencem ao campo próprio da geografia, este que supõe enquanto circunscrição prévia do campo e da identificação dos objetos que o compõem. Buscando sintetizar a contribuição epistemológica de Michotte, Besse (2009, p. 286) elenca três momentos de aparição do termo geograficidade.

Retenons trois choses dans cette première apparition du mot “géographicité”: 1/ il concerne la détermination de ce qui peut être dit “géographique”, désigné spécifiquement comme tel; 2/ dans le cas de Michotte cette détermination prend la forme de la distinctif de phénomènes dont la géographie comme science aurait justement la charge; 3/ la notion de “géographicité” est solidaire d’une réflexion épistémologique dont l’intention essentielle est de parvenir à identifier la géographie parmi les sciences grâce à la formulation du champ des objets dont elle a à rendre compte.¹⁰¹

Diferentemente de Robic (2004), que considera as noções de geograficidade posta por Lacoste semelhante aos problemas levantados por Michotte e Hartshorne, na busca de uma abordagem corográfica da diferenciação regional ou de áreas, Besse (2009) levanta a questão de que na geograficidade lacostea prevalece, juntamente a esse debate epistemológico, a abordagem historiográfica e paradigmática. Para Lacoste, igualmente aos historiadores que utilizam da noção de historicidade para representar o domínio do que é próprio do objeto histórico, os geógrafos devem partir da posição de que a geograficidade deve ser a representação do que é próprio do ser geográfico, havendo assim uma equivalência historiográfica dos conceitos.

Para além da noção epistemológica, a geograficidade também foi composta pela fundamentação ontológica, principalmente advindo da matriz existencialista inaugurada por Dardel (1952). Segundo Besse (1988, 2009), a abordagem da geograficidade dardeliana aporta-se na perspectiva de uma fundação filosófica de geografia. A geograficidade aparece em si, para sustentar a ideia segundo a qual a geografia é mais que uma ciência, ela é uma dimensão fundamental e original da existência humana. “On l’identifie parfois avec la dimension subjective, vécue, des expériences des espaces et des lieux. Face à l’objectivité des savoirs scientifiques, la notion de géographicité viendrait prendre en charge les aspects phénoménologiques de la présence humaine au monde”¹⁰² (BESSE, 2009, p. 288). Esta abordagem ontológica da geograficidade dardeliana concerne à mesma como um momento da experiência vivida, e de outra parte, como o momento espacial de todo fenômeno.

¹⁰¹ Absorvemos três coisas desta primeira aparição da palavra “geograficidade”: 1/ concerne a determinação daquilo que pode ser dito enquanto “geográfico”, designado especificamente como tal; 2/ no caso de Michotte, esta determinação ganha forma distintiva de fenômenos, em que, a geografia como ciência, teria precisamente a função em si; a noção de “geograficidade” é solidária a uma reflexão epistemológica, onde a intensão essencial é a de poder identificar a geografia entre as ciências, graças a formulação do campo de objetos em que ela tem que dar conta.

¹⁰² “Pode-se identificá-la, de um modo geral, com a dimensão subjetiva, vivida, das experiências dos espaços e dos lugares. Mediante a objetividade dos saberes científicos, a noção de geograficidades se encarregaria dos aspectos fenomenológicos e da presença humana no mundo”

Dans ce contexte, Dardel présente la géographicité de l'existence humaine non seulement comme le fondement ultime et nécessaire des savoirs géographiques, mais aussi comme une dimension constitutive de l'humanité même. Là encore, le propos n'est pas épistémologique, il est ontologique. La géographie existe avant les géographes. [...] La géographicité humaine précède la science géographique.   la fois comme réalité et comme exp rience¹⁰³ (BESSE, 2009, p. 289 – 290).

Grosso modo,   possível encontrar na geograficidade reclusiana tanto a dimensão ontológica, de que a geograficidade humana precede a ciência geográfica, por isso   vista como a dimensão constitutiva da humanidade; como a dimensão epistemológica, em que coloca no centro do debate a questão fundamental do que   geográfico, trazendo a responsabilidade e especificidade do olhar geográfico, valorizando, assim, cada vez mais o modo de ser do geográfico e os parâmetros técnicos desta abordagem corográfica da superfície; quanto a abordagem historiográfica, em que identifica a equivalência dos conceitos de historicidade com o de geograficidade, alinhando o sentido do ser histórico da consciência com o do ser geográfico da consciência social. Desse modo, pode-se considerar a valoriza o da geograficidade reclusiana como primordial para o desdobramento das reflexões acerca da geograficidade subsequentes, reconhecendo pontos de equivalência e fragmentos de composi o desta geograficidade primeira, inacabada e não classificada como tal, nas posteriores geograficidade formais, elaboradas e discutidas.

Para além destas concep es,   possível agregar ainda mais uma perspectiva   geograficidade reclusiana. Mesmo sabendo que a mesma já se compõe de uma síntese das demais é importante salientar a geograficidade de Reclus como experiência e prática espacial libertária de engajamento dissidente. Isso quer dizer que, nela esta o veio ácrata de se pensar e fazer o modo de ser geográfico. Não basta refletir somente acerca da geografia libertária de Reclus,   de suma importância investigar sua geograficidade libertária, ou seja, sua geografia em a o, movimento, estado de ser, caráter essencial, experiência espacial da existência ou como condi o geográfica do social permeada pela luta das liberdades. Uma geograficidade libertária   em suma uma experiência e prática espacial dissidente. Por isso essa geograficidade   vista como uma afirma o da geografia enquanto prática e experiência espacial.

¹⁰³ Neste contexto, Dardel apresenta a geograficidade da existência humana não somente como o fundamento último e necessário dos saberes geográficos, mas também, como uma dimensão constitutiva da humanidade em si. Desse modo, a proposta não   epistemológica e sim ontológica. A geografia precede os geógrafos. [...] A geograficidade humana precede a ciência geográfica. Tanto como realidade quanto como experiência

De antemão, diferenciar *processos espaciais* de *prática espacial* pode contribuir para o entendimento mais específico do papel da geograficidade libertária. Corrêa (1997, 2007) busca definir os processos espaciais como constituintes de um conjunto de forças atuando ao longo do tempo, viabilizando localizações, realocações e permanências de atividades e de população sobre o espaço geográfico, dando como exemplo, o espaço da cidade. Repetitividade e duração longa são traços definidores dos processos espaciais, distinguindo-os das práticas espaciais. Centralização, descentralização e segregação residencial são exemplos de processos espaciais. Na busca de uma conceituação mais clara de prática espacial, em outro trabalho, Corrêa (1992, p. 115) a define dentro do conjunto da gestão do território.

Entendemos por gestão do território o conjunto de práticas que visa, no plano imediato, a criação e o controle da organização espacial. [...] Em última instância a gestão do território constitui poderoso meio que visa, através da organização espacial, viabilizar a existência e reprodução da sociedade. Como qualquer outro fato social a gestão do território possui uma historicidade que se traduz em agentes sociais e práticas espaciais historicamente viáveis.

Nesta abordagem, a prática espacial se define como uma ação imediata que visa a criação, o controle e a organização espacial mediatizada pelas relações historicamente viáveis, o que a diferencia marcadamente de processos espaciais, que se constituem em um processo mais longo de maturação. Isso não quer dizer que não haja o debate sobre os processos espaciais na obra de Reclus, ao contrário, ele reconhece a geografia dos tempos longos e rápidos, por isso, esses processos são imprescindíveis para o entendimento de sua abordagem espacial e geográfica como um todo. Mas, por outro lado, no que diz respeito a sua geograficidade, são os processos de atuação mais imediatos e de intervenção direta no espaço que melhor contam para explicá-la, por estar sustentada no espectro do ativismo libertário. E é por isso que Corrêa (2007, p. 68 – 69) sinaliza para a perspectiva de prática espacial como ações localizadas, realizadas por agentes sociais concretos, justamente para dar essa impressão de constante movimento de atuações e mobilidade no espaço.

As práticas espaciais constituem ações espacialmente localizadas, engendradas por agentes sociais concretos, visando a objetivar seus projetos específicos. Constituem ações individuais, não necessariamente sistemáticas e regulares, caracterizadas por uma escala temporal limitada. A natureza pontual no espaço e no tempo estabelece a distinção entre prática espacial e processo espacial. [...] A singularidade da prática espacial transforma-se, pela ação sistemática, regular e de maior escala temporal, envolvendo uma ampla porção do espaço, em processo espacial. As práticas espaciais, no entanto, e à semelhança dos processos espaciais, são meios pelos quais a diferenciação sócio-espacial pode

ser alterada, mantida ou ainda, de modo específico às práticas espaciais, podem estar sendo anunciadas alterações.

Desta perspectiva pode ser notada a integração entre as práticas espaciais e os processos espaciais, principalmente, quando este último é visto enquanto estágio de generalização dessas ações individuais ou minoritárias, locais ou regionais. Mas vale ressaltar, o quanto o autor evidencia que são das práticas espaciais que se manifestam as alterações estruturais em curso, porque nelas residem modos específicos de atuar na organização e transformação do espaço, emoldurado como substrato de reprodução das relações de produção. Entretanto, em *Geografia: Conceitos e Temas*, ao abordar acerca da categoria espaço, Corrêa (1995, p. 35) busca destacar, nesta ocasião, em que resultam as práticas espaciais, na intensão de captar sua contribuição para a explicação das diferenciações espaciais.

No longo e infindável processo de organização do espaço o Homem estabeleceu um conjunto de práticas através das quais são criadas, mantidas, desfeitas e refeitas as formas e as interações espaciais. São práticas espaciais, isto é, um conjunto de ações espacialmente localizadas que impactam diretamente sobre o espaço, alterando-o no todo ou em parte ou preservando-o em suas formas e interações espaciais. As práticas espaciais resultam, de um lado, da consciência que o Homem tem da diferenciação espacial. Consciência que está ancorada em padrões culturais próprios a cada tipo de sociedade e nas possibilidades culturais próprios a cada momento, que fornecem significados distintos à natureza e à organização espacial previamente já diferenciados.

É justamente nesta última consideração que se encontra com maior equivalência o que se busca dizer com prática espacial. Neste caso, deve-se avaliar como preponderante que as práticas advêm da tomada de consciência dos indivíduos acerca das diferenciações espaciais, mobilizando atuações dos mais diferentes nichos, equalizadas aos padrões culturais próprios de cada sociedade, que se coloca diante dos dilemas da organização do espaço. É nesse sentido que a geograficidade de Reclus pode ser vista como diferente, porque ela é libertária, pois se coloca como uma afirmação do saber geográfico enquanto prática e experiência espacial ácrata.

O caráter libertário desta geograficidade aposta na tomada de consciência dos indivíduos enquanto sujeitos de transformação espacial na busca de autonomia e autogestão do território. Este arcabouço é de uma prática espacial libertária. Nela está a perspectiva histórica das transformações espaciais das condições sociais de produção e reprodução do espaço, e neste sentido, valoriza a atuação do engajamento político enquanto amalgama das transformações das diferenciações espaciais.

Toda a geograficidade libertária reclusiana é permeada pela perspectiva geopolítica do desenvolvimento socioespacial, pois incorpora uma visão libertária e não autoritária de geopolítica, vista como campo de estudo que garante apurado debate sobre as relações de poder e de ação de engajamento dissidente. Em síntese, é um modelo discursivo que almeja captar a ordem espacial do mundo, modelo este de ação e prática dos conhecimentos geográficos.

O sentido paradigmático da geograficidade libertária reside na abordagem realizada da relação mulher-homem-meio, sociedade-natureza e das diferenciações espaciais, por considerar os fatores de intencionalidade e de condicionalidade da ação humana na terra. Ela está, por sua vez, calcada enquanto fundamento da própria existência social, como sentido da marcha histórica, por ser modo espacial da existência humana, que através do engajamento dissidente promove o encadeamento de transformações no espaço, no devir de reestabelecer o equilíbrio socioambiental, ou melhor, geográfico.

Essa junção paradigmática entre ação política e equilíbrio ambiental, que nega este dualismo para compor amplo conjunto de características da geograficidade libertária, concebe esta como modelo de dispersão que atingiu e aguçou o desenvolvimento de diversas matrizes e áreas contemporâneas do conhecimento geográfico, como: as matrizes crítica, da autonomia, cultural, humanística e socioambiental do conhecimento geográfico; além das áreas: geografia política, urbana, ambiental, social, cultural, agrária e da educação, entre outras.

Essa prática espacial em Reclus é diferente porque ela é uma geograficidade libertária, colocada como afirmação do saber geográfico condutor de experiências e práticas espaciais dissidentes, debate esse, que reintegra a ciência geográfica como um saber e prática política, retomando esta sua centralidade, movimento que a mesma fez parte em seus anos de radicalidade. Na intensão de melhor captar essa geograficidade libertária presente no pensamento de Élisée Reclus, faz-se necessário, nos próximos itens, discorrer breves considerações desta enquanto experiência e enquanto prática dissidente diante das elucubrações trazidas pelo referencial teórico do tema.

4.1 A geograficidade como experiência do/no mundo: o homem/mulher, a terra e a liberdade

Abordar a geograficidade como experiência do/no mundo emerge a reflexão da mesma por dois parâmetros teóricos: aquele da especificidade do olhar geográfico,

trazido por Michotte (1922); e aquele da existência espacial dos sujeitos, trazida por Dardel (1952). Na primeira ocasião, a experiência é vista como atuação própria do geógrafo em campo, no gabinete e com seus recursos de trabalho, com a tarefa de descrever as especificidades do geográfico, no seu diário exercício corográfico. Quanto mais experiência do mundo, devido o estudo, análise, classificação, taxonomia, hierarquização, interpretação e discussão, melhor constituirá a geograficidade dos fatos. Quanto mais experiência no mundo, em virtude das vivências, andanças, contatos e o lançar do olhar geográfico, mais eficazmente chega-se à geograficidade dos fatos.

Conforme foi apontado anteriormente, a geograficidade como experiência do/no mundo, como fundamento existencial, foi dado primeiramente por Dardel (1952). Entretanto, a gênese desta condição do vivido como experiência do/no mundo é oriunda de tempos imemoriáveis do saber geográfico, e está profundamente presente no pensamento de Reclus através de inúmeros trabalhos. Essa sempre foi uma questão chave para Élisée e uma preocupação latente no que tange a fragmentação e o desequilíbrio desta relação íntima dos homens com o meio.

O próprio Dardel vai buscar nas sociedades antigas os fundamentos de uma interpretação significativa do vivido para se entender o espaço geográfico. Em sua reflexão existencial, sustentada nas conjecturas sartreanas de que a *existência precede a essência* (SARTRE, 2007), Dardel (1952, p. 56) recorre para este modelo afirmando que a base terrestre é a condição em si da humanidade, uma condição que precede toda objetivação e suas essências, e a geografia, praticada, vivida e experienciada, existe antes dos geógrafos, pois, “c’est de ce ‘lieu’, base de notre existence, que, nous éveillant, nous reprenons conscience du monde et nous sortons à sa rencontre, audacieux ou circonspect, pour y oeuvrer.”¹⁰⁴

Inúmeros autores, dentre eles Raffestin (1989), Besse, (1988, 1990), Pinchemel (1990), Ferrier (1998), Lacoste (2005), Thémines (2006), Moreira (2008a, 2009) vão destacar o salto paradigmático promovido por Dardel na história do pensamento geográfico ao geografizar o existencialismo como importante matriz epistemológica e metodológica. Raffestin (1989), por exemplo, lança seu olhar ao papel do pensamento dardeliano como evocador do debate ontológico no interior da história da geografia, que até então, transporta o fardo de uma ontologia ausente, uma profunda negação às suas próprias questões filosóficas.

¹⁰⁴ “é do “lugar”, base de nossa existência, que, nos despertando, nós tomamos consciência do mundo e saímos em direção de seu reencontro, audaciosos ou circunspectos, para a prática.”

Segundo o debate instigado por Raffestin (1989, p. 28), “la géographie a perdu le goût de se chercher une ontologie. Ou plus exactement devenue une technique qui applique les outils de disciplines plus formelles, elle a renoncé à reformuler les grandes questions qui l’ont nourrie”. Continuando este debate, Raffestin (1989, p. 28) indica que “en écrivant cela sous cette forme, je tiens surtout à montrer avec insistance que la géographie s’est progressivement vidée de toute préoccupation philosophique”, por isso, ele demarca a necessidade de religação com suas filosofias, pois “une science de l’homme qui coupe ses amarres avec la philosophie ne contrôle plus sa dérive.”¹⁰⁵

Moreira (2008b, p. 179), argumenta acerca da emergência do conceito geograficidade como elemento que integra o sentido ontológico interno e inerente ao saber geográfico à noção de sociabilidade e de gênero de vida, agora entendido como meio técnico. “Juntos, esses conceitos podem nos permitir mudar a ótica do espaço e passar a vê-lo como modo espacial de existência do homem – isto é, geograficidade – e tomá-lo como a categoria de análise mais apropriada para a compreensão das tendências societárias de nosso tempo”. Nesta interpretação a geograficidade é vista como a categoria mais adequada para entender a existência espacial dos homens, ela é, dessa forma, colocada no centro das investigações geográficas, mas sempre avaliada genericamente, como um todo que delinea o saber espacial.

É justamente desta perspectiva que se visualiza o papel do salto paradigmático promovido por Dardel, que além de trazer a geograficidade para o centro do pensamento geográfico, não a concebe enquanto todo genérico, a enxerga em todas as condições espaciais, em todas as experiências vividas no espaço, como fundamento da existência dos seres. Esta sim é a categorização mais ampla de pensar o espaço geográfico, pois se estende do vivido no lugar à totalidade das relações móveis. E ao mesmo tempo, é a categorização mais específica do geográfico, pois o coloca como ponto de encontro, o *locus* e a substância palpável que compõe o espaço geográfico, que “n’est pas seulement surface. Étant marnière, il implique une profondeur, une épaisseur, une *solidité* ou une plasticité qui ne sont pas données d’abord dans une perception interprétée par l’intellect, mais rencontrées dans une expérience primitive”¹⁰⁶ (DARDEL, 1952, p. 19).

¹⁰⁵ “a geografia perdeu o gosto pela busca de uma ontologia. Ou mais exatamente, tornada uma técnica que aplica os instrumentos de disciplinas mais formais, ela renunciou a formulação das grandes questões que o alimentava.” [...] “escrevendo sob esta forma, asseguro, sobretudo, a mostrar com insistência que, a geografia está progressivamente esvaziada de toda a preocupação filosófica, [...] “uma ciência do homem que corta seus vínculos com a filosofia não controla mais sua deriva.”

¹⁰⁶ “não é somente superfície. Sendo desta maneira, ele implica uma profundidade, uma espessura, uma *solidéz* ou uma plasticidade que não são compreendidas, num primeiro momento, pela percepção interpretada pelo intelecto, mas reencontradas, por sua vez, numa experiência primitiva”

A geograficidade dardeliana está nas vivências cotidianas dos lugares, nas relações de pertencimento da região, nos conflitos territoriais, nos dilemas urbanos, na luta pela terra no campo, nas integrações das redes, na geopolítica internacional etc., porque ela é marcada por uma *experiência telúrica*, por uma *geografia substancial*, noções estas presentes no seu tratado de geografia existencialista. Conforme as palavras de Dardel (1952, p. 20), “il y a là une expérience concrète et immédiate où nous éprouvons l’intimité matérielle de l’‘écorce terrestre’, un enracinement, une sorte de *fondation* de la réalité géographique.”¹⁰⁷

Du plan de la géographie, la notion de situation déborde dans les domaines les plus variés de l’expérience du monde. La “situation” d’un homme suppose un “espace” où il “se meut”; un ensemble de relations et d’échanges; des directions et des distances qui fixent en quelque sorte de *lieu* de son existence. [...] Ici encore la géographie, sans quitter le concret, prête ses symboles aux mouvements intérieurs de l’homme¹⁰⁸ (DARDEL, 1952, p. 19).

Continuando com Dardel (1952, p. 124), ao abordar a experiência existencial de mundo, este vê na Terra esse espaço concreto em que “l’homme est engagé comme être spatial et comme être terrestre” e vê ainda, “la géographie, en saisissant la réalité du monde en tant que spatiale et l’espace en tant que visage de la Terre, exprime une inquiétude fondamentale de l’homme.”¹⁰⁹ Esta inquiétude é o agente motivador que leva os homens ao contato com as experiências do mundo, a estarem no mundo e serem do mundo.

Os fundamentos desta geograficidade dardeliana são originários das conjecturas reclusianas, como inquerem Raffestin (1989) e Besse (2009). Dardel (1952), mesmo sabendo que o tema mais recorrente da geograficidade de Reclus é *o homem e a terra*, e que o tema de sua última obra é homônimo à sua *L’homme et la terre*, além de utilizar metodologia de investigação muito semelhante a do geógrafo anarquista, considerando o papel dos mitos e das sociedades tradicionais, destacando a superfície terrestre como plataforma de expansão da interpretação geográfica, o nome de Reclus é citado somente

¹⁰⁷ “existe ali uma experiência concreta e imediata onde nós sentimos a intimidade material da “superfície terrestre”, um enraizamento, uma espécie de *fundação* da realidade geográfica.”

¹⁰⁸ No plano da geografia, a noção de situação transborda para os domínios mais variados da experiência de mundo. A “situação” de um homem supõe um “espaço” onde ele “se move”; um conjunto de relações e de trocas; das direções e das distâncias que fixam, de certa forma, no *lugar* da sua existência. [...] Aqui, novamente, a geografia, sem deixar o concreto, empresta seus símbolos aos movimentos interiores do homem.

¹⁰⁹ “o homem está comprometido como ser espacial e como ser terrestre” [...] “a geografia, tomando a realidade do mundo igualmente à realidade espacial e o espaço tanto quanto face da Terra, exprime uma inquiétude fundamental do homem.”

uma vez na obra em questão, na página 120, na ocasião para demarcar sua função dentro da geografia científica contemporânea.

Conforme já foi discutido anteriormente, esses são exercícios de negligência ao pensamento reclusiano, que também se repedem com aqueles que foram negligenciados. Mas no caso de Dardel é um pouco esdrúxulo a forma que não compõem um diálogo com Reclus, pois o problema central de sua obra é o mesmo discutido demasiadamente pelo geógrafo anarquista. A metodologia de análise da categoria terra tem a mesma equivalência, parte do mesmo princípio de investigação e grande parte de sua geograficidade é tributária de *L'homme et la terre* de Reclus. Talvez Dardel evitou esse diálogo em virtude da incompatibilidade do método fenomenológico-existencial com o dialético-libertário, buscando, dessa forma, não comprometer sua lisura.

Apesar disso, a geograficidade existencial dardeliana buscou demasiados componentes na geograficidade libertária reclusiana, que por sua vez, foi enriquecida por Dardel ao receber componentes filosóficos do existencialismo e por ter conduzido um salto paradigmático no saber geográfico em virtude de tê-lo colocado nos caminhos da reflexão ontológica. Raffestin (1989) sinaliza que Sartre havia alertado para a importância da geografia como agente motriz da historicidade, mas que é de Ritter, Ratzel e Reclus que Dardel havia buscado elementos para compor sua geograficidade.

Ritter, Ratzel et Reclus avaient compris avant Sartre mais ils n'ont pas été suivis sauf peut-être par Reclus mais on la position marginale de cet auteur dans l'ensemble géographique de son époque: populaire mais refleté par l'Université. Ritter; Ratzel et Reclus ont eu une idée très claire de cette géographicité qui remplit leurs oeuvres¹¹⁰ (RAFFESTIN, 1989, p. 29).

E essas influências que nutriram a geograficidade dardeliana se materializaram em virtude dela ter ultrapassado o paradigma da descrição da superfície e produção dos saberes objetivos sobre o mundo. Besse (2009, p. 299) argumenta que é a partir de Reclus que o saber geográfico aprofunda seu interesse também para o sentido do mundo, caracterizando a especialidade de seu regime de geograficidade.

On peut considérer, à cet égard, que la géographie n'est pas seulement préoccupée par la production de savoirs objectives sur le monde terrestre, mais qu'en outre elle met en oeuvre un certain sens du monde et de sa dimension. C'est à ce niveau, sans doute, que la notion d'un "régime de géographicité", trouverait son caractère opératoire. On pourrait peut-être alors montrer qu'à ce

¹¹⁰ Ritter, Ratzel e Reclus haviam compreendido antes de Sartre, mas eles n o foram seguidos, exceto talvez por Reclus, mas diante da posi o marginal deste autor no conjunto geográfico de sua época: popular, mas refletido pela Universidade. Ritter; Ratzel e Reclus tiveram uma ideia muito clara desta geograficidade que preenche suas obras

niveau, l'opposition entre la géographicité d'Elisée Reclus et celle des autres géographes de son temps devrait être nuanc e.¹¹¹

E esse exercício reclusiano de olhar mais de perto para a geografia deu margem para que se seguissem inúmeras pesquisas sobre o significado do pensamento geográfico, sobre o que   próprio do geógrafo e da sua reflexão espacial. Embora recentemente o pensamento geográfico, em virtude da incansável busca por um objeto específico, se baseou cada vez mais no estudo das categorias, conceitos e temas balizadores deste saber, é muito oportuno, neste momento, passarmos evidenciar também, novas reflexões sobre o sentido do geográfico, especificamente, da geograficidade dos fatos.

Quando se cogita discutir a geograficidade pelo prisma da experiência do/no mundo está sendo colocado um acento sobre a episteme existencialista no interior deste saber. É uma experiência do mundo, porque pertence ao jogo de rela es, intera es e condicionalidades que o mundo conduz.   uma experiência no mundo, porque está imbuída da mundanidade existencial, pertence ao jogo de significa es (i)materiais, simbólicas e subjetivas da experiência socioespacial.

Essas experiências estão vinculadas a três conceitos fundamentais do pensamento geográfico reclusiano: o homem, a terra e a liberdade. Eles são os elos balizadores da geograficidade libertária, porque neles estão contidas as no es essenciais do modo espacial da existência, incluindo, para além do paradigma existencialista, a liberdade como sentido fim destas geograficidades autogestionárias. E estes conceitos, s  tomam forma e movimento em decorrência da experiência de mundo, da  gora ou da aldeia ontológica do pensamento libertário.

A perspectiva do anarquismo reclusiano coloca o debate sobre o homem, a terra e a liberdade mediatizado tanto pela no a de experiência simbólica e do significado dos sujeitos que dela vivem, alinhado na dire a do paradigma existencial evocado por Dardel, quanto pela perspectiva da experiência material das lutas sociais a caminho da liberdade autogestionária, alinhada na dire a do paradigma dialético.

De uma forma geral a geografia sempre utilizou os temas homem e terra com certa frequência, pois "entre l'Homme et la Terre, se noue et demeure une sorte de

¹¹¹ Pode-se considerar, a esse respeito, que a geografia não está somente preocupada com a produ a de saberes objetivos sobre o mundo terrestre, mas, além disso, ela coloca em aberto certo sentido de mundo e de sua dimensão. É deste nível, sem d vida, que a no a de um "regime de geograficidade", encontraria seu caráter operatório. Poderia, talvez então, mostrar que, neste nível, a oposi a entre a geograficidade de Elisée Reclus e aquela dos outros geógrafos de seu tempo deveria ser destacada.

complicité dans l'être”¹¹² (DARDEL, 1952, p. 8). Por sua vez, o tema liberdade, que também pode ser um conceito central das ciências sociais, especialmente da geografia, a mesma o utilizou muito esparsamente.

O principal questionamento que lamenta a ausência da liberdade na geografia se dá primeiramente por ser um tema essencialmente político, vinculado à política revolucionária, e que também é um conceito de base sócio-territorial na luta pela existência. Por outro lado, é um tema epistemológico, pois se refere ao sentido de existir do sujeito da ação humana sobre a terra, que está situado em determinado rincão da superfície e que tem a necessidade de imbuir-se da materialidade espacial envolta para que se faça enquanto ser presente no mundo, e para isso ocorrer, tem que lutar por sua autonomia em meio a domínios territoriais adversos, na busca de construir territorialidades da liberdade.

No período clássico da geografia, momento de fundamentação científica e de busca da consolidação de objeto de estudo único, a centralidade temática se pautava na terra, tendo como segundo plano a ação humana, como mera modeladora da superfície. Por sua vez, a liberdade enquanto tema sugeriria àquela geografia mergulhada na ciência positiva comteana, vista como fragilidade de objeto e insuficiência metodológica, pois estaria envolvendo-se com um conceito aparentemente político, por mais que a corrente ideológica liberal era a que norteava o positivismo e abusava grosseiramente do uso do termo liberdade (individual e competitiva), retirando o foco genuinamente científicista da geografia oitocentista.

Nesse período então, o que permanece são os temas terra e homem, como exemplo do clássico trabalho de Varenus, sua *Géographie Générale* – pioneiro na sistematização da geografia enquanto ciência -, Humboldt (1855), com seu *Cosmos: Essai d'une Description Physique du Monde*, e Ritter (1838), com sua *Géographie Générale Comparée, ou Étude de la Terre dans ses Rapports avec la Nature et avec L'histoire de L'Homme*. O conceito *terra* nota-se pelos títulos das obras, era colocado em primeiro plano por abarcar a universalidade dos fenômenos geográficos e o homem como simples agente componente da paisagem, participante da atividade fenomênica da natureza. Será em Ritter que o homem ganhará mais destaque, influenciando toda uma geração que contribuirá com os estudos da ação humana sobre os fenômenos da natureza e atuação dos processos históricos na organização da sociedade.

Com os desdobramentos dos estudos em geografia a partir da segunda metade do século XIX houve certa inversão temática, considerando a ação humana, e

¹¹² “entre o Homem e a Terra, se enlaça e reside uma espécie de cumplicidade no ser”.

especialmente o homem, como agente preponderante sobre a superfície terrestre, seguindo assim o coerente movimento de supervalorização do recente conceito *homem* enquanto abordagem central da *episteme* moderna, conforme foi destacado por Foucault (2007).

A partir desse redirecionamento, invertendo a noção *terra* por *homem*, agora postado no eixo central da *episteme* moderna das ciências humanas como um todo, tivemos na geografia também diversos trabalhos que passaram a destacar seu objeto como o resultado da ação humana sobre a terra, podendo citar o exemplo dos memoráveis trabalhos de Ratzel (1888) [*Geografia Política e Antropogeografia*], Reclus (1905) [*L'Homme et la Terre*], La Blache (1954) [*Princípios de Geografia Humana*], Dardel (1952) [*L'Homme et la Terre*], Brunhes (1962) [*Geografia Humana*], Sorre (1961) [*El Hombre en la Tierra*], Derruau (1973) [*Geografia Humana*], entre outras sustentações epistemológicas da geografia do homem e da terra.

Os trabalhos de Reclus, *La Terre* (1869) e *L'Homme et la Terre* (1905), são as contribuições pioneiras à geografia que incorporaram o conceito liberdade como tema de análise da relação homem e terra, ou sociedade e natureza. São as primeiras referências diretas à liberdade como objeto fim da luta de classes e a disputa pelo equilíbrio socioambiental.

Vale mencionar que Reclus direcionou-se para o tema dos camponeses especialmente no artigo já citado *A meu irmão camponês*, como também em trabalhos publicados no periódico *Le Révolté*, caso do texto *Ouvrier, prends la machine! Prends la terre, paysan!*. Mas foi em sua obra final, a extensa geografia social anarquista denominada de *L'Homme et la Terre*, que Reclus desenvolveu apurada discussão sobre o homem/mulher, a terra e a liberdade, especialmente no fascículo sobre *La Culture et la Propriété*. Neste, ele apresentou abordagem sobre a situação dos camponeses frente às ações de desterramento do capital, que por sua vez destrói sua beleza íntima com a terra, pelo modo de vida da sociabilidade e do equilíbrio, pois “la belle ambiance du sol, des eaux et des airs ne devient éducatrice qu’avec l’aide des hommes qui savent l’interpréter et lui donner une âme pour ainsi dire”¹¹³ (RECLUS, 1905, p. 145).

Em Reclus a tríade *homem/mulher-terra-liberdade* é a manifestação mais coerente para o desenvolvimento do que buscou denominar de geografia social, pois defende como epistemologia da geografia a integralidade entre a ação humana e o meio, resultando nas transformações e reproduções espaciais sobre a terra, tendo como

¹¹³ “o belo ambiente do solo, das águas e dos ares não se faz educadores senão com a ajuda dos homens que sabem interpretar e lhe dar uma alma, por assim dizer”.

objetivo fim a liberdade, garantida pela conquista de territorialidades autônomas, a caminho do fraternalismo universal.

Outra contribuição marcante à geografia das liberdades que vale ser destacada são os trabalhos de Kropotkin (1892), em especial a importantíssima obra *La Conquête du Pain*, por dedicar em todo seu volume discussão sobre a luta pela alimentação e bem-estar social, nos moldes da *soberania alimentar* invocada por Fernandes (2009), sendo o seu último capítulo especialmente dedicada à agricultura, exercendo ácidas críticas a seu modelo intensivo e extensivo subsidiado pela tecnificação, e às relações de poder e de clientelismo entre os proprietários capitalistas, o Estado e os banqueiros como força opressora do camponês, ou seja, “c'est la grande culture, la culture extensive, celle qui prend le sol tel qu'il sort des mains de la nature sans chercher à l'améliorer. Quand il aura donné tout ce qu'il peut, on l'abandonnera; on ira chercher ailleurs un sol vierge pour l'épuiser à son tour¹¹⁴” (KROPOTKIN, 1892, p. 250). Já na obra *Ajuda Mútua* (2009), que é muito utilizada indiretamente, mas sem o devido reconhecimento pelos movimentos sociais do campo e da cidade, estão contidas as práticas de mutualismo das federações camponesas e do municipalismo libertário, como exemplo, estando na base das organizações de movimentos ácratas do Uruguai, de Cuba e do México, só para citar alguns.

O homem e mulher como sujeitos de transformação

Na obra de Reclus quando é encontrada a palavra *homem* obviamente que ela não está limitada ao gênero masculino, mas a todos e a todas aquelas que vivem na e da terra. Neste trabalho, e com base no contexto do entendimento da obra reclusiana, tem-se a pretensão de auferir na palavra *homem* noção conceitual, de categoria de análise, já tradicionalmente presente nos estudos geográficos¹¹⁵. Além da noção conceitual, *homem/mulher*, referem-se a uma categoria espacial e não somente histórica como sempre se propôs. Pois nele/nela está inserida a capacidade enquanto sujeitos da ação, que estão intimamente ligados à terra (*húmus*) que pertencem ou estão diretamente

¹¹⁴ “é a grande cultura, a agricultura extensiva, aquela que toma o solo tal qual ele sai das mãos da natureza sem procurar melhorá-lo. Quanto ele terá dado tudo o que pode, ela o abandonará; ela irá procurar em outro lugar um solo virgem para esgotá-lo à sua volta”.

¹¹⁵ Mesmo assim, retomando o que foi destacado na nota 20, sabe-se o quanto esse conceito tem de androcentrismo acumulados ao longo dos mais de dez mil anos de patriarcalismo, fazendo com que, mesmo Reclus, defensor do feminismo e que denunciou esse modelo opressor ao longo de seus trabalhos, ainda utilize univocamente esta palavra para significar os dois gêneros, pois não havia ainda feito a reflexão da submissão do *feminino* pelo discurso dominante. Será utilizado, sobretudo nessa parte do trabalho, *homem/mulher* como nota de reconhecimento e repúdio ao regime de dominação masculina que ocorre em todos os espaços, e também fortemente presente no uso da linguagem.

envolvidos – seres germinadores de geograficidades – por sua vez são produtos dessa mãe germinadora de relações sócio-territoriais, em decorrência dos embates e relações sociais equalizados às formas, objetos, recursos, processos, funções e dimensões do espaço geográfico, como também, produzem dimensões materiais da realidade através da ação histórica dos sujeitos coletivos sobre a superfície terrestre.

No anarquismo o *homem* e a *mulher* são vistos como seres sociais de consciência individual e coletiva material, produto/produtores das relações sociais de produção, mas também são reconhecidos seus papéis enquanto individualidades criativas, ou seja, indivíduos integrados à realidade em constante busca por autonomia e liberdade de consciência. “É ao próprio indivíduo, isto é, à célula primordial da sociedade, que é preciso retornar para encontrar as causas da transformação geral, com suas mil opções, segundo as épocas e os lugares” (RECLUS, 2002, p. 46), pois “o indivíduo nunca é percebido, concebido como uma entelúquia, mas sempre como uma parcela, um fragmento que pede para ser realmente um grande todo promotor de sentido e de verdade” e “todas essas políticas visaram a esta transmutação do indivíduo em sujeito” (ONFRAY, 2001, p. 41 – 42). A epistemologia anarquista dá muito valor ao papel da homem/mulher enquanto indivíduo que almeja indiscriminadamente a liberdade, como pode ser percebido pelas palavras de Bakunin (2009, p. 77).

O homem natural só se torna um homem livre, ele só se humaniza e se moraliza, só reconhece, em resumo, e só realiza em si mesmo e para si mesmo seu próprio caráter humano e seu direito à medida que reconhece esse mesmo caráter e esse direito em todos os seus semelhantes. No interesse de sua própria humanidade, de sua própria moralidade e de sua liberdade pessoal, o homem deve querer a liberdade, a moralidade e a humanidade de todos.

Tanto Reclus como Onfray reivindicaram reconhecimento do indivíduo no lugar de suas imposições suggestionadas pela sociedade, argumentando que o sentido final do desenvolvimento coletivo é o indivíduo, e as individualidades em autonomia relacional, que almeja a constante liberdade. Os teóricos libertários superaram a base das reflexões e ingerências impositivas do marxismo contra o indivíduo e todos seus espectros forjados na base da desastrosa polêmica *Stirner-Marx* conforme analisa Souza (1993), pois eles não relacionam, grosso modo, como as ortodoxias do socialismo autoritário, indivíduo a projeto liberal de sociedade. Esse erro marxista custou muito caro ao indivíduo, limitando-o a encadeamentos sociais do utilitarismo liberal, pois não o reconhecia enquanto elemento fundador de uma sociedade autônoma, conforme alertou Castoriadis (1982).

A terra como produto-produtora

Entre o *homem/mulher* e a *liberdade* está a *terra*, substrato de desenvolvimento da vida de todos os seres. Para Dardel (1952, p. 55) ela “non seulement point d’appui spatial et support matériel, mais condition de toute ‘position’ de l’existence, de toute action de poser et de reposer.”¹¹⁶ Infelizmente Dardel, pioneiro do existencialismo na geografia, que auferiu renovada argumentação entre os conceitos homem e terra, foi fortemente negligenciado pela historiografia dominante, conforme já foi mostrado anteriormente. Isso ocorreu em parte porque a geografia abandonou caras noções da relação simbiótica do homem com a terra, do sentido de pertencimento, das experiências vividas dos sujeitos enquanto seres da terra, o debate das populações tradicionais, da geografia mítica, da terra como *mãe sábia*, da religião, da simbologia material e identitária e do significado dos lugares, que hoje são tão revalorizados.

La Terre, en tant que base, est l’avènement même du sujet, fondement de toute conscience s’éveillant à ele-même; antérieure à toute objectivation, ele se mêle à toute prise de conscience, ele est pour l’homme ce dont il surgit dans l’être, ce sur quoi erige toutes ses oeuvres, le sol de son habitat, les matériaux de sa maison, l’objet de sa peine, ce à quoi il adapte son souci de construire et d’ériger.

C’est la Terre qui, pourrait-on dire, *stabilise* l’existence. [...] La Terre est, par excellence, pour l’homme comme destin la *circonstance* (*circum-stare*), ce qui se dresse autour de lui et maintient sa présence comme engagement dans l’Être.¹¹⁷ (DARDEL, 1952, p. 57 e 59).

Por outro lado, os desdobramentos marxistas sobre a sujeição da renda da terra ao capitalismo agrário são argumentações insuperáveis e base fundamental para todas as espécies de movimentos sociais de luta pela terra. Diante da importante contribuição do marxismo ao conceito *terra* o que a geografia anarquista pode acrescentar como contribuição epistemológica é o sentido geopolítico libertário contido no controle dela enquanto território de ação autonomista, que garante a sociabilidade, o uso equitativo dos recursos e a riqueza de valores mutualistas no caminho da liberdade contra o Estado e o capital.

¹¹⁶ “não é somente ponto de apoio espacial e suporte material, mas condição de toda ‘posição’ da existência, de toda ação de por e de repor.”

¹¹⁷ A terra, como base, é a própria elevação do sujeito, fundamento de toda consciência despertando-se a si mesma; anterior a toda objetivação, ela se mistura a toda tomada de consciência, ela é para o homem, do qual ele surge no seu ser, o fenômeno sobre o qual ele erige todas suas obras, o chão de sua morada, os materiais de sua casa, o objeto de suas dificuldades, à qual ele adapta sua preocupação de construir e de erigir. É a Terra que, poder-se-ia dizer, *estabiliza* a existência. [...] A terra é, por excelência, vista pelo homem como destino a *circunstância* (*circum-stare*) [estar-circunscrito], esta que se ergue a seu redor e mantém sua presença como incitamento no Ser.

A contribuição de Reclus e de Kropotkin dada à questão da terra no final do século XIX e início do século XX é a mesma realizada memoravelmente pela atual geografia crítica marxista, pois parte dos mesmos princípios fundadores da desigualdade no campo, como sendo originados da propriedade privada e da sujeição da renda da terra ao capitalista. Nesta perspectiva, Martins (1983, p. 166) mensura a importância do controle da terra pela propriedade privada do capitalista, para explorar a mais-valia do trabalhador, mas também destaca a distinção entre terra e capital e o controle de sua renda.

Esse é o motivo pelo qual quando o capitalista compra a terra não é porque esteja, como um senhor feudal, interessado na terra em si: o que ele efetivamente compra é a renda da terra, o direito de se assenhorear de uma parte da mais-valia social. Nesse sentido, a terra também é diferente do capital. Mesmo que o proprietário não ponha a sua terra para trabalhar, ainda assim ela lhe dará direito de se apropriar de uma parte da riqueza socialmente produzida.

A riqueza é socialmente produzida pelo controle da renda da terra, por sua vez garantida pelo monopólio de classe sobre a terra e os mecanismos de exploração dos trabalhadores. Nesse momento, Martins atinge o ponto crucial que promove a exploração do trabalhador ao destacar a usurpação do trabalho autônomo ao trabalho do capital, alimentador do proprietário. A questão central colocada por Martins converge sobre a captura da liberdade do trabalhador e de sua autonomia e da falta de terra para sociabilizar-se, culminando nos três pilares da autonomia campesina: homem/mulher, terra, liberdade.

O monopólio de classe sobre a terra e monopólio de classe sobre o capital - as ferramentas, as matérias-primas, o dinheiro dos salários - são imprescindíveis no capitalismo para subjugar o trabalho dos trabalhadores, para fazer com que estes trabalhem para o capital, para que a sua capacidade de produzir mais riqueza do que aquela de que necessitam para sobreviver apareça como se fosse uma virtude da propriedade da terra e do capital (MARTINS, 1983, p. 165).

A terra não pode ser confundida com o capital; não pode ser analisada em suas consequências sociais, econômicas e políticas como se fosse capital igual àquele representado pelos outros meios de produção. Nesse sentido, ocorre em relação à terra o mesmo que ocorre com o trabalho. Este também não é produto do próprio trabalho, não contém valor. No entanto, o capital, monopolizando os meios de produção, impede que o trabalhador trabalhe por sua conta; só lhe resta trabalhar para o capital (MARTINS, 1983, p. 160).

Nesse rigoroso movimento que separa o trabalhador dos meios de produção, e controla-se a renda da terra pela exploração do trabalho e domínio dos meios de produção, limita-se o sentido existencial dos indivíduos às ingerências acumulativas dos capitalistas. O ser humano sem terra não tem liberdade. A luta pela terra é

essencialmente a luta pela liberdade e pela autonomia, e seu sentido de existir, permanecer, vivenciar a terra é definido pela conquista das liberdades e do bem-estar social.

A liberdade como sentido existencial

O espírito de liberdade é um sentimento profundo dentro de cada indivíduo que sempre quer ecoar gritos que estremecem o sentimento de autoridade. Os indivíduos nascem pela liberdade, mas estão vulneráveis aos constantes mecanismos de exploração, opressão, controle e sujeição. Por isso, aqueles que se impõem sobre os *espíritos livres* agem diretamente nas suas capacidades de serem insubmissos, aprisionam seus desejos e usurpam suas forças vitais no devir da felicidade plena. Por isso, a liberdade é o sentido existencial de cada ser.

A liberdade, assim como a humanidade da qual ela é mais pura expressão, não está absolutamente no começo, está no último termo da história. A sociedade humana, como dissemos, começa por sua bestialidade. Os homens naturais e selvagens reconhecem tão pouco seu caráter humano e seu direito natural que eles começam por entredevorar-se e, infelizmente ainda hoje, não cessaram de matar-se mutuamente. O segundo período no desenvolvimento histórico da sociedade humana é aquele da escravidão. O terceiro, no meio do qual vivemos, o da exploração econômica ou do salariado. O quarto período, aquele ao qual tendemos, e ao qual menos devemos esperar, buscamos, é o da *justiça*, da liberdade na igualdade ou da mutualidade (BAKUNIN, 2009, p. 77).

Um sentimento de sociabilidade profunda, de ajuda mútua e de luta contra o poder daqueles que oprimem suas vontades na intenção de limitar a vivência em uma geofricidade harmoniosa, recai sobre o sentido ontológico do homem/mulher, enquanto indivíduo que quer ter terra e ser livre, pois “o homem livre, que, de plena vontade, une sua força àquela de outros homens, agindo por sua própria vontade, é o único a ter o direito de desaprovar os erros ou os danos dos pretensos companheiros. Ele só poderia ser responsável por ele mesmo” (RECLUS, 2002, p. 88).

A liberdade, esse poderoso conceito que recai sobre a vida de todos os seres é também uma categoria de investigação científica, e a geografia como um todo pode melhor torná-la como uma categoria de análise que dê subsídios a investigações sobre o sentido do ser social na luta pela autogestão do território. Dardel (1952, p. 130), baseado na epistemologia existencialista, diz que “la géographie présuppose et consacre

une liberte. L'existence, en choisissant sa géographie, exprime soulvent le plus profond d'elle même.”¹¹⁸

É preciso que esse valor humano torne-se cada vez mais um parâmetro de interpretação dos impulsos e destinos da conflitualidade agrária e urbana, e que sirva para avaliar o sentido existencial das territorialidades de resistência camponesa e operária frente ao oceano de forças do capitalismo global, que se mantém através de abissais valores financeiristas.

Por isso a noção universalizante de liberdade trazida por Bakunin (1975), que a coloca como valor essencial do indivíduo escalonado a toda a humanidade, é salutar para se pensar a necessidade de sua presença nos estudos acadêmicos, pois está sempre viva nas práticas sociais revolucionárias.

Só serei verdadeiramente livre quando todos os seres humanos que me cercam, homens e mulheres forem igualmente livres [...] de modo que quanto mais numerosos forem os homens livres que me rodeiam e quanto mais profunda e maior for a sua liberdade, tanto mais vasta, mais profunda e maior será a minha liberdade [...]. Eu só posso considerar-me completamente livre quando a minha liberdade ou, o que é a mesma coisa quando a minha dignidade de homem, o meu direito humano refletidos pela consciência igualmente livre de todos, me forem confirmado pelo assentimento de toda a gente. A minha liberdade pessoal, assim confirmada pela liberdade de todos, estende-se até ao infinito (BAKUNIN, 1975, p. 22 – 23).

Prosseguindo com a reflexão sobre a liberdade enquanto valor universal, em outra ocasião Bakunin (2009, p. 74) nos traz a perspectiva da liberdade conjunta à solidariedade enquanto leis humanas, evidenciando que “a solidariedade social é a primeira lei humana; a liberdade, a segunda. Essas duas leis, penetrando-se mutuamente, e inseparável uma da outra, constituem toda a humanidade. A liberdade não é a negação da solidariedade, ela é seu desenvolvimento e, por assim dizer, sua humanização”. Dessa forma Bakunin foi um dos poucos pensadores e militantes da luta pela liberdade que dedicou ampla atenção a esse conceito. Para ele, a liberdade permeava todos os sentidos das relações sociais, como também o valor da solidariedade, tratado por Kropotkin (2009) ao discutir a lei da ajuda mútua.

A liberdade na perspectiva reclusiana deve ser a constante busca dos homens e mulheres ao vivenciarem suas experiências de geograficidade, ligada ao sentido de uso e de presença na terra, pois segundo a argumentação de Reclus (2011b, p. 81 e 82), se o camponês “portanto amas o solo e o cultivas, é a ti que pertencem as colheitas” e

¹¹⁸ “a geografia pressupõe e consagra uma liberdade. A existência, escolhendo sua geografia, exprime amiúde o mais profundo de si”.

“nenhum amor é mais forte que aquele do camponês pelo solo que ele revolve e semeia, no qual nasceu e ao qual retornará”.

Nessa perspectiva, se congregam ação humana, sustentada pelo valor de uso da terra enquanto fundamento existencial da experiência social, e pela resistência política por autonomia e autogestão, em busca da liberdade como valor ético universal de mutualidade e de equilíbrio socioambiental, culminando na geograficidade libertária de vivenciar e tornar-se próprio o território.

Ainda, faz-se necessário recorrer, novamente, à Dardel (1952, p. 124), com o intuito de demonstrar o quanto a tríade *homem-terra-liberdade* nele está integrada, sendo a Terra o lugar que nutre a existência dos humanos, que, da sua condição de *seres condenados à liberdade* (SARTRE, 2007) estes a tomam como impulso do existir, por serem agentes de criação, e de se realizarem intermediados pelas experiências de mundo e de seus modos de experiência vivida:

Car l’homme est “plus qu’il n’apparaît à une science dont il est l’objet”; il est sujet, capable de liberté, de projets neufs et d’entreprises imprévisibles. Il faut donc comprendre la géographie, non comme le cadre fermé où les hommes se laissent observer tels des insectes dans un vivarium, mais comme le moyen par lequel l’homme réalise son existence, en tant que la Terre est une possibilité essentielle de son destin.¹¹⁹

E essa é uma das principais missões da geograficidade existencial de Dardel (1952), demarcar o papel da experiência do/no mundo, tarefa responsabilizada pelo saber geográfico, que não deve restringir somente a conhecer os quadros distintivos da superfície terrestre, mas é importante que ela deva ser compreendida como um meio na qual a mulher e o homem possam realizar sua existência, experienciando e praticando essa *geograficidade original*, conforme a define, de seu destino no mundo entre os seres e a sociedade.

4.2 A geograficidade libertária como prática espacial dissidente

Esta concepção de geograficidade congrega a abordagem do *modo de ser do geográfico*, ou a especificidade do seu olhar, trazida introdutoriamente por Michotte (1922); e a abordagem existencial, do *geográfico como fundamento da existência*

¹¹⁹ Pois o homem é “mais do que ele parece a uma ciência na qual ele é o objeto”; ele é sujeito, capaz de liberdade, de novos projetos e de empreendimentos imprevisíveis. É preciso, pois, compreender a geografia, não como um ambiente fechado onde os homens se deixam observar tais insetos em um viveiro, mas como o meio para o qual o homem realiza sua existência, à medida que a Terra é como uma possibilidade essencial de seu destino.

humana, inaugurada por Dardel (1952). Isso ocorre em virtude de ter colocado em debate que o pensamento geográfico de Reclus reflexionou os fundamentos dessas duas geografidades. Por sua vez, na base da geografidade reclusiana ainda reside uma outra abordagem de geografidade: a abordagem libertária. Muito mais abrangente por agregar os dois sentidos primordiais deste campo do saber, ela promove a reflexão acerca do geográfico como experiência e prática espacial.

Desse modo, a geografidade libertária de Élisée Reclus é uma prática espacial de engajamento dissidente. A geografidade concebida “comme mode de l’existence de l’homme sur la Terre, peut permettre de renouer, en les renouvelant, avec des modèles anciens”¹²⁰ (RAFFESTIN, 1989, p. 26), é uma perspectiva que abarca tanto a noção de experiência, quanto a de prática espacial, pois é tida como promoção da existência no espaço e como reenlace com as experiências do passado.

Nesse jogo causal entre experiência e prática Raffestin (1989, p. 29) defende que “la géographicité est un mod le d’action, donc de pratiques et de connaissances, qui s’enracine dans un mod le de connaissance qui est l’historicit .”¹²¹ Ou seja, o destino dessas a es e práticas espaciais é o modelo de conhecimento historicizado, convertido em movimento de identifica o e de transforma o das condi es sociais no espaço. Nesta concep o está fortificada ampla ponte que religa o saber geográfico às experiências e identidades legadas do passado e às práticas e a es motivadas no devir.

Ao se tratar de a o e prática espacial remete-se ao paradigma dialético da matriz materialista histórica, pois nesta matriz, reside a ruptura com o paradigma da causalidade e da percep o empírica trazida pelo positivismo lógico. Nesse paradigma, segundo identifica Sposito (2001, 2004), a concep o de ciência além de ser baseada na causalidade e no empirismo, conforme já foi dito, ela utiliza como meio de exposi o a linguagem matemática, demasiadamente tomada pela acriticidade do investigador ou dos resultados das pesquisas. No plano gnosiológico, as características são a objetividade como processo cognitivo centralizado no objeto, analisado segundo as leis do raciocínio lógico-dedutivo. A história é somente um auxílio sincr nico e linear do esforço científico do método positivo. No plano ontológico, a concep o da realidade parte de uma visão fixista e funcional, e “a natureza emerge como algo separado do Homem e com estatuto próprio, dando a ele, o status quo de entidade autônoma” (SPOSITO, 2001, p. 102).

¹²⁰ “como modo da existência do homem sobre a Terra, pode ajudar a reconectar, os renovando, com os modelos antigos”

¹²¹ “a geografidade é um modelo de a o, como também, de práticas e de conhecimentos, que se enraízam em um modelo de conhecimento que é a historicidade.”

Neste ponto, nota-se o quanto a concepção holística de Reclus, que avalia a relação entre homem/mulher-terra-liberdade enquanto entes intimamente integrados direcionam-se mais ao paradigma materialista, que por sua vez é mais geográfico do que histórico. De outro modo, na geograficidade reclusiana obtém-se a prática espacial enquanto visão móvel da realidade, por isso historicizada pelos entes sociais, rompendo com a linearidade e a sincronia da história, mediante o olhar positivista. Contrariamente, Reclus enfatiza o elogio à complexidade e diversidade dos fatos históricos como condição inerente à geograficidade dos fatos.

A geograficidade libertária, epistemologicamente é dotada da concepção de causalidade como inter-relação entre os fenômenos, fundamentada na lógica do movimento em espiral e da transformação da matéria, pelo método dialético, que explicita a dinâmica das contradições internas dos fenômenos, segundo coloca Sposito (2001), ao destacar as características da matriz materialista histórica e dialética do pensamento. No plano gnosiológico, ainda segundo Sposito (2001), é demarcada as características de concreticidade, em que o processo cognitivo está centrado na relação dialética e dinâmica entre sujeito e objeto.

Ontologicamente, concebe-se a realidade (homem, sujeito, objeto, ciência, construção lógica) numa visão dinâmica e conflitiva, por causa das categorias materialistas de conflito e de movimento do ser social. A Natureza e a Sociedade são concebidas como partes de um mesmo movimento, sendo o Homem compreendido enquanto elemento da sociedade e não apenas enquanto indivíduo (SPOSITO, 2001, p. 103).

O traço primordial da dissidência no pensamento geográfico compreende a relação entre sociedade e natureza como entes integrados, e a realidade como uma construção dinâmica e conflitiva, em que os indivíduos e a sociedade produzem e reproduzem relações socioespaciais. Nesse caso, o papel do geógrafo engajado, que compreende a realidade pelas contradições de classes, é completamente diferente daqueles que se ausentam de conceber as relações de conflitualidade, no sentido dado por Fernandes (2008), da sociedade como movimentação social da produção do espaço e constituição dos territórios. Mesmo discutindo uma política na geografia, através da geopolítica, ela é de Estado, ou vinculada aos interesses de controle e poder dominantes. Na dissidência a geografia política é voltada para a autonomia dos grupos e movimentos sociais, sua geopolítica é libertária, porque ela é engajada na transformação das relações sociais de produção e reprodução do espaço.

Tomando como exemplo posicionamento dissidente acerca do espaço geográfico, é o caso do texto de 1899, denominado de *A meu irmão camponês*, de Reclus (2011b), em que é destacado o papel da terra como elo fundamental para a resistência dos homens a caminho de uma consciência comunitária e solidária, onde, somente a luta por ela, a organização do espaço em confederações libertárias e o posicionamento dissidente quanto àqueles que dela exploram o trabalho humano, trarão *os frutos felizes de uma existência autônoma*. Na página 91, por exemplo, ocorre a defesa explícita do enfrentamento revolucionário e da tomada da terra pelos camponeses, como também, é anunciada a necessidade das organizações mutualistas de base configurarem o espaço em comunas e federações autônomas, pela perspectiva anarquista.

Por sua vez, a epistemologia fortemente presente nos estudos da luta pela terra está vinculada à corrente materialista histórica, sustentada no método dialético. Seus estudos, tendo como base a doutrina do marxismo e ainda muito timidamente o comunismo anarquista, direcionam-se a entender às problemáticas que geram as desigualdades no campo, avaliando assim os processos centrais do desenvolvimento material da sociedade camponesa em busca da equidade social, que por sua vez, essas desigualdades são alimentadas por processos históricos contíguos de concentração da renda, da terra e do poder, culminando na luta de classes que disputam diferentes modalidades de controle do território e uso do espaço agrário.

Segundo Martins (1983, p. 176), “um passo para superar as ilusões positivistas de que a terra representa um modo de produção e o capital outro, ou de que a terra e o capital são a mesma coisa no capitalismo, foi dado pela incorporação das formulações de Marx sobre a sujeição do trabalho ao capital.” Nesse sentido, “onde o capital não pode tornar-se proprietário real da terra para extrair juntos o lucro e a renda, ele se assegura o direito de extrair a renda. Ele não opera no sentido de separar o proprietário e o capitalista, mas no sentido de juntá-los”.

A situação de conflitualidade de luta pela terra entre as classes proprietárias dominantes e as camponesas trabalhadoras evidencia a questão agrária como centralidade das relações sociais de reprodução do capital, que em sua essência contraditória produz riqueza concentrada para a classe dominante beneficiária, sob a égide do Estado, através da exploração do trabalhador camponês, peça fundamental na produção de riqueza e miséria do mecanismo capitalista do campo. Conforme destaca Oliveira (1997, p. 18) “o desenvolvimento capitalista se faz movido pelas suas contradições. Ele é, portanto, em si, contraditório e desigual. Isto significa que para seu

desenvolvimento ser possível, ele tem que desenvolver aqueles aspectos aparentemente contraditórios a si mesmo”.

Dessa forma, o método dialético dá suporte para estudos que evidenciam a luta de classes como sentido motriz da história e da geografia, convertida por sua vez, em movimento constante de transformação das relações sociais desiguais, por estar pautada no espectro da conflitualidade da “questão agrária, [que] nasceu da contradição estrutural do capitalismo que produz simultaneamente a concentração da riqueza e a expansão da pobreza e da miséria. Essa desigualdade é resultado de um conjunto de fatores políticos e econômicos” (FERNANDES, 2008, p. 4). “Por essa razão, a questão agrária gera continuamente conflitualidade. Porque é movimento de destruição e recriação de relações sociais: de territorialização, desterritorialização e reterritorialização do capital e do campesinato” (FERNANDES, 2008, p. 5).

É de suma importância que o debate sobre a luta pela terra, encaminhado pela geografia do campo, incorpore em seu contundente e qualificado discurso crítico, salutar contestações ao modelo de organização trabalhadora do campo sob os moldes da centralização democrática, da sujeição ao Estado provedor, com suas políticas públicas arregimentadoras das forças criativas e independentes do campesinato, e por sua vez, a sujeição de movimentos sociais de organização revolucionária a partidos políticos de qualquer espécie, ou seja, que visualize também o sentido ácrata presente no significado da terra, da mulher, do homem e do trabalho, conservando a riqueza de sua atuação dissidente e independente dos mecanismos de controle.

Por esse percurso radical libertário e dissidente Verges (2011) destaca o caráter distinto da classe campesina, se postando sempre nas periferias do modelo globalizador-centralizador, a caminho da autogestão do território, argumentando que “*hoy el proyecto campesino incluye la tierra como medio de trabajo pero también el control del territorio, la posesión colectiva de los recursos naturales, la autogestión política y la recreación de la economía moral, de la producción distribución justas y solidarias de los bienes* (VERGES, 2011, p. 21).

O anarquismo enquanto *episteme* que contribua efetivamente com o engajamento dissidente da luta pela terra ainda é pouco evidente, necessita de mais espaço, isso não significa o desconhecimento dos diversos e sérios trabalhos que estão sendo desenvolvidos recentemente. Por outro lado, vale ressaltar que no interior da geografia agrária existe o reconhecimento e, ainda, ela experimenta valores ácratas de prática de organização política territorial, como o confederalismo e as associações autonomistas, tomando como exemplo a palavra de ordem da Via Campesina:

“Globalizemos a luta. Globalizemos a esperança” (SOSA et. al., 2010, p. 8). Neste mesmo sentido vale a incorporação do debate ambiental-social do equilíbrio mulher-homem-natureza, camponesa-camponês-terra, trabalho-satisfação, entre outros, conforme sinaliza Stedile (2010, p. 14) sobre a missão da Via Campesina, que diz: “Para enfrentar tais desafios, o movimento camponês mundial deve buscar as respostas na sabedoria popular, organizando os conhecimentos que a humanidade tem acumulado ao longo dos séculos, para usá-los em cada bioma, em cada sistema da natureza onde os povos vivem”.

Seguindo a mesma lógica acima, o libertário Bookchin (1991), ao discutir acerca do que denominou de agricultura radical, enseja pioneiramente a noção tão em voga de agroecologia. Entretanto, mantém agregado ao discurso agroecológico a *episteme* anarquista advinda desde Reclus e de Kropotkin, que se baseou no uso equilibrado da terra realizado pelas sociedades tradicionais russas dentro do sistema da *obshina* e dos *mir*.

Un acercamiento instrumental actual que considera la producción de alimentos simplemente como una “técnica humana” en oposición a los “recursos naturales”. Este acercamiento radical es literalmente ecológico bien en sentido estricto: la tierra es considerada un *oikos*, un hogar. La tierra no es ni “recurso” ni “herramienta”, sino el *oikos* de millones de tipos de bacterias, hongos, insectos, lombrices y mamíferos pequeños. La caza deja este *oikos* fundamentalmente inalterable; la agricultura, en cambio, lo afecta profundamente y hace de la humanidad una parte integral del mismo. Los seres humanos ya o afectan al suelo de manera indirecta, intervienen en sus redes alimenticias y en sus ciclos bioquímicos de manera directa e inmediata (BOOKCHIN, 1991, p. 72).

Novamente segundo Reclus (2011b, p. 84) existe um condicionante primordial à luta do campesinato revolucionário, a união solidária em volta da causa e contra o inimigo identificado, pois “sozinho, demasiando só, o pequeno camponês cultivador é fraco em demasia para lutar simultaneamente contra a natureza avara e contra o opressor perverso”.

Assim, tomaremos a terra, sim, nós a tomaremos, mas daqueles que a detêm sem cultivá-la, para devolvê-la àqueles aos quais era proibido tocá-la. Todavia, não é para que eles possam, por sua vez, explorar outros infelizes. A medida da terra à qual o indivíduo, o grupo familiar ou a comunidade de amigos têm naturalmente direito é abarcada por seu trabalho individual ou coletivo. Quando um pedaço de terra ultrapassa a extensão do que podem cultivar, eles não têm nenhuma razão natural para reivindicar esse pedaço; seu uso pertence a outros trabalhadores (RECLUS, 2011b, p. 83).

Não somente no campo da luta pela terra, abarcada pela geografia agrária, que a perspectiva dissidente da geograficidade está presente. A geograficidade libertária de Reclus delineia diversos campos das lutas de engajamento político, como: a defesa do meio ambiente, da soberania alimentar, dos animais, das mulheres, das identidades regionais, dos trabalhadores urbanos, da moradia, da diversidade étnico-racial, e primordialmente, a defesa de um fraternalismo internacionalista libertário. Nesta modalidade de pensamento é motivada a geograficidade com o elo do libertário, por conservar os fundamentos dados à geografia das liberdades.

A orientação libertária de Reclus, longe de prestar-se às manipulações ideológico-científicas, é a garantia de uma independência, de um juízo crítico e de uma honestidade indispensável a toda pesquisa sincera. E ela vai muito mais longe do que o “possibilismo” clássico desenvolvido por certos geógrafos contra a corrente determinista, pois ela não ignora a existência de leis geográficas (PELLETIER, 2011a, p. 14).

E esta geografia das liberdades conserva elementos próprios que deram margem para a fundamentação das dissidências no interior deste campo de estudo. Inicialmente, por trazer da tradição anarquista clássica a inseparabilidade entre conhecimento teórico e prática política, no caso da geografia, prática espacial dissidente. “Há, assim, uma dupla inspiração anarquista em geografia: a do movimento social e a dos teóricos” (CREAGH, 2011, p. 23).

E o Maio de 68 inventa uma geografia imaginária: “sob os paralelepípedos, a praia”! A ação direta, que não é simplesmente simbólica, mas luta contra a dominação sob todas as suas formas, traduz-se sobre o território. É nos próprios terrenos que militantes arrancam os transgênicos; nas fábricas ocupadas que os trabalhadores lembram a todos que eles não são um custo social mas uma fonte; nas ruas que os ciclistas holandeses fazem evidenciar-se os múltiplos custos da circulação automotiva. É por exemplos tomados na geografia que os anarquistas mostram como podem funcionar, em um plano internacional, instituições autônomas (CREAGH, 2011, p. 24).

Uma geograficidade libertária aposta na prática espacial se utilizando das técnicas de ação direta para transformar as condições de dominação e de poder nos territórios. Portanto, ela é uma geografia dos poderes, que repensa as relações de dominação pelas relações de autogestão. “Uma geografia da dissidência recoloca em evidência as grandes destruições organizadas pelo poder” (CREAGH, 2011, p. 25).

Vemos, assim, Reclus tratar de suas diversas formas: dominação do homem sobre a natureza, sobre a mulher, sobre a criança, aquela do Estado e dos aparelhos políticos, dominação colonial. E ele as retraça no espaço: lembremos de seus mapas que indicam os locais de presença das tropas britânicas na Índia,

convite a saber aonde dirigir-se chegado o dia das grandes revoltas... (CREAGH, 2011, p. 25).

Este é o posicionamento do geógrafo libertário, pois considera seus procedimentos teóricos delineados por duas abordagens: “um interesse sem apriorismo para as diferentes formações sociais, e um estudo das condições de uma relação harmoniosa dessas populações em sua relação recíproca com seu meio ecológico” (CREAGH, 2011, p. 28). Caracterizados por essas abordagens, Reclus, Kropotkin e Metchnikoff constituíram uma herança, embora não evidente nas academias dominantes, mas explicitamente viva nas lutas e nas práticas espaciais, que ressoou fecundamente sobre a tradição heterodoxa do pensamento urbano. “Podemos retrair uma rede que vai de Patrick Geddes aos americanos Lewis Mumford, Paul Goodman, Ebenezer Howard, o inventor da cidade-jardim, e Jane Jacobs, ou, ainda hoje, James C. Scott, da Universidade de Yale” (CREAGH, 2011, p. 29). Por outro lado, fora do campo dos estudos urbanos, a influência do pensamento geográfico libertário clássico ressoou significativamente a outros dois movimentos: a Internacional Situacionista, introduzido por Guy Debord; e o movimento da ecologia social libertária, sustentado em Gary Snyder, entre outros.

Desse modo, a característica distintiva da geografia libertária presente nos escritos de Reclus, Kropotkin e Metchnikoff é seu caráter dissidente, que ressoa atualmente no recente paradigma das dissidências geográficas expressas pela geografia do final do século XX e início do XXI, abordagem que será retomada no capítulo 06, item 6.5: *Discurso Geográfico da Dissidência*.

No esforço de síntese foi desenvolvido o quadro 25 com o intuito de pontuar as principais características da geograficidade libertária em Élisée Reclus, os seus projetos de geografia e sua relação com a abordagem metodológica, configurando-se no que buscou definir como geografia socioambiental libertária.

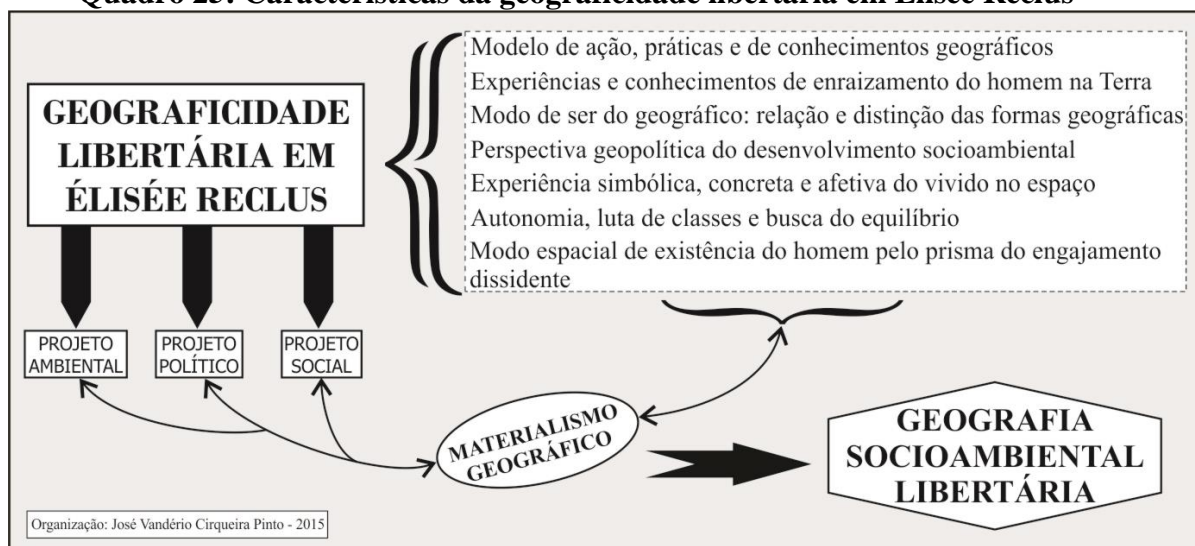
Esta geograficidade é vista pelos dois parâmetros oficiais do termo: o primeiro, dado por Michotte (1922), como modo de ser do geográfico, no seu trabalho de relação e distinção das formas espaciais (paradigma corológico); e o segundo, introduzido por Dardel (1952), em que enseja as experiências e conhecimentos de enraizamento dos homens sobre a Terra (paradigma existencialista).

Acrescidas a essas duas contribuições, a geograficidade de Reclus é libertária, por isso, ela é vista como uma experiência e prática espacial de engajamento dissidente, como coloca Lacoste (1981, 1990, 2005), pois é um modelo de ação e de práticas do

conhecimento geográfico, sustentada pelos três parâmetros fundamentais: a luta de classe, a autonomia e a busca do equilíbrio (paradigma anarquista).

Por ser um modo espacial da existência dos indivíduos e por ser dotada da condição de geopolítica do desenvolvimento socioambiental, além de ser uma experiência simbólica, concreta e afetiva do espaço vivido, esta geograficidade é concebida por três projetos teóricos de escrita: o projeto de geografia ambiental, vinculado à obra *La Terre*; o projeto de geografia política, vinculada a obra *Nouvelle Géographie Universelle*; e o projeto de geografia social, vinculado à obra *L'Homme et la Terre*. Esse conjunto de características, congregados a estes amplos projetos de produção teórica, intermediados pelo método de abordagem materialista geográfico, culminam na síntese da geografia socioambiental libertária.

Quadro 25: Características da geograficidade libertária em Élisée Reclus



Se essa geograficidade é colocada enquanto uma prática espacial dissidente então ela está fundamenta nos parâmetros metodológicos da dialética, por avaliar a luta de classes e as contradições inerentes às relações sociais de uso, apropriação e transformação do espaço como elementos mobilizadores do engajamento radical. Apesar de ser conduzida pelo método dialético, esta concepção de materialismo é muito mais geográfica do que histórica, muito embora Reclus seja profundamente contrário a dualidade tempo-espaço, história-geografia no interior de sua obra geográfica.

Entretanto, o que se verifica, é que a obra geográfica reclusiana é um profundo elogio à geograficidade dos fatos. Toda sua abordagem está calcada pela superfície geográfica do saber, na qual, o geográfico e todas suas categorias de análise, são o centro de todas as explicações dos fenômenos integrantes da sua narrativa de mundo.

Tempo, história, sociedade e cultura são utilizadas como importantes suportes para as explicações do geográfico, mas este último é o fundamento das contradições das relações materiais da sociedade.

As ciências humanas, inclusive a geografia, aperfeiçoaram a noção marxista de materialismo histórico e dialético para seus respectivos campos de estudo, sobrepondo, assim, outras abordagens ou abordagens mais específicas de materialismo, acompanhando o movimento monológico e sobrepujante realizado pelo marxismo ortodoxo desta noção, que, contraditoriamente, evoca as relações mobilizadoras do caráter sócio-material da realidade.

Tão grave é o equívoco de limitar a obra geográfica de Reclus ao método hipotético-dedutivo como o de vincular seu materialismo ao crivo histórico economicista advindo do marxismo estruturalista. Reclus vai buscar seu materialismo dialético na mesma fonte que Marx se deleitou: no atomismo democriteano. Por sua vez, Marx traçou o percurso crítico construtivo da dialética pelo viés platônico, levado até Kant e principalmente Hegel, em que, no profundo embate de suas ideias, concebeu seu sistema científico de materialismo histórico e dialético. Por outro lado, essa narrativa canônica da dialética subestima outros caminhos que esta pode ter tomado.

Pouco se reflete acerca do percurso que a dialética fez de Demócrito a Lucrécio e a Epicuro, profundos críticos e absortos à apropriação idealista socrático-platônica. Esta dialética subterrânea ressoou aos ouvidos dos libertinos barrocos e dos materialistas franceses dos séculos XVI e XVII, como um eco de desdivinização da natureza e da ressignificação do projeto mais incandescente das luzes, atrelando aos nomes de Meslier, La Mettrie e muitos outros, como fonte de reflexão insubmissa da realidade. Esse percurso foi calçado para receber as agitações das movimentações sociais do final do século XVIII e início do século XIX, aportando no ideário libertário de materialismo de um Fourier e de um Proudhon, por exemplo.

Dessa fonte, e muitas outras espalhadas nesse longo percurso subterrâneo, que os anarquistas irão tirar suas fundamentações para as práticas dissidentes. No caso específico de Reclus, este dá pistas de que se baseou muito em Espinoza, Montaigne, Descartes, Lineu entre outros, para refletir sobre a natureza e seus processos dinâmicos, como também, predominantemente nas reflexões de Fourier, Saint-Simon e Proudhon para interpretar os processos dialéticos da realidade. E é justamente sobre a noção de natureza e da natureza do geográfico que as recentes reflexões da dialética deixam a desejar, não aprimorando esse debate, por ainda relacionar natureza e espaço, grosso modo, ao paradigma do materialismo positivista, conforme demonstra Lefebvre (1991),

por ele ainda conservar certo mecanicismo e evolucionismo, ou noções ainda metafísicas.

Esta perspectiva não conseguiu ainda distinguir o materialismo cientificista ou positivista do materialismo dialético advindo do socialismo originário, sobrepondo todo seu legado por acompanhar, ingenuamente, a taxaço desclassificatória realizada por Marx ao limitar o pensamento de Owen, Saint-Simon, Fourier e Proudhon como “socialismo utópico”, inferior ao recente “socialismo científico”, além de construir a ideia de que todo o legado neo-hegeliano é superado e desnecessário, mesmo sabendo que o materialismo marxista só foi possível pelas composições de Feuerbach e Proudhon, e até mesmo, em menor grau, do *satanizado* Stirner, segundo apontam Lévy e Laska (2013) e Souza (1993). A superação de um pensamento não significa que este em todo seu conteúdo é inválido, principalmente sabendo que estas posições de combate dos territórios imateriais indesejados eram, em sua maioria, atuações mais político-territoriais do que simplesmente científicas, em nome do desenvolvimento do saber.

Foram necessárias diversas interpretações, críticas e construções do pensamento marxista para superar esses equívocos quanto à abordagem do materialismo histórico e dialético, que por sua vez, foi sendo construído a partir de diversos percalços tortuosos, de embates e combates dos territórios imateriais do saber, conforme é evidente a partir do delineamento evocado por Gramsci (1978).

Por sua vez, Lefebvre (1971) realizou enorme trabalho para buscar esclarecer e funcionalizar a abordagem materialista histórica e dialética como uma teoria única. Além disso, as pesquisas de Lefebvre (1973, 1986) levaram os geógrafos a refletirem sobre seu objeto de estudo, contribuindo decisivamente com os estudos da dialética na geografia e aprofundando o debate sobre o espaço, com os avanços acerca da reflexão deste conceito no saber geográfico. No esforço de síntese sobre o materialismo histórico apresentado na *Ideologia Alemã*, por Marx e Engels (1974), Lefebvre (1971, p. 78) destaca que:

La concepción materialista de la historia consiste, partiendo de la producción material de la vida inmediata, en desarrollar el proceso real, en concebir la forma de las relaciones ligadas con el modo de producción y creadas por él (la sociedad civil en sus diferentes grados) como base de la historia; en expresarla en su acción como Estado; en explicar a partir de ella los productos y formas de la consciencia, la religión, la filosofía, la moral, etc... el médío forma a los hombres y los hombres formam el médío.

Ao discutir sobre a produção da consciência, Marx e Engels concebem a via de mão dupla da relação entre homem e meio. É desta perspectiva que Lefebvre (1971, p.

110 – 111) se baseia para alimentar o debate espacial na teoria social crítica de ordenamento marxista, tendo como chave dessa empreitada a unidade desta teoria social: o materialismo histórico e dialético.

La dialéctica materialista confiere expresamente la primacía al contenido. La primacía del contenido sobre la forma no es entonces más que una definición del materialismo; [...] La dialéctica materialista es un análisis del movimiento de este contenido, y una reconstrucción del movimiento total. Es así un método de análisis para cada grado y para cada totalidad concreta, para cada situación histórica original.

Por sua vez, apesar de acompanharem a evolução da reflexão metodológica dentro do socialismo na busca de uma cientificidade da teoria revolucionária dos trabalhadores, Reclus e Kropotkin rejeitaram a ideia de se construírem leis universais para a prática comunista. Preferiram assim, aderirem à reflexão comunista da realidade, aceitando as contribuições marxistas, mas também, de todos os outros socialismos precedentes e contemporâneos a eles, além de buscarem leis mais vinculadas ao debate da natureza, que havia perdido espaço diante da teoria social historicista do marxismo.

Segundo sinaliza Ferretti (2013b), já que no século XIX a ciência tinha vencido os dogmas religiosos no âmbito das ciências naturais, a anarquia estava destinada para fazer o mesmo nas ciências sociais. Então, a anarquia é considerada como uma ciência, com ambiciosas finalidades heurísticas, pois, se a ciência é uma luta, então a anarquia é sua frente mais adiantada; aqui a originalidade dos geógrafos anarquistas está no fato que a aplicação à sociedade dos princípios da ajuda mútua, por exemplo, não implica uma ruptura entre biologia e sociologia, mas ao contrário, a conexão delas.

Tal filosofia anarquista, no seu método inspirado nas ciências naturais, recusa o princípio da dialética, afirma Ferretti (2013), não somente aquela de Hegel, mas também a de Marx, considerando-a uma abstração metafísica. Este debate foi complementado por Rocker (1956) e por Leval (1967).

Entretanto, é importante destacar que o debate sobre as filosofias do anarquismo não deve ser limitado às concepções reclusianas e kropotkinianas, por serem filosofias múltiplas, tomando como base os trabalhos de Grave (1893), de Malato (1897), de Eltzbacher (1902) e de Naquet (1894), e que o mesmo ainda está em ampla reconstrução, como exemplo dos trabalhos de Newman (2005, 2008, 2012), Errandonea (2011), de Read (2012), e de Avelino (2012).

A preocupação de Reclus sobre o socialismo e com suas teorias científicas era evitar o que ele chamou de *religião do verbo*, atitude que inundaria as modalidades de

prática social revolucionária. Outra preocupação era a profunda separação entre o debate da natureza e da sociedade, por isso o materialismo deveria estar pautado também no sentido geográfico dos fatos, não somente histórico. Um materialismo geográfico está sugestionado à prática espacial e ao engajamento político dissidente, a caminho do equilíbrio entre mulher, homem e meio, na busca de uma sociedade internacionalista e solidária.

Vale lembrar que a noção de materialismo geográfico aparece rapidamente tecida na obra de Harvey (1992) e de Soja (1993), no ano de 1989. Harvey (1992, p. 321) argumenta que o materialismo histórico finalmente começa a levar a sério a sua geografia, fundindo os dois campos do saber.

O materialismo histórico-geográfico é um modo de pesquisa aberto e dialético, em vez de um corpo fixo e fechado de compreensões. A metateoria não é uma afirmação de verdade total, e sim, uma tentativa de chegar a um acordo com as verdades históricas e geográficas que caracterizam o capitalismo, tanto em geral como em sua fase presente.

Por sua vez, Soja (1993, p. 58) enfoca a necessidade da inclusão da geografia no materialismo histórico, funcionando como reafirmação da teoria social crítica, por se fazer melhor eficazmente para a compreensão do mundo contemporâneo, em virtude de somente a abordagem histórica não mais ser capaz.

O Materialismo Histórico-geográfico é muito mais do que um levantamento de resultados empíricos através do espaço ou do que a descrição das restrições e limitações espaciais da ação social ao longo do tempo. É uma convocação irresistível para uma reformulação radical da Teoria Social Crítica como um todo, do marxismo ocidental em particular, e das muitas maneiras diferentes como encaramos, conceituamos e interpretamos não apenas o espaço em si, mas toda a gama de relações fundamentais entre o espaço, o tempo e o ser social, em todos os níveis de abstração.

No seu materialismo histórico-geográfico Reclus busca cada vez mais a ênfase na relação de equilíbrio entre os homens e o meio, entre a sociedade e a natureza, entre geografia e história e entre tempo e espaço. Mas segundo destaca Creagh (2011, p. 26) o espaço é uma categoria mais central, mais importante e, por isso, primordial para o entendimento da geograficidade libertária reclusiana, vista como uma prática.

Uma perspectiva anarquista inscreve o espaço no tempo, mas dá a primazia ao espaço, pois ela considera a história como uma ficção, uma simulação [...]. o tempo é uma criação social, vítima dos preconceitos dominantes; em nossos dias, ele se reduz à acumulação do capital. O espaço – e por essa palavra devemos entender todo o meio-ambiente – é bem mais complexo, pois introduz fatores não-humanos. Ele imbrica a alteridade, as diferenças, as

individualizações. Não é, portanto, sem precaução que Élisée Reclus mescla o espaço ao tempo. Seu anarquismo geográfico escapa em parte à ideologia da história inspirando-lhe novas visões do passado, presente e do futuro; [...] Essas perspectivas libertárias distinguem-se, portanto, da abordagem marxista, que se apoia essencialmente no materialismo histórico.

Segundo Pelletier (2011b), Reclus irá buscar as fontes para ao seu entendimento de dialética nas concepções do filósofo napolitano Gian-Battista Vico, sua dialética do *corsi e ricorsi*, e nas composições teóricas presentes em Proudhon, e na herança mais distante, porém muito marcada, do pensamento de Spinoza. Essas características, de certa forma, diferenciam a reflexão reclusiana do fatalismo mecanicista e até um pouco determinista geográfico presente em Kropotkin. Contrariando esta perspectiva,

Reclus applique cette dialectique de progrès et de régrès aussi bien à l'évolution des civilisations, notamment dans leur rapport avec de milieu dont la dégradation (dessiccation, déforestation) peut conduire à leur ruine, qu'à la théorie politique, où l'évolution est inséparable de la révolution, la révolution elle-même n'étant pas exemple de brutaux retours en arrière¹²² (PELLETIER, 2011b, p. 5).

Ainda segundo Pelletier (2011b, p. 13), este argumenta que a negação reclusiana do marxismo se dá baseada no excessivo historicismo linear presente nesta teoria totalizante, que via na sucessão fatal dos modos de produção certo determinismo histórico, enquanto que para o geógrafo anarquista era necessário imaginar uma política social que pudesse propor alternativas, pois para ele, “l’anarchisme place la liberté et la critique du pouvoir au coeur de sa philosophie, de son éthique et de sa pratique”.

L'analyse géographique permet de démasquer cette fiction en décrivant la réalité spatiale des exploitations (division socio-spatiale du travail), des dominations (division en États-nations et en empires), des oppressions (lieux de pouvoir coercitif, marginalisation des minorités, ghettos) et des aliénations (lieux de culte, lieux de la société marchande spectaculaire, lieux du sexisme). Une perspective anarchiste en géographie analyse, et dénonce, les formes spatiales du pouvoir, que celles-ci soient particulièrement coercitives ou visibles, ou moins. [...] Une perspective anarchiste de la géographie peut libérer celle-ci de ce carcan verticaliste et lui substituer une lecture horizontale du monde, démontant les systèmes hiérarchiques du pouvoir et valorisant les tentatives horizontales d'émancipation humaine dans l'espace¹²³ (PELLETIER, 2011b, p. 13).

¹²² Reclus aplica esta dialética do progresso e do regresso também à evolução das civilizações, particularmente em sua relação com o meio no qual a degradação (dessecação, desflorestamento) pode conduzir a sua ruína, que tem a teoria política, em que a evolução é inseparável da revolução, esta, em si, não é vista como exemplo brutal de retrocesso.

¹²³ “o ‘anarquismo situa a liberdade e a crítica do poder no coração de sua filosofia, de sua ética e de sua prática”. [...]

A análise geográfica permite desmascarar esta ficção descrevendo a realidade espacial das explorações (divisão socioespacial do trabalho), das dominações (divisão em Estados-nações e em impérios), das opressões (lugares de poder coercitivos, marginalização das minorias, guetos) e das alienações (lugares de

Em síntese, a geograficidade libertária em Reclus é socioambiental, em virtude de congregar as análises do projeto ambiental, político e social, pelo prisma ácrata. O resultado mais palpável desta geograficidade se deu na abordagem que Lacoste (2005) integrou de geopolítica, seguido da discussão acerca da escalaridade e do engajamento político da abordagem geográfica. Lacoste (1981, p. 30) sinaliza que em Reclus prevalece uma ampla concepção de geograficidade, porque “il parle des phénomènes de toutes sortes, par ailleurs classés comme géologiques, climatiques, économiques ou politiques, qui lui paraissent importants pour décrire et expliquer une situation géographique ou les principales caractéristiques d’un pays.”¹²⁴ Esta ampla geograficidade, engloba, conforme já foi dito, todas aquelas características anteriormente elencadas no quadro 24, em virtude de ter sido pioneira, juntamente com a de Vidal de la Blache (LACOSTE, 1979), ao buscarem construir uma geograficidade dos fatos.

Essa ampla noção de geograficidade está alinhada à síntese deste conceito dada por Besse (2009, p. 295), em que ela é tomada, primeiramente, como “l’expérience de la différence des lieux, de leur séparation et, surtout, elle est l’expérience de la relation dans l’écart, de l’unification dans la séparation.” No jogo da experiência da separação e relação dos lugares a geograficidade “s’agirait alors d’analyser les diverses formes prises par ces séparations et ces relations, dans l’histoire et à la surface de la terre.”¹²⁵

Na intensão de buscar tornar mais palpável esta ampla geograficidade libertária em Reclus, perpassando por suas diversas nuances ambiental, política e social, faz-se necessário conhecer mais de perto o caráter do conteúdo de suas três grandes obras, identificando fragmentos específicos que materializam, através do discurso do geógrafo libertário, a abordagem de sua geograficidade, que por ser uma experiência e prática do geográfico proporcionou rearticulações, debates e discussões, apesar da negligência, sobre os rumos da geografia contemporânea dissidente, que cada vez mais é concebida como herdeira do paradigma libertário reclusiano.

culto, ambientes da sociedade consumista espetaculosa, lugares de sexismo). Uma perspectiva anarquista em geografia analisa, e denuncia as formas espaciais de poder, aquelas que sejam particularmente coercitivas ou visíveis, ao menos. [...] Uma perspectiva anarquista da geografia pode liberar aqueles que se prendem verticalmente e os substituir por uma leitura horizontal de mundo, desmontando os sistemas hierárquicos do poder, valorizando as tentativas horizontais de emancipação humana no espaço.

¹²⁴ “ele fala dos fenômenos de todas as naturezas, outrora classificados como geológicos, climáticos, econômicos ou políticos, que lhe parecem importantes para descrever e explicar uma situação geográfica ou as principais características de uma região, área, lugar, território ou país.”

¹²⁵ “a experiência da diferença dos lugares, de sua separação e, sobretudo, ela é a experiência da relação no distanciamento, da unificação na separação.” [...] “se encarregaria então de analisar as diversas formas apreendidas por estas separações e estas relações, na história e na superfície da terra.”

CAPÍTULO 05

DA GEOGRAFICIDADE AMBIENTAL À GEOGRAFICIDADE SOCIAL

A ciência que busca não se restringir a um particular horizonte temático tem como premissa básica se portar enquanto campo do saber universalizante e útil à sociedade. É assim que Élisée Reclus via a geografia: uma ciência tópica, conforme a classificação de Hartshorne (1978), e que empreende um discurso universal sobre a Terra e a ação dos homens, conforme destaca Creagh (2011), enfatizando o resultado dessa relação. O projeto científico de geografia estabelecido por Reclus almejou integrar a dimensão ambiental e social, conjuntamente à perspectiva política radical do anarquismo, enxergando a função inovadora das ciências enquanto campo do saber atrelado às demandas políticas da sociedade. Tomando as palavras de Feyereband (2011, p. 17) como síntese deste modelo, “a ciência é um empreendimento essencialmente anárquico: o anarquismo teórico é mais humanitário e mais suscetível de estimular o progresso do que suas alternativas representadas por ordem e lei.”

As três principais obras de Reclus: *La Terre, Nouvelle Géographie Universelle* e *L’Homme et la Terre*, são especialmente marcadas pelo caráter ambiental, político e social, ora uma apresentando noção mais apurada da perspectiva ambiental, como *La Terre*, ora apresentando caráter político, como *Nouvelle Géographie Universelle*, ora funcionando como um tratado de geografia social, caso de *L’Homme et la Terre*, mas, em todas elas permanecem, em maior ou menor grau, as noções ambiental, política e social, pois o conjunto desta obra é o espelho da geograficidade socioambiental libertária reclusiana.

Isso não significa que exista estrita fragmentação temática na obra reclusiana e especificação de áreas ao longo de seu projeto de produção geográfica. Élisée estabeleceu sim um projeto de produção de investigação geográfica e um planejamento de uso de temários específicos aos campos da geografia científica, mas contrariou o sentimento nascente do período em que viveu (1830 a 1905), no qual foi comum a ciência da época almejar a especificação restrita de áreas, a compartimentação cartesiana do saber, a fragmentação e o distanciamento do objeto científico pesquisado, propagando a neutralidade científica, tão em voga em sua época, principalmente na geografia, que buscava estabelecer uma rígida cisão entre a área física e a humana, ou, a área ambiental e a social, no intento de ganhar *status* de ciência.

Por outro lado, a geografia libertária reclusiana portava em si um caráter eminentemente científico, investigativo (CREAGH, 2011), que desvelava a realidade

espacial, com metodologia descritiva, comparativa e analítica, por vezes experimental, mas em contrapartida, não era uma geografia científica despersonalizada, fato que o diferenciava da forma científica de se fazer geografia pelos seus contemporâneos.

Reclus estabeleceu a politização do seu discurso, antecipando o uso do método dialético em geografia, com seu materialismo geográfico de base teórica anarquista, conforme já foi destacado. Negando a neutralidade científica, pois no comportamento dito neutro se esconde o verdadeiro posicionamento político, alinhado à inércia de ações e de transformações, caráter que justificava o poder estagnador e repressor, ele enxergava que ciência deveria se posicionar contrária ao poder dominante, promovendo a liberdade de consciência, a reflexão e a transformação contínua e irrestrita das condições socioeconômicas e espaciais. Na ciência reside os mecanismos mais eficazes de atuação política, por isso, deve ser encarada como o caminho mais clarividente para a autonomia do pensamento, por ser laico e por estar além das ingerências ascéticas da religião (RECLUS, 2002, 2010).

Em busca de construir uma geografia integrada, Élisée introduziu a perspectiva socioambiental, elaborando, “juntamente com Demangeon, o conceito *meio geográfico*, inaugurando uma aberta e avançada compreensão dos diferentes espaços geográficos do planeta numa perspectiva ambientalista e globalizante” (MENDONÇA, 2009 p. 125). Infelizmente essa noção foi negligenciada e hoje ocorre o movimento de retorno, por sua vez, retiram o caráter político e social da perspectiva socioambiental, o transformando em uma vulgata ambientalista, que difunde abordagens apocalípticas sobre o futuro da natureza.

A noção ambiental reclusiana foi deixada de lado pela crítica, pois incorporava em seu domínio a dimensão social e política, e a geografia por sua vez dedicou-se a usar a noção física, incentivada por De Martonne (1953), explicitamente separada da noção humana, esta última, promovida por La Blache (1954), por sua vez, seu sogro, que juntos, conduziram os parâmetros teórico-metodológicos dos dois campos principais da geografia no seio da *família*.

Em contrapartida, Mendonça (2009, p. 133) discute o movimento de retorno ou de afirmação do que classificou de geografia socioambiental.

Observa-se, assim, avanços consideráveis no tratamento da questão ambiental nos anos 80 e 90 até o presente, ou seja, de uma fase predominantemente caracterizada pelo enfoque ecológico, que ressaltava a vertente naturalista [Ratzel], para uma outra centrada no ambiente, na qual sociedade e natureza compõem as duas partes de uma interação dialética. Esta perspectiva geográfica do enfoque ambiental não é, todavia, nova, podendo ser identificada nas ideias de Élisée Reclus produzidas há cerca de cem anos e que, mesmo tendo sofrido um hiato de mais de meio século na sua difusão e

aplicação, foram retomadas e aprimoradas no momento contemporâneo. Nesta corrente, a problemática ambiental na geografia deixa de ser identificada apenas como ligada à geografia física e passa a ser geográfica [projeto almejado por Reclus].

Na busca de tornar mais palpável o caráter ambiental e social presente na geograficidade reclusiana é importante destacar as características de suas três principais obras: *La Terre*, *Nouvelle Géographie Universelle* e *L'Homme et la Terre*; projeto esse de produção científica progressiva, que partiu do horizonte ambiental, perpassando pelo político, econômico e cultural, culminando no horizonte social, imbuído pela perspectiva libertária.

A sua primeira grande obra de cunho eminentemente geográfico, conforme destaca Lacoste (2005), foi *La Terre*, com primeiro volume publicado em 1868 e o segundo em 1869 (anexo 05). O objetivo era produzir uma ampla e contundente obra de geografia, com abordagem universal e científica, delineada por questões de ordem física e humana, ou ambiental e social, lembrando que o primeiro volume é dotado de 863 páginas, e o segundo de 808 páginas, contendo questões relacionadas à dinâmica do planeta Terra, aos mecanismos de funcionamento interno e as ações externas, as relações complexas entre a ação do homem e da natureza, evidenciando desse modo, o objeto de estudo da geografia naquele momento: o homem e a terra.

Metodologicamente, o discurso científico contido em *La Terre* parte da escala global, abordando a Terra diante do universo, sua forma, posição e dimensão; culmina na escala humana, discutindo o papel dos indivíduos numa escala micrológica e sua simbiose com a natureza. Além percorrer da Terra ao homem, o discurso geográfico se agita no exercício investigativo que parte da natureza para a sociedade, ou seja, da dinâmica natural à dinâmica humana. A protagonista dessa obra é mesmo a Terra, com sua riqueza enquanto sistema vivo, em constante transformação e criação, sustentada no caráter destrutivo-criativo.

Reclus recebeu grande influência de seu amigo Bakunin e o influenciou também a partir desta noção, introduzindo esse aspecto da luta de classes nos estudos de geografia física, fato inovador, pois a geografia até então abordava a dinâmica da Terra desconectada de sua manifestação da vida em si, não equalizando o discurso do sistema físico ou inorgânico com os sistemas orgânicos, juntamente com a constante reprodutibilidade entre Terra, movimento e vida. Esse caráter holístico reclusiano fica claro em importante trecho, do volume dois de *La Terre*, página 810, numa clara evidência da influência em Heráclito, em que afirma que tudo muda e tudo é móvel no universo, no movimento está à condição da vida em si.

Apesar de Reclus utilizar um discurso descritivo, sistêmico e classificatório, próprio do método hipotético-dedutivo, ele introduz a perspectiva dialética, abordando a dinâmica construtiva e destrutiva das forças naturais e a relação integrada e interacional dos grupos humanos e suas capacidades construtivas, destrutivas, transformadoras e criadoras de uma segunda natureza. Semelhante ao problema levantado em a *dialética da natureza* de Engels (1974), Reclus buscou fazer essa discussão, que por sua vez, é mais integrada à explicação da dinâmica natural e da diferenciação de áreas da superfície terrestre, devido o enciclopedismo e a intimidade do geógrafo anarquista com o assunto, do que a abordagem engeliana, fundamentada em princípios teóricos da natureza-sociedade, por sua vez, menos empírica.

No primeiro volume de *La Terre* (anexo 05), o discurso geográfico se dedica a investigar os elementos físicos do planeta, abordando sua origem e formação. Ele abusa do recurso corográfico para explicar a forma e a distribuição dos continentes e dos oceanos, analisa as formações orogênicas, epirogênicas, a dinâmica hídrica, climática e a diferenciação da paisagem. Nas três partes do primeiro volume, Reclus perpassa por diversas áreas da geografia, como cosmologia, corografia, geomorfologia, climatologia, geologia, pedologia etc. (ver quadro 29), que na época não eram separadas, pois o saber geográfico estava em vias de fragmentação, movimento em que o jovem geógrafo não seguiu, por buscar manter a unificação do saber em questão.

No volume dois de *La Terre*, Reclus continua seu exercício de descrição e de classificação dos fenômenos físicos do planeta, porém incorpora novidade às ciências que se dedicavam a estudar a dinâmica natural: o caráter humano relacionado à geograficidade libertária. E é isso que torna *La Terre* uma obra tão extraordinária, especialmente sua terceira e última parte, do volume dois.

Para o geógrafo libertário o ser humano não era somente um elemento a mais da paisagem que participava de sua dinamicidade universal. É dele que se reflexiona o sentido de se estudar a natureza, pois é o elemento autoconsciente desse complexo integrado. O homem/mulher dá seu sentido de ser à natureza, porque é natureza tomando consciência de si, segundo suas palavras. E a natureza lhe dá os caminhos do seu sentido de ser.

Dessa forma, o geógrafo anarquista vai demonstrar o momento em que o humano era parte passiva integrante da natureza, e o momento em que ele passou a corresponder enquanto autoconsciência intersubjetiva, superando a vulgata determinista incentivada por Febvre (1954), posicionando o homem enquanto agente, que se adapta e usufrui das conformações naturais, em plena harmonia com o meio, passando a ser o

único capaz de transformar, modelar, manipular, produzir, consumir, reproduzir, destruir e recriar a natureza, ou o espaço geográfico, em decorrência do nível de humanização já adquirida, superando também a vulgata febvreana possibilista.

Não obstante, o processo de hominização do homem, no discurso reclusiano, não estava ligado a insensível capacidade evolutivo-produtiva dada pelos marxistas, pois almejava à superação desse modelo por sinalizar o eterno retorno da harmonia entre as mulheres e os homens e a Terra, cujo destino era a liberdade e a autonomia dos indivíduos, garantida pela consciência libertária da distribuição e do equilíbrio, numa organização territorial marcada pela autogestão.

Esse primeiro projeto foi seguido pela extensa obra *Nouvelle Géographie Universelle*, que, na produção de seus dezenove volumes, de 1876 a 1894, Reclus buscou dar um caráter enciclopédico, sendo publicado em fascículos explicativos de fácil entendimento, sobrecarregados de mapas, quadros, fotos e gravuras, descrevendo todos os cantos do mundo (anexo 06). Com relação à universalidade dessa obra, Ferretti e Pelletier (2013a) destacam que ela recebeu contribuição de diversos companheiros anarquistas de Reclus, que no momento estavam envolvidos com a organização e a produção da revista internacionalista *Le Travailleur*, tendo como coordenadores o próprio Reclus e Perron, este, por sua vez, foi cartógrafo de *Nouvelle Géographie Universelle*, além das importantes contribuições de Kropotkin, Metchnikoff, Dragomanov e Lefrançais. Tanto na revista quanto na monumental obra em questão eles garantiram um tom excessivamente geopolítico libertário.

É um compêndio de geografia marcado pelo discurso geopolítico denunciativo, que ultrapassou o sentido estritamente descritivo comum às obras enciclopédicas de geografia universal, vinculando descrição e corologia do território físico com abordagem socioeconômica, política e cultural, integrada a discussão científica e política da relação entre a terra e os homens (FERRETTI, 2011a, 2012b).

Foi uma grandiosa obra construída não somente por um autor e nem direcionada a um público único – tradicionalmente aquele leitor vinculado às classes mais abastadas –, mas pelos mais importantes nomes da *intelligentsia* geográfica libertária que contornava Reclus, como Perron e Slomezynski, ao desenvolverem as cartas e os mapas das regiões por eles vivenciadas, além das correções e sugestões de Lefrançais, Desjardins, entre outros. Este texto estava voltado à prática do saber popular de geografia, almejando chegar às escolas livres, autônomas, e a maior parte de trabalhadoras e trabalhadores, crianças e jovens, das classes menos favorecidas.

Nouvelle Géographie Universelle se organiza em cinco grandes temas, relacionados aos cinco continentes do globo, sendo que o primeiro, Geografia da Europa, é composto por cinco grandes tomos, com cerca de mil páginas cada. Esses cinco primeiros tomos abordam grandes regiões da Europa, exceto o tomo dois, que se restringe somente à França, país que Reclus nasceu e que escolheu dar maior ênfase nas análises.

A principal área de abordagem presente em toda a obra em destaque é a geopolítica. Lacoste (2005) alerta que, apesar desse conceito ainda não ter sido desenvolvido no momento de sua publicação, mas somente no início do século XX com Kjellén, Reclus já usufruiu da abordagem, por sua vez, dando conotação libertária, pois enfocava a luta das sociedades pela organização e associação equitativa no território, confrontando ao poder centralizador dos Estados nacionais, como também, as lutas por resistência locais ácratas, em busca do uso e apropriação comunal das regiões. No texto, também está evidenciado a busca por dimensões políticas descentralizadas, federativas, a caminho do equilíbrio e da autonomia, negando a imposição imperial, diferenciando, neste prisma, drasticamente da perspectiva de geopolítica do seu contemporâneo Mackinder. Lacoste (2005) chega a afirmar que Reclus foi o criador da geopolítica, e por isso, está entre os grandes geógrafos franceses, juntamente com La Blache, sendo o primeiro, o criador da geografia francesa moderna.

Os tomos que vão de seis a nove estão dedicados à análise da Ásia, inovando no aspecto de detalhar a riqueza cultural de povos isolados da Sibéria, com apoio de especialistas como Kropotkin, como já foi citado, enfocando também a riqueza cultural, a diversidade étnica e os fatores da ocupação da região do Cáucaso, recebendo também apoio de outros especialistas da região, como Slomezynski. O tomo sete e o tomo oito, especialmente, merecerem ser destacados pela profundidade das análises que Reclus exerce para explicar o modo de vida e a relação dos homens com o espaço da Índia e da China, abordando a economia, as cidades, o uso agrícola, a religião, os hábitos e costumes, desvinculando da perspectiva eufórica de um olhar do “outro” pelo viés pitoresco.

Em *Nouvelle Géographie Universelle* já se encontra a alteridade e a desconstrução feita por Saïd (2007), do *orientes como produto do ocidente*, em que geógrafos viam o oriente pelo véu colonizador ocidental. Pelletier (2007) chega a afirmar que Reclus vai além de Saïd nessa noção desconstrucionista, pois o primeiro pesquisa os diversos orientes, não se restringindo somente ao oriente médio e a Índia, como é feito em *Cultura e Imperialismo* (SAÏD, 2011). Reclus buscou ir além,

investigou também o Japão e sua condição cultural enigmática, desconstruindo pré-condições dada pelo ocidente. Avançou ainda mais, no que tange o recorte espacial, partindo ponto de vista de quem iniciou a análise na Europa: levou sua descrição e análise até o sudeste asiático, chegando à região da Polinésia, Filipinas e Oceania, sendo o tomo quatorze especialmente dedicado a essa parte do globo, tão esquecida e pobremente analisada pelos geógrafos. Toda essa investigação sobre o oriente feita pelo geógrafo anarquista é rica por agregar ao elemento geográfico, especialmente geopolítico, o já presente viés cultural, social, econômico e ideológico no conjunto da análise integrada do espaço. Pelletier (2007) discute a importante contribuição de Metchnikoff, que visitou o Japão e contribuiu muito com Reclus.

O tomo quatorze, dedicado à Oceania, traz um debate rico entre Reclus e Mackinder, com relação à regionalização da Oceania, onde Reclus insere o elemento cultural e a perspectiva da mobilidade e do hibridismo entre os povos para promover sua investigação geopolítica, e Mackinder se restringe ao caráter do poder do Estado. Além do tomo quatorze, os tomos dez, onze, doze e treze são dedicados ao continente africano. Vale destacar o enfoque que Reclus dá aos processos de colonização e de descaracterização da identidade da África, abordando a dimensão cultural, étnica e os limites naturais como pré-condição simbólica e (i)material dos povos tradicionais. Outro enfoque está voltado à diversidade linguística, religiosa e cultural, seguido da proposta de regionalização do *continente mãe*.

Por último, os tomos de quinze a dezenove são dedicados ao continente americano, destinando o tomo dezesseis especialmente aos Estados Unidos, por considerar sua importância nascente no final do século XIX. Élisée analisa da Groenlândia, Alasca e Canadá ao Chile e a Argentina, do ártico ao extremo da terra do fogo, passando pela América Central, destacando a questão das nações insulares, e do istmo do Panamá, investigando as regiões andinas, com análises ricas alimentadas pelas lembranças e experiências científicas feitas em sua primeira viagem à América, de 1853 a 1857, onde percorreu o continente dos Estados Unidos até a Colômbia. É importante sinalizar que, no último volume, o dezenove, Reclus aborda o cone sul, com capítulo especial ao Brasil, denominado de Estados Unidos do Brasil (RECLUS, 1900), descrevendo e investigando a geografia brasileira de norte a sul.

Em *L'Homme et la Terre*, obra publicada postumamente por Paul Reclus, sobrinho de Élisée Reclus, no período de 1905 a 1908, buscou-se evidenciar os fatores históricos, sociais e políticos, não deixando de lado, muito embora, a perspectiva ambiental (anexo 07). Esta será uma obra pioneira na geografia da época por ultrapassar

a simples investigação baseada no homem e na terra, promovendo, a partir dessa premissa, a investigação da relação entre sociedade e natureza, formato retomado pela geografia crítica radical marxista dos anos de 1970, que evidentemente não deu a devida atenção a *L'Homme et la Terre*, buscando sustentação em Marx através das digestões teóricas de Lefebvre.

Nessa obra conclusiva de toda sua reflexão geográfica, Élisée buscou demonstrar que do resultado da relação entre a sociedade e a natureza desenvolve a produção do espaço geográfico, que por sua vez, a atuação humana, colocada nessa ocasião como protagonista dos processos de transformação espacial, funciona como reprodutora das relações sociais e da configuração do território.

Nessa nova perspectiva de acabamento do seu projeto científico, Reclus inova a abordagem metodológica da geografia já no início do século XX, introduzindo a análise do materialismo histórico-geográfico, pois, parte da origem da sociedade até os dias atuais, do primeiro ao sexto volume, respectivamente, empreendendo investigação e debate sobre a ocupação e a organização do espaço, a interação e o uso da natureza, a diferenciação e a incorporação de valores dos distintos grupos humanos, enfocando a mobilidade e o hibridismo cultural. O geógrafo *communard* também detalha as transições de níveis técnicos incorporados pela sociedade ao longo da evolução histórica, destacando como essas técnicas são aplicadas irregularmente nas distintas regiões.

Toda a obra é marcada por discurso científico apurado dos fatores socioespaciais, por sua vez, delineado por discurso crítico libertário, que claramente defende a luta de classes como fundamento de transformação das desigualdades, inovando outra vez a geografia, com a introdução do método dialético de análise. Os trabalhos de Pelletier (2011b), Paula (2015), Zaar (2015) dão considerável aprofundamento sobre esse assunto, demonstrando a ligação de sua dialética com a herança dada por Vico e Proudhon. Apesar de não usar o termo, em *L'Homme et la Terre*, no sentido reestruturado por Marx, Reclus o utiliza em quatro ocasiões¹²⁶, não como método, mas o evidencia explicitamente como embate dos contrários e transformação das coisas, apesar de, implicitamente, salientar o sentido da dinâmica de transformação equitativa do espaço como objetivo fim da geografia enquanto ciência

¹²⁶ O uso explícito do termo dialética (*dialectique*) ao longo da obra *L'homme et la Terre* ocorre em quatro ocasiões: na página 364, do volume 2, quando é abordado o caráter internacionalista dos gregos e seu pioneirismo na organização social ácrata; na página 454, do volume 3, momento em que enfoca o debate de ideias no interior do movimento cristão; na página 587, do volume 3, em que é tratada as transformações das ideias medievais, misturadas e confrontadas com novos saberes; e na página 282, do volume 4, decorrente do debate entre a cisão das duas igrejas cristãs e de seus poderes.

social engajada, papel que a dialética marxista cumpriu tempos depois nesse campo do saber.

Infelizmente Reclus não viveu para acompanhar a recepção de sua obra síntese final, que com o movimento de supervalorização da geografia lablacheana ocorreu um profundo processo de negligência e descrédito deste tratado de geografia social libertária, conforme discutem Lacote (1988), Giblin (2005a), Creagh (2011), Boino (2010), entre outros. Por outro lado, *L'Homme et la Terre* se diferencia da geografia crítica radical marxista pós-1970 no que diz respeito à defesa dos indivíduos e da intersubjetividade, da geopolítica pelo viés libertário, da dissolução do Estado e de facções centralizadoras e da busca pela autonomia como pré-condição indispensável para o desenvolvimento da geografia enquanto saber científico. A principal via de diferenciação se relaciona ao anarquismo e ao modelo federalista como fundamentos cruciais na organização e reprodução do espaço pelos indivíduos. Outro elemento diferenciador é a defesa da constante análise geográfica integrada aos elementos socioambientais, acreditando que, na dualidade entre os campos do saber físico e humano, e na cisão do caráter político com a perspectiva da prática científica, estão os caminhos nefastos que a geografia incorporou, tornando-a mera ciência a serviço do Estado imperialista.

O que torna tão especial *L'Homme et la Terre* é o fato dela ser o primeiro tratado de geografia anarquista. Paradoxalmente foi uma obra conscientemente negligenciada pela geografia dita radical, por diversos fatores, mais especialmente pela diferença metodológica, por já no início do século XX utilizar da abordagem histórica para explicar o espaço geográfico, inaugurando a geografia histórica, fraturando sistemicamente a dualidade espacial e temporal no interior da geografia, já antecipando a noção da produção social e histórica do espaço geográfico, falsamente reivindicada como original ao marxismo. Esta obra enaltece a rica epistemologia espaço-temporal da ciência geográfica.

Por sua vez, este trabalho de geografia social anarquista também pode ser considerado como pioneiro escrito de geografia crítica radical, com posicionamento político dissidente, o anarquismo, especialmente o anarquismo comunista, ocasião em que é defendida abertamente a luta de classe e o equilíbrio geográfico. Nesta mesma obra, foi introduzida a noção de *geografia social*, cumprindo seu percurso que partiu da geografia ambiental, jogando nas profundezas abissais a dualidade física e humana impregnada na geografia fragmentária.

O percurso da geografia anarquista proposto por Reclus inicia-se imbuído da dimensão ambiental, passa pela dimensão política e culmina na dimensão social, concluindo seu volumoso projeto, que na síntese deste conjunto está a geograficidade socioambiental libertária.

5.1 *La Terre*: fundamentos teórico-metodológicos para a geograficidade ambiental

O primeiro volume de *La Terre* foi publicado em 1868 e o segundo em 1869. Muito embora, esta obra já vinha sendo escrita desde as viagens ao continente americano, a uma década atrás, que Reclus havia feito. O contexto de sua aparição no território intelectual europeu vincula-se, de um lado, ao volumoso período de produção acadêmico-científica, principalmente no que tange os conhecimentos da ciência natural e da geologia, entre outros campos que investigam a natureza da terra, multiplicados através do movimento de fragmentação do saber operado a partir da segunda metade do século XIX. Por outro lado, é também um período marcado por acirramento das lutas sociais, pela proliferação dos mais diversos agrupamentos radicais de engajamento político e pelo aprofundamento das teorias sociais revolucionárias de fundamentação socialista, que, conseqüentemente, ocorreram avanços nos campos das ciências humanas.

São dessas duas fontes que *La Terre* irá brotar. Até o momento havia ainda certa separação entre a teoria científica da natureza e a investigação sobre os fatores sociais. Por exemplo, a obra de Peschel propunha ser responsável por uma geografia física genuína, estritamente *physis*, desvinculada das ações sociais, aparecidas somente em segundo plano. No interior do saber geográfico a tradição, até o momento, visava, em grande parte, descrever a superfície da terra, todos seus fenômenos inter-relacionados, como os planos: inorgânico, orgânico e humano; sendo este último, apenas um elemento constituinte desta paisagem geográfica da diversidade.

Com *La Terre* o esforço foi de realizar abrangente síntese dos fenômenos geográficos da superfície terrestre, aportado em atualizada fundamentação teórica, técnica e crítica do assunto, além de buscar introduzir o elemento humano. O pioneirismo da obra está em demarcar que, a relação do homem/mulher com a terra é mediatizada pelo trabalho, e este, através da presença humana, é o principal agente de transformação do espaço (terra), sentido primordial de sua geograficidade socioambiental. Essa originalidade, em que elenca o papel do trabalho humano como principal fator da produção do espaço geográfico, será germinada através do

envolvimento de Reclus com as teorias e práticas dos movimentos socialistas revolucionários, advindo das leituras de Fourier, Owen, Saint-Simon, Proudhon, e inclusive, de Marx e Engels, além do envolvimento com Bakunin e diversos outros socialistas internacionalistas.

Antes de adentrar no conteúdo estrito da obra narrado por Reclus é importante salientar o quanto ele buscou aportar-se em um referencial teórico coerente ao movimento de produção da obra em questão (ver quadro 26). Ao selecionar alguns autores que apareceram com mais frequência nos dois volumes da obra, como também, os que Élisée considerou como as principais obras que deram maior suporte técnico-teórico. Além de selecionar nomes clássicos do saber geográfico, científico e filosófico que figuram no conjunto do texto, é possível notar que, o nome mais citado dentre os selecionados, foi o de Humboldt. Fica claro o quanto Reclus valoriza esta referência, apesar de em raros momentos criticar o grande mestre da geografia moderna. O geógrafo francês faz apurada revisão das principais obras do geógrafo alemão, com destaque a *Tableaux de la Nature* e *Cosmos*, evidenciando a metodologia holística presente nestas obras e o enfoque que ele dá à diversidade do geográfico.

Darwin foi o segundo nome mais citado, com destaque a seus trabalhos de geologia e de ciência natural. Reclus evidencia a importância da teoria evolucionista para o entendimento da complexidade da natureza diante do paradigma laico do saber científico, mas faz ressalvas ao processo de seleção natural, que mais tarde será por ele duramente criticado, juntamente com Kropotkin, ao proporem o amadurecimento da teoria da ajuda mútua. É preponderante salientar também as áreas e os campos do saber expressos na obra *La Terre*, vigorando como os mais frequentes, a ciência natural, a geografia, a geologia e a física, além de diversas contribuições da filosofia.

No conjunto destes nomes, são curiosas as referências a Lucrécio, demarcando a influência do materialismo atomista da antiguidade no geógrafo libertário, além de Montaigne, como suporte do materialismo francês clássico. Outros nomes que merecem consideração são dos geógrafos da antiguidade, Estrabão, Ptolomeu e Heródoto; não se esquecendo de Varenus, Forster, Michelet, Buffon, Ritter, Peschel entre outros, pertencentes ao iluminismo e a modernidade industrial.

Os nomes de: Guyot, Herschel, Liais, Lyell, Marsh, Maury, Tyndall, Volger, entre outros não selecionados, dão certa noção do referencial teórico recente que Reclus buscou introduzir no seu tratado de geografia física. As obras dos estadunidenses Marsh e Maury são emblemáticas contribuições ao projeto proposto de *La Terre*, que busca vincular análise da natureza física com a da natureza humana, delineada pela ação de

transformação da natureza pela atuação técnica das forças produtivas. É justamente em *Man and Nature* que o geógrafo libertário irá mais se aportar para explicar os avanços técnicos e a transformação da natureza pelo trabalho da sociedade.

Quadro 26: nº de ocorrências de autores selecionados na obra <i>La Terre</i>, volumes 1 e 2			
Autor	Ocorrências	Trabalhos citados	Área / campo
Agassiz	7	Conversações Cientificas sobre o Amazonas; Sea-Side Studies; Coast-Survey Report.	Ciência natural; geologia
Aristote	2	-	Filosofia
Bacon	3	-	Física
Buff	6	Physik der Erde.	Geologia
Buffon	5	Théorie de la Terre.	Ciência natural
Cicéron	1	De Natura Deorum.	Filosofia
Copernic	1	-	Física
Darwin	25	Coral Reefs; South America; Volcanic Island; Origin of Species.	Ciência natural; geologia
Descartes	1	-	Física; filosofia
Desjardins	2	Aperçu Historique sur les Embouchures du Rhône.	Geografia
Forbes	12	Natural History of the European Seas.	Ciência natural
Forchammer	7	Philosophie Transactions.	Geologia
Forster	3	-	Geografia
Galiléu	1	-	Física
Guyot	5	Earth and Man.	Geografia
Hérodote	7	-	História
Herschel	10	Physical Geography; Meteorology.	Geografia
Hippocrate	1	-	Filosofia
Homère	3	-	Literatura
Humboldt	54	Cosmos; Asie Centrale; Tableaux de la Nature; Voyage aux Régions Équinoxiales; Relations Historiques.	Geografia
Kant	3	-	Filosofia
Kepler	4	-	Física
Laplace	6	Exposition du Système du Monde.	Física
Liais	6	L'Espace Céleste et la Nature Tropicale.	Geografia
Linné	3	-	Filosofia
Lucrèce	2	-	Filosofia
Lyell	20	Principles of Geology; Philosophic Transactions; Antiquity of Man; Inaugural Address at Bath.	Ciência natural; geologia
Marsh	12	Man and Nature.	Geografia
Maury	18	Geography of the Sea; Pilot Charts.	Geografia
Michelet	5	La Mer; La Montagne.	Ciência natural
Montaigne	1	Essais.	Filosofia
Newton	4	Gestalt der Erde und der Meersfläche.	Física
Peschel	11	Ausland; der Ursprung der Inseln.	Geografia
Platon	2	-	Filosofia
Pline	5	-	Filosofia
Ptolémée	2	-	Geografia
Reynaud	4	Terre et Ciel.	Ciência natural
Ritter	16	Europa; Erdkunde; Afrika.	Geografia
Sophocle	1	-	Literatura
Strabon	12	-	Geografia
Tchihatcheff	3	Le Bosphore et Constantinople; Asie Mineure.	Ciência natural
Thalès	1	-	Filosofia

Tyndall	7	The Glaciers of the Alps.	Ciência natural
Varenius	1	-	Geografia
Vitor Hugo	2	Travailleurs de la Mer!	Literatura
Volger	20	Erdbeben in der Schweiz; L'Eber das Phânomen der Erdbeben.	Geologia
Fonte: RECLUS, É. <i>La Terre</i> . 2 vols. Paris: Hachette, 1868, 1869.			
Organização: José Vandério Cirqueira Pinto – 2015.			

Desse modo, *La Terre* está dotada dos fundamentos teóricos de uma geografia ambiental, que coaduna com o projeto proposto por Ratzel, mas se diferencia, conforme sinaliza Mendonça (2009), em virtude de sua geografia ambiental ser socioambiental, além de estar vinculada ao ambientalismo ácrata, a serviço dos interesses que prezam pela geograficidade do equilíbrio, vinculada a uma *natureza benfeitora* e libertadora, geograficidade esta que passa por movimento de retomada nas primeiras décadas do século atual.

Já no prefácio, o geógrafo libertário deixa claro o vínculo de sua geografia com a liberdade, ao dizer que, sente o dever cumprido por resguardar límpida sua consciência e seu pensamento, em virtude de ter percorrido o mundo como um homem livre, e nesse percurso, contemplou a natureza enquanto uma mãe que alimenta e que ensina a liberdade. Na verdade, essa geografia libertada através dos ensinamentos da natureza é uma geograficidade libertária, pois advém da experiência que conduz a prática do geográfico. Mas para que essa geograficidade seja garantida é necessário, segundo aponta Reclus (1868), na página 23, que o espírito humano conteste a crença cega nas conjecturas e verdades absolutas e saiba duvidar sem crer no aparente imediato. Na página 49, essa condição é demarcada pelo sentimento de aprimoramento das metodologias de investigação e dos recursos técnicos, para que estes deem suporte aos diversos campos do saber, desvendando os mistérios da natureza, rompendo com as verdades canônicas.

Reforçando o sentido da geograficidade ambiental enquanto uma experiência e prática geográfica, na intensão de colocar *La Terre* como uma síntese fundamental da nova geografia física da modernidade industrial, Reclus (1868, p. 241) alerta para a necessidade da experiência de campo, que por sua vez, “la plupart des géographes l’ignoraient, enfermés dans leurs tristes cabinets”.¹²⁷ Na mesma página, ele continua a reflexão dizendo que, o viajante é um dos primeiros de sua geração que sabe aliar curiosidade científica ao saber, integrado à força de desvendar os mistérios da natureza, criando suas teorias através da experiência prática, não se contentando a afirmar ideias

¹²⁷ “a grande parte dos geógrafos a ignoram, trancafiados em seus tristes gabinetes”.

genéricas. Esse elogio ao método hipotético-dedutivo, sustentado no empirismo, vincula-se às suas fontes mais originárias, como as advindas de Descartes. Por sua vez, Reclus salienta para o vínculo da experiência direta com a técnica de abordagem científica, além de incluir o fator intersubjetivo do olhar da poética da paisagem, não tornando tão simples o entendimento dos percursos metodológicos presente em *La Terre*. Na penúltima página do último volume da obra, Reclus (1869, p. 756), reafirma a importância da experiência direta no meio, ao dizer que, “il faut que l'étude directe de la nature et la contemplation de ces phénomènes deviennent pour tout homme complet un des éléments primordiaux d'éducation.”¹²⁸

Em virtude do empirismo e da experiência sensitiva da paisagem poética, justificada na estética do belo de Kant, Reclus irá buscar na corografia o método balizar de sua investigação da superfície da terra, retornando elogiosamente à Estrabão e a sua capacidade de síntese e recorte da diversidade geográfica, chegando ao vigoroso papel de Ritter, seu grande mestre “qui donne par la variété une si grande harmonie à l'ensemble du relief terrestre”¹²⁹ (RECLUS, 1868, p. 70). Tomando como base a mesma corografia ritteriana, inicia no volume 01 seu exercício de descrição dos continentes da Terra, apesar de desenvolver ressalvas sobre a abordagem de seu mestre alemão, na intensão de demarcar que sua geografia física da Terra terá como base o entendimento das diversidades geográficas, e delas formam-se o conjunto da harmonia do corpo terrestre, harmonia fruto da variedade, dos choques, quebras, rupturas e transformações, refletindo em seu entendimento de equilíbrio geográfico. Em suas palavras, “s'il en est vraiment ainsi, l'harmonie des masses continentales et des nappes liquides qui s'entremêlent et se pénètrent sur le pourtour de la planète est admirablement complété par le contraste de ces pôles de terre et d'eau occupant les deux extrémités de l'axe terrestre”¹³⁰ (RECLUS, 1868, p. 98).

Continuando a discussão sobre as harmonias terrestres, o autor busca negar a mesma, vinculada à concepção teleológica de Ritter, afirmando que, as contrariedades no conjunto dessas harmonias é o que garante, segundo ele, a verdadeira beleza da terra, sua condição complexa do conjunto dos grandes contrastes. E é justamente neste debate dos contrastes e das harmonias que Reclus (1868, p. 99) circunscreve o sentido balizador de sua geograficidade do equilíbrio socioambiental, reorientando o papel da

¹²⁸ “é preciso que o estudo direto da natureza e a contemplação de seus fenômenos tornem para cada homem comum um dos elementos primordiais da educação.”

¹²⁹ “que dá por variedade uma tão grande harmonia ao conjunto do relevo terrestre”

¹³⁰ “se ela é realmente assim, a harmonia das massas continentais e das camadas líquidas que se entremisturam e se penetram em torno do planeta, é também admiravelmente composta pelo contraste de seus polos de terra e de água, ocupando as duas extremidades do eixo terrestre”

geografia física da segunda metade do século XIX, que segundo defende, “la géographie physique n’est autre chose que l’étude de ces harmonies terrestres. Quant aux harmonies supérieures provenant des rapports de l’humanité avec la planète qui lui sert de théâtre, c’est à l’histoire qui’il est réservé de les décrire”.¹³¹

Segundo o que Reclus busca construir, não basta a geografia física somente abranger os elementos da natureza, é de suma importância que dê conta também dos fenômenos históricos ou sociais, principais motivadores das transformações da natureza, agentes que incidem diretamente nas harmonias terrestres, impactam a *joie profonde* que a natureza traz.

Já no último capítulo do volume 2, de *La Terre*, o geógrafo anarquista novamente retoma a definição de sua geografia física. Sustenta-se na atualidade da ampliação das redes geográficas da segunda metade do século XIX para destacar que a geografia deveria mudar seu objeto de estudo, acompanhando as mudanças que o mundo estava passando. “Chaque année, les espaces à reconnaître et à reporter sur nos cartes diminuent en superficie [...]. Lorsque enfin l’homme connaît toute la surface du globe, dont il se dit le maître, [...] la terre est petite!”¹³² Na busca de redefinir o papel da geografia física, Reclus (1869) elenca a diminuição do globo em virtude das explorações geográficas e ampliações dos sistemas técnicos de apropriação do espaço, o que ficou bem mais tarde conhecida como *compressão espaço-temporal* (HARVEY, 1992). Este resultado do conhecimento global do planeta legado pelo saber geográfico promoveu a necessidade de reorientação metodológica deste campo do saber, levando o autor a enfatizar que, “la grande oeuvre géographique sera, non pas de parcourir les pays lointains, mais d’étudier à fond les détails de la région qu’on habite, de connaître chaque fleuve, chaque montagne, de montrer le rôle de chaque partie de l’organisme terrestre dans la vie de l’ensemble (RECLUS, 1869, p. 674).”¹³³

Nesse momento da obra, Reclus (1869, p. 674) incita a importância “d’activer les recherches locales”¹³⁴, sinalizando a mudança paradigmática da *geografia enquanto campo do saber que descreve a superfície terrestre*, ou da *geografia que estuda a*

¹³¹ “a geografia física não é outra coisa que o estudo das harmonias terrestres. Quanto às harmonias superiores provenientes das relações da humanidade com o planeta que lhe serve de teatro, é à história que é reservado o papel de descrevê-las”.

¹³² “Cada ano, novos espaços a reconhecer e a cartografar sobre os mapas diminuem em superfície [...]. Quando enfim o homem conhecer toda a superfície do globo, em que ele se diz o mestre, [...] a terra é [será] pequena!”

¹³³ “a grande obra geográfica será, não mais a de percorrer os países distantes, mas a de estudar a fundo os detalhes da região que as pessoas habitam, de reconhecer cada rio, cada montanha, demonstrando o papel de cada parte do organismo terrestre e do conjunto de sua vida.”

¹³⁴ “de ativar as pesquisas locais.”

relação da sociedade com a natureza, para a *geografia que investiga o resultado das relações de diferenciação regional ou de área*, que somente seria considerada como um novo paradigma, por sua vez, forjado e difundido amplamente, anos mais tarde, pelo grande mestre Paul Vidal de la Blache, que também suplantou essa mesma noção presente em Alfred Hettner. O que é mais problemático em toda a geografia reclusiana é o fato dela ter lançado diversos parâmetros, muitas vezes esparsos, ter fundamentando inúmeras reorientações metodológicas e principalmente teóricas, mas que se perderam no limbo grandioso do saber, por não seguirem percursos lineares e aplicados, frente ao sistemático e congregado modelo teórico-científico do saber geográfico que o procedeu, além de não ter sido submetido ao crivo da crítica.

Para buscar compreender de forma mais ampla no discurso reclusiano os fundamentos teórico-metodológicos de uma geografia ambiental, presente em *La Terre*, é preponderante que se discorra sobre ela *como sistema dinâmico e complexo*, para posteriormente, entendê-la *enquanto condicionamento*, reconhecendo que, diante da Terra coloca-se o *homem/mulher enquanto agente transformador*, para finalmente, buscar compreender o acabamento desta *geograficidade do equilíbrio*, que compõem esse tratado de geografia física.

5.1.1 A Terra como sistema dinâmico e complexo

Reclus não se satisfaz, em *La Terre*, em demonstrar a natureza pelo prisma da sacralidade delirante de harmonias divinas, tal como, por limitar sua explicação à linearidade mecânico-matemática ou organicista. Para ele, os processos evolutivos são complexos, dinâmicos, com harmonias longas e lentas, e contrastes simultâneos, incisivos que promovem a reorganização do todo equilibrado. Ou seja, o equilíbrio advém da complexidade e das rupturas. Por isso, ao longo dos dois volumes da obra encontra-se demasiadamente o termo *revolução*, obviamente, relacionado às transformações naturais. Como este texto é eminentemente sustentado na perspectiva holística, o mesmo não separa as esferas orgânica, inorgânica e humana no que tange as interações e interdependências entre si. O excesso do termo *revolução* está ligado a sua profunda relação com Bakunin, que nos idos de 1868 ambos estavam envolvidos com o movimento dos trabalhadores revolucionários. De certa forma, há no uso dos termos *revoluções geológicas*, *revoluções do globo*, *revoluções hidrológicas* etc., a intensão de relacionar a estreita ligação entre as revoluções da natureza, afirmando uma *dialética da natureza*, com as revoluções sociais, contexto que vivia no seu imaginário, povoado

pelo projeto da revolução social dos trabalhadores. Desta noção, “la nature, immuable dans ses lois, mais éternellement changeante dans ses phénomènes, ne se répète jamais”¹³⁵ (RECLUS, 1868, p. 6), pois, apesar da imutabilidade das leis da natureza, esta porta em si seu sentido eternamente mutante, interpretação essa protegida pelo guarda-chuva da dialética lucreciana.

Na busca de discorrer acerca das leis universais da natureza, o geógrafo francês argumenta que, a Terra pode ser entendida como a parte do todo, nela está a reprodução dos mecanismos das leis universais. Neste momento da obra, é possível notar a busca de uma espécie de *geografia astronômica* ou cósmica, em que se é destacado a espacialidade da Terra diante do cosmo, sua importância, suas fragilidades e insignificância ao todo universal, sempre aportado nas tradições antigas, valorizando o saber da antiguidade grega, se utilizando da reflexão atomista da Escola de Abdera, composta por Leucipo, Demócrito e Lucrécio. Seguindo esta tradição, apesar de utilizar diversos dados matemáticos para explicar a situação cósmica da terra, Reclus evidencia o papel das perturbações cósmicas e da complexidade dos fenômenos celestiais, enfocando o legado da dialética atomista. Já na página 34, afirma-se que, para compreender os caminhos que a Terra tomou para chegar ao atual estágio é importante integrar a abordagem do orgânico e do inorgânico, sendo a história natural o campo de clareza que *decifra as páginas da terra*.

Mais abaixo, na página 42, demonstra-se que, para decifrar as páginas da terra é importante entender suas formas como sendo dinâmicas, ou como sendo o estático dinâmico, por estarem em perpétuo esforço de mutabilidade em tempos geológicos. Desta premissa, de que as formas do relevo, apesar de parecerem estáticas são perpetuamente dinâmicas, Reclus levanta hipóteses que mais tarde levariam a confirmação da teoria da deriva continental. Reconhece os elementos intrusivos que promove o movimento das placas continentais, separando os continentes, usando da comparação de fósseis encontrados nas duas partes dos continentes, para difundir sua hipótese, assunto que também é retomado na página 335 e 709 do volume 1.

Les roches, les montagens, les masses continentales sont dans un perpétuel changement et tounent autour du globe comme les eaux et les airs. [...] La vie de la planète, comme toute autre vie, est une genèse continue, un tourbillon incessant d’atomes tour à tour fixés et libre qui s’élancent d’organisme en organisme. Toutefois, dans quelque phase de ces modifications infinies qu’on la comtemple, la terre reste toujours belle par sa forme, et les phénomènes qui

¹³⁵ “a natureza, imutável em sua leia, mas eternamente mutante em seus fenômenos, nunca sendo repetida”

s'y succèdent s'accomplissent avec une merveilleuse harmonie¹³⁶ (RECLUS, 1868, p. 50 – 51).

Na busca de compreender o perpétuo movimento dialético da natureza é de suma importância considerá-la em seu conjunto complexo, avaliando integradamente as dimensões orgânica, inorgânica, animal e humana, conformadas pela perspectiva do holismo. Na medida em que os conhecimentos científicos foram se aprimorando, na segunda metade de século XIX, os mistérios sobre as leis da natureza e o funcionamento da Terra foram sendo desvendados, com isso, a geografia física necessitava ser revista, superando o estágio de ser apenas um ramo que descrevesse a superfície, conduzindo assim, a ruptura paradigmática. Infelizmente, segundo aponta Reclus (1868, p. 51), “la géographie physique, se bornant à l'époque actuelle, décrit seulement la terre telle qu'elle vit aujourd'hui sous nos yeux.”¹³⁷

Na intensão de ir além das descrições da superfície, o geógrafo libertário busca desenvolver linguagem filosófica sobre os fenômenos espaciais, como também, aposta na direção da abordagem poética do espaço e da paisagem, invocando o papel do geógrafo como a do artista, pois é aquele que vê o vivido, sente as interações humanas nos lugares. “Ces comparaisons n'ont, il est vrai, rien de scientifique, mais elles s'imposent au regard, et le géographe, comme l'artiste, ne peut s'empêcher d'en être frappé”¹³⁸ (RECLUS, 1868, p. 368). Como o geógrafo tem o direito de ser tocado pelas questões da paisagem, ele pode almejar ir além do simples saber sistematizado, pode buscar fazer uma *ciência feliz*. Esse olhar que transcende o superficial garante na análise reclusiana o papel da geografia em desvendar a diversidade de *La Terre*, abordagem vinculada às interações sistêmicas e complexas dos fenômenos geográficos. Estas interações são os responsáveis pelo desenvolvimento da vida humana, que promove os desequilíbrios e as diversidades, sendo o desafio desta geograficidade ambiental sinalizar para a busca do equilíbrio mulher-homem-meio.

Tous les plateaux sont, pour ainsi dire, de petits continents émergeant du milieu des plaines, et, comme les grands continents limites par la mer, ils offrent dans l'ensemble de leurs phénomènes une espèce de résumé de ceux de la terre

¹³⁶ As rochas, as montanhas, as massas continentais estão perpetuamente mudando e circulando em volta do globo como as águas e os ares. [...] A vida do planeta, como todas as outras, têm uma gênese contínua, são um turbilhão incessante de átomos alternadamente fixados e livres que se planam de organismo em organismo. Todavia, em alguma fase destas modificações infinitas que se contempla, a terra fica sempre bela em sua forma, e os fenômenos que se sucedem se completam como uma maravilhosa harmonia.

¹³⁷ “a geografia física, limitando-se à época atual, descreve somente a terra tal como ela é vista hoje sob nossos olhos.”

¹³⁸ “Estas comparações não têm, na verdade, nada de científicas, mas elas se impõem ao olhar, e o geógrafo, como o artista, não pode deixar de se sensibilizar”

entière: ce sont autant de microcosmes. Centres vitaux de l'organisme planétaire, ils arrêtent les vents et les nuages, épanchent les eaux, modifient tous les mouvements qui s'accomplissent à la surface du globe. Grâce au circuit incessant qui se produit entre toutes les saillies du relief continental et les deux océans des eaux et de l'atmosphère, les climats étagés sur les flancs des plateaux se mêlent diversement et mettent continuellement en rapport les unes avec les autres les flores, les faunes, les nations et les races d'hommes¹³⁹ (RECLUS, 1868, p. 146).

No esforço de construir uma geograficidade da Terra, que aborde esta como uma estrutura dinâmica e complexa, Reclus constitui, a seu modo, a importância de cada unidade geográfica. O exemplo acima demonstra como ele evoca o papel dos planaltos na configuração da superfície e o quanto este é primordial para o desenvolvimento da vida, inclusive dos seres humanos e de suas conformações histórico-culturais. Este é o caráter explícito de sua geograficidade, ou seja, elevar o fenômeno geográfico como condição de *ser* da sociedade. O geográfico tomado como fundamento existencial dos seres. Esta análise se estenderá, também, para todas as outras estruturas geográficas, como por exemplo, no momento em que ele revela ser a principal função dos rios na natureza a de renovar incessantemente a superfície dos continentes, de transportar a vida e a fertilidade dos altos montes aos planos, até as bordas do oceano. Essa dialética da mobilidade e da imobilidade, entre as formas estáticas e móveis da natureza, garante a ênfase da terra enquanto complexidade dinâmica. E, Reclus (1868, p. 394) evoca o debate existencial da finitude e fugacidade da vida para explicar o desejo dos homens pela mobilidade, conforme pode ser notado no trecho a seguir.

C'est qu'en effet l'homme dont la vie est si courte, et par conséquent si mobile, a une horreur instinctive de l'immobilité. Pour lui faire sentir la vie de la nature, il faut que le mouvement et le bruit la témoignent à ses sens; ne pouvant apprécier que par de longues réflexions la grandeur des mouvements séculaires de la croûte terrestre, il lui faut les bonds rapides de l'eau jaillissant de cascade en cascade ou l'ondulation harmonieuse des vagues; de plus, il lui faut encore le contraste du stable et de l'instable, du mouvement et de l'immobilité.¹⁴⁰

¹³⁹ Todos os planaltos são, por assim dizer, pequenos continentes emergindo em meio às planícies, e, como os grandes continentes são limites para o mar, eles oferecem em seu conjunto de fenômenos uma espécie de resumo daqueles da terra inteira: eles são igualmente microcosmos. Centros vitais do organismo planetário, eles freiam os ventos e as nuvens, conduzem as águas, modificam todos os movimentos que se constituem na superfície do globo. Graças ao circuito incessante que se produz entre todos os acidentes do relevo continental e dos dois oceanos, tanto o de água quanto o de atmosfera, os climas estendidos sobre os flancos dos platôs se misturam diversamente e incidem continuamente ligação uns com os outros, entre as floras, as faunas, as nações e as sociedades [raças] humanas

¹⁴⁰ O fato é que o homem, cuja vida é tão curta, e, por conseguinte, tão móvel, tem um horror instintivo pela imobilidade. Para lhe fazer sentir a vida da natureza, é preciso que o movimento e o barulho manifestem nos seus sentidos; não podendo apreciar, apenas diante das longas reflexões, a grandeza dos movimentos seculares da crosta terrestre, ele o concebe ainda o contraste entre o estável e o instável, entre o movimento e a imobilidade.

Na constituição da geograficidade reclusiana de *La Terre*, o parâmetro do holismo organicista dá o tom de sua abordagem, claro que, logo após suas contribuições, já no início do século XX, esta ecologia social, principalmente a ecologia urbana, conforme destaca Gottdiener (1993), foi levada ao extremo do organicismo mecanicista, alinhada às conjecturas do darwinismo social, noção esta, fortemente combatida por Reclus, Kropotkin e Metchnikoff, em busca de uma espécie de darwinismo de esquerda ou de um pós-darwinismo. A ecologia presente em Reclus, sobre a forma de *environnement*, *milieu* ou *nature*, e mais evidente em Geddes (1994), sofreu grave desvio ético, ideológico e científico quando prosseguida pelo projeto conservador da Escola de Chicago, descaracterizando suas posições originais de base ácrata.

Sobre esse assunto, Pelletier (2015), em interessante e muito ressentido escrito sobre ecologia e anarquismo, chama a atenção para a confusão de ideias em torno dessa relação, recentemente muito mais recorrente. Alerta para o fascismo embutido nas concepções ecologistas, naturalistas e ambientalistas, que desde sua origem com Haeckel, em 1866, até os cataclísmicos e infundados direcionamentos do ecologismo atual elas vêm se mostrando enquanto abordagens cada vez mais distantes das esquerdas e das questões sociais prioritárias, que por sua vez, são as mais responsáveis por gerarem os problemas de ordem ambiental. Para o autor, Reclus foi enfático em demonstrar a impossibilidade da abordagem ambiental estar separada da social, por isso, ele defende a perspectiva socioambiental. E no caso da geografia reclusiana, sua noção de mesologia não deve ser confundida com ambientalismo, mas deve ser vista como teoria geográfica, como abordagem espacial. Então, na compreensão de Pelletier (2015), não há ambientalismo reclusiano e sim abordagem do *milieu*, por isso, é ambiental, espacial e, sobretudo, socioespacial.

O *organicismo* em Reclus, se é que ele realmente existe ao modo pejorativamente concebido, é ambientalidade ou espacialidade, que é delineado pelo social, concebido na prática geográfica das relações entre os sujeitos e a sociedade, ponto central de sua geograficidade ambiental. Até nessa relação dos homens com o meio e da sociedade com a natureza o geógrafo libertário defende o equilíbrio, tanto prático como teórico. Sua *ambientalidade* aproxima-se mais das vanguardas dissidentes do anarquismo verde, da ecologia da liberdade, que é social, espacial e radical, presente em Bookchin (1999), do que, ao organicismo mecanicista ou o ambientalismo fatalista.

Nesse sentido, é comum encontrar em *La Terre* linguagem que compara as formas vegetais aos fenômenos geográficos ou aos fenômenos da vida animal e humana.

Em contrapartida, se utiliza do excesso de metáforas geográficas ou espaciais para explicar as formas da vida. Na página 478, por exemplo, é possível notar que o rio e todas as fontes fluviais que compõem as bacias hidrográficas, podem ser comparadas ao caule da árvore, e suas raízes à rede fluvial; como também, o sistema de irrigação e de sua interação com a atmosfera; a precipitação e escoamento superficial do relevo com o sistema de irrigação sanguínea, promovido no corpo pelo coração. Toda essa abordagem, de uma forma geral, amplamente metafórica, agregada às figuras de linguagem, não é posta estritamente para justificar, grosso modo, as determinações naturais, mas para aproximar o conteúdo dinâmico da natureza ao conteúdo dinâmico dos humanos. “Les fleuves, aussi bien que les vents, tendent naturellement à déplacer leur cours de manière à opérer un arc de révolution autour de la planète”¹⁴¹ (RECLUS, 1868, p. 526).

Na busca de confirmar o sentido dinâmico do planeta Terra, na página 710, Reclus, ao tratar dos tremores de terra e das atividades plutônicas e vulcânicas, evidencia o sentido perpetuamente móvel da superfície terrestre. Depois, é discutido o impacto das recentes descobertas científicas, sobre as atividades internas do planeta, no sentido moral da humanidade, que passou a compreender o caráter dinâmico da Terra como um todo. “Le sol, que les peuples considèrent encore comme le symbole de l’immuable, est au contraire dans un état d’oscillation constante”¹⁴² (RECLUS, 1868, p. 750). Os movimentos lentos da terra como também os súbitos são extraordinárias formas de poder, que contestam a imobilidade do viver sobre a superfície, apresentando o imperativo categórico da dialética natural.

Acerca dessas oscilações da crosta terrestre, Reclus busca valorizar as sabedorias antigas, tanto as sapiências quanto a ciência que era praticada naquela época, destacando a importância de Heródoto, Estrabão, Ptolomeu, Plínio, entre outros, mas valorizando também os nomes menos conhecidos de, Angilo Eremitano e Eutache Manfredi. Além de retomar ao passado, ele também evidencia o debate científico atual do seu tempo, conjecturando a ideia de que existe uma lei sistêmica para explicar os deslocamentos dos continentes, por exemplo, como é citado na página 802, ao rastrear o caminho dos recifes de coral e dos fósseis da costa da América do Sul comparados com a da África ocidental. O seu desafio, elencado nesta obra, é de que as pesquisas recentes possam buscar materializar que lei geral desconhecida da natureza é essa, o que mais

¹⁴¹ “Os rios, assim como os ventos, tentem naturalmente à deslocarem seus corpos de maneira a operarem um arco de revolução em torno do planeta”

¹⁴² “O solo, que os povos o consideram ainda como o símbolo da imutabilidade, ao contrário, está em um estado de constante oscilação”

tarde ficou conhecida como tectônica de placas, fator primordial para explicar grande parte dos sistemas móveis da superfície do planeta Terra.

Tout change, tout est mobile dans l'univers, car le mouvement est la condition même de la vie. Jadis les hommes, que l'isolent, la haine et la peur laissaient dans leur ignorance native et remplissaient du sentiment de leur propre faiblesse, ne voyaient autour d'eux que l'immuable et l'éternel. [...] Mais depuis que la civilisation a rattaché les peuples aux peuples dans une même humanité, [...] l'homme a cessé d'être isolé et pour ainsi dire d'être mortel; il est devenu la conscience de l'impérissable univers¹⁴³ (RECLUS, 1868, p.810).

Desta perspectiva laica da geografia, que enfatiza o movimento dialético da natureza, na qual a mobilidade é a condição fundamental para a vida, é que os seres humanos são tomados por essa consciência de que são universais, por vencerem os limites espaciais, vencendo, de outro modo, a imobilidade das ideias pelo sentimento de unidade e integração. E este é o sentido dessa geograficidade ambiental. Essa revolução dos movimentos não é somente reconhecida nos movimentos das correntes oceânicas, explica Reclus, que circulam em torno do planeta, mas também, “les continents eux-mêmes, se déplaçant avec leurs sommets et leurs vallées, se mettent à cheminer sur la rondeur du globe”¹⁴⁴(RECLUS, 1868, p. 810). Todas essas transformações constantes, parecem surgidas abruptamente, mas, ao contrário, pertencem ao tempo lento imemorial do perpétuo movimento cósmico. Segundo Reclus (1868, p. 811), “ce n'est point ainsi que la nature procède d'ordinaire; elle est plus calme, plus régulière dans ses oeuvres, et, contenant sa force, opere les changements les plus grandioses à l'insu des êtres qu'elle nourrit.”¹⁴⁵

O próximo elemento natural analisado em *La Terre* é o ar, que é classificado na página 279 do volume 2, como o agente da circulação vital do planeta. É este que traz a vida e difunde a mesma pelo planeta, usufruindo daquilo que não é mais vivo para recompor esse movimento infinito, nos termos de uma dialética atomista lucreciana. Tomando como exemplo as palavras de Reclus (1869, p. 281), “chaque molécule de gaz passe donc éternellement de vie en vie et s'en échappe de mort en mort; tour à tour vent, flot, terre, animal ou fleur, elle est, malgré sa petitesse, le symbole du mouvement

¹⁴³ Tudo muda, todo é móvel no universo, porque o movimento é a condição em si da vida. Outrora os homens, que se isolam, a fome e o medo os deixam em sua ignorância nativa, preenchidos do sentimento de sua própria fraqueza, só enxergam em torno de si a imutabilidade e a eternidade. [...] Mas desde quando a civilização integrou os povos uns aos outros numa mesma humanidade, [...] o homem cessou de isolar-se e pôde, diante disso, dizer-se mortal; ele tornou-se a consciência do imperecível universo.

¹⁴⁴ “os continentes em si, se deslocam com seus cumes e seus vales, se colocam à caminhar sobre a superfície (redondeza) do globo”

¹⁴⁵ “não é assim que a natureza prossegue normalmente; ela é mais calma, mais regular em suas obras, e, diante de sua força, opera as transformações mais grandiosas sem se dar conta dos seres que ela nutre.”

infini.”¹⁴⁶ Essa noção de circularidade universal e permanente da vida dada pela distribuição do ar alimenta a compreensão da Terra enquanto sistema vivo, integrado, complexo e dinâmico, onde tudo está harmonicamente equilibrado e inter-relacionado, conforme pode ser notado nas palavras seguintes de Reclus (1869, p. 281).

Aux régions tempérées qui sont principalement le domaine de l’homme, ils apportent l’oxygène qu’ont exhalé les immenses forêts de la zone tropicale; à ces mêmes forêts ils donnent le carbone, qui est la vie des arbres et qui serait la mort de l’homme. Bien plus, ils animent le globe lui-même, en charrient d’immenses quantités de vapeurs aux montagnes où s’élabore le filet des sources, puis en faisant circuler sur les mers un air sec et toujours avide de l’eau qui s’évapore à la surface. Comparables au cœur dans un organisme vivant, [...]; c’est ainsi que se produit dans toute la masse aérienne un mouvement de systole et de diastole, imprimant la vitesse initiale aux courants artériels qui vont porter la fécondité sur tous les points de la planète.¹⁴⁷

No que diz respeito ao papel da vegetação na compreensão da geograficidade ambiental reclusiana, marcada pela dinâmica e complexidade da Terra, o autor chama a atenção, na página 521, do volume 2, para o sentido singular de cada forma vegetal, argumentando que, cada uma tem sua história própria, suas tradições de uso, pertence a uma determinada região particular, e é por isso que a extrema diversidade das condições de existência demarcam a maravilhosa variedade dos grupos de espécies vegetais no nosso planeta. Diante desta perspectiva, na página 338, do volume 2, o Brasil será citado como o maior triunfo da natureza viva, por ser o país do mundo onde a força e o charme da grandeza dos conjuntos naturais portam infinitos detalhes, sendo provedor da vida e da diversidade mais abundante da Terra.

Continuamente em *La Terre* é destacado a diversidade geográfica como fator primordial. O autor realiza tópicos síntese sobre a variedade e complexidade dos continentes do planeta, caracterizando e pontuando os principais elementos da geograficidade da Ásia, Europa, América do Norte, América do Sul, África e Oceania, em que Reclus (1868, p. 390), aponta o valor da diversidade infinita das formas terrestres e da vida como elemento modelo das particularidades do geográfico.

¹⁴⁶ “cada molécula de gás passa, pois, eternamente de vida em vida, se escapa de morte em morte; variando pelo vento, fluxo, terra, animal ou flor, ela é, malgrado sua pequenez, o símbolo do movimento infinito.”

¹⁴⁷ Às regiões temperadas, que são principalmente o domínio do homem, eles [os fluxos de ar] trazem o oxigênio que exalaram as imensas florestas da zona tropical; a estas mesmas florestas eles dão o carbono, que é a vida das árvores e que seria a morte do homem. Mais ainda, eles ativam a circulação no globo, carregando imensas quantidades de vapores até as montanhas, lugar em que se produz o filete das fontes, depois, fazendo circular sobre os mares um ar seco e sempre ávido de água que se evapora até a superfície. Comparáveis ao coração no interior de um organismo vivo, [...]; é assim que se produz em toda a massa aérea um movimento de sístole e de diástole, imprimindo a velocidade inicial às correntes arteriais que vão transportar a fecundidade sobre todos os pontos do planeta.

C'est ainsi que la forme de chaque continent et les phénomènes climatérique qui leur sont propres ont déterminé la naissance de fleuves modelés sur un type particulier dans chaque partie du monde. Tous les corps continentaux diffèrent les uns des autres, le système circulatoire de chacun d'eux s'est naturellement harmonisé avec l'ensemble des terres que les eaux courantes avaient à vivifier.¹⁴⁸

Concluindo o passeio que Reclus (1869, p. 560) promove sobre as formas dinâmicas e complexas da natureza da Terra, este sinaliza a capacidade mutante dos grupos vegetais, reivindicando a identificação e classificação destes biomas ou sistemas naturais, em virtude de que “les peuplades végétales se modifient incessamment; la vie qui germe sur le sol, comme le sol lui-même, est dans un état de transformation perpétuelle”.¹⁴⁹

5.1.2 A terra enquanto condicionamento

Este prisma da geograficidade reclusiana vincula a terra enquanto condicionamento, não somente dos homens, mas de todos os seres vivos, pois é a totalidade imanente que precede todas as relações que se materializam na sua superfície. Condicionamento deve ser entendido, diante da concepção reclusiana, não como determinismo ambiental, climático, econômico etc., mas como contingencialidade para a reprodução da vida; no caso da sociedade, como reprodução das relações sociais de produção.

Soja (1993) irá chama-la de espacialidade, essa relação de contingência que há entre os homens e o meio, identificando no espaço a fonte principal e substrato motivador das relações sociais de produção e reprodução. Conforme já foi colocado anteriormente, em Reclus predomina a compreensão mais abrangente dos processos de condicionamento e desenvolvimento dos seres, visto neste caso, como o todo geográfico, seguido de suas mais diversas categorias de análise. O geográfico é tomado como a totalidade de todas as relações que se manifestam na superfície da Terra, por isso busca-se a ideia de, geograficidade do sentido, de experiências e de práticas dos seres.

¹⁴⁸ É assim que a forma de cada continente e os fenômenos climáticos que lhes são próprios determinaram o nascimento de rios, modelados sobre um tipo particular em cada parte do mundo. Todos os corpos continentais diferem uns dos outros, o sistema circulatório de cada um deles está naturalmente harmonizado com o conjunto das terras que as águas correntes tinham que vivificar.

¹⁴⁹ “as populações vegetais se modificam incessantemente; a vida que germina sobre o solo, como o solo em si, está num estado de transformação perpétua”.

Diante dos desafios geográficos, das fronteiras, limites e acidentes naturais das mais diversas espécies, os seres humanos vão modelando e conformando o geográfico. Através de suas capacidades produtivas oriunda da força de trabalho, das associações e da esperança em transformar a hostilidade geográfica no habitat humano, o geográfico constitui, segundo aponta Reclus, numa espécie de acomodamento entre seres humanos e o meio.

Por sua vez, tomando como base a compreensão trazida pelo geógrafo libertário francês, em virtude da menor capacidade técnica, os seres humanos buscaram se adequar aos ambientes menos hostis. Mesmo após terem acumulado enorme legado das técnicas, essa máxima ainda permaneceu, em virtude deles submeterem à *lei de menor esforço*, dada por Maupertuis. Em *La Terre* ela é colocada como a *mãe benfeitora*, como o todo que condiciona a vida, é onde a geograficidade enquanto o campo específico do geógrafo, que compreende o arranjo espacial, o poder da localização, das estratégias de uso do espaço, e das relações empreendidas entre os seres humanos e as diferentes áreas, é mais evidente. Por isso, Reclus eleva a superfície terrestre e todas as suas particularidades, como o principal campo de estudo do geógrafo, conforme igualmente defende Hartshorne (1978), Dardel (1952) e Dematteis (1985), porque nela está incluída a condição elaboradora de todos os fenômenos da vida planetária, e principalmente como contingencialidade das modificações que os homens dela faz.

No esforço de definição do objeto da geografia Reclus busca encontrar a espacialidade provedora do desenvolvimento da humanidade, sinalizando que “ces régions bases, que l’horizontalité du sol destinait à n’être le théâtre que d’une faible activité de la vie planétaire, sont devenues le siège principal de l’humanité, et c’est là que la civilisation accomplit ses progrès les plus remarquables”¹⁵⁰ (RECLUS, 1868, p. 101). O autor reforça a ideia da Terra como condicionamento da humanidade através da perspectiva da diversidade da superfície, ensejando que “c’est grâce au relief de la planète que les continents sont organisés et vivent pour ainsi dire; c’est grâce à toutes ces inégalités du sol que les climats, les eaux, les produits et les populations se distribuent d’une manière si variée sur la terre”¹⁵¹ (RECLUS, 1868, p. 141).

Para além de identificar, descrever e comparar a diversidade da paisagem, na página 160, do volume 2, é evocado o espírito de liberdade que a Terra traz aos homens

¹⁵⁰ “estas regiões bases, que a horizontalidade do solo destinava a ser somente o teatro de uma falha atividade da vida planetária, tornaram o receptáculo principal da humanidade, e é ali que a civilização compõem seus progressos mais notáveis”

¹⁵¹ “é graças ao relevo do planeta que os continentes estão organizados e vivem, por assim dizer; é graças a todas estas irregularidades do solo que os climas, as águas, os produtos e as populações se distribuem de uma maneira profundamente variada sobre a terra”

quando estes se lançam na profundidade do sentimento da natureza, não somente compreendendo-a mas sentindo em toda a sua completude. Dotados da sabedoria advinda da geografia os homens buscam os *gozos de contemplação* humboldtianos, mas, além disso, passam a notar que fazem parte e são esse todo cósmico. Já na página 395, do volume 2, é evocada também a análise poética da paisagem, considerando que a mesma está para além das formas, dos arranjos, e das explicações sistemáticas do espaço, mas enquanto sensibilidade do olhar geográfico.

A natureza que liberta também é aquela que educa, e que mostra que o humano é a parte do todo e a pequenez deste diante dos grandiosos fenômenos naturais o coloca em uma situação de modelador, embelezador e perpetuador deste equilíbrio. A tentativa de Reclus era de construir uma geografia eminentemente libertária, hedonista, pós-cristã e laica, em que os prazeres de se deleitar com os fascínios e os benefícios da natureza fossem o ensinamento de uma vida direcionada ao hedonismo social libertário, emancipador das hostilidades geográficas e difusor das potencialidades da natureza, equalizados à ação humana.

Na obra em questão não é esboçado crença teleológica na ciência, como ocorreu em alguns trabalhos do século XIX. Reclus alertava para os perigos da ciência a serviço irrestritamente do progresso, que suplanta a esperança no bem estar, no eudemonismo aristotélico. Por isso, até as últimas páginas de *La Terre* será destacada a importância das sabedorias antigas, principalmente para o caso das sociedades modernas, marcadas pelo desafio de reconstruírem sua cognoscibilidade com o planeta. Esta obra visa a reconciliação do humano com o meio, consciência essa, assentada na riqueza legada pelas antigas tradições. Na página 367, do volume 1, fica evidente o papel dos antigos modos de vida como ensinamentos para as gerações futuras, pois eles estavam muito mais próximos à natureza do que as sociedades contemporâneas, então conservavam ainda os ensinamentos da Terra. Ao invés de simplesmente desafiarem os acidentes da natureza, “en revanche, l’industrie humaine a su, dans une foule d’autres cas, utiliser les dépressions du sol pour dériver latéralement des bras de fleuves et créer ainsi une bifurcations artificielle”¹⁵² (RECLUS, 1868, p. 372), por exemplo, como sentimento de equilíbrio da atuação no meio.

Os condicionamentos da Terra foram demasiadamente utilizados enquanto benefícios para o progresso e expansão dos domínios territoriais. O papel da localização e da sua inter-relação com os fenômenos geográficos como motivadores das relações

¹⁵² “por outro lado, a indústria humana soube, no turbilhão de outros casos, utilizar as depressões do solo para desviar lateralmente os braços dos rios, criando assim uma bifurcação artificial”

entre lugares e pessoas é central na geografia reclusiana, principalmente em *La Terre*. É assim que ele compreende a geograficidade dos fatos. Por exemplo, quando Reclus (1869, p. 118) cita o caso da “l’influence que la va-et-vient des marées exerce indirectement sur le commerce et las civilisations des peuples, elle est immense; c’est à ces mouvements de la mer que l’Angleterre doit en grande partie sa puissance et sa gloire.”¹⁵³ Seguindo essa discussão, na página 150, do volume 2, o autor defende que grande parte dos avanços científicos foram possíveis em virtude do maior conhecimento dos mecanismos de funcionamento da Terra e dos seres vivos, que funcionaram como base de sustentação dos avanços técnicos, no que se buscou denominar como a *gênese contínua*, na página 127, do volume 2. Essa gênese é constantemente negada diante do processo de divórcio entre sociedade e natureza, marcado pela degradação dos recursos vitais. “De toutes les circonstances de milieu, celle qui influe le plus sur les espèces, on le comprend sans peine, c’est leur nourriture”¹⁵⁴ (RECLUS, 1869, p. 581).

Em virtude das limitações que o meio impõe ao ser humano, este torna seu principal agente de transformação, sendo condicionado em um primeiro momento, e condicionando num outro, ou mesmo aproveitando as condições para produzirem outras mais ecumênicas. Nesse sentido, “les surfaces si différentes que présentent de nos jours les aires d’habitation changent incessamment pendant le cours des âges, suivant les modifications du sol et du climat”¹⁵⁵ (RECLUS, 1869, p. 587). Por conseguinte, para além das atividades humanas seguirem as modificações do meio, Reclus (1869, p. 588) busca evidenciar o papel da sociedade enquanto principal transformadora e condutora das transformações na natureza, no esforço de retirar da geografia qualquer perspectiva determinista conduzida por Jules Michelet.

L’homme qui, lui aussi, est un agent géologique, et l’un des plus actifs, a pris une part énorme, soit directement, soit indirectement dans la répartition des espèces animales; mais sans parler de cette influence décisive due à l’intervention humaine, il est certain que toutes les variations du milieu produisent dans l’aire des espèces de variations correspondentes.¹⁵⁶

¹⁵³ “a influência que o vai e vem das marés exerce indiretamente sobre o comércio e as civilizações humanas é imensa; são a estes movimentos do mar que a Inglaterra deve em grande parte sua potência e sua glória.”

¹⁵⁴ “De todas as circunstâncias do meio, a que influi mais sobre as espécies, compreende-se sem pena, é aquela da alimentação”

¹⁵⁵ “as superfícies tão diferentes que apresentam em nossos dias as áreas de habitação mudam incessantemente durante os curso do tempo, seguindo as modificações do solo e do clima”

¹⁵⁶ O homem que, ele próprio, é um agente geológico, um dos mais ativos, dotou-se de enorme papel, seja diretamente, seja indiretamente na repartição das espécies animais; mas sem falar somente desta influência decisiva dada à intervenção humana, ele está certo de que todas as variações do meio produzem numa área espécies de variações correspondentes.

O fato de o humano ser visto como o principal agente geológico leva o autor a conclusões, de certa forma, diferentes daquelas tomadas bem mais tarde pela geografia marxista, principalmente no que tange às consequências antropogênicas imperadas na natureza, que em virtude da atuação predatória da sociedade ocorre a ruptura com os sistemas de equilíbrio natural, instaurando o latifúndio das técnicas como síntese das relações sociais de produção. Na página 598, do volume 1, de *La Terre*, ocorre a busca de classificação dos biomas, vistos como a *zona da vida*, e a *Terra como um envelope do vivido*, na intenção de demonstrar o papel dessa integração sistêmica para cada domínio da produção social das relações de produção, em defesa muito mais da mutualidade do que da tecnificação, sempre atrelada ao prisma da concentração e superprodução que degrada os sistemas da vida.

Na página 632, manifesta-se certa alusão ao *Direito à Preguiça*, do libertário Paul Lafargue (1900), quando é negada a dependência inerente ao produtivismo e ao trabalhismo maquinista. Contrário a esse modelo, é apresentado o caso da sabedoria das sociedades tropicais, que em harmonia com o meio, que apesar de sua exuberante e rica natureza não ser favorável ao desenvolvimento, é justamente essa beleza e abundância que enseja a liberdade genuína e autônoma de uma terra que tudo abunda. É chamada a atenção também ao exemplo dos povos hindus, como um dos mais elevados grupos sociais por serem capazes de refletirem acerca da contemplação das leis da natureza, e por tomarem estas como únicas leis aceitáveis, contra as leis tiranas dos homens. Estes povos não ocidentais olham para a Terra como condicionamento educador para a liberdade, pois nela está a condição de lei universal da existência humana, provedora da simbiose mulher/homem-meio, sabedoria ancestral de uma *outra* natureza edificante da autonomia, de um progresso que deleita com a diversidade da vida que o rodeia, que a potencializa e a embeleza, segundo os termos reclusianos.

Mas, para o desenvolvimento da sociedade produtivista e desenvolvimentista, inegavelmente, a região mais propositiva é a temperada, segundo é explicitado na página 636, do volume 2. Estas regiões, explica o geógrafo libertário, são convidativas em virtude da generosidade do clima e da diversidade dos fenômenos climáticos, que perpassam por diferentes sazonalidades bem definidas. Sendo assim, este é o clima mais adequado a humanidade, na opinião do autor, por este produzir uma terra com rica fertilidade, irrigada pelo degelo, e que conduz excessos de beleza e felicidade. E isso explica a alta concentração populacional nessas regiões.

Se o clima mais convidativo é o temperado, mesmo sabendo que nos outros a vida floresce com igual ou maior beleza e amor a terra, o relevo menos hostil, seguindo

a lei do menor esforço, são os platôs, conforme a colocação do geógrafo francês. Eles foram e são os mais importantes domínios para o desenvolvimento da história da humanidade, confirma-se na página 638, do volume 2. Em síntese, diz Reclus (1869, p. 645), pode se dizer que,

Les contrées dont le relief topographique agit de la manière la plus favorable sur les populations qui les habitent, sont les pays doucement accidentés de la zone tempérée, où les vallées, bien arrosée de ruisseaux et de rivières, alternent avec les collines, où les paysages sont beaux, mais non d'une beauté sauvage, où les communications sont naturellement faciles.¹⁵⁷

Dessa forma, a beleza está mais na capacidade de se mobilizar pelo território, constituindo arranjos espaciais de interações sociais, do que na simples exuberância da paisagem, pois “ces changements successifs dans l’adaptation plus ou moins grande de la terre aux peuples qui l’habitent se produisent pour la configuration des continents eux-mêmes, non moins que pour les petits détails de la topographie locale”¹⁵⁸ (RECLUS, 1869, p. 660). O conjunto dos arranjos espaciais, temática cara à geografia radical pós-1970, é que define a geograficidade libertária reclusiana. Libertar-se das condições de limitação e aprisionamento do meio sem romper com o equilíbrio dos seres na Terra, é a ética desta geograficidade. Libertar-se do atraso e da barbárie que o império das técnicas promove na superfície da Terra, arregimentando o controle social, a exploração das forças de trabalho e eliminando o gozo de uma vida autônoma e feliz, reconciliada com o que lhe rodeia, é a política dessa prática geográfica.

As técnicas vencem os acidentes geográficos, libertam os homens de suas limitações, nivelam os estriamentos do espaço, alimentam as mobilidades acionando a reprodução das relações sociais, podendo ser capaz de integrar solidariamente os povos e os territórios, superando as fronteiras da divisão cultural e econômica, promovendo ampla integração socioespacial. Mas deve-se tomar o cuidado, alerta a consciência reclusiana, em transformá-las em novos sistemas de dominação e dependência, quando são conduzidas unicamente para o progresso centralizador e não promovem seu princípio fundador que é o bem estar, a flexibilidade e o descanso. As técnicas devem servir à libertação dos diferentes grupos humanos.

¹⁵⁷ As áreas cujo relevo topográfico age de maneira mais favorável sobre as populações que as habitam são as regiões levemente acidentadas da zona temperada, em que os vales, satisfatoriamente irrigados por riachos e rios, alternam-se com colinas, são onde as paisagens são belas, mas não de uma beleza selvagem, onde as comunicações são naturalmente fáceis.

¹⁵⁸ “estas transformações sucessivas na adaptação mais ou menos intensa da terra aos povos que nela habitam se produzem pela configuração dos continentes em si mesmos, não menos do que pelos pequenos detalhes da topografia local”

Para concluir a compreensão da Terra enquanto condicionamento, Reclus (1869, p. 661) reconhece o poder da atuação humana na reconfiguração das estruturas dos arranjos espaciais, sendo o espectro do mais profundo agente transformador da natureza, argumentando que, “chaque progrès historique change donc les rapports de l’homme avec la terre qui le porte, et, par suite, l’influence du milieu se modifie incessamment”.¹⁵⁹ Mesmo a força produtiva da sociedade sendo a mais poderosa condição modeladora da paisagem esta ainda se adequa às novas condições e rearranjos configurados na totalidade do espaço geográfico.

5.1.3 O homem/mulher enquanto agente transformador

Até o momento foi possível identificar em *La Terre*, pelas palavras de Reclus, a geograficidade como o caráter específico do geográfico, referente ao item 5.1.1, em que a Terra é tomada como sistema dinâmico e complexo; a geograficidade enquanto fundamento existencial do ser, referente ao item 5.1.2, em que trata da Terra como condicionamento; a geograficidade como prática espacial, no item atual, em que aborda as ações humanas como transformadoras da natureza; e por final, a geograficidade enquanto experiência e prática dissidente, no item derradeiro, em que aborda a geograficidade do equilíbrio presente em *La Terre*.

Para abordar a geograficidade enquanto prática espacial, Reclus levanta, pioneiramente em um tratado de geografia física, a questão do trabalho como elemento central da ação humana, como agente de transformação da natureza, da produção da segunda natureza, e até mesmo, em pleno terceiro quartel do século XIX, o papel do trabalho humano como fundamento da produção e reprodução dos arranjos espaciais através dos aprimoramentos e implantações do meio técnico. Grande parte dessa discussão em *La Terre* se desenvolve no capítulo 04, do volume 2, intitulado justamente de *Le Travail de L’Homme*.

O autor inicia a discussão destacando o papel do trabalho agrícola e industrial nesse processo de reprodução do espaço, salientando os avanços trazidos pela irrigação agroindustrial para o modelo produtivo do campo. Destaca também, as ações de melhoramento do uso do espaço rural, as contenções das inundações, recuperação da fertilidade dos vales e a organização dos espaços urbanos pela capacidade da força de trabalho da sociedade. Por sua vez, novamente, destaca o legado das sabedorias antigas

¹⁵⁹ “cada progresso histórico muda as relações do homem com a terra que o porta, e, por conseguinte, a influência do meio se modifica incessantemente”.

como direcionamento seguro a caminho do equilíbrio geográfico. “Pour l’emploi intelligent des eaux courantes à la fertilisation du territoire, les agriculteurs modernes ont encore à s’instruire de l’exemple des anciens”¹⁶⁰ (RECLUS, 1868, p. 463).

No entendimento de Reclus grande parte do trabalho humano está alinhado às condições que o meio lhe exige, que por sua vez, é potencializado pelo conjunto das forças da natureza, caso das correntes marítimas para a circulação comercial internacional, os fluxos fluviais para os arranjos produtivos locais, regionais, nacionais e até mesmo, internacionais, como também, a declividade e fertilidade do solo para as práticas agrícolas, etc.

Toutefois, à mesure que les peuples sont développés en intelligence et en liberté, ils ont appris à réagir sur ce monde extérieur dont ils avaient subi passivement l’influence; ils se sont graduellement approprié le sol qui les porte, et devenus, par la force de l’association, de véritables agents géologiques, ils ont transformé de diverses manières la surface des continents, changé l’économie des eaux courantes, modifié les climats eux-mêmes, déplacé les faunes et les flores. [...] Le travail humain, sans cesse modifié, donne à la surface terrestre la plus grande diversité d’aspect, et la renouvelle, pour ainsi dire, avec chaque nouveau progrès de sa race en savoir et en expérience¹⁶¹ (RECLUS, 1869, p. 670 – 671).

O geógrafo libertário admira-se bastante com essa relação da força produtiva conjunta às forças da natureza, caso emblemático dos fluxos de água. Tomando como base suas palavras, “les cours d’eau, ces puissants *travailleurs*, ne se contentent pas d’apporter les eaux, les alluvions et les climats, ils roulent aussi dans leurs flots l’histoire et la vie des nations”¹⁶² (RECLUS, 1868, p. 540). Partilhando desta compreensão, a mobilidade dos fluxos hídricos promove *a história social de um povo*, portanto, são geografidades que constituem a experiência espacial dos sujeitos. A água é tomada como marcha histórica e fluidez do geográfico. A sociedade, então, pode ser concebida diante das mobilizações promovidas pela força de trabalho aliada à força da natureza, como tributária da mobilidade que aciona os arranjos espaciais e reconfiguram as relações materiais. “Pour que l’homme s’empare des forces de la nature et les fasse

¹⁶⁰ “Para o emprego inteligente dos fluxos de água à fertilização do território, os agricultores modernos têm ainda que buscar se instruírem do exemplo dos antigos”

¹⁶¹ Todavia, à medida que os povos são desenvolvidos em inteligência e em liberdade, significa que eles aprenderam a reagir sobre este mundo exterior no qual eles tinham sofrido a influência; se apropriaram gradualmente do solo que os abarcam, convertidos pela força da associação de verdadeiros agentes geológicos, eles transformaram de diversas maneiras a superfície dos continentes, mudando a economia das correntes fluviais, modificando os climas, deslocando as faunas e as flores. [...] O trabalho humano, não cessa de ser modificado, dando à superfície a maior diversidade de aspecto, renovando, por assim dizer, a cada novo progresso de sua raça (sociedade) em saber e em experiência.

¹⁶² “os corpos d’água, estes potentes *trabalhadores*, não se contentam em conduzir somente os volumes de água, os aluviões e os climas, eles também transportam em seus fluxos a história e a vida das nações”

travailler à son profit, la première condition est qu'il les comprenne"¹⁶³ (RECLUS, 1868, p. 457).

Ainda segundo o papel dos rios na sociedade, mesmo quando não havia a generalização do meio técnico, explica Reclus (1868, p. 540), “loin de limiter les nations, les fleuves les mobilisent”, sendo assim, elas são as artérias do desenvolvimento das sociedades passadas. Com os avanços nas redes de transporte terrestre e aérea, argumenta Reclus (1868, p. 541), “les cours d'eau n'ont plus aujourd'hui, dans l'histoire de la civilisation, l'importance exclusive qu'ils avaient autrefois, car ils ne sont plus les seules voies de communication entre les peuples.”¹⁶⁴

Por outro lado, Reclus (1868, p. 541) destaca as maravilhas dos avanços técnicos, principalmente dos meios de transporte, tornando o espaço mais fluído, promovendo encontros e interações sociais quase impossíveis no passado, “car l'homme n'est plus l'esclave de la nature. Il peut se créer des chemins artificiels plus courts et plus rapides que les chemins naturels, et la seconde nature, plus vivante, qu'il se crée par le travail de ses propres mains, le dispense d'adorer la première nature qu'il vient de discipliner”.¹⁶⁵

Essa *segunda natureza*, mais viva, criada pela força de trabalho humano, é o que mais surpreende positivamente o geógrafo das liberdades, pois ela garante a ruptura com os disciplinamentos imobilizadores da primeira natureza. Desta forma, o humano usa da sua força coletiva para potencializar as forças da natureza, modelando a seu modo e bem estar, através dos *travaux d'aménagement*, nos termos reclusianos. Para que se alcance o domínio completo das forças da natureza, explica Reclus (1869, p. 671), “la première de toutes les conditions pour que l'homme arrive un jour à transformer complètement la surface du globe, c'est qu'il la connaisse en entier et qu'il la parcoure dans tous les sens”.¹⁶⁶

Nessa perspectiva, as explorações geográficas contribuíram decisivamente com maior demanda de avanços científicos nas redes de transporte, possibilitando a

¹⁶³ “Para que o homem apodere-se das forças da natureza e as faça trabalhar a seu proveito, é primordial que ele primeiramente as compreenda”

¹⁶⁴ “longe de limitar as nações, os rios as mobilizam” [...] “os cursos de água não tem mais hoje, na história da civilização, a importância exclusiva que tinham outrora, porque eles não são mais as únicas vias de comunicação entre os povos”

¹⁶⁵ “porque o homem não é mais escravo da natureza. Ele próprio pode criar caminhos artificiais mais curtos e mais rápidos do que os antigos caminhos naturais, esta segunda natureza, mais viva, criada pelo trabalho de suas próprias mãos, o faz dispensar a dependência da primeira natureza que agora ele vem disciplinando”.

¹⁶⁶ “a primeira de todas as condições para que o homem chegue um dia a transformar completamente a superfície do globo, é a possibilidade que ele a conheça em sua totalidade e que possa percorrê-la em todos os seus sentidos”.

apropriação dos mais diversos territórios. Mas, “bien avant de s’appropriier le sol par la science, l’homme avait commencé de se l’appropriier par la culture,”¹⁶⁷ pelas ingerências transculturais. Esse fascínio pelos avanços científicos, comum a grande parte dos estudiosos do final do século XIX, terá seu esgotamento somente após a segunda metade do século XX, com o debate da escassez e degradação dos recursos vitais da natureza.

Mas é preciso maior atenção a esta compreensão em Reclus. Este fundamenta sua geografia física pelos parâmetros socioambientais, ou seja, considera indistinta a conformação sociedade e natureza, com isso, vê o uso da primeira natureza, a produção da segunda, e a reprodução das relações materiais da vida como composto de um mesmo movimento dialético. O ambiente é pensado para o equilíbrio da sociedade, que só existe em virtude do equilíbrio ambiental ou espacial. Mas, os problemas ambientais são eminentemente de ordem social, nos dizeres reclusianos, por isso, socioespacial. Do mesmo modo que o homem/mulher reclusiano tem na natureza seus ensinamentos emancipatórios, em que retira dali a prospecção para a liberdade plena, o processo de desdivinização da natureza, que outrora, seu contrário foi sedimentado a cerca de vários séculos, tornando-a intocável e somente contemplativa, é tão urgente quanto o paradigma libertário da negação da *dialética do amo e do escravo* hegeliana, na composição sócio-política dos movimentos radicais. É importante compreender que, a busca do equilíbrio em Reclus não é somente ambiental, é eminentemente social, conjugada à organização do espaço. Na verdade, o que ele busca é o equilíbrio geográfico, que engloba a harmonia entre forças naturais e humanas. Esta última usufrui, conscientemente modela, embeleza e potencializa as forças da natureza no exercício de criação da segunda, pela perspectiva laica do bem estar coletivo, desprovida da culpabilidade cristã, mas resguardada na autoconsciência reflexiva racional e libertária. Por isso, Reclus (1868, p. 541) avalia positivamente o imperativo humano sobre a natureza, acreditando que,

Un jour, lorsque le doigt de l’homme pourra guider les fleuves et leur tracer un lit, il se servira de ces ouvriers pour leur faire tailler une nature à sa guise; les cours d’eau rongeront les collines, rempliront les lacs, jeteront des péninsules dans la mer pour obéir à ses ordres. Leur éternelle et puissante vie deviendra le complément de la nôtre.¹⁶⁸

¹⁶⁷ “bem antes de se apropriar do solo com o suporte da ciência, o homem tinha começado a se apropriar dele através cultura”

¹⁶⁸ Um dia, quando o dedo do homem puder guiar os rios refazendo seu leito, ele se servirá de seus trabalhadores para lhe fazer moldar uma natureza a seu modo; os cursos d’água corroerão as colinas, preencherão os lagos, lançarão as penínsulas sobre o mar para fazê-lo obedecer a suas ordens. Sua eterna e poderosa vida tornará o complemento da nossa.

O que Reclus não poderia saber é que, quando o ser humano conseguisse completar ou mesmo ampliar o imperativo das técnicas, no intento de se libertar do *Mito de Sísifo*, nos termos de Camus (2006), este promoveria ainda mais exploração do trabalho e das forças vitais da sociedade, consolidaria com mais intensidade o reino do trabalho morto, do esforço sem a devida recompensa, da prática rotineira do trabalho meramente reprodutivo da existência absurda. Uma geograficidade libertária, que apostava na mobilidade advinda das técnicas, que visa superar a opressão geográfica fundando as liberdades criativas plenas, foi consumida pelo projeto desenvolvimentista do trabalho des-subjetivado da exploração perpétua. O receio de Reclus, de que nunca poderíamos escapar da *síndrome de Hecaton*¹⁶⁹, se confirmou em toda sua completude.

Tomando como base as palavras libertárias de Onfray (2001, p. 22), em que grita que sabe “que não existe pior escravidão do que sentir, pouco a pouco, sua carne se modelar, se desfazer e se reconstituir em torno dos imperativos do trabalho”, Reclus, e todos os outros anarquistas, com maior indignação Bakunin, que em plena Internacional dos Trabalhadores manifestou repúdio ao trabalhismo e a escravidão do assalariado, abnegam estas máquinas de aprisionamento do capital e da produção econômica que fabrica a concentração das riquezas. Todos eles, e especialmente o caso de Reclus na perspectiva da produção territorial autônoma do equilíbrio, almejam construir, no lugar desse território da exploração capitalista do trabalho, uma política libertária, que na perspectiva recente elencada por Onfray (2001, p. 42), tem como premissa fundamental inverter as perspectivas dominantes: “submeter o econômico ao político, mas também colocar o político a serviço da ética, dar primazia à ética da convicção sobre a ética da responsabilidade, depois reduzir as estruturas ao mero papel de máquinas a serviço dos indivíduos, e não o inverso”.

Ainda segundo a euforia do geógrafo anarquista diante dos avanços técnicos, este se dedica a explicar o quanto os progressos recentes nas redes geográficas possibilita a eliminação de distâncias, e em sua concepção libertária fraternalista, promove maior aproximação entre os povos, integração e solidariedade. “Pour le commerce, la civilisation et la fraternité des peuples, un pareil résultat n’est pas moins

¹⁶⁹ Segundo define Onfray (2001, p. 94), ela “atinge os que praticam a economia como uma atividade isolada e a entendem como a ciência dos bens, das riquezas, excluindo o homem e a humanidade de seus objetos, de suas preocupações. [...] Pior, é igualmente disso que sofrem aqueles que acreditam que a atividade econômica pode ser praticada *apesar* dos homens, ou seja, *contra* eles e seu bem-estar. Primazia generalizada do ter sobre o ser, prioridade cardinal aos interesses, aos benefícios, às vantagens obtidas em moeda sobre qualquer outro valor [...]. Nessa ordem de ideias, a economia vem em primeiro lugar e a política em segundo a seu serviço. Primeiramente o dinheiro e a manutenção das riquezas materiais em bom estado, em seguida, o que sobra.”

importante que si les continents eux-mêmes s'étaient déplacés sur la rondeur de la terre pour rétrécir des trois quarts l'Océan qui les separe"¹⁷⁰ (RECLUS, 1869, p. 99).

Nas últimas páginas do volume 2, de *La Terre*, Reclus (1869, p. 708) volta a discutir o papel das técnicas no processo de transformação da natureza, agora evidenciando o sentido fundamental de se acionarem os contatos humanos, as interações sociais para que se produza a liberdade de uso e de presença no espaço, em que

Tous les progrès réalisés dans la conquête du sol auraient été impossibles si les peuples ne s'étaient mis en rapport les uns avec les autres par des communications fréquentes; c'est ainsi que les denrées se sont échangées de climat en climat, que les idées sont devenues un patrimoine commun, et que l'intelligence créatrice des travailleurs a pu se développer et grandir.¹⁷¹

Anteriormente, no mesmo volume da obra em debate, são denunciados os efeitos nefastos da ampliação da exploração humana sobre os recursos naturais, por sua vez, possibilitada pelo excessivo uso de técnicas predatórias. Os ciclos dinâmicos, complexos e harmônicos da natureza são rompidos e reconfigurados em virtude, em grande parte, dos trabalhos humanos, evidencia o autor na página 502, do volume 2, principalmente no que tange aos domínios climáticos e aos domínios florestais. Esse processo dialético entre o embate das forças da natureza contra a ação antrópica, sustentada no trabalho, potencializada pelo meio técnico, resulta em profundas modificações dos sistemas naturais da Terra, evidencia Reclus (1869, p. 557).

Ainsi, les modifications du climat et les oscillations du sol, sans compter les changements, bien plus importants encore, introduits par le travail de l'homme, ont eu pour résultat [...] pendant les siècles modernes par l'intervention volontaire ou involontaire de l'homme, qui, lui aussi, est l'une des grandes forces géologiques.¹⁷²

Na relação mulher/homem-meio, trabalho e forças da natureza, o geógrafo libertário vai buscar construir a ideia de harmonia e de equilíbrio. Essa harmonia, tanto natural quanto da ação humana como agente na terra, é tributária das contribuições dos

¹⁷⁰ “Para o comércio, a civilização e a fraternidade dos povos, um semelhante resultado não é menos importante do que se os continente em si fossem movidos sobre a superfície da terra para diminuir três quartos do Oceano que os separa”

¹⁷¹ Todos os progressos realizados na conquista do território teriam sido impossíveis se os povos não estivessem promovendo relações entre si através dos frequentes laços comunicativos; é assim que os produtos alimentares são trocados ao longo das estações, dessa mesma forma que as ideias tornaram-se um patrimônio comum, e que a inteligência criativa dos trabalhadores pôde se desenvolver e multiplicar.

¹⁷² Assim, as modificações do clima e as oscilações no relevo, sem contar as transformações, bem mais importantes ainda, introduzidas pelo trabalho humano, resultou [...], durante os séculos modernos, da intervenção voluntária ou involuntária do homem, que, este é também, uma das grandes dessas grandes forças geológicas “.

grandes mestres Ritter, Humboldt e Guyot, que por sua vez, têm seus limites reflexivos, segundo alerta Reclus, pois se baseiam em explicações demasiadamente teleológicas, funcionalistas e evolucionistas. É de suma importância, no entendimento do geógrafo anarquista, que se considere a potência do trabalho humano nesse jogo, as relações de contrariedade com os agentes naturais e o papel da superfície como mobilizadora das ações antrópicas, que se conformam ao modelo apriorístico. Sua noção de harmonia tem como fundamento a compreensão de harmonia universal, trazida por Fourier (1849), que demarca o papel das questões do trabalho.

Nesse percurso, que trata da relação dos homens/mulheres com a Terra, não se deve esquecer-se do papel inverso, da Terra germinando o homem/mulher e motivando os trajetos humanos. “L’homme ne vit pas seulement sur le sol, il naît aussi de la terre; il en est le fils, ainsi que le disent toutes les mythologies des peuples”¹⁷³ (RECLUS, 1869, p. 622). Desse ponto, é possível notar o quanto a geograficidade reclusiana proporcionou a elaboração da geograficidade defendida por Dardel (1952), em que coloca o homem como filho da Terra, e ela como a pré-existência fundamental. Retomando a discussão da importância da Terra para a geograficidade de Reclus (1869, p. 622), ele diz que,

C’est d’elle que nous tirons notre substance; elle nous entretient de ses sucres nourriciers, fournit l’air à nos poumons et nous donne “la vie, le mouvement et l’être.” Il est donc impossible que les formes terrestres, avec lesquelles la flore et la faune s’harmonisent d’une manière si admirable, ne se reflètent pas également dans les phénomènes vitaux de cette autre faune qu’on appelle l’humanité.¹⁷⁴

Nessa perspectiva, a reflexão reclusiana acerca da Terra e do homem/mulher ganha conotação de simbiose e de processualidade. Ou seja, o ser humano é o resultado fim desta grandiosa harmonia que é a Terra, pois a vida é tida como o movimento do ser. Nesse diálogo, o humano deve retribuir essa harmonia e embelezamento gênico. Mas para Reclus, essa relação simbiótica não deve ser entendida como determinismo, pois todos os seres vivos reagem e agem na superfície da terra contra a natureza, superando seus limites impostos, sendo assim que se configuraram as variedades biológicas. Quanto ao ser humano, no esforço de conceituação das ideias de Reclus

¹⁷³ “O homem não vive somente sobre o território, ele nasce da terra; é filho, conforme dizem todas as mitologias dos povos”

¹⁷⁴ É dela que nós tiramos nossa substância; ela nos abastece com suas seivas nutritivas, fornece o ar a nossos pulmões e nos dá “a vida, o movimento e o ser.” É, pois, impossível que as formas terrestres, com a qual a flora e a fauna se harmonizam de uma maneira tão admirável, não se refletem com a mesma função nos fenômenos vitais sobre esta outra fauna que a gente chama de humanidade.

(1869, p. 623), este é produtor de uma geograficidade libertária, e sua liberdade só existe em virtude de ser guiado pelas leis e pelos movimentos da natureza mãe-educadora.

L’homme, cet “être raisonnable” qui aime tant à vanter son libre arbitre, ne peut néanmoins se rendre indépendant des climats et des conditions physiques de la contrée qu’il habite. Notre liberté, dans nos rapports avec la terre, consiste à en reconnaître les lois pour y conformer notre existence. Quelle que soit la relative facilité d’allures que nous ont conquise notre intelligence et notre volonté propres, nous n’en restons pas moins de produits de la planète: attachés à sa surface comme d’imperceptibles animalcules, nous sommes emportés dans tous ses mouvements et nous dépendons de toutes ses lois. Et ce n’est point seulement en qualité d’individus isolés que nous appartenons à la terre, les sociétés, prises dans leur ensemble, ont dû nécessairement se mouler à leur origine sur le sol qui les portait; elles ont dû refléter dans leur organisation intime les innombrables phénomènes du relief continental, des eaux fluviales et maritimes, de l’atmosphère ambiante.¹⁷⁵

Nessa ocasião o autor conclama para uma espécie de nova organização do espaço, aquela pautada nos traços distintivos da natureza, em que os arranjos socioespaciais respeitariam ou moldar-se-iam sob as leis da natureza de cada especificidade espacial que estivessem assentados. Essa reflexão acerca da organização íntima do espaço pela sociedade nos trâmites do equilíbrio e da especificidade espacial colocaria em xeque, nos dias de hoje, todo o modelo de produção do espaço, e contesta toda a reflexão epistemológica recente da produção social do espaço.

Todas essas condicionalidades que a Terra imprime enquanto leis à vida dos seres humanos são denominadas por Reclus de *théâtre géographique*, e é dessa forma que todas as sociedades antigas se desenvolveram, sobre as grandiosas características dos platôs, vales, rios e sobre a superfície diversificada dos continentes. Mas, Reclus (1869, p. 624) alerta para não se fazer “parallélisme géométrique entre les phénomènes de la nature et les événements de l’histoire”, como o fez Ritter, em sua *Erdkunde*, por exemplo, pois é isso que promove os determinismos. “Les ressemblances entre les

¹⁷⁵ O homem, este “ser racional” que ama tanto vangloriar-se de seu livre arbítrio, não pode, todavia, tornar-se independente dos climas e das condições físicas da região em que habita. Nossa liberdade, diante de nossas relações com a terra, consiste em reconhecer as leis para acomodar nossa existência. Qualquer que seja a relativa facilidade dos aspectos que nós conquistamos em virtude de nossa inteligência e de nossa vontade de progresso, nós ainda permanecemos como produtos do planeta: agarrados à sua superfície como imperceptíveis animalculos, nós somos conduzidos em todos os seus movimentos e dependemos de todas as suas leis. E não é somente na qualidade de indivíduos isolados que pertencermos à terra, as sociedades, vistas em seu conjunto, deviam necessariamente moldar seu organismo sobre o solo que lhes porta; elas deviam refletir na sua organização íntima os inumeráveis fenômenos do relevo continental, das águas fluviais e marítimas, da atmosfera ambiente.

horizonts et les faits n'est point absolue comme le serait l'image d'un objet reflété dans une glace."¹⁷⁶

Non, l'accord qui s'établit entre le globe et ses habitants se compose à la fois d'analogies et de contrastes; comme toutes les harmonies des corps organisés, il provient de la lutte aussi bien que de l'union et ne cesse d'osciller autour d'un centre de gravité changeant. Les forces à l'oeuvre à la surface et dans le sein de la terre ne s'arrêtent jamais, ainsi que le témoignent les phénomènes géologiques; de même l'homme réagit incessamment contre la planète qui lui sert de demeure: après s'être laissé bercer par la nature durant les siècles de la sauvagerie primitive, il s'est graduellement émancipé; maintenant il s'efforce de s'approprier les énergies de la terre, de les faire siennes, pour ainsi dire. C'est de l'action de la planète sur l'homme et de la réaction de l'homme sur la planète que naît cette harmonie qui est l'histoire de la race humaine¹⁷⁷ (RECLUS, 1869, p. 624).

Na perspectiva reclusiana de harmonia prevalece o elemento, paradoxalmente, do contraste, em que os fenômenos geográficos são concebidos pelas lutas e confrontos distintivos, perpetuando-se no contíguo processo de transformação. Sua harmonia advém dos movimentos transmutadores, em virtude de as forças da natureza e da sociedade estarem em perpétuo movimento manifestadamente sobre a superfície terrestre.

O que o autor francês busca demonstrar com essa harmonia dos embates, diferenciações e movimentos, é que ela pertence ao exercício de autoconsciência e do domínio humano sobre o meio, domínio este se emancipando gradualmente e apropriando com maior intensidade das energias da terra, convertendo-as em seu favorecimento. É um processo aparentemente contraditório, em que o homem e a mulher são frutos da terra, mas reagem contra esse planeta explorando e transformando seu próprio berço genealógico. Ou seja, eles são produto e reproduzem o espaço.

Essa harmonia mulher-homem-meio nasce dialeticamente da própria ação do planeta sobre o homem que reage diante do mesmo, através dos impulsos masculinos e femininos do trabalho, constituindo os processos históricos e sociais da humanidade. A harmonia reclusiana está então no limiar da interação sociedade-natureza,

¹⁷⁶ “paralelismo geométrico entre os fenômenos da natureza e os eventos da história” [...] “As semelhanças entre as paisagens e os fatos não são absolutas como se fossem a imagem de um objeto refletido em um espelho.”

¹⁷⁷ Não, o acordo que se estabelece entre a terra e seus habitantes se compõem às vezes de analogias e de contrastes; como todas as harmonias dos corpos organizados, ele provém da luta, como também, da união e não cessa de oscilar entorno de um centro de gravidade cambiante. As forças em obra na superfície e no seio da terra não se detêm jamais, é desse modo que se testemunham os fenômenos geológicos; igualmente, o homem reage incessantemente contra o planeta que lhe serve de habitat: após ter sido acalentado pela natureza durante séculos de selvageria primitiva, ele se emancipou gradualmente; agora, se esforça para apropriar-se das energias da terra, tornando-as sua, por assim dizer. É da ação do planeta sobre o homem e da reação do homem sobre o planeta que nasce esta harmonia, que é a história da raça humana.

homem/mulher-meio, desse resultado conflitivo, transformador, interacionista de trocas de forças e energias, por isso ela pode ser vista essencialmente como uma geograficidade, como experiência e prática do geográfico, enquanto movimento da ação humana no meio.

Nessa geograficidade da harmonia, que visa prioritariamente o equilíbrio geográfico, o reconhecimento do *travaux de solidarité de la terre et de l'homme* é a chave para entendê-la. Esses são os dois principais entes do conjunto do que se buscou identificar em Reclus (1869, p. 624) como geograficidade do equilíbrio, *monument géographique* edificado ao longo do tempo pela sociedade, em que concebe que “la terre constitue le corps de l'humanité, et que l'homme, à son tour, est l'âme de la terre”. É assim que Reclus elimina qualquer determinismo em sua geograficidade, levando até a geografia posterior fundamentos de um saber pautado no holismo e na complexidade do espaço, na perspectiva socioambiental libertária e na prática espacial do engajamento pelo equilíbrio e pela solidariedade, em virtude de situar o humano, pioneiramente, como o principal agente efetivo de transformação histórico-geográfica. “Sans nous approprier aussi orgueilleusement le globe qui nos porte, il nous est permis de dire qu'après avoir été longtemps pour lui de simples produits à peine conscientes, nous devenons des agents de plus en plus actifs dans son histoire”¹⁷⁸ (RECLUS, 1869, p. 624).

Na página 655, do volume 2, ao negar categoricamente o determinismo climático, Reclus busca demonstrar que este se fazia considerável no momento em que o humano, no seu estágio primitivo, não conseguia vencer as intempéries do meio. Na medida em que este foi potencializando o meio técnico, estabelecendo redes de integração, configurando assim, novos arranjos espaciais, as sociedades foram se divorciando desta dependência natural. É de suma importância negar, na compreensão do geógrafo libertário, o debate essencialista sobre meio, semelhante ao que coloca Massey (2009), pois os dois geógrafos consideram os fatores de diversidade e integração como prioritário na constituição do espaço. Desse modo, a sociedade sempre se moveu, mudou, apropriou e buscou meios de estar presente e de transformar o meio, na luta interminável pela existência.

C'est cette lutte entre le passé et le présent, entre les hommes et le climat, et non point le récit des batailles d'armées et des crimes de rois, qui constitue la véritable histoire, c'est-à-dire l'évolution de l'homme dans ses rapports avec le globe. D'ailleurs, lors

¹⁷⁸ [em que] “a terra constitui o corpo da humanidade, e que o homem, à sua volta, é a alma da terra”. [...] “Sem nos apropriar tão imperiosamente do globo que nos porta, nos é permitido dizer que, depois de ter passado bastante tempo como simples produtos quase inconscientes, nós nos tornamos os agentes mais ativos na sua história”

même que les peuples ne changent point de patrie et ne se mêlent pas avec d'autres peuples, leurs besoins, leurs moeurs se modifient avec les divers changements de l'état social, et, par suite, l'influence de la nature environnante varie avec les siècles¹⁷⁹ (RECLUS, 1869, p. 656).

O autor de *La Terre* destaca o papel da geograficidade no campo da história da humanidade, entendendo que esta foi construída mais pelas questões espaciais, lutas por território, terra e recursos, na síntese da relação dos grupos humanos com o meio, do que simplesmente pelas institucionalidades históricas. A história e principalmente a geograficidade dos homens é construída pela própria relação dos mesmos com os fenômenos do globo, constituindo o movimento transformador das necessidades. Esse movimento aciona as interações entre os povos, transforma o estado social, fazendo com que a influência da natureza na sociedade, e ainda mais, a forma como ela é percebida, concebida e manuseada pela sociedade, se transforme também. As determinações estão cada vez mais vinculadas à segunda natureza e a reprodução das relações espaciais de produção.

A tentativa de conceber esta geograficidade plena na obra *La Terre*, vinculando todas as explicações ao objeto citado, completa-se em Reclus (1869, p. 658), com a confirmação do trabalho enquanto fundamento das geograficidades modernas, pois, “dans les temps modernes, le premier besoin est celui du travail”. Assim, explica o autor, as mobilidades populacionais e, por conseguinte, as transformações no espaço são fruto das necessidades de trabalho. As intempéries climáticas e geomorfológicas estão em segundo plano frente às necessidades fundamentais da sobrevivência, que são exauridas pelo resultado do trabalho. Porém, essas mobilidades no âmbito mais geral possível, somente foram efetivamente acionadas pela constituição das redes geográficas, agente e produto das formas produtivas da sociedade contemporânea.

A discussão reclusiana, nesse ponto, concentra-se então ao papel das redes geográficas e da dinâmica populacional, intermediados pela ação produtiva do trabalho coletivo, elemento reprodutor do espaço geográfico. Além de mostrar-se bastante atento aos impactos das ferrovias na reprodução do espaço geográfico, apesar de denunciar o caráter concentrador da riqueza que as mesmas promovem, o autor mostrou-se ainda mais impressionado com o impacto das redes telegráficas. “Par cette invention, l'homme cesse d'être attaché à la partie de la globe sur laquelle il rampe si lentement, il

¹⁷⁹ É a luta entre o passado e o presente, entre os homens e o clima, e não a narrativa das batalhas armadas e dos crimes de Estado, que constitui a verdadeira história, quer dizer, a evolução do homem diante de suas relações com o globo. Aliás, mesmo quando os povos não mudam de pátria e não se misturam com as outras nações, suas necessidades, seus costumes se modificam com as diversas transformações do estado social, e, por conseguinte, a influência do meio varia ao longo do tempo.

dégage sa liberté des obstacles que lui imposait la distance et devient présent sur tous les points de l'espace que le fit conducteur met en rapport avec sa pensée” (RECLUS, 1869, p. 722). Mais à frente, novamente Reclus (1869, p. 724) se maravilha com os avanços técnicos das redes geográficas, destacando o valor humanitarista e comunitário dessas recentes mudanças, argumentando que “la grande fraternité humaine venait de s'affirmer d'une manière solennelle: en dépit des obstacles de toute nature, en dépit des continents, des mers et de l'espace, les peuples épars commençaient à se sentir une âme commune”.¹⁸⁰

No esforço de síntese, – no conjunto das informações coletadas para formar esse item –, é possível sinalizar que, Reclus pretendeu demonstrar que o papel do geográfico é ímpar na conformação social dos povos e de sua organização espacial, baseando-se nos níveis de interações espaciais para explicar os fundamentos de uma geograficidade do equilíbrio.

5.1.4 A geograficidade do equilíbrio

No que diz respeito à geograficidade do equilíbrio em Reclus, é possível demarcar que, todo seu projeto de produzir um amplo tratado de geografia física se resume ao equilíbrio, conforme já foram citadas as próprias palavras do autor sobre essa consideração. De um modo geral, em *La Terre* equilíbrio aparece como equivalente à harmonia. Por sua vez, pode-se falar de harmonias das forças terrestres ou da natureza, harmonia da relação homem/mulher e meio, como também, de equilíbrio natural, equilíbrio dos fatos humanos na superfície terrestre, etc. Vale destacar que, esses dois termos, equilíbrio e harmonia, portam poderosas e caras noções discursivas de grande parte dos anarquistas clássicos. Em Reclus, estes termos são a forma mais apropriada de tecer seu emaranhado leito geográfico libertário socioambiental.

Ao tratar do assunto do equilíbrio, mas utilizando o termo harmonia, Reclus (1868, p. 186) faz incisiva crítica a como é falha essa abordagem pelos pensadores que o envolvia, de ser preponderante “jeter un coup d'oeil sur les cartes, telles que la science permet de les figurer aujourd'hui, pour voir combien cette idée sur l'harmonie des formes terrestres était primitive. Bien au contraire, c'est par une singulière variété de

¹⁸⁰ “Em virtude desta invenção, o homem deixa de estar preso à parte do globo submetido àquela superfície tão morosa, desprende sua liberdade dos obstáculos que lhe impunha a distância, estando presente sobre todos os pontos do espaço que o fio condutor estabelece relação com seu pensamento” [...] “a grande fraternidade humana se afirmava de uma maneira solene: a despeito dos obstáculos de toda a natureza, a despeito dos continentes, dos mares e do espaço, os povos dispersos começavam a se sentir uma alma comum”.

phénomènes que se révèlent toujours les lois de la nature.”¹⁸¹ Na sua compreensão, as ciências buscavam as harmonias da natureza e especialmente da superfície terrestre diante da mentalidade euclidiana, atrelando harmonia a simetria. Para o geógrafo libertário, ao contrário, a harmonia está nas liberdades, nos planos de fuga, no que se destoa, especialmente, na singular variedade dos fenômenos geográficos.

No capítulo 01, do volume 1, de *La Terre*, é expressada a discussão acerca de *Les Harmonies et les Contrastes*, como sendo dois lados de um mesmo processo. Para Reclus (1868, p. 53) é preciso negar o discurso simétrico presente na geografia, negando a regularidade pela irregularidade sistêmica da Terra, em virtude de, justamente nessas diferenciações encontrarem-se os mecanismos sistêmicos de funcionamento dos movimentos múltiplos e da própria beleza da superfície terrestre.

Puisque le globe de la terre se conforme évidemment à des lois d’harmonie dans sa rondeur sphérique et sa structure générale, aussi bien que dans sa marche régulière à travers les espaces, il serait incompréhensible que sur cette planète aux allures rythmiques la distribution des continents et mers se fût opérée au hasard. Il est vrai que les contours des rivages et les crêtes de montagnes ne forment point sur la terre de réseaux d’une régularité géométrique; mais cette variété même est une preuve de vie supérieure et témoigne de mouvements multiples ayant concouru à l’embellissement de la surface terrestre.¹⁸²

E a demanda do pensamento científico ocidental em buscar construir sistemas explicativos da realidade baseados na sistematização da simetria, relacionando unilateralmente equilíbrio à simetria euclidiana, abala um dos principais parâmetros teóricos da geografia, a diversidade espacial, que por sua vez, Reclus (1868, p. 143) busca sinalizar como o principal elemento fundador da riqueza da natureza. Em contrapartida, esse equilíbrio matematizado, rigoroso e uniforme, suplantaria o próprio sentido de existir da natureza, conseqüentemente, negaria a própria condição da geograficidade dos fatos.

L’équilibre parfait des forces de la nature aurait pour conséquence la stagnation universelle et la mort. Si les hommes pouvaient exister sur une terre pareille, loin de trouver dans l’uniformité de l’immense plaine de plus grandes facilités

¹⁸¹ “dar uma rápida olhada sobre os mapas, tal qual a ciência permite constar hoje, possibilita ver o quanto esta ideia de harmonia das formas terrestres era primitiva. Inversamente, é pela singular variedade dos fenômenos que se revelam hoje as leis da natureza.”

¹⁸² Visto que, o globo terrestre comporta-se evidentemente às leis de harmonia de sua esfericidade e estrutura geral, tal como que na sua marcha regular através dos espaços, seria incompreensível admitir que, sobre este planeta os aspectos rítmicos à distribuição dos continentes e mares fossem conduzidos ao acaso. É verdadeiro afirmar que, os contornos das bordas e as cristas de montanhas não formam sobre a terra qualquer rede de regularidade geométrica; mas esta própria variedade é uma prova da vida superior e testemunha movimentos múltiplos concorrendo ao embelezamento da superfície terrestre.

pour communiquer entre eux, ils resteraient épars autour de leurs lagunes dans toute sauvagerie primitive.¹⁸³

Na opinião do autor, a uniformidade geraria o atraso, a estagnação, ou melhor, a civilização somente saiu da barbárie em virtude da diversidade do espaço. Então, o selvagem e o primitivo vêm do linear, e inversamente aos valores convencionais, o irregular, diverso e móvel promove o desenvolvimento. Assim, nega-se todo o modelo de progresso civilizatório ocidental justificado na uniformização do espaço. O geógrafo anarquista faz elogio ao diferente, diverso, irregular, por inscrever os fundamentos de uma geograficidade libertária, que reconhece o papel conjunto do que é antigo e novo, do que é móvel e imóvel, do que é centro e margem. Nessa geograficidade o que é reto, linear, uniforme e cadenciado pode não significar o mais adequado na configuração dos arranjos espaciais.

No esforço figurado de transcender a mentalidade originária de Reclus ao debate mais recente da geografia, não se arranca uma árvore, muda-se um curso do rio, escava-se uma montanha somente para privilegiar o traçado linear de uma estrada. Manter a árvore é um ato de resistência ácrata à mentalidade desenvolvimentista euclidiana do capital. Fazer a curva, integrar e usufruir dos desníveis do relevo, reconhecer as diferenciações do espaço como sendo fundamentais é, justamente, olhar pelo prisma heterodoxo, negar o discurso monológico civilizatório ocidental, para poder pensar e ser o espaço geográfico, para ser e valorar a voz das margens, com todas suas sabedorias ancestrais, que são conservadas e integradas ao futuro, é negar categoricamente a mentalidade autoritária imperialista do progresso a qualquer custo, sucumbir o sentimento colonizador da uniformização global, por isso, é de algum modo, abandonar grande parte dos imperativos ocidentalizantes. Uma geograficidade da alteridade é marcada, inevitavelmente, pelo discurso das liberdades, do reconhecimento dos excluídos, do não dominante, porque se assenta no substrato das diferenças, dos desníveis e da complexidade da organização espacial, promotora de relações sociais diversas, não centralizadas e nem hierarquizadas. A uniformização é tão horrenda quanto a competição.

Para Reclus (1868, p. 311), essa mentalidade euclidiana ou sistemática da uniformização universal dos arranjos espaciais tem seu vínculo na negligência da própria diversidade que a natureza lhe proporciona, pois, “si l’homme blasé de nos

¹⁸³ O equilíbrio perfeito das forças da natureza teria por consequência a estagnação universal e a morte. Se os homens pudessem existir em uma terra semelhante, longe de encontrar na uniformidade da imensa planície melhores facilidades para comunicar-se entre si, ficariam, por sua vez, dispersos em volta de suas lagunas em toda selvageria primitiva.

villes ne peut contempler une source sans émotion poétique, combien plus vif devait être ce sentiment chez nos ancêtres qui vivaient au milieu de la nature!” De forma alguma o geógrafo libertário professa comportamento urbanofóbico, pelo contrário, foi um dos poucos ávidos defensores, em uma época de urbanização generalizada, da vida na cidade. Por sua vez, essa deveria ser cada vez mais integrada com as vantagens da natureza e das luzes da cidade. Espaços urbanos mais verdes, limpos, organizados, funcionais: as cidades jardins. Na página 313, do volume 1, é retomado esse tema que vincula diversidade geográfica à valorização da natureza, introduzindo o elemento da abundância dos fenômenos naturais como sentido de cuidado e respeito ao meio. Por exemplo, cogita-se que o amor do ser humano pela grandeza da natureza diminui quando este está submetido à abundância de chuvas ou regularidade climática, em que do contrário, este apressa sobre consideravelmente, o respeito e aprendizado com a natureza sobre quando o ser humano passa valorizar sua riqueza diversificada. Por isso que, para Reclus (1868, p. 365 – 366), “la nature, dont tous les phénomènes sont la diversité même, ne fournissant pas de règle fixe pour la classification de cours d’eau,”¹⁸⁴ por exemplo, ou de qualquer outro fenômeno geográfico.

O geógrafo anarquista usa o exemplo da classificação dos rios, feita pelo que ele chama de *geógrafos sistemáticos*, para criticar esse comportamento ordenado em parâmetros imutáveis do estudo das leis da natureza, sinalizando que, o geográfico é composto da diversidade de elementos conflitantes em constante movimento, em que “se distribuent sur la surface de la terre dans un ordre remarquable, d’autant plus beau qu’il est moins régulièrement symétrique” (RECLUS, 1868, p. 379). Essa assimetria das formas coaduna com o próprio espectro do espaço geográfico, a diversidade e a variedades dos fenômenos. Na opinião de Reclus (1868, p. 379), “sur la terre, la loi se montre rarement dans une inflexible simplicité; elle se fait belle, grâce à la vie qui pénètre toutes choses, et par sa beauté même elle échappe souvent aux regards de hommes.”¹⁸⁵

Para além da magistral contribuição dada por Marsh (1864), de que o homem transforma a natureza utilizando-se de suas forças, Reclus sinaliza para a perspectiva do equilíbrio, em que além de utilizar as forças da natureza, transformando-a, o ser humano

¹⁸⁴ “se o homem entediado de nossas cidades não consegue contemplar uma fonte sem emoção poética, o quão mais intenso devia ser este sentimento em nossos ancestrais, que viviam em meio à natureza!” [...] “a natureza, na qual todos os fenômenos são a diversidade em si, não fornecendo regra fixa para a classificação dos cursos d’água,”

¹⁸⁵ “se distribuem sobre a superfície da terra em uma ordem destacada, especialmente mais bela em virtude de ser menos regularmente simétrica” [...] “sobre a terra, a lei se mostra raramente numa inflexível simplicidade; ela se faz bela, graças à vida que penetra todas as coisas, e pela sua beleza própria ela escapa frequentemente aos olhares dos homens.”

aprende com a sabedoria da Terra, remodela e reorganiza o meio, embelezando para seu gozo e liberdade, potencializando a vivacidade da natureza em seu projeto de *travaux d'aménagement*. Na página 504, do volume 2, o autor usa a expressão *genre de vie* para defender o exercício *d'embellir la terre*, inscrevendo assim, o sentido de sua geograficidade do equilíbrio, que incita a variedade dos gêneros de vida que usam e aprendem com a diversidade da Terra.

Nas páginas 562 e 583, do volume 2, é realizada, respectivamente, forte defesa ao direito de viver dos animais, expressando a condição vegetariana como modelo de respeito aos seres. É feita também, denúncia ao desmatamento, como sendo motivações que descaracterizam a aprendizagem do equilíbrio que a Terra repassa. Conseqüentemente, a denúncia se estende também ao imperialismo, em uma explícita posição ácrata do geógrafo das liberdades, que contesta o controle de grande parte das terras sob o domínio de poucas nações exploradoras, que se colocam então como *vitoriosas*, e por isso, têm ou acreditam ter o direito de introduzir seu modelo civilizatório.

Hélas! le soi-disant civilisé a souvent prouvé sa supériorité sur les autres races par une destruction sans merci: il les a chassés comme le gibier, soit pour leur prendre la terre, des bijoux ou des armes, soit pour s'en faire des esclaves, soit tout simplement pour avoir le plaisir de goûter le meurtre en grand. C'est par millions et par millions qu'il faut évaluer le nombre des victimes sacrifiées ainsi pendant les quatre derniers siècles, et des peuplades, des nations même, ont complètement disparu¹⁸⁶ (RECLUS, 1868, p. 629).

Como denúncia ao genocídio ou etnocídio implantado pela Europa Ocidental nas terras recentemente dominadas, Reclus avalia a imposição da uniformidade enquanto modelo de apropriação do território, discorrendo, da página 630 até a 646, do volume 1, forte defesa à miscigenação entre os povos, elemento de valorização da diferença sócio-cultural e da configuração da diferença regional. Esse contraponto ao modelo impositivo homogêneo não foi reconhecido pelo *progresso* concebido no eurocentrismo, que abdicou da diferenciação como entendimento do equilíbrio dotado da diferença, impondo o seu tipo de *equilíbrio* pela via sistemática da unilateralidade. Na geograficidade libertária reclusiana a diferenciação escreve uma harmonia universal, porque aciona novas relações sociais, constituindo diferentes arranjos espaciais, segundo explica Reclus (1869, p. 646):

¹⁸⁶ Infelizmente! O pretensamente civilizado provou sua superioridade sobre as outras raças através da destruição indiscriminada: ele os cassou como brinquedos, seja para lhes tomar a terra, as riquezas ou as armas, seja para torná-los escravos, ou apenas simplesmente por ter o prazer de saborear a morte generalizada. Milhões e milhões é o número de vítimas sacrificadas ao longo dos quatro últimos séculos, inúmeros povos e nações desapareceram completamente.

D’ailleurs, dans tous ces pays, où pourtant la race se renouvelle chaque jour par le croisement des familles, où les hommes et les choses se mêlent incessamment, où les idées se communiquent promptement de proche en proche, il est facile de remarquer le contraste que présentent les habitants de chaque région, suivant la différence des terrains et des climats locaux.¹⁸⁷

“Cette diversité même, ce contraste de province à province, sont un des éléments les plus importants pour la force et la prospérité d’une nation”, afirma Reclus (1869, p. 646), e nela residem, na sua base, a potência de uma *unité supérieure*. Essa forte defesa ao papel da diversidade regional contribuirá decisivamente com a institucionalização da temática na geografia vidalina. De outro modo, pode-se fazer o esforço em encarar, na base do pensamento reclusiano, os fundamentos de uma geografia anti-colonial e anti-imperialista, que antecipou temas da nova geografia cultural e pós-colonial, no que tange a defesa da identidade, da diferença e da alteridade plena entre os povos. Essa ênfase dada às misturas, tanto étnicas quanto espaciais, demarca o tom libertário de *La Terre*, avaliando justamente o contexto em que ela foi publicada e os mecanismos de censura que sofreu, principalmente ao colocar a mistura como o agente que anima a monotonia dos planos geográficos, como a *résistance passive*, que promove as vontades mais energéticas para vencer as uniformidades, sendo a mistura dos gêneros de vida, segundo aponta Reclus (1869, p. 653), a manutenção e a defesa das ricas interações espaciais: “ce rapprochement entre des hommes si différents par les moeurs est l’un des faits les plus importants dans l’histoire du progrès.”¹⁸⁸

Contra os impactos ambientais, é defendido, na página 722, do volume 2, que nesse século do trabalho, que os humanos saibam trabalhar *em concerto com a natureza*, equalizando forças e necessidades. Mas esse comportamento não está sendo exercido, argumenta Reclus (1869, p. 739), impactando decisivamente na mudança dos climas, no esgotamento dos solos, na poluição da água, etc., seguidos do processo de maior exploração dos recursos, “c’est encore par une rupture de l’harmonie première que l’action de l’homme s’est fait sentir”. Mas Reclus (1869, p. 741) acredita na capacidade humana de superar as crises que eles próprios criam, rompendo com o equilíbrio, principalmente se estes reconsiderarem sua relação com o mundo:

¹⁸⁷ Aliás, em todos estes lugares, onde, portanto, a raça se renova a cada dia pelo crescimento das famílias, onde os homens e as coisas se misturam incessantemente, onde as ideias se comunicam prontamente passo a passo, é fácil destacar o contraste que apresentam os habitantes de cada região, acompanhando a diferença dos terrenos e dos climas locais.

¹⁸⁸ “Esta diversidade própria, este contraste de região à região, são um dos elementos mais importantes para a força e a prosperidade de uma nação” [...] “Esta aproximação entre homens tão diferentes através de seus costumes é um dos fatos mais importantes na história do progresso”

Tant que cet idéal ne sera autre chose que la mise en culture du sol, tout lui sera sacrifié, variété, originalité des espèces, beauté de la végétation; mais quand, au désir de faire produire des récoltes à la terre, se joindra celui de l'embellir et de lui donner toute la splendeur que l'art ajoute à la nature, quand l'agriculteur, enfin délivré de cette peur de la misère qui le persécute aujourd'hui, et possesseur du loisir, sans lequel il n'est qu'un esclave de la faim, pourra comme l'amateur jardinier, s'occuper de varier les espèces, de les grouper avec goût, d'en développer les formes élégantes ou grandioses, nul doute qu'il ne réussisse en effet à modifier le monde végétal suivant ses désirs et à lui donner, au lieu de l'ancienne originalité, une beauté nouvelle qui réponde à son sentiment de l'esthétique.¹⁸⁹

É a partir desse posicionamento socioambiental libertário, fundamentado na anarquia primitiva ou eco-anarquia, na busca de um materialismo hedonista social e libertário, marcado pela estética do belo e do prazer de uma nova cognoscibilidade com a Terra, que foi perdida e que precisa ser reencontrada, é que se materializa o modelo balizar da geograficidade do equilíbrio no pensamento reclusiano.

Então, diante de toda capacidade humana de transformar predatoriamente a natureza urge o paradigma socioambiental da capacidade de *embellir la terre*. “L’homme qui aime vraiment la terre sait qu’il s’agit d’en conserver, d’en accroître même la beauté, de la lui rendre, quand une exploitation brutale l’a déjà fait disparaître” (RECLUS, 1869, p. 751). Ainda na mesma página, o autor destaca que é necessário o humano aprender a modelar a terra como artista, que dá a paisagem o charme, graça e beleza. “Devenu la conscience de la terre, l’homme assume par cela même une responsabilité dans l’harmonie et la beauté de la nature environnante”¹⁹⁰ (RECLUS, 1869, p. 751). Esse novo paradigma inverte a compreensão civilizatória industrialista pela compreensão do equilíbrio e do embelezamento da natureza. Ao invés da posse completa dos recursos naturais pela exploração predatória, à valorização da beleza do equilíbrio do homem/mulher no meio, em virtude de,

¹⁸⁹ “é ainda por uma ruptura da harmonia pré-existente que a ação do homem se faz sentir”. [...]

Tanto que este ideal não será outra coisa que a apropriação da terra, tudo lhe será sacrificado: variedade, originalidade das espécies, beleza da vegetação; mas quando o desejo de produzir as colheitas da terra se juntar àquele de embelezar, potencializando todo seu esplendor, fruto da junção da arte com a natureza, quando o agricultor, enfim libertado do medo da miséria que o perscrute hoje em dia, dotado de lazer, não mais sendo escravo da fome, poderá, como o amador jardineiro, se ocupar de variar as espécies, de as agruparem pelo prazer, de desenvolver as formas elegantes ou grandiosas, sem dúvida que vai ter sucesso de fato ao modificar o mundo vegetal seguindo seus desejos, postando-se no lugar da antiga originalidade, uma nova beleza que obedece a seu sentimento de estética.

¹⁹⁰ “O homem que ama verdadeiramente a terra sabe que tem que conservar, tem que acrescentar a ela a beleza, de lhe restituir, quando uma exploração brutal já o fez desaparecer” [...] “Adquirida a consciência da terra, o homem assume por ela mesma uma responsabilidade pela harmonia e a beleza do meio ambiente”

Presque tous les hommes, acteurs et témoins de ces grandes entreprises, se laissent emporter par l'enivrement du travail et ne songent plus qu'à pétrir la terre à leur image. Et pourtant, quand l'homme a, pour son action sur la terre, un idéal plus élevé, il réussit toujours à en aménager parfaitement la surface tout en laissant au paysage sa beauté naturelle!¹⁹¹ (RECLUS, 1869, p. 753 - 754).

É justamente discutindo que novo homem é esse, ou quais são os desafios do homem moderno com todo seu legado de técnicas, que o autor busca concluir sua grandiosa *La Terre*, esse genuíno tratado de geografia ambiental libertária. Vale destacar que, a parte final deste segundo volume da obra já havia sido publicada como *O Sentimento de Natureza na Sociedade Moderna*, artigo de 1866, que o autor introduziu e adaptou ao final de sua grande obra de geografia física.

Na citada parte final discute-se que, este homem moderno “doit unir en sa personne toutes les vertus des immenses privilèges que lui a conférés la civilisation, il ne doit rien perdre non plus de sa force antique, et ne se laisser dépasser par aucun sauvage en vigueur, en adresse ou en connaissance des phénomènes de la nature.” Mas vale-se do alerta reclusiano, de que este mesmo homem com renovado e enorme trabalho pela frente, “se pervertit par la routine et par la servitude; c'est par la connaissance et par la liberté qu'il renaît”¹⁹² (RECLUS, 1869, p. 756).

5.2 *Nouvelle Géographie Universelle*: fundamentos teórico-metodológicos para a geografia política

Conforme já foi destacado, em virtude da extensão de *Nouvelle Géographie Universelle*, e do envolvimento com a revisão detalhada e completa dos dois volumes de *La Terre* e dos seis de *L'Homme et la Terre*, torna-se extremamente difícil realizar a revisão crítica integral dos seus 19 volumes. Mas para não deixar de lado essa monumental geografia reclusiana decidiu-se desenvolver a revisão de partes de cada um dos volumes. Pela própria característica enciclopédica da obra organizada, sobretudo, com o mesmo formato de capítulos e partes, foi revisada os trechos em que o autor classifica como: *Considérations Générales*, em alguns trabalhos; e em outros, *Vue d'Ensemble*, todos na porção inicial de cada volume. O recorte analítico se restringe

¹⁹¹ Quase todos os homens, atores e testemunhos de seus grandes empreendimentos, se deixam levar pela embriaguez do trabalho e, cada vez mais, sonham somente em moldar a terra à sua imagem. E, portanto, quando o homem tem, diante de sua ação sobre a terra, um ideal mais elevado, ele almeja sempre organizar perfeitamente toda a superfície, deixando a paisagem com sua beleza natural!

¹⁹² “deve unir em sua pessoa todas as virtudes dos imensos privilégios que lhe conferiu a civilização, ele ainda não deve perder nada mais de sua força antiga, não se deixando ultrapassar por nenhum selvagem em vigor, em destreza ou em conhecimento dos fenômenos da natureza.” [...] “se perverte pela rotina e pela servidão; pelo conhecimento e pela liberdade que ele renasce”.

também aos itens: *État Matériel et Sociel* e *Le Gouvernement et l'Administration*, no trecho final das obras.

São justamente nestes lugares que se encontram, com maior afinco, os fundamentos da perspectiva de uma geografia política reclusiana. A parte do volume 19, dedicado ao Brasil, foi revisada integralmente, através da tradução brasileira. De toda forma, perde-se bastante na compreensão desta obra como um todo, apesar de a parte intermediária ser marcada pela descrição físico-natural do país ou região selecionada, análise da ocupação humana pela exposição da formação territorial e características distintivas dos elementos geográficos presentes em cada conjunto territorial recortado para a investigação. Por isso, será tomada como base de subsídio analítico a recente tese de Ferretti (2011a), que de forma positiva desenvolve profunda avaliação da obra em questão, sendo assim, é poderosa fonte de pesquisa para os elementos que não foram revisados.

Na busca de percorrer o trajeto dos fundamentos teórico-metodológicos para uma geograficidade política, presente em sua *La Terre et les Hommes*, Reclus (1876, p. 1) inicia sua primeira página argumentando sobre a fragilidade cósmica do planeta Terra frente a imensidão do universo, mas destacando que, justamente por ser um minúsculo ponto ela torna-se tão importante para os humanos, por isso, estes devem saber qualitativamente pensar e ocupar esse espaço de vida. “La Terre n’est qu’un point dans l’espace, une molécule astrale; mais pour les hommes qui la peuplent, cette molécule est encore sans limites, comme aux temps de nos ancêtres barbares”.¹⁹³

Frente essa grandiosa estrutura que possibilita a vida, o homem e a mulher encontram inúmeros obstáculos para superar e garantir sua sobrevivência. O orgulho de ser civilizado logo se esvanece, segundo as palavras do autor, perante o poder das forças do planeta, que são a cada dia desequilibradas pela ação antrópica predatória.

Mesmo com os avanços nas redes técnicas não se conhece todo o espaço da vida, além de as sociedades não reconhecerem o sentimento de unidade cósmica entre cada grupo e região do planeta. Os seres vivos, não estando totalmente integrados, em que, “nombre de peuples ayant des villes, des lois, des moeurs relativement policées, vivent isolés et inconnus comme s’ils avaient pour demeure une autre planète” (RECLUS, 1876, p. 2). Essa visão compartimentada da Terra pela sociedade resulta nas atrocidades e no descaso com o equilíbrio espacial, onde “la guerre et ses horreurs, les pratiques de

¹⁹³ “A Terra é apenas um ponto no espaço, uma molécula astral; mas para os homens que a habitam, esta molécula é ainda ilimitada, como na época de nossos ancestrais bárbaros”.

l'esclavage, le fanatisme religieux et jusqu'à la concurrence commerciale veillent à leurs frontières et nous en barrent l'entrée"¹⁹⁴ (RECLUS, 1876, p. 2).

O autor evoca o fim das fronteiras e a inter-relação mútua entre os povos e regiões fora da esfera da exploração e domínio territorial. É nesse veio que a geografia deve penetrar, na visão reclusiana, com a possibilidade de produzir um saber solidarista internacional, que leve a ciência para a libertação das hostilidades geográficas e para a desmitificação da natureza. Dessa direção é que resultam os fundamentos de uma geograficidade política libertária.

Quant aux contrées déjà visitées par les voyageurs et figurées sur nos cartes avec un réseau d'itinéraires, on ne saurait espérer de les connaître dans le détail de leur géographie intime avant de les avoir soumises à une longue série d'études comparées. Que de temps il faudra pour rejeter les contradictions, les erreurs de toute espèce que les explorateurs mêlent à leurs descriptions et à leurs récits! Quel prodigieux labeur demandera la connaissance parfait du climat, des eaux et des roches, des plantes et des animaux! Que d'observations classés et raisonnés pour qu'il soit possible d'indiquer les modifications lentes qui s'accomplissent dans l'aspect et les phénomènes physiques des diverses contrées! Que de précautions à prendre pour savoir constater avec certitude les changements qui s'opèrent par le jeu spontané de l'organisme terrestre, et les transformations dues à la bonne ou mauvaise gestion de l'homme! Et pourtant c'est là qu'il faut en arriver pour se hasarder à dire que l'on connaît la Terre¹⁹⁵ (RECLUS, 1876, p. 2).

Fica claro que, em *La Terre et les Hommes*, almeja-se maior abordagem geográfica das atuações humanas na Terra, do que foi feito antes em *La Terre*, conforme foi demonstrado anteriormente. Do mesmo modo, não basta somente considerar que o humano é conhecedor de toda a superfície para que possa ser feitas as análises geográficas. Estas devem estar vinculadas a inúmeras outras preocupações, superando os erros das narrativas de viagens exploratórias, dos mapas e descrições empíricas, com o aprimoramento de técnicas de investigação mais precisas.

E as transformações operadas, positivamente e negativamente, pelos homens no espaço serão o ponto central desta nova enciclopédia universal de geografia, por isso ela

¹⁹⁴ “inúmeros povos têm cidades, leis, costumes relativamente policiados, vivem isolados e desconhecidos como se eles habitassem outro planeta” [...] “a guerra e seus horrores, as práticas de escravidão, o fanatismo religioso e até a concorrência comercial vigiam suas fronteiras e impedem-nos a entrada”

¹⁹⁵ Quanto aos territórios frequentemente visitados pelos viajantes, cartografados nos mapas como uma rede de itinerários, agente não saberia esperar conhecê-lo no detalhe de sua geografia íntima antes de tê-los submetidos a uma longa série de estudos comparados. Quanto tempo será necessário para recusar as contradições, os erros de toda a espécie que os exploradores entremeiam à suas descrições e relatos! Qual prodigioso trabalho demandará o conhecimento completo do clima, das águas e das rochas, das plantas e dos animais! Qual das observações classificadas e racionalizadas possa ser possível de indicar as modificações lentas que se completam nos aspectos e nos fenômenos físicos das diversas regiões! Que precauções tomar para saber constatar com precisão as mudanças que se operam em meio ao jogo espontâneo do organismo terrestre, e as transformações que correspondem à boa ou má gestão do homem! Portanto, ali que é preciso chegar para arriscar-se a dizer que a gente conhece a Terra.

é tomada neste trabalho como o projeto político da geografia reclusiana. E para Reclus (1876, p. 2), isso não é tudo, porque ainda “par une pente naturelle de notre esprit, c’est à nous-mêmes, c’est à l’homme considéré comme centre des choses, que nous essayons de ramener toute étude; aussi la connaissance de la planète doit-elle se compléter nécessairement, se justifier pour ainsi dire par celle des peuples qui l’habitent.”¹⁹⁶

Seguindo a discussão acerca da fundamentação metodológica da sua geografia universal, na página 5, do volume 1, o autor argumenta ser impossível atualmente, com as técnicas disponíveis, apresentar uma descrição completa da Terra e dos Homens, realizar como queria, uma verdadeira geografia universal. Este é um trabalho reservado às colaborações futuras e que demandam um trabalho conjunto de diversas áreas e de inúmeros profissionais solidariamente espalhados pelos diversos cantos da Terra, se associando com espíritos livres para redigir esse volumoso enredo da ação humana. O trabalho isolado é muito profícuo no que tange as investigações mais localizadas, regionais ou de cunho mais intimista, ao contrário de uma obra universal, argumenta o geógrafo libertário.

Reclus justifica que escolheu começar sua descrição universal pela Europa não pelo grau de desenvolvimento e de hegemonia de seu território, que por sua vez, é duramente criticado neste mesmo volume 1 e em outros trabalhos, por exemplo, *L’Hégémonie de L’Europe* (RECLUS, 1894a), mas por outro lado, pela maior quantidade de trabalhos técnicos já existentes sobre ela. Valendo lembrar que, há uma enorme distância de tempo entre o primeiro e o último volume (1876 – 1894), fazendo com que fosse mais bem aproveitado e menos prejudicial começar pelo material técnico-teórico mais atualizado. Contrariando a tese da hegemonia europeia, ao contrário dos demais geógrafos contemporâneos que busca enfatizar o poder e a grandeza do velho mundo, Reclus sinaliza a fragilidade do continente. Na busca de eliminar qualquer posição pessoal por ser europeu, destaca o caráter da reduzida extensão territorial do continente e as vantagens geoestratégicas que este levou sobre o resto do mundo, favorecendo a dominação imperial. Mas, coloca a Europa em segundo plano frente aos novos ciclos hegemônicos emergentes, como a América do Norte e Extremo Oriente.

Para abordar a superioridade do poderio europeu sobre as nações que a mesma conseguiu dominar, o autor discute os fatores de equilíbrio populacional, distribuído

¹⁹⁶ “para uma inclinação natural de nosso espírito, é a nós mesmos, é ao homem considerado como centro das coisas, que nós experimentamos restringir todo o estudo; desse modo, o conhecimento do planeta deve completar-se necessariamente, justificado, por assim dizer, por aqueles povos que nele habitam.”

regularmente sobre o território; além da maior concentração frente às outras regiões; como também, os processos migratórios promovendo maiores trocas comerciais e aprimoramento das vias de comunicação; e por último, a riqueza natural de cada região. Por outro lado, o autor é categórico em negar a dita civilização europeia como sendo o único modelo para o mundo, e de forma heterodoxa evoca o debate sobre o que se pode entender por progresso e civilização frente à diversidade dos povos e dos lugares. O eurocentrismo, no entendimento reclusiano, gerou profundos desequilíbrios na constituição sistêmica das relações sociais inscritas na dinâmica do espaço. Desse modo, Reclus (1876, p. 7) retira qualquer cogitação de uma hegemonia europeia genuína, naturalizada e inevitável, pois aposta na abordagem corográfica e na combinação dos diversos fenômenos espaciais e sociais com seus intrincados arranjos, para explicar essas vantagens sobre o resto do mundo.

On sait combien puissante a été l'influence favorable du milieu géographique sur les progrès des nations européennes. Leur supériorité n'est point due, comme d'aucuns se l'imaginent orgueilleusement, à la vertu propre des races dont elles font partie, car, en d'autres régions de l'ancien monde, ces mêmes races ont été bien moins créatrices. Ce sont les heureuses conditions du sol, du climat, de la forme et de la situation du continent qui ont valu aux Européens l'honneur d'être arrivés les premiers à la connaissance de la Terre dans son ensemble et d'être restés longtemps à la tête de l'humanité. C'est donc avec raison que les historiens géographes aiment à insister sur la configurations des divers continents et sur les conséquences qui devaient en résulter pour les destinées des peuples.¹⁹⁷

Mas para que não se caia em um determinismo geográfico ingênuo, Reclus (1876, p. 7 - 8) alerta para o elemento histórico-cultural-social como sendo primordial nas análises geográficas. Essa posição, profundamente marcante em *Nouvelle Géographie Universelle* e em *L'Homme et la Terre*, foi mais tímida em *La Terre*, demonstrando complementação e transformação metodológica e epistemológica da abordagem reclusiana, mesmo sabendo que, em *La Terre*, essas noções estavam sendo inauguradas.

Toutefois il ne faut point oublier que la forme générale des continents et des mers et de tous les traits particuliers de la Terre ont dans l'histoire de l'humanité une valeur essentiellement changeante, suivant l'état de la culture auquel en sont arrivées les nations. Si la géographie proprement dite, qui

¹⁹⁷ Sabe-se quão poderosa foi a influência favorável do espaço [milieu] geográfico sobre os progressos das nações europeias. Sua superioridade não se deve como alguns imaginam pretensiosamente à virtude própria das raças da qual eles fazem parte, porque, em outras regiões do velho mundo, estas mesmas raças foram bem menos criativas. São das afortunadas condições do solo, do clima, da forma e da situação do continente que custou aos europeus a honra de serem os primeiros no conhecimento da Terra em seu conjunto e de terem ficado mais tempo à frente da humanidade. É pois com razão que os historiadores geógrafos gostam de insistir acerca das configurações dos diversos continentes e sobre as consequências que deviam resultar para os destinos dos povos.

s'occupe seulement de la forme et du relief de la planète, nous expose l'état passif des peuples dans leur histoire d'autrefois, en revanche, la géographie historique et statistique nous montre les hommes entre dans leur rôle actif et reprenant le dessus par le travail sur le milieu qui les entoure. [...] En étudiant l'espace, il faut tenir compte d'un élément de même valeur, le temps.¹⁹⁸

Em *La Terre et les Hommes* está evidente a busca de se construir uma geografia histórica, que mais tarde foi denominada de social, baseada em fundamentos sólidos da quantificação e da cartografia, melhor dotada de técnicas para poder explicar os elementos políticos do território. Para que essa reorganização metodológica ocorra é evidente o valor que Reclus dá ao tempo, a cultura e a sociedade como elementos constitutivos de sua geograficidade política libertária.

5.2.1 Narrativas do mundo: inventando terras

Como grande parte dos geógrafos contemporâneos a Reclus, ele também pode ser visto como um *inventor de terras*, que ao traçar em suas narrativas do mundo o elemento da descrição do *outro*, promove essa construção da alteridade do eu exterior. A vasta literatura pós-colonial se dedica a apresentar os equívocos e os dramas de se *inventar terras*, de descrever o outro, de construir mundos e concepções canônicas sobre seus modos de vida. É inevitável que o olhar do europeu sobre todo o resto do mundo não cause nenhum tipo de dano sobre o resultado de suas narrativas inventivas. Por mais que este mergulhe, metamorfoseie, transforme em parte ou camufle como fez Richard Burton, ou mesmo, por mais que este outro, que vê de fora, seja desprovido de qualquer posicionamento dominador, nunca estando a serviço dos estados imperiais, que seja anarquista declarado, é inevitável que, de algum modo, estes personagens não estejam forjando e expressando juízos de valores, por isso ocupando um território imaterial outrora não disponível para a voz do outro. Em síntese, não é possível se desgarrarem de suas posições etnocêntricas, porque não somente descrevem os lugares; ao fazerem isso, inventam, criam e recriam essas geografias.

Buscando não realizar, nesta ocasião, o debate levantado pela geografia feminista e pós-colonial, em virtude de não ser oportuno, mesmo sabendo da

¹⁹⁸ Todavia, é preciso não esquecer que, a forma geral dos continentes, dos mares e de todos os traços particulares da Terra tem, na história da humanidade, um valor essencialmente cambiante, seguindo o estado da cultura a qual chegaram as nações. Se a geografia propriamente dita, que se ocupa somente da forma e do relevo do planeta, nos expõe o estado passivo dos povos ao longo de sua história de outrora, em revanche, a geografia histórica e estatística nos demonstra os homens em meio a seu papel ativo, tomando como referência o trabalho sobre o meio que os cerca. [...] Para estudar o espaço, é preciso tomar conta de um elemento de mesmo valor, o tempo.

necessidade dele ser feito em outro momento, é válido fazer breve ressalva acerca do posicionamento reclusiano.

Mesmo em Reclus, promotor de uma geograficidade libertária, nos termos deste trabalho, mesmo sabendo de seu envolvimento como o feminismo, sua crítica à autoridade masculina, à dominação colonial e imperial, sua ampla defesa dos povos aborígenes frente à opressão ocidental, nele ainda reside elementos da mentalidade eurocêntrica, muito mais sutil. Por outro lado, é importante que se destaque, principalmente no que tange seu combate frontal ao espírito de apropriação imperial, o seu pioneirismo em denunciar essas ações, abrindo caminho para os futuros giros paradigmáticos do pós-feminismo e pós-colonialismo.

Semelhante ao que Said (2011) aponta em Camus ocorre também em Reclus. A impossibilidade de se livrar totalmente do sentimento discursivo colonial, em que ainda reside no último, em virtude da emissão masculina do entendimento geográfico, inscreve o sentido da descrição e das viagens como o espectro do homem branco, livre pelas territorialidades fluidas, crítica amplamente demarcada pela geografia feminista.

Mas é justamente em *Orientalismo* que Said (2007) vai demonstrar o vínculo umbilical com as contribuições heterodoxas de Reclus, na ocasião em que denuncia o colonialismo, sustentado na crítica elaborada por Lacoste (2005). Ou seja, indiretamente, o autor que promove o *saber pensar o espaço para saber combater* é o que leva o sopro de libertarismo geográfico reclusiano a Said, alavancando suas investidas sobre a *invenção de terras*. Mesmo sabendo que, encontram-se elementos que não isentam Reclus de deslizes coloniais, tomando como base a análise de Giblin (2005b) acerca deste assunto, e por sua vez, recorrendo-se as recentes reconsiderações feitas por Ferretti e Pelletier (2013b) e Ferretti (2013b, 2014), em que defendem o anti-colonialismo reclusiano, retirando os equívocos de Giblin e Lacoste sobre sua suposta posição colonial, é importante salientar o posicionamento heterodoxo libertário que Reclus imprimiu pioneiramente na geografia. Sua obra não deve ser comprometida por fagulhas contraditórias, pois deve-se respeitar a equivalência ao tempo que foi produzida. Por isso, é de suma importância destacar a inovação desta geografia para a época, a heterodoxia e seu libertarismo, que até hoje pode ser encontrados elementos atuais.

Reclus sempre inicia suas narrativas de mundo, em *La Terre et les Hommes*, abordando a origem do nome de cada região, área, continente ou país. O uso corriqueiro dos toponômios para iniciar suas narrativas constitui a perspectiva inventiva de terras, como também, a proximidade que o autor dá aos saberes populares, evidenciando o

papel das populações tradicionais como genuínas criadoras dos lugares. Recorrer à gênese dos nomes dos lugares possibilita decifrar o lugar pelo próprio aspecto geográfico intrínseco a ele, desse modo, o geógrafo francês configura a geograficidade dos fatos narrados.

Por exemplo, o volume dedicado à Europa é iniciado com a abordagem da gênese de seu nome, recorrendo à mitologia grega; posteriormente, é feita abordagem acerca da configuração estrutural do continente, formação geológica, clima, hidrografia, vegetação; seguida da abordagem de sua formação histórica, cultural, da implantação das redes geográficas, dos distintos domínios políticos etc... Também é feito, um comparativo entre os limites históricos antigos, a invenção das terras operada pela sabedoria popular e helênica, com atual divisão política da Europa, evidenciando suas novas fronteiras com a Ásia e África, que eram diferentes na mentalidade antiga clássica. A intenção é demonstrar a fluidez e perpétua mobilidade das fronteiras políticas. O destaque reclusiano se dá as fronteiras étnicas, o que buscou chamar de *vontade do povo*, que são muito mais alinhadas aos aspectos físico-estruturais, como também, os acidentes geográficos enquanto motivadores das fronteiras ou enquanto integradores de regiões, como faz os rios e planaltos.

Um ponto relevante no que diz respeito às fronteiras em Reclus deve-se à crítica à fronteira política. Ela é vista como fronteira de natureza artificial e mesmo arbitrária, por serem limites político-administrativos impostos, não levando em conta a conformidade da vontade do povo (movimento étnico) com as fronteiras naturais. O autor chama a atenção para os dilemas da naturalização das fronteiras políticas, tornadas imutáveis ou advindas de um destino manifesto, quase que sacro. Mesmo as fronteiras naturais devem-se levar em conta a espessura e as zonas de transição em que os seres humanos, nos distintos grupos sociais, se relacionam com essas zonas transicionais. O geógrafo político libertário evidencia maior visibilidade ao estudo geográfico dos corredores ou faixas fronteiriças, como zonas espessas de transição, coadunadas às zonas transicionais naturais, dando exemplo do corredor depressional dotado de rios e lagos após os montes Urais, sendo uma dessas zonas de distinção étnica, gradualmente separando os mundos europeu e asiático.

Ferretti (2014, p. 56), faz notável discussão sobre a relação de fronteiras em Reclus e em Ratzel, argumentando que, “o geógrafo alemão analisa a fronteira linear como uma convenção que não existe em si e que, na maioria dos casos, não corresponde às reais dinâmicas das fronteiras – que, por natureza, são fluídas.” Além das diferenças nas abordagens entre os geógrafos, pois o primeiro rechaça o direito do poder

constitucional sobre os lugares, Ferretti (2014, p. 58) ainda destaca que, “muito do que Ratzel teorizava já havia sido aplicado na *Nouvelle Géographie Universelle*”, e que, “guardados seus diferentes pontos de vista, ambos exprimem ideias muito semelhantes da fronteira como entidade móvel.”

Se em Ratzel a fronteira é móvel porque os povos fazem a guerra, ela também o é, segundo Reclus, porque os povos farão a revolução. Nos dois casos, estamos diante a uma geografia que, interpretando o mundo, consegue antecipar sua configuração, bem como apreender os complexos desafios da mundialização construindo propostas originais para as questões da política e da sociedade (FERRETTI, 2014, p. 63).

Voltando ao assunto dos toponômios, quando Reclus (1885), no volume 10, vai analisar a origem do nome do continente africano, ele levanta a discussão etnocêntrica e eurocêntrica ao invocar etimologicamente que África, na visão dada pelos gregos, significava uma terra sem civilização ou cultura, o fim do mundo, ou que estava de fora da correta civilização, semelhante às construções autoritárias feitas por Hegel ao continente mãe. Nesse ponto, nota-se o legado de se iniciar uma análise pelos toponômios, pois a partir deles incorpora-se a politização do discurso geográfico, tão comum nessa geograficidade política libertária universal.

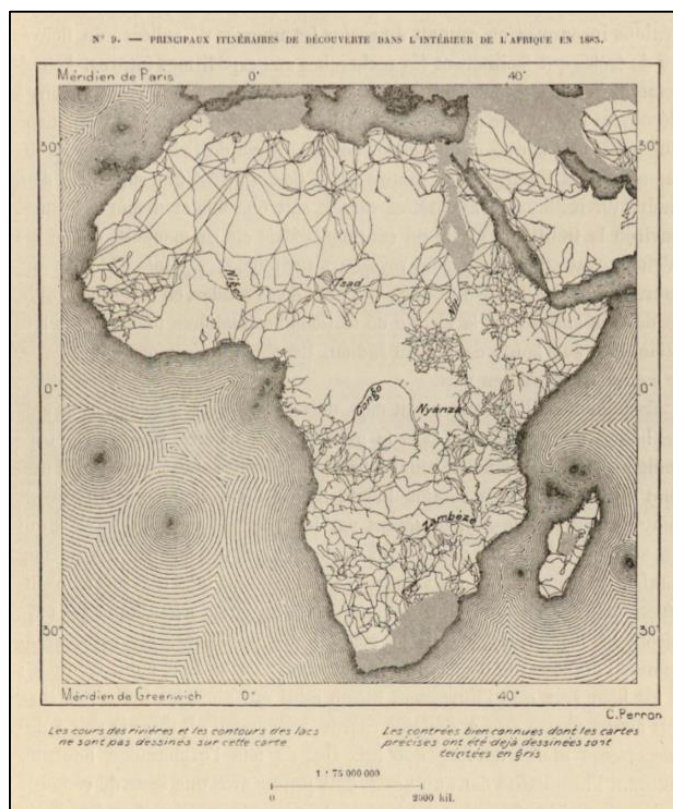
Na página 18, do volume 10, o geógrafo francês realiza sua atitude de narrador das terras desconhecidas, fazendo comparações com as características geográficas da África e suas regiões de contato. Por exemplo, a região norte está intimamente ligada à Europa, não somente pela dispersão étnica e a mobilidades dos povos via mediterrâneo, mas pela própria estrutura geológica. A África também é vista, pelo geógrafo, como uma zona de transição entre a Europa e a Ásia, apesar dele considerar a enorme unidade geográfica que é este continente, além de evidenciar a diversidade da paisagem e étnico-cultural.

Já na página 43, do volume 10, é abordada a longa história de descobertas (aos olhos do ocidente) que o continente africano sofreu, sendo sempre uma área de invasões e de desafios de dominação pelos povos europeus e asiáticos. Desde a primeira viagem de circum-navegação, recontada por Heródoto, sendo feita pelo faraó Necho, passando pela viagem de Vasco da Gama, e pelas explorações nas nascentes do Nilo com Burton e Speke, e as outras inúmeras entradas e explorações do continente, este, permanentemente, foi uma terra inventada, reconstruída e apropriada pelos forasteiros. A diferença dessa análise, em virtude da censura, é que Reclus não dá tanta ênfase à

partilha da África, como será feita mais tarde em *L'Homme et la Terre*, em que denuncia o colonialismo e o imperialismo.

Com relação aos países que se localizam na região do Atlântico africano, Reclus (1887), no volume 12, relaciona o nome do oceano à cadeia do Atlas, que etimologicamente quer dizer *montanha das montanhas*, por sua vez, passando a nomear também o oceano que está nas suas bordas. No volume 15, Reclus (1890) inicia a apresentação do continente americano, por sua vez, abordando a origem do nome. Faz um confronto entre o nome oficial, dado pelos europeus, vinculado ao navegador Américo Vespúcio, e o nome dado pelas populações tradicionais da América Central, que a oriente do lago Nicarágua encontram-se as montanhas Amerriques, em que os indígenas se apoiaram para nomear essas terras, nome este que só foi reconhecido pelos exploradores em 1875. Essa discussão é retomada também em *L'Homme et la Terre*, sinalizando a relação em que a geografia deve ter com a herança tradicional dos povos não ocidentais.

Ilustração 07: Principais itinerários e descobertas no interior da África em 1885



Fonte: RECLUS, É. *Nouvelle Géographie Universelle*. Vol. 10. Paris: Hachette, 1885, p. 45.

Outra discussão levantada no volume 15, na página 9, que também se encontra no tratado de geografia social de 1905, é sobre a chegada dos povos tradicionais ao

continente americano. O autor não se restringe somente à hipótese da entrada pela América do Norte e pelas ilhas polinésias. Baseado nas investigações antropológicas feitas por seu irmão Élie e seus contemporâneos, argumenta, em defesa do fato de que, nesses tempos remotos as mobilidades eram mais intensas do que se imaginam. Discute a necessidade de estudos técnicos mais apurados sobre as idades destes povos, acreditando ser mais antiga ainda a presença na América, como o faz hoje Niède Guidon, e principalmente, levanta a hipótese da entrada pelo norte da Europa, via Escócia, Islândia, Groelândia e Canadá. Desse modo, a América é ocupada pela Ásia e Polinésia, de oeste para leste; da Europa e norte da Ásia, de leste a oeste, pela passagem norte congelada nos períodos de expansão glacial.

Toda essa discussão inscreve o sentido inicial dado por Reclus a essa grandiosa obra que visa debater a Terra e os homens, por isso, esse comportamento de produtor de narrativos do mundo, que por sua vez, refaz e recria esses mundos, não na intenção de suplantar as identidades que já haviam feito isso, mas na perspectiva de reconstruir novas leituras dessa geografia universal, contrabalançadas pelo paradigma da geograficidade política. É conduzido em suas narrativas o discurso político dos lugares na intenção de avaliar a complexa relação dos homens com a terra.

5.2.2 Discurso político sobre os lugares: a terra e os homens

O discurso político dos lugares reclusiano é marcado pelo uso excessivo de dados quantitativos e mapas. Nesses dados encontram-se referências constantes ao número das populações, os grupos étnicos e às atividades econômicas. Os mapas são extremamente criativos para a época, representando fluxos migratórios, redes técnicas, densidade populacional, uso do solo rural, diversidade étnicas dos bairros urbanos, conurbação entre cidades, fluxos comerciais e estrutura física do relevo, entre outros.

Em sua geograficidade política, as análises reclusianas baseiam-se, em maior grau, nas condições geográficas como fatores de desenvolvimento da ocupação e transformação do espaço e das relações sociais. No caso restrito da Europa, o autor debruça sobre as possibilidades de integração com as suas hinterlândias através dos fluxos mediterrâneos, esboçando o debate dos fixos e dos fluxos, tomando aqui de empréstimo a conceituação construída por Santos (1997). Um trabalho marcante sobre esse assunto é realizado por Cattedra (2009), em que na ocasião discute essa geografia das redes e dos fluxos mediterrâneos em Reclus. Nesse tipo de abordagem reclusiana fica evidente a estreita relação entre a terra e os homens e seu uso político dos lugares.

Ainsi, pendant le cours de l’histoire, se déplacent au bord des mers et sur la face des continents les grands lieux de rendez-vous, que l’on pourrait appeler les points vitaux de la planète. [...] La plupart des grandes voies commerciales ont gardé leur direction première, et c’est dans les mêmes parages que se trouvent leurs points d’attache et leurs escales. D’ailleurs, certaines localités sont des lieux de passage ou de rendez-vous nécessaires pour les navires, et des villes importantes doivent forcément y surgir¹⁹⁹ (RECLUS, 1876, p. 49).

Reclus (1877), dedica o segundo volume de *La Terre et les Hommes* à França. De início anuncia que vai fazer de tudo para não expressar opiniões pessoais, longe dos nacionalismos que podem ser manifestados em virtude de abordar seu país natal. Não chega a tanto, mas exagera um pouco nos elogios à sua terra materna, rivalizando às vezes, excessivamente, com a Inglaterra, vista como poderosa nação imperial predatória, enquanto que no caso da França sua atuação colonial é menos predatória e agressiva.

O autor francês vai buscar as origens primitivas do povo francês, abordando seus sítios arqueológicos e todo o debate antropológico em torno do tema de sua origem. Com relação a sua geograficidade privilegiada, Reclus (1877, p. 3 – 4) argumenta que “la grand avantage de la France, on l’a dit bien souvent, est d’appartenir à la fois au monde méditerranéen et au groupe des terres océaniques”, e é por isso “que l’homme avait seulement à sa disposition les chemins ouverts par la nature, ces contrées ne pouvaient avoir avec le versant au point de vue de la géographie et de l’histoire, ce qui lui assura un rôle à part dans l’humanité.”²⁰⁰ Na próxima página, ele ainda continua a ênfase nos benefícios geográficos franceses, sinalizando a quase que simétrica harmonia entre formas e unidade dos fenômenos geográficos, em virtude de a França se distinguir, ainda mais, das outras nações pela elegância de formas geográficas, pelo equilíbrio de seus contornos harmoniosos.

Reclus (1877, p. 30), levanta a questão de que, além das formas geográficas que privilegiam a França, seus avanços técnicos privilegiaram a ocupação do interior, fundindo melhor os povos e distribuindo qualitativamente a ocupação do espaço. “De nos jours, les villes deviennent de plus en plus indépendantes du milieu qui les entoure:

¹⁹⁹ Assim, durante o curso da história, distribuem-se na borda dos mares e sobre a face dos continentes os grandes lugares de encontro, que se poderiam chamar de os pontos vitais do planeta. [...] Grande parte das extensas vias comerciais guardaram sua direção original, e, é nessas mesmas áreas que se encontram seus pontos de atração e seus destinos. Aliás, algumas localidades são lugares de passagem ou de encontros necessários para as embarcações, lugar em que as vilas importantes passam a surgir.

²⁰⁰ “a grande vantagem da França, o que tem sido dito frequentemente, é a de pertencer ao mesmo tempo ao mundo mediterrâneo e ao grupo de terras oceânicas” [...] “que o homem tinha unicamente à sua disposição os caminhos abertos pela natureza, estas áreas não podiam ter como vertente o ponto de vista da geografia e da história, que lhe garantiria um papel especial na humanidade.”

grâce aux chemins artificiels, routes et voies de fer, elles peuvent s'édifier loin des fleuves navigables, et nombre de cités nouvelles se sont en effert bâties dans l'intérieur des terres [...]". Esse melhor uso do espaço possibilitou o fortalecimento da unidade nacional do país, possibilitando seu debruçar pelo mundo. É indiscutível, na opinião do autor, que a cultura francesa não seja universal. Sua filosofia, literatura, ciência e arte contribuíram positivamente com as mais diversas nações. Na página 62, de mesmo volume, quando são discutidos os impactos da expansão da língua francesa sobre as nações colonizadas, é citado Proudhon, como subsídio teórico para contestar o avanço cultural francófono. A língua francesa não é falada somente por aqueles que foram colonizados, mas pelos os quatro cantos do mundo que se interessam pelo saber produzido na França. "A l'action directe exercée par la langue dans le mouvement des idées s'ajoute a l'influence indirecte due aux modifications intimes qui se sont opérées dans les idiomes étrangers"²⁰¹ (RECLUS, 1877, p. 62). Nesse debate, o autor discute o grau de responsabilidade que sua nação natal tem perante o mundo, principalmente no processo de aculturamento, que na verdade é transculturação, das nações colonizadas.

Com relação à Alemanha, na página 483, do volume 3, o geógrafo francês destaca o impacto econômico desta nação perante a Europa. Faz breves considerações sobre sua posição geográfica, seu domínio territorial marcado pelo traço étnico e língua, além de destacar a relação entre a Alemanha oficial, o império germânico, e a Alemanha cultural, que se estende para além de seus limites artificiais. Em contrapartida, define o papel da Alemanha perante a Europa e o mundo, como sendo intermediária entre a Inglaterra e a França. Para finalizar a abordagem da geografia política alemã, o autor refere-se negativamente ao pangermanismo, ocorrido principalmente após a invasão de parte de sua pátria natal, negando o ultranacionalismo e o organicismo da estreita relação entre povo-natureza-pátria, ou Estado, no caso alemão. Desse modo, segue a linha discursiva adotada por Bakunin (2009), em *Estatismo e Anarquia*, que nega o imperialismo germânico e o estatismo autoritário nele embutido. Por sua vez, esta obra clássica do anarquismo foi compilada e organizada pelo geógrafo libertário francês. Reclus (1878, p. 949) salienta que esta era de anexação alemã está sendo ameaçada, anunciando outra nação que viria tomar frente nesse processo de domínios territoriais.

²⁰¹ "Hoje em dia, as cidades tornam cada vez mais independentes do espaço que as envolvem: graças aos caminhos artificiais, estradas e ferrovias, elas podem edificar-se distantes dos rios navegáveis, e a cada dia numerosas cidades novas são, com efeito, úteis no interior das regiões [...]". [...] "A ação direta exercida pela língua nos movimentos das ideias acrescentam a influência indireta nas modificações íntimas que são operadas sobre os idiomas estrangeiros"

Les grands corps politiques croissent et dépérissent comme les individus; or celui qui occupe le centre de l'Europe est maintenant dans sa période de progrès et tout semble annoncer que longtemps encore il gardera la force d'impulsion qui l'anime [...]. L'ère des annexions ne paraît pas être close, et des millions d'hommes, surtout vers le sud, dans la direction du Danube et de la mer Adriatique, se demandent s'ils auront bientôt à changer de maître, à grossir la foule des sujets dans le nouvel empire. Ainsi s'accroîtra le rôle de l'Allemagne dans le monde politique, jusqu'à ce que le sceptre passe à un autre État, peut-être à la "sainte Russie", centre d'un cercle de contrées et de peuples plus étendu, qui comprend à la fois une grande partie de l'Europe et du continent d'Asie.²⁰²

Outra geograficidade política atentamente abordada em *Nouvelle Géographie Universelle* é a Inglaterra, sendo dedicado o volume 4 para sua descrição. Reclus (1879) inicia o volume abordando prontamente a constituição do Reino Unido e as anexações arbitrárias da Inglaterra. Na página 343, passa a discussão para o caso da extensão de seu império colonial, sendo o maior do mundo, formado por mais da metade dos territórios ocupados do globo.

Na página 501, do volume 4, é abordado as vantagens geográficas da localização da Inglaterra, sua posição insular, setentrional e estratégica pela ligação marítima. Com mesma metodologia, evidencia a localização privilegiada de Londres, além de discorrer longamente sobre sua geografia urbana, metropolização e dilemas socioambientais. Na página 513, de mesmo volume, é apontada a diversidade dos bairros londrinos, o caráter cosmopolita da capital frente às demais do mundo, sua desigualdade socioespacial e os inúmeros problemas urbanos. É evidenciada também, a falta de personalidade coletiva da capital inglesa, diante da sua complexidade, frente ao que ocorre em Paris. É interessante notar o quanto Reclus inovou na análise urbana no que tange à investigação do espaço intraurbano das cidades. No caso de Londres, aponta os processos de centralidades difusas, a policentralização e a conformação da região metropolitana conurbada, antecipando o sentido da posterior classificação de seu amigo Geddes (1994). Embora destaque o vertiginoso crescimento urbano da capital inglesa, concebendo mapa de expansão urbana, outro destaque se refere à mobilidade como vetor de crescimento e de reestruturação regional, conforme pode ser notada na emaranhada rede ferroviária da metrópole.

²⁰² Os grandes corpos políticos crescem e definham como os indivíduos; ora aquele que ocupa o centro da Europa está agora em seu período de progresso e tudo parece anunciar que por longo tempo manterá a força de impulsão que o anima [...]. A era de anexações parece não estar encerrada, e milhões de homens, sobretudo vindos do sul, na direção do Danúbio e do mar Adriático, se perguntam se eles terão brevemente que mudar de senhor, aumentar a multidão de sujeitos no novo império. Assim aumenta o papel da Alemanha no mundo político, até que o cetro passe à um outro Estado, talvez à "santa Rússia", centro de um círculo de regiões e povoados mais extensos, que compreende por si só grande parte da Europa e do continente asiático.

Ilustração 08: Ferrovias em Londres



Fonte: RECLUS, É. *Nouvelle Géographie Universelle*. Vol. 4. Paris: Hachette, 1878, p. 513

Outro fenômeno urbano apontado por Reclus (1878) é a involução metropolitana e a descentralização, comparando Londres com Paris, mostrando dados que abordam o abandono do centro pelas populações, deslocamento esse que promove os processos de suburbanização e gentrificação, que já se encontram manifestados nas abordagens reclusianas da cidade. Conforme destaca Ferretti (2012b, p. 11), “le dernier exemple d’individuation, chez Reclus, d’une relation complexe et multiple de la ville au territoire, est celle des ‘villes multiplex’, ensembles qui ont sont aussi à l’origine de l’idée de ‘conurbation’ chez Patrick Geddes et de celle de ‘megalópole’ chez Jean Gottmann.”²⁰³ Outra contribuição à geografia urbana que se seguiu ao longo do século XX se deu ao tema da segregação do espaço urbano, como a dualização da metrópole entre os bairros ricos e pobres, conforme pode ser exemplificado na página 517, do volume 4, que expressa a formação dos *slums* e guetos étnicos, em virtude da multiculturalidade da metrópole inglesa. Todo o legado reclusiano, passando pela contribuição de Patrick Geddes (1994), Ebenezer Howard (2002) e Lewis Mumford (2008), confluirão na Escola de Chicago, duramente criticada por Gottdiener (1993), que apesar de salutar as críticas à ecologia urbana, não soube reconhecer a

²⁰³ “o último exemplo de individuação, em Reclus, de uma relação complexa e múltipla da cidade ao território, é aquele das ‘cidades múltiplas’ conglomerados que estão também na origem da ideia de ‘conurbação’ em Patrick Geddes e naquela de ‘megalópole’ em Jean Gottmann.”

contribuição do percurso aberto por Reclus na produção social do espaço urbano, limitando todas as análises entre o dualismo evolucionista, de base organicista e materialismo histórico e dialético, de base marxista. A ecologia urbana não soube aproveitar esse legado libertário.

No plano urbano-regional, as análises reclusianas se debruçam para os processos de tomada dos campos pela indústria. A vertiginosa expansão ferroviária inglesa, juntamente, como os processos de tecnificação do campo, promoveu os acréscimos populacionais nas cidades, formando intrincadas redes urbanas, interligadas pelas redes ferroviárias. Esses conjuntos de cidades integradas em redes produtivas industriais chama a atenção do autor como novo modelo de organização do espaço, dando o exemplo da rede de cidades da região urbana de Birmingham, na página 575. Na página 853 fica evidente o quanto todo o território do Reino Unido está tomado pelas redes ferroviárias (ilustração 09), sendo o espectro do espaço fluído.

No que diz respeito ao volume 5, de *Nouvelle Géographie Universelle*, Reclus (1880) trata de toda a origem do povo eslavo, mencionando enorme destaque a diversidade étnica do leste europeu, aportando-se constantemente nos trabalhos de Kropotkin para entender a região, principalmente no que se refere ao uso do solo rural, do sistema da propriedade da terra, do modelo ainda semi-feudal, além de abordar a grandiosidade do território russo, sua ampla expansão e interesse de domínios na região, como sua influência econômica e cultural. “La Russie est maintenant dans sa période d’agrandissement: elle s’accroît, même en dehors de la volonté des gouvernants, par la fascination de sa puissance; de nombreuses peuplades d’Asie, des États même, gravitent autour d’elle et s’inféodent graduellement avant de s’assujettir en entier”²⁰⁴ (RECLUS, 1880, p. 212). Já na página 888, de mesmo volume, o autor levanta questões sobre o atraso do desenvolvimento industrial e sobre a transição do sistema agrário semi-feudal da Rússia. Considera os graus de expansão das ferrovias e das redes de comunicação que a torna cada vez mais próxima da Europa, levando a indagar, a partir desse atraso, como será o processo de entrada da grandiosa nação ao mundo ocidental. No volume seguinte, Reclus (1881a), dedica-se a analisar a geografia asiática da Rússia e dos outros países vizinhos. Primeiramente, na página 8, destaca que, igualmente a Europa, com influência decisiva na parte ocidental do mundo, os povos do extremo oriente, terão papel preponderante na organização sociocultural desta parte do mundo. O que

²⁰⁴ “A Rússia está agora no seu período de ampliação: ela aumenta, mesmo para além da vontade dos governantes, pela fascinação de sua potência; numerosos povos da Ásia, até mesmo Estados, gravitam em torno dela e se feudalizam antes de se sujeitarem por completo”

diferencia as duas partes do mundo é que a Rússia oriental é muito mais vasta e menos habitada do que a Europa. Mas é justamente desta região menos desabitada que saíram os antigos fluxos migratórios que povoaram o ocidente, vindos do sentido oeste para leste, depois esse fluxo foi invertido nas saídas modernas dos povos, salienta o geógrafo anarquista.

Ilustração 09: Estradas de Ferro na Inglaterra



Fonte: RECLUS, É. *Nouvelle Géographie Universelle*. Vol. 4. Paris: Hachette, 1878, p. 853

O volume 7, dedicado aos países do extremo oriente, especialmente China e Japão, é um trabalho a parte da sua monumental *La Terre et les Hommes*. Muito bem escrito e muito atento aos costumes e modos de vida ímpar frente ao mundo ocidental europeu, Reclus (1882b) se sustentou excessivamente nas contribuições dos trabalhos e das viagens realizadas por Metchnikoff. Ao tratar da China, na página 578, discute o atual regime de propriedade capitalista da terra no gigantesco país oriental, lamentando a substituição do antigo padrão comunalista de uso da terra. Critica duramente os antigos totalitarismos vividos pelos trabalhadores chineses, mas alerta que, foi justamente nessa terra distante da Europa que nasceu o socialismo e os modelos comunistas de organização social e política. Entretanto, era um tipo de socialismo de Estado, contrário ao que ele defendia enquanto modelo ácrata. Este regime comunista de Estado foi gradativamente sendo minado pelos provincialismos e oligarquias

opressoras. O autor também faz breve balanço sobre a grandiosa população chinesa e seu recente movimento de modernização e transformação industrial.

Com relação ao Japão, desenvolve fortes elogios à organização e cultura do povo, além de apontar as profundas diferenças geográficas desta nação. Na página 772, destaca a geopolítica conflitiva entre Japão, Rússia e China, com a interferência da Europa, alertando para o perigo desses impasses. O mais importante é considerar que Reclus (1882b, p. 773) destaca o grau de desenvolvimento do povo japonês, o cuidado com o uso do espaço que é demasiadamente restrito, além de abordar a diversidade da paisagem japonesa.

Par la sobriété, la dignité personnelle, le sentiment de l'honneur, le respect mutuel et la bienveillance réciproque, la masse du peuple dépasse certainement le niveau moral de la majorité des Occidentaux: elle l'emporte aussi par la compréhension de la beauté dans la nature. Le moindre paysan du Nippon a les yeux ouverts pour le charme ou la grandeur des paysages.²⁰⁵

Outra região e nação que fascina Reclus (1883) é a Índia, com sua multiplicidade linguística, diversidade da paisagem, complexidade social e étnica, além de ser uma extensa área marcada por enormes contrastes geográficos, não se esquecendo do caráter religioso desse povo, que muito prende a atenção do geógrafo francês vegetariano. Ao iniciar a investigação sobre a Índia, demonstra, na página 8, os efeitos de sua localização, berço de civilizações milenares, que se espalharam radialmente pelas regiões em volta. O autor destaca, como também o fez posteriormente em *L'Homme et la Terre*, a relação entre relevo e a dispersão populacional dessa região gangenética. Aponta os caminhos e interações entre os povos persas e árabes, limitados pela quase intransponível cadeia do Himalaia, formando a diversidade do povo indiano, que, acompanhando as saídas no relevo difundiu-se até a Indochina, sudeste asiático. Na direção contrária, estes povos seguiram as correntes das monções, chegando até as bordas de Madagascar. É uma explícita evocação da geograficidade étnico-social, em que a natureza física da paisagem conduz a dispersão e interação sociocultural.

A principal contestação do geógrafo vegetariano é para as delimitações políticas impostas aos povos da Índia, principalmente, em virtude de não considerarem as fronteiras etnológicas, tão importantes para esse povo. A discussão se centra nas invasões contínuas que a região sempre sofreu, principalmente à ocupação inglesa com

²⁰⁵ Pela sobriedade, a dignidade pessoal, o sentimento de honra, o respeito mútuo e a benevolência recíproca, o conjunto da sociedade [japonesa] ultrapassa certamente o nível moral da maioria dos ocidentais: eles dedicam-se também à compreensão da beleza presente na natureza. O menor camponês do Japão deposita demasiada atenção ao charme e a grandeza das paisagens.

todo seu modelo imperial. Na página 18, é avaliada a noção de território oficial da Índia, dada pela Inglaterra, e o território mítico, sagrado, vivido e simbólico para os indianos, fazendo longas referências à religião, expressando interessante mapa que mostra a diversidade das línguas e das modalidades de religião. Outra consideração importante é sobre o regime alimentar desses povos, fato que chama atenção em virtude do vegetarianismo do autor.

Ainda segundo o extremo oriente, Reclus (1883, p. 718), destaca os esforços da França, especificamente na região da Indochina e China, e Inglaterra, especialmente na Índia, Turquia e Iran, para construir redes de comunicação entre essas regiões extremas e o ocidente, que apesar da grandiosa população ainda estão isolados do mundo ocidental. O autor destaca os interesses imperiais, principalmente da Inglaterra, nesses processos de mobilização do território, em que supera as barreiras geográficas e étnicas com a imposição de próteses técnicas nesses territórios. “Mais il est impossible que ces barrières subsistent longtemps, et dès que l’Indo-Chine, ouverte au nord, cessera d’être une terre isolée, elle ne manquera pas de prendre dans l’histoire du monde l’importance qui lui revient.”²⁰⁶

No volume 9, o recorte espacial se restringe ao que hoje é denominado de Oriente Médio. Reclus (1884, p. 5) enfoca a genealogia das civilizações que ali existem, demarcando sua riqueza para o desenvolvimento da civilização no resto do mundo, visualizando que, “dans l’ensemble du mouvement historique, l’Asie Antérieure a précédé l’Europe, mais c’est précisément suivant la même direction que la civilisation s’y est propagée”.²⁰⁷ O geógrafo libertário se preocupa bastante com os caminhos e as direções que os povos tomaram na constituição das regiões, acionando territórios, recriando lugares e configurando espaços.

L’axe de l’Ancien Monde, pour le commerce et la marche des idées, est incliné du sud-est au nord-ouest. La zone de plus grande vitalité dans l’histoire des nations s’étend de l’Inde aux îles Britanniques en passant par la Mésopotamie, l’Ionie asiatique et les terres de l’Archipel, les péninsules méditerranéennes et la France²⁰⁸ (RECLUS, 1884, p. 5).

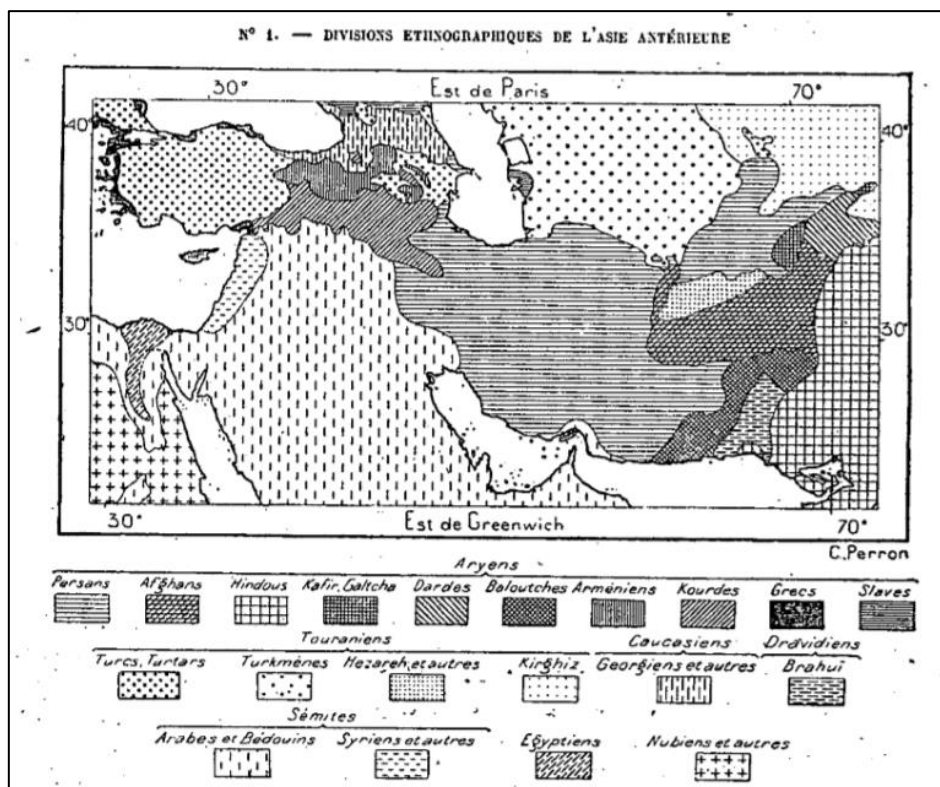
²⁰⁶ “É impossível que estas barreiras suportem durante muito tempo, assim que a Indochina, aberta ao norte, deixar de ser uma terra isolada, ela não perderá de possuir na história do mundo a importância que tinha.”

²⁰⁷ “no conjunto do seu movimento histórico, a Ásia Anterior precedeu a Europa, mas é precisamente seguindo a mesma direção que a civilização se propagou.”

²⁰⁸ O eixo do Antigo Mundo, em virtude do comércio e da marcha das ideias, está inclinado de sudeste para noroeste. A grande zona de maior vitalidade na história das nações se estende da Índia às ilhas britânicas, passando pela Mesopotâmia, a Jônia asiática e as terras do arquipélago, as penínsulas mediterrâneas e a França.

Demarcando a longa região das civilizações, o autor dá especial destaque ao papel do povo persa, como também ao emaranhado conjunto de nações que povoam o Oriente Médio, sendo ali, em sua opinião, o berço da riqueza que brotou os modos de vida sociais mais complexos. Diante das análises físicas da região arábica, tratando do clima e da relação do homem com o deserto, é constantemente mencionado as contribuições de Richard Burton, diante de suas andanças na Arábia, trazendo contribuições dos aspectos culturais e religiosos.

Ilustração 10: Divisão Etnográfica da Ásia Anterior



Fonte: RECLUS, É. *Nouvelle Géographie Universelle*. Vol. 9. Paris: Hachette, 1884, p. 5.

A maior consideração que Reclus (1884) dá a região deve-se a seu caráter geopolítico, destacando a diversidade étnica, sua conflituosa coexistência em uma região restrita e limitada de recursos naturais, levantando a questão dos conflitos por recursos, principalmente a água, como também, a diversidade religiosa que incide na organização territorial e nos modos de apropriação do espaço.

No volume 11, dedicado à porção norte do continente africano, é onde Reclus (1885) apresenta pontos mais polêmicos levantados pela crítica historiográfica, no que se refere à colonização francesa na Argélia. Conforme já foi destacado, grande parte da crítica, acerca dessa visão reclusiana sobre a colonização francesa, o acusa de protetor desse modelo exploratório. Mas essas críticas foram negligentes sobre o enfoque que ele

dá, por exemplo, aos povos Berberes e Kabilas, enquanto resistência passiva ao modelo colonial francês. Essas críticas somente visualizaram o entendimento colonial por um prisma único, aquele inaugurado por Lacoste, do debate terceiro-mundista.

As recentes pesquisas de Ferretti (2012a, 2013a) e Ferretti e Pelletier (2013b), tanto sobre a África do Norte quanto sobre a África Subsaariana, apontam novos elementos, dados e cartas inéditas de Reclus, que confirmam seu engajamento político libertário e sua posição explicitamente anticolonial, marcada pelo debate sobre a geopolítica Leste-Oeste, Norte-Sul, no jogo da expansão imperial europeia. Nesses trabalhos, Ferretti (2012a, 2013a) e Ferretti e Pelletier (2013b) elencam amplo conjunto de outras pesquisas que discorrem acerca desse entendimento da heterodoxia da geografia reclusiana, sinalizando seu ineditismo em denunciar a colonização.

Por sua vez, Ferretti (2013a, 2013b, 2013c) argumenta que é preciso fazer algumas ressalvas sobre a questão colonial em Reclus. Primeiro, ele escreveu sua geografia universal sob censura da editora Hachette, que desmedidamente limitou a exposição clara do posicionamento ácrata do autor, aparecendo assim de forma esparsa, diluída ao longo das milhares de páginas. Outro elemento a ser considerado, refere-se ao entendimento que o geógrafo francês tem de colonização e de conquista, principalmente no caso inglês, que empreendeu uma conquista exploratória e autoritária na Índia, por exemplo, e constituiu colônias na América do Norte, Austrália e Nova Zelândia.

Segundo Ferretti (2013a, p. 7), Reclus, influenciado no movimento internacionalista libertário europeu, via nas colônias de povoamento espontâneas, livres e autônomas, a oportunidade de se construir micro-sociedades ácratas nessas *novas terras*,

ademais, é preciso considerar que, nos ambientes anarquista e socialista de então, a noção de colônia pôde ser concebida independente de um estado ou de um aparato burocrático. Alguns grupos anarquistas tentaram fundar o que eles chamavam de “colônias sociais” em países tropicais.

Essas *utopias tropicais* ou este modelo de *colônias utópicas*, segundo a expressão de Ferretti e Pelletier (2013a), foram pensadas quando ainda o conceito de dominação colonial não havia sido difundido, que muito embora, foram impulsionados pelas denúncias contidas em *La Terre et les Hommes*, em que pioneiramente é neste trabalho que aparece o termo imperialismo. “Em geral, porém, é importante observar que, no século XIX, não era surpresa ouvir palavras como “colônias” ou “colonização” empregadas em acepções distintas das de nossos dias, e que uma certa defesa delas não

era, a priori, uma contradição com os ideais anarquistas e socialistas daquela época” (FERRETTI, 2013a, p. 7).

Outros fatores que garantem em Reclus a defesa dessas *colônias livres* e autônomas é o fato delas promoverem a miscigenação entre os povos, a mistura cultural, entrelaçando as sociedades, acionando a diversidade e a criatividade, no caminho do humanismo universal. Desse modelo, quando vai abordar o caso brasileiro, Reclus diferencia a conquista que ocorreu em nosso território e ao mesmo tempo destaca as colônias de povoamento que haviam sido implantadas no sul do país por imigrantes europeus, avaliando positivamente os processos de miscigenação em curso, tanto por parte dos brancos com os negros, como entre os índios, negros, mestiços, brancos etc. Desse modo, o geógrafo anarquista é enfático em negar as conquistas territoriais, o etnocídio e a imposição cultural ocidental, mas por outro lado, defende o hibridismo e as misturas culturais.

Enquanto os irmãos Reclus não eram exceções a este olhar, o enfoque deles residia nas diferentes estratégias de adaptação desenvolvida por cada povo. Este discurso foi muito útil para suas políticas igualitárias porque, em sua visão, a relativização das condições materiais tornou possível apreciar a inteligência e a habilidade dos povos em relação ao ambiente, sem nenhuma razão que justificasse falar em ‘superioridade’ ou ‘inferioridade’ de uma cultura (FERRETTI, 2013a, p. 12).

Na conclusão do trabalho citado, Ferretti (2013a, p. 14) nega a construção realizada pela *Heródote* nas décadas de 1970 e 1980, em que evidenciou somente *L’Homme et la Terre* como sendo um trabalho radical em Reclus, taxando *Nouvelle Géographie Universelle* como uma abordagem convencional. Este equívoco impediu a realização de uma leitura sobre o prisma ácrata da obra. Após o revisionismo crítico desta, chegou-se a conclusão de três pontos principais que garantem a heterodoxia libertária nesta geografia universal. “Agora, novas pesquisas ao redor deste gigantesco corpus têm mostrado que, embora a *Nouvelle Géographie Universelle* nunca tenha sido planejada para ser um instrumento de propaganda, ela ocupa um lugar importante na construção de um discurso crítico sobre Europa, Alteridade e Colonialismo.”

O primeiro ponto, elencado pelo autor, refere-se a popularização e ao impacto na opinião pública que a obra produziu, em virtude do conhecimento de Reclus e de seu engajamento dissidente; em segundo lugar, esta obra possibilitou maior debate acerca do tema alteridade e imperialismo europeu. Concebendo a perspectiva global do geográfico, “ele declarava que a progressiva globalização [...] faria com que a Europa e a Alteridade se aproximassem cada vez mais tanto do ponto de vista material quanto

cultural” (FERRETTI, 2013a, p. 14), encorajando os leitores a situarem a si mesmos em uma posição relativa para a compreensão do *outro*, sem julgamentos de superioridade ou inferioridade;

Em terceiro, as condenações reclusianas sobre os crimes coloniais são fortes e frequentes em sua obra geográfica. Elas antecipam a crítica ao colonialismo e ao imperialismo que o movimento socialista europeu adotaria nas primeiras décadas do século XX e que, ainda hoje, permanecem um problema aberto. Além disso, seu trabalho pode ser uma estimulante contribuição para os atuais estudos subalternos e pós-coloniais, especialmente em sua dimensão geográfica (FERRETTI, 2013a, p. 14).

Após esse movimento de busca da heterodoxia do pensamento geográfico reclusiano, é importante abordar os elementos constitutivos do volume 12. Sempre em defesa das populações tradicionais, Reclus (1887, p. 511) discorre sobre a secular civilização que se desenvolveu ao longo da bacia do rio Niger, abordando seus costumes, língua e religião. Desconstrói essa relação de dependência dos povos africanos para com os europeus, mostrando a riqueza na indústria artesanal e dinâmica das cidades localizadas na costa oeste da África. “Quoi qu’il en soit, il est certain que, depuis une longue période historique, des peuples puissants par le commerce et l’industrie se sont succédé sur les bords du Niger. La vallée de ce fleuve, comme celle du Nil, fut un foyer de civilisation et ses villes devirent fameuses [...]”²⁰⁹ Essa discussão o geógrafo francês irá extrair das contribuições de Metchnikoff, sobre as civilizações e os cursos dos rios.

No volume 13, é importante destacar a atenção que Reclus (1888, p. 489) dá a conquista colonial empreendida pela Inglaterra em vastas áreas da África Meridional. Em relação a sua porção mais meridional é abordado os diversos interesses econômicos de outras nações na região do Cabo da Boa Esperança, como a presença holandesa e inglesa sendo majoritárias. “On peut donc s’étonner qu’un si faible courant annuel se détourne de l’énorme fleuve des émigrants britanniques pour se porter vers les terres de l’Afrique australe, qui poutant sont assez vastes et assez fertiles pour donner du pain à bien des millions d’hommes. La cause en est surtout à l’instinct de sociabilité des émigrants.”²¹⁰ Nesse trecho, é interessante notar o uso do termo *sociabilité* para sinalizar interações de identidade entre mulher-homem-meio.

²⁰⁹ “De qualquer maneira, é certo que, desde um longo período histórico, os povos fortalecidos pelo comércio e a indústria se sucedem ao longo das margens do Niger. O vale dessas águas, como as do Nilo, foram um habitat de civilizações, tornando suas cidades famosas [...]”

²¹⁰ “Pode-se pois surpreender que, um baixo turno anual afasta-se o enorme fluxo de emigrantes britânicos que podem chegar sobre as terras da África austral, tão vastas e tão férteis para alimentar

No volume 15, na página 536, interessadamente Reclus (1890) apresenta um mapa dos guetos étnicos na cidade de Montreal, no Canadá, argumentando o papel desta cidade como porta de entrada de diversas nações. O debate centra-se no grau de desenvolvimento da ocupação do espaço canadense, representando a densa rede ferroviária que se integra ao país vizinho do sul, sendo uma fiel representação da ocupação da metrópole colonial inglesa e francesa. Na página 699, o autor denuncia os avanços dos Estados Unidos sobre o território do norte, o Canadá, perdendo faixas de terras. A chave para a ocupação e o efetivo desenvolvimento da América do Norte, semelhante e até mais intensa do que das suas colônias mães, foi a implementação de técnicas de transportes transcontinentais, como as ferrovias. Também, o modelo de acesso à terra rural e as facilidades geográficas do relevo e do clima são elementos importantes.

O volume 16, Reclus (1892) dedica exclusivamente aos Estados Unidos, dada sua importância como potência emergente no mundo atual, como também ao acelerado desenvolvimento e transformação do espaço estadunidense. Inicia falando da expansão territorial dos Estados Unidos, das facilidades do relevo, da fertilidade do solo, da ocupação expansionista do território sobre as populações tradicionais, que foram dizimadas. Este processo, não realizou explorações geográficas de pesquisa e de entendimento do território, sendo um movimento avassalador sobre tudo o que estava em seu caminho. Mas a chave para as conquistas territoriais no oeste, semelhante ao que ocorreu no Canadá, foi as ferrovias e o sistema de propriedade da terra.

Nesse redemoinho de absorção dos territórios, Reclus (1892, p. 51) lamenta a questão dos indígenas. Destaca a riqueza civilizatória que se perdeu, seus costumes e a forma como eles entendem a relação do humano com a natureza.

Si grande que leur force d'âme du danger ou des souffrances, les Indiens n'en restent pas moins enfants à maints égards. Ainsi le jeune homme se laisse aller à toute l'exubérance de sa foie vivre, à tout elle coquetterie naturelle de son âge. On a vu des guerriers défigurés par la petite vérole se suicider pour échapper à la honte de leur laideur.²¹¹

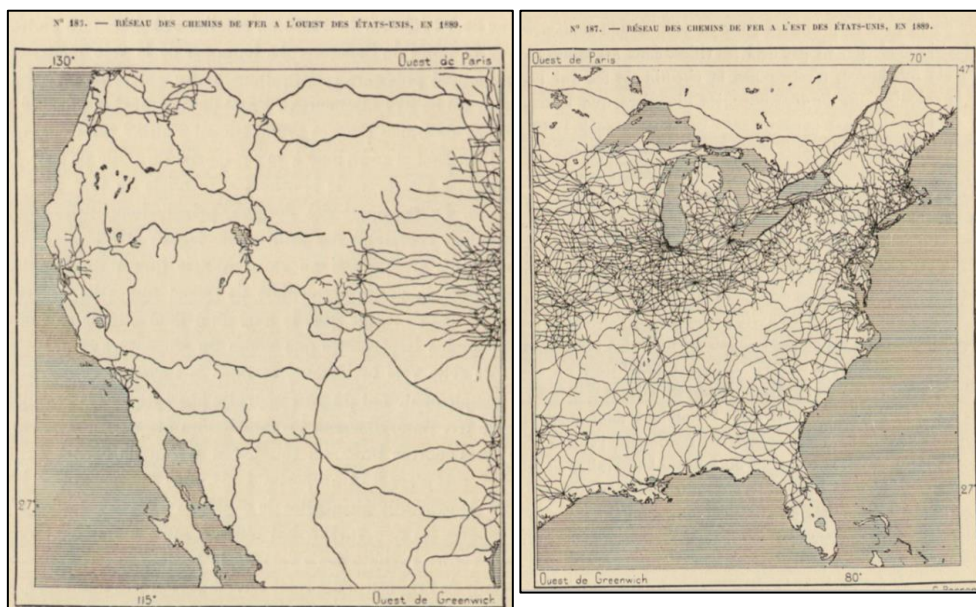
O debate reclusiano sobre a transformação do espaço geográfico estadunidense se atém bastante ao choque de civilização, no sentido dado por Huntington (1997),

qualitativamente milhões de homens. A causa refere-se sobretudo ao instinto de sociabilidade dos emigrantes.”

²¹¹ Tão grande é sua força d'alma de perigo ou de sofrimentos, que os indígenas não deixam de serem crianças em muitos aspectos. Assim, o jovem homem se deixa levar pela exuberância de sua alegria vivaz, e de toda a sua esperteza e charme natural contido na alma. Nós vimos guerreiros desfigurados pela varíola se suicidarem para escapar da vergonha de sua feiura.

principalmente quando é abordado o crescimento demográfico do país diante dos enormes fluxos migratórios oriundos das mais diversas partes do mundo, conforme fica evidente na página 656, do volume 16. Todas essas transformações são refletidas pelo rápido grau de tecnificação do espaço estadunidense, que em poucos anos superou o de toda Europa Ocidental, caso da complexa rede ferroviária, que aciona os mais diversos arranjos espaciais.

Ilustrações 11 e 12: Rede Ferroviária a Oeste e a Leste dos Estados Unidos, em 1889



Fonte: RECLUS, É. *Nouvelle Géographie Universelle*. Vol. 16. Paris: Hachette, 1892, p. 750 e 751.

O volume 18 tem como recorte a América do Sul, especialmente a região andina. Nesse livro, Reclus (1893) demonstra bastante conhecimento empírico, em decorrência de suas andanças pela Cordilheira dos Andes. Esta, o autor discorre longamente acerca de sua importância para a região, como reguladora do clima e dos gêneros de vida das populações que nela habitam. Busca construir uma unidade geográfica que alie os elementos geográficos e a formação cultural deste povo andino, apesar de destacar as desvantagens climáticas e do relevo da região, refletindo na dificuldade de ocupação. Reclus (1893) avalia as potencialidades econômicas e as características da geografia política dos principais países andinos, como a Colômbia e o Peru. Mas, o país que recebe maior ênfase é o Chile, devido sua formação territorial meridionalmente extensa e curta na sua porção horizontal. Na página 694 discorre sobre os litígios com a Bolívia, inviabilizando sua saída para o mar, e com a Argentina, na região limítrofe dos Andes e da Terra do fogo. Essa discussão acerca da geopolítica da região é voltada para a

capacidade do Chile se postar enquanto uma potência emergente da região, avaliando assim, a diversidade produtiva do país.

Nesse imbróglgio argumentativo sobre os conflitos fronteiriços, já no volume 19, Reclus (1894b, p. 4) diz que, “toutefois les frontieres en sont encore flottantes. Au sud, les faîtes de partage n’ont pas été reconnus dans leur longueur et toute leur complexité; en outre, les voyages qui ont eu lieu ne se sont jamais faits sous la direction d’arbitres charges de la délimitation précise des territoires entre les États.”²¹² No curso desse debate, o autor descreve todos os litígios existentes na América do Sul, mencionando o caso argentino com o Chile, o caso boliviano com o Peru e o Paraguai, o caso da Venezuela com o Brasil e do Brasil com a França, na região das Guianas.

Além das disputas fronteiriças entre as nações sul-americanas, Reclus (1894b, p. 497) destaca a generalizada opressão que o povo paraguaio sofreu ao longo de sua história, começando pela catequização jesuítica e culminando na Guerra do Paraguai, no final do século XIX. “Après le caractere des indigènes, l’élément principal dans l’histoire du Paraguay fut la domination des Jésuites, bien qu’ils aient été maîtres absolus seulement dans la part méridionale de la contrée.” O desastre da Guerra do Paraguai não passou despercebido pelo geógrafo libertário, sinalizando que, “a la fin, la nation virile tout entière avait presque disparu par la guerre, la faim, le choléra: il ne restait plus que des invalides, des infirmes, des enfants et des femmes”²¹³ (RECLUS, 1894b, p. 503).

Com relação à Argentina, é destacado seu forte vínculo que permanece com a Espanha, os hábitos europeus do povo argentino, elemento que não se encontra no caso brasileiro, aponta o autor, muito mais independente e miscigenado, porém mais pobre e desorganizado. “Le fait géographique capital au point de vue de progrès de l’Argentine est sa proximité relative du continent européen”²¹⁴ (RECLUS, 1894b, p. 583). Além disso, os europeus escolheram maciçamente o país platino para viverem, em busca de clima semelhante, rica vegetação, constituindo ali seus gêneros de vida. O autor finaliza sobre a Argentina abordando a potência da agricultura mecanizada do país, a importância urbana de Buenos Aires, os processos mais avançados de sua indústria e

²¹² “todavia, as fronteiras são ainda flutuantes. Ao sul, as partilhas não foram reconhecidas na extensão de sua complexidade; por outro lado, as viagens que ocorrem jamais são feitas sob a direção de fiscais encarregados da delimitação precisa dos territórios entre os Estados.”

²¹³ “Além do caráter dos indígenas, o elemento principal na história do Paraguai foi a dominação dos jesuítas, apesar deles terem sido senhores absolutos somente na parte meridional do país.” [...] “ao fim [da guerra do Paraguai], toda a nação masculina tinha quase desaparecido pela guerra, a fome, a cólera: só restavam inválidos, enfermos, crianças e mulheres”

²¹⁴ “O elemento geográfico primordial para o ponto de vista do progresso da Argentina é sua relativa proximidade do continente europeu”

rede de transportes, quando comparados com seus vizinhos, e o melhor grau de instrução da população.

Na parte do volume 19 que corresponde ao Brasil foi feita a revisão da tradução brasileira denominada de *Estados Unidos do Brasil*, realizada por Ramiz Galvão. Aproveitando a tradução citada, que facilitaria maior entendimento acerca do assunto, é importante mencionar também o papel de Galvão na crítica ao texto de Reclus, complementando diversos tópicos ora negligenciados pelo geógrafo francês, corrigindo inúmeras passagens, discordando de outras concepções do olhar francês sobre o Brasil, por diversas vezes se irritando com o posicionamento contrário de Reclus a recente república brasileira, que se assentou em bases autoritárias. Galvão também faz importante crítica ao posicionamento de Reclus em defesa do litígio entre França e Brasil, na região das Guianas, favorável a maior parcela de terra para a França. Por isso, é de suma importância ter revisado completamente essa tradução de Ramiz Galvão do texto de Reclus sobre o Brasil.

É interessante notar, na página 28, que Reclus (1900) inicia a discussão do Brasil com a busca de regionalizar o país em regiões naturais, seguindo as bacias hidrográficas e os modelados do relevo. Isso se deve pelo fato dele desconhecer as fronteiras políticas como sendo fixas, pois parte da geograficidade dos fatos do relevo para explicar os gêneros de vida e, por conseguinte, a região e a oposição entre os lugares.

Também, não se esquece da formação social do povo, dando enfoque às populações aborígenes, os choques de civilização com a presença do homem *branco*, os desastres da corrida do ouro no interior, o intenso desmatamento, inclusive, denunciando os desastres ambientais na região do Mato Grosso Goiano (região em que fui criado), discutida cinquenta anos mais tarde por Faissol (1952).

Outro elemento recorrente nas investigações do geógrafo libertário sobre o Brasil é o constante apressamento pelos processos de miscigenação dos mais diferentes grupos étnicos, que em sua opinião, isso geraria enorme riqueza sociocultural para o povo.

Nas páginas seguintes, Reclus (1900) descreve as características urbanas das capitais e cidades principais do litoral nordestino, dando destaque à Salvador e Recife. Esta última, ele aborda os elementos da ocupação e colonização holandesa, seu legado na região, além de destacar o desenvolvimento cultural das duas principais capitais nordestinas, suas dinâmicas econômicas como entreposto comercial. No caso de Recife, enfatiza seu cosmopolitismo, por receber pessoas das mais diversas regiões e estar bem mais próxima da Europa.

O recife não é só entreposto comercial; tem jardins públicos, bibliotecas, sociedade científicas e literárias, entre as quais citaremos um Instituto Geográfico, e possui uma das duas faculdades jurídicas oficiais do Brasil. Herdeiros de um passado de lutas e de reivindicações políticas contra as capitais, Bahia [Salvador] e Rio de Janeiro, os pernambucanos têm certo espírito de iniciativa, raro no Brasil, e fazem timbre de agir por si próprio (RECLUS, 1900, p. 182).

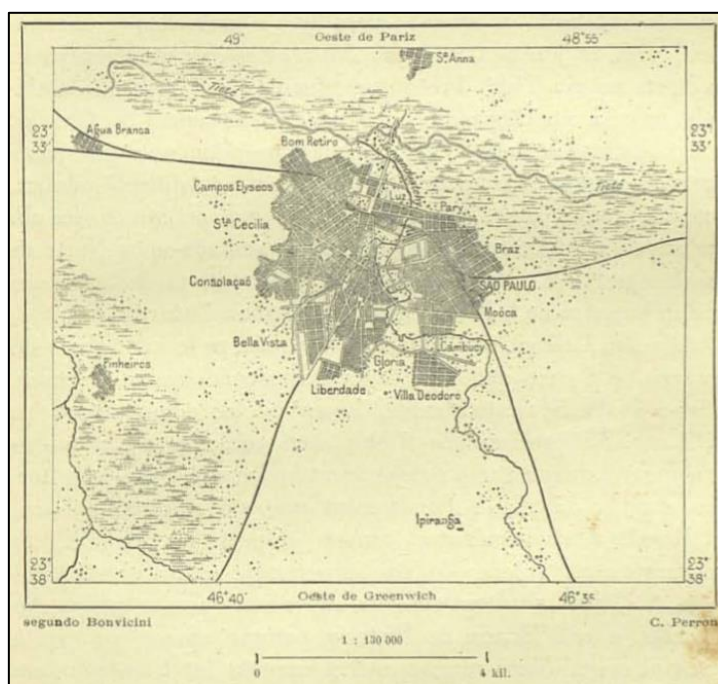
É corriqueiro encontrar certos preconceitos sobre a gente brasileira nessa obra, principalmente quando se refere ao seu espírito produtivista. Por outro lado, o autor francês se contradiz em diversas ocasiões afirmando a força de vontade do povo brasileiro, sua resistência às intempéries do meio, sua capacidade inventiva e criativa de lidar com as mazelas de sua opressão colonial, imperial e republicana autoritária. Na página 211, por exemplo, avalia o trabalho e a exploração dos recursos naturais na região das minas auríferas do interior. Denuncia o desmatamento concentrado na região litorânea, por sua vez mais habitada, fruto da ocupação mais antiga, como também, os impactos da exploração mineral no interior. Mas também, destaca o desenvolvimento da interiorização do Brasil, apesar de ser lenta, apesar da presença de inúmeras cidades, caso de Ouro Preto e sua região sortida de outras cidades, da futura capital Belo Horizonte, e dos eixos de ligação comercial com a capital federal, Rio de Janeiro, como o traçado das ferrovias e seus adjuntos impactos na mobilidade do espaço.

Sobre a capital federal, o geógrafo francês evidencia seus problemas de insalubridade, mas atenta-se ao crescimento urbano acelerado, a formação de seus subúrbios e hiterlândias distantes, sinalizando inicial processo de subcentralidades, lamentando a forma espraiada da região urbana. “Partindo do centro da cidade, a indústria e o comércio vão invadindo pouco e pouco os subúrbios, e já muitos grupos de tranquilas e sombreadas habitações campestres se transformam em ruidosos quarteirões comerciais” (RECLUS, 1900, p. 274 – 275). Além da análise dos processos intraurbanos do Rio de Janeiro, elogiando a rapidez na mobilidade interna da cidade, é considerada também, sua região urbana, a relação com as cidades do seu entorno, como as interações com as outras capitais, destaque para a ligação ferroviária entre a capital federal e São Paulo. “A revolução produzida pelo uso dos carris de ferro contribuiu até singularmente para modificar os costumes [...]. A ferrovia emancipou-as desta clausura, ao passo que democratizou a população pondo o negro ao lado do branco, o filho do escravo ombro a ombro com o filho do antigo senhor” (RECLUS, 1900, p. 277).

Com relação ao Estado e a cidade de São Paulo chama muito atenção do geógrafo francês a pujança desses territórios e a força dessa gente. “Os brasileiros de S.

Paulo distinguem-se entre todos os seus compatriotas pelo espírito de iniciativa que os caracteriza: pode-se dizer que a certos respeito está ali o verdadeiro centro da América portuguesa” (RECLUS, 1900, p. 287). Esse mito do paulista incansável, invencível e trabalhador, calcificado desde as *bandeiras*, também é reproduzido nessa obra. Além da força de vontade dos paulistas, Reclus (1900) também destaca os benefícios do relevo, do clima e a riqueza do solo (terra rocha), como fatores que possibilitaram os avanços técnico-produtivos dessa região do Brasil. Com a agricultura mais pujante da república também estava em curso a industrialização mais dinâmica, ligada ao ciclo produtivo do café. “S. Paulo, capital do Estado mais comercial e mais industrioso da República, anuncia já pelo seu aspecto a prosperidade da região” (RECLUS, 1900, p. 324).

Ilustração 13: Morfologia Urbana da Cidade de São Paulo

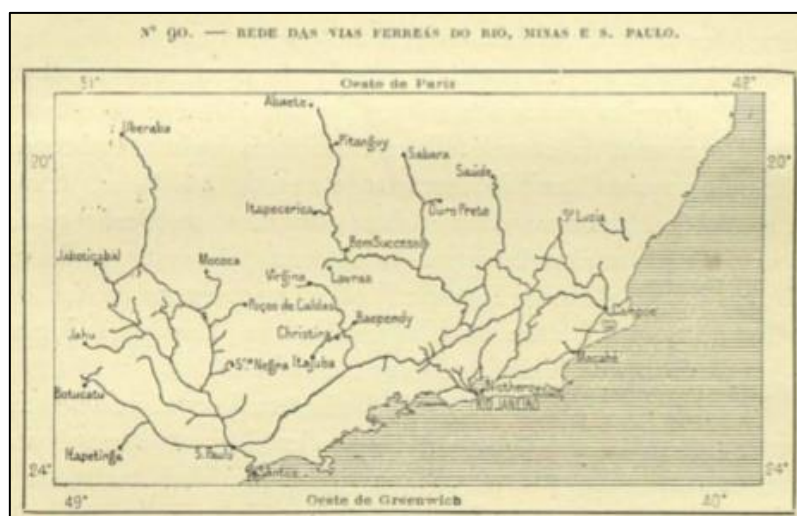


Fonte: RECLUS, É. **Estados Unidos do Brasil**. Paris: Garnier, 1900, p. 325

A cidade de São Paulo teve sua população triplicando nos últimos dez anos, conforme é descrito em *Estados Unidos do Brasil*, e a explicação refere-se aos fortes fluxos migratórios, sobretudo de italianos, além das migrações internas de nortistas e nordestinos, atraídos pela enorme oferta de trabalho na região. Esse processo de crescimento desordenado constituiu ampla suburbanização à capital estadual e a formação de outros núcleos secundários em sua região. As ferrovias avançam ao longo do interior do estado e estendem-se por Minas Gerais, alcançando já Uberaba, configurando arranjos espaciais mais fluidos sob o domínio da economia paulista.

Mas Reclus (1900) elaborada duras crítica ao lento progresso ferroviário brasileiro. Discute, na página 451, justamente com o uso de dados em anexo, confirma a não existência de uma unidade geográfica, de não se configurar em torno de uma rede integrada, funcional e dinâmica, ainda respeitando a lógica agrário-exportadora, do interior para o litoral, se concentrando somente nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, deixando muito a desejar na interligação do interior do país, sobrando outras linhas isoladas sem nenhuma conexão somente em alguns estados do nordeste e sul (ver ilustração 14). Segundo aponta o autor, esse é o principal fator que contribuiu com o atraso e ineficiência econômica do país, que teve e tem seus processos técnicos atrasados em virtude da mentalidade tradicionalista e centralizadora, de que o isolamento impediria, num primeiro momento colonial, a apropriação das terras por outras nações, e no caso do império e da república, em virtude da mentalidade aristocrática, oligárquica e latifundiária, a ferrovia traria modernidade para o território, esclarecendo a população, fragilizando o amplo controle social do Estado e da elite dirigente.

Ilustração 14: Rede de Ferrovias do Rio, Minas e São Paulo



Fonte: RECLUS, É. **Estados Unidos do Brasil**. Paris: Garnier, 1900, p. 451.

Já na página 409, Reclus (1900) chama atenção para outro problema marcante na configuração espacial do Brasil: a desigualdade no povoamento. Com dados e mapas, ele demonstra que a população cresce rapidamente, mas ainda se mantém concentrada no litoral, atrelada ainda ao modelo colonial de ocupação do espaço. Os desafios do país se encontram, apontam o geógrafo europeu, nos planaltos centrais brasileiros, com terras convidativas para o cultivo, mas sem qualquer meio de ligação com o litoral. Até mesmo a região amazônica, com toda sua umidade, consegue ser mais fluída, no sentido

da mobilidade, do que a região central do Brasil. Outra desigualdade no povoamento se dá na distribuição dos grupos étnicos, que apesar da miscigenação, as populações brancas tendem a se concentrarem na região sul, não muito distantes do litoral, os indígenas na região central e norte e os negros, estando em todo o país, concentram-se em grande parte no litoral nordestino.

É evidente que Reclus buscava com suas análises das diferentes partes do mundo explicar a estreita relação entre a terra e os homens, perfazendo-se o modelo de sua geograficidade. Por sua vez, essa explicação sempre estava enviesada pela noção de uso político do território, e os consequentes arranjos espaciais, os conflitos étnicos, as identidades regionais e os domínios culturais. Por isso, faz-se necessário conhecer mais de perto como este geógrafo heterodoxo constituía sua geograficidade política das liberdades, ou seja, que linguagem ele utilizava para expressar sua defesa da liberdade dos excluídos, de um modelo de organização espacial mais equitativo, a caminho de uma sociedade fraterna.

5.2.3 Uma geograficidade política das liberdades

No volume dedicado à França, por exemplo, Reclus (1877) esboça longamente sobre o padrão de organização político-administrativo do espaço das comunas. Alicerça sua consideração justificando a secularidade deste modelo, cabendo devidos ajustes para a sociedade atual. Evidencia o drama de eliminação desse recorte espacial, que, em sua opinião, sempre foi mais democrático e mais próximo das pessoas do que as atuais conformações centralizadas das repúblicas constitucionais.

Ao tratar do longo papel histórico das comunas nas cidades europeias, desde a Idade Média, na página 923, do volume 2, o autor novamente usa o conceito de *sociabilité*, neste caso, com a acepção de enraizamento do homem/mulher na terra, de troca e equilíbrio nas relações socioespaciais, semelhante ao que vem sendo discutido como geograficidade, no conjunto de sua obra. “Des communes aussi faiblement constituées peuvent à peine subvenir à la gestion de leurs intérêts: nulle vie ne peut y naître et le centre virtuel est toujours la ville la plus voisine”²¹⁵ (RECLUS, 1877, p. 924). É feita a crítica da permanência das velhas estruturas de divisões territoriais, que no final das contas, acabam sendo engolidas pela burocratização estatal, convertendo-se em modelos concentrados. As relações sociais transcendem os limites formais impostos,

²¹⁵ “As comunas, fracamente constituídas podem apenas satisfazerem a gestão de seus próprios interesses: sem vida, não podem nascer e o centro virtual está sempre na cidade vizinha.”

e os elementos naturais são mais coerentes como princípios de estabelecimento dos limites e das fronteiras do que as formalidades impostas à sociedade.

Si ces diverses circonscriptions s'étaient formées spontanément, par le vœu des populations se groupant à leur gré, elles auraient souvent changé de forme et de grandeur par l'effet de l'initiative locale; mais, simples créations du pouvoir central, elles ne servent qu'à le fortifier, en plaçant dans tout chef-lieu de département, d'arrondissement, de canton, de commune, un représentant direct du gouvernement²¹⁶ (RECLUS, 1877, p. 926).

O que é heterodoxo em Reclus deve-se ao fato dele, em pleno século XIX, em uma obra de geografia, contestar a centralização estatal, buscando definir uma organização espacial marcada pela autonomia dos sujeitos, conscientemente organizados no modelo autogestionário de uma sociedade. De um lado, ele evoca a liberdade política na alteração das velhas estruturas territoriais e, de outro, a liberdade que a própria natureza propicia à sociedade, cabendo a esta somente saber pensar o espaço e saber nele organizar-se.

Por exemplo, é em grande parte pela “nature que les Suisses sont redevables de leurs libertés politiques et du maintien de leur indépendance nationale: les montagnes, les lacs, les vallées tortueuses ont fait autant que leur vaillance et que la force de leurs bras pour les mettre au premier rang parmi les peuples libres” (RECLUS, 1878, p. 83 – 84). Ainda segundo a autonomia territorial do povo suíço, o geógrafo anarquista argumenta que, “la principale différence entre les parties integrantes de l'État est celle qui provient de leur inégalité en territoire et en population.” Mesmo havendo desigualdade e diferenças regionais internas, no que tange o poder político, as regiões “sont égaux en droit, libres et autonomes dans leur gouvernement local [...]. De toutes les petites républiques confédérées, celle qui se rapproche le plus de l'idéal d'un gouvernement populaire, c'est la Suisse”²¹⁷ (RECLUS, 1878, p. 126 – 127), onde o povo exerce o poder legislativo por iniciativa direta.

Não é somente na Suíça que ocorre a luta por maior autonomia territorial. Reclus (1979, p. 826) destaca o caso dos campesinos ingleses, que com o rápido processo de

²¹⁶ Se essas diversas circunscrições fossem formadas espontaneamente, pelo voto das populações articulando-se pela própria vontade, elas teriam frequentemente mudado de forma e de tamanho pelo efeito da iniciativa local; mas, simples criações do poder central, servem apenas para centralizar, inquirindo em todo chefe local de departamento, de bairro, de cantão, de comuna, a função de representante direto do governo.

²¹⁷ “natureza que os suíços são beneficiados de suas liberdades políticas e da manutenção de sua independência nacional: as montanhas, os lagos, os vales tortuosos possibilitaram igualmente bravura e força em seus braços os colocando na primeira posição entre os povos livres” [...] “a principal diferença entre as partes integrantes do Estado é daquela que provém de sua desigualdade territorial e populacional.” [...] “são iguais em direito, livres e autônomos em seus governos locais [...]. De todas as pequenas repúblicas confederadas, a que mais se aproxima do ideal de governo popular, é a Suíça”

industrialização viram suas terras tomadas pelas grandes corporações agroindustriais, como também, pelo avassalador movimento de concentração fundiária. “Sans doute l’ouvrier des fabriques et le petit rentier essayent de découper sur le sol un carré de terre qui leur appartienne, et ils ont appliqué la force que donne l’association pour se grouper en ‘sociétés de construction’ (*building societies*) et conquérir l’étroit espace dans lequel ils pourront bâtir leur propre maison, cultiver leur propre jardin.”²¹⁸

Essa mesma Inglaterra que oprime seu povo em seu próprio território, avança sobre os mais longínquos rincões da terra, estabelecendo domínios coloniais. No volume 8, o geógrafo francês é enfático ao apresentar os interesses ingleses na Índia. Inversamente do que pode parecer, em sua opinião, a implantação de redes de transportes inglesas no território hindu tem como premissa facilitar a fluidez do território e garantir de uma vez por todas o domínio britânico nessas terras, além de os prepararem para a proteção dos invasores que ameaçam a hegemonia. “Mais ces conquêtes mêmes obligent la Grande-Bretagne à des conquêtes futures. Dans un avenir prochain, les routes de mer ne suffiront plus et perdront sigulièrement de leur importance en comparaison des chemins de fer qui suivront la diagonale de l’Ancien Monde par Constantinople, Herat et Delhi”²¹⁹ (RECLUS, 1883, p. 710).

Outra denúncia da intervenção imperial inglesa é realizada no volume 13. Agora o destaque é para a região da África do Sul, palco de intensas disputas e confrontos entre os povos aborígenes, causados também em virtude da intervenção arbitrária dos colonizadores em busca de ouro, que dizimam as populações locais. “Mais la guerre continuait toujours entre les Boers et les indigènes, accompagnée parfois de massacres atroces, d’exterminations en masse: chaque progrès des blancs dans la direction du nord devait s’acheter par le sang”²²⁰ (RECLUS, 1888, p. 594).

Na página 760, do volume 14, o geógrafo libertário demonstra que, até mesmo nas colônias inglesas tidas como de povoamento, em que seriam construídas as bases dos novos habitats ingleses no hemisfério sul, os massacres não cessaram, e novamente foram direcionados às populações aborígenes. O autor expõe dados que comprovam a

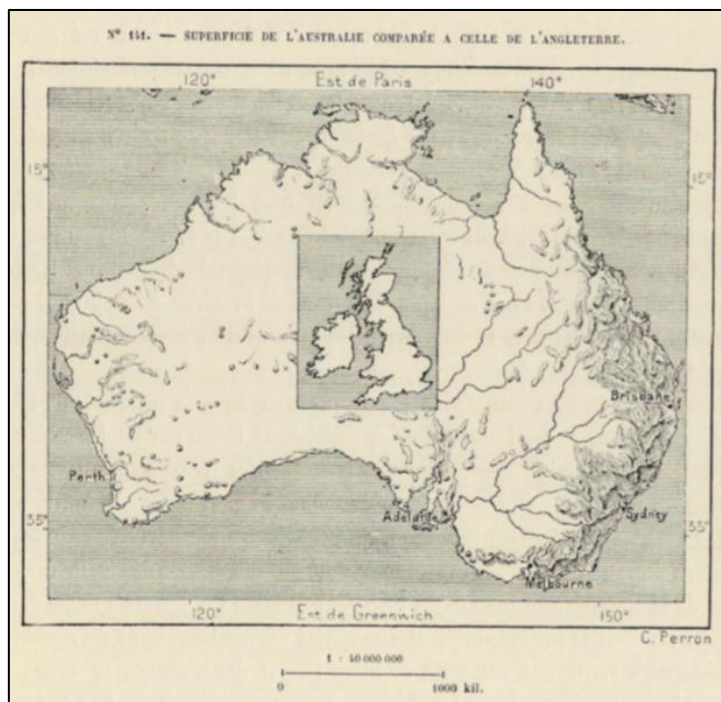
²¹⁸ “Sem dúvida, o trabalhador das fábricas e o pequeno produtor experimentam recortar sobre o solo um quadrado de terra que lhes pertence, e eles aplicaram a força que a associação lhes dá para se organizarem em ‘sociedades de construção’ (*building societies*), conquistando o estreito espaço na qual podem construir sua própria morada, cultivar seu próprio jardim.”

²¹⁹ “Mas estas conquistas em si obrigam a Grã-Bretanha às conquistas futuras. No futuro próximo, as rotas marítimas não bastarão mais, perderão singularmente sua importância em comparação às ferrovias, que seguirão na diagonal do Antigo Mundo, via Constantinopla, Herat e Délhi.”

²²⁰ “Mas a guerra continuava sempre entre os Boers e os indígenas, acompanhada, às vezes, por massacres atrozes, exterminação em massa: cada progresso dos brancos na direção do norte era adquirido com sangue”

quase total dizimação dos aborígenes australianos, argumentando que, “atuellement les colons d’origine européenne, devenus les maîtres du continent, sont au moins cinquante fois plus nombreux que les Australiens de race”²²¹ (RECLUS, 1889, p. 760). Igualmente ao caso da Índia, na Austrália sua superfície é consideravelmente maior do que a superfície do Reino Unido, demonstrando os desafios e o poder de apropriação que os ingleses portam nos quatro cantos do mundo.

Ilustração 15: Superfície da Austrália Comparada a da Inglaterra



Fonte: RECLUS, É. *Nouvelle Géographie Universelle*. Vol. 14. Paris: Hachette, 1889, p. 713.

O veio libertário de Reclus contido em toda a *Nouvelle Géographie Universelle* sempre situa sua geograficidade política em defesa dos indígenas, negros, oprimidos da cidade e do campo. Esse posicionamento heterodoxo frente, ao que estava sendo produzido de geografia na época, marca o papel engajado dessa monumental enciclopédia de geografia anarquista, que mesmo apesar das censuras sofridas, ainda reteve certo papel crítico provocador.

O modo de ser do geógrafo, ou seja, essa geograficidade política reclusiana é marcada pelo viés da experiência e da prática espacial do saber pensar a organização do território. Então, conforme evidencia Ferretti (2011b, 2013c), a conjuntura do texto reclusiano está sempre posicionada na defesa dos povos ameríndios, pela libertação dos

²²¹ “atualmente, os colonos de origem europeia, convertidos em senhores do continente, são pelo menos cinquenta vezes mais numerosos do que os australianos aborígenes”

escravos e pela defesa da autonomia dos povos oprimidos no continente africano, nas mais exóticas terras da Índia, China, Oceania etc.

Outro elemento marcante nessa geografia universal é a discussão sobre outros modelos de organização do espaço e de apropriação do território, explicitamente tendendo para o municipalismo libertário, no caso das cidades, para o confederalismo libertário, o mutualismo e o internacionalismo fraternalista, indo da escala local até a planetária com posicionamento ácrata, em busca da unidade humana entre os mais diferentes povos. Estes são os fundamentos da teoria e prática espacial dessa geograficidade libertária.

No volume 16, por exemplo, Reclus (1892) discorre consideráveis páginas em defesa dos povos indígenas estadunidenses, denunciando o processo de extermínio e de aculturação forçado pelos dominadores, podendo citar os exemplos dos trechos contidos na página 688. Já na página 693, a defesa se volta para os negros, que vivem miseravelmente nos Estados Unidos e sofrem as mais agressivas formas de opressão e de discriminação. A guerra civil dividiu o país e aprofundou a desigualdades entre os povos daquela nação.

Quando o geógrafo vegetariano dedica-se a apresentar a questão fundiária no México, no volume 17, argumenta sobre os enormes latifúndios no país e os processos de dominação oligárquica da *terra do sol*. “La guerre de l’Indépendance a chassé les Espagnols, mais le système de la grande propriété, qu’ils avaient introduit, s’est maintenu. Les *haciendas* sont, non des fermes, mais des divisions territoriales, ayant la surface d’un canton ou même d’un arrondissement”²²² (RECLUS, 1891, p. 291). Outra situação complexa no México é o sistema da *política do favor* e o apadrinhamento senhorial, semelhante ao que ocorreu no Brasil no início do século XX. É denunciado o centralizador e corrupto sistema de concessão de terras no país, que beneficia os grandes capitalistas e o capital nacional, deixando o operário e o campesino em estado de quase servidão.

Les travailleurs des campagnes, très faiblement rétribués et retenus par la force des choses dans la dépendance des seigneurs terriens, ne diffèrent que par le nom de véritables serfs: privés des ressources nécessaires, ils ne peuvent emprunter qu’au maître ou à son majordome, et ces emprunts, consistant en denrées et en marchandises qu’on leur compte à des taux usuraires, ne sauraient être payés que par le travail futur, engagé des années à l’année. D’année

²²² “A guerra de independência expulsou os espanhóis, mas o sistema da grande propriedade, que eles tinham introduzido, se manteve. As *haciendas* são, não as fazendas, mas as divisões territoriais, tendo a superfície de um distrito ou mesmo de uma vila”

en année, ils voient fuir devant eux la perspective de la libération, et la dette écrassante se transmet de père en fils²²³ (RECLUS, 1891, p. 292).

Esse carrasco modelo de exploração da terra e do trabalho mexicano, segundo o autor, alimenta as riquezas de uma minoria oligárquica, que envia grande parte dos frutos preciosos dessa terra para a Europa. Na sua visão, toda a questão problemática nesse país é fruto do regime de propriedade da terra, e apesar do fim da escravidão no México, Reclus (1891, p. 293) afirma que, “de fait l’esclavage existe encore comme aux premiers temps de la conquête: il est la conséquence naturelle du régime de la propriété. Être asservi, mourir esclave en un pays si beau!”²²⁴

Na página 404, do volume 18, Reclus (1893) lamenta profundamente o sistema de centralização administrativa do território colombiano, estabelecido pelo governo. Este, observando o legado de luta pela terra e busca pela liberdade e autonomia territorial do povo colombiano, restringiu ao máximo o surgimento dos conselhos municipais federados, de bases mais populares e descentralizados, impondo no lugar, os modelos hierárquicos autoritários da república constitucional. O autor anarquista fica vislumbrado com o espírito de revolta e de liberdade contido na sociedade latino-americana, principalmente andina, que por sua vez, são os que mais sofreram as imposições autoritárias governamentais. Segundo ele, esse espírito libertário é oriundo da força dos antigos rebeldes colonos espanhóis, que em sua terra natal eram grandes contestadores do absolutismo monárquico, agregado às misturas étnicas realizadas com os resistentes e vorazmente rebeldes indígenas, constituindo um povo miscigenado sedento pela liberdade.

Essa resistência contra o opressor se estende de norte a sul do continente americano, segundo descreve Reclus (1894b, p. 675), sendo notada pelo exemplo dos povos indígenas que habitavam a região dos Andes na divisa sul da Argentina com o Chile, sendo grandes protetores da terra, detentores de costumes genuínos de intimidade com o equilíbrio natural, de ritos de sociabilidade plena e harmônica. “Pendant plus d’un siècle ces Indiens résistèrent avec succès aux bandes espagnoles; ils essayèrent même de restaurer la dynastie des Incas et acclamèrent comme leur souverain un

²²³ Os trabalhadores camponeses, extremamente mal retribuídos, retidos pela força das coisas na dependência dos senhores latifundiários, diferenciam apenas pelo nome de verdadeiros servos: privados de recursos necessários, só podem comprar do mestre ou de seu capataz, e estas compras, consistem em alimentos e em mercadorias que na sua conta a taxas usuais, só poderiam ser pagas pelo trabalho futuro, contratado ano a ano. De ano a ano, eles veem fugir diante deles a perspectiva da libertação, e a dívida esmagadora é transmitida de pai para filho.

²²⁴ “de fato, a escravidão ainda existe como nos primeiros anos da conquista: é a consequência natural do regime da propriedade. Ser subjogado, morrer escravo em um país tão belo!”

aventurier qui se disait ‘fils du Soleil’.”²²⁵ Mas, a partir de meados do século XVII esses povos rebeldes sucumbiram, em grande parte, diante dos combates contra os invasores, se rendendo em sua maioria, e os que não se renderam se lançaram em precipícios, jogando também seus filhos, como forma de resistência ao novo modelo.

Na página 676, de mesmo volume, o autor faz um breve balanço acerca da resistência dos principais povos indígenas da América do Sul, destacando a importância dos Guaranis, presentes em grande parte da região. São abordados também os elementos que contribuíram com a quase total dizimação dos mais diversos povos. Na página 700 e 701, o geógrafo busca demonstrar que a exterminação dos indígenas era provocada pela exploração colonial, mas também havia na mesma região, experiências de *colonização utópica* ou menos predatória, caso da colônia comunista russo-alemã, nas proximidades do Rio Paraná, na província de Entre Rios, na qual a propriedade da terra era coletiva, com total socialização dos bens, com regime econômico de ajuda mútua. Outras colônias tentaram se desenvolver na região, com base nas ideias de Tólstoi, visando construir um modo de vida social harmônico.

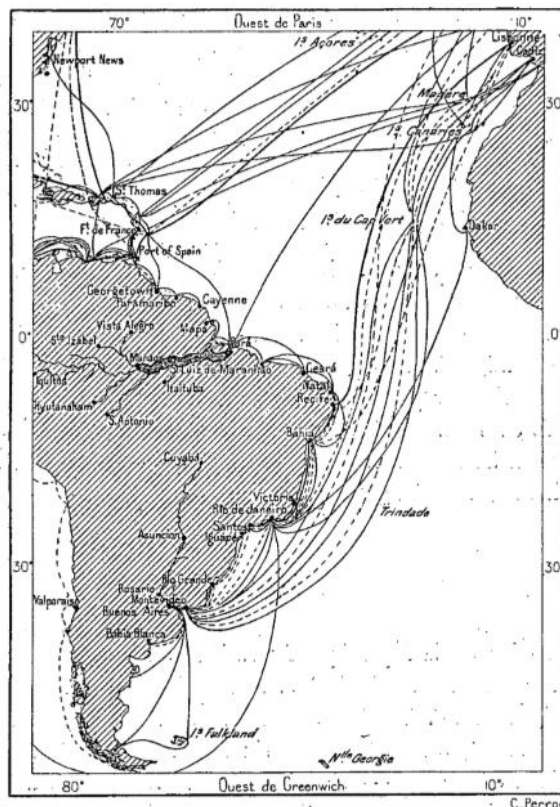
Outra forma recorrente de refletir acerca da geograficidade política em sua obra é através da defesa dos aprimoramentos das redes de comunicação e de transportes. Residia ainda no geógrafo francês a crença nas técnicas como veículos de libertação da sociedade, mentalidade comum no tempo em que viveu. O caso da América do Sul é ainda mais emblemático, pois poderia tornar seu espaço mais fluído qualificando as relações sociais e o acesso a territórios ora isolados pela integração multimodal das ferrovias, favorecidas pelo relevo plano, com as hidrovias e as rotas oceânicas, tão abundantes em todo o subcontinente.

Na parte dedicada ao Brasil é possível encontrar diversos momentos de guinadas anarquistas do geógrafo vegetariano. Na página 14, por exemplo, é demonstrado o quanto o racismo está impresso na mentalidade de todos os brasileiros. Mesmo apesar da miscigenação do povo, aqueles mestiços que se reconhecem com pele mais clara reproduzem o mesmo racismo dos brancos proprietários capitalistas. Isso ocorre também contra os povos indígenas, tidos como *preguiçosos*. Esse sistema de discriminação reflete na própria individualidade do negro que, em diversos momentos, reproduz e naturaliza a condição de marginalizado. Os brancos brasileiros insistem em se afirmarem herdeiros dos brancos europeus. Essa forma de poder adquirida pela

²²⁵ “Durante mais de um século estes indígenas resistiram com sucesso aos bandos espanhóis; eles próprios experimentaram restaurar a dinastia dos Incas e aclamaram como seu soberano um aventureiro que se dizia ‘filho do Sol’.”

proximidade gênica com os brancos do velho mundo faz com que eles desconheçam os outros grupos étnicos que fazem parte de sua formação genética.

Ilustração 16: Vias de Comunicação entre a América do Sul, Europa e África



Fonte: RECLUS, É. *Nouvelle Géographie Universelle*. Vol. 19. Paris: Hachette, 1894, p. 775.

Mas o principal legado da escravidão em terras brasileiras foi a institucionalização da desigualdade social, que segundo o autor, isso explica porque ela foi tão longamente assegurada, pois era o esteio do modelo econômico e da concentração da renda fundiária, deixando marcas profundas na sociedade brasileira. “A libertação teve sua parte na redução destes algarismos. De certo, digam o que disserem, a escravidão foi no Brasil o mesmo que foi em todas as possessões coloniais: homens, entregues ao capricho de outros homens, têm sempre a temer atos de injustiça e crueldade; a sua própria condição corrompe-os, avilta-os” (RECLUS, 1900, p. 15).

A defesa não se restringe somente à autonomia dos negros, mas também aos indígenas, muito mais do que aos descendentes de africanos. Ao longo de todo o texto, quando é abordada qualquer região do Brasil, está ali a denúncia à opressão sofrida pelos aborígenes. Não somente isso, detalhadamente trata-se dos gêneros de vida, dos costumes, dos ritos, da forma como eles apropriam o espaço e se entremeiam à natureza, a língua, as indumentárias, as pinturas no corpo, as incisões e marcas na pele e a

sabedoria popular por eles difundida. Na página 87, é retratado o maior movimento separatista dos indígenas, descendentes e *caboclos* no país, a *Cabanada*, oportunidade em que o autor teve para enfatizar o caráter resistente e insubmisso dessas populações. Por diversas vezes, Reclus (1900) faz uma espécie de zoneamento ou mapeamento do grau de rebeldia e de resistência dos diversos povos indígenas brasileiros, enumerando aqueles que eram mais insubmissos, aqueles que se aculturaram com maior facilidade, aqueles mais produtivos, com hábil trato com a terra e artesanato, e aqueles que não se preocupavam com o modelo civilizatório do ciclo agrícola, sendo apenas coletores e caçadores. Em toda essa cartografia simbólica do *Etos* aborígine existe a defesa à *preguiça*, no sentido já assinalado de Lafargue (1900), daquela contemplação e gozo dos frutos da vivência íntima com a natureza, mas também, o destaque ao espírito de revolta, contestador e insubmisso, até mesmo insurrecionista de diversas tribos guerreiras.

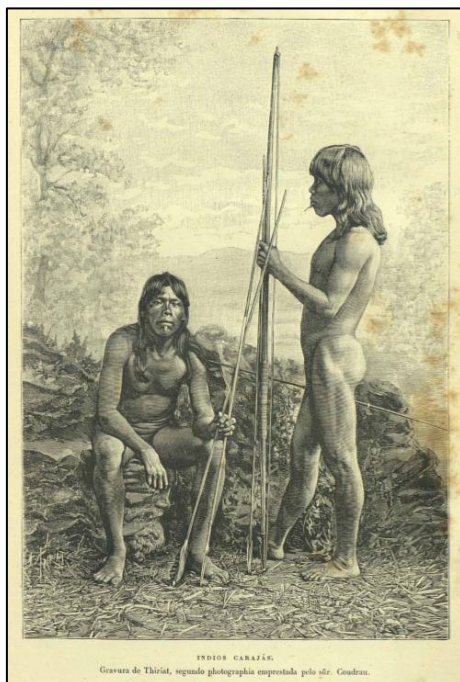
Os negociantes ou *regatões* incita-os à embriaguez para enganá-los mais facilmente, comprando por preço vil o trabalho de muitos anos. Por isso os Índios que escapam à ação do governo ou às exportações dos traficantes gozam com delícia o direito a ociosidade. E nas margens do Amazonas podem “viver da preguiça” (RECLUS, 1900, p. 88).

Quando Reclus (1900) aborda a região do estado de Goiás, este destaca a natureza do cerrado, as características do relevo aplainado, tomado por chapadões e escarpas, a relação das nascentes e da formação da rede hidrográfica Araguaia-Tocantins, e se atém à missão Cruz, que com todo seu aparato científico buscava uma região ímpar para a instalação da nova capital federal, projeto que somente se materializou 65 anos depois. As singularidades dessa região, propícia à nova capital, em virtude do solo, relevo, clima e hidrografia é bem vista pelo autor, embora alerte para a necessidade da integração do território com redes ferroviárias. Outra atenção dada à região está relacionada aos povos indígenas, demonstrando vasto conhecimento sobre a diversidade de nações que povoavam as terras dos *goyazes* (ver ilustração 17).

Com relação à geofricidade política libertária dos negros, Reclus (1900, p. 162), chama a atenção para o movimento rebelde que acolhia os escravos insubmissos nos *quilombos*, perfazendo, dessa forma, outra cartografia desses assentamentos de resistência autônoma, delineando seus percursos em busca da libertação, as regiões de maior ocorrência desses movimentos, as estratégias de defesa, resistência e esconderijo, sempre aliadas aos acidentes geográficos etc.,

[...] e logo novos pretos fugidos e mulheres raptadas nas fazendas transformaram em cidade, o quilombo dos *Palmares*. Nos arredores formaram-se outras colônias, tornando-se os rebeldes bastante poderosos para constituírem um Estado, que tratava de igual para igual com os Portugueses, e depois com os Holandeses conquistadores de Pernambuco. [...] A terra dos arredores era bem cultivada: em nenhum sítio do sertão havia campos mais bem lavrados; [...] Mas esta comunhão de homens livres apavorou os fazendeiros, que organizaram uma força de 7 000 homens para abater os negros. [...] muitos combatentes, entretanto, preferiram morrer a retornarem para o cativo.

Ilustração 17: Índios Carajás na Região do Vale do Rio Araguaia



Fonte: RECLUS, É. **Estados Unidos do Brasil**. Paris: Garnier, 1900, p. 140.

Nas páginas seguintes, Reclus (1900, p. 214), novamente, retoma sua defesa à liberdade dos povos indígenas, agora os que se localizavam nas proximidades do litoral e nas regiões de São Paulo e Paraná. “Entretanto, por pouco adiantados que fossem os Botocudos nas artes da vida, tinham ao menos sobre os invasores brancos a vantagem de ser livres e de viverem felizes nas suas matas.” Essa consideração se aproxima muito do anarco-primitivismo defendido por John Zerzan (2007). Diz ainda que, “nos conflitos que produziram a sua destruição parcial, nunca a razão esteve do lado dos traficantes de aguardente e dos outros representantes da raça superior. As violências, as traições dos brancos é que fizeram desaparecer os Camaquans do rio Pardo e os Patachos do Jequitinhonha”.

Ainda segundo a perspectiva do anarco-primitivismo presente nas palavras reclusianas, este, tratando da exterminação dos aborígenes do litoral brasileiro sinaliza que, “os bandeirantes paulistas, saindo à caçada de homens para encher de escravos as

minas e as fazendas, contribuíram também para a destruição da raça dos Tamoios”, que em sua opinião, eram povos livres vítimas da opressão invasora, com modo de vida autonomista, pois, “viviam em paz: o amigo de um era amigo de todos, e o que tinha que comer, por pouco que fosse, repartia-o com os companheiros” (RECLUS, 1900, p. 255).

Na página 313, o geógrafo vegetariano aborda as ações que sucumbiram com a resistência e a revolta dos indígenas brasileiros, dentre os motivos está, em primeiro grau, o processo de servilismo trazido pela catequização jesuítica, a introdução do álcool no aliciamento de suas energias e gêneros de vida e, as constantes baixas populacionais, enfraquecendo a coesão cultural dessas nações.

Na página 355, Reclus (1900) destaca a Revolta dos Farrapos, enaltecendo o papel desse grandioso movimento separatista como incisiva resistência ao modelo imperial monárquico brasileiro. Faz uma leitura geopolítica, mais especificamente, geoestratégica, avaliando as condições geográficas, a proximidade com o Cone Sul, região tradicionalmente mais adepta à liberdade e ao modelo de repúblicas, além de destacar o elemento sociocultural diferenciado, formado pelos italianos, alemães e demais grupos europeus, como o uso do espaço rural distinto do que era comumente estabelecido no império. Os movimentos revolucionários da Alemanha de 1848, e os movimentos insurgentes da Itália do mesmo período, influenciaram os *Farrapos*, segundo aponta o autor. Esses colonizadores trouxeram também a tradição industrialista, favorecendo o desenvolvimento de Porto Alegre, incentivaram a constituição de ferrovias, dinamizando a economia, empreendendo maior organização e dinamização do espaço geográfico da região sul frente às demais.

Aproximando do final da obra, inicia-se a avaliação das condições geográficas, sociais e políticas do estado de Mato Grosso. O autor se surpreende para o fato dessa bela região, quase que totalmente desabitada, não ter sido apropriada por outras nações, e como o governo brasileiro conseguiu manter a unidade nesse canto tão esquecido do Brasil. A quase nula infraestrutura, infimamente suficiente para possibilitar a ocupação da região rarefeita, levou a luta pela autonomia política, que, “ainda assim, com a sua extrema fraqueza política, os habitantes de Cuyabá tentaram por várias vezes e notavelmente em 1834, constituir um Estado livre: mas os representantes do poder central abafaram esses movimentos” (RECLUS, 1900, p. 395). Esse é um exemplo do quanto o autor se dedica em demonstrar que o rígido controle do território é um modelo inverso do que ele compreende enquanto ideal. Outro elemento é a insistente crítica que faz acerca do domínio do branco sobre os povos tradicionais, em que reflete no processo

de expropriação da terra e dos homens a quem nela melhor garante o equilíbrio, conduzindo a perda dos laços de identidade com a natureza circundante. Essa crítica advém da defesa explícita de uma sociedade autônoma, marcada pela geograficidade do equilíbrio ambiental, político e social.

Uma das saídas que o autor enxerga para a região do Mato Grosso é a implantação das redes de transporte, em virtude da região ter posição estratégica, estar exatamente no centro da América do Sul, nas bordas do Rio Paraná, que se liga ao Cone Sul, sendo em Cuiabá importante localização para o futuro desenvolvimento, como igualmente faz mais tarde em *L'Homme et la Terre*, apostando que, quanto maior for a possibilidade de integração entre os lugares e as pessoas serão melhores as plataformas de libertação geográfica.

Outro fenômeno abordado, consideravelmente, pelo geógrafo francês é a substituição em curso da mão-de-obra dos trabalhadores negros escravizados pela dos recém-chegados imigrantes italianos, sobretudo em São Paulo. Primeiro, ele argumenta sobre o desastre do trato que o governo deu ao caso do fim da escravidão, reproduzindo, na sua forma de ver, continuado processo de marginalização dos negros. Depois, ele alerta para os novos regimes de trabalho e a manutenção da propriedade capitalista latifundiária da terra no Brasil, em que o governo centralizador restringe ao máximo o acesso a terra.

Muitas vezes, porém só cuidaram de substituir escravos por outros escravos, e várias dessas colônias pseudolivres, [...] tiveram fim miserando: os colonos morreram as centenas e milhares. É lícito dizer de modo geral que os ensaios de colonização vingaram na proporção exata da liberdade que se deu aos recém-chegados: prosperaram as colônias onde o estrangeiro se fazia senhor incontestado de um lote de terras seu: deixavam logo de existir onde os trabalhadores não eram os próprios donos (RECLUS, 1900, p. 414).

Essa defesa à posse da terra e da pequena propriedade não se limita ao imigrante, na opinião do autor, sendo necessária a repartição das grandes propriedades em todo o território nacional, garantindo o direito dos outros brasileiros, sua maioria por sinal, obterem o uso, a posse e a produção na terra. Por isso, o geógrafo defende também, como substrato fundamental para esse processo de tomada da terra pelo povo, as misturas étnicas, a força da miscigenação como enfrentamento ao velho modelo colonial centralizador e secularmente escravocrata.

Perpetuam-se quanto à divisão do solo as tradições do antigo Brasil monárquico. [...] a nação só possui pouquíssimas terras devolutas, ao passo que um pequeno número de proprietários possuem enormes terrenos, cujos limites

nem conhecem. [...] os donos, que não podem achar os braços necessários para explorar tão vastos domínios, queixam-se sempre da falta de trabalhadores. O trabalho far-se-ia quiçá melhor, si essas regiões fecundas, que um só possui, fossem repartidas entre os *matutos* ou pequenos lavradores. Após a abolição da escravatura, [...] os negros, fartos de trabalhar para um senhor, retiraram-se para outros sítios onde vivem com suas famílias e alguns animais domésticos, cultivando o seu pequeno campo de bananeiras, de feijão e mandioca, sem desprezar as flores do jardim. Muitos dos antigos escravos voltaram depois para as primitivas fazendas onde nasceram (RECLUS, 1900, p. 431 - 432).

Na página 424, por exemplo, contestando o grande latifúndio cafeeiro do país, alertando para os perigos de concentrarem as terras nas mãos de poucos e sintetizarem a base da economia em um único produto, não diversificando a economia e nem aproveitando o potencial produtivo diverso, o governo coloca em grave risco o equilíbrio econômico da nação, reproduz a concentração de renda e a pobreza, gera o esvaziamento do campo, entre outras conjecturas, que se confirmaram a menos de trinta anos após suas antevisões, demasiadamente óbvias, que só o governo não quis ver.

Nesse momento da obra, Reclus começa a tecer sua noção de Brasil livre, com a defesa da pequena propriedade, da agricultura familiar, da policultura e do extrativismo. É preciso, a seu ver, basear-se na rica natureza para fazer um Brasil autônomo, forte, mais igualitário e justo. Nesse momento seu vegetarianismo fala mais alto: ele defende a alternativa desse modelo de regime alimentar, para além da barreira ética, alcançando o sentido holístico de uma economia equilibrada, sempre viva e integrada às demandas geográficas, os arranjos espaciais e características regionais. “País de grandes florestas, o Brasil tem sempre importância capital pela sua indústria extrativa” (RECLUS, 1900, p. 426). Nesse interim, ele cita as principais riquezas da Amazônia, como a extração da seringa, as inúmeras fibras, frutos, em especial o guaraná, ervas, extratos, ligas, madeira etc. Na região do Brasil Central, destaca o queijo e todos os derivados do leite, cita a alimentação dessa região, fala do queijo mineiro, traçando um perfil acerca da rica biodiversidade do país, de norte a sul.

Para finalizar, acerca do estado social e político do Brasil, Reclus (1900) tece duras críticas ao padrão de servilismo que foi duramente, por diversos séculos, sendo sedimentado na alma do brasileiro, principalmente daquele que era cativo. Então, os sentidos de favorecimentos, os apadrinhamentos e a política da dependência e do favor são o espectro resiliente do resultado das práticas da escravidão e da profunda exploração do trabalho ainda alimentada no espírito dessa gente tropicalizada. “Eis a magna questão para o futuro imediato do Brasil: os trabalhadores reclamam terra, em certos lugares tomam-na e cultivam-na à força, e os donos recusam-na ou procuram retomá-la” (RECLUS, 1900, p. 432).

O tradutor dessa obra, Galvão, vai se irritar profundamente quando o geógrafo anarquista, na página 460, apontou que a instrução pública no Brasil é um desastre, com inúmeros analfabetos, que por outro lado foi otimista ao afirmar que a instrução pública pode ser fácil em um país que recentemente saiu da escravidão. Mas o tradutor se irritou ainda mais quando o geógrafo francês acusou o Brasil de falsa laicidade, pois a igreja, em sua opinião, sempre foi onipotente, eliminando todas as ideias heterodoxas, inviabilizando qualquer possibilidade de evolução do saber nessas terras. Para finalizar as críticas, é realizada grave contestação ao caráter democrático republicano, dessa jovem república federativa, que nas palavras do autor, foi proclamada sem o consentimento do povo, profundamente autoritária, uma ditadura, instaurada sem sufrágio e sem qualquer entendimento e ação popular. Desse modo, o Brasil é uma autocracia militar, uma república de soldados. “Mas parece singular que em uma nação unida pelo laço federal se adotem as antigas divisões imperiais, sem consulta do voto dos habitantes, para repartir as populações em corpos distintos e autônomos” (RECLUS, 1900, p. 564).

É importante frisar que, lamentavelmente em *La Terre et les Hommes*, Reclus não pôde expressar, com toda a liberdade que desejava, seu impulso anarquista sobre o pensamento geográfico, como é comum encontrar em seus textos exclusivos dedicados ao tema da anarquia. Isso leva a refletir acerca dessas guinadas esparsas, que gerou tanto desconforto em Galvão, na qual elas são apenas pequenas linhas de fuga diante da possibilidade de conceder uma geograficidade abertamente libertária, como contribuição heterodoxa ao pensamento geográfico.

5.3 *L’Homme et la Terre*: fundamentos teórico-metodológicos para a geograficidade social

Concluindo o projeto da geograficidade libertária em Élisée Reclus restava a apresentação dos fragmentos de *L’Homme et la Terre*, correspondente ao sentido social do caráter geográfico. Desse modo, completa-se a abordagem das três principais obras do geógrafo *communard*, passando pela geograficidade ambiental, depois pela geograficidade política e ao final, pela geograficidade social, compondo o que se buscou definir de geograficidade socioambiental libertária, ou seja, a forma reclusiana de abordar o sentido do caráter espacial contido nas relações entre a terra e os homens e entre o homem e a terra.

Diante da revisão crítica completa da obra foram encontrados inúmeros elementos que contribuem com as mais diversas áreas do pensamento geográfico e até de outros campos das ciências humanas, como a abordagem sociológica, histórica, antropológica e da educação, só para citar algumas. Estas diversas áreas e temários estão demasiadamente presentes em um trabalho restrito à geografia, fato que não era comum. Essa atitude de introduzir no bojo do saber geográfico impulso transdisciplinar e pluritemático esteve na contramão da geografia de sua época. Por sua vez, se fosse ter que realizar a análise de todos esses elementos identificados seria necessário construir um ou vários outros trabalhos, especificamente pautados no conteúdo dessa obra, conforme já o fez Giblin em outra ocasião. Infelizmente, esse não é o objetivo desse trabalho. Conforme já foi elucidado anteriormente por inúmeras vezes, o objetivo principal de revisar *L'Homme et la Terre* é de encontrar, e a partir disso, selecionar ao máximo os trechos mais importantes correspondentes ao caráter da geograficidade social que o autor imprimiu ao longo do texto. Vale-se da ressalva que o autor, não se preocupou em demonstrar explicitamente qual é sua geograficidade (esse conceito nem havia sido discutido na época), lançando esparsamente todas suas ideias ao longo de mais de três mil páginas.

Falar desta última grande obra de Reclus sem ao menos tocar no assunto das ilustrações, gravuras e mapas nela contidos pode comprometer a riqueza de seu entendimento. Em todos os seus seis volumes encontram-se inúmeras ilustrações produzidas pelo importante artista checo Frantisek Kupka. Longe de ter a pretensão de realizar qualquer avaliação dessas ilustrações, é importante somente destacar o quanto elas dizem muito sobre o conteúdo do texto que ela refere-se.

Por exemplo, a capa de *L'homme et la Terre* (ilustração 18), cumprindo efetivamente seu papel, diz muito sobre qual é a principal abordagem do livro, a geografia social respondendo as questões ontológicas da relação homem e terra. Encontra-se em um portal ou janela aberta para o cosmo uma figura do gênero masculino, branca, do tipo europeu, olhando fixamente para a Terra, na direção do continente africano. E no plano do homem, aliado a sua direita e esquerda, estão os pilares dessa reflexão, a disciplina história e geografia, responsáveis pelo trabalho de decifrar os mistérios do homem e da terra. Na imensidão do cosmo está ali a morada do homem, sendo fitada por este, seu berço originário, a África, diante de todos os processos sociais que serão explicados ao longo da obra, de movimentações pelo espaço e de transformações no tempo, resultando no dominante europeu masculino. Ao ler a obra nota-se que Reclus nega a mentalidade patriarcal eurocêntrica, e constrói

criticamente a reflexão dos elementos que proporcionaram a hegemonia ocidental de autoridade masculina sobre aqueles diversos outros povos, saindo da África, culminando na dominação planetária do tipo europeu. A reflexão é delineada pela busca do fraternalismo universal entre os povos.

Ilustração 18: Capa da obra *L'Homme et la Terre*



Fonte: RECLUS, É. *L'Homme et la Terre*. Vol. 1. Paris: Librairie Universelle, 1905.

Logo no prefácio da obra, o autor buscar definir os fundamentos teórico-metodológicos de sua geografia social, que pode ser entendida também igualmente à geografia humana, conforme faz Claval (1974). Mas é importante fazer algumas ressalvas sobre o assunto, pois, mesmo não tendo a intensão, Reclus lançou as bases para a futura geografia social presente até hoje, que tanto foi reivindicada por Brunhes, Sorre e Pierre George, em virtude de acrescentar ao tradicional estudo da geografia humana as questões da desigualdade e da segregação espacial, do poder e da luta pelo território, da luta de classe, avaliando o sentido dos movimentos sociais no espaço, algo ainda ausente na geografia daquela época.

Então, Reclus (1905, vol. 1, p. IV) elenca três fundamentos centrais para essa nova geografia. “La ‘lutte des classes’, la recherche de l'équilibre et la décision souveraine de l'individu, tels sont les trois ordres de faits que nous révèle l'étude de la

géographie sociale et qui, dans le chaos des choses, se montrent assez constants pour qu'on puisse leur donner le nom de 'lois'.”²²⁶ É importante notar que o geógrafo anarquista abdica da condição de produtor de leis universais no entendimento social da geografia, diferente da sua busca por leis naturais do sistema da Terra, presente na primeira grande obra.

Esse comportamento difere radicalmente parte dos anarquistas clássicos dos marxistas em geral, que por vez, buscam elaborar leis para explicar o social, enquanto que Reclus só se submete, em virtude de seu anarquismo, às leis da natureza. Para ele, o social, conjuntamente ao espaço e ao tempo, é constituído pela complexidade dos fenômenos invariáveis, que não podem ser mensurados funcionalmente.

Outro elemento importante a se destacar no que tange aos fundamentos de uma geograficidade social é o pioneirismo em introduzir no debate do saber geográfico a luta de classes, principalmente por vê-la como base do entendimento do espaço. Outro elemento é o debate da busca do equilíbrio, visto como fundamento de todas as relações socioespaciais, constituindo assim a ética desta geograficidade libertária e a estrutura de organização deste espaço. Por final, o debate acerca da decisão soberana do indivíduo, sendo o fator mais inaugural dessa obra, em virtude de enfatizar a subjetividade, o papel da individualidade diante do social, o sentido da autonomia no território. A primeira ênfase ressoa nas conjecturas da revolução pós-colonial do saber geográfico; a segunda, na abordagem pós-estrutural, da defesa do corpo, da diferença e da alteridade; e a última, na recente geografia autonomista libertária.

Não deve ser esquecida, também, a referência às epígrafes introduzidas no início de cada capítulo. Por exemplo, a epígrafe do prefácio “l’homme et la nature prenant conscience d’elle même”²²⁷, demonstra o caráter ontológico do objeto de estudo da geografia para Reclus. No seu entendimento, o equilíbrio entre as forças da natureza social e natural é o sentido epistemológico dessa forma de pensar a geografia desse ponto em diante. Essa perspectiva holística aposta na autoconsciência herdada pelos seres humanos da Terra, ao serem sempre natureza, embora consciente. Por serem dotados dessa capacidade, são efetivamente os responsáveis pela manutenção das harmonias no espaço. O traço epistêmico contido em todas as páginas da obra é a conformação de uma geografia do equilíbrio, diante do sentido ontológico do exercício

²²⁶ “A ‘luta de classes’, a busca do equilíbrio e a decisão soberano do indivíduo, tais são as três ordens de fato que nos revela o estudo da geografia social e que, no caos das coisas, se mostram bastante constantes para que se possa dar o nome de ‘leis’.”

²²⁷ “o homem é a natureza tomando consciência de si”

permanente de reconciliar o homem/mulher com a natureza, evidenciando essa ação combinada entre sociedade e espaço, que ao longo do tempo foi sendo divorciada.

Outro fundamento importante de sua geograficidade social, além do equilíbrio, é a noção histórica do geográfico, a compreensão espaço-temporal. No mesmo prefácio, na página II, é destacado que, a geografia histórica, segundo sua própria classificação, concentra os dramas incomparáveis, as realizações esplêndidas de tudo que pode evocar a imaginação, e a sucessão do tempo deve ser vista como categoria primordial para se compreender “l'effet d'un développement inégal chez les individus et dans les sociétés, toutes les collectivités humaines”, em que “la succession des âges devient pour nous une grande école dont les enseignements se classent devant notre esprit et même finissent par se grouper en lois fondamentale”²²⁸ (RECLUS, 1905, vol. 1, p. II).

Nas primeiras linhas do prefácio é sinalizado pelo autor que os fundamentos da obra se baseiam na perspectiva histórico-geográfica, completando o percurso iniciado em *Nouvelle Géographie Universelle*, expressando agora, nessa nova empreitada, o desejo de poder estudar efetivamente a ação humana diante da sucessão das idades, partindo da observação das diversas regiões do globo, retirando dela o estabelecimento de conclusões sociológicas que ele havia chegado.

Je dressai le plan d'un nouveau livre où seraient exposées les conditions du sol, du climat, de toute l'ambiance dans lesquelles les événements de l'histoire se sont accomplis, où se montrerait l'accord des Hommes et de la Terre, où les agissements des peuples s'expliqueraient, de cause à effet, par leur harmonie avec l'évolution de la planète²²⁹ (RECLUS, 1905, vol. 1, p. I).

Não basta somente, no entendimento de Reclus (1905, vol. 1, p. II), explicar essa saga humana ao longo das idades e do espaço. É preciso, além disso, considerar seu laço íntimo com a terra e a diversidade dos conjuntos espaciais nesse processo complexo de formação socioespacial das relações e configurações dos gêneros de vida. Nesta perspectiva, a progressividade das transformações espaço-temporais converge como lei fundamental da configuração de sua geografia social. A negação da linearidade histórica advém da possibilidade de valorizar o papel da diversidade geográfica nessa tessitura

²²⁸ “o efeito de um desenvolvimento desigual nos indivíduos e nas sociedades, todas as coletividades humanas” [...] “a sucessão das épocas são para nós uma grande escola, na qual, o ensino se classifica diante de nosso espírito, acabando por se agrupar em leis fundamentais”

²²⁹ Tracei o plano de um novo livro onde seriam expostas as condições do solo, do clima, de todo ambiente (espaço) em que os eventos da história se completaram, onde se mostrava o acordo dos Homens com a Terra, em que os estratégias dos povos se explicariam, de causa a efeito, pela harmonia com a evolução do planeta.

articulada homem/mulher-meio, sociedade-natureza, tempo-espço, que estão perpetuamente em devir.

[...] nous pouvons reconnaître le lien intime qui rattache la succession des faits humains à l'action des forces telluriques: il nous est permis de poursuivre dans le temps chaque période de la vie des peuples correspondant au changement des milieux, d'observer l'action combinée de la Nature et de l'Homme lui-même, réagissant sur la Terre qui l'a formé. [...]

Tel est, sous mille formes, l'ensemble de faits que l'on observe en toutes les contrées de l'univers, avec l'infinie diversité que déterminent les sites, les climats et l'écheveau de plus en plus entremêlé des événements²³⁰ (RECLUS, 1905, vol. 1, p. II – III).

Desse interminável movimento social pelas superfícies de infinita diversidade o geógrafo vegetariano expressa seu original estilo de narrativa, harmonicamente leve nas palavras, narrando quase que literariamente as errâncias dos diversos povos, combinando a narrativa denunciativa das condições sociais, mas não meramente polemizadora e dramática, com a narrativa da identidade local, entrecortada pela noção universalmente integrada dessas identidades pelo prisma mundializante, compreendendo que todas as histórias e geografias, todos os tempos e espaços, todas as culturas e sociedades de algum modo fazem parte de uma infinita, interminável e complexa teia que se sustenta amarrada em suas extremidades por redes de relações sociais, compondo esse grandioso projeto fraterno da obra humana na Terra. Essa ímpar narrativa reclusiana fecundou fortemente as condições futuras de uma geografia social atenta aos rastros sociais perante a diversidade das espacialidades. O que pode ser definido enquanto geograficidade nesta obra está ligado seu posicionamento teórico e metodológico: primeiro, por ver que o social configura e é configurado do geográfico, e como o tempo, o espaço também é central para se entender o social e o humano; segundo, em virtude de definir que é da relação íntima entre homem/mulher e terra que subsiste o modelo explicativo do saber geográfico.

A partir disso compreende-se o modelo explicativo da geograficidade reclusiana, que parte da reflexão da Terra enquanto modelo de entendimento do equilíbrio ambiental; depois avança para a explicação da Terra e dos homens, no jogo das relações políticas de organização do território; e por fim, inverte a perspectiva da explicação, iniciando do homem para a Terra, no intuito de valorizar seu papel na saga civilizatória

²³⁰ [...] nós podemos reconhecer o laço íntimo que integra a sucessão dos fatos humanos à ação das forças telúricas: é-nos permitido perseguir no tempo cada período da vida dos povos correspondente às transformações dos espaços (meios), de observar a ação combinada da Natureza e do Homem em si, reagindo sobre a Terra que lhe criou. [...] Tal é, sob mil formas, o conjunto dos fatos que se observa em todas as áreas do universo, com a infinita diversidade que determinam os lugares, os climas e a irregularidade cada vez mais misturada dos acontecimentos.

sugestionada pelo espaço totalizante. Pode-se encontrar então nessa obra a geograficidade como recorte próprio do *olhar geográfico*, do trabalho do geógrafo; a geograficidade como *modo de ser do geográfico*, vinculada à busca do caráter espacial dos fatos; e a geograficidade como *modo espacial da existência* do humana, expressando o conteúdo ontológico das experiências geográficas; mas, principalmente, nessa obra reside a proposta de síntese levantada nesse trabalho, que sinaliza a geograficidade tanto como *experiência* enquanto como *prática espacial* pelo prisma do paradigma do engajamento dissidente.

Infelizmente, como em todas suas outras duas grandes obras, Reclus dedica muito poucas páginas aos fundamentos teóricos de sua geografia, pulverizando toda essa abordagem ao longo das descrições e análises sociais, espaciais e temporais. Para que melhor possa percorrer os meandros discursivos dessa geograficidade social é de suma importância avaliar seu teor enquanto paradigma radical pioneiro.

5.3.1 A geografia social como paradigma radical *avant l'heure*

Conforme já foi elucidado no capítulo 02, a primeira ocorrência do termo geografia social, dentro de uma obra com esforço de conceituação, encontra-se em *L'Homme et la Terre*, já em 1905, segundo identifica Meynier (1969), contrariando o que defendeu Claval (1974), que seria mais tarde, a partir da segunda metade do século XX, no trabalho de Vallaux. Por outro lado, o fato de estar expresso o termo na obra não significa que esse campo do saber geográfico foi inventado e fundamentado por Reclus, caso inverso, mas semelhante no sentido, do termo geograficidade, que o mesmo não utiliza, mas proporciona a reflexão sobre o assunto. É de suma importância destacar também que, a expressão *geografia social* encontra-se explícita no título da obra de Edmond Demolins, *La Géographie Sociale de la France*, em 1896, antes de *L'Homme et la Terre*, de 1905, em que o próprio Reclus (2011f) cita trechos na página 68, do capítulo sobre a *Indústria e o Comércio*, do volume 6, confirmando segura fonte de influência no seu pensamento geográfico social. Sabe-se, segundo Meynier (1969) e Claval (1974), que apesar do título de Demolins invocar a geografia social, não há qualquer outra referência sobre os fundamentos e o significado deste campo da geografia. Então, novamente, o geógrafo anarquista é responsável pela abertura da reflexão acerca desse campo de estudo, mesmo sabendo que ele somente pontuou sinteticamente os pilares de sua geografia social.

Esse campo de estudo geográfico percorreu toda a metade do século XX quase como sinônimo de geografia humana, passando despercebida a atenção que Reclus buscou dar como uma nova abordagem de se fazer geografia. Os esforços, primeiramente de Sorre e depois de Pierre George, em distinguir os estudos da geografia social dos da sociologia deram margem para a retomada desse campo nos termos dados primitivamente por Reclus e depois com maior concretude por Vallaux. Mas será somente na década de 1980 que os estudos geográficos buscarão construir independência ao campo da geografia social, principalmente na França, seguindo a tradição pré-existente já citada, como também na América do Norte, com inúmeros trabalhos produzidos nos Estados Unidos e Canadá, conforme demonstra Tremblay (2003), elencando um quadro com oito nomes, que fazem parte tanto do paradigma radical marxista quanto do paradigma radical humanístico.

Pode ser citado como trabalho emblemático nessa empreitada de reconhecimento da geografia social como campo próprio do saber geográfico o que foi realizado por Frémont, Chevalier, Hérin e Renard (1984), denominado de *La Géographie Sociale*. Nesta obra, eles apresentam a necessidade de desenvolver a geografia social como um campo independente, sendo necessário reconhecer seus métodos próprios. Dois anos mais tarde o próprio Frémont (1986) retoma novamente o assunto, destacando que a geografia social ainda é um modelo minoritário no campo geográfico do saber, mas que deveria se tornar grande, especialmente quando superar as limitações do paradigma clássico marxista. Já o trabalho de Vant (1984), destaca a origem do termo em Reclus, os trabalhos sobre o assunto que o seguiu, e identifica a importância de Abel Chatelain e de Renée Rochefort como afirmadores na França, especificamente em Lyon, do campo de estudo em questão. Igualmente aos trabalhos anteriormente citados, este também, instiga a defesa de uma geografia social autônoma, que se baseie na produção do espaço, vinculando o social como e além da materialidade, como a estruturação da totalidade geográfica.

Mais recentemente o tema da geografia social ainda continua gerando profundos debates sobre sua natureza, especificidade e métodos de abordagem, caso do artigo de Renard (2004). Atualmente, o trabalho mais completo sobre esse novo ciclo de debate foi organizado por Séchet e Vicent (2006), em que seus inúmeros artigos dos mais variados temas, almejam dar uma substancial contribuição epistemológica à geografia social, embora ainda ausente, elaborando uma forma de pensar o espaço pela dimensão do social.

Nessa mesma linha de abordagem, o trabalho de Aldhuy et. al. (2009), também deve ser mencionado como significativa contribuição para o debate epistemológico recente, em que na ocasião, estes autores defendem uma teoria crítica sustentada na abordagem dimensional do espaço, em que este é sempre uma construção social. Esta abordagem dimensional do espaço é o pano de fundo das relações espaço-tempo, que visa extrair os *geografismos* e/ou os *espacialismos*, como também, as retóricas holísticas, privilegiando em seu lugar, as noções de conceitos que se referem às relações sociais e as relações dinâmicas, ao invés de configurações espaciais padronizadas. Desse modo, a evidência se dá nas relações sociais, nas desigualdades e na sua reprodução para explicar o espaço. Tal concepção, segundo apontam os autores, abre perspectivas extremamente estimulantes, ao passo que, toda relação social e toda a estruturação social, pode ser vista da perspectiva do espaço, que é criado desta relação e que também ela é, ao mesmo tempo, constitutiva deste.

E é justamente esta noção que melhor coaduna com a proposta de geografia social presente em *L'Homme et la Terre*, ocasião em que Reclus (1905) reduz sua fixação no elemento geográfico como o todo *apriori*, comum nas obras anteriores, para explicar o espaço através da perspectiva dimensional de seus arranjos, como constructo do social, e como dinâmica produto-produtor da sociedade.

Reclus (1905) vai evidenciar o social como centralidade na constituição do espaço e no desenvolvimento dos povos, mesmo quando está avaliando o estágio inicial dos grupos humanos, desprovidos de técnicas eficientes para transformar o meio. Ele argumenta que, mesmo tendo as condições geográficas favoráveis para o florescimento de civilizações, essas condições de bem-estar não são suficientes para impulsionar o gênio humano ao progresso. É justamente dos obstáculos que nascem os impulsos de reprodução do espaço, solicitando os esforços incessantes, promovendo as dificuldades, as lutas pela existência, ensejando, desse modo, a necessidade da ajuda mútua, sendo o fundamento maior da constituição social.

Como exemplo desse caso, na página 119, o autor contesta a ideia de raça, nega o determinismo e a genealogia dos modos, presente em Taine, cita Ratzel para avaliar negativamente as influências do meio, sinalizando que esta não deve ser classificada metodicamente, pois até a natureza está em constante movimento. No lugar, propõe a complexidade da variedade dos fenômenos naturais e sociais, numa ação combinada entre diversidade geográfica e atuação social.

L'histoire de l'humanité, dans son ensemble et dans ses parties, ne peut donc s'expliquer que par l'addition des milieux avec "intérêts composés" pendant la succession des siècles; mais pour bien comprendre l'évolution qui s'est accomplie, il faut apprécier aussi dans quelle mesure les milieux ont eux-mêmes évolué, par le fait de la transformation générale, et modifié leur action en conséquence²³¹ (RECLUS, 1905, vol. 1, p. 119).

Além das condições de variabilidade do meio e de atuação social, o geógrafo social, ligado a sua herança no interior do movimento socialista revolucionário, dedica novamente um capítulo inteiro ao tema do trabalho, o de número III, conforme já havia sido feito em *La Terre*. Dessa vez, o discurso está mais voltado à exploração da força de trabalho e aos mecanismos desta força na transformação da natureza e produção do espaço. Já na epígrafe desse capítulo nota-se o quanto o autor quer dar atenção aos fatos sociais como condição das transformações e reprodução do espaço, quando afirma que, "c'est de l'Homme que naît la volonté créatrice qui construit et reconstruit le monde,"²³² (RECLUS, 1905, vol. 1, p. 121). Essa perspectiva de construir e reconstruir o mundo é muito cara aos geógrafos críticos marxistas pós-1970, principalmente aqueles sustentados nas conjecturas lefebvreanas da produção e reprodução do espaço.

Mas o geógrafo vegetariano acrescenta outros elementos na sua produção do espaço pela constituição do trabalho, como por exemplo, a associação da força de trabalho humano ao dos animais, a associação e a imitação dos diferentes grupos humanos como base de desenvolvimento dos modos de vida, e principalmente, os conflitos por território, o cultivo da terra e a ajuda mútua como síntese da evolução harmônica do ser humano do espaço. Segundo suas palavras, a diversidade principal que se apresenta atualmente aos homens é a do gênero trabalho, determinado pelas necessidades da vida. E é através do trabalho e de sua força produtiva que a humanidade vem produzindo seus movimentos sucessivos de integração, constituindo o gênero humano ao longo do tempo.

Reclus (1905, vol. 1, p. 164) conclui sobre o trabalho avaliando essa enorme obra humana sobre a terra, dizendo que desde as origens até nossa época atual, nosso mundo humano "s'est développé de manière à réunir ses groupes épars en une société générale de plus en plus cohérente, et à former avec la Terre qui le porte un tout de plus

²³¹ A história da humanidade, em seu conjunto e nas suas partes, pode, pois, se explicar somente pela adição dos meios com "interesses compostos" durante a sucessão dos séculos; mas para melhor compreender a evolução que se completa, é de suma importância apreciar, também, em que medida os mesmos meios têm evoluído, pelo fato da transformação geral, e modificado sua ação em consequência.

²³² "é do homem que nasce a vontade criadora de construir e reconstruir o mundo"

en plus intime. C'est là ce que, dans leur conception particulière et subjective, les hommes appellent le 'progrès'.”²³³

Ao longo de toda a obra *L'Homme et la Terre* há o esforço de demonstrar que desde os tempos mais imemoriais os povos se constituíram através das relações sociais, que se fortaleciam na esfera local, mas chagavam até a esfera global, mesmo em tempos de menor aprimoramento técnico. O elemento integrador das sociedades é a própria condição de ter que relacionar, de miscigenar e trocar experiências.

No capítulo XIII, do volume 3, intitulado *Mondes Lointains*, é feita a abordagem da geografia social e etnográfica desses povos mais distantes do ocidente, em que se encontram ínfimas informações sobre eles comparadas aos demais, caso das ricas civilizações da Indo-China, da civilização Khmer, das regiões de Tchampa, Java, dos povos malaios, da Polinésia e de Madagascar. Aparentemente muito diferentes e espraiados em uma vasta região, o elemento geográfico que proporciona unidade a estas multiplicidades geográficas são as rotas de navegações milenares, guiadas pelas correntes dos ventos, os modelados do releve que obrigou essas populações a se lançarem ao mar, impedindo maiores contatos com suas hinterlândias e centralidades constituídas. Como exemplo, pode ser citado o caso da falta de vínculo entre a China e a região da Hindo-China, separadas por cadeias montanhosas. Por outro lado, estes povos projetaram como alternativa de organização social o modo de apropriação do espaço geográfico insular, em que eles estavam estreitamente integrados ao mar, havendo conexão étnica, social, cultural, histórica e geográfica entre Madagascar e a Polinésia, das extremidades do Pacífico até a ilha de Páscoa, por exemplo. Por incrível que pareça em virtude da distância, formou-se sobre essa superfície oceânica, com todas suas infinitas localizações insulares, o território da mobilidade transcultural.

Les insulaires malais dont leurs propes voyages et migrations avaient fait les principaux agents du mélange entre les peuples devaient être par cela même les intermédiaires de tous récits et de tout savoir, et ces apports se propageaient jusqu'aux extrémités du monde, bien au delà des limites de leur domaine particulier d'expansion nationale: de proche en proche, les traditions se répandaient²³⁴ (RECLUS, 1905, vol. 3, p. 222).

²³³ “está desenvolvido de maneira a reunir seus grupos esparsos em uma sociedade geral, cada vez mais coerente, formando com a Terra que o porta um todo cada vez mais íntimo. É desse modo que, em sua concepção particular e subjetiva, os homens almejam o 'progresso'.”

²³⁴ Os insulares malaios, cuja suas próprias viagens e migrações seriam os principais agentes da miscigenação entre os povos, sendo elas mesmas, os intermediários de todas as narrativas e de todo o saber, e estas contribuições se propagariam até as extremidades do mundo, par além dos limites de seus domínios particulares da expansão nacional: pouco a pouco, as tradições foram sendo difundidas.

Essa perspectiva dos fluxos migratórios, das intensas interações, trocas multiculturais e fluidez nas relações socioespaciais, e constituição territorial móvel de povos milenares, marcadamente presentes, vivas e consideráveis na geografia da antiguidade, é o que torna a geografia social reclusiana tão inovadora, sendo pioneira, no início do século XX, por introduzir concepções que ainda estão sendo amadurecidas pela abordagem pós-colonial, imbuindo assim, um paradigma radical no pensamento geográfico antes do tempo e ainda presente.

A defesa da consciência coletiva universal, internacionalmente fraterna e cotidiana, localmente internacional e integrada, pode ser exemplificada através do uso das seguintes palavras de Reclus (1905, vol. 3, p. 232): “Combien de petites humanités distinctes, croyant constituer à elles seules un monde complet, ont ainsi péri avant que naquit la grande humanité ayant une conscience collective et embrassant la surface entière de la planète, éclairée d’orient en occident par le même soleil en son circuit quotidien.”²³⁵

Ainda segundo o volume 3, ao tratar do extremo oriente, o autor levanta a hipótese de que o mesmo nível de desenvolvimento vivido pelas populações do Mediterrâneo na antiguidade também era encontrado na região da China. Essa tese pode ser resumida nas variações do regime agrícola, quebrando a noção de que a marcha civilizatória percorreu do ocidente para oriente. Ao contrário, havia um conjunto complexo e mútuo de trocas e de influências, em que as condições geográficas análogas entre esses dois mundos distantes confirmam a conjunta transformação dos gêneros de vida pelos níveis técnicos.

Tomando como exemplo as palavras acerca da proximidade entre oriente e ocidente, Reclus (1905, vol. 3, p. 4), diz que o estudo aprofundado de cada povo, de suas lendas e de seus fragmentos da história, de seus costumes, usos, conhecimentos e procedimentos industriais, coloca em evidência a existência de “phénomènes de filiation directe et d’enseignement mutuel entre ces nations considérées jadis comme tout à fait à part en des milieux fermés. Désormais on ne saurait plus nier la parenté première entre le monde occidental et le monde chinois.”²³⁶ Essa ligação entre mundos separados é enfatizada pelas condições do relevo, as vias naturais, segundo as palavras do autor, e pela necessidade das trocas comerciais.

²³⁵ “Quantas pequenas humanidades distintas, acreditando constituir elas próprias um mundo completo, pereceram antes que nascesse a grande humanidade dotada de uma consciência coletiva, espalhando por toda a superfície do planeta, iluminada de oriente a ocidente pelo sol em seu circuito cotidiano.”

²³⁶ “fenômenos de filiação direta e de ensino mútuo entre estas nações consideradas outrora como profundamente fechadas. Desse modo, não se pode negar o parentesco primário entre o mundo ocidental e o mundo chinês.”

Na epopeia discursiva reclusiana que narra a odisseia dos povos com seus movimentos ao longo do tempo e pelas mais diversas condições espaciais, o espaço é sempre o ponto de partida para se compreender os fatores históricos e as condições sociais e culturais dos grupos humanos. Sua geografia social corresponde a uma geograficidade plena, no sentido de que é a efetiva prática e experiência social do espaço. Sempre as relações sociais, históricas e culturais estarão entrecruzadas, na perspectiva da geografia social reclusiana, tendo papel considerável nos destinos, na configuração socioespacial e na reprodução desigual da apropriação territorial.

Por exemplo, no volume 2, no capítulo V, dedicado à Palestina e aos povos arábicos, Reclus (1905, vol. 2, p. 124) discute os motivos da decadência da denominada *Arábia Feliz*, atribuindo razão a diminuição das chuvas, ao avanço dos desertos por processos antrópicos, entre outros fenômenos de ordem física, levando a falência das cidades. Mas todos esses fenômenos locais estão relacionados também à “causes intérieures, d'ordre politique et social, coïnciderent probablement avec la cause extérieure, l'assèchement du pays, pour amoindrir les énergies nationales et réduire à peu de chose leur action sur le monde.”²³⁷

Essa geograficidade é ainda mais restrita ao fator da especificidade espacial quando é abordado o exemplo dos povos egípcios, capítulo VI, do volume 2, em que a própria epígrafe do fascículo diz: “Les alluvions se faisaient plantes et les épis de blé se changeaient en hommes.”²³⁸ (RECLUS, 1905, vol. 2, p. 129). Na página 130, o autor discute as semelhanças e as diferenças das populações do mundo antigo, caso da Mesopotâmia e do Egito, mostrando que essas analogias são muito numerosas no que tange o desenvolvimento social dos grupos étnicos, mas esse movimento representa também notáveis contrastes procedentes da diferença do meio geográfico.

No caso específico do Egito, a variedade é muito mais notável do que os movimentos históricos dos povos da Mesopotâmia, em virtude de sua natureza ser mais variada nas bordas dos rios. Desse ponto de vista o autor conclui que, a história do vale nilótico se dá em virtude de sua geografia. Essa ênfase ao objeto geográfico não se restringe somente ao seu caráter imóvel. Ele é sempre avaliado diante do conjunto das conformações sociais e dos fluxos migratórios como mobilizadores do território, diversificadores dos padrões sociais.

²³⁷ “causas interiores, de ordem política e social, coincidiram provavelmente com a causa exterior, desertificação da região, para diminuir as energias nacionais, reduzir a quase nada sua ação sobre o mundo.”

²³⁸ “Os aluviões se fazem plantas e as espigas de milho se convertem em homens.”

O capítulo VIII, do volume 2, relacionado à Grécia, mais especificamente na página 276, é destacado o papel das misturas étnicas e das migrações como fator de vantagem para o desenvolvimento dos povos, pois em virtude das navegações e contatos os gregos receberam do leste novas ideias, novas concepções, transformando os elementos intelectual e moral. Tudo isso se deve a posição da Grécia, no ponto de convergência de tantas vias históricas, continentais e marítimas, não permitindo crer em uma pureza de origem étnica dessas populações helênicas. E o autor ainda enfatiza que, os gregos garantiram enormes avanços intelectuais, mas tudo isso se deve à enorme riqueza herdada pelos contatos com o oriente e África.

Sua geografia social sustentada efetivamente no paradigma dos arranjos espaciais, pelas redes geográficas, na materialidade da localização como fator de constituição do social, como também, nos impulsos históricos dos contatos entre povos, mundos e culturas, concebe-se assim, um paradigma que teve sua efetivação qualitativamente elaborada com o advento radical da geografia dos anos de 1970, tanto pelo viés marxista, quanto pelo viés humanístico.

No volume 3, especificamente no capítulo XI, dedicado aos povos do extremo oriente, na página 98, o geógrafo francês defende que a unidade do povo Japonês se vem preparando durante muitos séculos, se moldando sobre a natureza primeira, na busca de dar um caráter harmônico entre ela e o meio. O Japão é uma terra privilegiada, defende o autor, pelo fato dos seus habitantes terem aproveitado o elo da física com a moral, de terem sabido viver nessa terra. Com a mesma perspectiva, um pouco mais à frente, no capítulo XII, dedicado à Índia, agora na página 110, é dito que um conjunto extenso de terras recebeu uma diversidade de povos ao longo do tempo, formando uma das maiores concentrações populacionais do mundo, e só foi possível abarcar toda essa diversidade populacional em virtude de sua natureza física, seu relevo e clima. Dessa forma, a distribuição dos povos em grandes territórios se faz naturalmente em conformidade com a disposição geográfica existente.

Por outro lado, encontra-se longamente presente na geografia social reclusiana o apelo para os fundamentos de uma sociedade complexa, seja ela nas comunas autônomas da Idade Média, imprimindo uma organização espacial adversa ao centralismo reinante, e seja ao modelo urbano-industrial do maquinismo do século XIX. Nessa abordagem de sua última grande obra está evidenciada a manifestação do caráter explicativo de sua geografia social, muito mais atrelada aos fenômenos de ordem efetivamente social e política do que aos acidentes geográficos, que sempre são manifestados no jogo complexo dimensional do espaço e da sociedade.

No volume 4, no capítulo VII, na página 19 especificamente, encontra-se o apelo ao modelo ácrata dessa comunas medievais, sinalizando que esse tipo de organização do espaço era baseado na liberdade dos grupos sociais, configurando-se em federações de bairros e de produtores, no bojo de uma associação de cidadãos autônomos. Essas comunas se uniam com associações rurais e constituíam federações libertárias. “L’histoire nous montre donc en toute évidence l’origine naturelle et spontanée des communes nées des conditions du milieu et de l’association forcée des intérêts”²³⁹ (RECLUS, 1905, vol. 4, p. 19). E o autor enfatiza ainda que, as análises estão equivocadas quando contestam o sentido livre e autônomo desse modo de organização do espaço, que a seu ver, foram interrompidos em parte. Este modelo de organização espacial faz parte dos princípios libertários de sua geografia social.

Percorrendo um longo caminho nos tortuosos meandros da história social e geográfica narrada por Reclus chega-se até sua discussão acerca da repartição dos homens, ou segregação socioespacial nas grandes cidades. Antes, ainda no volume 4 e 5, o autor discorre longamente sobre o modelo centralista monárquico, aquele que, segundo suas palavras, foi o responsável por eliminar a organização descentralizada das comunas. Dando continuidade aos capítulos, trata dos descobrimentos ou conquistas ultramarinas, transoceânicas, como modelo de tomada de todas as partes do mundo pelo ocidente imperialista; depois, faz denúncias aos processos de colonização, ao despotismo europeu; elogia o papel da era das revoluções, trata dos nacionalismos, e nesse capítulo, chama atenção para o socialismo, dedicando grande parte a essa análise, que terá sua maior consideração no capítulo dedicado às lutas dos trabalhadores internacionalistas (ver anexo 07).

Essa rápida descrição de alguns capítulos do volume 4 e 5 é para demonstrar o quanto o elemento social é marcante nessa parte da obra, e o quanto ela é pioneira e encorajadora frente aos manuais de geografia da época, pois em nenhum destes foi possível encontrar tanta liberdade e dedicação ao tema do socialismo e da luta dos trabalhadores de forma tão explícita. Mas, como não é conveniente, nesse momento, fazer a análise restrita a todo o volumoso conteúdo social desta obra, ficando somente o lamento de avaliar breves trechos e colocações, é mais qualitativo avaliar onde se encontra os fundamentos mais específicos desta abordagem social da geografia. E esses fundamentos melhor encontram-se trabalhados nos volumes 5 e 6, quando é abordado a

²³⁹ “A história nos mostra, diante de toda evidência, a origem natural e espontânea das comunidades nascidas das condições do meio (espaço) e da associação combinada dos interesses”

idade contemporânea, mais especificamente no capítulo 1, *Peuplement de la Terre*; capítulo 2, *Répartitions des Hommes*; e capítulo IX, *L'Industrie et le Commerce*.

No capítulo dedicado ao *Peuplement de la Terre* encontra-se a visão reclusiana da geografia da população, conseqüentemente, relacionada à geografia humana e social no conjunto de sua reflexão. O capítulo inicia com a abordagem dos recentes avanços no conhecimento científico sobre o planeta, possibilitando ao ser humano dominar os mais isolados lugares da Terra, como as regiões polares. É abordado o crescimento e a distribuição da população pelo globo, a colonização das últimas áreas do globo, como também, os nacionalismos e as questões de fronteiras, os conflitos e os povos suprimidos.

Nesse quadro geral dos processos socioespaciais em escala global é interessante destacar que, logo nas primeiras páginas, o autor faz profundo elogio ao aprimoramento do inventário completo das formas da superfície da Terra, argumentando que a terra tornou-se limitada, pequena, mas que nunca os mapas poderão representar o significado real do espaço, pois este é sempre diversidade em si. Esse elogio ao inventário do planeta alia-se ao posicionamento de que os povos poderiam melhor acessar os lugares livremente, mas o geógrafo *communard* está muito atento criticamente a essa sede de explorar até o último suspiro todas as partes de domínio do planeta.

Na página 298 ele diz que, não é somente curiosidade pelos contornos exteriores a única coisa que excita ao habitante da Terra: quer também penetrar a fundo, estudar sua composição e sua vida. A obra de reação ao meio impulsiona o humano a triunfar sobre espaço a que estava primitivamente sujeito e a locomove-se pela própria vontade, a qualquer ponto do planeta. Mas isso o levou também a dominar todas as condições do meio, primeiramente para conhecê-lo, depois para modifica-lo à sua conveniência. Justamente nesse ponto que é possível notar a transformação paradigmática operada por Reclus na história do pensamento geográfico, em que projeta nesse pensamento a perspectiva da produção social do espaço, amadurecida a partir de Pierre George, na segunda metade do século XX. Depois do ser humano avançar no domínio científico e territorial do planeta o “géographe considère le globe terrestre comme un être vivant dont les organes se modifient incessamment”²⁴⁰ (RECLUS, 1905, vol. 5, p. 300).

Mas esse completo domínio humano a todas as partes do planeta, buscando superar todos os obstáculos geográficos com a justificativa de integrar os povos superou, também, os obstáculos étnicos. Reclus (1905, vol. 5, p. 329), demonstra que o

²⁴⁰ “geógrafo considera o globo terrestre como um ser vivo, no qual, os órgãos se modificam incessantemente.”

desenfreado motor do progresso ocidental via as minorias étnicas como obstáculos no meio do caminho, e mesmo “dans les régions boréales, l’arrivée de l’homme blanc a fait dépérir les autochtones.” Todo esse projeto de destruição ou de retirada dessas *pedras do caminho*, aludindo a Drumond, ocorreu, até mesmo, nas regiões mais hostis à presença desenvolvimentista, pois eles agiam no empobrecimento dos mares com seus baleeiros, suprimindo os recursos que permitiam aos ribeirinhos viverem com dificuldades. “Le plus souvent la destructions des aborigènes a été voulue: le fusil, le poison, les contagions disséminées sciemment ont fait l’oeuvre de mort”²⁴¹ (RECLUS, 1905, vol. 5, p. 330). Para o autor, esse processo é a mesma repetição do que já havia acontecido na América, África e Ásia, se completando na Oceania e regiões polares, em que esses povos sensíveis e profundamente dependentes do espaço, perdendo suas terras e seus nomes, perdiam também sua alma.

Além de discutir o eixo da apropriação predatória dos espaços planetários pelo modelo ocidental imperialista, com o triunfo das técnicas, o autor conclui o capítulo destacando o mau uso dos espaços agrícolas, para a produção de alimentos, em que, na página 332, diz que, a consideração da quantidade jamais pode prevalecer sobre a de qualidade, na mentalidade da humanidade futura, não nos deixando enganar que os avanços técnicos ampliaram as terras agricultáveis, mas que por sua vez, aumentou também o domínio e a concentração de poder sobre elas. Por outro lado, sinaliza Reclus (1905, vol. 5, p. 334),

Précisément la partie du monde qui, dans son ensemble, est le mieux adaptée à la production végétale et, par conséquent, à l’alimentation humaine, est à peine entamée par le travail dans l’immensité de son pourtour; et ce travail est employé pour une bonne part à la production ou à la cueillette de denrées industrielles d’utilité secondaire.²⁴²

É justamente a partir desse momento que se inicia o capítulo II, na ocasião em que é avaliado pioneiramente os processos de crescimento urbano desordenado, a metropolização e os fatores da segregação socioespacial das grandes cidades. Nesse capítulo encontra-se a perspectiva dimensional do espaço e a perpétua dinâmica do caráter geográfico acionado pela ação humana, síntese da geografia social reclusiana.

²⁴¹ “nas regiões boreais, a chegada do homem branco fez definhar os autóctones.” [...] “A destruição mais frequente dos aborígenes foi almejada: o fúsil, o veneno, os contágios disseminados conscientemente causaram a obra da morte”

²⁴² Precisamente, a parte do mundo que, no seu conjunto, é melhor adaptada à produção vegetal e, por consequência, à alimentação humana, está mal usufruída pelo trabalho ao longo da imensidão de sua área; este trabalho é empregado, em grande parte, à produção ou a colheita de produtos industriais de utilidade secundária.

“La géographie n’est pas chose immuable, elle se fait, se refait tous les jours: à chaque instant, elle se modifie par l’action de l’homme”²⁴³ (RECLUS, 1905, vol. 5, p. 335). Pela epígrafe nota-se sinteticamente a posição paradigmática do autor, ao considerar que a geografia é mutável, e é produzida e reproduzida a cada dia pela ação humana, demarcando o elemento mais inovador desta forma de pensar o espaço geográfico, antecipando noções que emergiram somente cinquenta anos depois.

Nesse importante capítulo da obra, o geógrafo libertário discute o horror e o esplendor das grandes cidades, seu poder de atração e repulsão, mas é contra a urbanofobia que estava em voga. Acredita no futuro harmônico, na capacidade de organização livre e equilibrada das grandes cidades, além de defender a luta por uma cidade mais justa, tornando mais acessível seus benefícios a todos. Discute também, os processos migratórios dos camponeses, o êxodo rural, a segregação intraurbana, o crescimento equitativo e desordenado, os tipos de cidades, redes e organização urbana, a originalidade da cidade, que a torna tão atraente impulsionando as migrações. Por final, debate a higiene e a arte e o modelo de cidades-jardins como síntese de sua compreensão do urbano integrado ao campo, e o cidadão urbano integrado à natureza.

Com relação ao êxodo rural, Reclus (2010h²⁴⁴, p. 33) diz que, “a múltipla obra das cidades, para o bem e para o mal, prefigura-se nas paixões e na vontade das pessoas fugindo do campo ou dos vilarejos para encontrar uma vida mais ampla, às vezes, o declínio e a morte, numa grande cidade.” E todos esses movimentos são causados, segundo aponta Reclus (2010h), pela ruptura dos laços entre o homem/mulher e a terra, o que ele chama de desterramento, estágio inicial do que recentemente é discutido como desterritorialização (HAESBAERT, 2011; FERNANDES, 2013).

É uma linguagem risível esse dos proprietários moralistas que aconselham aos camponeses para permanecerem ligados à terra, enquanto, por suas ações, desenraizam o camponês e criam-lhe condições de vida obrigando-o a fugir para a cidade. Quem suprimiu as terras comunais, quem reduziu, depois aboliu completamente os direitos de uso, quem desmatou as florestas e as landas, privando, assim, o camponês do combustível necessário? Quem cercou a propriedade para bem marcar a constituição de uma aristocracia agrária? (RECLUS, 2010h, p. 34)

²⁴³ “A geografia não é algo imutável, ela se faz, se refaz todos os dias: à cada instante, ela se modifica pela ação humana”

²⁴⁴ Este capítulo encontra-se já traduzido para o português por Plínio Augusto Coêlho, pela editora Imaginário, e por isso, será usado neste trabalho ao invés do original francês, em virtude de valorizar a impecável tradução em questão, dando maior qualidade ao leitor, e mais conforto ao escritor da tese, que se redime ao trabalho de um tradutor profissional, evitando a fragilidade da tradução pessoal.

As cidades então tornam-se numerosas, complexas e problemáticas, pois são o receptáculo das mais diversas naturezas sociais. Apesar dos sítios urbanos serem, em sua maioria, escolhidos em virtude das amenidades geográficas, com o avanço das técnicas elas passaram a se distribuírem nas mais diversas áreas. É corriqueiro na geograficidade social de Reclus (2010h, p. 48 – 49) encontrar a técnica como principal elemento de transformação do espaço geográfico contemporâneo, em que elas fortalecem as potencialidades geográficas pré-existentes. “Todas as forças naturais, outrora inutilizadas, fazem nascer novas cidades precisamente nos lugares que eram outrora evitados, [...]. Cada conquista do homem cria pontos vitais em locais imprevisíveis, assim como cada novo órgão dá-se centros nervosos correspondentes.”

Na página 65, são destacados os desafios de superação dos próprios problemas que o crescimento urbano desordenado acarreta. Este, que tem como seu responsável principal o Estado e o capital especulativo imobiliário. Um desses desafios, é de reconhecer que cada cidade é única, tem sua individualidade e elas precisam ser reconhecidas e equilibradas aos modos de vida do povo que nela habita. Nesse ponto, o autor critica os projetos de reestruturação urbana que não valorizam a beleza e a manutenção de um espaço salubre e harmônico com a natureza. Na página 68 e 69, por exemplo, ao abordar os processos de reestruturação intraurbana, o autor debate, sem usar o termo, o fenômeno da gentrificação, nos termos dados por Bidou-Zachariassen (2006), em que esses processos de ação do poder público no espaço urbano reproduzem mais desigualdade e segregação socioespacial. Além da segregação, também é elencado o problema das migrações pendulares, resultado da própria segregação, e por sua vez, o problema da disputa por espaços mais privilegiados.

Como saída para esse modelo urbano centralizado e excludente é proposto o modelo de cidades-jardins, na página 73. Tanto o apelo pela ágora cada vez mais democrática e cidadã, nos termos de Souza (2006), quanto o apelo pela natureza na cidade, com seus *jardins epicuristas*, estão presentes nessa abordagem, pois o retorno ao campo, numa perspectiva rural-urbana seria uma revolução qualitativa incalculável, mas que não é possível em virtude dessa dispersão populacional urbana no campo ser inconcebível no atual estágio de concentração metropolitana, “mas a natureza humana, cuja primeira lei é a sociabilidade, não se adaptaria com essa dispersão. É verdade, é-lhe necessário o farfalhar das árvores e o som dos riachos, mas também a associação com alguns e com todos” (RECLUS, 2010h, p. 77 – 78).

Sua defesa é de um mundo urbano-rural imbuído com o projeto de cidade-jardins, que supere os dramas segregacionistas das concentrações metropolitanas

densamente povoadas. Na página 79, por exemplo, o autor antevê o surgimento das megalópoles, classificadas posteriormente por Gottmann (1961), sinalizando o surgimento desse fenômeno nos Estados Unidos e na Inglaterra, por serem esses enormes polos de atração populacional e acumularem forte dinâmica econômica.

No capítulo IX, *L'Industrie et le Commerce*, do volume 6, sua abordagem está organizada em discutir, no início, o rápido desenvolvimento da indústria moderna, tendo como consequência a questão da situação da classe operária, a divisão do trabalho, o maquinismo e a exploração da força produtiva. São abordados também, os impactos espaciais da indústria no progresso e retrocesso local e regional, os conflitos no chão da fábrica e no entorno, caso das greves. No segundo momento do capítulo é abordado o comércio, a decadência do pequeno varejo, as caravanas e feiras, a apropriação do capital, o monopólio e as leis financeiras, as fraudes comerciais, a influência dos ciganos e judeus no comércio itinerante, e por fim, a produção e repartição, o ato de comprar e vender no regime capitalista comercial e financeiro.

A abordagem inicia dando foco ao processo de ruptura do modelo da propriedade da terra e da produção agrícola operado pela modernização industrial. Esta última passou a desenvolver-se separadamente do modelo de organização do espaço rural. Esse novo modelo só foi possível em virtude dos progressos da ciência, do desenvolvimento das redes geográficas de transporte, concebendo a indústria singular dianteira, nas palavras do autor, da página 10²⁴⁵, sobre a agricultura. Essa grande revolução operada pela indústria acarreta profundas transformações no conjunto da sociedade, causando o aprofundamento nas capacidades de transformação do espaço e na constituição mais incisiva da divisão social, agrupada entre operários e capitalistas. Essa acirrada divisão do trabalho cai sobre os ombros dos operários pesadamente, em que estes são usados ou como força produtiva controlada ou como estorvo, segundo a expressão utilizada por Reclus (2011f, p. 16), o que Marx chama de exército de reserva, pressionando o preço do trabalho. “O mês, a quinzena, e, em certos trabalhos, o dia apenas, representam a duração do contrato; e a luta engaja-se, incessante, encarniçada, furiosa, pelo valor do salário, que o trabalhador quer aumentar e o patrão reduzir.” Em contrapartida a este modelo cruel de divisão do trabalho, o geógrafo libertário propõe a divisão do trabalho que provém da perfeita solidariedade. Ele levanta a tese de que ela sempre existiu, mesmo antes das sociedades humanas, entre os demais animais, por sua vez, sempre foi mutualista, equilibrando as forças e garantindo maior potência e

²⁴⁵ Este capítulo também já se encontra traduzido para o português por Plínio Augusto Coêlho, pela editora Imaginário.

igualdade, caso das sociedades primitivas. Em sua opinião, a divisão do trabalho é necessária se esta for solidária, “pois a perfeição do trabalho não pode realizar-se sem um acordo sincero das vontades e a adaptação mútua das diversas aptidões” (RECLUS, 2011f, p. 17).

Por outro lado, que miserável trabalho esse no qual os mestres dividem a obra sem estimar, até mesmo sem bem conhecer, os operários, no qual os contratantes brutalizam e enganam o trabalhador, em que este, sem ter outro objetivo senão seu salário, esforça-se sem gosto e sem amor. [...] A particularidade da divisão do trabalho e seu ideal é não apenas o aumento da produção, mas, sobretudo “tornar solidárias as funções divididas”. Ora, por uma estranha contradição, ela tem por resultado estragar, perverter a produção, separar os colaboradores em castas inimigas.

Nesta citação acima, o trecho demarcado por aspas é a citação *De la Division du Travail Social* de Émile Durkheim, tornando visível a posição do geógrafo frente ao sentido do trabalho solidário vivo e do trabalho controlado morto, que se hidrata da caudalosa fonte marxista, percorrendo as sinuosas curvas do pensamento social crítico, passando por Durkheim, entre outros. Na página 22 e 23, do mesmo capítulo, é levantada a discussão da profunda necessidade de qualificação técnica e científica de todos os trabalhadores, elemento que suplantaria a profunda divisão social entre o trabalho intelectual e o braçal, que reproduz a desigualdade. Isso possibilita que estes possam superar a escravocrata situação do trabalho repetitivo e desqualificado, que os debilitam, rebaixam e enfeiam, nas palavras do autor, atormentando e os tornando devorados pela miséria, pelo excesso de trabalho e vícios. A grande indústria produtivista e capitalista “a fim de adestrar, dominar mais facilmente os operários, e ao mesmo tempo reduzir o salário [...]: desde que a rotina do trabalho tornou-se fácil e limita-se a seguir por movimentos tornados reflexos o vaivém da máquina, a mulher, a criança, tornaram-se as engrenagens humanas do vasto mecanismo” (RECLUS, 2011f, p. 24).

Esse nível de controle do corpo e conversão deste às engrenagens produtivas que se alimentam da carne desesperançada e da vitalidade que resta do trabalhador está generalizado na escala global. Então, ele funciona numa complexa rede estruturada mundialmente pelas demandas de consumo da sociedade global; do trabalhador, no interior da fábrica explorado, à consciência única mundial da superprodução. Desse modo, na página 27 é destacada a divisão territorial do trabalho na escala planetária, em que países distantes se ligam a esta economia global, uns como produtores de matérias-primas, outros como mercado de consumo, e outros como núcleos produtores de

técnicas avançadas, nesse jogo de arranjos espaciais integrados, servindo o monopolismo e a produção em massa.

Ainda com relação à geografia da indústria, como também, das redes e econômica, na página 28, toca-se no assunto dos avanços e da proliferação das redes técnicas como sustentação da estrutura dorsal do modelo industrial de organização do espaço, em que aceleram consideravelmente os graus de transformação e apropriação do território. Na página 29, já se encontra no pensamento reclusiano indícios da desconcentração industrial e a emergência do novo modelo de acumulação capitalista, a *acumulação flexível*, nos termos de Harvey (1992), superando o antigo modelo de concentração urbano-industrial. Com relação às cidades, o autor indica a descentralização urbana, com a dispersão da população, que vigoravam concentrados em torno dos núcleos mineradores de hulha, por exemplo, como também a desconcentração industrial, em que “o industrial começa a deslocar-se; novas cidades surgem nos vales dos montes no meio de pastagens e florestas” (RECLUS, 2011f, p. 29). Para isso se efetivar, aprofunda-se ainda mais o grau de transformação do espaço, acionando a emergência de novas redes elétricas, de transporte, de consumo etc.

Mas o geógrafo social faz ressalvas à narrativa economicista que se apoia na crença progressiva dos modelos de transformação e acumulação industrial, salientando para a condição dos enclaves geográficos, fato esquecido pela geografia econômica e da indústria do pós-guerra de 1945, em que regiões não entraram nesse movimento avassalador, caso emblemático da Rússia, que, em sua opinião, pulou fases no percurso da agricultura arcaica para a indústria monopolista, entre outras regiões que serviram como plataforma de exploração colonial para o desenvolvimento industrial dos países ocidentais, e que ao saírem desse “controle”, se jogaram no modelo de economia dependente, entre outros. Essa narrativa incidiu decisivamente no fomento das teorias terceiro-mundistas, sobretudo em Lacoste.

Na página 35 é feita a única citação direta e explícita à Marx pelo geógrafo francês na obra²⁴⁶. Na ocasião é destacada a destreza do grande teórico do socialismo científico em abordar os fatores da universalização do modelo capitalista industrial e todo seu movimento avassalador sobre as pequenas indústrias e sobre a economia mutualista local e regional, como também, é elogiada sua posição contrária ao controle da classe operária pelo capitalista. Em contrapartida, Reclus (2011f, p. 35 - 36) argumenta que, “de fato, um aspecto da história contemporânea dá razão ao teórico do

²⁴⁶ Outra citação é feita quando, no capítulo XVI, do volume 5, trata-se das revoluções, como nota da foto de Marx, momento em que é explicado seu papel enquanto teórico do socialismo científico.

socialismo, mas outras evoluções, apenas sensíveis em sua época, desmentem parte de sua argumentação.” Nas palavras do geógrafo francês, a pequena indústria não morreu, conforme professava Marx, tanto quanto o pequeno comércio, e é dessas fraturas resistentes que se elevarão o novo modelo de organização social do espaço, pelo prisma libertário da autogestão e do mutualismo.

Na página 38, é destacado que as teorias científicas do socialismo criaram um modelo insuficiente para os fenômenos complexos da sociedade capitalista do início do século XX, e é preciso, então, a busca de um novo ideal para superar o imperativo capitalista. Este modelo se mantém dia-após-dia pela exploração do trabalho, garantida pela violência policial “arregimentada a serviço do Estado – que os capitalistas, proprietários de fábricas, ligam-se tão estreitamente com os detentores do poder, que, por sinal, pertencem em grande maioria à mesma classe, ao mesmo mundo” (RECLUS, 2011f, p. 41). E o mais cruel é que eles negligenciam o direito de luta dos trabalhadores, e não se intimidam, pois pensam que “eles podem esperar: a fome está sempre a serviço do capital, e é um agente que não lhe custa nada; eles podem esperar... a menos que a greve não se transforme em revolução.”

Nenhuma obra de geografia anterior a essa foi capaz, diante de tanta sinceridade e independência, denunciar o capitalismo, o Estado e a exploração operada por eles frente o trabalhador como foi feito nesse tratado de geografia social libertária. E nenhuma outra, até os anos de 1960, foi capaz de defender abertamente a revolução social como modelo de transformação e organização do espaço geográfico, pensamento esse que muito lentamente e de forma ainda monolítica da teoria social crítica aderiu ao paradigma radical.

Um autor que denuncia o *arsenal das leis* como mecanismo de controle do capitalista ao trabalhador, que coloca o sistema da vigilância dos *carcereiros do Estado*, segundo suas palavras, como princípio que neutraliza a ação dos movimentos sociais por justiça e igualdade, e que afirma, “sem exército permanente, sem milícia burguesa, a organização atual da grande indústria seria absolutamente impossível: os trabalhadores logo se tornariam senhores da fábrica” (RECLUS, 2011f, p. 42), este autor, não pode ser negligenciado na história do pensamento geográfico. No mínimo a historiografia deveria ter reconhecido essa mentalidade contestadora como impulso principal da radicalização de 1970.

A própria epígrafe do capítulo em questão já deixa clara a preocupação de Reclus (2011f) com a produção livre e a igualdade na repartição dos bens: “A Produção livre e a Repartição equitativa para todos, tal é a realização que exigimos do porvir.”

Mas, para que essa igualdade seja alcançada é de suma importância à defesa de estratégias de luta e de enfrentamento do poder expropriador, como a ação direta e a greve geral. E novamente é importante perguntar, que geógrafo defendeu a luta política revolucionária como modalidade de reprodução do espaço e de transformação do território? Mesmo assim, Reclus (2011f, p. 48 – 49) já se mostra desencorajado com as lutas intestinas isoladas, fragmentadas e desarticuladas, sendo necessária a internacionalização da luta operária anarco-sindicalista.

E essa greve, o operário não considera mais o seu sucesso como o coroamento de seus esforços; torna-se um episódio da batalha engajada em todos os lugares; trata-se bem menos de certas reivindicações explicitadas do que a “expropriação da classe capitalista”; a greve local é uma simples modalidade da “ação direta”, um exercício de ginástica com vistas à “greve geral”.

A superação desse modelo passa pela fundação de uma nova solidariedade entre trabalho-trabalhador, produção-produto e liberdade-satisfação, em que se libertaria das garras do modelo industrial e comercial. Na essência, este modelo sempre foi uma fraude, segundo as palavras do autor, são parceiros que se odeiam, mas que se erguem pesadamente sobre os ombros daqueles despossuídos. A grande fraude da superprodução é que esta é incapaz de, ao menos, matar a fome, segundo argumenta Reclus (2011f, p. 51): “A miséria, a privação extrema e a ignorância, tais são ainda os flagelos que a indústria poderia suprimir se ela tivesse por objetivo o bem-estar de todos e não o enriquecimento de um único indivíduo ou de um grupo estrito de capitalistas.” E isso só não é possível, conforme é demonstrado na página 50, porque, enquanto os numerosíssimos estabelecimentos industriais só foram fundados com vistas à satisfação de crimes de Estado, de gostos depravados ou de um fausto insolente, as manufaturas, onde são fabricados os objetos de primeira necessidade, amiúde cessam suas atividades, são engolidas pelo vigoroso movimento do capital monopolista. A apropriação dos meios de produção por novas estratégias de resistência no território encaminha uma nova perspectiva solidária, em que, “cada greve poderia tornar-se o ponto de partida de tentativas para as empresas úteis à comunidade” (RECLUS, 2011f, p. 53), podendo ser encaradas como uma das saídas reclusianas do regime de exploração do capital industrial.

Em relação ao comércio, o geógrafo socialista libertário é categórico quando diz que o mercado é o fiel exemplo de mercenarismo econômico, é um fetiche, que de comum acordo com a grande indústria, são os pilares da reprodução da pobreza e do capital. Ele ainda argumenta que o comércio surgiu paralelo a pequena agricultura e a

pequena indústria. Mas como o atual estágio global do capital se distinguiu profundamente do comércio, este passou a ser condenado, dando lugar ao modelo ainda mais financeiro e mercenário de comércio, agora na escala mundial.

“Todos os pequenos lojistas dariam, portanto, uma prova de sagacidade histórica se eles dirigissem sua experiência, sua vontade, o conjunto de suas forças e de seus recursos para o socialismo reivindicador” (RECLUS, 2011f, p. 53). É salutar a posição do geógrafo comunista-libertário, que juntamente com Cafiero, Guillaume e Kropotkin haviam constituído a superação do anarco-coletivismo bakuniano pelo anarco-comunismo, em que apregoa o fim do comércio individual capitalista e sua cisão com a indústria e o campo. No lugar, haveria a emergência da constituição das comunas, federações e associações autônomas produtoras, em que o elemento da sociabilidade e do mutualismo marcaria as relações de trabalho e de consumo das sociedades nos territórios autônomos: “quanto mais bem utilizado for o solo pelos habitantes, menor será a necessidade de exportar os gêneros alimentícios; quanto mais inteligente for o trabalho de suas fábricas, menor será a troca dos produtos” (RECLUS, 2011f, p. 74). O modelo de organização territorial anarquista seria sustentado na geograficidade das relações sociais. No anarco-comunismo reside a dimensão geográfica da prática espacial.

Reclus (2011f, p. 93) conclui seu capítulo em defesa da indústria e do comércio, diante de seu entendimento de sociedade comunista-anarquista, dizendo que: “tudo estaria em vias de compor um cosmo harmonioso onde cada célula teria sua individualidade, correspondendo a um livre trabalho pessoal, e onde todos se engrenariam mutuamente, cada um sendo necessário à obra de todos”.

Este é o tronco balizador da organização espacial reclusiana, em que o lugar, a região, o território e as redes se inter-relacionam pela ética ácrata do mutualismo, em que a sociedade organiza-se absorta a hierarquização centralizadora, por uma sociedade autogestionária da escala local à internacional. A estrutura em espiral dessa sociedade, de baixo para cima, contrariando o modelo inverso do capitalismo, constitui a base da reprodução do espaço geográfico pelo paradigma da geografia social radical.

É interessante destacar que este modelo, de alguma forma, já se encontra geograficizado pelas sólidas práticas estabelecidas pelo levante insurgente Zapatista, a EZLN, coadunando até mesmo suas posições escalares, que igualmente ao paradigma libertário presente na geograficidade reclusiana, eles partem de baixo para cima, e da esquerda em espiral autonomista, materializando os territórios ácratas.

É nesse sentido que a geograficidade libertária se inscreve enquanto prática espacial dissidente. Nesse ponto de vista, o território autônomo é o epicentro do paradigma desta geograficidade reclusiana.

5.3.2 Uma geograficidade de *episteme* anarquista

Primeiramente, é importante destacar que, em toda obra *L'Homme et la Terre* encontram-se guinadas anarquistas, posições libertárias em defesa da justiça social e da igualdade entre os povos, diluídas pelas mais de três mil páginas. O que não é possível encontrar é uma explícita teoria estrutura e fundamentada de geografia anarquista, ao contrário do que foi possível ser feito com a teoria radical marxista, em virtude de esta ter sido fundamentada e estruturada enquanto *episteme* e modelo paradigmático de pensamento geográfico, com seus recursos metodológicos próprios de abordagem e de método, consideravelmente delineados.

Diversas são as razões para que ainda não exista uma teoria crítica do anarquismo na geografia com delineamentos e métodos estritamente demarcados. O próprio desejo dos anarquistas de não serem limitados, delineados ou enquadrados é uma premissa que não deve ser descartada. Na essência de seu pensamento este é um princípio indissociável da sua prática radical, em que sua crença na descrença de modelos teorizantes é o ponto de equilíbrio entre teoria e ação. Os modelos acabados e delimitados do pensamento teórico social caminham para as bacias sedimentares do dogmatismo e da uniformização. Desse modo, não seria diferente em Reclus encontrar poucos esforços de sistematização da teoria anarquista na geografia. A geografia é um instrumento, uma estratégia de decifrar a natureza do espaço para mobilizar o engajamento dissidente. Para os anarquistas, quase sempre a teoria deve ser vista como produto das ações realizadas, em que é mais importante mobilizar as práticas para depois refletir sobre elas e elaborar sistemas metafísicos. São das práticas espaciais que constituem os espaços ácratas, e não ao contrário.

Por outro lado, não houve consideráveis reflexões sobre a obra reclusiana para que esta pudesse se converter em sustentada fonte, reverberando reflexões teóricas sobre a abordagem que nela preexiste, conforme ocorreu com diversos outros geógrafos a sua volta, tendo seu pensamento combatido, analisado, discutido, reescrito, transcendido, ou seja, incluído na arena do território imaterial do saber.

Por final, não é menos possível que o interesse maior de Reclus não estivesse voltado para a fundamentação sistemática e delimitada do pensamento geográfico

acadêmico-científico, em virtude de seu compromisso sempre estar voltado para o saber e para as práticas nele envolvidas. Sua ciência é muito mais cons-ciência geográfica e prática social do que modelo acabado de geografia científica.

Daí reside também o sentido de geograficidade em Reclus, em virtude de seu interesse em conceber reflexões sobre o pensamento científico previamente constituído para propor, a partir disso, o enlace deste com a experiência geográfica, com o significado da vivência no espaço, com a prática espacial, com o reconhecimento do indivíduo e da sociedade enquanto entes geográficos. O maior interesse não é a geografia enquanto delimitação científica, mas sua geograficidade, enquanto experiência e prática, por sua vez, marcada pelo signo da anarquia.

Por isso, foi escolhida a expressão: *uma geograficidade de episteme anarquista*, em virtude de não ser possível encontrar rigorosamente uma geografia anarquista sistematizada. Mas esta geograficidade está em todo seu conteúdo narrativo comprometida com a episteme da anarquia. Episteme, entendida aqui como tradição ou identidade reflexiva múltipla, embora coerente ao paradigma libertário, pois se assenta sobre o princípio geral da negação da autoridade. Então, ao invés da modular geografia anarquista, encontra-se ao longo da obra, a geograficidade de tradição libertária.

As palavras *anarquismo*, *anarquia* e *anarquista* foram encontradas, após a revisão da obra *L'Homme et la Terre*, em doze ocorrências, destas, somente uma não estava no corpo do texto, sendo uma citação do livro *L'Anarchisme aux Etats-Unis*, de Paul Ghio, localizada na página 279, do volume 4, no capítulo *La Renaissance*. As demais onze referências são diretas e correspondem ao sentido clássico do anarquismo, como sistema contrário a autoridade, em defesa das liberdades e da autonomia. Somente no volume 1 não é encontrada explicitamente a palavra anarquismo e suas derivações, mas o sentido do termo está abundantemente presente neste volume.

A primeira ocorrência explícita do termo aparece na página 114, do volume 2, do capítulo 5: *Palestine*. Na ocasião, trata-se dos povos Beduínos, da sua forma de organização espacial, como povos nômades, livres pelas terras áridas e articulados autonomamente, configurando-se no modelo anarquista de relação com a terra e com a sociedade, por negarem a autoridade e o poder soberano no seu território fluído.

A segunda ocorrência está presente na página 261, do volume 3, capítulo 1: *Chrètiens*, referência a negação da autoridade e dos símbolos nacionais feita pelos anarquistas de hoje, sendo análoga aos cristãos revoltados do passado.

A terceira ocorrência se dá no mesmo volume 3, também no capítulo 1, página 280, momento em que é criticada as palavras populistas de Constantino alinhadas a essência do anarquismo para arregimentar as massas cristãs.

A quarta ocorrência está na página 421, do volume 3, no capítulo: *Arabes et Berbères*, momento em que é abordado o modelo da propriedade comunitária e o caráter anárquico da organização social dos povos berberes, semelhante à liberdade dos beduínos.

A quinta ocorrência está na página 147, do volume 4, no capítulo intitulado *Les Monarchies*, ocasião em que é destacado a importância do teórico Wiclef como criador do anarquismo individualista absoluto, modelo de liberdade individual adverso ao centralismo monarquista.

A sexta ocorrência direta ao termo aparece na página 338, do volume 4, no capítulo *Réforme et Compagnie de Jésus*, termo esse relacionado às lutas de resistência e por liberdade dos povos marginalizados.

A sétima ocorrência está na página 45, do volume 5, no capítulo *La Révolution*. Nessa ocasião é expressada a teoria, os fundamentos e o conceito do anarquismo frente o século das revoluções, em que nele germina as ideias revolucionárias socialistas.

A oitava ocorrência localiza-se na página 193, do volume 5, no capítulo *Nègres et Moujiks*, em que o autor comenta que a palavra anarquia e absolutismo soaram como amaldiçoadas, cada uma a seu modo, pois seriam ideais que não deveriam ser buscados.

Na página 231, do mesmo volume 5, no capítulo *Internationales*, na citação referente a imagem de Bakunin, diz que este é anarquista, diferente de Marx, que defende o socialismo centralista.

Já na página 480, do mesmo volume 5, no capítulo *Russes et Asiatiques*, é abordado o contexto intelectual radical da Rússia, em que os jovens saíam das universidades e se envolviam com o movimento socialista e anarquista.

E a última referência direta ao anarquismo na obra ocorre na página 22, do volume 6, do capítulo *L'Angleterre et son Cortège*, em que o geógrafo *communard* afirma que após a Comuna de Paris se desenvolveu a *caça aos anarquistas* e demais revolucionário socialistas, que em sua maioria foram presos e assassinados.

As razões de identificar as ocorrências do termo anarquismo e suas derivações na obra em discussão de Reclus se dão em virtude de sinalizar que, ao contrário de algumas análises que colocam que o geógrafo francês não assumiu seu anarquismo nos trabalhos de geografia, este o fez por diversas vezes, além de todo o conteúdo da obra está permeado pela perspectiva ácrata libertária, como também socialista revolucionária

em geral. Não é possível encontrar em nenhum trabalho de geografia, de igual forma, as referências à revolução, tendo um capítulo inteiro dedicado ao tema, em que é apresentado os principais teóricos do socialismo, Saint-Simon, Fourier, Owen, Proudhon e Marx, além das referências à Bakunin, Kropotkin entre outros anarquistas.

Por isso, *L'Homme et la Terre* pode ser considerado o primeiro tratado de geografia anarquista, por mais que não haja a fundamentação metodológica dessa abordagem em um campo restrito. Mediante da leitura da obra são reconhecidos, ao longo de todo seu conteúdo, os parâmetros fundadores do anarquismo, sua relação com a jornada dos povos na organização do espaço, a busca da liberdade como lei máxima da reprodução das relações socioespaciais, os fundamentos e o método do anarquismo, representados pelos conceitos *ajuda mútua*, o *municipalismo libertário* e o *federalismo*. O método pode ser definido como materialismo geográfico, mas principalmente, o elemento libertário do ponto de equilíbrio da constituição das geografidades deve ser considerado como signatário deste materialismo, visto como experiência e prática espacial na relação mulher-homem-terra, sociedade-natureza.

A temática principal do tratado de geografia social anarquista reclusiano é a liberdade. Quando Reclus (1905, vol. 1) vai analisar os adornos corporais dos povos ditos primitivos este elogia uma espécie de geografia tribal heroica hedonista, em que a busca do embelezamento do corpo, diferente do sentido moderno empreendido pela moda, leva a caracterização pessoal subjetiva ao alcance da afirmação da individualidade ímpar de cada um. Do mesmo modo, destaca-se a relação que esses povos têm com o pudor, onde o limite é a liberdade e a reconciliação do homem/mulher com o meio em que vive. Esta perspectiva é um tipo de sociedade libertária plenamente erotizada, em que o corpo é a unidade primordial do sentido da existência, em que é preciso fazer admirar e admirar-se no jogo imanente com o espaço.

No capítulo V, do volume 1, *Familles, Classes et Peuplades*, logo na epígrafe nota-se o sentido libertário desta geografia social, balizado no equilíbrio, na qual “le point d'équilibre est la parfaite égalité de droits entre les individus.”²⁴⁷ Neste interessante capítulo é abordado a formação dos grupos familiares, o patriarcado e o matriarcado como instituições sociais, a propriedade e a formação das classes sociais, os regimes de poder monárquico e a servidão, as línguas, escrita e os valores morais.

A partir da leitura deste capítulo adquire-se a impressão de que o autor visava transferir a herança dessa sociedade antiga, ou mesmo pré-histórica, para a sociedade atual, esta, por sua vez, condensada de aprisionamentos morais constituídos ao longo do

²⁴⁷ “o ponto de equilíbrio é a perfeita igualdade dos direitos entre os indivíduos”

tempo. Diferentemente, as sociedades ditas primitivas estavam situadas em estreita relação com a natureza, de posse dos princípios laicos ou ainda desvinculadas dos fanatismos religiosos. Sua moral estava submetida somente aos tratos da natureza circundante, situação em que ainda não existia o pudor e a culpa cristã, a autoridade e a propriedade. Estes elementos servem, na opinião do autor, para justificar a construção de uma sociedade futura mesclada a essa origem, na busca de seu *futuro primitivo*.

Primeiramente, é defendida a poligamia e as diversas formas de *gamia*, ou uma sociedade multigâmica, no lugar do matrimônio monogâmico, que na opinião do autor é a fonte da autoridade sobre as pessoas. Depois, ele cita o cogito proudhoniano, em que diz que *a propriedade é um roubo* e o matrimônio é um rapto. Posteriormente, o autor ataca frontalmente a sociedade patriarcal, por esta ser sinônimo de poder e opressão, e sinaliza que as sociedades matriarcais sempre foram sinônimas de harmonia e de liberdade. Usa o exemplo das sociedades organizadas pelas mulheres, como os povos Dahomé, da região oeste da África, e os conselhos ácratas de mulheres indígenas do povo Wyandot, na América do Norte. “La prospérité commune dépend absolument de la bonne gestion des mères, de leur esprit d'ordre, de la paix et de la concorde qu'elles introduisent dans la maisonnée”²⁴⁸ (RECLUS, 1905, vol. 1, p. 258).

Por sua vez, a luta de classe entre a organização matriarcal e o poder patriarcal foi resolvida em favor da *dominação masculina*, usando a expressão de Bourdieu (2012), convertendo-se em estrutura estamental, diante do paradigma do poder, transfigurado em Estado e controle dos demais membros da comunidade. Essa solidariedade natural, segundo as palavras do geógrafo libertário, foi substituída pela violência exercida diretamente contra um gênero. E toda essa discussão em defesa das mulheres, uma espécie de proto-geografia feminista reclusiana, toma como base o trabalho de Guyau, denominado de *Morale d'Épicure*, além das pesquisas inovadoras de seu irmão antropólogo Élie Reclus.

A situação de equilíbrio vivida pelos povos primeiros da superfície terrestre foi sendo quebrada, principalmente em virtude das guerras e da apropriação territorial. Até então havia uma espécie de direito natural, o princípio de Antígona, em que, “un sentiment d'équité naturelle devait régler les rapports entre les diverses peuplades. Une sorte de ‘droit des gens’, né de l'état même des choses, (RECLUS, 1905, vol. 1, p. 268), que com as divisões do trabalho e as distinções entre os grupos e os conflitos deram margem para o aprofundamento do domínio e repartição social. “La guerre sous ses

²⁴⁸ “A prosperidade comum depende absolutamente da boa gestão das mães, de seu espírito de ordem, da paz e da concórdia que elas introduzem na casa”

mille formes, telle fut l'une des grandes causes, la plus importante de toutes celles qui amenèrent la constitution de la propriété privée”²⁴⁹ (RECLUS, 1905, vol. 1, p. 269 – 270). Concomitantemente à substituição da propriedade comunal pela propriedade privada surgiu a monarquia, que se estabeleceu em virtude do projeto de *domesticação* humana, nos termos de Zerzan (1999), ter sido completado.

C'est aussi dans le monde antérieur à l'homme que naquit et se développa cet esprit d'obéissance et d'abandon moral qui permit la naissance des monarchies en un si grand nombre de sociétés humaines et qui, pendant le cours de l'histoire, facilita la fondation de ces fameux empires où des milliers d'hommes étaient heureux de se prosterner dans la poussière sur le passage d'un de leurs semblables²⁵⁰ (RECLUS, 1905, vol. 1, p. 274).

Por outro lado, quanto mais centralizados tornaram-se os governos, mais afloraram fragmentos de inúmeras resistências. O autor faz uma espécie de defesa das minorias rebeldes ou das *localidades rebeldes*, como quis chamar, sendo estas, o motor multiforme de fissuras da realidade autoritária totalizante. Mas essas lutas das minorias não conseguiram alavancar uma profunda transformação nessa ordem social e política do poder, pois elas sempre estão assentadas sobre as relações de controle e de dependência da dialética hegeliana do *amo e do escravo*, das relações de servidão e de favores, de intimidação e de terror, em que o *poder está em todo o lugar*, como posteriormente discutiu Foucault (1984), escalonado de cima para baixo, mas também, essas *relações de poder* advém de todas as estâncias do social.

La tyrannie et l'écrasement s'étagent ainsi, se hiérarchisent dans l'immensité des foules, ayant à leur tête un maître universel, à leur base une masse avilie d'esclaves, et comme intermédiaires une tourbe de gens, subordonnés d'une part, surimposés de l'autre, infligeant rageusement, à leurs inférieurs les avanies dont ils ont eux-mêmes souffert²⁵¹ (RECLUS, 1905, vol. 1, p. 281).

Fica evidente que, como fundamento primordial de uma geograficidade anarquista na perspectiva reclusiana, é de suma importância incumbir o debate sobre o

²⁴⁹ “um sentimento de equidade natural devia reger as relações entre os diversos povos. Uma espécie de ‘direito das pessoas’, nascido do próprio estado das coisas” [...] “A guerra sob as mais diversas formas, tal foi uma das grandes causas, a mais importante de todas elas que possibilitaram a constituição da propriedade privada”

²⁵⁰ É também no mundo anterior ao homem que nasce e se desenvolve este espírito de obediência e de abandono moral, permitindo o nascimento das monarquias em tão grande número de sociedades humanas e que, durante o curso da história, facilita a fundação destes famosos impérios, em que os milhares de homens estavam felizes de prostrarem-se na poeira sobre a passagem de um de seus semelhantes.

²⁵¹ A tirania e a opressão escalonam assim, se hierarquizam na imensidão das multidões, tem na sua cabeça um senhor universal, no seu pé uma massa de escravos aviltada, e como intermediários, um turbilhão de pessoas, por um lado, subordinadas, por outro, sobrepostas, infligem-se furiosamente, à seus inferiores os insultam da mesma maneira em que foram insultados.

poder, e o autor francês não o deixa de lado ao longo de toda a obra, construindo a defesa de sua geopolítica dos poderes oprimidos, uma geopolítica libertária. Para os anarquistas, o poder é o tema central de suas discussões, bem mais presente do que a discussão econômica, comum nos outros socialismos, pois o primeiro é o fator que dá subsídios a todas as outras formas de dominação, seja econômica, social, cultural etc. Esses poderes opressores terão como grandes aliados o poder e a constituição religiosa, principalmente a perspectiva judaico-cristã, que justificarão as monarquias e o imperialismo. O momento histórico em que a mentalidade laica libertária obteve maior intensidade no confronto ao modelo da sociedade autoritária e servil aos dogmas da religião foi a época de ouro das comunas medievais.

No capítulo 1, do volume 3, *Les Chrétiens*, é realizada profunda crítica ao cristianismo, ao sistema religioso que se estabeleceu diante do dogma do pecado e da culpa, além da decadência no conhecimento e artes operado por esse momento na história da humanidade, aliado ao Estado e ao ensino da servidão. No capítulo em questão é feita a evocação de uma espécie de geografia ateia, ou laica, apregoada nas luzes e na liberdade dos valores antirreligiosos. Logo de início é contestada a existência de Jesus através de explicações históricas, antropológicas e étnicas, modelo esse de homem fruto do eurocentrismo. Os fazedores de dogmas, os forjadores de mitos utilizaram o desejo de justiça inerente aos povos hebreus, por sua vez oprimidos, para converter em domínio e propaganda religiosa da opressão medieval, com controle do corpo e das liberdades.

Alinhado às conjecturas de Feuerbach (2007), em *A Essência do Cristianismo*, o geógrafo ateu também segue a linha do mestre hegeliano de esquerda, em que afirma ser Deus uma invenção do homem. Mas para o geógrafo, diferente do filósofo alemão, a criação de Deus também tem uma explicação geográfica, ligada ao flagelo da fome numa terra em disputa, ocasião em que nasceu a necessidade de construir o paraíso na Terra e de ter um ser supremo para poder recorrer e justificar seu destino manifesto.

É contestado também o posicionamento do cristianismo ao combater o saber e a educação livre e seu forte vínculo com o Estado, ganhando posição universal devido a assimilação conduzida pelo império romano. Nesse ponto da obra, ocorre a aproximação teórica ao paradigmático escrito *Deus e o Estado*²⁵², de Bakunin (2008), que por sua vez, na página 292, foi citado o escrito *Le Principe d'Etat*, do anarquista

²⁵² Este escrito é um fragmento da obra *O império knuto-germânico e a revolução social*, de Bakunin, publicado postumamente no ano de 1882, sendo organizado e dirigido por Carlo Cafiero e Élisée Reclus. Vale destacar que o título não foi dado pelo autor russo e sim pelos seus organizadores.

russo. “La direction de la foi religieuse, qu’assumait désormais le gouvernement en donnant au culte un caractere officiel, impliquait aussi la direction de la morale; c’est-à-dire que le pouvoir tendait à prendre le rôle d’éducateur” (RECLUS, 1905, vol. 3, p. 283). E esse modelo cristão de pensamento foi introduzido em todo seio da sociedade, convertendo-se em forma universal, justificadora do poder de Deus, de reis, dos senhores, dos soberanos, dos patrões entre outros. “Réprimer, empêcher, interdire, telle est la pratique par excellence des souverains, d’ailleurs très facile à pratiquer, même par les plus inintelligents des maîtres”²⁵³ (RECLUS, 1905, vol. 3, p. 286).

Como contraponto ao modelo cristão do pensamento e do controle social, a dimensão anarquista enseja a perspectiva da laicidade pós-cristã, redirecionando o papel da educação e da arte. Em *L’Homme et la Terre*, esse debate encontra espaço reservado no capítulo 11: *Éducation*, do volume 6. Logo nas primeiras páginas, seguindo a tradição da pedagogia libertária, Reclus (2010f²⁵⁴, p. 11) contesta o ensino como resultado dos projetos nacionais, patrióticos, vinculados aos interesses das Escolas Nacionais, fenômeno comum à geografia. No lugar, propõe o ensino constante, diário e vivido, de indivíduo a indivíduo e em todos os espaços, desgarrado dos fantasmas do Estado-Nação.

Os ensinamentos diferem, portanto, para além de cada fronteira, a ponto de serem absolutamente opostos uns dos outros. Pátrias, religiões, castas têm suas pretensas verdades que são o ponto de partida de toda educação, a chave de abóbada de todo o sistema. Mas a evolução geral que aproxima os homens, apagando cada vez mais os conflitos de raças, ideias e paixões, tende a igualizar também os métodos de ensino, atenuando por graus seu caráter despótico e deixando à criança uma iniciativa maior.

Mas é importante sinalizar, tomando como base as palavras do geógrafo da pedagogia libertária, que cada fase da sociedade corresponde a uma concepção particular de educação, sendo sempre determinada pelos interesses da classe dominante, estando cada vez mais distante da educação libertária. A escola, nesse sentido, age como dona do aluno, forjando sua personalidade ao bel prazer daqueles dirigentes, começando no seio da família, em que os pais usam de sua liberdade que dispõe absolutamente da prole para entregá-los ao Estado ou à igreja, matando e aviltando o espírito desejoso e apaixonante do aprendizado livre pelo ensinamento repetitivo, repressor e moralizante.

²⁵³ “A direção da fé religiosa, que assumia, deste ponto em diante, o poder, dando ao culto uma característica oficial, implicava também no ordenamento da moral; isto é, o poder tendia a tomar o papel do educador” [...] “Reprimir, impedir, proibir, tais são as práticas por excelência dos soberanos, aliás, tão fáceis de praticar, mesmo pelos menos inteligentes mestres”

²⁵⁴ Este capítulo também já se encontra traduzido para o português por Plínio Augusto Coêlho, pela editora Imaginário.

Para que o ensino seja efetivamente libertário, segundo pontua Reclus (2010f, p. 21), ele deve estar baseado no princípio de emulação, ou seja, no aprendizado em conjunto, relacional, comunitário, onde um imita e recria a partir do outro, preparando-os assim para as práticas de apoio mútuo. “Uma boa educação comporta, portanto, um grupo de crianças considerável para que elas possam entregar-se a obras comuns, atividades alegres e vivamente realizadas,” [...] “levando-os, assim, à compreensão da verdade e à felicidade da ação.” Com forte influência da pedagogia de Pestalosi, no ensino em direto contato com a natureza, o que depois ficou conhecido popularmente como *ensino debaixo das árvores*, Reclus (2010f, p. 25) defende seu modelo de educação libertária geográfica, em que o aprendizado advém da experiência empírica com os fenômenos espaciais.

A escola verdadeiramente liberada da antiga servidão só pode ter franco desenvolvimento na natureza. O que em nossos dias é considerado nas escolas como festas excepcionais, passeios, cavalgadas pelos campos, landas e florestas, nas margens dos rios e nas praias, deveria ser a regra, pois é apenas ao ar livre que se conhece a planta, o animal, o trabalhador e que se aprende a observá-los, a fazer-se uma ideia precisa e coerente do mundo exterior.

A mentalidade educacional está tão arraigada aos tratos do passado e ao produtivismo funcionalista da eficiência moderna que, a defesa reclusiana do aprender brincando, paradigma esse da pedagogia laica pós-cristã libertária, ainda causa espanto nas sociedades atuais. A recusa advém da defesa que essa pedagogia faz da sociabilidade, ou geograficidade, caso da experiência empírica, que busca no aluno sua vocação pessoal, aprendendo o que melhor lhe convém, na perspectiva da co-educação, respeitando as diferenças de gênero, classe, sexo e grupo étnico. Esta perspectiva libertária de pedagogia fica evidente na página 29 e 30, por exemplo, quando é feita a ampla defesa da autonomia da mulher, em que na época ainda era bastante limitada. Esse modelo da higiene geral e do apoio mútuo, segundo as palavras reclusianas, não parece compatível ao modelo tecnocrata desenvolvimentista do ensino atual.

Mas como superação ao modelo educacional autoritário, formatador e conivente com todas as outras instituições de controle e poder, Reclus (2010f, p. 67) propõe a revolução social. “Não bastará editar leis nem delegar o poder popular para destruir todas as más instituições; o movimento histórico certamente conduzirá à cena revolucionários que trabalharão a serviço de suas ideias [...]” Além do processo revolucionário de transformação da ordem é necessária a revolução estética, pois a arte

veio antes da ciência, destaca o autor, e para que isso ocorra é de suma importância que haja a junção entre arte e ciência.

Nessa ocasião, Reclus (2010f, p. 83) elogia o papel reformador de Nietzsche, apesar de divergir do seu aristocratismo. Acredita ser central a perspectiva dada pelo reformador isolado, como classifica o filósofo alemão, por conduzir a busca do trabalho atraente, por buscar construir a *cidade futura*, isto é, construir uma sociedade que não comporte nem feiura, nem enfermidade, nem miséria. “O artista já não estará sozinho em suas reivindicações: unir-se-á ao higienista, ao cientista, e é de todos os lados simultaneamente que se dará o assalto contra as práticas impostas e os preconceitos a destruir. A perfeita união da arte e da ciência, tal como sonhamos com ela para a sociedade futura [...]” O *pão da alma*, diz o geógrafo francês, transfigurado em forma de livros e do saber, se juntará ao *pão do corpo*, a arte, na síntese de todos elementos de uma organização libertária socioespacial, laica e pós-cristã.

Assim, temos o direito de esperar que, de todas as partes, a convergência faça-se rumo a um estado social no qual se compreenderá a união de todos os elementos da vida humana, divertimentos e estudos, artes e ciências, fruições do bem-estar material e do pensamento, progressos intelectuais e morais (RECLUS, 2010f, p. 90).

Além do projeto laico de geografia está comprometido com a ruptura com pensamento religioso, princípio geral do anarquismo reclusiano, é também evocado a partir dele a base espacial para essa geografia social libertária. O espaço geográfico está vinculado ao prisma do municipalismo libertário, delineado pela ética da ajuda mútua, na integração campo-cidade, na luta pela propriedade comunal, organizada em associações e federações, da escala local até a internacional. Desse modo, o território é compreendido pelo viés do poder autogestionário, do paradigma do confederalismo libertário. E é justamente no capítulo 6, do volume 4, intitulado de *Communes*, que o geógrafo *communard* apresenta a defesa de seu projeto de organização espacial libertária (assunto que será abordado no item 5.3.7).

Essas comunas gozavam de autonomia política e funcionavam como antinomia ao arcaico modelo opressor que vigorava nos feudos. Elas estavam dotadas de avanços nas artes, ciências e educação, com impulsos inovadores ao longo das universidades em plena Idade Média, constituindo assim, modelo de organização social laico, e de organização espacial descentralizada. Mas Reclus (1905, vol. 4, p. 62 – 63) faz ressalvas, ao demonstrar que havia forte dualidade e cisão política entre os dois modelos

de organização socioespacial, em que se desenvolviam indiscriminados conflitos, compondo esse fenômeno da luta de classe entre dois modelos totalmente opostos.

Ainsi, sur le terrain de la science, la société laïque et bourgeoise travaillait incessamment à se dégager du joug royal et de la domination ecclésiastique: le domaine de l'esprit lui appartenait par droit de conquête comme celui des métiers, du trafic et des arts. [...] Dans le sein de communes couvait la "lute de classes", como de nous jours de toutes des nations industrielles.²⁵⁵

Esse tipo de organização descentralizada do espaço resistiu duramente na Idade Média aos intentos centralizadores da monarquia, que após diversos golpes, conseguiu extinguir essa organização socioespacial autogestionária. É interessante perceber que, coerente ao propósito da geograficidade dos fatos, o geógrafo *communard* explica que essas comunas resistiram por terem se favorecido das questões geográficas, estando localizadas em pântanos ou atrás de montanhas, entre outros acidentes geográficos. As mais importantes comunas foram as da região de Flandes, do norte da Itália e da França. De forma eloquente, Reclus (1905, vol. 4, p. 5 - 6) diz que "le période splendide de libertés communales," e o "l'esprit de liberté, que est le souffle de la vie"²⁵⁶ dessas sociedades de homens livres e autônomos, como pequenas repúblicas confederadas em vasto território, distantes umas das outras, sem ligação territorial, mas integradas pelo ideal da autonomia, que se estenderam da Alemanha à Espanha, tudo isso foi minado pelo epíteto da centralização estatal. As comunas estavam fadadas a morrerem, pois eram ilhas em meio à medievalidade, sinaliza Reclus (1905, vol. 4, p. 63 – 64):

Les communes du moyen âge, quelle que fût leur supériorité sur le régime féodal, contenaient donc en elles-mêmes le germe de leur propre mort. Elles eussent pu durer longtemps, ou du moins évoluer d'une manière normale, si elles avaient présenté une parfaite unité de sentiments et de vouloir contre l'ennemi extérieur, mais elles étaient forcément divisées par la lute des classes. [...] Les communes ressemblaient à des îles parsemées dans une mer sans bornes.²⁵⁷

Por final, concluindo os caracteres distintivos da geografia social anarquista reclusiana, depois da *laicização da sociedade*, da configuração dos *territórios*

²⁵⁵ Assim, sobre o terreno da ciência, a sociedade laica e burguesa trabalhava incessantemente para se desgarrar do jugo real e da dominação eclesiástica: o domínio do espírito lhe pertencia por direito de conquista como aquele das profissões, das trocas e das artes. [...] No seio das comunas chocava a "luta de classes", como em nossos dias de todas as nações industriais.

²⁵⁶ "o período esplêndido de liberdades comunais," [...] "o espírito de liberdade, que é o sopro de vida"

²⁵⁷ As comunas da idade média, quaisquer que seja sua superioridade sobre o regime feudal, continham, pois, em si mesmas o germe de sua própria morte. Elas poderiam durar muito tempo, ou ao menos evoluir de maneira regular, se elas tivessem apresentado uma unidade perfeita de sentimentos e de valores contra o inimigo exterior, mas seriam forçosamente divididas pela luta de classes. [...] As comunas assemelhavam às ilhas espalhadas ao longo de um mar sem limites.

autônomos, é de suma importância destacar o elemento mobilizador dessas transformações libertárias: a *revolução*. O capítulo 16, do volume 5, é dedicado a esse assunto. Nele o autor tece duras críticas aos destinos da Revolução Francesa, que nasceu com o ideal libertador dos oprimidos, mas logo foi convertida em joguete da nova classe dominante, a burguesia, dona dos meios de produção. Em sua opinião, não ocorreu efetivamente a revolução que se esperava, mas a evolução das inteligências e dos interesses de uma nova classe emergente.

Este debate entre evolução e revolução elaborado em seu livro, *A Evolução, a Revolução e o Ideal Anarquista* (RECLUS, 2002), encontra novamente seus fulgores, principalmente na ocasião em que é colocado que, a imaturidade do movimento se deixou levar pela crença de que após a revolução a sociedade deveria ser governada por governantes *bondosos*. Tudo isso fere o princípio geral dos movimentos revolucionários, que visam inverter a ordem das coisas pela própria raiz, e com isso, não proporcionarem a retomada do poder por quem antes oprimia. Outro ato falho do movimento é a modalidade de instaurar o processo revolucionário sem o engajamento daqueles que estão sendo oprimidos, deixando uns poucos guiar e os outros numerosos serem guiados.

Outro elemento que fragilizou a Revolução Francesa foi o processo de fragmentação dos ideais socializantes, aqueles que tinham como premissa básica acabar com as desigualdades, combater a pobreza, eliminar o poder absoluto, e com isso, fundar um sociedade baseada nos princípios do socialismo fraternalista. O reduzido número de socialistas revolucionários engajados nos movimentos, ainda esses poucos foram todos caçados, contribuiu com a alienação operada pela burguesia, que apostou massivamente nos avanços das ciências como forma de controle social, pois ela, segundo diz o autor, compreendeu muito bem que o saber era indispensável para assegurar seu poder. “Ainsi, la grande Révolution fut absolument stérile pour la réalisation du seul idéal qui eût fait la révolution vraie, la suppression de la pauvreté²⁵⁸ (RECLUS, 1905, vol. 5, p. 46).

Somente com a revolução de 1848 que uma nova solidariedade consciente irá começar a florescer novamente, discussão essa levantada no capítulo 18, *Les nationalités*, do volume 5. A própria epígrafe do capítulo já deixa clara a perspectiva do autor sobre o conceito de socialismo: “Le mot ‘socialisme’ est compris par tous comme

²⁵⁸ “Assim, a grande Revolução foi absolutamente estéril para a realização do único ideal que faria a revolução verdadeira, a supressão da pobreza”

la ‘lute pour l’établissement de la justice parmi les hommes’”²⁵⁹ (RECLUS, 1905, vol. 5, p. 129). Nessa parte da obra encontra-se a discussão sobre o papel da revolução de 1848 para a organização social e lutas revolucionárias da Europa. Trata também do conceito de socialismo e aborda o papel dos principais socialistas no interior do movimento, além de insurreições e revoltas que se disseminaram no cenário europeu da primeira metade do século XIX.

De início é demonstrado que o contexto geográfico fragmentário da Alemanha vai possibilitar o desenvolvimento da revolução de 1848, e essa diversidade geopolítica do território germânico caminhará para o sentido tanto do socialismo embrionário, quanto para o fanatismo nacionalista, tema central deste capítulo. Os avanços técnicos nas redes de comunicação vão, ainda mais, acirrar esse contexto de disputas de poder e de território alemão, afunilando os ódios nacionalistas e a oposição dentro da grande nação europeia, estando dividida entre o centralismo estatal ou o confederalismo de Estado.

Os avanços no processo de industrialização, sobretudo na Inglaterra, promoveram maior transformação social, conseqüentemente, acirraram ainda mais os conflitos entre as classes, aprofundando a desigualdade econômica. Por isso, segundo as palavras do geógrafo francês, a revolução de 1848 terá elementos distintivos das anteriores, em virtude de ter se assentado no fulgor das luta de classes antagônicas entre burguesia e operários. Esse evento ressaltou o momento de superação dessas desigualdades.

Neste contexto, surgiu o conjunto de ideias socialistas de Saint-Simon, Owen e Fourier. Segundo Reclus (1905, vol. 5, p.139), suas ideias estão longe de serem utópicas, somente não souberam lidar com o problema central levantado pelos anarquistas, o poder. Mesmo diante desse conjunto classificado pejorativamente, existiam aqueles que negavam a manutenção do regime estatal, que no seu lugar apregoavam modificar os indivíduos pelo estabelecimento do meio harmônico de equidade social. “Sans doute, les doctrine de rénovation sociale, échappant au domaine du pur esprit et de la fantaisie, avaient toutes essayé l’épreuve de l’expérimentation; elles avaient tenté de se faire vivantes, par cela même avaient cessé d’appartenir à l’utopie pour se réclamer de la pratique.”²⁶⁰

²⁵⁹ “A palavra ‘socialismo’ é compreendida por todos como a ‘luta pelo estabelecimento da justiça entre os homens’”

²⁶⁰ “Sem dúvida, as doutrinas da renovação social, escapando do domínio dado pelo espírito e pela fantasia, tudo estava tinham ensaiado à prova da experimentação; elas tinham tentado se fazer ativas, por essa razão tinham deixado de pertencer à utopia para reivindicar a prática.”

Em contrapartida, houve aqueles que afunilaram e capacitaram os debates teóricos e empreenderam práticas radicais de enfrentamento dos problemas sociais. Desacreditados desses modelos embrionários de sociedades desagregadas do complexo corpo social, dessas experiências sociais disciplinadoras da harmonia, os nomes de Proudhon, Bakunin e Marx, por exemplo, visavam ao contrário, engajar-se frontalmente no combate do problema do capitalismo industrial, confrontando as contradições dentro do próprio processo social. No caso do primeiro, o geógrafo libertário demonstra que ele teve papel considerável nesse realinhamento do movimento revolucionário socialista. Isso se deve, em virtude dele ter buscado provar que, o princípio geral da revolução deveria nascer dos trabalhadores organizados, e que estes não deixassem que o poder fosse convertido novamente ao controle de um soberano, organização centralizada ou partido, fundando assim os princípios da cisão entre socialistas centralizadores e socialistas libertários, que somente amadureceu após a Comuna de Paris, em 1870.

Heureusement la pousée de liberté avait été trop énergique pendant la période révolutionnaire pour qu'il fût possible de l'étouffer entièrement: la force vive de l'activité humaine, irrépressible quand même, pouvait être détournée de son but, endiguée et canalisée en des voies latérales, mais elle devait se manifester en dépit de tous les obstacles et produire des changements considérables²⁶¹ (RECLUS, 1905, vol. 5, p. 152).

Após os processos de amadurecimento do movimento socialista a revolução social passou a ser o destino da reflexão marxista e anarquista no seio do movimento. Inúmeras outras movimentações foram proliferando por todas as partes da Europa, culminando na Associação Internacional dos Trabalhadores, a A.I.T, ou Internacional Socialista, na década de 1860, e posteriormente na Comuna de Paris. Para Reclus (2002, 1905, vol. 6), após esses eventos ocorreu o exercício de reflexão sobre a luta pela revolução social, e no caso específico do anarquismo, amadureceu-se ainda mais o entendimento de que, todo e qualquer movimento de insurgência e de contestação da ordem opressora deveria partir dos interesses nascidos na consciência dos próprios indivíduos, não sendo possível admitir esses impulsos jacobinos, que usam o trabalhador nesse mecanismo de ressignificação do controle social.

²⁶¹ Felizmente o crescimento da liberdade tinha sido bastante enérgico durante o período revolucionário para que ele fosse possível de ser sufocado totalmente: a força viva da atividade humana, irreprimível mesmo assim, podia ser desviada de seu objetivo, represada e canalizada para as vias laterais, mas ela devia se manifestar a despeito de todos os obstáculos, produzindo as mudanças consideráveis.

Doravante, fica evidente que, na geograficidade anarquista de Reclus assenta-se o ideal da liberdade e da autoconsciência laica; da luta de classes e da disputa pela fundação dos territórios da autonomia; da perspectiva do engajamento na experiência e na prática socioespacial revolucionária, insurgente ou dissidente. Mas esta geograficidade também está dotada de parâmetros epistemológicos e metodológicos do saber geográfico. No tratado de geografia anarquista reclusiano, ou em *L'Homme et la Terre*, é possível encontrar também o debate sobre o espaço e o tempo, como categorias universais da geografia; o debate da identidade regional e da diferença; do lugar e do internacional; da fronteira, dos limites e do Estado; do território e da autogestão, assunto dos próximos itens.

5.3.3 Espaço-tempo como categorização universal

A obra *L'Homme et la Terre* pode ser considerada um tratado de geografia e de história. Tanto a história quanto a geografia fazem parte de seu conteúdo. Na verdade é um casamento indissociável entre a abordagem geográfica e histórica. Essas ciências são os pilares explicativos da autoconsciência humana e de sua relação com a Terra. Reclus (1905, vol. 1) chega até a classificá-la como um trabalho de geo-história e de geografia social. A recente historiografia do pensamento geográfico, tomando como base os trabalhos de Abreu (2000) e Erthal (2003), buscou classificar esse tradicional campo como geografia histórica, pois geo-história, em sua construção, detém a premissa de limitar a geografia ao campo da história. No caso da primeira construção, os estudos históricos são feitos através da ciência geográfica, conservando seus métodos, abordagens e parâmetros, e não ao contrário. É possível que seja a mesma premissa que o geógrafo libertário buscou, embora tenha denominado de geo-história.

Apesar do excesso histórico, sociológico, antropológico e etnológico no conteúdo deste tratado de geografia, a geografia sobressai enquanto pano de fundo motivador das ações temporais, sociais, culturais e étnicas, que se manifestam através da produção e transformação do espaço. A inseparabilidade entre geografia e história, vistas neste tratado como disciplinas ou saberes universais, se manifesta também no que tange o espaço e o tempo, vistos como categorizações universais do saber geográfico, e que por sua vez, a diversidade inerente ao espaço complementa a dinâmica e mutabilidade do tempo, de outro modo, a dinâmica temporal, dá subsídios aos arranjos diversificados que manifestam no espaço.

Na própria epígrafe da obra está contido o sentido dessa dialética histórico-geográfica, espaço-temporal: “Vue de haut, dans ses rapports avec l'Homme, la Géographie n'est autre chose que l'Histoire dans l'Espace, de même que l'Histoire est la Géographie dans le Temps”²⁶² (RECLUS, 1905, vol. 1, p. 4). Ou seja, o saber geográfico se dedica a investigar a história no espaço, as ações da sociedade como definidoras de transformações e como receptoras de condicionalidades do espaço geográfico. E a história, é o campo do saber que avalia a geografia ao longo do tempo, as condições do espaço e a diversidade inerente, diante da progressividade do devir histórico. Essa máxima é o cogito da geograficidade social libertária reclusiana, que de forma emaranhada a uma dialética de traquejo espaço-temporal, é conduzido o princípio originário da reflexão teórica presente em todos seus seis volumes.

O mesmo debate espaço-temporal e socioespacial reivindicado pela geografia crítica radical marxista e humanística estão presentes nessa obra de Reclus, que mesmo subterraneamente, alavancou o movimento de radicalização e renovação do saber geográfico, setenta anos depois. Apesar deste contexto, em *O Homem e a Terra* existem outros elementos que compõem seu conteúdo, como um todo, que não foram satisfatoriamente aproveitados pelo movimento de renovação. Por exemplo, o debate ambiental e ecológico, a busca do equilíbrio pelo paradigma anarquista, o debate da pedagogia geográfica libertária, o debate da geografia da laicidade pós-cristã, o debate da individualidade como fundamento da autonomia e autogestão do território, o debate do fraternalismo internacionalista, do mutualismo e do federalismo, entre outros. Por sua vez, o debate geopolítico da colonização e do imperialismo, da pobreza e da desigualdade, das identidades regionais e culturais, do espaço vivido, da defesa dissidente das minorias, do diferente, da crítica aos arranjos globais do capitalismo etc., foram bem aproveitados e resinificados no cenário geográfico atual.

Na geograficidade social reclusiana a história é o produto das individualidades geográficas, e estas, por sua vez, são manipuladas, apropriadas e transformadas pelas condições históricas. Com base em suas palavras, os continentes e as ilhas que surgiram das profundezas dos mares e dos oceanos, com seus golfos, lagos e rios, com todas as individualidades geográficas da Terra em sua variedade infinita de natureza, de fenômenos e de aspectos, levam as marcas do trabalho incessante das forças que agem sempre para modifica-las.

²⁶² “Vista de cima, nas suas relações com o Homem, a Geografia não é outra coisa que a História no Espaço, da mesma forma que, a História é a Geografia no Tempo”

A son tour, chacune de ces formes terrestres est devenue, dès son apparition, et continue d'être, dans tout le cours de son existence, la cause secondaire des changements qui se produisent dans la vie des êtres nés de la Terre. Une histoire, infinie par la suite des vicissitudes, s'est ainsi déroulée d'âge en âge sous l'influence des deux milieux, céleste et terrestre, pour tous les groupes d'organismes, végétaux et animaux, que font germer la mer et le sol nourricier. Quand l'homme naquit, après le cycle immense d'autres espèces, son développement se trouvait déjà projeté dans l'avenir par la forme et le relief des contrées dans lesquelles ses ancêtres animaux avaient vécu²⁶³ (RECLUS, 1905, vol. 1, p. 3 – 4).

Diante desta perspectiva, indaga Reclus (1905, vol. 1, p. 4), o homem é a natureza buscando consciência de si? Pois, “une tendance naturelle à tout individu est de se contempler comme un être absolument à part dans l'ensemble de l'univers. Le sentiment intime de sa vie propre, la plénitude de sa force personnelle ne lui permettant point de voir dans les autres des égaux, il se croit favorisé du hasard ou des dieux.”²⁶⁴ A partir desse momento inicia-se a saga narrativa da odisseia humana pela diversidade espacial, movendo-se a caminho da evolução técnica e do devir histórico. Esta geograficidade está sempre aplainada pela lógica homem/mulher-terra, história-geografia. Mas no início, a natureza, com suas especificidades geográficas cambiantes, foi o principal agente mobilizador da evolução humana e de seus atos históricos. Somente após o aprimoramento das técnicas e os avanços da ciência e da indústria que o humano tornou-se soberano agente geológico, modelador do espaço, dominante das forças da natureza.

Mais qui nous dit que l'énergie terrestre n'a pas dû s'y reprendre à plusieurs fois pour réussir et pousser à l'état viable cette espèce humaine qui, de progrès en progrès, a fini par avoir conscience de soi-même et de tout ce qui l'entoure, au point de pouvoir se considérer comme l'“âme de la Terre”? Un fait est certain, qui témoigne de la très longue durée de l'existence humaine sur la planète: l'espèce se présente à nous comme s'étant propagée d'un bout du monde à l'autre depuis les temps immémoriaux²⁶⁵ (RECLUS, 1905, vol. 1, p. 35).

²⁶³ Por sua vez, cada uma de suas formas terrestres tornou, desde sua aparição, e continua a ser, em todo o curso de sua existência, a causa secundária das mudanças que se produzem na vida dos seres nascidos da Terra. Uma história infinita devido às vicissitudes, assim desencadeada de tempos em tempos sob a influência dos dois meios, o celeste e o terrestre, por todos os grupos de organismos, vegetais e animais, que fazem germinar o mar e o solo alimentador. Quando o homem nasceu, após o imenso ciclo de outras espécies, seu desenvolvimento se encontrava já projetado no futuro pela forma do relevo das regiões dos quais seus ancestrais animais tinham vivido.

²⁶⁴ “uma tendência natural a todo indivíduo é a de contemplar-se como um ser absolutamente à parte do conjunto do universo. O sentimento íntimo de sua própria vida, a plenitude de sua força pessoal não lhe permitindo ver os outros como iguais, crendo ser favorecido do acaso ou dos deuses.”

²⁶⁵ Mas, quem disse que a energia terrestre não deve recompor-se diversas vezes para conseguir conduzir ao estado viável esta espécie humana que, de progresso em progresso, acabou de adquirir consciência de si e de tudo o que a rodeia, até o ponto de poder considerar-se como a “alma da Terra”? Uma coisa é certa, que testemunha a tão longa duração da existência humana sobre o planeta: a espécie se apresenta a nós como estando propagada de uma extremidade a outra do mundo desde os tempos imemoriais.

Mas esse processo de apropriação histórica do espaço pelos grupos humanos se deu de forma muito lenta, levando o geógrafo social francês a debater o sentido dos tempos lentos e dos tempos rápidos, como também, dos espaços estáticos e dinâmicos na abordagem socioespacial. Essa discussão se desenvolve no importante capítulo 2, do volume 1, *Millieux Telluriques*, que pode ser considerado o mais epistemológico da obra. De assalto, o autor já introduz a noção de *meio*, muito cara aos geógrafos franceses do pós-guerra, como também a perspectiva *telúrica*, no pensamento geográfico, abordagem marcante à geografia de meados do século XX, enquanto teoria da diversidade e da dinâmica espaço-temporal.

A epígrafe do capítulo diz: “Chaque période de la vie des peuples correspond au changement des milieux”²⁶⁶ (RECLUS, 1905, vol. 1, p. 39). Observe o quanto essa frase sintetiza os fundamentos de uma nova geograficidade social, aquela que considera o papel da sociedade como motivadora das transformações do meio. A ideia de meio é muito abrangente no que diz respeito a já abrangente conceituação de espaço. O meio é visto como intermédio das relações sociedade-natureza, o resultado do vínculo ontológico do homem/mulher com a terra. Esta compreensão encontra-se até hoje viva quando se é buscado o papel da geografia como campo do saber, vista por sua vez, como o ramo de estudo que avalia o resultado da relação entre o espaço e a sociedade, mesmo valendo-se proveitosamente das críticas advindas de Gonçalves (2006) acerca da ideia de meio ambiente como parte, pois é a totalidade indizível.

Ainda segundo o capítulo dedicado aos meios telúricos, nele está contido como uma das principais abordagens a classificação dos fatos sociais, as condições geográficas que possibilitam a apropriação da sociedade, os contrastes entre os meios geográficos, e uma interessante assertiva, que define *o homem em si como um meio para o homem*, consideração que assevera o momento de tomada humana das condições espaciais e sociais, pela via do poder e da sociabilidade. Todavia, “l'inégalité des traits planétaires a fait la diversité de l'histoire humaine et chacun de ces traits a déterminé son événement correspondant au milieu de l'infinie variété des choses” (RECLUS, 1905, vol. 1, p. 39), na qual, os contrastes geográficos funcionaram como motores das transformações sociais, o que pode ser definido como mesologia, ou a ciência dos meios, na opinião do autor. Neste ponto, tem-se a compreensão da geograficidade dos fatos como fator de diferenciação da paisagem e da sociedade. Embora, o geógrafo anarquista alerta para o cuidado de não converter a mesologia em determinismo geográfico, conforme já havia sido feito no passado por Montaigne, Bodin e

²⁶⁶ “Cada período da vida dos povos corresponde à mudança dos meios (espaços)”

Montesquieu, pois estes desconsideravam que as influências ocorriam sobre as condições particulares do meio. Reclus (1905, vol. 1, p. 40) argumenta que, “il ne suffit pas de reconnaître d'une manière générale l'influence de la Nature sur l'Homme, il est nécessaire également de constater la part qui revient spécialement dans cette influence à chacune des conditions particulières du milieu.”²⁶⁷ Sua advertência bate de frente contra aquelas análises que desconsideram a principal característica do espaço, as especificidades.

C'est beaucoup trop dire: cet instrument, de la plus haute utilité dans les mains de celui qui l'emploie en vue de renseignements sur des groupes sociaux déjà connus, peut devenir fort dangereux, manié par les chercheurs qui n'en subordonnent pas l'usage à la connaissance détaillée de la géographie et de l'histoire locales; car l'importance des faits ne se présente point suivant un ordre régulier, toujours le même: elle varie en tout temps et en tout lieu, pour tout peuple et tout individu. Ici la froidure, les tempêtes, les vagues sont les grands meneurs d'hommes; ailleurs, c'est le bon soleil, c'est la douce brise²⁶⁸ (RECLUS, 1905, vol. 1, p. 40).

O geógrafo francês nega os determinismos pelas determinações específicas do espaço, que por sua vez, não seguem uma lei regular, sistemática e igualmente incidente sobre os fenômenos em constante movimento. Então a dimensão espacial não pode ser encarada pela simetria funcional euclidiana das leis da física, pois congrega a diversidade dos fenômenos geográficos com a atuação humana, produtora da natureza artificial, antrópica. “Il est vrai que, souventes fois, la part artificielle de l'existence prime chez les individus les conditions naturelles de la vie” [...], por isso a abordagem geográfica deve partir de outra direção, “Il faut étudier d'abord le milieu statique, puis s'enquérir du milieu dynamique”²⁶⁹ (RECLUS, 1905, vol. 1, p. 42).

O par dialético entre meio estático e meio dinâmico na análise geográfica, semelhante à abordagem de Santos (1997) dos fixos e dos fluxos, explica a integração espaço-temporal na teoria reclusiana, em virtude de considerar as determinações ou

²⁶⁷ “a desigualdade dos arranjos planetários fez a diversidade da história humana e cada um de seus arranjos determinou seus acontecimentos correspondendo ao espaço (meio) de infinita variedade das coisas” [...] “não basta reconhecer, de uma maneira geral, a influência da Natureza sobre o Homem, é necessário igualmente constatar a parte que retorna especialmente desta influência a cada uma das condições particulares do meio (espaço).”

²⁶⁸ Dizer demasiadamente: este instrumento, da mais alta utilidade nas mãos daquele que o emprega com a intenção de informar sobre os grupos sociais já conhecidos, pode tornar-se muito perigoso, manipulado por pesquisadores que não subordinam o uso do conhecimento detalhado da geografia e da história locais; porque a importância dos fatos não se apresenta seguindo uma ordem regular, sendo sempre a mesma: ela varia em todo o tempo e em todo lugar, em toda a sociedade e por todo o indivíduo. Aqui o frio intenso, as tempestades, as ondas são os grandes domínios; noutro local, é o sol agradável e a doce brisa.

²⁶⁹ “É verdade que, por diversas vezes, a parte artificial da existência privilegia nos indivíduos as condições naturais da vida” [...] “É preciso estudar, num primeiro momento, o meio (espaço) estático, depois, inquirir-se do meio (espaço) dinâmico”

condicionalidades da estrutura espacial estática, com seus efeitos e relações à estrutura espacial dinâmica, como parte do jogo dos arranjos espaciais e da relação de diferenciação entre as áreas. Com a implantação das próteses técnicas, usando uma expressão miltoniana, a aceleração do tempo e a compressão do espaço fez com que os meios dinâmicos se sobressaíssem sobre os meios estáticos. Na mentalidade reclusiana, estes últimos sempre serão o *a priori* condicionante, ou o ponto de partida das ações históricas.

Ao abordar as sociedades iniciais, ocasião em que os meios estáticos predominavam, e os meios dinâmicos eram marcados pelo tempo lento, o tempo cíclico ou da natureza, dos fluxos dos rios, das correntes de ventos; é demonstrado, nesse sentido, o quanto essas primeiras sociedades utilizavam a natureza como exemplo, aprendendo imitando seu movimento e força. Esta perspectiva é comungada com o trabalho do geógrafo anarquista Metchinikoff, em que na ocasião é abordado seu livro *Grands Fleuves Historiques*, já citado anteriormente. Na página 89, é dito por Reclus que, os rios eram agentes do progresso humano e ditavam os fluxos e os fixos, os pontos de partida e de chegada, os traços dos percursos e das comunicações entre as sociedades; seus vales foram as vias históricas dos povos em marcha, em que a vida das nações se desenvolveram sobre suas margens, afirma o geógrafo francês, agora na página 102. “Initiateur de la navigation et, par la navigation, de l'enseignement mutuel, le fleuve fut aussi le premier agent naturel pour enseigner l'agriculture, presque sans effort d'initiative de la part du riverain”²⁷⁰ (RECLUS, 1905, vol. 1, p. 101).

A base da reflexão histórico-geográfica da geograficidade reclusiana parte sempre da dimensão espaço-temporal para explicar os fenômenos, entendendo-a como meio estático e dinâmico. Em virtude da atuação humana como principal agente de produção e reprodução do espaço, acelerando seu tempo e constituindo sua perpétua dinâmica, para dar conta da explicação da diversidade espacial e da dinâmica temporal, conjugadas na apreensão da realidade geográfica, Reclus (1905, vol. 1, p. 116) buscou elaborar a noção de meio-espaço e de meio-tempo. Nelas, compreende-se a interação social e suas relações de poder como força motriz, diante da lei da ajuda mútua, entrelaçada aos fatores da natureza e da história, constituindo uma síntese complexa da imbricada dialética espaço-temporal, tomada como a categorização universal de sua geograficidade libertária.

²⁷⁰ “Iniciador da navegação e, pela navegação, de ensinamento mútuo, o rio foi também o primeiro agente natural a ensinar a agricultura, quase sem esforço de iniciativa por parte do ribeirinho”

Au milieu-espace, caractérisé par les mille phénomènes extérieurs, il faut ajouter le milieu-temps, avec ses transformations incessantes, ses répercussions sans fin. Si l'histoire commence d'abord par être "toute géographie", comme le dit Michelet, la géographie devient graduellement "histoire" par la réaction continue de l'homme sur l'homme. Chaque individu nouveau qui se présente, avec des agissements qui étonnent, une intelligence novatrice, des pensées contraires à la tradition, devient un héros créateur ou un martyr; mais, heureux ou malheureux, il agit et le monde se trouve changé. L'humanité se forme et se reforme avec ses alternances de progrès, de reculs et d'états mixtes, dont chacune contribue diversement à façonner, pétrir et repétrir la race humaine.²⁷¹

Desse complexo jogo de relações sociais e arranjos espaciais pode ser destacado, como fator primordial da geograficidade reclusiana, a ação humana como experiência e prática de transformação do espaço, no movimento progressivo e regressivo, criador e destruidor, que inclui e separa. E o geógrafo anarquista se pergunta: como enumerar todos esses feitos cuja ação se sucede com as sociedades, que os renovam constantemente? Ele continua sua reflexão sobre a complexidade dos fenômenos que se apresenta no espaço-tempo dizendo que, as migrações, os cruzamentos, a relação entre os povos, a idas e vindas do comércio, as revoluções políticas, as transformações da família, da propriedade, das religiões e da moral, o aprimoramento do saber e seus impactos, são outros tantos feitos que modificam o espaço e o tempo, influenciando o tempo todo sobre parte da humanidade. Segundo Reclus (1905, vol. 1, p. 117), a compreensão da complexa relação dos fenômenos espaço-temporais, acionados pela intensidade da marcha das sociedades, só é possível agregando o entendimento dos meios estáticos aos dinâmicos, em que os primeiros, preexistem, são remanescentes, como a rugosidade miltoniana, e estão integrados, por sua vez, ao avassalador movimento dinâmico do meio.

Ainsi, le milieu général se décompose en éléments innombrables: les uns appartenant à la nature extérieure et que l'on désigne fréquemment comme le "milieu" par excellence, l'ambiance proprement dite; les autres, d'ordre différent puisqu'ils proviennent de la marche même des sociétés et se sont produits successivement, accroissant à l'infini - par multiplication - la complexité des phénomènes actifs. Ce deuxième milieu dynamique, ajouté au milieu statique primitif, constitue un ensemble d'influences dans lequel il est toujours difficile, souvent impossible, de reconnaître les forces prépondérantes, d'autant plus que l'importance respective de ces forces premières ou secondes,

²⁷¹ Ao meio-espaço, caracterizado pelos diversos fenômenos exteriores, é preciso acrescentar o meio-tempo, com suas transformações incessantes, suas repercussões sem fim. Se a história começa primeiramente por ser "completamente geografia", como o disse Michelet, a geografia torna gradualmente "história", pela reação contínua do homem sobre o homem. Cada novo indivíduo que se apresenta com estratégias que admiram, uma inteligência inovadora, de pensamentos contrários à tradição, convertem-se num herói criador ou num mártir; mas, feliz ou infeliz, ele age (atua) e o mundo se encontra mudado.

purement géographiques ou déjà historiques, varie suivant les peuples et les siècles.²⁷²

Na página 119, Reclus (1905, vol. 1) avança sua discussão dizendo que, a história da humanidade, em seu conjunto e em suas partes, não pode, pois, explicar-se senão pela adição do meio geográfico com interesses compostos durante a sucessão dos séculos; mas para compreender melhor a evolução realizada, é necessário apreciar, também, em que medida os meios em si tem evoluído para o processo de transformação geral, modificando, nesse sentido, sua ação em consequência. Por outro lado, diz o autor, agora na página 120, é justamente os contrastes da natureza que, sem ter combinado nada, exercem uma ação muito diferente para o efeito da história, que modifica o valor relativo de todas as coisas. Portanto, para concluir a reflexão reclusiana acerca do tempo e do espaço, é preciso dizer que, “le développement même des nations implique cette transformation du milieu: le temps modifie incessamment l'espace”²⁷³ (RECLUS, 1905, vol. 1, p. 120).

5.3.4 A diferença e a identidade regional: a ajuda mútua como fator de integração

Outra categoria presente em *L'Homme et la Terre* é a região. Neste caso, ela pode ser apresentada pelo autor como diferenciação de áreas, conjunto de diversidade e de similaridade da paisagem, ou como identidade sociocultural de um dado recorte. Como são tratadas estas diferenças e identidades regionais no conjunto de suas interações entre si, configurando através da ajuda mútua os fatores de integração regional, de sociabilidade e da geograficidade, é o ponto distintivo da perspectiva reclusiana.

Ao longo de toda a obra, o autor irá se esforçar para demarcar as diferenças entre os povos, alimentando a mentalidade de que, na marcha histórica da civilização pelas diferentes regiões os povos iam se relacionando com a diversidade da paisagem, construindo e assimilando seus modos de vida, equalizados às distinções geográficas.

²⁷² Assim, o meio (espaço) geral se decompõe em elementos incontáveis: uns pertencem à natureza exterior, que se designam frequentemente como o “milieu” (meio ou espaço) por excelência, a ambiência (espacialidade) propriamente dita; os outros, de ordem diferente, já que eles provêm da própria marcha da sociedade e são produzidos sucessivamente, acrescentando ao infinito – por multiplicação – a complexidade dos fenômenos ativos. Este segundo meio (espaço) dinâmico, acrescido ao meio (espaço) estático primitivo, constitui um conjunto de influências no qual é sempre difícil, geralmente impossível, de reconhecer as forças preponderantes, especialmente no que tange a importância respectiva dessas forças primárias e secundárias, puramente geográficas ou já históricas, verdade seguindo as sociedades e os séculos.

²⁷³ “O próprio desenvolvimento das nações implica esta transformação do espaço (meio): o tempo modifica incessantemente o espaço.”

Nesse contexto, configuram-se as identidades regionais, que são as identidades, os costumes, o modo de vida e a cultura dos povos que ali se desenvolveram. Então, Reclus fala de uma genuinidade dos povos da Pérsia, dos egípcios, dos gregos, das tribos da África oriental, dos povos da Polinésia, das sociedades da América Central, entre outras. Busca traçar um perfil étnico, cultural e geográfico de cada sociedade.

Nessa relação de identidade e diferença na geografia social reclusiana é enfatizado o papel da miscigenação, que além do seu caráter étnico, na visão do autor, ela refaz as relações sociais, atinge os desequilíbrios econômicos, os modos de apropriação do espaço, as representações culturais das regiões, enxergando nas misturas multiculturais e pluriétnicas ação dissidente à eugenia eurocêntrica. São rupturas ao modelo convencional, e com isso, são ações libertárias, pois ferem a base da instituição social, econômica e moral das monarquias imperiais colonialistas, configurando um novo povo, forte, surgido de si mesmo, sem as veleidades dos gêneros sanguíneos aristocráticos, sem vínculos hereditários oligárquicos, sem tradições das famílias dominantes. É uma nova base social, muito mais autônoma e livre das convenções de classe e de poder moralista, diz o autor. Ainda segundo Reclus (1905, vol. 6, p. 129), esse é o grande legado do Brasil para o mundo, este, endurecido pelas composições classistas de beneficiamentos de gênese, que se favorecem sobre as diferenças, as tratando como inferiores, justamente por serem amplamente interativas, sociabilizadas e tolerantes com a multiplicidade.

Le rôle de l'Amérique du Sud – comme celui de l'Anahuac, mais en des proportions beaucoup plus vastes – est de mélanger des éléments d'origines différentes et de les unir en une seule race. A cet égard, la république brésilienne est la plus belle usine de la planète: le nom d'*officine gentium*, qui fut jadis donné à l'Asie mongole et turque, serait bien plus justement appliqué au Brésil, où les types considérés comme se trouvant aux deux extrémités du genre humanin, les blancs et les noirs, se fondent incontestablement en un type croisé ayant des qualités nouvelles.²⁷⁴

Em contrapartida, não satisfeitos com o curso que poderia tomar essas misturas, os colonizadores introduziram seus preconceitos racistas e de classe para os frutos miscigenados, edificando o falso monumento da democracia racial brasileira, deixando de lado o rico legado de ter uma gente diversificada e que soubesse conviver nessa

²⁷⁴ O papel da América do Sul – como aquele de Anahuc, mas em proporções bem mais vastas – é de miscigenar os elementos de origens diferentes e de uni-los em uma única raça. A respeito disso, a república brasileira é a mais bela fábrica do planeta: o nome de *officine gentium*, que foi outrora dado à Ásia mongol e turca, seria melhor aplicado ao Brasil, onde os tipos considerados como pertencentes a ambas as extremidades do gênero humano, os brancos e os negros, se fundem incontestavelmente em um tipo próprio, tendo novas qualidades.

multiplicidade étnico-cultural. É um povo múltiplo, mas enclausurado pela consciência única, ocidental, ariana e monológica.

Por outro lado, o geógrafo libertário demonstra que, a marcha histórica das civilizações comprova a perpétua interação entre os mais distantes grupos sobre a superfície terrestre, jogando por terra a pretensa superioridade genuína europeia. Essas interações são o elemento central do curso civilizatório, onde a multiplicidade de modos de vida pelas diversas regiões, em constante integração socioespacial é a via de regra, e não o contrário, a monolítica compreensão civilizatória dominante, da Europa.

Na compreensão reclusiana, as interações sociais são concebidas através das integrações regionais, calcificando as especificidades, alimentando as misturas, no jogo complexo dos contatos sociais e das transferências de valores. Já havia uma globalização dos contatos geográficos desde os tempos primitivos, aponta o autor. Os contatos entre os povos da América central com os malaios, dos africanos com os indianos, dos europeus com os persas, por exemplo. Mas é justamente, a ajuda mútua o principal fator de integração dos grupos, na constituição das identidades regionais e nas diferenças entre os modos de apropriação do espaço, que percorreu toda a história da humanidade, até a revolução industrial, no avassalador movimento de uniformização.

Ao conceber esse longo, integrado e articulado movimento social produtor de tempo e de espaço, o autor delinea sua geografia social sustentado na narrativa das interações sociais. Estas, não são concentradas, são descentralizadas, com topologia em rede, articulada pelos pontos, nódulos, centralidades e pelas linhas, fluxos, trocas, inter-relações, independentemente do tempo, como uma condição intrínseca de qualquer produção socioespacial, aproveitando as técnicas disponíveis para a mobilização das misturas, aprendizados, integrações e separações. O perpétuo devir das interações das identidades vai se fundindo, transformando-se, se refazendo, se recriando no acabamento ininterrupto da unidade social do mundo. “Rien ne se perd, nous dit-on; mais il est certain que, d’avatar en avatar, de désintégrations en intégrations nouvelles, les choses de l’avenir ressemblent souvent fort peu à celles du passé”²⁷⁵ (RECLUS, 1905, vol.6, p. 169). A impressão que fica é de que no passado as interações eram ainda mais multiplicadas, por serem espontâneas, do que hoje, nas sociedades uniformes da integração planetária.

Pensar o social como rede articulada mundialmente, ou seja, evidenciando justamente o que está entre as relações, o que as mobilizam, o que se encontra entre um

²⁷⁵ “Nada se perde, é sabido; mas, é certo que, de avatar em avatar, de desintegrações em integrações novas, as coisas do porvir parecem geralmente fracas frente às do passado”

ponto e outro, como se dão essas trocas, constituídas autonomamente, sem o centro gerenciador que projeta e conduz as interações sociais, está na base na reflexão sobre espaço-tempo-sociedade reclusiana. Para ele, essa forma de ser articulada e integrada, com interações descentralizadas, a sociedade foi buscar este aprendizado nos próprios sistemas naturais, como por exemplo, os ecossistemas, marcadamente organizados pelas interações autorreguladoras e independentes de centro de controle.

Essa geograficidade social descentralizada, autogestionária só é possível ser concebida em virtude de existir a ajuda mútua, pensa o geógrafo comunista. Desse modo, no esqueleto de sua geograficidade da região ou da identidade regional está a base de duas concepções marcantes: a ideia de individualidade geográfica e a de unidade geográfica, vista também como, unidade material do mundo. A primeira representa a unicidade, a identidade que distingue certo recorte espacial dos outros, a personalidade da região, a característica específica, singular daquele lugar avaliado. A segunda representa a integração entre as singularidades, entre as diferentes regiões, a capacidade de síntese, uniformização ou agregação dos diferentes.

Para o geógrafo francês, essa unificação material do mundo sempre esteve em perpétua construção, de alguma forma, na velocidade do tempo possível e na extensão alcançada do espaço. Mas, somente diante dos intensos avanços da apropriação humana sobre todas as regiões da Terra que esse processo pôde ser intensificado, com tal capacidade escalar que, quebrou o equilíbrio que unificava anteriormente os diferentes, mantendo o mosaico, a colcha de retalhos do espaço mundial, mas, restando agora, no intento de destruir essas identidades, o movimento de conversão do espaço-tempo social em totalidade da consciência única.

Reclus, ao contrário, almeja a formação da consciência universal, nos termos dados por Santos (2008), mas que parta do lugar ao internacional, e que seja profundamente miscigenada, plural e diversa, mas que esta integração ocorra no plano do projeto humanístico-holista, da reflexão da universalidade da vida no planeta, semelhante ao que acontece com os sistemas naturais, que se mantêm justamente ao conjugarem as sobreposições e acomodamentos gestados pela própria diversidade geográfica. O valor balizar da geograficidade é a diferenciação espacial que a mesma produz, e que compõe a totalidade dos lugares e dos múltiplos modos de vida. Nisso, reside a potência da geograficidade reclusiana, conceber um projeto que garanta a singularidade regional e a articulação entre elas como marca dos sistemas sociais integrados em rede, e ao mesmo tempo, que estas diferenças se comportem pela

consciência universal da mutualidade e do equilíbrio, coerente ao todo regente sistema da vida.

Para que se possa melhor entender a abordagem da diferença e da identidade regional em Reclus é proveitoso assimilar sua noção de ajuda mútua. Este conceito foi aprofundado pelo geógrafo anarquista Kropotkin (2009), no final do século XIX, sendo publicados capítulos separados e que, somente em 1902, foi concebida a publicação completa da obra *Ajuda Mútua: um fator de evolução*. O geógrafo russo vinha acompanhando os desdobramentos da crítica da teoria evolucionista difundida por Darwin, principalmente seu paradigma biológico da *luta pela existência*, sobressaindo em tese, pejorativamente, o mais forte, hábil e capaz, perspectiva equivocada combatida por Vitte (2009), de forma magistral, ao recolocar no curso o caudaloso fluxo epistemológico da geografia física.

Kropotkin também acompanhava os desdobramentos da crítica ao darwinismo social, que aplicava a teoria biológica aos tratos da sociedade, explicando a *luta de todos contra todos* como fator de evolução social, crítica essa, realizada principalmente pelos intelectuais russos. O nome pioneiro em apresentar a teoria da ajuda mútua como contestação ao darwinismo foi do zoólogo russo Karl Fiódorivch Kessler (1815 – 1881), que em 1880 proferiu a palestra na Universidade de São Petersburgo, em que era reitor, na qual afirmava a validade da teoria evolucionista, mas negava que esta ocorria em virtude da luta pela sobrevivência das espécies, mais ao contrário, o motor da evolução era a associação, ilustrando sua tese com inúmeros exemplos da biodiversidade russa.

Seguindo essa premissa, Kropotkin, juntamente com Metchnikoff e Reclus, integrados ao conhecimento geográfico da diversidade da paisagem, pois os três eram geógrafos, aprimoraram os estudos da teoria da ajuda mútua, constituindo a tese de que o principal agente de evolução das espécies, como também das sociedades, são os fatores de mutualidade, principalmente se for avaliar o peso da diversidade geográfica atrelada à diversidade da vida que nela habita, na exigência do meio pela associação como fator de resistência e evolução. Com originalidade, eles juntaram a esta noção, a abordagem do mutualismo e da mutualidade, estas, vistas como fundamento de uma sociedade anarquista, inaugurada por Proudhon (1873), na obra *Qu'est-ce que la Propriété?*, de 1840. Este conceito foi introduzido pelo anarquista francês na política, na teoria econômica e social, teoria essa, do valor do trabalho e das organizações produtivas ácratas, frente o modelo da organização capitalista da propriedade privada.

Como Kropotkin (2009) era adepto do empirismo e do método hipotético-dedutivo experimental, este realizou diversas viagens pela Rússia, passando pelo

Cáucaso e Sibéria, por exemplo, somando as outras andanças que havia feito na juventude pela Manchúria. Juntando a esse conjunto, a vasta experiência em terras longínquas e diversificadas de Metchnikoff e de Reclus, esses geógrafos da liberdade aprofundaram, num projeto mutuamente solidário, a teoria da ajuda mútua na geografia, uma espécie de darwinismo de esquerda. Na opinião de Reclus (1905, vol. 1, p. 141 – 142),

Sans doute le monde présente à l'infini des scènes de lutte et de carnage parmi tous les êtres qui vivent sur le globe, depuis les graines en conflit pour la conquête d'une motte de terre et les œufs de poissons se disputant la mer, jusqu'aux armées en bataille s'exterminant avec fureur par l'acier, les balles et les obus. Mais les tableaux opposés sont encore plus nombreux puisque la vie l'emporte, et que sans l'entr'aide la vie même serait impossible.²⁷⁶

“Quoi qu'on en dise, la lutte pour la vie n'est pas la loi par excellence et l'accord l'emporte de beaucoup dans l'histoire du développement des êtres” (RECLUS, 1905, vol. 1, p. 144). Esse acordo entre os seres, entre eles e a terra, também é demarcado pelo autor, na página 150, quando é dito que, a união entre os homens pelo trabalho em comum acordo se completa naturalmente, desde as idades da animalidade, pela utilização do espaço e de igual forma, pela transformação da natureza. Essa relação associativa configurou-se na base da diferença dos gêneros de vida, que em virtude da diversidade dos meios geográficos e das diferenças nas circunstâncias dos arranjos sociais originaram formas especiais de exploração da terra. “La sociabilité naturelle à l'homme fut l'origine vitale de toutes ces cellules distinctes” (RECLUS, 1905, vol. 1, p. 161), e “c'est de la libre association qu'est née la communauté de vie”²⁷⁷ (RECLUS, 1905, vol. 1, p. 158).

Deste ponto em diante, argumenta o autor, as *forces créatrices* da ajuda mútua, fizeram brotar o nascimento das aglomerações humanas, chegando até hoje nas sociedades complexas transfiguradas pelo completo isolamento, numa existência convertida em suicídio, afirma o geógrafo vegetariano, na página 161, estando cada vez mais aprofundada a ruptura do humano com as conformidades do meio. Nesta perspectiva, o estágio superior desta sociedade fragmentada seria o comunismo, que

²⁷⁶ Sem dúvida, o mundo apresenta infinitas cenas de luta e de carnificina entre todos os seres que vivem sobre o globo, desde os grãos em conflito pela conquista de uma porção de terra e os ovos de peixes disputando o mar, até aos exércitos em batalha, exterminando-se com furor pelas espadas, balas e bombas. Mas, os quadros opostos são ainda mais numerosos, já que a vida leva vantagem, e que, sem a ajuda mútua ela seria impossível.

²⁷⁷ “Não importa o que se diga, a luta pela vida não é a lei por excelência e o concordância melhor contribui com a história do desenvolvimento dos seres” [...] “A sociabilidade natural do homem foi a origem vital de todas estas células distintas” [...] “é da livre associação que nasceu a comunidade da vida”

na visão de Reclus (1905, vol. 1, p. 146), é o grau mais complexo do modelo de ajuda mútua.

La forme communautaire de la propriété, qui prévalut dans presque tous les pays du monde et qui se maintient ça et là, même dans les contrées le plus complètement accaparées par des propriétaires individuels, permet de constater combien l'entraide fut l'idéal et la règle chez les peuples agricoles arrivés à un degré de civilisation déjà très avancé. Là aussi le souci d'un chacun dut être la prospérité de tous, ainsi qu'en témoignent les mots mêmes qui servent à désigner la collectivité des villageois associés. Ce sont les "universités" des Basques, les "mir" russes ou petits "univers", les zadrughi ou "amitiés" des Serbes, les "fraternités" des Buriates.²⁷⁸

A defesa do modelo comunalista de organização do espaço não é de forma alguma a afirmação da isotopia, nos termos dado por Lefebvre (1999), que aposta na crença de que o espaço pode ser homogêneo. Pelo contrário, ocorre é a afirmação das heterotopias, que se constituem através da liberação dos gêneros de sociabilidade, definindo o casamento entre a diversidade regional originária com a ação social particular, das atitudes mutuamente inter-relacionadas entre as distintas especificidades regionais, formando estruturas territoriais autogestionárias e confederadas. Para Reclus (1905, vol. 1, p. 130), os graus de civilização nunca são estáticos e homogêneos, e pela dinâmica diversificada do espaço eles não se atomizam. Funcionam somente em integração, por sua vez, a determinação histórica é também espacial, faz parte da geograficidade dos fatos, por isso, "aucun degré de civilisation n'est absolument un, parce que la nature elle-même est diverse et que les évolutions de l'histoire, spécialement déterminées, s'accomplissent partout d'une manière différente."²⁷⁹

Ce qui frappe surtout dans la diversité des moyens employés par l'homme pour la conquête de la nourriture, c'est que les civilisations particulières corrélatives à ces conditions se rapprochent dans l'espace beaucoup plus qu'elles ne se sont succédé dans le temps: on y voit des faits d'ordre géographique plus que des faits historiques²⁸⁰ (RECLUS, 1905, vol. 1, p. 128).

²⁷⁸ A forma comunitária da propriedade, que prevaleceu em quase todas as regiões do mundo e que se mantém aqui e ali, mesmos nos territórios mais completamente monopolizados por proprietários individuais, permite constatar o quanto a ajuda mútua foi ideal, organizando sociedades agrícolas que chegaram a um grau de civilização já bem avançado. Ali também, o cuidado de cada um deve ser a prosperidade de todos, assim como testemunham as próprias palavras que servem para designar a coletividade dos vilarejos associados. Estas são as "universidades" dos bascos, os "mir" russos ou pequenos "universos", os zadrughi ou "irmandades" dos servos, as "fraternidades" dos buriates.

²⁷⁹ "nenhum grau de civilização é absolutamente único, porque a natureza em si mesma é diversa, como as evoluções da história, especialmente determinadas, se fazendo em todo lugar de uma maneira diferente"

²⁸⁰ O que aciona, sobretudo, a diversidade dos meios empregados pelo homem para a conquista da alimentação, é o fato de que as civilizações particulares correlatas a estas condições se aproximam bem mais do espaço do que do tempo que não se sucederam: observam os fatos de ordem geográfica mais do que os fatos históricos.

Com o processo moderno de integração global dos espaços, a identidade regional se viu comprometida frente à uniformização empreendida pelas redes técnicas de comunicação. Porém, permanecem os enclaves de identidades regionais, mas Reclus (1905) não se deixa levar pelo essencialismo na abordagem geográfica, pois, a seu modo de ver, todas as identidades sempre foram mescladas, somente se sustentaram por terem se inter-relacionado, no conjunto complexo de integrações que partem da escala micrológica, ou local comunalista, até a escala global internacionalista.

Todas as identidades regionais são fruto de um gigantesco projeto social de trocas e de aprendizados culturais, que ganham seu grau de diferenciação em virtude do espaço. Por isso, essas identidades nunca acabam, elas sempre estão mudando, e a região sempre será o palco germinador dessas mudanças. Para melhor entender esse jogo de escalas reclusiano, é importante conhecer como é feito esse percurso, na sua obra, que se estende do local ao global.

5.3.5 O local comunalista e o global internacionalista

As categorias geográficas local e global ganham dimensão composta na obra *L'Homme et la Terre*: o local é delimitado pelas relações comunalistas, o que o aciona é a disposição da experiência cotidiana da geograficidade; o global é a totalidade, marcada pela simultaneidade fraternalista na escala mundial, que não deve ser confundido com a globalização capitalista, ao contrário, advém dos esforços confederalistas libertários germinados na Internacional Socialista. Nesse sentido, a menor escala é a comunal, que pelos mecanismos de sociabilidade autogestionária articulam-se às redes espontâneas das regiões federadas, nações confederadas de territórios autônomos, até o federalismo fraternalista internacional. Este processo sempre se faz de baixo para cima, essa estrutura de organização política do espaço se completa pelo projeto de geograficidade libertária, ou seja, as relações de ordem social e política são descentralizadas e articuladas em redes mutualistas de experiência e de prática espacial.

Essa dimensão *utópica* de organização do espaço, que é defendida pelo geógrafo anarquista francês, advém de experiências *tópicas* do passado de produção social do espaço. A geograficidade reclusiana tem seus suportes na efetividade da história e na materialidade geográfica, porque ela não é produzida do nada, pois advém das experiências, vivências e lutas. Não defende um sistema pronto, acabado, perfeito, ideal,

ou seja, utópico, mas a produção social do espaço, com seus conflitos, disputas, aprimoramentos, experiências, práticas de uma ação vivencial, no devir libertário das condições de transformação da realidade material, por isso ela é tópica. Está assentada num tempo e num espaço definidos.

O comunalismo é oriundo, das comunas medievais, das comunidades tradicionais ácratas americanas, da Comuna de Paris e demais similares experiências europeias; o federalismo advém dos territórios autônomos espanhóis, do final do século XIX, que somente foi verdadeiramente implantado com a revolução de 1936; as confederações advém das tentativas confederalistas das nações latino-americanas, no final do século XIX e das inúmeras experiências anarco-sindicalistas distribuídas por todos os cantos da Terra; e o internacionalismo, da profícua Associação Internacional dos Trabalhadores, das tentativas em construir a rede internacional dos oprimidos, em defesa da liberdade e do bem-estar social, podendo servir como exemplo, nesse caso, os esforços realizados pela Via Campesina.

Desse ponto de partida, é possível reconhecer elementos metodológicos distintos na categorização local e global em Reclus: estes sempre são vistos como plataformas espaciais de engajamento dissidente, são recortados para explicar a organização descentralizada do espaço pela abordagem anarquista. A mutualidade é o padrão ético de constituição dessas categorias, seja na escala comunal até a internacional. Tanto o local quanto o global são enviesados pelas relações socializantes e não financeiristas.

No capítulo 8, do volume 6, *La Culture et la Propriété*, o geógrafo *communard* apresenta crítica frontal à propriedade privada e a exploração capitalista do espaço, legando ao debate da obra o sentido do lugar, da comunidade e da experiência vivida do ser humano com a terra. De antemão, o termo *culture* é utilizado em duplo sentido, correspondente à língua francesa, significando tanto cultura, no sentido de experiência cultural, modo de vida acumulado e difundido; como também o sentido de cultivo, o trato com a terra, a mulher e o homem trabalhando o meio, ou também, o caráter ontológico de cultivar a relações harmoniosas, preparar a terra da vida (espaço), organizar, limpar e semear as esperanças (prática espacial), para germinar e colher a liberdade (equilíbrio socioespacial).

Não satisfeito, o geógrafo *communard* também trabalha a ideia de propriedade em duplo sentido: como poder e controle do território, por isso, base das desigualdades entre os homens; e como apropriação, no sentido stirneriano, o que lhe é próprio, que tem valor de uso daqueles que nela sabem cultivar as esperanças. E é justamente neste

capítulo 8 que se encontra melhor difundida a noção de local comunalista, por este estar sempre estreitamente vinculado às relações de sociabilidade e de geograficidade.

A perspectiva holística reclusiana, que não dissocia o comunal do internacional, destaca que as ações humanas são sempre motivadas no lugar, e são causadas, outrora, em seu conjunto de forças e interferências na totalidade. Desse modo, ocorre a emergência da reflexão da geograficidade, recolocando a gravidade da relação mulher-homem-meio e da sociedade-natureza em evidência, no projeto de saber pensar o espaço para saber organizar e combater. “No conjunto, os homens trabalharam sem método no ordenamento da Terra. Eles sabiam muito bem que parte do solo convinha às suas culturas e escolhiam-na judiciosamente, mas com que barbárie procediam à preparação do terreno!” (RECLUS, 2010e²⁸¹, p. 36). Esta mentalidade só pode ser interrompida ou negada com a contestação do poder e do acúmulo de riquezas, tão comum à mentalidade ocidental, onde “o tipo essencial do civilizado da Europa, ou melhor, do norte-americano, é educar-se para o ganho, com vistas a comandar os outros homens pela onipotência do dinheiro. Seu poder cresce em proporção exata de seus haveres” (RECLUS, 2010e, p. 42).

O geógrafo *communard* constrói sua reflexão sobre o cultivo da terra e da gestão da propriedade refletindo sobre o valor de uso e o valor de troca da terra. Diz que, a partir da substituição da propriedade comunal ou coletiva pela propriedade privada, as relações de sociabilidade foram sendo substituídas pelas do mercado capitalista. Mas quem tem legitimidade de uso da terra? Para Reclus (2010e, p. 44), “se adquire o uso legítimo da terra ao vivificá-la, isto é, cultivando-a com seus braços.” Mas ele lamenta o fato deste modelo ter entrado em extinção, e o poder adquirido da propriedade capitalista por seus beneficiários impôs-se pesadamente sobre os ombros dos camponeses.

Naturalmente, todo homem tornado senhor de seus semelhantes pela guerra, pela conquista, pela usura, ou por todo outro meio, constituía, por isso mesmo, a propriedade privada em seu benefício, porquanto, apropriando-se do homem, ele apoderava-se igualmente de seu trabalho e do produto de seu esforço, enfim, da própria parte do solo comum onde o escravo havia feito nascer a colheita (RECLUS, 2010e, p. 58).

O reino da propriedade privada é assegurado pelos benefícios da concentração fundiária, e quando resta um pedaço de terra para o camponês esta pequena propriedade lhe consome pelo trabalho árduo para conseguir matar a fome, havendo somente cruéis

²⁸¹ Este capítulo já se encontra traduzido para o português por Plínio Augusto Coêlho.

lógicas na luta pela terra. “É pela pretensão de serem os educadores em agricultura racional que os proprietários de vastos domínios buscam justificar a usurpação das terras comunais e privadas que eles devem ao seu nascimento, as suas riquezas hereditárias ou as suas especulações” (RECLUS, 2010e, p. 70). O latifúndio e a ciência capitalista agrária são o sustentáculo da apropriação do território, sendo visceralmente contrários às práticas de geograficidade comunal.

Se ilustres agrônomos, que eram ao mesmo tempo grandes proprietários, introduziram em certos países excelentes métodos de cultura, se eles trataram seus campos com ciência, como fábricas de produtos químicos nas quais se aplicam os mais recentes procedimentos, tornaram conhecidas novas espécies de plantas ou animais, ou então praticaram invenções ignoradas antes deles, não se deve, contudo, esquecer que o *latifúndio*, em sua essência, comporta fatalmente a privação da terra para a maioria: se alguns têm muito, é porque a maioria não tem mais nada. [...] mas o fato de que a grande propriedade devora a terra ao seu redor é um desastre só menor que a devastação e o incêndio: ela, por sinal, acaba por chegar ao mesmo resultado, isto é, à ruína das populações, e amiúde também àquela da própria terra (RECLUS, 2010e, p. 70 – 71).

E a introdução capitalista do meio técnico na geograficidade comunal da terra acarreta, segundo defende Reclus (2010e, p. 85), o desaparecimento do campesino e do modelo local comunalista, nessa disputa por território, espaço e lugar quem mais se beneficiou foi o paradigma técnico-científico da exploração capitalista da terra. “À medida que a exploração do solo faz-se mais científica, ele vê atenuar-se as características que o separavam dos trabalhadores das cidades. De proletários a proletários, as classes tendem a confundir-se como já se confundiram entre os senhores da terra e aqueles da manufatura.”

Por final, Reclus (2010e, p. 94) discute a produção da miséria e da fome por essa agricultura capitalista, contestando o paradigma técnico como salvação da produção generalizada de alimentos, que por sua vez, só concentra as propriedades, arrasam os solos e geram conflitos, no ciclo desastroso do mau uso do espaço, pois “não lhe faltam nem as planícies abundantemente regadas nem o sol vivificante. Se o homem soubesse servir-se dessa terra, ele seria um dos grandes centros de aprovisionamento do globo.” O estágio atual da agricultura, diz Reclus (2010e, p. 103), ocupando grande parte da superfície terrestre, os recursos totais da produção são mais do que o dobro das necessidades do consumo.

Entretanto, a mesa não está servida para todos no banquete da vida! Há famélicos, e, inclusive são numerosos; [...] e, entre aqueles que de hábito saciam sua fome, há milhões e milhões de indivíduos que olham para eles com pavor, comendo hoje na apreensão de não ter o que comer amanhã. [...] A primeira coisa a fazer seria introduzir a ordem e a segurança da distribuição;

consistiria em expedir e repartir os diversos produtos, farinhas, legumes e frutas, com tanto método quanto são distribuídos todas as manhãs as cartas e os jornais. [...] Todavia, para realizar essa revolução de justiça e de bom senso, será preciso erguer a mão contra a “arca sagrada”, violar essa desigualdade tão cara aos privilégios e que lhes assegura não só o monopólio da terra e dos produtores da terra, mas também as fábricas e todas as obras do trabalho humano, sobretudo o poder, o direito de dizer-se senhores e dominar, com efeito, adulados, respeitados, adorados por esses mesmos que eles oprimem.

Mas esse modelo de geograficidade libertária baseado na tomada de consciência e na transformação radical do território pela revolução social ou insurreições revoltosas foi apequenado pelo desenfreado movimento de apropriação em escala global do espaço. No capítulo 9, do volume 6, *L'Industrie et le Commerce*, Reclus (2011f, p. 61), descreve a tomada da superfície espacial pela apropriação global do território capitalista, dando o exemplo do capitalismo financeiro, modelo que contradiz seu entendimento de internacionalismo, pois elimina as mutualidades libertárias e implanta o globalismo expropriador, mercadológico em escala planetária.

Uma grande revolução comercial realizou-se: a periodicidade das trocas deu lugar a um movimento incessante, contínuo, de transações que não é interrompido nem mesmo à noite, porquanto o sol ilumina sempre um lado do planeta e a rede das ferrovias, dos telégrafos, dos telefones vibra incessantemente para transportar os negociantes e transmitir suas ordens de cidade em cidade e de continente em continente.

No último capítulo da obra em destaque, de número 12, *Progrès*, pertencente ao volume 6, Reclus (2011h²⁸², p. 47) narra as prodigiosas conquistas na escala planetária do espaço pela sociedade moderna, afirmando que o gênero humano faz-se uno sob todas as latitudes e todos os meridianos, e tenta igualmente realizar a uniformização do tempo.

Pela sucessão dos tempos, que podemos tentar estudar agora como um quadro sinóptico exibindo-se segundo uma ordem na qual tentamos reencontrar a lógica dos acontecimentos, cessamos de viver unicamente no momento fugidio, e abarcamos no passado toda a série das eras retraçadas pelos analistas e descobertas pelos arqueólogos. Dessa maneira, conseguimos liberar-nos da linha estreita de desenvolvimento indicada pela ambiência de nosso local de residência e pela descendência especial de nossa raça. Diante de nós desenhasse a infinita rede das vias, paralelas, divergentes, entrecruzadas, seguidas pelas outras frações da humanidade.

Mas Reclus (2011h, p. 48) contesta a relação entre os progressos técnicos na apropriação do espaço e do tempo com a construção da harmonia e do equilíbrio

²⁸² Este capítulo já se encontra traduzido para o português por Plínio Augusto Coêlho.

socioespacial. Na verdade, a constituição global das relações pode aprofundar as desigualdades, pois esta é feita à custa da opressão e do controle de muitos.

Doravante, senhores do espaço e do tempo, os homens veem abrir-se diante deles um campo indefinido de aquisições e progressos, todavia, ainda embaraçados pelas condições ilógicas e contraditórias de seu meio, eles não estão absolutamente em medida de proceder com ciência à obra harmônica de melhoria para todos.

Na página 67, o geógrafo anarquista sintetiza sua ideia de progresso e de conquista global diante do paradigma do federalismo fraternalista, na qual, nosso mundo material e moral tornaram-se mais vasto, e ao mesmo tempo mais ampla nossa concepção de felicidade, que doravante só será considerada como tal sob a condição de ser partilhada para todos, de se fazer consciente. Só há verdadeiramente progresso, diz Reclus (2011h, p. 51) “quando *a conquista do pão*”, fazendo referência ao célebre livro de Kropotkin (1892), “ocorrer realmente para todos, em que eles consigam ganhar seu pão pela mutualidade dos serviços.” “Em sua essência, o progresso humano consiste em encontrar o conjunto dos interesses e das vontades comum a todos os povos; confunde-se com solidariedade” (RECLUS, 2011h, p. 53), e não com o autoritarismo das sociedades globais, profundamente desiguais, daí reside a diferença entre globalização e internacionalismo ou internacionalização, na perspectiva reclusiana.

Não é tal ou qual estágio da existência pessoal e coletiva que constitui a felicidade, é a consciência de caminhar para um determinado objetivo, que queremos e criamos parcialmente por nossa vontade. Ordenar os continentes, os mares e a atmosfera que nos envolve, “cultivar nosso jardim” terrestre, distribuir novamente e regular as convivialidades para favorecer cada vida individual de planta, animal ou homem, adquirir definitivamente consciência de nossa humanidade solidária, fazendo do corpo com o próprio planeta, abranger com o olhar nossas origens, nosso presente, nosso objetivo próximo, nosso ideal distante, é nisso que consiste o progresso (RECLUS, 2011h, p. 70).

Essa ampla e libertária concepção de progresso em Reclus faz com que seu projeto de geograficidade seja demarcado pela ética da solidariedade ou mutualidade, que abarque os desejos individuais e locais, coletivos e mundial, que parta da autonomia ou da decisão soberana de cada indivíduo, mas que se vincule à consciência universal fraterna, integrando a ação humana como harmonista das forças da natureza, cultivador do jardim terrestre. Mas também, como distribuidor e regulador do equilíbrio, englobando todos os entes da vida planetária, onde o homem/mulher é o mundo, e o mundo é o homem/mulher, num só corpo e consciência, da mesma materialidade e sensibilidade, de todos os tempos, do próximo e do distante. Na base dessa

compreensão do geográfico está o sentido de sua ação e estado de ser: a transformação da realidade, constituída pelo engajamento dissidente, contra os fantasmas da autoridade.

5.3.6 Espantando fantasmas: Estado-Nação, pátria, fronteira e limite

A partir do momento em que foi conferido *une très large conception de la géographicité*, que estende do comunal ao internacional, é importante verificar *une bienveillante conception géopolitique* em Élisée Reclus, utilizando as expressões adotadas por Lacoste (2005). Essa espécie de geopolítica das liberdades, que rejeita o espectro do Estado-Nação, com suas fronteiras políticas impostas, com seus limites segregacionistas e com seu poder colonial e imperial pela guerra de expansão territorial, que rejeita também os interesses do capital monopolista que se nutre dos seres humanos e da terra para alimentar sua sina pela exploração do espaço, esta perspectiva das liberdades tem sua concepção teórico-prática conduzida pela luta da terra e pelo pão para todos; pela luta da educação geográfica anti-nacionalista, que ilumine a formação da consciência do saber pensar o espaço; mas que incite também o saber se organizar, para saber resistir e combater a opressão e o fanatismo aliciador do capital e do Estado.

Além disso, é uma geopolítica que reconhece, apoia e impulsiona o diferente, na margem do lado da dissidência, na disputa pelo território da liberdade e da autonomia, não do poder nacional. Ela aprova as estratégias de combate e de resistência radicais, como a insurgência, a revolução, a insubmissão, as revoltas, a ação direta, etc., negando o reconhecimento das fronteiras que dividem os povos, colocando no seu lugar, a perspectiva do confederalismo internacionalista ácrata.

Para o geógrafo anarquista, na ideia primária de Estado reside o fantasma do nacionalismo, constituição ideológica que veio substituir o papel do fanatismo religioso, que realizava a função do poder e do controle do corpo e da mente outrora derivado da igreja. A superação dessa forma de poder pelo o Estado moderno e o direito constitucional, por sua vez, mobilizado a serviço do leviatã, garantiu às potências hegemônicas do mundo moderno a necessidade de se debruçarem sobre aquelas regiões que poderiam subsidiar, pela força do opressor e pelas explorações geográficas, a naturalização da autoridade e do controle socioterritorial. No jogo da opressão e da luta pela autonomia, o estigma do nacionalismo aflora como resistência de identidade às desigualdades e pelo reconhecimento do enraizamento à pátria, convertido em ódio social.

Le chaos des nationalités s’y agitait en remous de mouvements ingégaux et contraires. [...] Sans aucun doute, si tous les opprimés de races diverses avaient su se concéder leurs droits mutuels et se réunir contre l’opresseur commun, ils eussent triomphé des gouvernements traditionnels, quitte à régler ensuite leurs différences particuliers conformément à l’équité. Mais les haines sociales, plus vives encore que l’amour de la liberté et de l’autonomie politique, empêchèrent cette union²⁸³ (RECLUS, 1905, vol. 5, p. 132).

Somente a superação do nacionalismo, a luta pela liberdade e o respeito ao diferente pode unir os oprimidos numa perspectiva que ultrapasse as barreiras construídas pelos sentimentos fanáticos do ódio nacional, almejando assim, o internacionalismo dos trabalhadores. Com esse perigo iminente, da integração internacional dos oprimidos, as ações hegemônicas coloniais e imperiais, sobretudo a Inglaterra, a França e os Estados Unidos, conforme sinaliza o autor, foram capazes de acirrar ainda mais os sentimentos regionais e nacionalistas internos dos domínios coloniais, colocando frente a frente antigas etnias rivais, aguçando o reinício de novos conflitos. Justamente essas ações imperiais foram capazes de neutralizarem a possível integração entre esses injustiçados, tornando o caminho inverso da integração, alimentando a fragmentação étnica e ideológica, dando margem para os processos repressores de controle e de integração forçada dessas nações subalternizadas.

No caso da Índia, por exemplo, a revolta dos Cipayos, e demais mobilizações que juntaram mulçumanos e hindus, logo foram novamente conduzidas para a rivalidade entre si e interna das inúmeras nações dentro da grande Índia, em que a potência inglesa cuidou logo de resolver esses conflitos internos, por ela mesma incentivada, através da unidade nacional aos moldes vitorianos. “Naturellement les “civilisés” qui furent les vainqueurs réprouvent les crimes de leurs adversaires et se félicitent de leur propre énergie dans la politique de terreur et d’exterminations sans pitié”²⁸⁴ (RECLUS, 1905, vol. 5, p. 178). E o geógrafo anarquista continua, em mesma página, dizendo que, em primeiro lugar havia sido uma singular ilusão e um grande erro acreditar que a mesma nação inglesa imperialista podia ter em franca solidariedade a defesa das populações asiáticas, cujas tradições estão tão distantes e diferentes, frente a seus costumes tidos como mais corretos.

²⁸³ O caos das nacionalidades agitava-se em redemoinhos de movimentos desiguais e contrários. [...] Sem nenhuma dúvida, se todos os oprimidos de raças diversas soubessem usufruir de seus direitos mútuos, reunindo-se contra o opressor comum, eles teriam triunfado diante dos governos tradicionais, prontos a revolver em seguida suas diferenças particulares de acordo com a equidade. Mas os ódios sociais, mais vivos ainda do que o amor pela liberdade e pela autonomia política inviabilizam esta união.

²⁸⁴ “Naturalmente, os ‘civilizados’ que foram os vencedores reprovam os crimes de seus adversários e divertem-se de sua energia na política do terror e de exterminação sem piedade”

Desse modo, estes povos oprimidos desenvolveram, na visão de Reclus (1905, vol. 5, p. 180), uma espécie de patriotismo negativo, aquele que não se vincula ao amor a terra, ao sentimento de pertencimento, e nem a união dos diferentes na terra, mas pelo ódio e a miséria produzida pelo opressor, e não pela solidariedade entre eles e a libertação de quem os oprimia.

Ce qui les avait unis, ce n'était point l'amour filial pour le sol nourricier ni le sentiment de solidarité cordiale avec des compagnons d'existence et de travail: c'était la rancœur des souffrances subies en commun, c'était la haine contre l'étranger méprisant et brutal, enfin l'incompatibilité totale de vie et de compréhension mutuelle avec des êtres d'une caste absolument distincte.²⁸⁵

E a forma de superar esses sentimentos de segregação e de fanatismos locais e nacionais se dá pela via contestadora do significado de fronteira, pelo fim dessas fronteiras geográficas, culturais, mas também sociais, conforme enfatiza o geógrafo social francês. Para ele, não basta somente integrar os territórios, como o fez a Inglaterra na Índia, processo esse que ajudou ainda mais ela controlar a plural nação; ou o caso dos Estados Unidos, instalando o homem branco e dizimando o indígena. É preciso derrubar as fronteiras nacionais pela integração solidária, não pelo controle dos grupos sociais, dos territórios e da restrição dos seus modos de vida. Toda a integração só será verdadeira se ocorrer a igualização social da eliminação das fronteiras entre ricos e pobres.

“La planète est découpée politiquement par un lacs de frontières qui divisent les diverses parties de la terre, déclarées propriété impériale, royale ou nationale. C'est toute une révolution de la pensée qu'il est nécessaire d'accomplir pour modifier à cet égard les conventions traditionnelles” (RECLUS, 1905, vol. 5, p. 303). A superação dessa noção de fronteiras somente é possível com a revolução no pensamento, que inicia com a discussão do significado de pátria. “Tel est le mot de ‘patrie’ qui signifie de lieu où l'on s'éveille d'abord à la vie dans les bras de son père, et que l'on comprend aussi comme le territoire fermé autour duquel il n'existe d'autres hommes que des ennemis”²⁸⁶ (RECLUS, 1905, vol. 5, p. 303).

²⁸⁵ O que os havia unido, não era, portanto, o amor filial pela terra alimentadora, nem o sentimento de solidariedade cordial com os companheiros de existência e de trabalho: era o rancor acerca dos sofrimentos suportados em comum, era o ódio contra o estrangeiro desprezível e brutal, enfim, a incompatibilidade total do modo de vida e de compreensão mútua para com os seres de uma casta absolutamente distinta.

²⁸⁶ “O planeta está dividido politicamente por um emaranhado de fronteiras nas mais diversas partes da terra, declaradas propriedade imperial, real ou nacional. Toda uma revolução do pensamento faz-se necessária se cumprir para que possa modificar esta situação de convenções tradicionais” [...] “Eis a palavra ‘pátria’, que significa o lugar onde a gente se manifesta para a vida nos braços de seu pai, e que

Mas o geógrafo das liberdades é duro contra as ingenuidades que o amor à pátria gera. Ele respeita a relação de pertencimento que a mulher e o homem tem com sua terra natal, aquela que lhes nutre. Mas, na terra que nos tem dado a existência e os meios de conservá-la formam-se também todas as associações da vida, que se convertem na união dos diferentes; nela, depois de ter se alimentado do leite materno, diz o autor, se encontram e conhecem todos os outros que dela também dependem para viver, sendo merecedores desta não somente um pequeno grupo exclusivo. E o geógrafo social continua, diz que, esta ilusão de proprietário dono soberano da terra pela naturalização da força e da autoridade, explica-se somente até certo ponto, caso da pretensão que tem o patriota de amar seu país com amor excessivo: pois, a essa causa se unem outras que são execráveis, como o assassinio, o terror, o controle, a força, germinada nos cadáveres dos outros povos que o nacionalista sucumbiu.

A l'amour du sol et du parler natal que l'on vante toujours benoîtement comme la source du patriotisme, se mêlent donc l'avidité du pillage et la haine de l'étranger pour faire éclore cette fleur hydride que l'on célèbre volontiers comme la plus bell! Pourtant, les progrès moraux et intellectuels réalisés pendant le cours des générations ont dessinée bien des yeux: plusieurs même commencent à comprendre combien cet égoïsme "ethnocentrique" est absurde chez les autres, mais ils ne veulent pas admettre qu'il soit aussi niais chez eux-mêmes²⁸⁷ (RECLUS, 1905, vol. 5, p. 305).

Reclus (1905, vol. 5, p. 306, 307, 308), busca associar a posição do patriota à noção de pátria e suas justificativas insustentáveis da fronteira natural, o que na verdade o humano chama de limite natural. "Les patries, telles chaque homme d'État a pour 'devoir' de les exalter au-dessus des autres nations, ne donnent lieu qu'à des raisonnements faux et à des complications funestes." Depois de negar a validade do Estado nacional e suas elucubrações teóricas de inventividade nacional, o geógrafo anarquista nega também a ideia de fronteiras naturais. "Et tout d'abord, ce que les diplomates rabâchent à propos de 'frontières naturelles', qui séparaient les États en vertu d'une sorte de prédestination géographique, est dépourvu de raison, il n'y a point de frontières naturelles dans le sens que leur donnent les patriotes." Além do mais, destaca que, qualquer fronteira é obra somente dos homens, mesmo no caso daquelas

passa a compreender também como o território é fechado e rodeado, do qual não existem outros homens que não sejam inimigos"

²⁸⁷ Ter amor a terra, de poder chamá-la de natal, em que a gente gaba sempre candidamente como a fonte do patriotismo, se mistura à avidez da pilhagem e do ódio ao estrangeiro, fazendo desabrochar esta flor híbrida que se celebram com muito prazer como a mais bonita. Portanto, o progresso moral e intelectual realizado durante o decorrer das gerações ilustrou muitas perspectivas: muitos, atualmente começam a compreender o quanto este egoísmo "etnocêntrico" é absurdo contra os outros, mas eles não querem admitir que também foram tolos, por sua parte.

que são efetivamente obra da natureza, são os homens que lhe dão significado, porquanto, eles mesmo podem destruí-las ou não reconhecê-las. “Les cas des îles, telle la Grande Bretagne, mis à part, toutes les bornes plantées entre les nations sont des oeuvres de l’homme, et rien n’empêcherait qu’elle fussent déplacées ou simplement réduites en sable ou en mortier.”²⁸⁸

No lugar da ideia de fronteira nacional o geógrafo das liberdades defende as zonas fronteiriças naturais, não como barreiras, mas como interlúdios entre modos de vida, mas que ainda permaneçam as relações dos dois lados. Nesse sentido, ele dá o exemplo dos povos situados nas bordas dos pireneus, unidos de cada lado da crista montanhosa pelos *facieres* ou *paseries*, que deriva de paz, contratos por períodos diversamente variados em que estipulavam pactos de amizade, valendo em tempo de guerras, e os habitantes dos dois lados da montanha poderiam se comunicar, comercializar e integrar-se entre si.

Outro posicionamento sobre fronteira encontra-se no capítulo 10, sobre Roma, no volume 2, em que na ocasião, Reclus (1905, vol. 2, p. 483 - 484) aborda a suposta ideia de fronteira constituída pelos limites naturais, como que sendo imutável, uma dádiva; a crista dos montes caracterizaria o limite, que com as convenções políticas dão legitimidade a estas formações, sendo fortalecida pelas fortificações e centros militares, sobrepondo os cumes de natureza livre, tomados pelos viajantes e sociedades autônomas. “En fait, la vraie limite des pays n’est pas la ligne idéale qui rejoint cime à cime, mais c’est la base des escarpements, là où se produit le contraste entre les pratiques de la culture, entre les industries locales, les moeurs, le rythme de l’existence.”²⁸⁹

A partir dessa ideia, Reclus (1905, vol. 5, p. 318) contesta profundamente o direito do Estado nacional de integrar diferentes povos dentro de uma mesma fronteira, ou de separar uma mesma identidade entre dois Estados, reconhecendo o fator libertário da associação sem a coação, defendendo a autogestão, a autonomia individual, e a capacidade da sociedade organizar-se espontaneamente, rompendo com os limites fronteiriços convencionais, que só servem para dividir. Ele aceita somente as

²⁸⁸ “As pátrias, tais qual cada homem de Estado tem por ‘dever’ exaltá-las acima das outras nações, explicam-se somente através de raciocínios falsos e de complicações funestas.” “Primeiramente, o que os diplomatas enfatizam com relação às ‘fronteiras naturais’, que dividem os Estados em virtude de uma espécie de predestinação geográfica, está desprovido de qualquer explicação racional, portanto, não existe fronteiras naturais no sentido que dão-lhes os patriotas.” [...] “O caso das ilhas, tal como a Grã Bretanha, é uma exceção, pois todos os limites constituídos entre as nações são obras do homem, e nada os impediria que fossem deslocados ou simplesmente reduzidos à poeira ou sedimentos.

²⁸⁹ “De fato, o verdadeiro limite entre países não está na linha ideal que alcança o topo, mas está na base das escapas, lá onde se produz o contraste entre as práticas da cultura (cultivo, agricultura), entre as indústrias locais, os costumes (gêneros de vida), onde está o ritmo da existência.”

composições territoriais oriundas da comunhão dos modos de vida ao uso do território, que por sua vez, são móveis, e partem da premissa da mudança, integração e da troca. Ele também nega a naturalização das fronteiras, o essencialismo territorial ou regional, sempre estático, que por outro lado, no seu lugar, projeta a necessidade dos territórios autônomos, móveis, espontâneos e ácratas.

Pour justifier l'existence des frontières, dont l'absurdité saute quand même aux yeux, on tire argument des nationalités, comme si les groupements politiques avaient tous une constitution normale et qu'il y eût superposition réelle entre le territoire délimité et l'ensemble de la population consciente de sa vie collective. Sans doute, chaque individu a le droit de se grouper, de s'associer avec d'autres suivant ses affinités, parmi lesquelles la communauté des moeurs, de la langage, d'histoire est la première de toutes en importance, mais cette liberté même du groupement individuel implique la mobilité de la frontière; combien peu en réalité le franc vouloir des habitants est-il franchement d'accord avec les conventions officielles.²⁹⁰

No conjunto dessa crítica à expansão territorial e imposição imperial de nações hegemônicas sobre minorias étnicas, por exemplo, o geógrafo da geopolítica libertária levanta questionamentos ao sentido da colonização e do imperialismo nas terras distantes, salientando que a academia, com suas escolas nacionais, fortaleceram o sentimento opressor calcado na ideia de raça superior, justificadora de brutalidades etnocêntricas. Também, ele se atém aos exemplos internos à Europa, caso do pan-eslavismo, e principalmente do pangermanismo, calcado nas conjecturas de Bakunin (2009), em *Estatismo e Anarquia*, para denunciar o etnocentrismo. O geógrafo relaciona a agressividade do patriotismo expansionista, durante o século XIX, ao mecanismo que fomenta a consciência ilusória de nacionalismo, apregoada pela necessidade de expansão territorial, plantada pelas universidades e centros do saber na consciência coletiva europeia.

No capítulo 4, *Russes et Asiatiques*, do volume 5, por exemplo, Reclus (1905, vol. 5, p. 435) chama a atenção para o fanatismo imbuído nos modelos expansionistas territoriais tanto da Rússia quanto da Alemanha, como modelos que vêm se perpetuando no curso da história, repassando essa tradição de opressão das minorias e concentração de território e de poder. “Le pangermanisme, qui avait été précédé par le panhellénisme,

²⁹⁰ Para justificar a existência das fronteiras, em que o disparate ainda salta aos olhos, busca-se argumentos nas nacionalidades, como se todos os agrupamentos políticos fossem uma constituição normal e que tivessem sobreposição equânime entre o território delimitado e o conjunto da população consciente de sua vida coletiva. Sem dúvida, cada indivíduo tem o direito de se organizar, de se associar com os outros alinhando suas afinidades, entre as quais, a comunhão dos modos de vida, da linguagem, da história é a primeira em importância, mas esta própria liberdade de agrupamento individual implica na mobilidade da fronteira; é infimo, na realidade, o real valor dos habitantes que francamente concordam com as convenções oficiais.

devait donner naissance à d'autres tentatives de groupement par races, vraies ou prétendue telles: le panslavisme a trouvé également ses fanatiques."²⁹¹

Já, especialmente no capítulo 7, do volume 6, *L'État Moderne*, é onde se encontra, de forma mais explícita, o posicionamento de Reclus com relação ao papel do Estado-Nação para a sociedade e o espaço geográfico. Nas suas primeiras páginas é apontada a tendência instintiva das nações hegemônicas em tomar parte nos negócios comuns do mundo, elemento que se tornou mais corriqueiro na história contemporânea, na qual a Europa, por congregar grande parte dessas hegemônias e por sua composição como uma espécie de república de Estados-nações, tomou frente nesse jogo de vigilância global. Por outro lado, na mesma Europa, pela forte relação dos trabalhadores entre os países europeus, numa perspectiva internacionalista, em virtude de seus interesses comuns de classe, pois o modelo de apropriação do espaço marcado pela industrialização quase que se tornou isotópico entre as mais diversas nações, também proporcionou o interesse da criação de uma grande confederação socialista de povos europeus.

De um lado, os interesses supranacionais conservadores e centralizados das potências hegemônicas e suas burguesias dirigentes, do outro, a contestação do modelo estatal e capitalista de organização política do território, na busca de construir a mentalidade internacional socialista entre as nações, enfrentando os abismos da desigualdade e os mecanismos de opressão dos trabalhadores. Mas o modelo que prevaleceu foi o que ele chamou de *solidariedade conservadora dos Estados*. Este modelo de confederalismo estatal transveste o papel da autoridade embutido na base dos fundamentos do Estado-Nação. Ele dá a impressão que o tempo do autoritarismo e do absolutismo foi superado pela república constitucional parlamentar, pelo sufrágio universal e pelos direitos democráticos concedidos pela classe dominante para aliciar as massas.

Mas na opinião de Reclus (2010g²⁹², p. 16), “o fato brutal da autoridade persiste contra o direito, simultaneamente na família, na sociedade, no Estado; ele persiste, mas admitindo seu contrário, mesclando-se com ele em mil combinações ilógicas e bizarras.” Esse princípio de autoridade funciona como a chave para o controle e centralização do território por um ou vários dirigentes. “Um conquistador passa, demarcando as fronteiras, e, de repente, os súditos, por causa da autoridade, têm de

²⁹¹ “O pangermanismo, que havia sido precedido pelo pan-helenismo, devia dar nascimento a outras tentativas de agrupamento por raças, genuínas ou pretensas: o pan-eslavismo encontrou igualmente seus fanáticos.”

²⁹² Este capítulo já se encontra traduzido para o português por Plínio Augusto Coêlho.

modificar seus sentimentos, orientar-se para um novo sol” (RECLUS, 2010g, p. 19). E para contestar a naturalização do princípio da autoridade, Reclus (2010g, p. 28) cita o exemplo do representante dos povos Cherokees, falando para uma assembleia geral das tribos indígenas, em 1872, e dá também sua posição sobre o assunto:

O estado de transição entre a submissão de todos a um único, forma normal da monarquia, e agrupamento livre e espontâneo dos homens funcionando em harmonia, forma ideal da humanidade, é marcado por constituições, cartas, estatutos que devem forçosamente mudar com o tempo, não apenas porque a nação à qual são aplicados evolui mais ou menos rapidamente, mas também porque essas convenções, promulgadas com tanta solenidade, não são absolutamente obras originais, provindo da vontade precisa do povo; são em sua maioria cópias, mais ou menos hábeis, de outros documentos do mesmo gênero, e, assim como as leis, representam sempre os interesses exclusivos da classe dirigente.

Parafraseando Bakunin (1979), Reclus (2010g, p. 29) advoga contra o sentido da autoridade, “pois não pode haver sociedade verdadeiramente livre enquanto um único homem permanecer subjugado no planeta terráqueo,” e para que isso ocorra, a construção ou a evolução para um mundo mais libertário, é preciso que ocorra a revolução, diz Reclus (2010g, p. 35 - 36): “portanto, é errôneo ver nas revoluções simplesmente o efeito de um instinto de destruição que excitaria as massas populares e as levaria a destruir.” Não há apenas esse instinto, mesmo sabendo que a destruição é a forma mais fácil de ação: “é preciso levar em conta, sobretudo, a vontade coletiva proveniente das condições gerais da sociedade.” As mudanças bruscas são necessárias, pois a vida não se manifesta mais pelos mesmos atos, ela alimenta energias até então dormentes, penetra novos canais como a água comprimida por um pistão; “mas, quaisquer que sejam as transformações, a persistência da força não pode prevalecer.” Nesse entendimento, Reclus (2010g, p. 64 -65) nega a revolução social sustentada na ação militarizada:

Deixados por si mesmos, os exércitos jamais tomaram partido pela liberdade de um povo contra tiranos hereditários ou usurpadores: em toda a ocasião, eles puseram sua força a serviço de algum déspota. Habitados à obediência passiva, jamais compreenderam uma sociedade livre; eles próprios subjugados aos chefes, ajudaram na subjugação da população civil.

Não bastando, a autoridade partindo do seio familiar, da igreja, do Estado, do patrão, entre outros, ela se sofisticou, convertendo-se em autoridade absoluta indizível em todas as instâncias da realidade social, e ironicamente, diz Reclus (2010g, p. 74), todos os avanços na evolução histórica recente provocou

nas regiões ditas civilizadas uma aliança mais íntima entre os governos contra os povos e, em cada Estado, mais estreita cumplicidade entre os corpos constituídos, clero, magistratura, exército, contra a massa explorável da população [...]. Cada vez mais, os chefes e as classes dirigentes compreendem o interesse que eles têm na opressão metódica da massa de súditos, sem os sobressaltos da guerra, e sua principal preocupação é preparar todo o seu instrumental de defesa contra o povo no caso de ele manifestar a mínima veleidade de independência.

Da mesma forma, diz o geógrafo ácrata, nos diversos Estados, os órgãos do poder, outrora completamente distintos e vivendo sobre um fundo de tradições próprias, encerravam-se em seu espírito de corporativismo e professavam uma moral bem particular, toda ela voltada à glorificação de sua casta especial. Aparentemente impossível esse projeto, em virtude de todas as hierarquias existentes entre as próprias classes dominantes, mesmo assim, elas se uniram. Do lado oposto da fronteira do poder, todos os movimentos de emancipação, lamenta o autor na página 78, ainda que revoltados frequentemente, se ignoram uns aos outros, e conservam inclusive suas inimizades e seus rancores atávicos. Apesar da desunião, na mesma página, destacam-se as iniciativas das feministas em defender a autonomia da mulher, se dirigindo ao encontro das prostitutas e daquelas que simpatizavam pela causa da libertação feminina. A união dos oprimidos tem que acontecer, pois a luta de classe é injusta de um lado da fronteira. Para Reclus (2010g, p. 86), essas injustiças são fruto do princípio de autoridade:

A arrogância do burocrata que, protegido por sua posição, pode permitir-se ser grosseiro em relação a quem quer que seja, o “espírito” do magistrado exercendo-se às expensas do réu que ele vai condenar, a brutalidade do policial fazendo batida ou “espancando” os manifestantes, mil outras maneiras arrogantes da autoridade, eis o que mantém a animosidade entre governantes e governados.

Esse princípio de autoridade está em todas as instâncias, o poder está em todo lugar, conforme já foi dito, entre todas as classes, até mesmo entre os oprimidos, que entremeiam na máquina de exploração jogando o jogo constituído pelo Estado e a classe dirigente. “Assim como os ricos apoiam-se sobre a massa profunda dos pobres e dos famélicos semelhantes a eles pelos apetites e pelo amor ao lucro, do mesmo modo as multidões que os empregados de toda espécie oprimem, vexam e maltratam, apoiam indiretamente o Estado [...]” (RECLUS, 2010g, p. 91), porquanto se compõem de indivíduos que se ocupam de ambicionar empregos.

Mas Reclus (2010g, p. 92), antevendo a linha pós-marxista e pós-anarquista do debate do poder não mais centrado no Estado, debate esse sinalizado recentemente por Holloway (2003), já apontava para a perecível condição das forças estatais frente às outras muito mais sofisticadas modalidades de poder, caso das corporações capitalistas multinacionais, conglomerados empresariais, financeiros e o poder generalizado fora da dominância hierarquizada pelo Estado, agora presente em todas as instâncias, do micro ao macro, na imposição do controle e do poder. “O Estado perece, neutraliza-se por sua própria disseminação; no momento em que todos o possuem, ele cessou virtualmente de existir, é só sombra de si mesmo.”

E é justamente nessas fissuras, usando a expressão de Holloway (2013), que surgiram diante da máxima ampliação do papel do Estado no controle social, e agora da sua transição de poder para as mãos do capital empresarial, muito mais fluído, difuso, pulverizado, presente em todos os espaços, mas também, com mais fissuras ainda, que Reclus (2010g, p. 92 – 93) elabora sua reflexão acerca do projeto de anarquia do futuro: a revolta e a ação direta, ao invés da revolução jacobina totalitária; a autoconsciência individual, em defesa do anarco-individualismo e das associações autogestionárias dos territórios da liberdade.

Assim, as instituições esvanecem no momento em que triunfam em aparência. O Estado ramificou-se em toda parte, mas também em toda parte mostra-se uma força oposta, outrora considerada nula e ignorando-se a si mesma, mas incessantemente crescente e doravante consciente da obra que realizará. Essa força, é a liberdade da pessoa humana [...]. Em nossos dias, os rebeldes multiplicam-se; sua propaganda assume um caráter cuja forma, menos passional do que outrora, é diferentemente científica; eles entraram na luta mais convictos, mais audaciosos, mais confiantes em sua força e encontraram nas condições da ambiência maiores facilidades para escapar do açambarcamento do Estado.

Doravante, Reclus (2010g, p. 93 – 94) tenciona sua reflexão para a estratégia de ação do revoltado: a ação direta. Diante da condição de fissuras generalizadas na superfície geopolítica da autoridade, da paisagem desigual e profundamente hierarquizada, no arranjo desequilibrado, autodestrutivo e trágico da produção capitalista do espaço contemporâneo, ele evoca a luta irrestrita pela liberdade.

Ao funcionamento social em nações distintas, separadas por fronteiras, e sob a dominação de indivíduos e de classes dizendo-se superiores aos outros homens, mescla-se e substitui-se, de uma maneira cada vez mais regular, aquele da ação direta pela vontade livremente exprimida dos homens que se associam por uma determinada obra, sem preocupação de fronteiras entre as classes e os países. Toda realização que se dá assim sem a intervenção dos chefes oficiais, fora do Estado, cujo pesado mecanismo e cujas práticas ultrapassadas não se prestem

ao movimento normal da vida, é um exemplo que pode ser utilizado para empresas mais vastas; e os antigos súditos, tornados associados, agrupando-os com toda independência, em conformidade com suas afinidades pessoais, com suas relações com o clima que os envolve e o solo que os suporta, aprendem a dispensar as tutelas que os guiavam tão mal, mantidas por homens degenerados e loucos.

A partir da possibilidade de união daqueles que se reconhecem como oprimidos urge a necessidade de superar as convenções de fronteiras impostas pelos devaneios nacionalistas, rompendo os limites formais fantasmagóricos da separação daqueles que sofrem semelhantes opressões, mas que estão do lado de lá da fronteira estatal, constituindo, desse modo, a união confederada dos interesses e das lutas dos trabalhadores, representada pela figura da A.I.T.

5.3.7 O confederalismo como prática territorial autogestionária

A mentalidade internacionalista do socialismo, sobretudo de cunho libertário, defende que a organização social, política, econômica e geográfica, pelo viés federalista, deve ser organizada de baixo para cima, conforme evoca Bakunin (2015) em seu *Federalismo, Socialismo e Antiteologismo*. Em *Estatismo e Anarquia*, a mesma compreensão é trazida pelo anarquista russo. “A organização política e econômica da vida social deve partir, por consequência, não mais como hoje, de cima para baixo e do centro para à circunferência, por princípio de unidade e de centralização forçada, *mas de baixo para cima e da circunferência ao centro*, por princípio de associação e de federação livres” (BAKUNIN, 2009, p. 20).

Para os anarquistas, principalmente Reclus, o confederalismo é uma organização política do território, e o território autônomo é o sentido desse modelo de estruturação política e social do espaço. Então, a luta pela descentralização da estrutura territorial, na busca da constituição da topologia integrada confederada, que parte do lugar, das associações locais de trabalhadores, das comunas, das regiões autônomas, dos territórios e nações autônomas, para congregar na federação internacional dos trabalhadores, que mantém a independência e a autogestão de cada ente confederado, é essencialmente, uma luta pela prática territorial autogestionária, é o protótipo da geograficidade libertária do futuro.

O modelo de organização política confederada, em síntese, é territorialmente autonomista. Por sua vez, nas discussões sobre organização política autonomista frequentemente buscou-se investigar o caráter estritamente gestor, ou melhor, da

organização política pura, deixando de lado a importância da categoria território para se pensar a governabilidade autonomista. Pensar a organização política partindo da categoria território é fundamentalmente dar importância ao substrato material, imbuído da categoria poder, que tem como função, receber os anseios de interação social, reorganizando as práticas de gestão e de transformação do território pela sociedade autônoma. Dessa forma, o território é uma das categorias centrais na configuração da sociedade libertária.

Os processos de territorialização exercido pelo Estado ou pelos agentes capitalistas são combatidos eminentemente pelas resistências políticas à centralização, que ao almejam o enfraquecimento do controle governamental, estabelecem a emergência de territorialidades libertárias. Nessas territorialidades está inserido o sentido multidimensional do poder, defendido por Raffestin (1993). A esse respeito, surgem as propostas de organização políticas menos centralizadoras e mais confederalizadas, onde novas territorialidades possam exercer a produção da autonomia social, na busca de uma sociedade menos desigual e mais libertária. Não é suficiente a organização do território sob as bases liberais ou do socialismo autoritário. O federalismo republicano é a reprodução do controle governamental e da opressão sutil dos regimes democráticos representativos, conforme demonstra Proudhon (2001, p. 91 – 92), que, em *Do Princípio Federativo*, será pioneira a defesa ácrata desse modelo de organização do território.

Em resumo, o sistema federativo é o oposto da hierarquia ou centralização administrativa e governamental a qual distingue, *ex aequo*, as democracias imperiais, as monarquias constitucionais e as repúblicas unitárias. A sua lei fundamental, característica, é esta: na federação, os atributos da autoridade central especializam-se e restringem-se, diminuem de número, de intermediários, e se ousa assim dizer, de intensidade, na medida em que a Confederação se desenvolve pela acessão de novos Estados. Nos governos centralizados, ao contrário, os atributos do poder supremo aumentam, estendem-se e mediatizam-se, colocando na competência do príncipe os assuntos das províncias, comunas, corporações e particulares, na relação direta da superfície territorial e do número da população. Daí essa sobrecarga sob a qual desaparece toda a liberdade, não só comunal e provincial, mas mesmo individual e nacional.

Para além do federalismo republicano e socialista centralizador, Bookchin (2012, p. 89), por exemplo, invoca o confederalismo libertário, de base pós-anarquista, em que inclui o elemento holista da relação sociedade e meio ambiente, do equilíbrio socioambiental, semelhante ao que fez Reclus, negando por sua vez, as estruturas monopolistas de cunho global, como também, às estruturas micropolíticas, paroquialistas, de cunho local.

O confederalismo como um princípio de organização social atinge o seu pleno desenvolvimento quando a economia em si é confederalizada pela criação de fazendas locais, fábricas e outros empreendimentos necessários sob controle municipal – isto é, quando uma comunidade, grande ou pequena, começa a gerenciar seus próprios recursos econômicos em uma rede interligada com outras comunidades. Neste sentido, forçar uma escolha entre a autossuficiência por um lado, ou um sistema de mercado baseado na troca por outro, é uma dicotomia simplista e desnecessária. Eu quero crer que uma sociedade confederalizada e ecologicamente consciente seria uma sociedade fundamentada no compartilhamento, baseada no prazer sentido na distribuição de recursos entre as comunidades de acordo com suas necessidades, e não aquela em que comunidades “cooperativamente” capitalistas ficam atoladas nas confusões geradas pelas relações de troca.

Reclus (1905, vol. 2) vai buscar bem mais longe, no curso da história, sua noção de confederalismo, gestada no seio da vitalidade pretérita dos povos nativos da América, com suas práticas confederadas; também, nos gregos antigos, pelas experiências democráticas internacionalistas, que dois mil anos depois os trabalhadores europeus buscaram construir. O personagem principal do arcabouço teórico do internacionalismo fraternalista grego não se deve, somente a Platão, aponta o geógrafo francês, muito preso aos sistemas de controle social e de moral cívica; mas a Diógenes, criador da escola cínica, filósofo que muito agrada o anarquista geógrafo, por negar a divisão de classes e ser absorto ao espírito patriótico de nação. Além do mais, o filósofo cínico define como marca de seu pensamento o amor à natureza, é um árduo defensor da emancipação individual, sempre submetida ao despotismo governamental, e principalmente, este foi o fundador ético do internacionalismo libertário, emitindo suas bravatas anarquistas, ao afirmar ser *um cidadão do mundo*, cosmopolita.

De cité à cité, les hellènes s'étaient reconnus comme fils d'ancêtres communs, cohéritiers d'une même langue et d'une même civilisation, créateurs d'un même type social. [...] Jamais le principe de la grande fraternité humaine ne fut proclamé avec plus de netteté, d'énergie et d'éloquence que par des penseurs grecs: après avoir donné les plus beaux exemples de l'étroite solidarité civique, les Hellènes affirmèrent le plus hautement le principe de ce qui deux mille ans après eux s'appela "l'Internationale"²⁹³ (RECLUS, 1905, vol. 2, p. 364).

Além dos povos indígenas e dos helenos antigos, no período da Idade Média Reclus (1905, vol. 4) destaca as federações das comunas libertárias, como por exemplo, o caso espanhol, especialmente os povos bascos. Essas federações eram constituídas

²⁹³ De cidade em cidade, os helenos eram reconhecidos como filhos dos ancestrais comuns, como herdeiros de uma mesma língua e civilização, criadores de um mesmo tipo social. [...] Nunca o princípio da grande fraternidade humana foi proclamado com tanta nitidez de energia e de eloquência do que pelos pensadores gregos: após ter dado os mais belos exemplos da estreita solidariedade cívica, os helenos elevaram ao grau mais alto este princípio, que dois mil anos após ficou conhecido como “a Internacional”.

pelas comunidades livres que gozavam de autonomia administrativa, resguardadas de possíveis arregimentações centralizadas pela característica geográfica da natureza. O autor diz, na página 14, que os Bascos ou os Euscaldunac, que vivem no extremo ocidental dos Pireneus, sobre as duas vertentes da Espanha e da França, estão entre aqueles povos da Europa que mantêm longa independência política e profundo amor à liberdade e a forma do relevo que lhes protege. As três províncias bascas formam uma federação, cuja palavra *Irurat-bat* significa essa união, e se juntam espontaneamente também à Navarra, integrando e transformando seus costumes, paixões políticas, dialetos, evoluindo-se independentemente.

Essas fraturas em meio ao modelo feudal europeu foram se integrando em redes de aldeias e de vilas, convertendo-se, mais tarde, em bairros e cidades autônomas, fortalecidas pelas tradições de liberdade política e administrativa. Para o geógrafo *communard* as federações urbanas medievais têm sua origem nas aldeias autônomas, que outrora, foram profundamente integradas ao meio ambiente e as condições geográficas, semelhante ao debate bookchiniano do municipalismo libertário.

La cité du moyen âge normalement constituée nous apparaît comme le produit naturel de deux éléments d'association: d'abord celui des individus groupés suivant leurs intérêts de profession, d'idées, de plaisir, puis celui des voisinages, des quartiers, petites unités territoriales qui ne devaient point être sacrifiées au centre de la cité. Ainsi la ville type était à la fois une fédération de quartiers et de professions, de même que celle-ci était une association de citoyens. Par extension, des communes urbaines ou rurales s'unissaient en ligues: une confédération [...] ²⁹⁴ (RECLUS, 1905, vol. 4, p. 18).

E é interessante notar, conforme discorre o geógrafo *communard*, na página 19, que a história confirma toda evidência da origem natural e espontânea desses municípios confederados, nascidos das condições do meio geográfico e da necessidade de associação dos interesses. A geograficidade da necessidade promoveu esse estágio municipalista libertário, que constantemente era palco das lutas sangrentas na defesa contra as impulsões centralizadoras. Alinhadas ao projeto socioambiental da geograficidade reclusiana, essas federações buscavam unir os camponeses e os trabalhadores urbanos pelas relações econômicas comunistas, estando para além das fronteiras políticas, superando as tensões entre as classes, chegando ao

²⁹⁴ A cidade medieval, normalmente constituída, nos apresenta como o produto natural de dois elementos de associação: em primeiro lugar, aquele dos indivíduos agrupados seguindo seus interesses de profissão, de ideias, de prazer, e em segundo, aquele das vizinhanças, dos bairros, pequenas unidades territoriais que não deviam, portanto, ser submetidos ao centro da cidade. Assim a cidade principal era ao mesmo tempo uma federação de bairros e de profissões, da mesma forma em que era também uma associação de cidades. Por extensão, as comunas urbanas e rurais uniam-se em ligas: uma confederação [...].

internacionalismo confederado, que por vezes, não obtiveram êxito, mas garantiram um legado primordial para as sociedades futuras, diz Reclus (1905, vol. 4, p. 54):

En même temps que l'organisation communale se développait un mouvement de fédération entre artisans d'une même industrie et participants au même trafic. Sollicités par leurs intérêts solidaires, les marchands d'une cité s'associaient à des correspondants de cités voisines ou lointaines: un corps international naissait ainsi, indépendant des conditions de langues, de gouvernement et de coutumes. Dans chacune des villes alliées pour le commerce en general ou pour telle spécialité, la plupart des habitants n'ayant point d'intérêts communs continuaient de s'ignorer de marché à marché, tandis que de part et d'autre les bourgeois de la ligue fraternisaient par dessus terre et mer. Cette vie nouvelle, qui pénétrait le corps de l'Europe et créait à son usage un organisme nouveau, annonçait un monde futur complètement distinct de celui qu'on avait expérimenté jusqu'alors, régi par le pape ou par l'empereur, par les moines ou par les barons.²⁹⁵

Com a mesma linha de reflexão acima, das condições geográficas e das imposições autoritárias centralizadoras que aprofundaram as diferenças sociais, Reclus (1905, vol. 5), discorre, no capítulo 3, *Latins et Germains*, sobre o federalismo dos povos da região dos Bálcãs. Estes povos buscaram unir as regiões numa confederação autônoma, agregando povos diversos, até inimigos, solicitados pelos interesses gerais comuns, que havia nascido do caos e do emprego da força de Estados centralizados do centro da Europa, que não respeitavam os direitos individuais e nem das minorias étnicas.

Mas é no capítulo 20, do volume 5, *Internationales* que o geógrafo anarquista vai conceber sua noção contemporânea de confederalismo internacionalista libertário. Este capítulo, o mais geopoliticamente libertário da obra, é onde se encontra a defesa direta da internacional operária, ao invés do centralismo democrático dos Estados; o debate sobre a guerra Franco-Prussiana e os efeitos do territorialismo expansionista; o federalismo espanhol, a Comuna de Paris e as demais comunas europeias; a forte crítica à expansão colonial, sobretudo africana e asiática, tendo como destaque, o caso da partilha da África e o papel da geografia nessa obra de dominação do espaço; entre outros assuntos da ossada geopolítica.

²⁹⁵ Conjuntamente à organização comunal, desenvolvia-se um movimento de federação entre artistas de uma mesma indústria e participantes do mesmo negócio. Solicitados pelos seus interesses solidários, os comerciantes de uma cidade associavam-se a correspondentes de cidades vizinhas ou distantes: um corpo internacional nascia assim, independente das condições de idioma, de governo e de costumes. Em cada uma das cidades aliadas pelo comércio em geral ou por tal especialidade, a grande parte dos habitantes, não tendo interesses comuns, continuava a ignorar-se de mercado em mercado, enquanto que em ambos os lados os burgueses da liga fraternizavam sobre terra e mar. Esta nova vida, que penetrava os corpos da Europa e criava a seu modo um organismo novo, anunciava um mundo futuro completamente distinto daquele que havia experimentado até então, regido pelo papa ou pelo imperador, pelos monges ou pelos barões.

O debate do texto se concentra na necessidade dos trabalhadores de se organizarem confederadamente na escala internacional, em defesa da justiça e de seus interesses comuns, que por sua vez, esse processo também estava em curso entre as nações hegemônicas. O autor já antecede a crítica a essas organizações supranacionais, supostamente internacionalizadas, no que tange a voz do oprimido, caso da ONU, formada cinquenta anos mais tarde, ou a possibilidade de se criar uma integração entre as nações europeias, transviando a ética almejada pelos trabalhadores, constituindo, mais tarde, a União Europeia, com seus mecanismos de poder. A união europeia defendida por Bakunin (2015), em 1867, tinha como interesse maior, a causa do trabalhador, e o federalismo socialista, seu modelo.

Pela epígrafe pode-se notar o quanto este capítulo é essencialmente socialista libertário: “A conciliação entre o Capital e o Trabalho é impossível, mas cada nova luta dá lugar a composições que se aproximam da justiça” (RECLUS, 2011g, p. 11). E para que o capital deixe de explorar o trabalho e que a justiça se faça qualitativamente, é preciso lutar e unir-se. Essa união, a A.I.T, nasceu, diz o autor, na página 15, espontaneamente entre trabalhadores e famélicos pertencentes a todas as nações, reconhecendo-se irmãos pela vontade comum. Se os astrônomos, geógrafos e viajantes haviam descoberto da unidade material do planeta, os operários haviam se unido, superando as diferenças de cada nação, para formar essa unidade moral, essa humanidade dos quais filósofos buscavam, que iniciou sua prática nas ruas lamacentas de Londres.

A internacional é o próprio produto da civilização contemporânea! Os trabalhadores escaparam da ignorância primeva; eles sabem e saberão cada vez mais que seus interesses são os mesmos aquém e além das fronteiras, em toda a superfície do globo, que sua pequena pátria encolherá incessantemente, comparada à grande pátria que é a Humanidade (RECLUS, 2011g, p. 19).

O outro movimento de internacionalização em curso no mundo foi aquele realizado pelas potências hegemônicas, esquadrihando o espaço com ferrovias e telégrafos, perfurando túneis, ligando regiões distantes, abrindo canais, aproximando continentes, caso do Canal de Suez, como também, o início das obras do Canal do Panamá. O papel das ferrovias transcontinentais nos Estados Unidos e no Canadá, na Europa, na Rússia, devem ser remarcados, além das entradas e repartições de terras até então fechadas, como o centro do continente americano, a integração do oriente com o ocidente, até as explorações nas zonas polares ou no coração da África equatorial.

Tudo isso, na opinião do geógrafo libertário, é muito positivo, se fosse feito para realmente destruir as fronteiras, vencer as limitações geográficas, libertar o isolamento e a separação entre pessoas, acelerar o tempo e integrar sociedades, tornar o espaço melhor utilizado, mas não é isso que ocorre. Os canais geram maior controle sobre as rotas marítimas, as estradas promovem o acesso a territórios que estavam protegidos da opressão, o domínio territorial aciona conflitos e impactos ambientais, as técnicas de comunicação são conduzidas pelas potências, centralizando e fortalecendo sua hegemonia sobre todas as partes da terra. O internacionalismo geográfico deve ocorrer em comum acordo com o internacionalismo social, que deve suplantar o internacionalismo do capital. A partir desse momento, Reclus (2011g) passa a narrar todos os recentes conflitos e disputas territoriais oriundas do movimento de internacionalização do capital.

Dentre esses conflitos nascidos da internacionalização do capital, que pela sua própria natureza, necessita da imposição do poder e do consumo de territórios para manter-se hegemônico, é abordado o caso do pangermanismo, como sua expansão sobre a França. Ainda não satisfeito, o governo imperial alemão, junto com as demais potências europeias, realizou conferências de geografia para conquistar a África e todos os seus recursos naturais. Seguido a esse movimento, veio Comuna de Paris, tentativa de se quebrar essa lógica modelar de expansão do capital. Muito embora, a mesma não se efetivou, segundo a opinião do geógrafo *communard*, pois os cidadãos não puderam conduzir efetivamente, por sua própria vontade em comunhão, a revolução social necessária. Limitaram-se a ação dos delegados armados e de sua entorpecida loucura governamental, convertendo tudo novamente em técnico-burocracia estatal. A própria diversidade no interior do movimento socialista foi responsável pelo fracasso da Comuna, como também sua pouca aptidão para a ação. “O mundo que observava Paris pôde inclusive constatar com estupefação o quanto as ideias da fraternidade dos povos, proclamadas pela Internacional, haviam-se tornado uma realidade viva” (RECLUS, 2011g, p. 48). Mas as esperanças, novamente foram frustradas, imediatamente vieram o massacre aos *communards*.

Outras comunas tiveram também seu papel, como a de Cartagena, que se aproximou muito do ideal de igualdade e fraternidade entre os cidadãos e combateu mais francamente os problemas sociais. “O princípio de Federação, que parece escrito sobre o próprio solo da Espanha, onde cada divisão natural do país conservou sua perfeita individualidade geográfica, pareceu estar a ponto de triunfar” (RECLUS, 2011g, p. 56). E realmente o geógrafo libertário, acertadamente, anteviu que nesse solo

hispânico nasceria uma confederação anarco-sindicalista, sendo coerente a sua análise de sinalizar essa tradição desde a Idade Média com o federalismo árabe, passando pelas comunas medievais e as lutas do século XIX, concretizando apenas em 1936, que infelizmente não pôde ser presenciada pelo geógrafo francês.

Seguindo a reflexão do imperialismo como força motriz do internacionalismo do capital, na página 60, Reclus (2011g) debate que, para além do imperialismo europeu, já consolidado e com método específico de intervenção, surge o imperialismo estadunidense, que desde a doutrina Monroe, introduziu no cenário geopolítico novas modalidades de intervenção imperial. Cita o caso de Cuba, que combatendo a opressão espanhola, viu seu vizinho rico do norte observando de perto a destruição das forças, para, no momento certo, iniciar seu projeto de controle por todo o Caribe. A perda de Porto Rico, Ilhas Virgens entre outros pontos no mar caribenho, além da neutralização da ilha cubana, é uma questão de tempo, antevês novamente o geógrafo da geopolítica libertária.

Esse internacionalismo do capital se configura na contramão do confederalismo internacionalista dos trabalhadores, pois ele apoia-se, justamente, na possibilidade de abrir caminho e entrar nos territórios, integrar e controlar essas terras, para depois ser cotado como protetores desses povos violentados. Tudo isso é justificado pela tutela do direito constitucional, naturalizado pelas conferências formais e pelas instituições supranacionais. Na página 70, é dito: o mundo oficial, portanto, ampliara-se singularmente desde o tratado de Westfália, mesmo depois do congresso de Viena! Além disso, a linguagem dos diplomatas havia mudado. O interesse é conquistar para depois tornar essas regiões distantes parte da divisão territorial, convertendo-as em dependências do capital imperial monopolista.

Por outro lado, elas [as potências] sabiam que conquistas feitas em países distantes sobre povos reputados bárbaros ou selvagens ser-lhe-iam perfeitamente perdoadas, atribuídas, inclusive, mérito e glória. Foi, portanto, com o encorajamento tácito de seus povos que os governos da Europa puseram-se a despedaçar a África, a Ásia e a Oceania, para distribuir entre eles os pedaços e construir seu império colonial. No começo do século XX, as potências quase concluíram a partilha da África [...]. Atualmente, o continente africano pode ser considerado como sendo apenas uma simples dependência política econômica da Europa (RECLUS, 2011g, p. 70 – 71).

Apesar de todo o contexto, Reclus (2011g, p. 97) se mostrou otimista diante do futuro, crendo na possibilidade de ainda se concretizar o projeto de federalismo fraterno internacional. “Entretanto, acima dessas nações e daquelas que as governam, já aparece, e cada vez mais claro, uma imagem maior, aquela do gênero humano constituindo-se

em organismo unitário.” Mas o autor reconhece a tarefa difícil, pois sabe da nova fase do capital, internacionalista, ou global, onipotente e financeiro, em que o mercado poderoso, mais do que o Estado, é seu principal aliado, e nesse processo, o trabalhador está ainda mais controlado.

Em cada país, o Capital busca controlar os trabalhadores, igualmente sobre o grande mercado do mundo; o Capital, aumentado desmedidamente, indiferente a todas as antigas fronteiras, tenta fazer trabalhar em seu benefício a massa dos produtores e garantir para si todos os consumidores do globo, selvagens e bárbaros tanto quanto civilizados. [...] Atualmente, a onipotência do Capital e seu caráter internacional são fenômenos tão bem estabelecidos que se fala simplesmente como de um fato consumado, da substituição próxima dos governos pelos bancos, pela gerência da administração bem como das empresas da paz e da guerra (RECLUS, 2011g, p. 101).

Finalizando a reflexão do capítulo, Reclus (2011g, p. 102 – 103) aborda a profunda contradição entre os interesses do capital e do trabalho, trecho esse da epígrafe, no intuito de demonstrar que, o projeto fraternalista internacional dos trabalhadores somente será possível quanto este negar o sentido profundo e a necessidade de existência do capital, reestabelecendo as antigas, genuínas e equitativas relações de mutualidade entre todos os seres e o espaço geográfico, somente quando verdadeiramente a existência for conduzida pela perspectiva da geograficidade libertária, da experiência e prática espacial harmoniosa.

É que a contradição econômica é absoluta entre o Capital e o Trabalho. Enquanto o primeiro tem por tendência natural reduzir à escravidão todos aqueles que penam a seu serviço, o segundo só pode periclitir, aviltar-se, afundar na vil rotina se ele não é livre, espontâneo, alegre, criador de força pessoal e iniciativa. A conciliação desses dois contrários, quadratura do círculo buscada por boas almas, é impossível, todavia, a cada nova luta, o resultado dá lugar a composições temporárias que, se há progresso, aproximam-se gradualmente da justiça, comportando a livre participação de todos os homens no trabalho, em seus produtos e nas maravilhas que ele descobre.

CAPÍTULO 06

PRESENÇA DA GEOGRAFICIDADE LIBERTÁRIA DE RECLUS NA GEOGRAFIA CONTEMPORÂNEA

Neste capítulo conclusivo do trabalho, depois de ter demonstrado, pela voz de Élisée Reclus, trechos e elementos principais de sua geofraficidade, a tarefa limita-se ao papel do transbordamento desta geofraficidade a partir de sua morte. A intensão primeira é dar subsídios para a compreensão da extensão deste pensamento geográfico, mapeando, delineando ou somente avistando no horizonte distante do atual século XXI as sinuosidades desta paisagem imaginária do saber, outrora nascido no final do século XIX.

Como suporte metodológico para o desenvolvimento dessa atividade tem, como subsídio, a produção teórica e acadêmica sobre a geografia de Reclus entre os anos de 1883 a 2000, data limite da atualização encontrada em Ronco (2012). Vale lembrar que o ano de 1883 é utilizado como marco desta empreitada, pois é o momento em que aparece o primeiro trabalho publicado sobre Reclus. A partir dos anos 2000, figuraram inúmeros trabalhos sobre a geografia reclusiana, principalmente após o ano de 2005, centenário de sua morte, mas que no caso desta pesquisa não convém apresentar no corpo do texto deste capítulo, em virtude de sua grande maioria ter sido já utilizada ao longo dos outros capítulos do texto como subsídio teórico mais recente do pensamento de Reclus. Neste caso, é possível, em outra ocasião, elaborar um específico trabalho sobre a produção mais recente acerca das ideias e da geografia reclusiana.

O fato de abordar o que veio sendo publicado sobre Reclus ao longo do século XX, especialmente da sua segunda metade, sugestiona a reflexão sobre a presença deste pensamento na geografia mais atual, agora na metade da segunda década do século XXI. Apesar da extensão temporal de 1905 até hoje, ainda assim não se tencionou substancialmente elementos constitutivos desta geografia, que ainda se encontram ilesos da experiência e da prática do saber geográfico. Por outro lado, este tempo é extenso e por diversas mudanças o pensamento geográfico passou reconfigurando outros percursos ao saber, resultando nos dias de hoje na forma de fragmentos, estilhaçados de ideias. Em seu conjunto, o pensamento geográfico reclusiano, assentado na noção internacionalista fraterna do universalismo solidário libertário não encontra mais equivalência e validade diante da perspectiva ultramoderna da fragmentação, das instâncias disciplinares, do controle e dos micropoderes no complexo jogo micrológico

das relações sócio-territoriais, e macrológico das relações econômico-territoriais na esfera do glocal.

A presença da geograficidade reclusiana encontra-se fortemente edificada, mesmo com o estriamento provocado pelo tempo, na dimensão dissidente da mais recente geografia. Nesse espaço do saber parece que os jogos aliciadores do tempo-capital-global não conseguiram efetivamente abalar seu legado. Claro que as ideias de Reclus sofreram ajustes, atualizações, em parte elas foram negadas, o que pertencia ao passado foi deixado lá, mas, a essência libertária da prática espacial dissidente foi recuperada, reintroduzida como fundamento das novas radicalidades geográficas, das mais recentes práticas de enfrentamento que fissuram o capital atual.

É neste prisma que busca se utilizar o termo presença, não limitado ao rico viés fenomenológico de Heidegger (2000), mas partindo deste pressuposto, o colocando como aquela geograficidade que conseguiu superar os estágios de privações, as modalidades engajadas de apagamento, negligência e esquecimento, percorrendo longo trajeto subterrâneo por negar a centralidade ortodoxa acadêmica oficial do saber geográfico, afluindo novamente em momento mais propício às regiões heterodoxas, ora subalternizadas, dissidentes, por sua vez, descentralizadas, à margem das modalidades dominantes do centro do saber geográfico.

6.1 Esforço de continuação da geografia de Reclus na primeira metade do século XX

Para que os estilhaços da geograficidade reclusiana sejam ainda encontrados espalhados pela superfície do pensamento mais recente foi de suma importância o trabalho de recuperação e reapresentação operado pelas geografias de cultura anglófonas e francófonas. Mas antes, desde a morte de Reclus até 1950, muitos poucos trabalhos foram realizados sobre a geografia reclusiana, conforme pode ser observado no anexo 08. Período esse crucial de consolidação da escola lablacheana, rico em pesquisas e debates sobre os novos rumos da geografia, mesmo após a morte de La Blache, seus seguidores continuaram vigorosamente a constituição matricial francesa de geografia da primeira metade do século XX. Contrariamente a essa ebulição no pensamento geográfico francês, é a fase em que a geografia de Reclus recebe menor atenção, não havendo qualquer debate, diálogo ou confronto entre as ideias reclusianas e de matriz vidalina.

Esse profundo silêncio e quietude sobre o assunto somente terá suas primeiras considerações nos anos de 1970, na França, e mais recentemente com Robic (1993, 2009), no esforço de reaproximação, comparação e complementariedade existente entre geografia reclusiana e vidalina. É justamente no período mais crucial de maturação e reverberação do pensamento geográfico reclusiano, momento em que se está mais próximo e coerente à época de sua produção, é que a geografia oficial tomou a posição de virar as costas ao debate sobre o conteúdo da obra, evitando o confronto de ideias.

Levanta-se a tese aqui, e com base na perspectiva dada por Ferretti (2013b), de que sua geografia sempre foi muito reconhecida, e o geógrafo anarquista era um nome de peso no meio científico, amplamente conhecido e suas ideias eram fortemente difundidas, mas que, esse silêncio acerca de seu pensamento vincula-se ao teor heterodoxo contido nesta geograficidade. É o ponto fora da curva na linha visivelmente destacada do caráter acadêmico-científica da época, como também, a variedade temática, conceitual e de áreas, transbordando o esforço de sistematização e delimitação metodológica e do objeto geográfico, que fez com que este pensamento fosse negligenciado. Mas para além destas justificativas confortantes, há transversalmente na atitude policiada e ortodoxa da academia oficial o impulso de combate às heterodoxias do pensar e fazer saber geográfico.

Com base no anexo 08, é possível identificar o trabalho número 2, de Maurice Peyrot, de 1888, publicado em *La Nouvelle Revue*, como sendo o primeiro texto crítico ao pensamento geográfico de Reclus, momento em que ele ainda estava vivo. Na ocasião, Peyrot discorre sobre as características de sua *Nouvelle Géographie Universelle*, que estava em curso de publicação. Deste período até 1950 foram publicados 64 trabalhos sobre Reclus; destes, somente 17 são relacionados à sua geografia ou seu pensamento acadêmico-científico. Os demais 47 trabalhos vinculam-se a notas biográficas, principalmente no ano de 1905, textos sobre seu engajamento político, seu vínculo com o irmão Élie Reclus, curtas homenagens sobre sua vida e obra.

Pouquíssimos trabalhos sobre o conteúdo efetivo de sua geografia, merecendo destaque o número 7 (anexo 08), de Charles Delfosse; o número 19, de seu amigo Patrick Geddes, momento em que aborda sua vida, findada naquele ano, e sua obra de geografia; o trabalho de número 23, de seu também amigo Kropotkin. Somente em 1906, pode ser encontrado um primeiro trabalho mais contundente sobre a geografia reclusiana, este por sua vez, realizado por Jean Brunhes e Paul Girardin, os trabalhos número 32 e 33, sendo as primeiras expressões críticas à mentalidade geográfica reclusiana frente ao modelo lablacheano. Estes trabalhos, segundo aponta Lacoste

(1988, 2005), foram responsáveis por consolidar certos preconceitos ao pensamento de Reclus e por construir visões estereotipadas acerca de sua geografia, sendo esta tachada pelos críticos, especialmente Brunhes, como excessivamente sociológica. Os trabalhos número 41 e 43 relacionam ao papel de educador libertário e geógrafo, vinculando em 1908 a relação de Reclus com a pedagogia libertária. O trabalho número 54, segue também essa linha de vincular a geografia reclusiana à noção de saber como consciência, e não somente uma ciência despersonalizada do saber experienciado e reflexivo. Já o trabalho número 55 é a importante biografia de Reclus realizada pelo historiador do anarquismo Max Nettlau (1929), sendo importante fonte de contribuição para o entendimento do vínculo inseparável entre geografia e anarquismo no geógrafo *communard*.

De um modo geral, neste período não houve satisfatórias contribuições sobre o modelo e crítica do pensamento geográfico reclusiano, aparecendo trabalhos isolados, sem vínculo com a crítica dominante, podendo ser notada a falta de atenção das academias oficiais a esta modalidade geográfica, com a rara exceção dos curtos trabalhos de Brunhes e Girardin. Em contrapartida às cátedras oficiais, houve grandes esforços por parte de Nettlau, Geddes e Kropotkin ao defenderem esse espectro de geografia heterodoxa, da qual estes dois últimos faziam parte, como também a republicação e tradução de inúmeros trabalhos de Reclus pela Europa Ocidental, passando por países do leste europeu, norte da África, como Argélia e Tunísia, diversas outras republicações e traduções na América Latina e do Norte, conforme pode ser encontrado em Ronco (2012). Esse esforço de publicação e tradução de obras reclusianas é o que garantiu a sua recuperação na segunda metade do século XX, sobretudo nos Estados Unidos e na França.

6.2 A recuperação de Reclus pela matriz francesa na segunda metade do século XX

Após cinquenta anos de silêncio quase que absoluto nas academias sobre a geografia de Reclus, depois de 1950 vigoraram os primeiros trabalhos sobre o caráter do conteúdo dessa geografia subterrânea. Apesar de a primeira tese de douramento especificamente sobre a geografia de Reclus ter sido defendida somente em 1971, por Beatrice Giblin (anexo 08, número 83), já existiam qualificados trabalhos nos Estados Unidos sobre o assunto, país em que a geografia entrou mais cedo em sua fase de radicalização crítica, aderindo ao paradigma marxista, conforme evidencia Gintrac (2012); no caso da França, ainda segundo a autora, a transição entre o modelo crítico do

saber e o radical em terras francesas se deu de forma menos incisiva do que nos Estados Unidos.

A geografia de Reclus incidiu decisivamente sobre o movimento de radicalização da geografia estadunidense, projetando conflitos ideológicos entre a vertente socialista marxista e socialista libertária, mas também, promoveu acúmulo reflexivo sobre o paradigma social radical na geografia, diante dos corriqueiros temas reclusianos da exploração colonial, da segregação urbana, do imperialismo e capitalismo monopolista, da luta pela terra etc. O geógrafo anarquista funcionou, não somente nos Estados Unidos, mas também na França e Espanha e Itália como o epíteto do movimento de radicalização crítica do saber geográfico.

De 1950 a 2000 foram publicados 126 trabalhos sobre Reclus, com base na atualização feita por Ronco (2012); destes, 80 foram dedicados especificamente ao tema da sua geografia e envolvimento intelectual (anexo 08). Em relação aos mais de cinquenta anos anteriores, com somente 17 trabalhos, houve enorme acréscimo da produção de trabalhos nos últimos cinquenta anos. Isso denota a nova fase vivida pela geografia, alinhando-se às vanguardas radicais, principalmente pós-maio de 68, tornando-se um saber mais tolerante às margens e perspectivas heterodoxas, encontrando nos textos de Reclus elementos para esse movimento de radicalização em curso.

A matriz francesa de geografia foi responsável por recuperar e introduzir o pensamento de Reclus no debate acadêmico em voga na Europa, acompanhando os esforços de exumação e escavação arqueológica feita pela geografia estadunidense. Neste período, de 1950 a 2000, foram publicados 31 trabalhos pela matriz francesa de geografia, em grande parte na França e outros casos na Bélgica e Suíça. Destes trabalhos, pode ser destacado o de número 83, já citado anteriormente, de Giblin, significativo trabalho de recuperação e divulgação da geografia reclusiana, pois até então, na língua francesa, a maioria das pesquisas se relacionava somente ao seu engajamento anarquista ou a sua biografia, não havendo ainda uma categórica análise da geografia. Este trabalho de Giblin, juntamente com os demais de seu orientador Yves Lacoste, irá constituir uma espécie de escola ou matriz reflexiva sobre a geografia, especialmente a geografia política e a geopolítica presente na geografia anarquista de Reclus, articulando e aglutinando demais estudos e temas diversos sobre o autor ao longo do periódico *Hérodote*, podendo usar o exemplo dos trabalhos número 90 e 99, do anexo 08. Este último é o conjunto de inúmeros artigos especialmente dedicados ao

debate da geografia de Reclus pelos geógrafos que estavam em torno do projeto crítico radical da *Hérodote*, totalmente dedicada ao caso.

Outro momento de ampla recuperação e revisão da geograficidade reclusiana pela cultura francófona se deu no *Colloque Elisée Reclus*, de Bruxelas, de 1985 (número 108, anexo 08), momento em que procede ao impulso dado pela *Hérodote*, fortalecendo ainda mais esse movimento de retomada e debates. O trabalho número 110, apesar de ser uma biografia de Helene Sarrazin (1985), traz valorosas contribuições acerca do pensamento anarquista geográfico de Reclus, como este foi sendo tecido e elementos de sua organização. O trabalho 112 é o esforço de Pelletier trazer à tona a diferenciação da geografia reclusiana frente aos modelos ortodoxos de pensar o espaço, conduzindo a reflexão para a atualidade desta geografia.

No trabalho 119, Lacoste (1990) apresenta de forma inaugural a noção de geograficidade em Reclus, comparando sua forma de produzir geografia como pioneira na introdução da perspectiva de geograficidade, juntamente com Braudel e Gracq, em que estes três pensadores permeiam a noção de *paysages politiques*, obra esta muito importante para a consolidação do reconhecimento da validade da geograficidade reclusiana. Nesta mesma perspectiva simbólica, da significância material e imaterial da experiência e sensibilidade no geográfico, o trabalho número 126 tenciona para a relação entre geografia e poesia em Reclus, e o trabalho 127 diverge para a perspectiva educativa da natureza, em sua obra.

Os trabalhos 142, 143 e 144 são fruto do primeiro debate explícito em torno do pensamento reclusiano, que o correu entre a perspectiva dada por John Clark e Pelletier. O trabalho 151 coloca em cena um outro geógrafo motivado na defesa da recuperação e aplicação do inovador pensamento geográfico de Reclus, Paul Boino, que por sua vez, buscará tecer os propósitos e os fundamentos desta geografia negligenciada. Os trabalhos 158, 160 e 169 são exemplos do quanto o debate em torno da geografia de Reclus rendeu diferentes resultados e acepções no final da década de 1990, ora o colocando como o inventor do anarco-ecologismo geográfico, ora como pioneiro da geopolítica, como extraordinário geógrafo inovador da geografia física, entre outras noções.

Os trabalhos de 170 a 175 são todos de Giblin, momento em que a geógrafa constituiu uma série de publicações novamente em defesa da afirmação desta geografia como dorsal sustentadora da radicalização no pensamento geográfico do final do século XX. E para finalizar esse passeio sobre os trabalhos que sustentaram a defesa da geografia reclusiana pela cultura francófona é importante citar o trabalho 178, escrito por Lacoste (2005), emblemático artigo em que é inferido à Reclus o papel de ter

introduzido a ideia mais atual de geograficidade e de geopolítica na geografia, demarcando assim, na opinião do autor, o maior legado e a força da geografia reclusiana para a história do pensamento geográfico.

Antes de abordar a presença da geografia de Reclus na cultura anglófona é importante sinalizar que a Itália e a Alemanha foram os países em que apareceram nesses últimos cinquenta anos mais trabalhos sobre Reclus, com exceção dos países que falam inglês e francês. Na Itália foram cinco no total, podendo ser citado o número 104, 118 e 161 (anexo 08). Com relação à Alemanha, foram quatro no total, o número 85, 99 e 128. O trabalho 75, por exemplo, é o caso de uma publicação russa sobre a geografia de Reclus, além de terem trabalhos na Holanda e Sérvia, demonstrando a diversidade e amplitude que esta geografia alcançou, para além das academias da Inglaterra, França e Estados Unidos.

6.3 A presença da geografia de Reclus na cultura anglófona

Ao contrário do que é comumente difundido, a maior quantidade de pesquisas sobre a geografia de Reclus de 1950 a 2000 não são oriundas da cultura francófona, e sim, da cultura anglófona, com 35 trabalhos no total, e essas duas matrizes de pensamento são responsáveis pela maior parte da recuperação, debate e apresentação do pensamento geográfico de Reclus para o mundo. Além de estarem em maior número, esses trabalhos desenvolvidos nos Estados Unidos e na Inglaterra têm maior vigor qualitativo, principalmente quando são confrontados às inúmeras biografias francesas que passeiam rapidamente pela geografia de Reclus e que dão maior destaque a sua vinculação com o anarquismo e aos acontecimentos pessoais da vida. Os trabalhos franceses efetivamente engajados em mapear a geografia reclusiana são menos numerosos do que os trabalhos na língua inglesa. Estes, por sua vez, há muito mais tempo vêm se preocupando com o conteúdo formal e estrutural da geografia anarquista do *communard* geógrafo.

A forma como se lê e entende a monumental obra de Reclus não é tão múltipla quanto necessário, é falada e cogitada majoritariamente por somente duas línguas, por poucas culturas e formas de assimilar este pensamento. Grande parte do debate reclusiano centra-se em torno desses dois núcleos paradigmáticos da geografia crítica radical. Há a necessidade, obviamente, de outras vozes emitirem suas ressonâncias, principalmente em virtude do conteúdo da geograficidade reclusiana falar muito sobre Brasil e de toda a América Latina, toda a África, Ásia e Oceania, tanto quanto ou até

mais do que da Europa Ocidental e Estados Unidos. Em contrapartida, não se tem a visão do lado de cá da fronteira sul do que nossa geografia e nossos geógrafos têm a dizer sobre a invenção de terra operada por Reclus nessas terras pitorescas para a alteridade da mentalidade eurocêntrica.

Não satisfatoriamente, é inegável o exercício de ter que partir da reflexão feita pela matriz estadunidense e francesa, por ser maioria, para ter a possibilidade de debater a presença da geograficidade reclusiana na atualidade do pensamento. Mas este teve suas contribuições também pela geografia latino-americana, e se escavar ainda mais, é possível encontrar atividades sísmicas deste saber que ressoam em todas as regiões da Terra, dada a universalidade e a popularidade desta geografia.

Desde 1894, com o trabalho número 6, e especialmente em 1895, com os trabalhos 8 e 9 (anexo 08), já se encontram pesquisas sobre a vida e a obra de Reclus em língua inglesa. Desse modo, é inegável o pioneirismo estadunidense em estudar o pensamento geográfico reclusiano, que contrariamente aos trabalhos em língua francesa os de cultura anglófona há muito mais tempo já vinham investigando este tipo de geografia, não agarrados somente ao caráter biográfico do revolucionário.

Este pioneirismo também pode ser destacado através do fato de já em 1951 vigorar a primeira pesquisa que visava a recuperação da geografia reclusiana após a Segunda Guerra, movimento que somente veio amadurecer em 1971, com a já citada tese de Giblin. O trabalho de número 66, de 1951, de Griffith Taylor é a primeira manifestação estadunidense pós-guerra de olhar, mesmo que rapidamente, o conteúdo e a validade da geografia de Reclus. Já o trabalho 74, de Marvin W. Mikesell, *Observations on the writings of Élisée Reclus*, de 1959, é dedicado especialmente a este passeio pelas ideias da geografia reclusiana.

Semelhante ao que ocorreu na França acerca a recuperação das ideias geográficas de Reclus, será em 1974 (trabalho número 88), e 1975 (trabalho número 89, do anexo 08), que aparecerão trabalhos de Garys Dunbar, árduo defensor da geografia reclusiana nos Estados Unidos, que lado a lado com Beatrice Giblin, que está na outra costa do Atlântico. São os dois nomes mais significativos no processo de recuperação, debate, crítica e introdução do pensamento geográfico reclusiano do início dos anos de 1970, sendo assim, os responsáveis por edificar as bases desta geografia libertária como sustentação do movimento de radicalização da geografia. Neste ínterim, entre os trabalhos dos dois autores citados, vigora também o papel realizado por Stoddart (trabalho 91), em que busca introduzir também a importância de Kropotkin, juntamente com Reclus, nesse edifício fundador da geografia radical. Posteriormente, nos anos

1990, Kropotkin receberá enorme atenção por parte da geografia estadunidense. Entretanto, o trabalho 93, de 1978, de Garys Gunbar, intitulado *Elisée Reclus, historian of nature*, é considerada uma das análises mais completas da geografia de Reclus para a época, estando ao lado da tese de Giblin como sendo o marco deste movimento de recuperação geográfica de Reclus.

Ainda no final da década de 1970 e início de 1980 dois trabalhos, número 95 e 97, aparecem trazendo uma nova perspectiva às análises da geografia reclusiana, emitindo uma luz, sobretudo a seu caráter físico do saber, ao contrário das análises anteriores que eram baseadas na perspectiva da geografia humana. Estes trabalhos buscam demonstrar a contribuição pioneira de Reclus à teoria da deriva continental, presente em *La Terre* e demais trabalhos, e o papel desta geografia física inovadora para os estudos de geologia e de geografia física. Os trabalhos 98, 102, 113 e 115, do anexo 08, são importantes exemplos do esforço de reafirmação da geografia reclusiana pela cultura anglófona na década de 1980, momento em que a geografia crítica radical marxista já estava consolidada.

Na década de 1990, apreço outro importante nome nesse movimento de valorização da geografia reclusiana: John P. Clark. Seus trabalhos, no anexo 08, que estão demarcados pelos números 122, 123, 130 e 132, são análises memoráveis acerca do caráter social da geografia de Reclus, sempre o relacionando ao espectro do radicalismo revolucionário na geografia construído nos anos de 1970. Clark via que a essência da geografia de Reclus estava marcada pelo vigor contestador presente na geografia de sua época.

Em 1996, Garys Dunbar republica e apresenta outras pesquisas sobre a geografia reclusiana, os trabalhos 133, 134, 135, 135 e 137, e depois, em 1997 (número 141), e em 2000 (número 162), John Clark publica dois importantíssimos trabalhos sobre o caráter epistemológico e metodológico da geografia de Reclus, identificando nela o veio teórico da dialética social, além de especificar os fundamentos desta geografia social baseada na ideia de equilíbrio e liberdade. Nesse sentido, estes são os dois nomes mais importantes da geografia estadunidense no projeto de recuperação, discussão e apresentação da geografia reclusiana no bojo da geografia crítica radical marxista.

Tanto a cultura anglófona quanto a francófona foram as mais importantes no processo de recuperação do pensamento geográfico reclusiano. Foram responsáveis pela presença desta geografia no final do século XX e a sua pertinente presença ainda no século XXI, em virtude dessas análises realizarem o trabalho de reconhecimento, mas também de decifração dessa monumental e espraiada forma de fazer geografia herdada

do século XIX. Mas a contribuição mais significativa destas duas matrizes historiográficas se deve, por um lado, ao reconhecimento do valor científico ou mesmo teórico da abordagem geográfica presente em Reclus, como também, da valorização da junção desta geografia científica com o amplo conteúdo social e político, sobretudo revolucionário, contido nela. Contrariando as anteriores análises do início do século XX que distinguiam a geografia científica da prática espacial, os geógrafos radicais juntaram e exaltaram esse enclave libertário de geografia esquecido no passado, o colocando no patamar de fundamento do momento radical da geografia.

6.4 A presença da geografia de Reclus na cultura ibérica e latino-americana

A obra geográfica de Élisée Reclus é encontrada abundantemente traduzida para o espanhol, e essas traduções, em sua maioria, foram realizadas na Espanha, especialmente na cidade de Madri e Barcelona. Por outro lado, encontram-se significativas traduções também no México, na Colômbia e na Argentina (RONCO, 2012). Com relação aos trabalhos de cunho anarquista do geógrafo revolucionário, eles se encontram numerosamente traduzidos nos mais diversos países ao longo de toda a América Latina, até mesmo no Brasil, nação em que a língua foi em menor grau utilizada para traduzir obras reclusianas comparadas ao resto dos países vizinhos que falam espanhol.

Novamente no que diz respeito aos trabalhos de geografia de Reclus, das suas três grandes obras duas foram rapidamente traduzidas para o espanhol, em sua maioria sendo realizadas na Espanha, mas também no México. Somente *La Terre* não foi possível encontrar tradução para o espanhol.

Mas, a monumental *Nueva Geografía Universal: la Tierra y los hombres*, ainda enquanto estava sendo escrita pelo autor já se traduziam alguns tomos em Madrid, entre os anos de 1888 e 1890. Outros capítulos desta obra também foram traduzidos, caso do que trata da Colômbia, recebendo tradução neste país, e o que trata do Brasil, sendo também traduzido este capítulo na cidade de São Paulo e Rio de Janeiro.

Já *El hombre y la Tierra* recebeu sua primeira tradução um ano após sua publicação, em 1906, na cidade de Barcelona. Uma segunda tradução, também em Barcelona, foi feita por Anselmo Lourenço, em 1915, com a supervisão do geógrafo físico Odón de Buen. Em 1986, no México, *El hombre y la Tierra* também recebeu tradução para o espanhol.

As outras obras menores de geografia, como *La Montaña*, recebeu tradução em Valencia, em 1897, e depois em Barcelona, 1923. Em 1932 *La Montaña*, juntamente com *El Arroyo*, foi traduzida em Barcelona, e bem mais tarde, em 2000, *El Arroyo* recebeu uma tradução em Buenos Aires. Em 1869, *Viaje a la Sierra Nevada de Santamarta* recebeu tradução para o espanhol em Bogotá, obra que havia sido publicada originalmente em 1862, e que aborda a andanças de Reclus na Colômbia. Em 1947, *Viaje a la Sierra Nevada de Santa Marta* é novamente republicada em Bogotá e, em 1990, foi traduzida em Barcelona, e novamente, agora em 1992, republicada em Bogotá (RONCO, 2012).

Na língua portuguesa existem poucas traduções dos escritos de Reclus, os de cunho anarquista se encontram, em grande parte, em Portugal, outros três no Brasil, mas é com *Estados Unidos do Brasil*, de 1899, em São Paulo e 1900 no Rio de Janeiro, que um capítulo inteiro de *Nouvelle Géographie Universelle* é traduzido para a língua portuguesa, sendo a primeira grande tradução de um texto geográfico reclusiano.

Desse modo, pode-se perceber que, no que tange aos trabalhos escritos por Reclus, eles chegaram razoavelmente em número considerado a ser traduzidos para a cultura ibérica e latino-americana. Mas no que diz respeito à crítica historiográfica, a produção de trabalhos sobre a geografia de Reclus na língua espanhola e portuguesa é ínfima, sobretudo na língua portuguesa. A maior parte dos trabalhos nessas duas línguas é sobre o anarquismo e o engajamento revolucionário de Reclus, muito pouco sobre sua geografia. Somente uma década depois do movimento de radicalização do pensamento geográfico que a geografia de cultura ibérica e latino-americana começou a produzir crítica historiográfica sobre a geografia reclusiana. Isso pode ser explicado pela dependência do território do saber anglófono e francófono, como também, germânico que as academias de língua espanhola e portuguesa sofrem, além de sempre refletirem esses impulsos de transformação paradigmática com certo retardo, pegando o curso da radicalização geográfica descompassadamente das academias do centro.

Tomando como base a atualização dos trabalhos feitos sobre Reclus realizada por Ronco (2012), os trabalhos produzidos sobre seu anarquismo somam sete no total, três em língua portuguesa (números 44, 57 e 87) e quatro em língua espanhola (55, 60, 61, 164, do anexo 08). Desse modo, eles são maioria do que somente os quatro (números 104, 106, 117, 120) que se dedicam ao tema da sua geografia em si.

O trabalho 55, de 1929, *Eliseo Reclus, la vida de un sabio justo y rebelde*, realizado por Max Nettleau, merece ser destacado, apesar de se tratar de uma biografia, traz importantes elementos para se entender o anarquismo e a geografia de Reclus. Dos

quatro trabalhos sobre a geografia reclusiana, somente um é de língua portuguesa, o de número 120, da historiadora Regina Horta Duarte, de 1992, tomando como base a atualização de Ronco (2012), embora já existisse outro trabalho anterior que se dedicou a essa questão, mas passou despercebido nesse documento. O trabalho 106 corresponde a Maria Teresa Vicente Mosquete, a geógrafa que mais realizou trabalhos de crítica historiográfica reclusiana na língua espanhola no final do século XX. Ela foi responsável pela divulgação de seu pensamento nas academias de geografia da Espanha, que pela via revolucionária o nome de Reclus já vigorava como um dos grandes no panteão anarquista para os espanhóis. Ainda com base no anexo 08, o trabalho 117 é uma pioneira crítica geográfica realizada na América do Sul, em Assunção, ocasião em que é avaliada a perspectiva geopolítica dada pelo geógrafo francês da Guerra do Paraguai.

Deixando a atualização feita por Ronco (2012) um pouco de lado, é possível encontrar outros trabalhos de recuperação do pensamento geográfico reclusiano que não foram mencionados. Novamente na Espanha, o paradigmático trabalho *Filosofía y Ciencia en la Geografía Contemporánea*, de Horácio Capel, de 1982, é a primeira manifestação da presença da geografia reclusiana na cultura ibérica, mesmo que pífia, sobretudo o final do capítulo X: *El Positivismo y la Geografía*, intitulado: *Reclus: un geógrafo anarquista marginado*. Nessas poucas páginas já se encontra o esforço de valorização e reconhecimento desta geografia.

O segundo trabalho em língua espanhola tem ligação direta com Capel, por ter sido realizado por sua orientanda Maria Teresa Mosquete, em 1983, denominado: *Reclus, la geografía de un anarquista*. Logo após, em 1985, Manuel Correia de Andrade realiza a reunião de textos de geografia de Reclus, e também, produz importante introdução intitulada de: *Atualidade do pensamento de Élisée Reclus*. Esta introdução por muito tempo serviu como base de análise da geografia reclusiana, principalmente em virtude de Andrade delinear os parâmetros teóricos, metodológicos e ideológicos desta geografia, considerada por ele atual ao processo de radicalização do pensamento geográfico. Em 1986, a reunião de textos de Giblin, juntamente com sua longa introdução, foi traduzida para o espanhol, na cidade do México, outra valiosa fonte para a língua e para a América Latina sobre os espectros da geografia reclusiana. Um ano depois, em 1987, Teresa Mosquete conclui sua tese de doutorado sobre Reclus, denominada: *La Incorporación del Pensamiento de Eliseo Reclus a la Ciencia Española: Geografía y Anarquismo*. Esta paradigmática tese é o mais completo trabalho

em língua espanhola sobre a geografia anarquista de Reclus, que já sinalizava para a introdução deste pensamento na geografia espanhola.

Em 1989 aparece outro trabalho em língua espanhola muito importante para o reconhecimento da geografia anarquista, denominado *Anarquismo y Geografía*, organizado por Myrna Breitbart. Este volumoso trabalho reúne textos de diversos geógrafos espanhóis e estadunidenses, caso de John Clark, sobre os efeitos do anarquismo na geografia urbana de cidades espanholas durante a Revolução de 1936, diversas análises à geografia anarquista de Kropotkin e duas análises a geografia de Reclus.

Na década de 1990 são encontrados os trabalhos de Nicolas Ortega Cantero, em especial: *El Viaje Iberoamericano de Élisée Reclus*, publicado em Madri, em 1992. Em 1995, vigora outro trabalho de Vicente Mosquete, *La Aportación de la Geografía al Pensamiento Anarquista: Eliseo Reclus*, e em 1999, Daniel Hiernaux-Nicolas publica no México o livro: *La Geografía como Metáfora de la Libertad, textos de Eliseo Reclus*. Este livro faz a ligação direta entre conhecimento geográfico e libertarismo, sendo considerada também outra importante fonte para a cultura ibérica e latino-americana acerca da geografia reclusiana.

A partir dos anos 2000 houve uma intensa retomada dos estudos sobre a geografia de Reclus, nas mais diversas partes da Terra, não somente na Europa Ocidental, encontrando trabalhos na África, na Índia e até na Oceania, e nesse movimento, a América Latina também veio contribuir com o processo de recuperação e crítica desta geografia libertária.

Todo esse impulsivo e avassalador movimento que reconhece a presença da geografia reclusiana está ligado ao paradigmático processo de pluralidade crítica e radical que o pensamento geográfico vem passando desde o início do século XXI, sobretudo na perspectiva das dissidências radicais. No coração dessas dissidências permanece a presença da geograficidade libertária reclusiana, não como eco de um passado guardado como uma valiosa peça de museu, mas como uma prática e uma experiência das liberdades na mentalidade geográfica engajada, ou seja, é uma presença que se faz presente. Ainda hoje Reclus causa impulsos de revolta e insubmissão no interior da atividade do pensamento que dedica a transformar radicalmente o espaço geográfico.

6.5 Discurso geográfico da dissidência

A presença da geografia de Reclus adentrando até o final do século XX e ultrapassando até os dias de hoje tem como explicação básica a pertinência do discurso dissidente contido em seu conteúdo. Por sua vez, este discurso equipara-se aos interesses discursivos dissidentes florescidos na atualidade, fazendo com que estes geógrafos de hoje aportem-se na geograficidade reclusiana segurados pelas âncoras da reflexão libertária, levando ao extremo de colocá-lo, juntamente com Kropotkin, como espécies de ídolos.

Mas é preciso desconstruir os ídolos no sentido nietzschiano. Ao invés de filosofar com o martelo, como o queria Nietzsche (2006), é necessário geografizar com o cutelo, limpando, podando e cortando chusmas do poder acadêmico oficial que converte práticas sociais e ideias radicais em ídolos da domesticação acadêmica. Destruir os ídolos para florescerem as ações e atuações de liberdade no pensamento geográfico.

Robic (2006, p. 2), conforme já tinha feito Boino (1999), alerta para o caráter de tornar Reclus um ídolo, tendo em vista as paixões geradas pela sua geografia; por ser notadamente ideológica e comprometida com a liberdade e justiça social. É necessário remover essa imagem heroica, destronando esta posição de salvador da geografia crítica radical, avaliando verdadeiramente o conteúdo de seu pensamento.

The contemporary reception given to Reclus has initiated a more composite movement. Passions are still present – people fly to the defense of Reclus, or object to the attenuation of his heroic image; and others knowingly remove him from the pedestal, in particular by stigmatizing his views on ethnic or colonial issues, a particularly sensitive question today. It should however be underlined that these encounters around Reclus have contributed several new dimensions.²⁹⁶

Não deve ser esquecido que a historiografia tem o hábito de heroizar certos nomes, como o fez com Humboldt e Ritter, os *pais fundadores* da geografia; com La Blache, o grande sistematizador dos parâmetros de análises e métodos do pensamento geográfico, entre outros. Ocorre também o inverso, o movimento que sataniza certos nomes, como o de Ratzel, o suposto criador de uma geografia imperial. A tarefa é

²⁹⁶ A recepção contemporânea dada a Reclus deu início a um movimento duplo. As paixões ainda estão presentes – as pessoas saem em defesa de Reclus, ou opõem-se à atenuação de sua imagem heroica; e outros, intencionalmente, removem-no do pedestal, em particular, por estigmatizar seus pontos de vista sobre questões étnicas ou coloniais, uma questão particularmente sensível nos dias de hoje. No entanto, deve-se sublinhar que esses embates em torno de Reclus têm contribuído para novas dimensões.

reconhecer a validade dessas geografias para o pensamento atual. E Robic (2006, p. 9) destaca que, apesar do processo de mitificação de Reclus, ainda assim sua geografia pôde ser recuperada enquanto necessária ao conhecimento atual, tornando ainda mais importante a tarefa de visitar e revistar essa geografia dotada de perspectivas que desafiam as pesquisas contemporâneas, por vincular a experiência e a prática espacial libertária ao saber geográfico.

Ranging among the issues that he himself constructed and tackled on the one hand, and on the other the issues viewed as important by those readers he has fascinated, sometimes in spite of themselves, “visiting and revisiting” Elisée Reclus also enables us to gain perspective on our own times and the challenges before geographers today.²⁹⁷

E é justamente por estar dotada na base por essa noção de geografia libertária, orientada para a dissidência radical da reflexão ideológica e da prática espacial que a geografia reclusiana transpõe sua presença para os dias de hoje. Esta pode ser a concepção derradeira do que buscou evocar enquanto geograficidade libertária em Reclus, a ideia de uma geografia produzida a serviço do engajamento político, da transformação das questões sociais no espaço pelo viés autonomista libertário, na qual, justamente na aurora dessa geografia mais recente retoma o fôlego incandescente na dissidência geográfica.

Esta noção, por sua vez, terá sua primeira aparição oficial vinculada à teoria da geografia em 1979, através do trabalho de James Blaut, na ocasião do número especial de comemoração de 75 anos do *Annals of American Geographers*, em que o autor busca definir uma tradição dissidente na geografia, dando destaque a desmitificação da neutralidade científica na disciplina em questão, que é essencialmente social, e que funciona na contracorrente daquelas noções conformistas ao capitalismo.

A segunda ocorrência está ligada à obra *Dissident Geographies*, das autoras Alison Blunt e Jane Wills, trabalho publicado no ano 2000, que por sua vez, continua destacando o compromisso político de subverter as relações de poder e de opressão. Por outro lado, essa importante obra, que funciona como uma espécie de tratado da geografia dissidente, também enfoca as matrizes pós-estrutural e pós-colonial na geografia, mapeando todas as geografias radicais, tanto a anarquista, como a feminista, de gênero e das minorias. As geógrafas em questão apresentam ideias e práticas radicais

²⁹⁷ Variando entre as questões que ele próprio construiu e combateu, por um lado, e por outro, as questões vistas como importantes por esses leitores que ele fascinou, às vezes, indignados consigo mesmos, “visitar e revistar” Élisée Reclus também nos permite ter uma perspectiva sobre nossos próprios tempos e os desafios diante dos de hoje.

das manifestações e movimentos sociais e suas implicações no pensamento geográfico contemporâneo (BLUNT, WILLS, 2000).

Já na terceira aparição do termo, em um artigo de Noel Castree, publicado no *Environment and Planning*, também no ano de 2000, o termo *dissidência* foi usado como sinônimo de *geografia de esquerda*, que apesar da expansão das diversas geografias dissidentes, todas elas, na opinião do autor, pertencem aos esforços dos geógrafos radicais marxistas, e nesse sentido, elas são um produto da geografia crítica radical.

Vale destacar que, todas essas três acepções do termo *dissidência* na geografia, vinculam a herança originária deste campo do saber às reflexões e à produção geográfica de Reclus e Kropotkin, como pioneiros em conduzir este pensamento ao estágio de politização radical. Mas o que se quer dizer com geografia dissidente? Segundo a explanação de Zusman (2002), são geografias não hegemônicas, são as geografias radicais atuais, ou geografias alternativas que subvertem ou se afastam do marco de conservadorismo político impregnado na produção atual do saber.

Hablar de disidencia nos remite a un tipo de práctica relacionada con los distintos poderes que permean la sociedad, en este caso podríamos decir de carácter no orgánica sino de oposición, crítica o constestación. Hablar de geografías disidentes, nos llevaría a plantear que la relación entre poder y conocimiento es subvertida a partir del establecimiento de un vínculo entre prácticas y saberes sobre el espacio que sirva a fines emancipatorios. En síntesis, es la relación poder-sociedad mediada por el conocimiento considerado geográfico la que está puesta en cuestión (ZUSMAN, 2002, p. 25).

Continuando com abordagem trazida pela geógrafa Perla Zusman (2002), ela elenca três características principais no projeto das geografias dissidentes: primeiro, o termo invoca uma ruptura com as posturas políticas das propostas hegemônicas disciplinares, na medida em que coloca em questão a tradição de cumplicidade da geografia na constituição dos estados nacionais e do capitalismo, em geral, para inclinar-se para a construção de um conhecimento, ao menos teoricamente, a favor dos oprimidos.

A segunda característica, segundo Zusman (2002), é marcada como uma ruptura das propostas temáticas hegemônicas no saber geográfico, a favor de produzir conhecimentos substanciais que almejam, por um lado, desvendar as relações de poder-conhecimento-espço e, por outro, elaborar conhecimentos geográficos alternativos que sirvam a outros setores sociais para pensar o espaço em suas diferentes escalas e atuar

nele como prática social. Nesta concepção, a autora destaca o papel de Yves Lacoste, Neil Smith e David Harvey como responsáveis por esta tarefa.

A terceira característica, ainda segundo Zusman (2002), abarca as propostas que dentro da disciplina se desenvolveu tanto no passado histórico como recentemente. Estas propostas dão ao campo da geografia dissidente uma pluralidade das perspectivas que vão desde as posturas anarquistas e das geografias radicais marxistas, até as mais recentes contribuições incluídas no contexto anglo-saxão da chamada *geografía crítica*, seja a abordagem feminista, cultural, pós-colonial, entre outras, conforme já foi dito. Entretanto, Zusman (2002, p. 29 – 30) não deixa de enfatizar que as geografias dissidentes de hoje advém do legado anarquista geográfico promovido por Reclus e Kropotkin; vale acrescentar, também, o nome de Metchnikoff, que ela não mencionou.

Cabe señalar que la geografía anarquista y radical ha sido un referente para los geógrafos y las geógrafas que discuten hoy en día la relación entre geografía y sociedad. Por su lado, los geógrafos anarquistas hacían de su práctica política de desestabilización de la instituciones jerárquicas y centralizadas para la construcción de una sociedad autogestionaria y colectiva un proyecto que orientaba filosófica y temáticamente algunas de sus preocupaciones dentro de la geografía. Así, en los trabajos de Reclus se constata un proyecto disciplinario de base ecologista y humanitario universal que sobrepasase las fronteras entre naciones y territorios. De la misma manera, en Kropotkin puede observarse la fuerza del concepto de cooperativismo sobre el de competencia, en boga en su época a partir del darwinismo social.

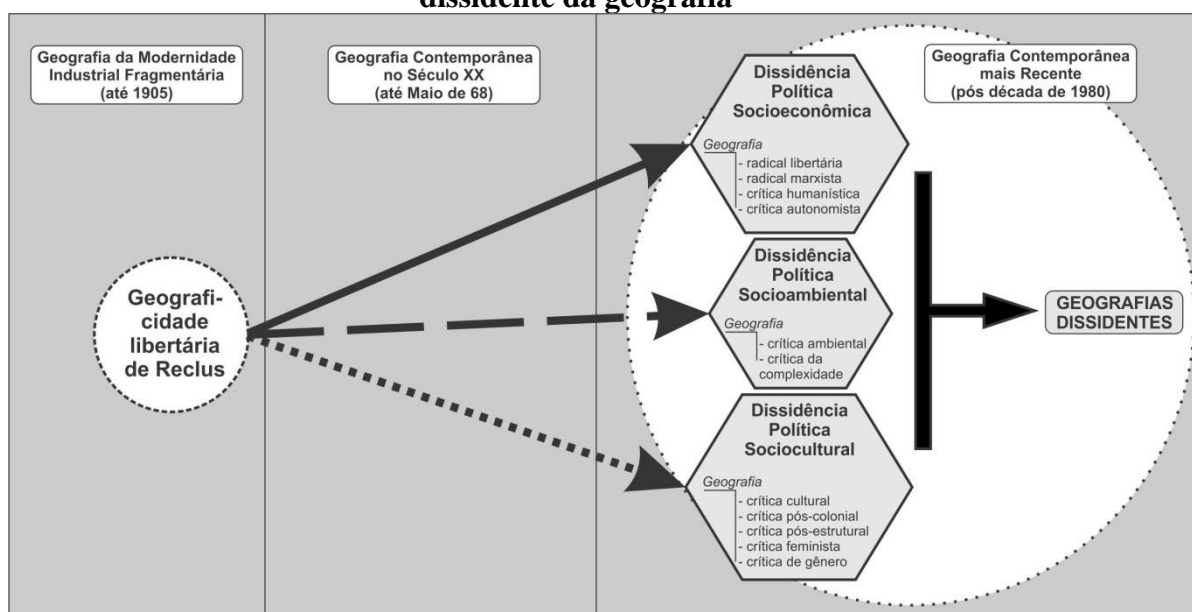
Apesar de a geografia de Reclus ter sido produzida em grande parte no final do século XIX esta, por sua vez, portava em si um discurso geográfico da dissidência, que equivalente aos problemas de ordem social, ambiental e econômica de sua época elaborou mecanismos discursivos combatentes ao modelo capitalista monopolista de caráter imperial. Hoje, diversas questões debatidas pelo discurso dissidente reclusiano não têm mais equivalência aos problemas que a geografia atual busca discutir, como o fraternalismo libertário e a crença, de certo modo, na racionalidade e no progresso científico.

Há certa universalidade nesse discurso geográfico do passado, que apregoa a efetivação dessa geograficidade das liberdades, servindo hoje aos mesmos contextos de opressão e controle sociais. Nesse sentido, na geograficidade libertária reclusiana o que se extrai enquanto essencial como contribuição heterodoxa para a história e a experiência do conhecimento geográfico contemporâneo é seu discurso geográfico da dissidência. Então, o modelo dessa geograficidade libertária é calcado por esse discurso dissidente.

Por isso é utilizada, no quadro 27, a perspectiva do reflexo epistemológico da geograficidade de Reclus na mais recente geografia dissidente. Uma pequena geografia aos olhos da ortodoxia acadêmica é uma valorosa contribuição heterodoxa ao pensamento geográfico mais atual, aquele desvinculado da sujeição capital-saber das cátedras dominantes. Aquele ponto de luz reflete de forma amplificada em três domínios balizadores das dissidências geográficas: a perspectiva política socioeconômica, marcada pela geografia radical libertária, radical marxista, crítica humanística e crítica autonomista; depois, pela perspectiva política socioambiental, da geografia crítica ambiental e crítica da complexidade; e por último, a perspectiva política cultural, da geografia crítica cultural, crítica pós-colonial, pós-estrutural, crítica feminista e crítica de gênero.

Obviamente que a geograficidade libertária reclusiana reflete feixes de luz, dado o percurso subterrâneo que esta atravessou, por todas as mudanças no conhecimento geográfico mais recente, que por sua vez, engloba amplo conjunto de novas geografias engajadas à perspectiva crítica e radical, originalmente presente nos escritos de Reclus. Com relação à classificação que separa crítico de radical é necessário conferir o trabalho de Gintrac (2012), que interroga como se devem nomear essas geografias engajadas, ora alinhadas à dimensão crítica do saber ou à dimensão radical.

Quadro 27: Reflexo epistemológico da geograficidade de Reclus na perspectiva dissidente da geografia



Para a autora citada acima, todas as geografias posicionadas contrariamente ao modelo dominante capitalista faz parte de alguma forma do amplo conjunto das

dissidências geográficas que podem ter uma conotação mais crítica, partindo de um posicionamento de contestação, reformismo e transformação da realidade espacial, mas mantendo ou alterando o funcionamento das estruturas de dominação, dentro do jogo dos embates dialéticos; ou podem ter comportamento postado contrariamente ao modelo de estrutura estabelecido, almejando a transformação radical, indo até a raiz do problema, no sentido marxiano, buscando inverter ou destruir toda a lógica de controle e organização do espaço.

Ou seja, na tendência marxista e anarquista originalmente conservam-se a perspectiva revolucionária da transformação radical das estruturas de poder. Enquanto que nas outras geografias, caso da ambiental ou de gênero, por exemplo, partem da crítica aos modelos na intensão de transformarem as estruturas com a reformulação e implantação de outras mais equilibradas.

Esta narrativa, segundo discute Gintrac (2012), está carregada de certo dualismo opositor, entre uma geografia crítica institucionalizada e uma radical engajada da prática espacial. Segundo a autora, nem sempre é assim que funcionam essas oposições. Pode a geografia radical estar dotada de certo conformismo, enquanto que a geografia crítica, marcada pela transformação radical. O problema foi construído em virtude do processo histórico de formação desses campos, enquanto que a geografia radical surgiu muito mais precocemente nos Estados Unidos, vinculada ao radicalismo marxista, a geografia crítica tem como base os engajamentos críticos da academia francesa e das ruas e seus movimentos insurretos.

No esforço de classificação dessas duas noções, a autora propõe que: “une théorie critique mêle le descriptif et le normatif (le politique, le moral...); une théorie critique se pose nécessairement la question de son rapport à l’action; une théorie critique vise une volonté de totalisation même relative, une montée en généralité” (GINTRAC, 2012, p. 3). Em contrapartida, “une pensée radicale vise donc plus qu’à expliquer à creuser, à déterrer les causes profondes par-delà les apparences. [...] Une pensée radicale serait donc de fait une pensée critique, tandis qu’une pensée critique peut ne pas être radicale”²⁹⁸ (GINTRAC, 2012, p. 3).

Para além desse dualismo simplista, Gintrac (2012, p. 7) vê uma espécie de integração entre as vertentes radical e crítica, ao passo que, “la géographie critique se

²⁹⁸ “uma teoria crítica mistura o descritivo e o normativo (o político, o moral...); uma teoria crítica coloca necessariamente a questão de sua relação à ação; uma teoria crítica visa uma vontade de totalização mesmo relativa, um aumento na generalidade” [...] “um pensamento radical visa, pois, mais do que explicar, quer escavar, desenterrar as causas profundas para além das aparências. [...] Um pensamento radical seria, pois, de fato um pensamento crítico, enquanto que um pensamento crítico pode não ser radical”

veut plurielle: géographie des minorités, géographie féministe, géographie postcoloniale, mais aussi nouvelle géographie économique.” Nesta mesma perspectiva, “la géographie critique a intégré, sous l’influence des théories postmodernes, la déconstruction des discours dominants comme outil de la critique et ne se pense donc pas nécessairement dans la démarche du dévoilement et du système explicatif propre à la géographie radicale.”²⁹⁹

Tanto de um lado quanto do outro, nas duas margens da dissidência crítica e radical o que se assiste na realidade da produção do pensamento geográfico engajado é uma diluição do poder crítico e das práticas de atuação radicais no bojo das sociedades conformistas de hoje, destaca a autora, ocorrendo uma espécie de profissionalização da crítica pelo domínio acadêmico formal, e uma domesticação metodológica das práticas radicais por esse mesmo modelo de produção do conhecimento mercadológico, ficando tanto a crítica como a radicalidade obsoletas. Nessa situação o que seria mais proveitoso, ao invés da oposição destrutiva dessas geografias dissidentes, defende Gintrac (2012, p. 11), seria o fato de suplantar as divergências, pois “l’opposition entre une géographie radicale militante et une géographie critique institutionnalisée se révèle relativement simplificatrice et mériterait une investigation plus poussée, à travers l’analyse des pratiques et des formes d’engagement.”³⁰⁰

A síntese da presença da geograficidade reclusiana como contribuição da geografia atual é o que buscou definir como geografia anarquista, que a partir das pesquisas de Reclus e dos demais geógrafos libertários, como Metchnikoff, Kropotkin, Geddes, Boockhin, entre outros, possibilitou a reflexão desse domínio espreado ou aglomerado descontínuo de discurso no interior da geografia atual.

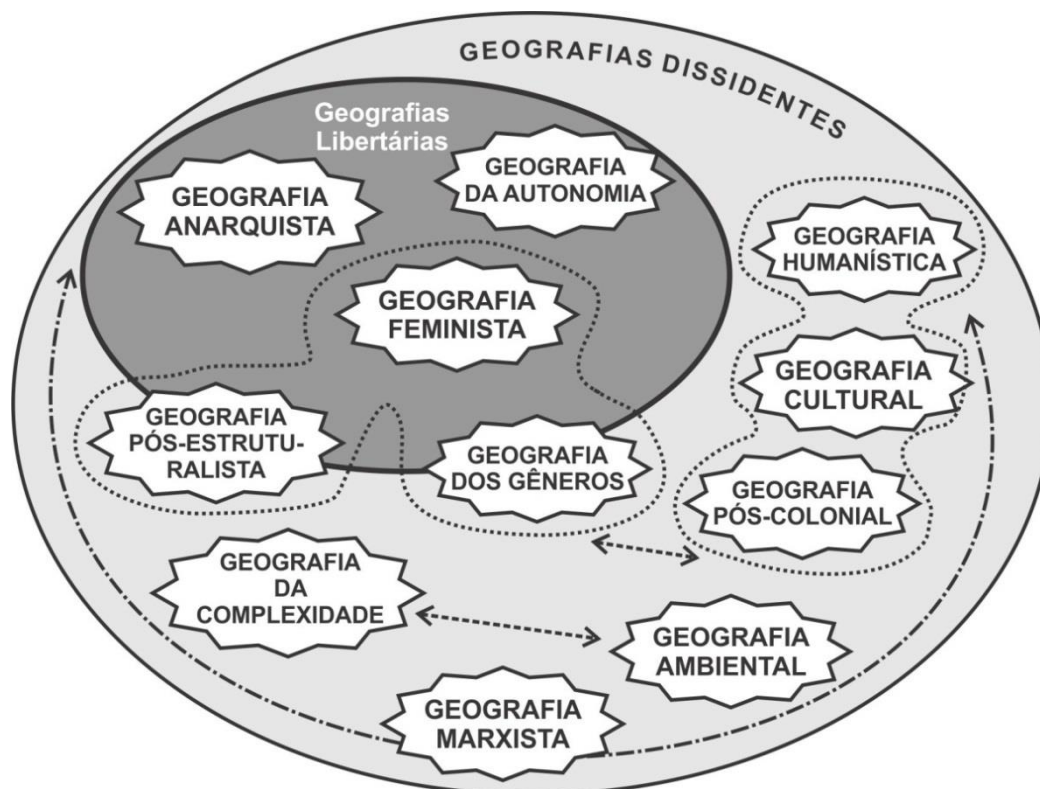
Esta geografia anarquista pertence ao grande conjunto das geografias dissidentes, congregadas a muitas outras diversas geografias críticas e radicais, ou crítico-radicais, compondo essa célula de pensamento, reflexão e prática espacial engajada. O núcleo desse conjunto é constituído, sobretudo, pela geografia anarquista, combatida pela historiografia dominante, mas resistindo certos sopros de atuação deste último impulso contestatório do saber geográfico, somada a geografia autonomista e

²⁹⁹ “a geografia crítica pretende ser plural: geografia das minorias, geografia feminista, geografia pós-colonial, mas também, nova geografia econômica.” [...] “a geografia crítica integrou, sob influência das teorias pós-modernas, a destruição dos discursos dominantes como ferramenta da crítica e não se pensa mais, necessariamente, no trâmite do desvendamento e no sistema explicativo próprio à geografia radical.”

³⁰⁰ “a oposição entre uma geografia radical militante e uma geografia crítica institucionalizada se revela relativamente simplista e merecia uma investigação mais aprofundada, através da análise das práticas e das formas de engajamento.”

feminista. Elas são o núcleo, pois foi dali que nasceram os recentes fulgores de libertação dos poderes e das injustiças, pela via do conhecimento geográfico dissidente.

Quadro 28: A geografia libertária como núcleo constitutivo das geografias dissidentes



A geografia que deu margem para todo esse conjunto integrado de radicalidade e criticidade engajada foi a estruturação e ação operada pela geografia radical marxista, que compôs seguimento e sentido a todas as outras vertentes do saber geográfico, sendo vista pela tradição estadunidense como a única forma de geografia radical já existente. Esta geografia sustentou a existência de todas as outras subsequentes, chegando a certo momento de tão amplo domínio que começou a sufocar, limitar e abafar a pluralidade crítico-radical no interior deste saber. Passou a se comportar como geografia dominante, fazendo sua historiografia com direito de inventário a todas as outras dela herdada a tradição engajada, caso da geografia anarquista, humanística, cultural etc.

Outras geografias também fazem parte desse conglomerado dissidente, como a perspectiva pós-colonial, que estabelece estreitas trocas com a geografia cultural, dos gêneros, feminista e pós-estruturalista, além de permanecer o viés independente, mas também participante desse conjunto, a geografia ambiental, muito ligada ao prisma

libertário do anarco-ecologismo, ou a perspectiva recente da complexidade, estreitada na fundamentação de Morin e Kern (2011), e geografizada por Souza (1997).

Entretanto, o que garante a presença da geograficidade libertária de Reclus como contribuição heterodoxa ao pensamento geográfico tem ligação ao conteúdo desse discurso. Por ser dotado de ampla pluralidade temática, enviesado pela crítica à dominação e ao poder, ele exerceu de alguma forma influência na geografia pós-colonial, que se utilizou da crítica ao discurso da dominação colonial; influenciando também, na geografia feminista o debate sobre o discurso da dominação masculina; na geografia cultural, o tema da dominação ocidental; na geografia ambiental, o poder predatório de exploração do meio ambiente; na geografia pós-estruturalista, o domínio sobre as estruturas desejosas do corpo, pois está inscrito na geografia reclusiana o discurso pelo gozo, alegria e reconciliação homem/mulher-meio, a ideia de indivíduos planetários, serem no/do mundo, cosmopolitas, como o via Diógenes; além da perspectiva da complexidade, defendida abertamente como síntese do entendimento da relação sociedade-natureza, em que o ciclo e o eterno retorno dessas relações são marcados pela perspectiva do holismo, transfigurado pela busca do equilíbrio; por outro lado, pertence aos escritos de Reclus uma geograficidade imaginária, poética, da experiência e da sensibilidade, em que a natureza é a maior educadora da liberdade espontânea, em que o significado de pertencimento e ao mesmo tempo de andança cosmopolita se misturam no espectro do ser humano lançado para toda a dimensão da Terra, do micro ao macro espaço, sem fronteiras, fraternalmente envolvido pelas leis mútuas, em que o geográfico aparece como significado da existência. Tudo isso, leva a uma reflexão fenomenológica e existencial dessa geograficidade, tencionada até a geografia humanística.

6.5.1 O discurso das liberdades e da organização espacial

Os fazedores da história do pensamento geográfico discutem firmemente a não existência de certas geografias dissidentes, caso da anarquista, feminista e da autonomia, em virtude de elas ainda não terem sido amadurecidas, formatadas e terem constituído alguma abordagem própria, independente, no interior deste amplo campo do saber. Então, se não podemos falar da geografia anarquista ou libertária de Reclus, pode ser falado de sua geograficidade anarquista ou libertária, ou seja, desse modo de ação, de prática e de experiência do conhecimento geográfico, esse modo de ser do geográfico através dos escritos reclusianos.

Mas o que realmente pode ser extraído desse aglomerado, muitas vezes disperso, pensamento geográfico? Como substrato dessa geograficidade socioambiental libertária encontra-se como resultado desse amplo conjunto de escritos a permanência do discurso heterodoxo das liberdades e da organização espacial, de um lado, e de outro, a permanência do discurso heterodoxo do equilíbrio e da autogestão do território. Estes dois discursos são descontínuos ao modelo discursivo dominante nas academias ortodoxas, e eles estão presentes horizontalmente nas mais diversas conformações do pensamento geográfico marginal engajado e dissidente, tanto pela perspectiva pós-funcionalista da organização do espaço, quanto pela perspectiva dos territórios autonomistas do equilíbrio socioambiental.

Na busca de tentar delinear os limites territoriais da geografia anarquista, Creagh (2011, p. 30) argumenta sobre a aplicabilidade, as linhas de frente e os lugares de ação desse campo marginal do saber, sinalizando que

Ela [geografia libertária] estimularia relações igualitárias no seio da profissão. Consagrar-se-ia aos desafios formidáveis da geografia contemporânea, desse mundo em que cada um descobre hoje o desnudamento das apostas formidáveis e das apostas perigosas às quais estamos confrontados: a degradação climática, a rarefação dos recursos fundamentais de nossa civilização, a decomposição de um saber ponderado, arrazoado e vigilante em proveito de pretensas pesquisas tecnológicas de ponta.

É sob este ponto de vista, ainda segundo Creagh (2011, p. 31), que a geograficidade de Reclus teria papel fundamental para o enfrentamento desses mecanismos de controle, poder e degradação do espaço, auxiliando beneficentemente a geografia contemporânea frente aos desafios de hoje, em virtude de em si mesma já deter certas respostas e questionamentos do seu tempo que serviria aos dias atuais.

Ela convidaria, como ele, a distinguir as escalas de tempo e espaço, o curto e longo prazo, as classes sociais, as microssituações e os desafios globais como o clima. O problema dos recursos, por exemplo, coloca-se em termos diferentes segundo a maneira como pesa a ameaça: sobre a circulação automotiva numa cidade ou sobre a população de um vilarejo sem água.

O primeiro grande legado da geograficidade reclusiana é justamente atrelar ao discurso da organização do espaço a dimensão das liberdades. Essas liberdades estão longe da única e aliciante liberdade vendida pelo discurso liberal de estado e capitalista, que são responsáveis pela opressão das mulheres, negros, homossexuais, camponeses, índios, operários, crianças, idosos, deficientes, entre outros. O discurso pautado somente na organização espacial poderia, e foi levado a cabo, como discurso reformista e

controlador do espaço e da sociedade pelo Estado e o capital. Contra essa mentalidade, em Reclus a organização espacial parte do princípio libertário das organizações territoriais autogestionárias, contra qualquer forma de poder estatal e privado, em que este se assenta sobre o domínio das federações espaciais autônomas e autogestionárias.

Não há um fixismo ou teleologismo nesse modelo, em virtude deste salientar o devir da enorme obra de manutenção das autonomias sociais e das autogestões socioespaciais, da escala comunal à internacional, federativamente libertárias. Estas, por sua vez, são constantemente transitórias, temporárias, parcialmente duráveis ou sazonais, ou mesmo permanentes, sempre se refazendo no processo dialético da reprodução socioespacial da organização libertária do espaço. Essa modalidade discursiva heterodoxa de organização do espaço tem seu resplendor nos escritos de Hakim Bey (2001), com sua Zona Autônoma Temporária (TAZ), que pode ser também sazonal e permanente (BEY, 2014).

6.5.2 O discurso do equilíbrio e da autogestão do território

O outro discurso heterodoxo central na geograficidade reclusiana é a defesa do equilíbrio atrelada à autogestão do território. Para ele, o equilíbrio advém da distribuição do pão, o pão para todos e o direito de uso e liberdade na terra para todos. Longe do estigmatizado e capitalista ambiental debate da sustentabilidade, Reclus evoca o equilíbrio. Equilibrar as forças, os interesses, as ações e os desejos. Distribuir para todos usufruírem com qualidade e satisfação, cuidando e embelezando da natureza, potencializando e alimentando a terra que dá a vida. Esse modelo harmônico, pautado no paradigma do equilíbrio, somente é garantido se a organização do território estiver assentada pelo princípio ácrata da autogestão, senão, do contrário, a luta pelo território e a reprodução dos privilégios suplantam o equilíbrio geográfico.

Para Pelletier (2011b), a geograficidade reclusiana supera as determinações históricas, pois é contra o historicismo linear da sucessão dos modos de produção; supera o catastrofismo ecologista que anuncia o fim do mundo, se situando neste meio escatológico, determinista, fatal e implacável da exploração dos recursos naturais, marcado por essa heurística do medo e a ditadura da sustentabilidade, convertida no jogo de interesses do capital verde. A perspectiva anarquista da geografia de Reclus, afirma Pelletier (2011b), visa analisar e denunciar as formas espaciais de poder, aquelas que são particularmente coercitivas. Esta análise geográfica permite desmascarar as formas de autoridade ao descrever a realidade espacial das explorações (divisão

socioespacial do trabalho), das dominações (divisão em Estados-Nações e em impérios), das opressões (lugares de poder coercitivos, xenofobia, marginalização das minorias, guetos) e das alienações (lugares de culto religioso e do consumo, lugar do sexismo, racismo...).

Na geograficidade anarquista a liberdade e a crítica ao poder são colocadas no coração de sua filosofia, de sua ética e de sua prática espacial, argumenta Pelletier (2011b, p. 15) acerca da obra reclusiana, pois este entende a autogestão territorial e a busca do equilíbrio como parâmetros fundamentais de sua geografia, na íntima relação mulher/homem-meio. “D’autre part, l’être humain est un être géographique en tant qu’habitant de la terre, un être géographique sédentaire ou mobile, c’est une évidence de le rappeler, plus actif que passif: dans ses mobilités, dans son aménagement concret de l’espace, dans sa restitution imaginaire.”³⁰¹ Partindo justamente desta concepção de geograficidade libertária em Reclus, Pelletier (2011b, p. 16) busca elaborar a síntese de sua compreensão acerca deste conceito:

La géographicité de l’être humain implique plusieurs choses. Connaître la géographie revient à se connaître soi-même. [...] Mais la géographie apporte cette spécificité en ce qu’elle permet à l’individu, d’abord, de se mouvoir dans l’espace, de se guider. Elle est une technique et une pratique d’autogestion spatiale au premier degré, par l’orientation. Cette capacité est individuelle, mais aussi sociale. Sur cette seconde dimension, les travaux géographiques contemporains ont bien révélé ce que l’empirie laissait supposer: plus le niveau socioéconomique d’un individu est faible, plus sa capacité de se déplacer librement est réduite, plus sa connaissance du monde avec ses différents endroits est mince. Ce qui entraîne une pauvreté spirituelle et humaine, ce qui permet au pouvoir d’exercer sa domination à travers l’espace. Autrement dit, une géographie libertaire peut contribuer à repousser les limites imposées de la finitude, la finitude historique et la finitude géographique.³⁰²

Para além da finitude geográfica e histórica propalada pelas cansadas cátedras acadêmicas está a autogestão como força motriz do equilíbrio territorial. Equilíbrio esse que ressoa nas incisivas palavras de John Zerzan (2007), que na defesa de seu futuro primitivo reafirma as teses de Élie Reclus (1885), em *Les Primitifs*, e de Élisée Reclus

³⁰¹ “Por outro lado, o ser humano é um ser geográfico como habitante da terra, um ser geográfico sedentário ou móvel, obviamente, mais ativo do que passivo: nas suas mobilidades, na sua organização concreta do espaço, restituição imaginária.”

³⁰² A geograficidade do ser humano implica inúmeras coisas. Conhecer a geografia requer conhecer a si mesmo. [...] Mas, a geografia traz esta especificidade em que permite ao indivíduo, primeiramente, se mover no espaço, se guiar. Ela é uma técnica e uma prática de autogestão espacial pela orientação, num primeiro nível. Esta capacidade é individual, mas também social. Acerca da segunda dimensão, os trabalhos geográficos contemporâneos revelaram satisfatoriamente o que a empiria deixava supor: quanto mais o nível socioeconômico de um indivíduo é baixo, mais sua capacidade de se deslocar livremente é reduzida, e seu conhecimento de mundo dotado de suas diferentes direções é ainda mais limitado. O que provoca uma pobreza espiritual e humana é o que permite ao poder exercer sua dominação através do espaço. Dito de outra forma, uma geografia libertária pode contribuir para exceder os limites estabelecidos da finitude, tanto a finitude histórica como a finitude geográfica.

(1905) em *L'Homme et la Terre*, especialmente o tomo 1, intitulado de *Les Primitifs – Histoire Ancienne*, reconhecendo que nas sociedades paleolíticas o equilíbrio e a harmonia mulher-homem-meio eram condições de fortalecimento da plenitude nomadista coletora dos indivíduos, em que a divisão do trabalho e a domesticação humana, além do patriarcado, ainda não haviam separado a noção de cultura da de natureza. Na crítica ao processo de domesticação civilizatório Zerzan (2007, p. 17) diz que, “a modernidade procura sempre ir mais além do seu próprio estágio, cambaleando para a frente numa tentativa de recuperar o equilíbrio perdido há muito tempo atrás. Está disposta a mudar o futuro – mesmo o seu próprio – porque destrói o presente.”

Na opinião dos irmãos Reclus, a crítica à modernidade também deve vir atrelada à busca pelo equilíbrio, mas que deve ser reconstruído sobre os parâmetros de uma nova sociedade do futuro, anarquista em sua organização, libertária em sua ética, autogestionária em sua geografia. Para isso ela deve romper primeiramente com o modelo de domesticação social e territorial imposto pela estrutura capitalista de estado, semelhante ao municipalismo libertário dos territórios autônomos zapatistas, que levou Holloway (2003) em seu *Mudar o Mundo sem Tomar o Poder*, a reescrever os direcionamentos do marxismo e da prática revolucionária dos movimentos sociais, reconhecendo o amálgama libertário do anti-poder e do anti-estado, trazendo sopros ainda mais heterodoxos à teoria socialista radical.

Um pouco mais tarde, na resposta ao seu paradigmático *mudar o mundo*, aparece a proposta de *Fissurar o Capitalismo*, em que Holloway (2013, p. 251) coloca a questão de que *paremos de produzir o capitalismo*, negando o trabalho morto, perguntando-nos sobre esses novos caminhos, na busca de experiências, e que passemos *a fazer nós mesmos* a construção de um outro mundo, rompendo os muros, como fizeram os zapatistas e buscava Reclus na construção de sua geograficidade, no intuito de fissurar o capitalismo:

Lutemos a partir do particular, lutemos de onde estamos, aqui e agora. Criemos espaços ou momentos de alteridade, espaços ou momentos que caminham na direção oposta, que não se adequam. [...] Criemos fissuras e deixemos que se expandam, deixemos que se multipliquem, deixemos que ressoem, deixemos que fluam juntas. Criemos dimensões nas quais não mais servimos e zelamos pelo Tirano-capital, e o vejamos “como um grande colosso; de quem subtraí-se a base, desmanchar-se com seu próprio peso e rebentar-se.”

É nesse sentido que se afirma a presença da geograficidade libertária de Reclus como contribuição heterodoxa ao pensamento geográfico, como condutora do discurso

dissidente mais recente, que evoca o equilíbrio e a autogestão do território, as liberdades e a organização espacial.

CONCLUSÃO

Este trabalho foi organizado em duas partes, cada uma contendo três capítulos. Na primeira parte o enfoque foi dado à contribuição heterodoxa do pensamento de Reclus à história da geografia. Para o desenvolvimento dessa empreitada buscou-se desenvolver o primeiro capítulo, primeiramente, diante da abordagem da dimensão ortodoxa e heterodoxa produzida pela historiografia da geografia, fazendo um passeio pelos meandros discursivos e pelos vieses teóricos das principais contribuições a história do pensamento geográfico.

Nesse percurso superficial foi possível identificar a conformação de dois modelos ou conglomerados de contribuições: aquele que recebeu menor atenção pela historiografia oficial, por isso negligenciado, e aquele que recebeu maior atenção, por isso, evidenciado. No reconhecimento dessas conformidades buscou traçar um perfil das causas e efeitos desse processo de evidência e negligência para essas geografias, de um modo geral, na intenção de perseguir os efeitos da negligência que a geografia reclusiana sofreu no arranjo discursivo da historiografia dominante. Frente a essas características da história da geografia foi possível sinalizar a atitude ideológica contida no processo de contar essas histórias, demonstrando que, para além do simples ato de selecionar, cortar, limpar e sintetizar os saberes produzidos, atitude primordial de qualquer historiografia, havia também esforços territoriais simbólicos de destaque e omissão, vinculados ao teor moralizante que abraçava produções mais ortodoxas e evitava outras mais heterodoxas, por isso, a necessidade de levantar a discussão crítica à historiografia dominante que reconhece uma geografia ortodoxa, a tornando oficial, e combate as geografias heterodoxas, deixadas à margem desse jogo. E, justamente, grande parte da geografia de Reclus enquadrava-se do lado das heterodoxias.

Para buscar desvendar os elementos constitutivos dessa heterodoxia no pensamento geográfico de Reclus era necessário discorrer sobre as descontinuidades discursivas presentes na trajetória do pensamento geográfico, pois esta abordagem dava margem para o reconhecimento de outras formas de saber que não estavam limitadas ao crivo ortodoxo oficial. Por isso, foi possível encontrar para além da geografia de Reclus, muitas outras diversificadas contribuições discursivamente descontínuas ao modelo dominante, prolongadas ao longo de toda a história deste conhecimento espacial.

Após esse processo de reconhecimento das heterodoxias e a inclusão da geografia de Reclus nesse bojo descontínuo, foi possível partir para a avaliação estrita da origem, produção e desenvolvimento do pensamento reclusiano, correspondente ao

capítulo dois. Sem o prejuízo de limitar o reconhecimento de certas noções ideológicas indistintas da geografia reclusiana, como por exemplo, o anarquismo, a defesa da revolução social, o ecologismo libertário, o vegetarianismo, o ateísmo, a defesa das minorias e a luta contra o Estado e o capital, integrou-se a esse momento a investigação dos elementos que contribuíram para o surgimento dessa geografia.

Foi possível avaliar que a formação do pensamento geográfico de Reclus nasceu de sua experiência e prática espacial, na relação entre luta de classe e natureza por ele vivida, na busca pela construção de uma sociedade libertária, no engajamento socialista revolucionário encenado no palco dos conflitos sociais da Europa, que refletiu na produção de uma monumental geografia de caráter anarquista comunista, e por fim, numa atividade docente engajada, que trouxe novos elementos a história deste conhecimento, e que teve como resultado uma geografia que foi, em sua maioria, negligenciada, justamente as partes que correspondem à dimensão mais heterodoxa e ao anarquismo.

E o último capítulo desta primeira parte, o de número três, fecha o ciclo da formação deste pensamento geográfico, avaliando os elementos e os impactos da negligência desse pensamento para a história da geografia. À medida como essa geografia foi sendo formada, contribuiu decisivamente com o processo de esquecimento ou abandono por parte da historiografia ortodoxa. E a conclusão que se tira desse processo é que ele foi negligenciado não somente pelo conteúdo amplo e desvinculado dos interesses técnicos da época, ao contrário, ele foi produzido sob a qualidade e o rigor metodológico hipotético-dedutivo em voga. Foram três elementos principais que alimentaram o processo de negligência da geografia de Reclus: a diversidade temática contida na obra; a heterodoxia ideológica, como principal fator divergente para a época; e a prática científica engajada, que destoava por sua posição de busca pela consciência e uma *ciência feliz* da mentalidade científico-acadêmica da época.

A partir desse percurso que avaliou o domínio discursivo, a origem, produção e o desenvolvimento da geografia reclusiana, como também o processo e os efeitos da negligência deste pensamento pela historiografia, foram construídos subsídios para aprofundar no conteúdo estrito de sua geografia. Diante desse resultado, foi possível notar que este saber geográfico continha em seu caráter o sentido de geograficidade, ou seja, de um modo de ser do geográfico, com características específicas, particulares, não se enquadrando somente ao crivo cientificista de um tipo universal de geografia a serviço do modelo dominante da mentalidade acadêmica.

Mas para melhor avaliar o conteúdo dessa geograficidade foi necessário, inicialmente, fazer o percurso da formação e contribuição heterodoxa do mesmo, para depois, na segunda parte, avaliar a *geograficidade libertária em Élisée Reclus*. Reconhecendo que essa geograficidade era libertária, por estar dotada do discurso heterodoxo do anarquismo, identificar ou mesmo reconstruir a ideia deste conceito no interior dos escritos de Reclus. E o capítulo quatro, da segunda parte, teve este objetivo, o de analisar o caráter desta geograficidade, vendo-a como afirmação da geografia enquanto prática espacial. A ideia de geograficidade em Reclus pode ser demarcada por dois eixos articuladores: a geograficidade como experiência do mundo e no mundo, tendo na tríade homem/mulher-terra-liberdade o invólucro de seu discurso heterodoxo; e a ideia de geograficidade como prática espacial dissidente, engajada à luta pela transformação social do espaço.

Depois do reconhecimento da característica marcante desta geograficidade foi necessário desenvolver a revisão das ideias originais contida nas três principais obras de Reclus, que se apresentam como as fontes para a constituição do que buscou denominar de geograficidade socioambiental libertária. Por isso esse capítulo se tornou tão extenso, destoando da regularidade dos demais. Foi feita a leitura completa dos dois volumes de *La Terre*, e conseqüentemente sua revisão e escolha de fragmentos; a leitura parcial dos dezenove volumes de *Nouvelle Géographie Universelle*, e a leitura completa dos seis volumes de *L'Homme et la Terre*. O objetivo foi demonstrar como se apresenta essa geograficidade libertária e como ela pode ser encontrada ao longo dessas volumosas obras, sendo utilizada nessa empreitada a voz de Reclus, sobretudo, para buscar atingir o sentido do que ele tem a dizer sobre esse conteúdo. Buscou a todo o momento manter a fala do próprio Reclus, realizando em outros momentos a citação indireta, e em pouquíssimas ocasiões a interpretação de seu pensamento, justamente para dar o tom da fala e escrita reclusiana.

Ao final deste longo percurso sobre os caminhos acidentados, tortuosos e quase infundáveis da obra reclusiana pôde concluir o esboço deste mapa que demarca o traço que vai da geografia ambiental até a social. Reclus cartografa sua obra partindo de um projeto ambiental, segue por uma longa estrada do projeto político e culmina no planalto tabular do projeto social de sua geograficidade, circunscrito pela ética libertária, por isso sintetiza-se esse grande mapa da consciência geográfica como a geograficidade socioambiental libertária.

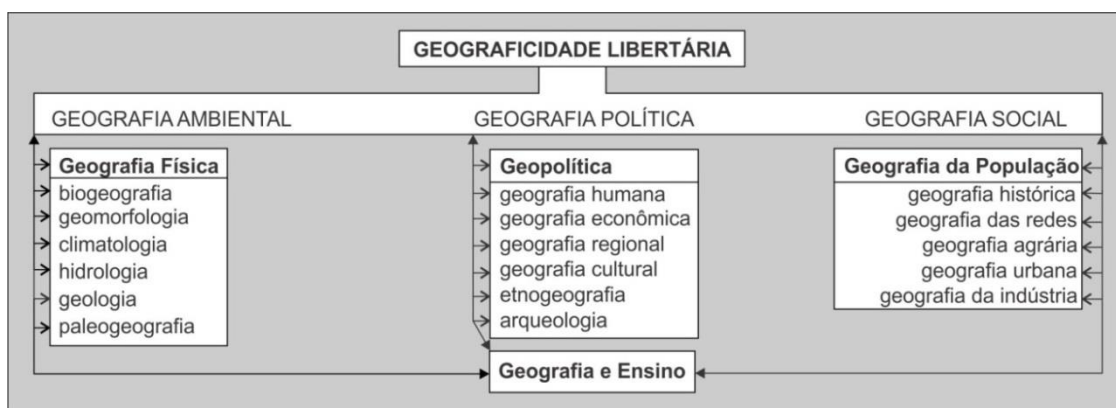
O capítulo final deste trabalho, o de número seis, tem como premissa inicial abordar a presença dessa geograficidade, seu uso, efetividade, sentido e crítica, na

história do pensamento geográfico recente. E como premissa secundária, demonstrar a ligação entre o legado reclusiano e as geografias dissidentes de hoje. Foi o momento de abordar em que lugar se situa a contribuição heterodoxa da geograficidade libertária de Reclus na história do pensamento geográfico, e este lugar está (geo)referenciado pelas geografias críticas e radicais dissidentes, cumprindo seu propósito de percurso subterrâneo que fez força contestatória aos modelos dominantes hegemônicos do século XIX e que ainda hoje alimenta as novas contestações do século XXI.

Para finalizar essa conclusão, é preponderante fazer uma síntese do conteúdo da geograficidade libertária reclusiana. Primeiramente, a geograficidade em Reclus se manifesta pelo sentido de seu engajamento político, em que vinculou o conhecimento geográfico, com defesa do municipalismo libertário e o federalismo internacionalista, ao engajamento anarquista, concebendo a este, teor geograficante, e à geografia, teor anarquizante.

Em um segundo momento, a geograficidade se manifesta pelo próprio caráter de sua obra, dividida em três projetos distintos (geografia ambiental, política e social), que se complementam e inter-relacionam diante da possibilidade do ensino de geografia concebê-los como entes inseparáveis, constitutivos de uma reflexão geográfica da experiência e prática espacial. A diversidade de áreas e de campos presente no seu conteúdo, como a geografia física e suas sub-áreas presentes em *La Terre*; a geopolítica, com a geografia humana, econômica etc., marcantes em *Nouvelle Géographie Universelle*; e a geografia da população, ligada à geografia histórica, das redes, agrária, urbana etc., presente em *L'Homme et la Terre*.

Quadro 29: Campos ou áreas da geografia presentes na geograficidade reclusiana



Em um terceiro momento, esta geograficidade se apresenta através das categorias e conceitos que detém para desenvolver seu discurso sobre o mundo. E nessa

ocasião, restrita ao conteúdo de sua obra, é possível identificar a geograficidade vinculada à primeira acepção dada por Michotte (1922), da geograficidade dos fatos, como o geográfico é específico ao olhar do geógrafo e como a relação entre as diferenciações das áreas, lugares e regiões diante dos arranjos espaciais das interações sociais garante o reconhecimento da diversidade espacial enquanto desafio do trabalho do geógrafo. Está presente, também, no conteúdo conceitual das obras de Reclus a segunda acepção de geograficidade, aquela dada por Dardel (1952), em que apregoa a geograficidade como modo de existência do humano, trazendo à tona o conteúdo simbólico da experiência vivida, a relação de pertencimento e de enraizamento dos seres na Terra, a dimensão íntima e secreta entre a mulher, o homem e o meio. Por fim, encontraram-se outros elementos nos escritos reclusianos que vieram contribuir com o conceito de geograficidade, que ao longo de sua obra, ora aparecia como experiência geográfica, ou da natureza pelos indivíduos, ora como prática espacial de engajamento dissidente, de transformação e embelezamento do meio.

E esta forma de geograficidade que acrescenta e, ao mesmo tempo, projeta todas as outras na síntese da experiência e prática espacial, está vinculada ao uso de três conceitos recorrentes: a paisagem, expressada diversas vezes como natureza e como terra; o espaço, admitido como meio-espaço, dinamizado pelo meio-tempo; e região-território, vista como área, fronteira e rede geográfica.

O conceito de paisagem é admitido como a manifestação telúrica da natureza e das ações humanas que modela a terra. Natureza e terra estão ligadas aos fundamentos da existência e das interações dos seres vivos, permeados por uma apreensão holística da realidade material, integrada às combinações sistêmicas do equilíbrio/desequilíbrio.

O conceito de espaço aparece de forma muito inovadora no bojo de sua geograficidade, ligado ao paradigma do materialismo dialético, visto como produto/produtor da totalidade das relações sociais no meio. O meio é reconhecido enquanto substrato material das relações estáticas e lentas dos fenômenos geográficos e dos sujeitos sociais, e ao mesmo tempo como relação dinâmica e rápida dos fenômenos sociais frente às condições materiais do espaço. O espaço é utilizado como configuração dos arranjos geográficos diante das relações com as sociedades.

A região-território (ou *pays, contrée*) está colocada na geograficidade reclusiana como constituição de domínio, apropriação e uso de certo recorte, numa perspectiva funcional; numa perspectiva mais simbólica, a região é vista como configuração da identidade, similaridade e singularidade das relações mútuas mulher-homem-meio; numa perspectiva dialética, a região-território é visto como relação de semelhança e de

diferenciação das áreas no processo de integração, contato e separação; e a rede é colocada como a manifestação da fluidez, articulação e unidade dos níveis de apropriação e reprodução desigual do território-rede-região.

Quadro 30: Categorias e conceitos presentes na geograficidade reclusiana

PAISAGEM - natureza - terra	- resultado das manifestações telúricas da natureza e das ações humanas, modelando a terra; - natureza e terra como fundamento e condição da existência e interações dos seres vivos; - apreensão holística da realidade material, integrada às combinações sistêmicas de equilíbrio/desequilíbrio da relação homem-meio.
ESPAÇO - meio-espaço - meio-tempo	- produto/produtor da totalidade das relações sociais no meio; - meio enquanto substrato material das relações estáticas e lentas dos fenômenos geográficos e dos sujeitos sociais; - meio enquanto substrato material das relações dinâmicas e rápidas dos fenômenos sociais frente às condições materiais do espaço; - configuração dos arranjos geográficos mediante a relação da sociedade com os fenômenos espaciais.
REGIÃO TERRITÓRIO - área - fronteira - rede	- constituição de domínio, apropriação e uso de certo recorte do espaço; - configuração de identidade, similaridade e singularidade das relações mútuas homem-meio através do estabelecimento de gêneros de vida; - relação de semelhança e diferenciação das áreas no processo de integração, contato e separação; - fluidez, articulação e unidade dos níveis de apropriação e reprodução desigual do território-rede-região.

Essas breves considerações sobre o conteúdo temático das categorias geográficas presentes na obra de Reclus revela o quanto ainda se tem para avançar em pesquisas que aprofundem as explicações acerca da estrutura epistemológica das categorias e conceitos usados pelo geógrafo revolucionário e como elas podem ser subsídios eficazes para o pensamento geográfico atual.

A abordagem da geograficidade em Reclus teve como tarefa primordial realizar um trabalho que buscou debater o caráter ou o modo de ser do pensamento geográfico como um todo, de uma forma mais abrangente. Enquanto que a pesquisa de aprofundamento específico das categorias e temas que dão sustentação a esse pensamento geral fica para um segundo momento. Mas vale destacar que a necessidade de buscar construir esse edifício explicativo acerca da generalidade do pensamento reclusiano é de suma importância para que se possa chegar às especificidades de sua obra separadamente.

O caráter heterodoxo dessa geograficidade libertária fez com que esta não fosse, de todo modo, consideravelmente aproveitada no momento em que foi apresentada e nem nos anos que se sucederam, dando a impressão de que serviria com maior eficácia ao tempo bem posterior a sua origem. Mesmo assim, podem ser encontrados certos elementos da contribuição deste saber na atualidade do pensamento geográfico, mas que

ainda a historiografia dominante relega o devido reconhecimento, restando a essas dissidências a contestação ao modelo oficial de historiografia. Então, fica a questão: a geograficidade libertária em Reclus é *uma geografia do futuro ou um novo futuro para a geografia?*

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ABREU, M. de A. Construindo uma geografia do passado: Rio de Janeiro, cidade portuária, século XVII. **GEOUSP. Espaço e Tempo**. Departamento de Geografia: USP, 2000, p. 13 – 25.
- ALAVOINE-MULLER, S. Élisée Reclus ou la géographie pour tous. In.: BORD, J.-P. et. al. (Éds.). **Élisée Reclus – Paul Vidal de la Blache**. Le géographe, la cité et le monde hier et aujourd’hui (autour de 1905). Paris: L’Harmattan, 2009, p. 213 - 225.
- ALAVOINE-MULLER, S. Un globe terrestre pour l’Exposition Universelle de 1900. L’utopie géographique d’Élisée Reclus. **L’Espace Géographique**. Berlin, 2, tome 32, 2003, p. 156 – 170.
- ALDHUY, J. et al. Amanhã, a geografia social? Por uma teoria crítica e uma abordagem dimensional do espaço. **Confins** [online], nº 7, 2009. (disponível em: <http://confins.org/6229>).
- ANDRADE, M. C. (Org.). **Élisée Reclus**. São Paulo: Ática, 1985.
- ARMAND, É. **El anarquismo individualista**. Lo que es, puede y vale. La Plata: Terramar, 2007.
- ARNAU, X. et. al. (Eds.) **Élisée Reclus i la geografia de la llibertat**. Ciència i compromís social. Barcelona: Residència D’Investigadors, 2007.
- ARRAULT, J-B. La “référence Reclus”. Pour une relecture des rapports entre Élisée Reclus et l’Ecole française de géographie. **Colloque Élisée Reclus et nos géographies. Texte et Prétextes**. Lyon, 7-9 septembre, 2005, p. 1 - 14.
- AUZIAS, C. Les femmes Reclus. In.: BORD, J-P. et. al. (Éds.). **Élisée Reclus – Paul Vidal de la Blache**. Le géographe, la cité et le monde hier et aujourd’hui (autour de 1905). Paris: L’Harmattan, 2009, p. 11 - 15.
- AVELINO, N. Estudos anarquistas e a teoria política: entre Proudhon e Foucault. **Política & Trabalho**. Revista de Ciências Sociais, n. 36, abril de 2012, p.187-206.
- BACHELARD, G. **A epistemologia**. Lisboa: 70, 2006.
- BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**. Contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BAKUNIN, M. **Conceito de Liberdade**. Porto: RÉ S limitada, 1975.
- BAKUNIN, M. **Dieu et l’État**. Paris: Altiplano, 2008.
- BAKUNIN, M. Federalismo, socialismo e antiteologismo (1867 – 68). In.: COELHO, P. (Org.) **Mikhail Bakunin: obras escolhidas**. São Paulo: Imaginário. Hedra, 2015.
- BAKUNIN, M. **Programa da sociedade da revolução internacional**. São Paulo: Faísca. Imaginário, 2009.
- BENKO, G., LIPIETZ, A. (Org.). **As regiões ganhadoras, distritos e redes – os novos paradigmas da geografia econômica**. Lisboa: Celta. Oeiras, 1994.

- BERTHIER, R.; VILAIN, E. **Marxismo e anarquismo**. São Paulo: Imaginário. Expressão e Arte, 2011.
- BESSE, J.-M. Géographie et existence d'après l'oeuvre d'Eric Dardel. In.: DARDEL, E. **L'homme et la terre**. Paris: CTHS, 1990.
- BESSE, J.-M. Lire Dardel aujourd'hui. **L'Espace Géographique**. Vol. 17, n° 17-1, 1988, p. 43 – 46.
- BESSE, J.-M. Remarques sur la géographicité. In.: DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. (Dir.) **Historicités**. Paris: La Découverte, 2009.
- BEY, H. **TAZ: zona autônoma temporária**. São Paulo: Conrad, 2001.
- BEY, H. **Zonas Aut nomas**. Porto Alegre: Deriva, 2014.
- BIDOU-ZACHARIASEN, C. **De volta à cidade**. Dos processos de gentrifica o às políticas de “revitaliza o” dos centros urbanos. São Paulo: Annablume, 2006.
- BLUNT, A.; WILLS, J. **Dissident Geographies: an introduction to radical ideas and practices**. Edimburgo: Person Education Limited, 2000.
- BOINO, P. O pensamento geográfico de  lis e Reclus. In.: RECLUS, E. **Da a o humana na geografia física. Geografia comparada no espaço e no tempo**. São Paulo: Imaginário. Expressão e Arte, 2010, p. 9 - 39.
- BOINO, P. Plaidoyer pour une géographie reclusienne. **R fractions**. Recherches et expressions anarchistes, n  4, Espaces d'anarchies – Automne, 1999, p. 1 – 9.
- BOOKCHIN, M. **Anarquismo social o anarquismo personal**. Un abismo insuperable. Barcelona: Virus Editorial, 2012.
- BOOKCHIN, M. **Ecología libertaria**. Cuadernos libertários. Madrid: Madre Tierra, 1991.
- BOOKCHIN, M. **La ecología de la libertad**. La emergencia y la disolución de las jerarquías. Madrid: Madri Tierra, 1999.
- BOOKCHIN, M. O sentido do confederalismo. **Revista Território Aut nomo**. Rede ReKros. N  1, 2012, p. 82 – 93.
- BORD, J.-P. et. al. ( ds.). ** lis e Reclus – Paul Vidal de la Blache**. Le géographe, la cit  et le monde hier et aujourd'hui. Paris: L'Harmattan, 2009.
- BOURDIEU, P. **A domina o masculina**. 11^a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BRUNET, R.  lis e Reclus reedite. **Espace Géographique**. Tome 8, n 4, 1979, p. 283-291.
- BRUNHES, J. **Geografia humana**. Edi o abreviada. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962.
- BUEN, O. **Nociones de geografía física**. Barcelona: Publicaciones de la Escuela Moderna, 1905.
- BURTON, R. F. **Cartas dos campos de batalha do Paraguai**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1997.
- BURTON, R. F. **Las monta as de la luna**. En busca de las fuentes del Nilo. Madrid: Valdemar. Avatares, 1993.

- BURTON, R. F. **Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico**. São Paulo: EdUSP, 1977.
- BURTON, R. F. **Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho**. São Paulo: EdUSP, 1976.
- CAMPOS, R. R. de. Élisée Reclus e “Histoire d’un ruisseau”: Os rios também têm história. **Colóquio Internacional: Élisée Reclus e a geografia do novo mundo**. 6 a 10 de dezembro de 2011. Laboratório de Geografia Política. Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo: USP, 2011.
- CAMUS, A. **O homem revoltado**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- CAMUS, A. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- CANTERO, N. O. El viaje iberoamericano de Elisee Reclus. **ERIA**. 1992, p. 125 – 133.
- CAPEL, H. **Filosofía y ciencia en la geografía contemporánea**. Una introducción a la Geografía. Barcelona: Temas Universitarios, 1981.
- CARDOSO, L. P. C. A visita de Elisée Reclus à Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. **Revista da Sociedade Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, v. I, n. 1, 2006.
- CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CATTEDRA, R. Élisée Reclus et la méditerranée. In.: BORD, J-P. et. al. (Éds.). **Élisée Reclus – Paul Vidal de la Blache**. Le géographe, la cité et le monde hier et aujourd’hui (autour de 1905). Paris: L’Harmattan, 2009, p. 69 – 112.
- CAVALCANTI, A. P. B.; VIADANA, A. G. Fundamentos históricos da geografia: contribuições do pensamento filosófico na Grécia antiga. In.: GODOY, P. R. T. de. (Org.) **História do pensamento geográfico e epistemologia em geografia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- CHEVALIER, J.-P. Élisée Reclus, la géographie scolaire et le Dictionnaire de Ferdinand Buisson. In.: BORD, J-P. et. al. (Éds.). **Élisée Reclus – Paul Vidal de la Blache**. Le géographe, la cité et le monde hier et aujourd’hui (autour de 1905). Paris: L’Harmattan, 2009, p. 237 – 252.
- CIORAN, E. **Breviário de decomposição**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- CIORAN, E. **História e utopia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- CLAVAL, P. **A geografia cultural**. 3ª ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.
- CLAVAL, P. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da geografia. In.: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Orgs.). **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Ed.UFPR, 2002, p. 11 – 43.
- CLAVAL, P. **Evolución de la geografía humana**. Barcelona: Oiko-Tao, 1974.
- CLAVAL, P. **História da geografia**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- COÊLHO, P. A. (Org.). **Élisée Reclus e a geografia das liberdades**. São Paulo: Imaginário. Expressão e Arte, 2011.
- COLOMBO, E. **Democracia e poder**. A escamoteação da vontade. São Paulo: Imaginário. Expressão e Arte, 2011.
- CORRÊA, R. L. Corporação, práticas espaciais e gestão do território. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, v. 54, n. 3, jul/set, 1992, p. 115-122.

- CORRÊA, R. L. Diferenciação sócio-espacial - escala e práticas espaciais. **Cidades**. Vol. 4, nº6, 2007, p. 62 – 72.
- CORRÊA, R. L. Espaço: um conceito-chave da geografia. In.: CASTRO, I. E. de.; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.) **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- CORRÊA, R. L. Processos espaciais e a cidade. In.: _____. **Trajelórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- CREAGH, R. Élisée Reclus et les États-Unis - Genèse d'une géographie. **Colóquio Internacional: Élisée Reclus e a geografia do novo mundo**. 6 a 10 de dezembro de 2011. Laboratório de Geografia Política. Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo: USP, 2011.
- CREAGH, R. **Histoire de l'anarchisme aux Etats-Unis d'Amerique**. Les origines: (1826 – 1886). Paris: La Pensée Sauvage, 1981.
- CREAGH, R. O que é uma geografia das liberdades? In.: CREAGH, R.; PELLETIRER, P.; ROQUES, G.; STEELE, T. **Élisée Reclus e a geografia das liberdades**. São Paulo: Imaginário. Expressão e Arte, 2011.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DARDEL, E. **L'homme et la terre**. Nature de la réalité géographique. Paris: PUF, 1952.
- DÉJACQUES, J. **À bas les chefs!** Paris: Les Temps Nouveaux, 1912.
- DÉJACQUES, J. **L'humanisphère**. Bruxelles: Bibliothèque des "Temps Nouveaux", 1899.
- DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. (Dir.) **Historicités**. Paris: La Découverte, 2009.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Rio de Janeiro: 34, 1995.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**. capitalismo e esquizofrenia. Vol. 3. Rio de Janeiro: 34, 1996.
- DEMATTEIS, G. **La metafore dela Terra**. La geografia umana tra mito e scienza. Milano; Feltrinelli, 1985.
- DERRUAU, M. **Geografia humana**. 2 vols. Lisboa: Presença, 1973.
- DOUZET, F. Élisée Reclus et l'Amérique, regard centenaire sur un pays neuf. **Hérodote**. nº117, La Découverte, 2 trimestre, 2005, p. 57 - 76.
- ELTZBACHER, P. **L'anarchisme**. Paris: V. Giard & E. Brière, 1902.
- ENCKELL, M. Élisée Reclus, inventeur de l'anarchisme. In.: BORD, J.-P. et al. (Éds.). **Élisée Reclus – Paul Vidal de la Blache**. Le géographe, la cité et le monde hier et aujourd'hui (autour de 1905). Paris: L'Harmattan, 2009, p. 39 - 44.
- ENGELS, F. **Dialética da natureza**. Lisboa: Presença, 1974.
- ERRANDONEA, A. **Un anarquismo para el siglo XXI**. Buenos Aires: Madreselva, 2011.
- ERTHAL, R. Geografia histórica - considerações. **GEOgraphia**. Ano V, nº 9, 2003, p. 28 – 39.

FAISSOL, S. O. **“Mato Grosso” de Goiás**. Rio de Janeiro: IBGE, 1952.

FEBVRE, L. **A terra e a evolução humana: introdução geográfica à história**. Lisboa: Cosmos, 1954.

FERNANDES, B. M. **Construindo um estilo de pensamento na questão agrária: o debate paradigmático e o conhecimento geográfico**. Vol. 1 - 2. Tese (livre-docência). Presidente Prudente: Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2013, 344 f.

FERNANDES, B. M. Questão agrária: conflitualidade e desenvolvimento territorial. In: Buainain, A. M. (Editor). **Luta pela terra, reforma agrária e gestão de conflitos no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 173-224.

FERNANDES, B. M. Soberania alimentar como território. Trabalho apresentado no **Workshop Food Sovereignty: Theory, Praxis and Power**, realizado nos dias 17 e 18 de novembro no St. Andrews College, University of Saskatchewan, Saskatoon, Saskatchewan – Canadá, 2009.

FERRER i GUARDIA, F. **La escuela moderna**. Espanha: Zero Zyx, 1978.

FERRETTI, F. “Eles têm o direito de expulsar-nos”: a Nova Geografia Universal de Élisée Reclus. **Espaço e Economia**. Revista Brasileira de Geografia Econômica. Ano II, nº 3, 2013a, p. 1 – 21.

FERRETTI, F. As origens da noção de “*fronteiras móveis*”. Limites políticos e migrações nas geografias de Friedrich Ratzel e Élisée Reclus. **Revista Continentes**. UFRRJ, ano 3, nº 4, 2014, p. 48 – 65.

FERRETTI, F. Esclaves libérés et vols d’histoire: la géographie d’Élisée Reclus et l’Afrique subsaharienne. **Élisée**. Revista de Geografia da UEG - Goiânia, v.1, n.2, jul./dez, 2012a, p.1-24.

FERRETTI, F. Evolução e revolução: os geógrafos anarquistas entre ciência e militância. **Colóquio Internacional Ciência e Anarquismo**. 11 a 14 de novembro de 2013. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2013b.

FERRETTI, F. **L’Occidente di Élisée Reclus: l’invenzione dell’Europa nella Nouvelle Géographie Universelle (1876-1894)**. Tesi (Dottorato di ricerca in Storia e Geografia d’Europa). Universités de Bologne - Almamater Studiorum et Paris 1 Panthéon – Sorbonne. Dipartimento di Discipline Storiche, Antropologiche e Geografiche; UMR 8504 Géographie-Cités, Equipe E.H.GO Épistémologie et Histoire de la Géographie. Paris: Sorbone, 2011a, 560 f.

FERRETTI, F. La Comuna de París y los orígenes del pensamiento anarquista: la experiencia de los hermanos Reclus. **Germinal**. Revista de estudios libertarios, n. 8, 2009, p. 3-42.

FERRETTI, F. La géographie d’Élisée Reclus face à l’extermination des Amérindiens: enjeux scientifiques et politiques. **Colóquio Internacional: Élisée Reclus e a Geografia do Novo Mundo**. Universidade de São Paulo – Departamento de Geografia. 6 a 10 de dezembro de 2011b, p. 1 – 16.

FERRETTI, F. Libertés citoyennes, ville globale et fédéralisme: compositions urbaines dans la Nouvelle Géographie Universelle d’Élisée Reclus (1876-1894). **137º Congrès des sociétés historiques et scientifiques**. Tours 23-28, avril 2012b, p. 1 – 21.

- FERRETTI, F., PELLETIER, P. “Índigenas do universo”: espaço, dominação e práticas de libertação social na obra dos geógrafos anarquistas Elisée Reclus, Piotr Kropotkin e Léon Metchnikoff. **Revista Território Autônomo**, nº 2, Outono de 2013a, p. 5 - 16.
- FERRETTI, F.; PELLETIER, P. Sciences impériales et discours hétérodoxes?: Élisée Reclus et le colonialisme français. **L’Espace Géographique**. Tome 42, 1^o semestre, 2013b, p. 1 – 14.
- FERRIER, J.-P. **Le contrat géographique ou l’habitation durable des territoires**. Antée 2. Lausanne: Payot, 1998.
- FEUERBACH, L. **A essência do cristianismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- FEYERABEND, P. **Contra o método**. 2^a ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. 8^a ed. São Paulo: Forense Universitária, 2013.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. 9^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 4^a ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: História das violências nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FOURIER, C. **L’harmonie universelle et le phalansthère**. Vol. 1. Paris: Librairie Phalansthérienne, 1849.
- FREIRE, L. **Dicionário da língua portuguesa**. Vol. 2. Rio de Janeiro: A Noite, 1940.
- FRÉMONT, A. La géographie sociale: une petite mode qui peut devenir grande. **L’Espace Géographique**. Nº 2, 1986, p. 87 – 89.
- FRÉMONT, A. **La région, espace vécu**. Paris: PUF, 1976.
- FRÉMONT, A.; CHEVALIER, J.; HÉRIN, R.; RENARD, J. **La géographie sociale**. Paris: Masson, 1984.
- GEDDES, P. **Cidades em evolução**. Campinas: Papyrus, 1994.
- GEORGE, P. Un géographe "engagé", Elisée Reclus. **Annales de Géographie**. Volume 88, Numéro 490, 1979, p. 725 – 727.
- GIBLIN, B. Élisée Reclus, 1830 – 1905. **Hérodote**. Élisée Reclus – un géographe libertaire. Nº 22/35, 3^o trimestre. Paris: La Découverte, 1981, p. 6 – 13.
- GIBLIN, B. Élisée Reclus: géographie, anarchisme. **Hérodote**. Stratégie, géographies, idéologies. Nº 2, 2^o trimestre. Paris: La Découverte, 1976, p. 30 – 51.
- GIBLIN, B. Élisée Reclus: un géographe d’exception. **Hérodote**. nº. 117, 2^o trimestre. Paris: La Découverte, 2005a, p. 11 – 28.
- GIBLIN, B. Introducción y selección de textos. In.: RECLUS, E. **El hombre y la tierra**. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.
- GIBLIN, B. Reclus et la colonisations. **Hérodote**. Nº117, 2^o trimestre. Paris: La Découverte, 2005b, p. 135 – 152.
- GINTRAC, C. Géographie critique, géographie radicale: comment nommer la géographie engagée? **Carnets de Géographes**. Nº 4, septembre 2012, p. 1 – 13.
- GODOY, P. R. T. de. (Org.) **História do pensamento geográfico e epistemologia em geografia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

- GOMES, P. C. da C. **Geografia e modernidade**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- GONÇALVES, C. W. P. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. 14ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- GOTTDIENER, M. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: EdUSP, 1993.
- GOTTMANN, J. **La politique des États et sa géographie**. Paris: Armand Colin, 1952.
- GOTTMANN, J. **Megalopolis**. The urbanized northeastern seaboard of the United States. New York: The Twentieth Century Fund, 1961.
- GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- GRAVE, J. **La société mourante et l'anarchie**. Paris: Tresse & STOCK, 1893.
- HAESBAERT, H.; PEREIRA, S. N.; RIBEIRO, G. (Orgs.). **Vidal, vidais**. Textos de geografia humana, regional e política. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**. Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- HAESBAERT, R. Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas. **Antares**. Letras e Humanidades. Nº 3, jan./jun. 2010, p. 1 – 24.
- HARTOG, F. Sur la notion de régime d'historicité. In.: DELACROIX, C.; DOSSE, F.; GARCIA, P. (Dir.) **Historicités**. Paris: La Découverte, 2009.
- HARTSHORNE, R. **Propósitos e natureza da geografia**. São Paulo: HUCITEC, 1978.
- HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo** – Parte I. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HOLLOWAY, J. **Fissurar o capitalismo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2013.
- HOLLOWAY, J. **Mudar o mundo sem tomar o poder**. O significado da revolução hoje. São Paulo: Boitempo, 2003.
- HOWARD, E. **Cidades-jardins de amanhã**. Arte e vida urbana. São Paulo: HUCITEC. Annablune, 1996.
- HUMBOLDT, A. de. **Cosmos**. Essai d'une description physique du monde. Tome 1. Paris: Gide et J. Baudry, 1855.
- HUMBOLDT, A. de. **Ensayo político sobre Nueva España**. Tomo tercero. Paris: Libreria de Lecointe, 1836.
- HUNTINGTON, S. P. **O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial**. São Paulo: Objetiva, 1997.
- HUSSERL, E. **Filosofia como ciência e rigor**. Lisboa: 70, 1989.
- KROPOTKIN, P. **Ajuda mútua: um fator de evolução**. São Sebastião: Senhora, 2009.
- KROPOTKIN, P. **Champs, usines et ateliers**. Ou l'industrie combinée avec l'agriculture, et le travail cérébral avec le travail manuel. Paris: STOCK, 1910.
- KROPOTKIN, P. **Palavras de um revoltado**. São Paulo: Ícone. Imaginário, 2005.

- KROPOTKIN, Piotr. **La conquête du pain**. Paris: Tresse e Stock, 1892.
- KUHN, T. S. **La estructura de las revoluciones científicas**. México: Fondo de Cultura Económica, 1971.
- LACOSTE, Y. (Dir.). Élisée Reclus: un géographe libertaire. **Hérodote**. 3^o trimestre, n^o 22, juillet-septembre, 1981.
- LACOSTE, Y. “À bas Vidal! ... Viva Vidal!”. **Hérodote**. N^o 16, 4^o semestre, 1979, p. 68 – 81.
- LACOSTE, Y. **A geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas: Papyrus, 1988.
- LACOSTE, Y. Élisée Reclus, une très large conception de la géographicité et une bienveillante géopolitique. **Hérodote**. n^o. 117, 2^o trimestre. Paris: La Découverte, 2005, p. 29 - 52.
- LACOSTE, Y. **Ibn Khaldun: nascimento da história**. História, passado do terceiro mundo. S o Paulo:  tica, 1991.
- LACOSTE, Y. La question postcoloniale. **Hérodote**. N^o120, 1^o trimestre. Paris: La Découverte, 2006, p. 5 - 27.
- LACOSTE, Y. **Paysages politiques**. Braudel, Gracq, Reclus... Paris: Le Livre de Poche, 1990.
- LAFAILLE, R. En lisant Reclus. **Annales de Géographie**. Tome. 98, n^o 548. 1989, p. 445-459.
- LAFARGUE, P. **Le droit à la paresse**. Réfutation du droit au travail de 1848. Bruxelles: Biblioth te Populaire, 1900.
- LEFEBVRE, H. **A re-produ o das rela es sociais de produ o**. Porto: Publica es Escorp es, 1973.
- LEFEBVRE, H. **A revolu o urbana**. Belo Horizonte: Humanitas, 1999.
- LEFEBVRE, H. **El materialismo dialectico**. Buenos Aires: La Pleyade, 1971.
- LEFEBVRE, H. **La production de l’espace**. Paris: Anthopos, 1986.
- LEFEBVRE, H. **Lógica formal e lógica dialética**. 5^a ed. Rio de Janeiro: Civiliza o Brasileira, 1991.
- LEVAL, G. **La falácia del marxismo**. Ciudad del Mexico: Editores Mexicanos Unidos, 1967.
- LÉVY, A.; LASKA, B. A. **Stirner e Nietzsche**. São Paulo: Expressão e Arte. Imaginário, 2013.
- LOPES, M. **Cr nica dos primeiros anarquistas no Rio de Janeiro (1888-1900)**. Rio de Janeiro: Achiam , 2004.
- LOURENÇO, A.; BUEN, O. de. La geografía de un anarquista. In.: RECLUS, E. **El hombre y la tierra**. 8 vol. México: Fondo de Cultura Econ mica, 1986, 34 pgs.
- LUCR CE, T. C. **De la nature**. Paris: Garnier, 1964.
- LYORARD, J. F. **O pós-moderno**. 3^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.
- MAKHNO, N. **A revolu o social na Ucrânia**. São Paulo: Imaginário. Nu-Sol, 2001.
- MALATO, C. **Philosophie de l’anarchie**. 3^a ed. Paris: P.-V. STOCK, 1897.

- MARCOS, Subcomandante Insurgente (EZLN). **Nem o centro e nem a periferia.** Sobre cores, calendários e geografias. Porto Alegre: Deriva, 2008.
- MARSH, G. P. **Man and nature.** Or Physical by human action. New York: Charles Scribner, 1864.
- MARSHALL, P. Élisée Reclus, géographe de la liberte. In.: BORD, J-P. et. al. (Éds.). **Élisée Reclus – Paul Vidal de la Blache.** Le géographe, la cité et le monde hier et aujourd'hui (autour de 1905). Paris: L'Harmattan, 2009, p. 33 – 44.
- MARTINS, J. de S. **Os camponeses e a política no Brasil.** As lutas sociais no campo e seu lugar no progresso político. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
- MARTONNE, E. de. **Tratado de geografia física.** Lisboa: Cosmos, 1953.
- MARX, K & ENGELS, F. **A ideologia alemã:** crítica da filosofia alemã mais recente na pessoa dos seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo etc. Lisboa: Presença, 1974.
- MASSEY, D. **Pelo espaço.** Uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- MENDONÇA, F. Geografia socioambiental. In.: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Orgs.). **Elementos de Epistemologia da Geografia contemporânea.** Curitiba: Ed. UFPR, 2009.
- METCHNIKOFF, L. **La civilisation et les grands fleuves historiques.** Paris: Hachette, 1889.
- MEYNIER, A. **Histoire de la pensée géographique en France.** Paris: PUF, 1969.
- MICHOTTE, P. L'orientation nouvelle en géographie. **Bulletin de la Société Royale de Géographie**, 1922, 1, p. 1 - 39.
- MONTEIRO, F. P. **O niislismo social.** Anarquistas e terroristas no século XIX. São Paulo: Annablume, 2010.
- MORAES, A. C. R. **A gênese da geografia moderna.** São Paulo: HUCITEC, 1989.
- MOREIRA, R. Espacialidade: uma reflexão sobre o problema da ontologia do espaço. In.: CORRÊA, A. de M.; OLIVEIRA, M. P. de; COELHO, M. C. (Orgs.) **O Brasil, a América Latina e o mundo:** espacialidades contemporâneas. Vol. 1. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.
- MOREIRA, R. **O pensamento geográfico brasileiro.** V. 1. As matrizes clássicas originárias. São Paulo: Contexto, 2008a.
- MOREIRA, R. **Para onde vai o pensamento geográfico?** Por uma epistemologia crítica. São Paulo: Contexto, 2009.
- MOREIRA, R. **Pensar e ser em geografia.** Ensaio de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2008b.
- MORIN, E.; KERN, A. B. **Terra-Pátria.** 6ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- MOSQUETE, T. V. Elisée Reclus y su aportación a la cartografía. **Segon Congrés Català de Geografia.** Departamento de Geografía. Universidad de Salamanca, 29 – 31 de maig de 2008, p. 478 – 494.
- MOSQUETE, T. V. Eliseo Reclus: compromiso social y libertad científica del siglo XIX para el siglo XXI. In.: ARNAU, X. et. al. (éds.). **Ciència i Compromís Social. Élisée Reclus (1830 – 1905) i la Geografia de la Libertat.** Barcelona: Publicaciones de la Residència D'Investigadors, 2007, p. 11 – 49.

- MUNFORD, L. **A cidade na história**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- NAQUET, A. **L'anarchie et le collectivisme**. Paris: Bibliothèque Internationale d'Éditions E. Sansot et Cie., 1904.
- NETTLAU, M. **Eliseo Reclus (1830 – 1905): la vida de un sábio justo y rebelde**. Barcelona: Biblioteca de la Revista Blanca, 1928.
- NETTLAU, M. **História da anarquia**. Das origens ao anarco-comunismo. São Paulo: Hedra, 2008.
- NEWMAN, S. Anarquismo e a política do ressentimento. **Verve**, nº 14, 2008, p. 145 - 178.
- NEWMAN, S. Guerra ao estado: o anarquismo de Stirner e Deleuze. **Verve**, nº 8, 2005, p. 13 – 41.
- NEWMAN, S. Pós-anarquismo: entre política e antipolítica. **Política & Trabalho**. Revista de Ciências Sociais, nº 36 – abril de 2012, p. 103 – 115.
- NIETCHÁIEV, S. O catecismo revolucionário. **VERVE: Revista Semestral do NUSOL - Núcleo de Sociabilidade Libertária**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. nº 11. (abril, 2007). São Paulo: PUC, 2007. p. 78 – 94.
- NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NIETZSCHE, F. **A vontade de poder**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos ídolos - ou como se filosofa com o martelo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- OLIVEIRA, A. U. de. **A agricultura camponesa no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- ONFRAY, M. **A política do rebelde**. Tratado de resistência e insubmissão. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- ONFRAY, M. **A potência de existir**. Manifesto hedonista. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- ONFRAY, M. **Contra-história da filosofia**. As sabedorias antigas. Vol. 1. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- ONFRAY, M. **Contra-história da filosofia**. Eudemonismo social. Vol. 5. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- ONFRAY, M. **Contra-história da filosofia**. Os ultras das luzes. Vol. 4. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ONFRAY, M. **Théorie du Voyage**. Poétique de la géographie. Paris: Librairie Générale Française, 2007.
- PAULA, A. E. H. Anarquia na I Internacional: as presenças de Élisée Reclus e Charles Perron. **Élisée**. Revista de Geografia da UEG. Anápolis, v. 4, nº 1, jan./jun. 2015, p. 20 – 35.
- PELLETIER, P. A grande cidade entre barbárie e civilização em Élisée Reclus. In.: COELHO, P. A. (Org.). **Élisée Reclus e a geografia das liberdades**. São Paulo: Imaginário, 2011a, p. 95 – 124.

- PELLETIER, P. Ecologie et anarchie: sortir de la confusion. **Le Monde Libertaire**, n° 1776, 28 mai – 3 juin 2015. (www.monde-libertaire.fr/ecologie)
- PELLETIER, P. Élisée Reclus, théorie géographique et théorie anarchiste. **Colóquio Internacional: Élisée Reclus e a geografia do novo mundo**. 6 a 10 de dezembro de 2011. Laboratório de Geografia Política. Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo: USP, 2011b.
- PELLETIER, P. La grande séparation à reabsorber et l'occident vus par Élisée Reclus. In.: ARNAU, X. et. al. (éds.). **Ciència i Compromís Social. Élisée Reclus (1830 – 1905) i la Geografia de la Libertat**. Barcelona: Publicaciones de la Residència D'Investigadors, 2007, p. 51 - 92.
- PINCHEMEL, P. Biographie. In.: DARDEL, E. **L'homme et la terre**. Nature de la réalité géographique. Paris: CTHS, 1990, p. 177 – 181.
- PINCHEMEL, P. **Géographie de la France**. 2 tomes. Paris: Armand Colin, 1964.
- PROUDHON, P.-J. **Do princípio federativo**. São Paulo: Nu-Sol. Imaginário, 2001.
- PROUDHON, P.-J. **Quest-ce que la propriété?** Recherches sur le principe du droit. Tome 1. Paris: Librairie Internationale, 1873.
- RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- RAFFESTIN, C. Théories du réel et géographicité. **Espaces-Temps**. N° 40-41, 1989, p. 26 – 31.
- RATZEL, F. **Géographie politique**. Paris: Éditions Régionales Européennes et Economica, 1988.
- READ, H. **A filosofia do anarquismo**. São Paulo: Barricada Libertária, 2012.
- RECLUS, É. A anarquia. In.: _____. **Anarquia pela educação**. Org. Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Hedra, 2011a.
- RECLUS, É. **A evolução, a revolução e o ideal anarquista**. São Paulo: Imaginário, 2002.
- RECLUS, É. A meu irmão camponês. In.: COÊLHO, P. A. **Élisée Reclus – Anarquia pela educação**. São Paulo: Hedra, 2011b, p. 81 - 91.
- RECLUS, É. A pena de morte. In.: COÊLHO, P. A. **Élisée Reclus – Anarquia pela educação**. São Paulo: Hedra, 2011c, p. 93 – 99.
- RECLUS, É. À propos du végétarisme. **La Réforme Alimentaire**. Groupe de Végétariens: Société Végétariennes de France et de Belgique. Vol. V, n° 3, mars 1901, p. 37 – 45.
- RECLUS, É. **Algumas palavras de história**. São Paulo: Expressão e Arte. Imaginário, 2010a.
- RECLUS, É. **As repúblicas na América do Sul**. Suas guerras e seu projeto de federação. São Paulo: Expressão e Arte. Imaginário, 2011d.
- RECLUS, É. **Correspondance**. Décembre 1850 – Mai 1870. Tome 1. Paris: Librairie Schleicher Frères, 1911.
- RECLUS, É. **Correspondance**. Octobre 1870 – Juillet 1889. Tome 2. Paris: Librairie Schleicher Frères, 1911.
- RECLUS, É. **Correspondance**. Septembre 1889 – Juillet 1905. Tome 3. Paris: Alfred Costes, 1911.

RECLUS, É. **Da ação humana na geografia física. Geografia comparada no espaço e no tempo.** São Paulo: Expressão e Arte. Imaginário, 2010b.

RECLUS, É. **Da escravidão nos Estados Unidos.** São Paulo: Expressão e Arte. Imaginário, 2010c.

RECLUS, É. **Do sentimento da natureza nas sociedades modernas.** São Paulo: Expressão e Arte. Imaginário, 2010d.

RECLUS, É. **Estados Unidos do Brasil.** Geographia, ethnographia, estatística. Rio de Janeiro: Garnier, 1900.

RECLUS, É. Hégémonie de l'Europe. **La Société nouvelle**, vol. 1, n. 112 (avr.), 1894a, p. 433-443.

RECLUS, É. **Histoire d'un ruisseau.** Paris: Bibliothèque d'éducation et de récréation, 1881a.

RECLUS, É. **Histoire d'une montagne.** Paris: Bibliothèque d'éducation et de récréation, 1882a.

RECLUS, É. **L'homme et la terre.** 6 Tomes. Paris: Librairie Universelle, 1905.

RECLUS, É. La grande famille. **Le Magazine International.** Janv. 1897, p. 8 – 12.

RECLUS, É. **La terre.** Description des phénomènes de la vie du globe. Les continents. Tome 1. Paris: Hachette, 1868.

RECLUS, É. **La terre.** Description des phénomènes de la vie du globe. L'Océan, L'Atmosphère, La vie. Tome 2. Paris: Hachette, 1869.

RECLUS, É. **Nouvelle géographie universelle.** La terre et les hommes. Tome 1. L'Europe meridionale. Paris: Hachette, 1876.

RECLUS, É. **Nouvelle géographie universelle.** La terre et les hommes. Tome 2. La France. Paris: Hachette, 1877.

RECLUS, É. **Nouvelle géographie universelle.** La terre et les hommes. Tome 3. L'Europe Centrale. Paris: Hachette, 1878.

RECLUS, É. **Nouvelle géographie universelle.** La terre et les hommes. Tome 4. L'Europe du Nord-Ouest. Paris: Hachette, 1879.

RECLUS, É. **Nouvelle géographie universelle.** La terre et les hommes. Tome 5. L'Europe Scandinave et Russie. Paris: Hachette, 1880.

RECLUS, É. **Nouvelle géographie universelle.** La terre et les hommes. Tome 6. L'Asie Russe. Paris: Hachette, 1881b.

RECLUS, É. **Nouvelle géographie universelle.** La terre et les hommes. Tome 7. L'Asie Orientale. Paris: Hachette, 1882b.

RECLUS, É. **Nouvelle géographie universelle.** La terre et les hommes. Tome 8. L'Inde et L'Indo-Chine. Paris: Hachette, 1883.

RECLUS, É. **Nouvelle géographie universelle.** La terre et les hommes. Tome 9. L'Asie Antérieure. Paris: Hachette, 1884.

RECLUS, É. **Nouvelle géographie universelle.** La terre et les hommes. Tome 10. L'Afrique Septentrionale (première partie). Paris: Hachette, 1885.

- RECLUS, É. **Nouvelle géographie universelle**. La terre et les hommes. Tome 11. L'Afrique Septentrionale (deuxième partie). Paris: Hachette, 1886.
- RECLUS, É. **Nouvelle géographie universelle**. La terre et les hommes. Tome 12. L'Afrique Occidentale. Paris: Hachette, 1887.
- RECLUS, É. **Nouvelle géographie universelle**. La terre et les hommes. Tome 13. L'Afrique Méridionale. Paris: Hachette, 1888.
- RECLUS, É. **Nouvelle géographie universelle**. La terre et les hommes. Tome 14. Océan et terres océaniques. Paris: Hachette, 1889.
- RECLUS, É. **Nouvelle géographie universelle**. La terre et les hommes. Tome 15. Amérique Boréale. Paris: Hachette, 1890.
- RECLUS, É. **Nouvelle géographie universelle**. La terre et les hommes. Tome 16. Les États-Unis. Paris: Hachette, 1892.
- RECLUS, É. **Nouvelle géographie universelle**. La terre et les hommes. Tome 17. Indes Occidentales. Paris: Hachette, 1891.
- RECLUS, É. **Nouvelle géographie universelle**. La terre et les hommes. Tome 18. Amérique du Sud. Les régions andines. Paris: Hachette, 1893.
- RECLUS, É. **Nouvelle géographie universelle**. La terre et les hommes. Tome 19. Amérique du Sud. L'Amazonie et la Plata. Paris: Hachette, 1894b.
- RECLUS, É. **O Brasil e a colonização**. São Paulo: Expressão e Arte. Imaginário, 2011e.
- RECLUS, É. **O homem e a terra**. A cultura e a propriedade. São Paulo: Imaginário. Expressão e Arte, 2010e.
- RECLUS, É. **O homem e a terra**. Educação. São Paulo: Imaginário. Expressão e Arte, 2010f.
- RECLUS, É. **O homem e a terra**. Indústria e o comércio. São Paulo: Imaginário. Expressão e Arte, 2011f.
- RECLUS, É. **O homem e a terra**. Internacionais. São Paulo: Imaginário. Expressão e Arte, 2011g.
- RECLUS, É. **O homem e a terra**. O Estado moderno. São Paulo: Imaginário. Expressão e Arte, 2010g.
- RECLUS, É. **O homem e a terra**. Progresso. São Paulo: Imaginário. Expressão e Arte, 2011h.
- RECLUS, É. **Renovação de uma cidade. Repartição dos homens**. São Paulo: Imaginário. Expressão e Arte, 2010h.
- RECLUS, É. **Voyage à la Sierra-Nevada de Sainte-Martha**. Paysages de la nature tropicale. Paris: Hachette, 1861.
- RECLUS, Élie. **La Commune de Paris**. Au jour le jour 1871, 19 Mars – 28 Mai. Paris: Schleicher Frères, 1908.
- RECLUS, Élie. **Les primitifs**. Études d'ethnologie comparée. Paris: Chamerot, 1885.

RECLUS, P. **Les frères Élie et Élisée Reclus ou du protestantisme à l'anarchie.** Paris: Le Amis d'Élisée Reclus, 1964.

RENARD, J. Réflexions sur la géographie sociale d'aujourd'hui au regard du précis de 1984. **Travaux et Documents.** N° 22, octobre 2004, p. 99 – 103.

REY-DEBOVE, J.; REY, A. (Org.) **Nouveau petit Robert:** dictionnaire analogique et alphabétique de la langue française. Version 1.3. Paris: Dictionnaire Le Robert, 1996. CD-ROM.

RICE, E. **Sir Richard Francis Burton.** O agente secreto que fez a peregrinação a Meca, descobriu o *Kama Sutra* e trouxe *As mil e uma noites* para o ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RITTER, K. **Géographie générale comparée, ou etude de la Terre.** Dans ses rapports avec la nature et avec l'histoire de l'homme. Bruxelles: Société Tupographique Belge, 1838.

ROBIC, M.-C. Élisée Reclus visited and revisited. **Laboratoire Géographie-cité.** Equipe Epistémologie et Histoire de la Géographie. (E.H.GO). Paris <halshs-00734128>, 2006, p. 1 – 11.

ROBIC, M.-C. **Géographicité.** Hypergeo. Français – Géographie – Théories. Disponível em: www.cyberbeo.presse.fr, 2004 (acesso em 15/04/2014).

ROBIC, M.-C. (Org.). **Le Tableau de la Géographie de la France de Paul Vidal de la Blache:** dans le labyrinthe des formes. Paris: Éditions du CTHS, 2000.

ROBIC, M.-C. De la relativité... Élisée Reclus, Paul Vidal de la Blache et l'espace-temps. In.: BORD, J-P. et. al. (Éds.). **Élisée Reclus – Paul Vidal de la Blache.** Le géographe, la cité et le monde hier et aujourd'hui (autour de 1905). Paris: L'Harmattan, 2009.

ROBIC, M.-C. L'invention de la "Géographie Humaine" au tournant des années 1900: les vidaliens et l'écologie. In.: CLAVAL, P. (dir.). **Autour de Vidal de la Blache.** La formations de l'école française de Géographie. Paris: Éditions du CNRS, 1993.

RONCO, D. **Bibliografia di Élisée Reclus.** (aggiornata al 2000). Gálica.bnf.fr (acesso em 10/05/2012).

ROQUER, R. **A insuficiência do materialismo histórico.** Religião e política. Rio de Janeiro: Organização Simões Editora, 1956.

ROQUES, G. Élisée Reclus geógrafo: uma herança ainda virtual. In.: COÊLHO, P. A. (Org.). **Élisée Reclus e a geografia das liberdades.** São Paulo: Imaginário, 2011, p. 35 – 60.

SAID, E. W. **Cultura e imperialismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SAID, E. W. **Orientalismo.** O oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANGUIN, A-L. De Reclus à Vidal: la prise en compte du politique dans la pensée géographique française. In.: BORD, J-P. et. al. (Éds.). **Élisée Reclus – Paul Vidal de la Blache.** Le géographe, la cité et le monde hier et aujourd'hui (autour de 1905). Paris: L'Harmattan, 2009, p. 283 – 289.

SANTOS, B. de S. **Descolonizar el saber, reinventar el poder.** Montevideo: Universidad de la República: Trilce, 2010.

- SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (Orgs.) **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010.
- SANTOS, M. & SILVEIRA, M. L. **O Brasil – território e sociedade no início de século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo, razão e emoção. 4ª ed. São Paulo: EdUSP, 2004.
- SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. Do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Edusp, 2008.
- SANTOS, M. **Metamorfose do espaço habitado**. 5ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- SANTOS, M. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec, 1978.
- SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território**. 3ª ed. São Paulo: Outras Expressões, 2013.
- SARRAZIN, H. **Élisée Reclus, ou, la passion du monde**. Paris: La Découverte, 1985.
- SARTRE, J.-P. **Crítica da razão dialética precedido por questões de método**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- SCHAEFER, F. K. Exceptionalism in geography: A methodological examination. **Annals of the Association of American Geographers**. Vol. 43, nº 3. Sep., 1953, p. 226-249.
- SÉCHET, R.; VICENT, V. (Dir.). **Penser et faire la géographie sociale**. Contribution à une épistémologie de la géographie sociale. Rennes: PUR, 2006.
- SILVA, W. C. L da. **As terras inventadas**. Discurso e natureza em Jean de Léry, André João Antonil e Richard Francis Burton. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.
- SOJA, E. W. A virada da espacialidade. O espaço como questão pessoal. In.: CORRÊA, A. de M.; OLIVEIRA, M. P. de; COELHO, M. C. (Orgs.) **O Brasil, a América Latina e o mundo: espacialidades contemporâneas**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.
- SOJA, E. W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- SORRE M. **Rencontres de la géographie et de la sociologie**. Paris: Librairie Marcel Rivière. Petite bibliothèque sociologique internationale, 1957.
- SORRE, M. **El hombre en la tierra**. Barcelona: Labor, 1961.
- SORRE, M. **Max. Sorre: geografia**. Org. Januário F. Megale; Maria Cecília França; Moacyr Marques. São Paulo: Ática, 1984.
- SOSA, B. M. et al. **Revolução agroecológica**. O movimento Camponês a Camponês da ANAP em Cuba. Habana: ANAP, 2010.
- SOUZA, J. C. de. **A questão da individualidade**. A crítica do humano e do social na polêmica Stirner-Marx. Campinas: Ed. Unicamp, 1993.
- SOUZA, M. L. de. A expulsão do paraíso. O “paradigma da complexidade” e o desenvolvimento sócio-espacial. In.: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.) **Explorações geográficas: percursos no fim de século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

- SOUZA, M. L. de. A geografia e o pensamento libertário: subsídios para um debate sobre tradições e novos rumos. **Revista Território Autônomo**. Nº 1, primavera de 2012, p. 5 – 14.
- SOUZA, M. L. de. **A prisão e a ágora**: reflexões em torno da democratização do planejamento e da gestão das cidades. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- SOUZA, M. L. de. **Mudar a cidade**. Uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- SOUZA, M. L. de. **O desafio metropolitano**. Um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- SPOSITO, E. S. A propósito dos paradigmas de orientações teórico-metodológicas na geografia contemporânea. São Paulo: **Terra Livre**. Nº 16, 1º semestre, 2001, p. 99 – 112.
- SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia**. Contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.
- STEDILE, J. P. Globalizemos a luta, a esperança e o conhecimento camponês. Prólogo da Via Campesina. In.: SOSA, B. M. et al. **Revolução agroecológica**. O movimento: Camponês a Camponês da ANAP, em Cuba. Habana: ANAP, 2010.
- STEELE, T. Élisée Reclus e Patrick Geddes: geógrafos do espírito. In.: COÊLHO, P. A. (Org.). **Élisée Reclus e a geografia das liberdades**. São Paulo: Imaginário, 2011, p. 61 – 93.
- STIRNER, M. **O único e a sua propriedade**. Lisboa: Antígona, 2004.
- TATHAM, G. A geografia no século dezanove. **Boletim Geográfico**. Conselho Nacional de geografia. IBGE: Ano XVII, nº 150, maio – junho de 1959, p. 198 – 226.
- THÉMINES, J.-F. *Géographicité* et enseignement de la géographie. **Institut Français de L'Éducation**. Disponível em: ecehg.ens-lyon.fr, juillet 2006. (acesso em 19/04/2014).
- TORCATO, L. M. O. **Sir Richard Francis Burton**: andarilho nas fronteiras entre o Oriente e o Orientalismo. Dissertação (mestrado em história) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 1996.
- TREMBLAY, R. Diversité de la géographie sociale. **Revue Canadienne des Sciences Régionales**. Nº XXVI/1, 2003, p. 177 – 188.
- TRISTAN, F. **Promenades dans Londres**. Paris: H.-L. Delloye, 1840.
- VANT, A. La géographie sociale Lyonnaise en perspective. **Revue de Géographie de Lyon**. Vol. 59, nº 3, 1984, p. 131 – 146.
- VATTIMO, G. **A sociedade transparente**. Lisboa: 70, 1989.
- VATTIMO, G. **As aventuras da diferença**. Lisboa: 70, 1992.
- VATTIMO, G. **O fim da modernidade**. Lisboa: 70, 2000.
- VERGES, A. B. **Campesidos**. Aproximaciones a los campesinos de un continente colonizado. Quito: Fenocin. Oxfam. La Tierra, 2011.
- VIDAL DE LA BLACHE, P. As regiões francesas. In.: HAESBAERT, H.; PEREIRA, S. N.; RIBEIRO, G. (Orgs.). **Vidal, vidais**. Textos de geografia humana, regional e política. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 245 – 275.

- VIDAL DE LA BLACHE, P. Aula inaugural do curso de geografia. In.: HAESBAERT, H.; PEREIRA, S. N.; RIBEIRO, G. (Orgs.). **Vidal, vidais**. Textos de geografia humana, regional e política. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 67 – 83.
- VIDAL DE LA BLACHE, P. **La France de l'est (Lorraine – Alsace)**. 2ª éd. Paris: Librairie Armand Colin, 1918.
- VIDAL DE LA BLACHE, P. **Princípios de geografia humana**. Lisboa: Cosmos, 1954.
- VITTE, A. C. (Org.) **Kant, kantismo e a geografia**. Histórias, percalços e possibilidades investigativas. Curitiba: Appris, 2014.
- VITTE, A. C. Kant, Goethe e Alexander Humboldt: estética e paisagem na gênese da geografia física moderna. **ACTA Geográfica**. Boa Vista, v. 4, n. 8, jul./dez. de 2010, p.7 - 14.
- VITTE, L. C. A terceira crítica kantiana e sua influência no moderno conceito de geografia física. **GEOSP - Espaço e Tempo**. n° 19. São Paulo: USP, 2006, p. 33 – 52.
- VITTE, L. C. As influências da filosofia natural e da naturphilosophie na contribuição do darwinismo: elementos para uma filosofia da geografia física moderna. **Boletim Goiano de Geografia**. Instituto de Estudos Sócio-Ambientais (IESA). V. 29, n. 1, jan./jun. Goiânia: UFG, 2009, p. 13 – 32.
- VOLPI, F. **O niilismo**. São Paulo: Loyola, 1999.
- VOLQUIN, J. (Org.). **Les penseurs Grecs avant Socrate**. De Thalès de Milet à Prodicos. Paris: Garnier, 1964.
- WEBER, M. **Metodologia das ciências sociais**. Parte II. 2ª ed. São Paulo: Cortez. Campinas: Ed. Unicamp, 1973.
- ZAR, M. H. Élisée Reclus e o seu método geográfico. **Biblio 3W**. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales. GEOcrítica. Universidade de Barcelona. Vol. XX, n° 1123, 2015, p. 1 – 35.
- ZERZAN, J. **Against civilization**. Readings and reflection. Los Angeles: Feral House, 2005.
- ZERZAN, J. **Elements of refusal**. Columbia: Paleo Editions Columbia Alternative Library, 1999.
- ZERZAN, J. **Futuro primitivo**. Porto: Deriva, 2007.
- ZUSMAN, P. Geografías disidentes. Caminos y controversias. **Revistes Catalanes amb Accés Obert**. Documents d'Anàlisi Geogràfica. Universitat Autònoma de Barcelona, n° 40, 2012, p. 23 – 44.

ANEXO

Anexo 01: Trabalhos de Élisée Reclus publicados entre os anos 1857 e 1869	
1857	1. Considérations sur quelques faits de géologie et d'ethnographie : histoire du sol de l'Europe, par M. Houzeau. In: Revue philosophique.
	2. Lettres d'un voyageur . In: L'Union (La Nouvelle-Orléans), vol. 1, n. 7.
	3. Nouvelle-Grenade . In: L'Union (La Nouvelle-Orléans), vol. 1, n. 175.
1858	4. Considérations sur quelques faits de géologie et d'ethnographie. Histoire du sol de l'Europe, par M. Houzeau. In: La Revue philosophique et religieuse, vol. 9, n. 34, pp. 218-227.
1859	5. Étude sur les fleuves . In: Bulletin de la Société de géographie de Paris, ser. 4, t. 18, n. 104, pp. 69- 104.
	6. Étude sur les fleuves . Paris, Impr. de L. Martinet.
	7. Le Mississipi, études et souvenirs . In: La Revue des deux mondes, t. 1, vol. 22, pp. 257-296; t. 2, vol. 22, pp. 608-646.
	8. La Nouvelle-Grenade, paysages de la nature tropicale . In: La Revue des deux mondes, t. 1, vol. 24, pp. 625-661.
	9. Quelques mots sur la Nouvelle-Grenade . In: Bulletin de la Société de Géographie, ser. 4, vol. 17, n. 97-98, pp. 111-141.
1860	10. De l'esclavage aux États-Unis : les noirs américains depuis la guerre . In: La Revue des deux mondes, vol. 30, pp. 868-90.
	11. Excursions à travers le Dauphiné, 1850-1860 . In: Le Tour du monde, vol. 2, n. 52, pp. 401-416.
	12. Fragment d'un voyage à la Nouvelle-Orléans, 1855 . In: Le Tour du monde, pp. 177-192.
	13. Guide du voyageur à Londres et aux environs . Paris, Librairie de L. Hachette et Cie.
1861	14. Voyage de M. du Chaillu dans l'Afrique occidentale . In: Bulletin de la Société de géographie, ser. 4, vol. 20, pp. 271-275.
	15. La Méditerranée caspienne et le canal des steppes . In: La Revue des deux mondes, vol. 34 (1 ^{er} août), pp. 592-623.
	16. Mis exploraciones en América . Valencia, F. Sempere.
	17. Le Mormonisme et les États-Unis . In: La Revue des deux mondes, vol. 32, pp. 881-914.
	18. Paysages du Taurus cilicien . In: La Revue germanique, n. 1 (15 mai), pp. 43-60.
1862	19. Voyage à la Sierra Nevada de Sainte-Marthe. Paysages de la nature tropicale . Paris, Librairie de L. Hachette et Cie [1881/2].
	20. Atlas sphéroïdal et universel de géographie, par F.A. Garnier. In: Bulletin de la Société de géographie, ser. 5, vol. 3 (mars), pp. 177-182.
	21. Le Brésil et la colonisation . I. Le Bassin des Amazones et les Indiens . In: La Revue des deux mondes, vol. 39 (15 juin), pp. 930-959.
	22. Le Brésil et la colonisation . II. Les Provinces du littoral, les noirs et les colonies allemandes . In: La Revue des deux mondes, vol. 40 (15 juil), pp. 375-414.
	23. Les cités lacustres de la Suisse : un peuple retrouvé . Habitations lacustres des temps anciens et modernes, par M. Frédéric Troyon [recensione]. In: La Revue des deux mondes, vol. 37 (15 fév.), pp. 883-902.
	24. Le coton et la crise américaine . In: La Revue des deux mondes, vo. 37 (1 ^{er} jan.), pp. 176-208.
	25. Ensayo sobre las revoluciones políticas y la condicion social de las repùblicas colombianas, por José M. Samper. In: Bulletin de la Société de géographie, ser. 5, vol. 3, pp. 96-112.
	26. Guide du voyageur à Londres et aux environs. Ouvrage entièrement nouveau... Paris, Librairie de L. Hachette et Cie.
	27. The lacustrian cities of Switzerland : discovery of a lost population . In: Smithsonian institution, annual report 1861 (1862), pp. 345-361.
	28. Le littoral de la France . In: La Revue des deux mondes, (15 déc. 1862, 1 ^{er} août et 15 nov. 1863, 1 ^{er} sept. 1864).
1863	29. Les livres sur la crise américaine . In: La Revue des deux mondes, vol. 42 (15 nov.) n. 2, pp. 505-512.
	30. Londres illustré: guide spécial pour l'exposition de 1862. Paris, Librairie de L. Hachette et Cie [1862; 1865;.
	31. Les Noirs Américains depuis la guerre. 1. Les partisans du Kansas. Les Noirs libres de Beaufort . In: La Revue des deux mondes, vol. 44 (15 mars) pp. 364-394.
	32. Les Noirs Américains depuis la guerre. 2. Les plantations de la Louisiane. Les régimes

	<p>africains. Les décrets d'émancipation . In: La Revue des deux mondes, vol. 44 (1 avr.) pp. 691-722.</p> <p>33. Un prisonnier de guerre au Mexique . In: La Revue des deux mondes, vol. 43 (1 fév.), pp. 765-768.</p> <p>34. Recherches sur les ouragans . In: La Revue des deux mondes, vol. 46 (15 août) pp. 1017-1019.</p> <p>35. Report on the physics and hydraulics of the Mississippi River... by captain A.A. Humphreys and Lieutenant H.L. Abbott [recensione]. In: Bulletin de la Société de géographie, ser. 5, vol. 5 (fév.), pp. 126- 161.</p> <p>36. Un voyage dans la Tunisie . In: La Revue des deux mondes, vol. 44 (1 mars), pp. 249-252.</p>
1864	<p>37. La commission sanitaire de la guerre aux États-Unis . In: La Revue des deux mondes, vol. 51 (1 mai), pp. 155-172.</p> <p>38. Un écrit américain sur l'esclavage, par F.-W. Sargent [recensione]. In: La Revue des deux mondes, vol. 50 (15 mars), pp. 507-510.</p> <p>39. Histoire de la guerre civile aux États-Unis. Deux années de la grande lutte américaine . In: La Revue des deux mondes, vol. 53 (1 oct.) pp. 555-624.</p> <p>40. L'homme et la nature : de l'action humaine sur la géographie physique [recensione a: G.P. MARSH , Man and nature]. In: La Revue des deux mondes, vol. 54 (1 déc.) pp. 762-771.</p> <p>41. La poésie et les poètes dans l'Amérique espagnole . In: La Revue des deux mondes, vol. 49 (15 fév.), pp. 902-929.</p> <p>42. La Société du crédit au travail : assemblée générale du 27 janvier 1864 (in coll. con Arthur de Bonnard). Paris, Libr. Guillaumin.</p> <p>43. Les Villes d'hiver de la Méditerranée et les Alpes maritimes . Paris, Libr. de L. Hachette et Cie .</p>
1865	<p>44. L'Annuaire scientifique (vol. 4, 1865), éd. par Dehérain [recensione]. In: Nouvelles Annales des voyages, de la géographie, de l'histoire et de l'archéologie, a. 11, ser. 6, vol. 185, pp. 232-233.</p> <p>45. Borgerkrigen i Nordamerika . Odense, Den Hempelske Boghandel.</p> <p>46. Étude sur les dunes . In: Bulletin de la Société de géographie de Paris, ser. 5, vol. 9 (mars), pp. 193- 221.</p> <p>47. Étude sur les dunes . Paris, Impr. de E. Martinet.</p> <p>48. Les fleuves . In: Nouvelles Annales des voyages, de la géographie, de l'histoire et de l'archéologie, a. 11, vol. 186, t. 1 (mars), pp. 257-299; t. 2 (avr.) pp. 24-63.</p> <p>49. La guerre de l'Uruguay et les républiques de la Plata . In: La Revue des deux mondes, vol. 55 (15 fév.), pp. 967-997.</p> <p>50. Histoire du peuple américain, par Auguste Carlier [recensione]. In: Bulletin de la Société de géographie de Paris, ser. 5, vol. 19 (fév.), pp. 143-164.</p> <p>51. Le Mont Etna et l'éruption de 1865 : souvenirs de voyage . In: La Revue des deux mondes, vol. 58 (1 er juil.), pp. 110-138.</p> <p>52. Les oscillations du sol terrestre . In: La Revue des deux mondes, vol. 55 (1 er jan.), pp. 57-84.</p>
1866.	<p>53. A tous les démocrates (in coll. con: P. Lacombe, J. Toussaint, A. Léo). In: L'Agriculteur : journal du dimanche.</p> <p>54. Atlas de la Colombie, publié par ordre du gouvernement colombien . In: Bulletin de la Société de géographie, ser. 5, vol. 12 (août), pp. 140-146.</p> <p>55. Le Bosphore et Constantinople avec perspective des pays limitrophes, M. de Tchihatchef [recensione]. In: La Revue des deux mondes, vol. 61 (1 er janv.) pp. 262-267.</p> <p>56. Du sentiment de la nature dans les sociétés modernes . In: La Revue des deux mondes, vol. 63 (15 mai), pp. 352-381.</p> <p>57. Du sentiment de la nature dans les sociétés modernes . [S.l., s.n.].</p> <p>58. Les estuaires et les deltas : étude de géographie physique . In: Les Nouvelles annales des voyages, de la géographie, de l'histoire et de l'archéologie, ser. 6, a. 12, vol. 190 (avr.), pp. 5-55.</p> <p>59. Histoire des états américains : États-Unis . In: Revue des deux mondes, pp. 646-788.</p> <p>60. Les républiques de l'Amérique du Sud, leurs guerres et leur projet de fédération . In: La Revue des deux mondes, vol. 65 (15 oct.), pp. 953-980.</p> <p>61. La Sicilie et l'éruption de l'Etna en 1865 . In: Nouveau journal des voyages, pp. 385-400.</p> <p>62. La Sicilie et l'éruption de l'Etna en 1865 : récit de voyage . In: Le Tour du monde, vol. 13, pp. 353-416.</p> <p>63. La Sicilie et l'éruption de l'Etna en 1865 : récit de voyage . Paris, Hachette.</p>
1867	<p>64. Les Basques : un peuple qui s'en va . In: La Revue des deux mondes, vol. 68 (15 mars), pp.</p>

	313-340. 65. Les forces souterraines : les volcans et les tremblements de terre, par Arnold Boscowitz [recensione]. In: La Revue des deux mondes, vol. 67 (1 ^{er} janv.), pp. 218-230. 66. La guerre du Paraguay . In: La Revue des deux mondes, vol. 72 (15 déc.), pp. 934-965. 67. John Brown . In: La Coopération (Paris), (14 juil.). 68. L'océan : étude de physique maritime . In: La Revue des deux mondes, vol. 70 (15 août), pp. 963-993. 69. Les plages et les fjords . In: La Revue des deux mondes, vol. 68 (1 mars), pp. 265-272.
1868	70. L'élection présidentielle de La Plata et la guerre du Paraguay . In: La Revue des deux mondes, vol. 76 (15 août), pp. 891-910. 71. La guerre du Paraguay . In: La Revue politique et littéraire, (5 sept.). 72. L'insurrection de Cuba . In: La Revue politique et littéraire, (15 mars[?]). 73. Les Républiques de l'Isthme américain . In: La Revue des deux mondes, vol. 74 (15 mars), pp. 479- 498. 74. La Terre : description des phénomènes de la vie du globe. I. Les continents . Paris, Libr. de L. Hachette et Cie [1870 2, 1874 3; 1877 4; 1883 5]. 75. La Terre et l'humanité . In: Annales des voyages, vol. 199, t. 3 (juil.), pp. 5-44. 76. Les voies de communication . In: Almanach de la coopération pour 1869 , (1868).
1869	77. La Géographie. In: Almanach de l'encyclopédie générale , 1869 . Paris, Libr. du Passage européen ; Weil et Block. 78. Histoire d'un roisseau . Paris, Bibliothèque d'Education et de récréation J. Hetzel et Cie [1882 6; 1889 9; 1936 ed. in braille]. 79. Projet de reconstruction territoriale et dynastique de l'empire du Brésil aux dépens des républiques américaines . Paris, Impr. A.-E. Rochette & Cie . 80. La Terre: description des phénomènes de la vie du globe. II. L'océan. L'atmosphères. La vie . Paris, Libr. de L. Hachette et Cie [1872 2, 1876 3; 1881 4; 1883 5; 1930 (Paris, Albin Michel); 1936 (ed. in braille)]. 81. Viaje a la Sierra Nevada de Santamarta . Bogotá, Tip. de F. Martilla. 82. Les voies de communication . In: Almanach de la coopération pour 1869 . Paris, Noirot.
Fonte: RONCO, Daniele. Bibliografia di Elisée Reclus . (aggiornata al 2000). Gálica.bnf.fr (acesso em 10 /05/2012). Organização: José Vandério Cirqueira Pinto – 2014.	

Anexo 02: Trabalhos publicados de Élisée Reclus entre os anos 1870 e 1889	
1870	83. A tous les Démocrates [firmato: P. Lacombe, J. Toussaint, É. R., A. Léo]. In: L'Agriculteur : journal du dimanche (Paris). 84. Nice, Cannes, Antibes, Monaco, Menton, San Remo. Paris, Libr. de L. Hachette et C ie [1872; 1874 2]. 85. La peine de mort: conférence faite à une réunion convoquée par l'Association ouvrière de lausanne. Genève, Éd. du Révolté. 86. Les phénomènes terrestres. I. Les continents . Paris, Libr. de L. Hachette et C ie [1874 2; 1879 3; 1882 4; 1884 5].
1871	87. La Comune di Parigi. Milano, Libreria Editrice Sociale. 88. The Earth: a descriptive history of the phenomena of the life of the globe. New York, G.P. Putnam; London, Chapman & Hall. 89. The Earth: a descriptive history of the phenomena of the life of the globe. New York, Harper & Brothers [1872 2; 1873 3; 1879 4].
1872	90. A mon frère le paysan . Genève, Impr. des Eaux-Vives. 91. Les phénomènes terrestres. II. Les mers et les météores. Paris, Libr. de L. Hachette et C ie [1875 2; 1879 3; 1882 4; 1886 5]. 92. Quelques mots sur la propriété. In: Almanach du "Peuple" pour 1873. St. Imier, Le Locle.
1873	93. Extrait d'une lettre de m. Élisée Reclus au président de la Société. In: Bulletin de la Société de géographie de Paris, (déc.). 94. Les Chinois et l'Internationale . In: Almanach du "Peuple" pour 1874 . St. Imier, Le Locle. 95. Note relative à l'histoire de la mer d'Aral. In: Bulletin de la Société de géographie de Paris, ser. 6, vol. 6 (août), pp. 113-118. 96. Notice sur les lacs des Alpes. In: Bulletin de la Société de géographie de Paris, ser. 6, vol. 5 (fév.), pp. 185-187. 97. The ocean, atmosphere and life. London, Chapman & Hall [1886, 1887, 1888]. 98. The ocean, atmosphere and life. New York, Harper & brothers [1874]. 99. Les pluies de la Suisse. In: Bulletin de la Société de géographie de Paris, ser. 6, vol. 5 (jan.),

	pp. 88- 91.
	100. Die Ragenmende der Schweiz. In: Alpenpost.
	101. Réponse aux observations précédentes. In: Bulletin de la Société de géographie de Paris, ser. 6, vol. 6 (nov.), pp. 533-536.
	102. La Sicilia : due viaggi di F. Bourquelot ed E. Reclus [con pref. e note di E. Navarro della Miraglia]. Milano, Treves [rist. anastatica: Catania, Dafni, 1980].
1874	103. Die Erde und die Erscheinungen ihrer Oberfläche in ihrer Beziehung zur Geschichte derselben und zum Leben ihrer Bewohner : eine physische Erdbeschreibung nach E. Reclus. Leipzig, P. Froberg, 1874- 1876 [1892 2].
	104. Sur le lac de Lugano: extrait d'une lettre de M. Élisée Reclus au Président de la Société de géographie de Paris. In: Bulletin de la Société de géographie de Paris, ser. 6, vol. 7 (avr.) pp. 421-425.
	105. Voyage aux régions minières de la Transylvanie occidentale. In: Le Tour du monde, t. 28, pp. 1- 48.
1875	106. Le Bosphore et la Mer Noire. In: Le Globe (Genève), vol. 14, pp. 19-35.
	107. La passe du sud et le port Eads dans le delta mississippien. In: Revue lyonnaise de géographie, (12 jan.), pp. 145-149.
1876	108. Atlas de la Colombie, publié par ordre du gouvernement colombien. In: Bulletin e la Société de géographie de Paris, (3 aug.).
	109. L'avenir de nos enfants. In: La Commune: almanach socialiste pour 1877. Genève, Impr. Jurassienne.
	110. L'avenir de nos enfants. Genève, Impr. du Rabotnik [1877 2].
	111. The Earth and its inhabitants: the universal geography . London, J.S. Virtue & Co, (1876-1894).
	112. Nouvelle géographie universelle: la Terre et les hommes . Paris, Librairie Hachette et Cie, (1876- 1894).
	113. The ocean, atmosphere and life. London, Bickers.
	114. Sovremennye politicheskie dieiateli biograficheskie ocherki kharakteristiki. S. Peterburg, Tip. V.A. Tushnova.
1877	115. The Earth: a descriptive history of the phenomena of the life of the globe . London, Bickers & sons.
	116. La grève d'Amérique. In: Le Travailleur, vol. 1 (sept.), n. 5, pp. 6-16.
1878	117. A propos de l'anarchie. In: Le Travailleur, vol. 2, n. 2.
	118. L'évolution légale et l'anarchie. In: Le Travailleur, vol. 2, n. 1, pp. 7-14.
	119. L'Internationale et les Chinois. In: Le Travailleur, vol. 2 (mars-avril), n. 3, pp. 22-31.
	120. La question d'Orient. In: La Marseillaise, (3 avr.).
	121. La Passe du Sud et le port Eads dans le delta mississippien. In: Revue lyonnaise de géographie, vol. 1 (12 janv.), pp. 145-149.
1879	122. A föld. A földgömb életjelenségeinek leírása. Budapest, Királyi Magyar Természettudományi társulat, 1879-1880.
	123. La peine de mort: conférence faite à une réunion convoquée par l'Association ouvrière de Lausanne. Genève, Impr. Jurassienne.
	124. Stations d'hiver de la Méditerranée [in coll. con P. Joanne]. Paris, Libr. Hachette et Cie.
1880	125. Aan de boeren, door Élisée Reclus, uit het fransch door . Kralingen, H. Van Bloppoel, [188-?].
	126. Africa and its inhabitants. London, J.S. Virtue, [188-?].
	127. Evolution et révolution: conférence faite à Genève le 5 février 1880. Genève, Impr. Jurassienne [1881 2].
	128. Evoluzione e rivoluzione. In: Rivista internazionale del socialismo (Milano), a. 1, vol. 2, pp. 1-11.
	129. Histoire d'une montagne. Paris, J. Hetzel et Cie [1881; 1882; 1883].
	130. L'Internazionale e i Cinesi. In: Rivista internazionale del socialismo (Milano), a. 1, vol. 1, pp. 21-28.
	131. Ouvrier, prends la machine! Prends la terre, paysan! In: Le Révolté (Paris), a. 1 (24 jan.), n. 25.
	132. Ouvrier, prends la machine! Prends la terre, paysan! Genève, Impr. Jurassienne. 1881 6.
1881	133. The history of a mountain. London, S. Low, Marston, Searle & Rivington.
	134. The history of a mountain. New York, Harper & brothers.
1882	135. L'Anarchie et le suffrage universel. In: Le Révolte (Paris), a. 3, n. 24, pp. 1-2.
	136. The Earth and its inhabitants . New York, Appleton, 1882-1895 [1886-1898].
	137. [Letter to Lucien-Victor Meunier]. In: Liberty (Boston), (25 nov.).

	138. Scandinaves (États): Suède, Norvège, Danemark . In: Dictionnaire pédagogique de Buisson , pp. 1991-1995.
	139. Unions libres [in coll. con Elie Reclus]. Paris, Typ. G. Chamerot.
1883	140. Le gouvernement et la morale . In: Le Révolte (Paris), a. 4 (6 janv.), n. 23, p. 1.
1884	141. Anarchy by an anarchist. In: Contemporary Review, vol. 45, pp. 627-641.
	142. An anarchist on anarchy. In: Liberty (Boston), vol. 2, n. 17, pp. 2-3.
	143. An anarchist on anarchy (followed by a sketch of the criminal record of the author by E. Vaughan) . Boston, Benj R. Tucker [1886 2].
	144. Nuova geografia universale: la Terra e gli uomini [trad. it. con note e app. per cura del prof. Attilio Brunialti]. Napoli [etc.], Vallardi, 1884-1900.
	145. Les produits de la terre. In: Le Révolte (Paris), a. 6, n. 20 (23 nov.-6 déc.) [a puntate fino al n. 26 (15-28 fév. 1885)].
	146. Zemlja i ljudi: vseobšèaja geografija . S.-Peterburg, A. Il'in.
1885	147. Evolutie si revolutie. In: Revista sociala (Bucarest).
	148. Evolution and revolution. London, International Publishing Company [1885 2, 1886 3].
	149. Evoluzione e rivoluzione. Torino, Mari.
	150. L'Internationale et les Chinois. In: La Question sociale (Paris), (10 juin).
	151. Internationalisme. In: La Révolte (Paris), n. 4.
	152. Lettre [sur l'abstention] adressée par le compagnon Élisée Reclus (Clarens, Vaud, 26 sept. 1885). Paris, Groupe de propagande anarchiste.
	153. Une lettre d'Élisée Reclus. In: Le Révolte (Paris), ser. 2, a. 1 (11-24 oct.), n. 13.
	154. Notes sur les Tuileries. In: Bulletin de la Société des amis des monuments parisiens, t. 1, n. 1, pp. 15-17.
	155. Les produits de la terre. Genève, Impr. Jurassienne.
	156. La ricchezza e la miseria. In: Il Socialista (Buenos Aires), [a puntate dal n. 6].
	157. Storia di una montagna. Milano, Brigola.
	158. Storia di un ruscello. Milano, Brigola.
1886	159. A mon frère le paysan. In: La Tribune des peuples.
	160. L'avenir de nos enfants. Lille, Impr. C. Lagache.
	161. New physical geography. London, Virtue [1888].
	162. A new physical geography. New York, D. Appelton & C. [1890, 1894].
	163. Pourquoi sommes-nous anarchistes? In: La Tribune des peuples, (mai).
	164. Pourquoi nous sommes anarchistes. Paris, [s.n.].
	165. I prodotti della terra. Genova, Propaganda Socialista.
1887	166. L'avenir de nos enfants. Paris, Libr. des deux mondes.
	167. L'avenir de nos enfants. Paris, F. Bouriant.
	168. Un empire qui croule, le Maroc contemporain, par Ludovic de Campou [recensione]. In: Bulletin de la Société neuchâteloise de géographie, vol. 3, pp. 138-140.
	169. Evolución y revolución. [S.l.], Sabadell.
	170. Evoluzione e rivoluzione. In: Rivista italiana del socialismo (Lugo-Imola), a. 2, n. 7, pp. 193-201.
	171. Les produits de l'industrie. In: Le Révolté, a. 8 (26 fév.-4 mars) n. 45 [continua a puntate sui n. 47 (12-18 mars) e n. 49 (26 mars-1er avr.)].
	172. Les produits de l'industrie. Paris, Publication du Révolté.
	173. La ricchezza e la miseria. In: Il Socialista: organo dei lavoratori (Buenos Aires), a. 1, [a puntate dal n. 6 al n. 8].
	174. La richesse et la misère. In: Le Révolte (Paris), a. 9 (25 juin-1er juil.), n. 12 [continua sul n. 8, a. 10 (5-11 nov. 1887)].
	175. Scandinaves. In: Dictionnaire de pédagogie et d'instruction primaire [rééd. par Ferdinand Buisson]. Paris, Libr. Hachette, vol. 2, pp. 1991-1995.
1888	176. L'Afrique méridionale (Iles de l'Atlantique australe, Gabonie, Congo, Angola, Cap, Zambèze, Zanzibar, Côte de Somalie). Paris, Hachette.
	177. Australasia [ed. by A.H. Keane]. London, J.S. Virtue, 1888-1912.
	178. Lettre de félicitations et d'encouragements à Attaque. In: Organe socialiste révolutionnaire (Paris), (1 er -8 août) n. 7.
	179. Nueva geografia universal: la Tierra y los hombres. Madrid, [s.n.], 1888-1890.
	180. I prodotti della terra. In: L'Operaio (Reggio Calabria), a. 1.
1889	181. À propos d'une carte statistique. In: Bulletin de la Société neuchâteloise de géographie, vol. 5 (1889-1890), pp. 122-124.
	182. L'évolution de la morale: le vol et les voleurs. In: La Révolte (Paris), a. 2 (10-16 fév.), n.

	22, pp. 1-2.
	183. Pourquoi sommes-nous anarchistes?. In: La Société nouvelle, (31 août), pp. 153-155.
	184. Quelques notes sur la propriété. In: La Société nouvelle, a. 5, vol. 1 (10-16 fév.), n. 51, pp. 322-329.
Fonte: RONCO, Daniele. Bibliografia di Élisée Reclus . (aggiornata al 2000). Gálica.bnf.fr (acesso em 10 /05/2012). Organização: José Vandério Cirqueira Pinto – 2014.	

Anexo 03: Trabalhos publicados de Élisée Reclus entre os anos 1890 e 1894	
1890	185. Ein Anarkist um Anarkie. In: Fedraheimen, n. 13. Bezahladi. Pæriloha, Volnych Listù.
	186. Notice pour la carte physique de l'Amérique du Nord. In: Grand atlas Schrader. Paris, Hachette.
	187. La peine de mort. Bruxelles, Pensée et action, [189-?].
	188. Richesse et misère . Paris, Publications de la Révolte.
	189. Treng nokon vera matlaus? Av Fyrst Kropotkin. Tynnset, P.M. Gjuerders Boktrykkjeri.
1891	190. Address to the geographical section of the British Association. London.
	191. A mon frère le paysan . Paris, Libr. Sociale, [189-?].
	192. Evolution and revolution. London, W. Reeves.
	193. Evolution et révolution . Paris, La Révolte.
	194. A Hegyek története. Budapest, [s.n.].
195. Una nobile adesione. In: Il Primo Maggio: pubblicazione a cura della Federazione repubblicana di Senigallia.	
1892	196. Die Erde und die Erscheinungen ihrer Oberfläche . Braunschweig, O. Salle.
	197. Evolution et révolution . Marseille, L'Agitateur.
	198. Evoluzione e rivoluzione. Firenze, La Plebe.
1893	199. A mon frère le paysan . Genève, [s.n.].
	200. A mon frère le paysan . Paris, [s.n.].
	201. A mio fratello contadino. In: Grido degli oppressi, a. 2, n. 12 e a. 3, n. 3.
	202. L'avvenire dei nostri figli; I prodotti dell'industria . Padova, Circolo studi socialisti.
	203. Colombia. Bogotá, Samper Matiz.
	204. Le droit de suffrage. In: La Revue anarchiste (Paris), n. 1 (août).
	205. I prodotti della terra. Milano, Fantuzzi.
206. I prodotti dell'industria. Milano, Fantuzzi.	
207. Ricchezza e miseria. Marsala, Biblioteca del Proletario.	
1894	208. Aan de boeren. Kralingen, H. van Bloppoel.
	209. A mon frère le paysan . In: La Brochure, n. 7, pp. 49-56.
	210. An anarchist on anarchy. London, Liberty press [1897 4].
	211. Climatological and hydrographical conditions of tropical Africa . London, [s.n.].
	212. Cours de géographie: Amérique méridionale. Bruxelles, Impr. J.H. Moreau.
	213. East and West. In: Contemporary review, vol. 66, n. 346, pp. 475-487.
	214. Enquête sur l'idée que Jésus-Christ était le premier anarchiste : donne une opinion négative à ce sujet [contiene un intervento di E.R.]. In: Paria (Paris), n. 10 (fév.).
	215. Evolution and revolution. London, William Reeves, [1894?].
	216. La formation des religions. Bruxelles, [s.n.].
	217. Hégémonie de l'Europe. In: La Société nouvelle, vol. 1, n. 112 (avr.), pp. 433-443.
	218. Hégémonie de l'Europe. Bruxelles, Éd. de La Société nouvelle.
	219. L'idéal et la jeunesse . In: La Société nouvelle, n. 114, pp. 721-731.
	220. L'idéal et la jeunesse . Bruxelles, Éd. de La Société nouvelle.
	221. Leçon d'ouverture du cours de géographie comparée dans l'espace et dans le temps . Bruxelles, H. Lamertin.
	222. A Patak élete. Budapest, Franklin-társulat.
	223. Quelques mots d'histoire. In: La Société nouvelle, t. 2 (nov.), pp. 489-494.
	224. Report on meteorological observations in British East Africa for 1893. London.
	225. Zjawiska Ziemskie. Upowaznienia Autora Przelozyla i Uzupelnila M. Stefanowska . Warsawa, Gebethner & Wolff, (1894-1895).
Fonte: RONCO, Daniele. Bibliografia di Élisée Reclus . (aggiornata al 2000). Gálica.bnf.fr (acesso em 10 /05/2012). Organização: José Vandério Cirqueira Pinto – 2014.	

Anexo 04: Trabalhos publicados de Élisée Reclus entre os anos 1895 e 1905	
1895	<p>226. A mi hermano el campesino . Buenos Aires, La expropiación.</p> <p>227. Anarchie, eene voordracht in eene vrijmetselaarslogie . Mechelen, Vrije groep.</p> <p>228. L'Anarchie . In: Les Temps nouveaux (18, 25 mai-1er juin).</p> <p>229. Anarchy : a lecture delivered ... at South Place Institute on Monday, July 29 th 1895 . In: Freedom (aug.-sept.).</p> <p>230. A propos de l'anarchie . Bruxelles, Bibliothèque des Temps nouveaux.</p> <p>231. La cité du bon accord . In: The Evergreen : a Northern seasonal. Part 2, The book of Autumn , pp. 103-106.</p> <p>232. Evolución y revolución . Madrid, Giner.</p> <p>233. L'évolution légale et l'anarchie . Bruxelles, Bibliothèque des "Temps nouveaux".</p> <p>234. The evolution of cities . In: Contemporary review, vol. 67, n. 2, pp. 246-264.</p> <p>235. L'idéal et la jeunesse . Bruxelles, La Société nouvelle.</p> <p>236. The ideal and youth . London, Liberty press/James Tochatti.</p> <p>237. Idealul tinerimei . Bucuresci, Tip. Motzatzeanu e Lambru.</p> <p>238. L'opinione di E. Reclus sull'eventuale emigrazione cinese in Europa . In: Bolletino della Società geografica italiana, ser. 3, vol. 8, n. 6, pp. 174-175.</p> <p>239. Projet de construction d'un globe terrestre à l'échelle du cent millième. Bruxelles, La Société nouvelle.</p> <p>240. Projet de construction d'un globe terrestre à l'échelle du 100.000e . In: Report of the Sixth International Geographical Congress, held in London, 1895, pp. 625-636.</p> <p>241. Recent books on the United States. In: Geographical journal, vol. 6, n. 5, pp. 448-453.</p> <p>242. Russia, Mongolia and China . In: Contemporary review, vol. 67, n. 5, pp. 617-624.</p> <p>243. Séance solennelle de rentrée du 22 octobre 1895: discours de m. Élisée Reclus, Camille Moreau et Paul Janson . Bruxelles, Impr. veuve Ferdinand Larcier.</p>
1896	<p>244. L'Anarchie . Paris, Temps nouveaux.</p> <p>245. Die Anarchie . Berlin, G. Friedrich [1897 2].</p> <p>246. Anarkhiia . [Zheneva?], [1896?].</p> <p>247. Anarkhia . Leipzig ; St. Petersburg, Knigoizdatelstvo Mysl, A Miller.</p> <p>248. Brotstudium und Wissenschaft . In: Der sozialistische Akademiker (Berlin), a. 2, n. 3.</p> <p>249. La Cité du bon accord . In: Almanach illustré de "la Question sociale" pour 1897 . Paris.</p> <p>250. D'un atlas à échelle uniforme [in coll. con Georges Guyou (Paul Reclus)]. In: Bulletin de la Société neuchâteloise de géographie, vol. 9 (1896-1897), pp. 159-164.</p> <p>251. La Grande Famille. In: Le Magazine international, (jan.), pp. 8-12.</p> <p>252. Paraguay: capítulos entresacados de la Nueva geografía universal . Asunción, A. de Uribe.</p> <p>253. The progress of mankind . In: Contemporary review, vol. 70, n. 61, pp. 761-783.</p> <p>254. Projet de construction d'un globe terrestre à l'échelle du 100000 e. London, John Murray.</p> <p>255. Renouveau d'une cité [in coll. con Elie Reclus]. In: La Société nouvelle, a. 12, vol. 1, n. 138 (juin), pp. 752-758.</p> <p>256. Renouveau d'une cité [in coll. con Elie Reclus]. Paris [etc.], La Société nouvelle.</p>
1897	<p>257. Al mio fratello contadino . Paterson (N.J.) Biblioteca della "Questione Sociale".</p> <p>258. Anarchie [prednáška v bruselské lozi zednárské; preložil Lucius Catilina]. Na smichove, Volné Listy.</p> <p>259. Anarchijata. Skazka. Razgrad, Prev. Ot frenski.</p> <p>260. Die Anarchie. Vortrag gehalten in einer Brüsseler Freimaurerloge. Berlin, G. Friedrich [1897 2].</p> <p>261. El arroyo. Valencia, F. Sempere, [1897?].</p> <p>262. Élisée Reclus on Anarchism . London, W.M. Wess.</p> <p>263. L'évolution, la révolution et l'idéal anarchique . Paris, Stock [1898 2; 1898 3; 1898 4, 1902 5; 1906 6; 1909 7]. 264. Iber anarkhizmus . London, V. Vess.</p> <p>265. La montaña . Valencia, F. Sempere, [1897?].</p> <p>266. Notre idéal . In: Almanach illustré de "la Question sociale" pour 1898 . Paris.</p> <p>267. L'origine animale dell'uomo . In: Almanacco popolare socialista (Torino).</p> <p>268. Quelques mots sur la révolution bouddhique . In: L'Humanité nouvelle, a. 1, n. 2, pp. 139-145.</p>
	<p>269. Anarchija . Genève, Held.</p> <p>270. Les Arabes : cours de m. Élisée Reclus à l'Institut des Hautes-Études de l'Université nouvelle de Bruxelles (année 1897-1898) . Bruxelles.</p> <p>271. Attila de Gerando . In: La Revue de géographie, vol. 42 (jan.), pp. 1-4.</p> <p>272. Attila de Gerando . Paris, C. Delagrave.</p> <p>273. Evolution et révolution . Paris, Stock.</p>

1898	<p>274. Evoluzione e rivoluzione . Macerata, Circolo di studi sociali.</p> <p>275. L'Extrême-Orient : résumé d'une conférence faite le 28 avril 1898 à la Société royale de géographie d'Anvers. In: Bulletin de la Société royale de géographie de Anvers, vol. 22, n. 17, pp. 682-632.</p> <p>276. Les Français d'aujourd'hui, Edmond Demolins [recension]. In: L'Humanité nouvelle, vol. 3 (nov.), pp. 628-632.</p> <p>277. A great globe . In: Geographical journal, vol. 12, n. 4, pp. 401-406.</p> <p>278. Liberté par l'enseignement. L'école libertaire [É.R. et al.]. Paris, Temps nouveaux.</p> <p>279. Métamorphoses du progrès . In: Almanach illustré de "la Question sociale" pour 1899 . Paris.</p> <p>280. On a proposed great globe [abstract]. In: Report of the Sixty-eighth Meeting of the British Association for the Advancement of Science, Held at Bristol in September 1898 . London, John Murray, p. 945.</p> <p>281. Pages de sociologie préhistorique . In: L'Humanité nouvelle, vol. 2, n. 8 (fév.), pp. 129-143.</p> <p>282. Prähistorische Skizzen . In: Die Zukunft, vol. 6, n. 36, pp. 416-429.</p> <p>283. The vivisection of China . In: The Atlantic Monthly, vol. 82, n. 491, pp. 329-338.</p>
1899	<p>284. A mon frère le paysan. Paris, Temps nouveaux.</p> <p>285. A mon frère le paysan . Paris, Groupe de propagande Communiste-Anarchiste par la Brochure.</p> <p>286. Les Anglais en Inde et en Égypte, Eugène Aubin [recension]. In: L'Humanité nouvelle, vol. 5 (10 sept.), n. 27, pp. 379-380.</p> <p>287. La Australia Argentina, Roberto J. Payró [recension]. In: L'Humanité nouvelle, vol. 5 (10 août), n. 26, pp. 248-249.</p> <p>288. La colonisation française en Annam et au Tonkin, J. de Saint-Maurice Joleaud-Barral [recension]. In: L'Humanité nouvelle, vol. 5, n. 28 (10 oct.), pp. 511-512.</p> <p>289. Les communes mixtes et le gouvernement des indigènes en Algérie . In: L'Humanité nouvelle, vol. 4 (janv.), n. 19, pp. 118-119.</p> <p>290. Croquis du Nord, Nordland, Finmark, Spitzberg, Lucien Jottrand [recension]. In: L'Humanité nouvelle, vol. 5 (10 nov.), n. 29, p. 638.</p> <p>291. Le Dahomey, Edouard Foa [recension]. In: L'Humanité nouvelle, vol. 4 (10 avr.), n. 22, pp. 505-506.</p> <p>292. La dépopulation en France, René Gonnard [recension]. In: L'Humanité nouvelle, vol. 4 (10 mars), n. 21, p. 377.</p> <p>293. Estados Unidos do Brasil: geographia, ethnographia, estatistica. Sao Paulo, Magalhaes.</p> <p>294. L'État indépendant du Congo, A.J. Wauters [recension]. In: L'Humanité nouvelle, vol. 4 (10 juin), n. 24 pp. 750-751.</p> <p>295. De Evolutie . Amsterdam, J. Sterringa, [1899?].</p> <p>296. The international routes of Asia . In: The Independent, vol. 51, pp. 1210-1215.</p> <p>297. Jours de Guinée, Pierre d'Espagnat [recension]. In: L'Humanité nouvelle, vol. 4, n. 23 p. 626.</p> <p>298. Natalité et démocratie, Arsène Dumont [recension]. In: L'Humanité nouvelle, vol. 4 (fév.), n. 20, pp. 260-261.</p> <p>299. Omwenteling als gevolg van ontwikkeling . Amsterdam, J. Sterringa.</p> <p>300. Les pays de France: projet de fédéralisme administratif, Pierre Foncin [recension]. In: L'Humanité nouvelle, vol. 4 (10 mars), n. 21, pp. 381-382.</p> <p>301. La Perse . In: Bulletin de la Société neuchâteloise de géographie, vol. 11, pp. 27-62.</p> <p>302. La Perse . Neuchâtel, Impr. P. Attinger.</p> <p>303. The Philippine Islands, Ramon Reyes Lala; The Pearl of the Antilles, Frederic Noa; American Colonial Handbook, Thomas Campbell-Copeland [recension]. In: L'Humanité nouvelle, vol. 5, n. 26 (10 août).</p> <p>304. Psychologie de la colonisation française dans ses rapports avec les sociétés indigènes, Léopold de Saussure [recension]. In: L'Humanité nouvelle, vol. 5, n. 26 (10 août), pp. 246-248.</p> <p>305. Spain, its greatness and decay (1479-1788), Martin A.S. Hume [recension]. In: L'Humanité nouvelle, vol. 4 (10 mai), n. 23, pp. 640-641.</p> <p>306. Summary . In: Report of the sixty-eighth meeting of the British association for the advancement of science, held at Bristol in September, 1898 . London, John Murray.</p> <p>307. The transition of North Carolina from colony to Commonwealth, E.W. Sikes [recension]. In: L'Humanité nouvelle vol. 5 (10 juil.), n. 25, pp. 126-127.</p> <p>308. Trois ans de lutte aux déserts d'Asie, Sven Hedin [recension]. In: L'Humanité nouvelle, vol. 4 (10 mars), n. 21, pp. 394-395.</p>

	<p>309. Vooruitgang en revolutie . Amsterdam, J. Sterringa.</p>
1900	<p>310. A mon frère le paysan Paris, La Brochure mensuelle [1900?].</p> <p>311. An mayn bruder dem boyer . London, A. Golub.</p> <p>312. L'Anarchie et l'Église [in coll. con Georges Guyou (Paul Reclus)]. In: Suppl. littéraire des "Temps nouveaux", vol. 3, n. 19-20, pp. 158-161.</p> <p>313. Les aptitudes colonisatrices des Belges et la question coloniale en Belgique, Alphonse de Haulleville [recensione]. In: L'Humanité nouvelle, vol. 6 (mars), n. 33, pp. 369-370.</p> <p>314. La Chine et la diplomatie européenne . In: L'Humanité nouvelle, vol. 7 (sept.), n. 39, pp. 257- 270.</p> <p>315. La Chine et la diplomatie européenne . Paris ; Bruxelles, Éd. de "L'Humanité nouvelle".</p> <p>316. La colonia Eritrea, R. Meldi [recensione]. In: L'Humanité nouvelle, vol. 6 (mai), n. 35, p. 620.</p> <p>317. Les colonies anarchistes . In: Les Temps nouveaux, vol. 6 (7-13 juil.), n. 11, pp. 1-2.</p> <p>318. En l'Indo-Chine, Pierre de Barthélemy [recensione]. In: L'Humanité nouvelle, vol. 6 (janv.), n. 31, p. 120.</p> <p>319. Estados Unidos do Brasil : geographia, ethnographia, estatística . Rio de Janeiro ; Paris, H. Garnier.</p> <p>320. Evolution et révolution . Paris, Libr. Sociale.</p> <p>321. Godsdienst en gezag . Amsterdam, Sterringa.</p> <p>322. The great kinship [trad. by Edward Carpenter]. London, [s.n.].</p> <p>323. Notes en voyage. Nouvelle-France et Nouvelle-Angleterre, Th. Bentzon [pseud. de Thérèse Blanc] [recensione]. In: L'Humanité nouvelle, vol. 6 (mai), n. 35, p. 617.</p> <p>324. Palästina, Land und Leute. Reseschilderungen, Willy Bambus [recensione]. In: L'Humanité nouvelle, vol. 6 (janv.), n. 31, pp. 119-120.</p> <p>325. Le Phénicie et les Phéniciens . In: Bulletin de la Societé neuchâteloise de géographie, vol. 12.</p> <p>326. Le Phénicie et les Phéniciens . Neuchâtel, Impr. P. Attinger.</p> <p>327. Sta prica planina . Beograd, Srpska knjizevna zadruga.</p>
1901	<p>328. L'Afrique australe [in coll. con Onésime Reclus]. Paris, Libr. Hachette et Cie .</p> <p>329. L'Anarchie et l'Église [in coll. con Georges Guyou (Paul Reclus)]. Paris, Temps nouveaux [1913 2].</p> <p>330. À propos du végétarianism . In: La réforme alimentaire, (mars), pp. 37-45.</p> <p>331. L'enseignement de la géographie : globes, disques globulaires et reliefs . Bruxelles, Université nouvelle.</p> <p>332. La montagna . In: L'Università popolare, a. 1, n. 10, pp. 12-18.</p> <p>333. On a one-scaled atlas [in coll. con George Guyou (Paul Reclus)]. In: Bulletin of the American bureau of Geography, vol. 2, n. 3, pp. 199-204.</p> <p>334. On vegetarianism . In: The Humane review, vol. 1.</p> <p>335. On vegetarianism . London, Humanitarian league.</p> <p>336. Prodotti della terra . Prodotti dell'industria . Ginevra, Bertoni.</p> <p>337. Rapporti al Congresso di Parigi . Ginevra, Bertoni.</p> <p>338. The teaching of geography : globes, discs and reliefs . In: The Scottish geographical magazine, vol. 17, n. 8, pp. 393-399.</p> <p>339. Die Wage . Wien, [s.n.].</p>
1902	<p>340. A mon frère le paysan . Namur, Groupe de propagande communiste-anarchiste.</p> <p>341. Die Anarchie. Vortrag gehalten in einer Brüsseler Freimaurerloge . Berlin, Neues Leben.</p> <p>342. Der 'Disque Globulaire' . In: Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin, pp. 57-59.</p> <p>343. L'Empire du Milieu : le climat, le sol, les races, la richesse de la Chine [in coll. con Onésime Reclus]. Paris, Libr. Hachette et C ie .</p> <p>344. L'enseignement de la géographie : globes, disques globulaires et reliefs . Bruxelles, Impr. de Vve F. Larcier.</p> <p>345. La fin triomphante de la Grèce . In: L'Éducation sociale (Lyon), (15 févr.-1er mars).</p> <p>346. L'Italia nella natura, nella storia, negli abitanti, nell'arte e nella vita presente . Milano, Società Editrice Libreria, 1902-1904.</p> <p>347. La leggenda dei popoli . In: L'Università popolare, a. 2, p. 10.</p> <p>348. I prodotti della terra . In: Popolo! Popolo! : rivista socialista-libertaria, a. 1, n. 4.</p> <p>349. La Province de Québec, Arthur Buies [recensione]. In: L'Humanité nouvelle, vol. 8, n. 46 (nov.), pp. 233-234.</p> <p>350. Raïateia la sacrée . In: La Revue, (oct.), pp. 19-31.</p> <p>351. La riforma in Germania . In: L'Università popolare, a. 2, n. 2, pp. 19-24.</p> <p>352. Solidarietà e progresso . In: L'Agitazione (Roma), (4 aprile).</p>

	353. Teoria della rivoluzione . Torino, Ed. Solidaria [1904 2].
1903	<p>354. A la Côte d'Ivoire, six mois dans l'Attie (un Transvaal français), Camille Dreyfus [recensione]. In: L'Humanité nouvelle, vol. 9 (juil.), n. 49, pp. 323-324.</p> <p>355. A mon frère le paysan . Paris, Temps nouveaux.</p> <p>356. L'Anarchia . Roma, Biblioteca de "Il Pensiero".</p> <p>357. La Anarquía y la Iglesia . Barcelona, Biblioteca de La Huelga general.</p> <p>358. Annual report of the Bureau of American ethnology (1897-1898), part I, J.W. Powell [recensione]. In: L'Humanité nouvelle, vol. 9 (août), n. 50, pp. 442-445.</p> <p>359. Atlas des colonies françaises, Paul Pelet [recensione]. In: La Revue, vol. 47 (1 déc.), pp. 648.</p> <p>360. Una biografia di M. Bakounine . In: Il Pensiero, a. 1, n. 7, pp. 99-100.</p> <p>361. Che cosa si legge nella storia . In: Il Pensiero, a. 1, n. 1, pp. 7-9.</p> <p>362. Les chemins de fer du grand-duché de Finlande . In: L'Humanité nouvelle vol. 9 n. 49 (juil.), p. 324.</p> <p>363. Chronique géographique . In: La Revue, vol. 47 (15 nov.), pp. 520-521.</p> <p>364. Eenige woorden over de Boeddhistische Revolutie . Ontwaking.</p> <p>365. L'enseignement de la géographie . Bruxelles, Société belge d'astronomie.</p> <p>366. L'ideale dei giovani . In: Il Pensiero, a. 1, n. 3, pp. 35-37.</p> <p>367. Jeografía de Chile . Santiago, G.E. Miranda.</p> <p>368. Mis exploraciones en America . Valencia, Biblioteca de estudios [1936?].</p> <p>369. Mouvement géographique . In: La Revue, vol. 47 (15 déc.), pp. 779-781.</p> <p>370. On spherical maps and reliefs . In: Geographical journal, vol. 22, n. 3, pp. 290-293.</p> <p>371. Pagine di sociologia preistorica . In: L'Università popolare, a. 3, n. 19, pp. 596-599.</p> <p>372. Le Panslavisme et l'unité russe . In: La Revue, vol. 47 (1 er nov.), pp. 273-284.</p> <p>373. Patriottismo e colonizzazione . In: Primo Maggio (Roma), n.u. a cura della redazione dell'"Agitazione".</p> <p>374. Perché siamo rivoluzionari . In: La voz del destriero (Sao Paulo, Brazil), n.u., (6 gen.).</p> <p>375. Il popolo e l'arte . In: Il Pensiero, a. 1, n. 11-12, pp. 167-169.</p> <p>376. Proposition de dresser une carte authentique des volcans . In: Bulletin de la Société belge d'astronomie, n. 11.</p> <p>377. Teoria della Rivoluzione . Torino.</p>
1904	<p>378. L'Anarchia. Chieti, Camillo Di Sciullo [1910 7].</p> <p>379. Az Anarkia . Budapest, Béla Wellesz.</p> <p>380. Aperçu géographique . In: Le Mexique au début du XX e siècle . Paris, Libr. Ch. Delagrave, pp. 35-80.</p> <p>381. A propos de la guerre d'Extrême-Orient . In: La Revue, vol. 48 (1 avr.), pp. 304-308.</p> <p>382. Le colonie anarchiche . In: Il Pensiero, a. 2, n. 2.</p> <p>383. Evolução, revolução e ideal anarquista . S. Paulo (Brasil), Tip. de La Tribuna española.</p> <p>384. Evoluzione e rivoluzione . Torino, Solidaria.</p> <p>385. Les grandes voies historiques . In: Bulletin de la Société royale belge de géographie, vol. 28, pp. 5-15.</p> <p>386. Mouvement géographique . In: La Revue, vol. 48 (15 janv.), pp. 253-255.</p> <p>387. Mouvement géographique,. In: La Revue, vol. 49 (1 mai), pp. 104-105.</p> <p>388. Origines de la morale et de la religion . Herblay, L'Idée libre.</p> <p>389. Origines de la religion et de la morale . In: Les Temps nouveaux, vol. 9 (27 fév., 5, 12 et 19 mars).</p> <p>390. Origini della religione e della morale . In: Il Pensiero, [a puntate] a. 2, dal n. 7 al n. 12.</p> <p>391. Patria ed umanità . In: Il Pensiero, a. 2, n. 4, pp. 61-62.</p> <p>392. Le patriotisme est-il incompatible avec l'amour de l'humanité? Enquête . In: La Revue, vol. 48 (15 janv.) pp. 169-170. 393. Patriotismo y colonización . [S.l., s.n.].</p> <p>394. Population et subsistances : essai d'arithmétique économique, Gabriel Giroud [recensione]. In: La Revue, vol. 51 (1 sept.), pp. 100-101.</p> <p>395. La prétendue décadence anarchiste . In: Les Temps nouveaux, vol. 10 (14 mai).</p> <p>396. La pretesa decadenza anarchica . In: Il Pensiero, a. 2, n. 9, pp. 131-132.</p> <p>397. Razze inferiori e razze superiori, o, Latini e Anglo-Sassoni, Napoleone Colajanni [recensione]. In: La Revue , vol. 49 (15 mai), pp. 225-226.</p>
1905	<p>398. A bas l'Alliance russe . In: L'Assiette au beurre, a. 5, n. 222 (1 er juil).</p> <p>399. Allocution adressée par É. R. à ses filles et à ses gendres, le jour de leur mariage . In: Arts de la vie, juillet 1905, pp. 10-12.</p> <p>400. A mio fratello contadino . Roma, Agenzia Giornalistica Libertaria.</p> <p>401. A mio fratello contadino . Roma, Mongini.</p> <p>402. A mon frère le paysan . Amiens, Éd. de Germinal.</p>

<p>403. L'Anarchia e la Chiesa (in coll. con Georges Guyou [Paul Reclus]). In: Il Pensiero, a. 3, n. 23, pp. 355-358.</p> <p>404. Die Anarchie. Vortrag gehalten in einer Brüsseler Freimaurerloge . Berlin, Freier Arbeiter-Verlag [1906; 1907].</p> <p>405. La anarquía: conferencia pronunciada en 1874 ante la logia masonica "Amis Philanthropes" de Bruselas . Mahón: El Porvenir del Obrero.</p> <p>406. Da "La Terra e l'uomo". In: Il Pensiero, a. 3, n. 14, pp. 214-215.</p> <p>407. Elie Reclus (1827-1904). Paris, L'Émancipatrice.</p> <p>408. Evolutie, revolutie en het anarchistisch ideal (vrij bewerkt door F. Domela Nieuwenhuis). Amsterdam, W. Sligting en P. Rob.</p> <p>409. Evolution und Revolution . Berlin, Weidt.</p> <p>410. Evolutsyon, revolutsyon un der anarkhistisher ideal. London, Grupe Germinal [1908 2].</p> <p>411. Evoluzione e rivoluzione . Firenze, Serantoni.</p> <p>412. L'evoluzione legale e l'Anarchia . In: Il Pensiero, a. 3, n. 24, pp. 369-372.</p> <p>413. A grande mistificaçõ . In: Aurora (São Paulo, Brasil), vol. 1, n. 3.</p> <p>414. L'homme et la Terre . Paris, Librairie universelle, 1905-1908.</p> <p>415. Der ideal un di yugend (trad. Rudolf Rocker). London, Grupe Solidaritet.</p> <p>416. El ideal y la juventud . Barcelona, Miguel.</p> <p>417. The meat fetish : two essays on vegetarianism (in coll. con Ernest Crosby). London, A.C. Fifield.</p> <p>418. La morale sans dieu (essai de solution collective). In: La Revue, a. 16, n. 23, pp. 315-316.</p> <p>419. Nouvelle proposition pour la suppression de l'ère chrétienne . In: Les Temps nouveaux, vol. 11, n. 1 (6 mai), pp. 1-2.</p> <p>420. Nuova proposta di sopprimere l'era cristiana . In: Il Pensiero, a. 3, n. 11, pp. 162-163.</p> <p>421. Het Onstan van de Internationale . In: Levensrecht Mandschrift, (1 aug.).</p> <p>422. La Palestina . In: L'Università popolare, a. 5.</p> <p>423. Peuples de toutes les Russies et d'autres pays soumis au tsar . Paris, Société des amis du peuple russe et des peuples annexés. Piuvodu nà boezenstvi a moralky . Praha, Noveho Kulku.</p> <p>424. Prodotti della terra . Roma, Mongini.</p> <p>425. Teoria della Rivoluzione . Firenze, Serantoni.</p> <p>426. Unions libres . In: Les Arts de la vie (juil.).</p> <p>427. Verrà!. In: Cronaca sovversiva, (3 lug.).</p> <p>428. Une voix d'Haïti . In: La Revue , vol. 55, pp. 393-395.</p>
<p>Fonte: RONCO, Daniele. Bibliografia di Élisée Reclus. (aggiornata al 2000). Gálica.bnf.fr (acesso em 10 /05/2012). Organização: José Vandério Cirqueira Pinto – 2014.</p>

Anexo 05: Características Principais da Obra <i>La Terre</i> de Élisée Reclus				
Título e ano	Tomos	Capítulos e partes	Áreas	Temas e assuntos principais
La Terre : description des phénomènes de la vie du globe. 1868 (vol. 1) 1869 (vol. 2)	Volume 1: Les Continents	Première Partie: La Planète - cap. 1: La terre dans l'espace - cap. 2: Les premières age	Cosmologia Corologia	- Fenômenos terrestres, forma e dimensões da Terra; - Formação da Terra; - Distribuição dos continentes e dos oceanos;
		Deuxième Partie: Les Terres - cap. 1: Les harmonies e les contrastes - cap. 2: Les plaines - cap. 3: Les plateaux et les montagnes	Geografia física Geomorfologia Geologia	- Formações orogênicas e epirogênicas; - Modelados do relevo (domínios morfoesculturais);
		Troisième Partie: La circulation des eaux - cap. 1: Les neiges et les glaciers - cap. 2: Les tabulements de Terre - cap. 3: Les oscillations lentes du sol terrestre	Hidrologia Glaciologia Pedologia	- Dinâmica dos fenômenos hídricos, precipitação e glaciares; - Bacias hidrográficas; - Qualidade e uso dos solos;

Volume 2: L'Océan, L'Atmosphère, La Vie	<p>Première Partie: L'Océan</p> <ul style="list-style-type: none"> - cap. 1: Les eaux marines - cap. 2: Les courants - cap. 3: Les marées - cap. 4: Les rivages et les îles - cap. 5: Les dunes 	Geografia física Oceanografia	<ul style="list-style-type: none"> - Correntes marítimas; - Dinâmica dos oceanos;
	<p>Deuxième Partie: L'Atmosphère, les Météores</p> <ul style="list-style-type: none"> - cap. 1: L'air e les vents - cap. 2: Les ouragans et les trombes - cap. 3: Les nuages et les pluies - cap. 4: Les orages, les aurores, les courants magnétiques - cap. 5: Les climats 	Geografia física Climatologia Meteorologia	<ul style="list-style-type: none"> - Domínios climáticos; diferenciação da paisagem; - Fenômenos atmosféricos e massas de ar;
	<p>Troisième Partie: La Vie</p> <ul style="list-style-type: none"> - cap. 1: La terre et sa flore - cap. 2: La terre et sa faune - cap. 3: La terre et l'homme - cap. 4: Le travail de l'homme 	Biogeografia Geografia humana Geografia cultural Geografia agrária Geograficidade	<ul style="list-style-type: none"> - Domínios naturais; diferenciação da paisagem; - Evolução e atuação da fauna e da flora; distribuição das espécies; - Influência do meio nas sociedades antigas; harmonia entre a terra e os homens; - Exploração e transformação da Terra; embelezamento da paisagem.

Conceitos ou categorias principais

Terra; clima; intemperismo; relevo; vegetação; hidrografia; vulcanismo; dobramentos; terremotos; insularidade; continentalidade; vida; natureza; evolução natural; adaptação e interferência humana; a terra e o homem; miscigenação; trabalho; liberdade; recursos naturais; Técnica; industrialização.

Fonte: RECLUS, E. *La Terre : description des phénomènes de la vie du globe*. 2 vol. Paris: Hachette, 1868, 1869.

Organização: José Vandério Cirqueira Pinto, 2015.

Anexo 06: Características Principais da Obra <i>Nouvelle Géographie Universelle</i> de Élisée Reclus				
Título e ano	Conjuntos	Tomos	Regiões ou países	Temas, áreas, conceitos
Nouvelle Géographie Universelle: La Terre et les hommes 19 Tomos 1876 a 1895	Géographie de L'Europe	1 – L'Europe Meridionale	Grèce, Turquie, Pays des Bulgares, Roumanie, Serbie et Montagne Noire, Italie, Espagne et Portugal	Geografia física; Geografia regional; Geografia política; Limites, fronteiras, divisões naturais; Zona marítima; Clima, relevo, hidrografia, vegetação, fauna e flora; Povos, etnias e conflitos; Comércio e navegação; Dinâmica econômica; Diversidade regional.
		2 – La France	France	
		3 – L'Europe Centrale	Suisse, Austro-Hongrie, Empire d'Allemagne	
		4 – L'Europe Septentrionale	Nord-Ouest: Belgique, Hollande, Ils Britanniques.	
		5 – L'Europe Scandinave et Russe	Scandinavie, Russie	
	Géographie de L'Asie	6 – L'Asie Russe	Caucasie, Turkestan, Sibérie	Geografia física; Geografia política;

		7 – L'Asie Orientale	Empire Chinois, Corée, Japon	Relevo, hidrografia, vegetação, clima, vida; Diversidade étnica, cultural, religiosa; Distribuição da população, uso da terra, mobilidade, economia.	
		8 – L'Inde et L'Indo-Chine	Inde, Indo-Chine		
		9 – L'Asie Antérieure	Afghanistan, Bélouchistan, Perse, Turquia d'Asie, Arabie		
	Géographie de L'Afrique		10 – L'Afrique Septentrionale	Bassin du Nil: Sudan Égyptien, Éthiopie, Nubie, Égypte	Corologia, geografia física, geografia social; Diversidade cultural, hábitos, ritos, religião, cosmologia; etnias; Sociabilidade; conflitos; Colonização europeia; Geografia física: relevo, hidrografia, clima, vegetação, fauna, flora; Geografia social e cultural; ocupação humana, uso da terra.
			11 – L'Afrique Septentrionale	Tripolitaine, Tunisie, Algérie, Maroc, Sahara	
			12 – L'Afrique Occidentale	Archipels Atlantiques, Sénégal, Soudan Occidental	
			13 – L'Afrique Méridionale	Îles de L'Atlantique Austral, Gabon, Angola, Cap, Zambèze, Zanzibar, Côte de Somal	
	Géographie de L'Océanie		14 – L'Océan et les Terres Océaniques	Îles de L'Océan Indien, Insulinde, Philippines, Micronésie, Nouvelle-Guinée, Mélanésie, Nouvelle-Calédonie, Australie, Polynésie	Geografia física, geografia da população; Insularidade, recursos, mobilidade, ocupação; Diversidade cultural.
			15 – L'Amérique Boréale	Groenland, Archipel Polaire, Alaska, Puissance du Canada, Terre-Neuve	Geografia física; geografia social; geografia econômica; geografia da população; Disputas territoriais, modernização, atraso; Geografia política: integração, federalismo, nacionalismos, opressão, independência, riquezas; Diversidade cultural, colonização; escravidão; Diversidade natural;
	16 – Les États-Unis	États-Unis			
	17 – Les Indes Occidentales	Mexique, Isthmes Américains, Antilles			
	18 – L'Amérique du Sud	Les Régions Andines: Trinidad, Vénézuéla, Colombie, Équateur, Pérou, Bolivie, Chili			
	19 – L'Amérique du Sud	L'Amazonie et la Plata: Guyanes, Brésil, Paraguay, Uruguay, République Argentine			

Fonte: RECLUS, E. *Nouvelle Géographie Universelle – la terre et les hommes*. 19 vol. Paris: Hachette, 1876 a 1895.
Organização: José Vandério Cirqueira Pinto, 2015.

Anexo 07: Características Principais da Obra <i>L'Homme et la Terre</i> de Élisée Reclus				
Título e ano	Tomos	Livros e capítulos	Áreas	Temas e assuntos principais
L'Homme et la Terre. 6 Tomos 1905	1 Les Primitive sL'Histoire Ancienne	Livre Premier: Les Ancêtres - cap. 1: Origines - cap. 2: Milieux Telluriques - cap. 3: Travail - cap. 4: Peuples Attardés - cap. 5: Famille, Classes, Peuplades - cap. 6: Divisions et Rythme de L'Histoire	Geografia Histórica Geografia cultural Antropologia Arqueologia Geografia social Geografia	- Origem e desenvolvimento do homem; - Distribuição do homem pelo globo; Caminhos e relevo; - Epistemologia da geografia (espaço-tempo); Homem e meio, sociedade e espaço; - Periodização da ação humana sobre o espaço; - Dinâmica do espaço-tempo

a 1908		<p>Livre Deuxième: Histoire Ancienne</p> <ul style="list-style-type: none"> - cap. 1: Iranie - cap. 2: Caucasic - cap. 3: Potamie 	<p>agrária Geografia econômica Geografia da população</p>	<p>(meio telúrico); Marcha da civilização;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cultura e uso equitativo do solo; - Vilarejos, rotas comerciais e indústrias da antiguidade; - Povoamento e equilíbrio entre homens e natureza.
	2 Histoire Ancienne (suite)	<p>Livre Deuxième (suite)</p> <ul style="list-style-type: none"> - cap. 4: Phénicie - cap. 5: Palestine - cap. 6: Égypte - cap. 7: Libye et Éthiopie - cap. 8: Grèce - cap. 9: Îles et Rivages Helléniques - cap. 10: Rome 	<p>Geografia Histórica Geografia cultural Geografia social Geografia agrária Geografia urbana Filosofia</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Impérios da antiguidade: Fenícios, Palestina, Egito, Líbia, Etiópia, Grécia e Roma; - Comércio e rotas de navegação, fisionomia do relevo e rotas migratórias e comerciais; - Tradições, valores e cultura antiga; - Conflitos territoriais, religiosos e étnicos; Recursos naturais, cidades, desenvolvimento econômico, científico e cultural; Império.
	3 Histoire Ancienne (suite)	<p>Livre Deuxième (suite)</p> <ul style="list-style-type: none"> - cap. 11: Orient Chinois - cap. 12: Inde - cap. 13: Monde Lointains 	<p>Geografia agrária Geografia cultural Filosofia e Religião Geopolítica Geografia social Geografia cultural</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Diversidade geográfica do Extremo Oriente (filosofia e cultura); - Superpovoamento e distribuição da população (rios e relevo); - Uso da terra agrícola e dinâmica comercial e industrial. - Os povos bárbaros; - Choque da civilização cristã e islâmica; - Rotas comerciais: ocidente e oriente; - Expansão territorial do islamismo; propriedade comum da terra, ciência e cultura islâmica.
		<p>Livre Troisième: Histoire Moderne</p> <ul style="list-style-type: none"> - cap. 1: Chrétiens - cap. 2: Barbares - cap. 3: La Seconde Rome - cap. 4: Arabes et Berbères - cap. 5: Carolingiens et Normands - cap. 6: Chevalier et Croisés 		
4 Histoire Moderne (suite)	<p>Livre Troisième: (suite)</p> <ul style="list-style-type: none"> - cap. 7: Communes - cap. 8: Monarchier - cap. 9: Mongols, Turcs, Tartares et Chinois - cap. 10: Découverte de la Terre - cap. 11: Renaissance - cap. 12: Réforme et Compagnie de Jésus - cap. 13: Colonies - cap. 14: Le Roi Solei - cap. 15: Le XVIII^a Siècle 	<p>Geopolítica Geografia social Geografia econômica Geografia cultural Cartografia</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Desagregação do império mongol e fim de Constantinopla; - Grandes navegações e expansão da Terra; circunavegação; - Impérios coloniais, e exploração do novo mundo; Renascimento, reforma protestante; - Monarquias e dissolução das comunas livre; Absolutismo, mercantilismo, opressão e desigualdades. 	

	5 Histoire Moderne (suite) Histoire Contemp oraine	<p>Livre Troisième: (suite)</p> <ul style="list-style-type: none"> - cap. 16: La Révolution - cap. 17: Contre-Révolutions - cap. 18: Les Nationalités - cap. 19: Nègres et Mujikes - cap. 20: Internationales <p>Livre Quatrième: Histoire Contemporaine</p> <ul style="list-style-type: none"> - cap. 1: Peuplement de la Terre - cap. 2: Répartition des Hommes - cap. 3: Latins et Germains - cap. 4: Russes et Asiatiques 	<p>Geografia da população</p> <p>Geografia social</p> <p>Geografia cultural</p> <p>Geopolítica</p> <p>Geografia econômica</p> <p>Geografia agrária</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Nacionalismo e internacionalismo; - Revoluções sociais, insurgências políticas e revoltas, - Povoamento da Terra e dinâmica populacional, internacionalização das relações econômicas e culturais; - repartição dos homens, desigualdade e oposição cultural; - Conflitos, guerras de unificação e separatismos; - Expansão colonial: partilha da África e colonização da Ásia; - Expansão das redes geográficas.
	6 Histoire Contemp oraine (suite)	<p>Livre Quatrième: (suite)</p> <ul style="list-style-type: none"> - cap. 5: L'Angleterre et son Cortège - cap. 6: Le Nouveau Monde et L'Océanie - cap. 7: L'État Moderne - cap. 8: La Culture et la Propriété - cap. 9: L'Industrie et le Commerce - cap. 10: La Religion et la Science - cap. 11: Éducation - cap. 12: Progrès 	<p>Geopolítica</p> <p>Geografia da indústria</p> <p>Geografia urbana</p> <p>Geografia social</p> <p>Geografia econômica</p> <p>Geografia cultural</p> <p>Geografia física</p> <p>Educação</p> <p>Ateísmo</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Imperialismo inglês e o desenvolvimento do novo mundo - Os processos de industrialização - Repartição e diversidade sociocultural dos povos da América - Autoritarismo do Estado Moderno e liberdade dos povos - Cultivo, cultura e propriedade comunal (comunidades e federalismo) - Progresso, decadência, produção e repartição; Divisão do trabalho e espoliação do homem; - Ciência, saber, educação e arte; - Conquista do pão e progresso.
<p>Conceitos, termos e categorias principais</p> <p>Natureza, sociedade, homem, Terra, espaço, tempo, meio-espaço, meio-tempo, dinâmica da natureza, dinâmica social, meio telúrico, revolução, revolta, cultura, memória, tradição, propriedade, língua, religião, educação, ateísmo, equilíbrio, luta de classe, indivíduo, distribuição, liberdade, igualdade, associação, ajuda mútua, trabalho, comunas, monarquia, império, colonização, descolonização, civilização, barbárie.</p> <p>Fonte: RECLUS, E. <i>L'Homme et la Terre</i>. 6 vol. Paris: Librairie Universelle, 1905 a 1908.</p> <p>Organização: José Vandério Cirqueira Pinto, 2015.</p>				

Anexo 8: Trabalhos publicados sobre Élisée Reclus entre os anos 1883 e 2000	
1883	1. ASTRUC, GABRIEL, <i>La famille Reclus</i> . In: <i>L'illustration</i> , v. 102, n. 2652, p. 569.
1888	2. PEYROT, MAURICE, <i>Élisée Reclus</i> . In: <i>La Nouvelle Revue</i> , v. 50, n. 1, pp. 170-185.
1894	3. EHRNROOTH, LOUISA ADELAIDE, <i>Ett kâseri om socialismen</i> . In: <i>Tiden</i> , n. 14.
1894	4. HULT, R AGNAR, <i>Anarkismens lârde apostel</i> . In: <i>Tiden</i> , n. 10.
	5. MARZAC, R., <i>Les Reclus</i> . In: <i>Le Figaro</i> (Paris), 30 juil. 1894, pp. 1-2.
	6. ZIMMERN, HELEN, <i>Élisée Reclus and his opinions</i> . In: <i>The Popular Science Monthly</i> , vol. 44, pp. 402-408.
1895	7. DELFOSSE, CHARLES, <i>Élisée Reclus, géographe</i> . In: <i>Les Hommes du jour</i> , ser. 1, n. 32.
	8. LAZARE, BERNARD, <i>A school of liberty</i> . In: <i>Liberty</i> , 30 nov. 1895.
	9. M. <i>Élisée Reclus and the Géographie Universelle</i> . In: <i>Scottish Geographical Magazine</i> , vol. 11, n. 5, pp. 248-251.

1903	10. STEENS, JEAN, <i>Profils socialistes</i> . In: Le Correspondant, n.s., vol. 175, n. 6, pp. 1176-1178.
1905	11. AGRESTI, ANTONIO, <i>Elisée Reclus</i> [segue una nota di N. Colajanni]. In: Rivista popolare di politica, lettere e scienze sociali, a. 11, pp. 391-393. 12. DE MAGISTRIS, LUIGI FILIPPO, <i>Eliseo Reclus (1830-1905)</i> : commemorazione letta ai soci del club escursionisti di Jesi e del Comitato jesino della Società Dante Alighieri la sera del 25 agosto 1905. Jesi, Tip. Flori. 13. DOMELA NIEUWENHUIS, FERDINAND, <i>Élisée Reclus (15 maart 1830-4 juli 1905)</i> . In: Levensrecht Mandschrift, 1 aug. 1905. 14. DOMELA NIEUWENHUIS, FERDINAND. <i>Élisée Reclus</i> . Antwerpen enz. : Ontwaking. 15. <i>Élisée Reclus ten gedenke, met bijdragen van F. Domela Nieuwenhuis, Jacques Mesnil, Oscar Six, Siska Van Daelen en Élisée Reclus</i> . In: Ontwaking Haandschrift, août-sep. 1905, n. 8-9, pp. 281-336. 16. <i>Eliseo Reclus. Una grande mistificazione</i> [recensione a un articolo uscito su Aurora (San Paulo), n. 3, 1° aprile 1905]. In: Il Pensiero, a. 3, n. 10, p. 159. 17. FABBRI, LUIGI, <i>Eliseo Reclus</i> . In: Il Pensiero, a. 3, n. 14, pp. 210-214. 18. FRANÇOIS, ALBERT, <i>Élisée Reclus et l'anarchie</i> . Gand, Volksdrukkerij. 19. GEDDES, PATRICK, <i>Elisée Reclus</i> . In: Scottish Geographical Magazine, vol. 21, pp. 490-496, 548-555. 20. GHIO, PAUL, <i>En souvenir d'Élisée Reclus: causerie faite au Chateau du Peuple, le 20 aout 1905</i> . Paris, L'Emancipatrice. 21. GORI, PIETRO, <i>Eliseo Reclus</i> . In: Il Pensiero, a. 3, n. 14, pp. 209-210. 22. HEATH, RICHARD, <i>Elisée Reclus</i> . In: The humane review. 23. KROPOTKIN, PETER, <i>Elisée Reclus</i> . In: Geographical Journal, vol. 26, pp. 337-343. 24. MERLINO, FRANCESCO SAVERIO, <i>Elisée Reclus</i> . In: Il divenire sociale, a. 1, vol. 1, pp. 222-224. 25. MESNIL, JACQUES, <i>Note biografiche su Eliseo Reclus</i> . In: Il Pensiero, a. 3, nn. 19 e 20, pp. 292-294, 307-309. 26. NADAR, <i>Elisée Reclus</i> . In: Les temps nouveaux, (suppl. n. 33) dec. 1905. 27. NEMI, <i>Elisée Reclus</i> . In: Nuova Antologia, a. 40, vol. 4, pp. 365-366. 28. <i>Penseurs, philosophes, savants</i> . Paris, Librairie C, Reinwald. Schleicher freres éditeurs. 29. SCHRADER, FRANZ, <i>Elisée Reclus</i> . In: Géographie, vol. 12, pp. 81-86.
1906	30. DEGREEF, GUILLAUME, <i>Éloges d'Élisée Reclus et de De Kellès-Krauz</i> . Gand, Soc. Cooperative. 31. GALLEANI, LUIGI, <i>Un ricordo su Eliseo Reclus</i> . In: Il Pensiero, a. 4, n. 1, pp. 11-12. 32. GIRARDIN, PAUL - BRUNHES, JEAN, <i>Elisée Reclus</i> . In: Geographische Zeitschrift, vol. 12, pp. 65-79. 33. GIRARDIN, PAUL - BRUNHES, JEAN, <i>La vie et l'œuvre d'Élisée Reclus (1830-1905)</i> . In: Revue de Fribourg, vol. 37, n. 4, pp. 274-287; n. 5, pp. 355-365. 34. KATZ, MORDECAI, [<i>Natur un mensh, noch E. Reclus</i>]. Leeds, A.O.R. publishing association office. 35. MESNIL, JACQUES, <i>Eliseo Reclus</i> . Roma, Il Pensiero. 36. <i>Il pensiero di Eliseo Reclus in fatto di elezionismo</i> . In: L'azione operaia, n.u., (14 luglio). 37. RECLUS, ELIE, <i>Lettera al fratello Eliseo</i> . In: Il Pensiero, a. 4, n. 13, p. 197. 38. LO STORICO, <i>Eliseo Reclus</i> . In: L'azione operaia, n.u., (14 luglio).
1907	39. MESNIL, JACQUES. <i>Elize Reklju. Biografijka</i> . Razgrad, Kilifarski. 40. <i>Paru d'abord</i> . In: La Société nouvelle (Mons, Paris), ser. 2, a. 13, n. 2, pp. 186-199.
1908	41. PRATELLE, A., <i>Elisée Reclus</i> . In: L'école rénovée, 25 oct. 1908. 42. ROORDA VANEYSINGA, HENRI, <i>Élisée Reclus propagandiste</i> . In: La société nouvelle (1908), pp. 186-199.
1909	43. PRATELLE, A., <i>Eliseo Reclus educatore</i> . In: L'Università popolare, a. 9, n. 3, p. 44. 44. [Biografia di É.R.]. In: Amanhã: revista popular de orientação racional (Lisboa), n. 4.
1917	45. MOLINARI, LUIGI, <i>Il dramma della Comune</i> . In: L'Università popolare, a. 17, n. 5, pp. 72-73.
1921	46. LEBEDEV, N.K., <i>Elisée Reclus kak tchelovek, uchenik i myslitel</i> . S. Petersburg; Moscou, Golos Truda.
1924	47. CHARLES L'HERMITE, <i>Eliseo Reclus</i> . In: Almanacco sociale illustrato per l'anno 1925. Milano, Casa Editrice Sociale, p. 85.
1925	48. FABBRI, LUIGI, <i>A proposito di uno scritto giovanile di Elisée Reclus</i> . In: Pensiero e volontà, a. 2, n. 16, pp. 378-380. 49. FABBRI, LUIGI, <i>Elisée Reclus - Corrispondenza</i> . In: Pensiero e volontà, a. 2.

1927	50. <i>Elisée and Elie Reclus: in memoriam</i> , compiled, edited and printed by Joseph Ishill; woodcuts by Louis Moreau. Berkeley Heights (N.J.), Oriole press.
1928	51. MESNIL, JACQUES, <i>Élisée Reclus</i> . In: <i>Le Semeur</i> (Caen) (1928), pp. 19-27. 52. NETTLAU, MAX, <i>Élisée Reclus, Anarchist und Gelehrter (1830-1905)</i> . Berlin, Kater. 53. RYNER, HAN, <i>Élisée Reclus, 1830-1905: conférence prononcée [...] 15 mai 1927</i> . Paris, Groupe de propagande par la broch. 54. <i>Science et conscience: Élie et Élisée Reclus</i> . Caen, Éd. du "Semeur".
1929	55. NETTLAU, M AX, <i>Eliseo Reclus, la vida de un sabio justo y rebelde</i> . Barcelona.
1931	56. GOBLET, Y.-M., <i>Un grand centenaire géographique: Élisée Reclus</i> . In: <i>La Géographie</i> , vol. 55, n. 1-2, pp. 72-75.
1933	57. COSTA, E MÍLIO, <i>Elisée Reclus, uma figura moral</i> . Lisboa, Seara Nova.
1934	58. NETTLAU, M AX, <i>Jacques Élisée Reclus</i> . In: <i>Encyclopaedia of the Social Sciences</i> , vol. 13. London, Macmillan & Co., pp. 164-165.
1935	59. NETTLAU, Max, <i>Una primera sazón de la obra de Eliseo Reclus</i> . In: <i>Tiempos Nuevos</i> (Barcelona), a. 2, n. 2, pp. 5-7.
1946	60. ALAIZ, FELIPE, <i>Excursion reclusiana por la España fluvial</i> [cap. 6 di <i>Hacia una Federacion de Autonomias Iberica, F.A.I.</i>]. Bordeaux, Editorial Tierra y Libertad. 61. ALAIZ, F ELIPE , <i>Excursion reclusiana por la España arida</i> [cap. 7 di <i>Hacia una Federacion de Autonomias Iberica, F.A.I.</i>]. Bordeaux, Editorial Tierra y Libertad. 62. DESCOEUDRES, A LICE, <i>Héros de la paix: biographies: Saint François de Sales. Élisée Reclus. Susanne Orelli. Henriette Szold. La Chaux-de-Fonds, Impr. des Coopératives réunies</i> . 63. MESNIL, CLARA, <i>Quelques souvenirs sur Élisée Reclus</i> . In: <i>Maintenant</i> , n. 2, pp. 252-256.
1949	64. FABBRI, LUIGI, <i>L'anarchismo di Elisée Reclus</i> . In: <i>Volontà</i> , a. 4 (1949-50), pp. 339-343.
1951	65. MAITRON, JEAN, <i>Histoire du mouvement anarchiste en France (1880-1914)</i> . Paris. 66. TAYLOR, GRIFFITH, <i>Geography in the twentieth century</i> . New York, Philosophical Library.
1954	67. LEBRETON, DAGMAR RENSHAW, <i>Un anarchiste sur une plantation louisianaise en 1855</i> . In: <i>Comptes Rendus de l'Athénée louisianais</i> (New Orleans), mars 1954, pp. 27-32. 68. RYNER, HAN, <i>Il crepuscolo di Eliseo Reclus</i> . Firenze, Gruppo Albatros [rist. anastatica: Torino, Assandri, 1976].
1955	69. Y.R., <i>Un cinquantenaire: Élisée Reclus</i> . In: <i>Le Monde</i> (Paris), 5 juil. 1955, p. 6.
1956	70. DAY, HEM, <i>Deux frères de bonne volonté: Élisée Reclus et Han Ryner</i> . Paris [etc.], Les Amis de Han Ryner et Pensée et Action. 71. DAY, HEM, <i>Elisée Reclus en Belgique. Sa vie, son activité, 1894-1905</i> . Paris ; Bruxelles, Pensée et action. 72. DAY, HEM, <i>Essai de bibliographie de Elisée Reclus</i> . Paris; Bruxelles, Pensée et action. 73. <i>Elisée Reclus, 1830-1905, savant et anarchiste</i> . Paris; Bruxelles, Pensée et action.
1959	74. MIKESSELL, MARVIN W., <i>Observations on the writings of Élisée Reclus</i> . In: <i>Geography</i> , vol. 44, part 4, pp. 221-226.
1961	75. TIKHOMIROV, G. S., [<i>Elisée Reclus, eminente geografo francese</i>] [in russo]. In: <i>Trudy Institut Istorii Estestvoznaniia i Tekhniki</i> [Akademiiia Nauk SSSR], vol. 37, n. 2, pp. 38-50.
1962	76. HERSCOVICI, H., <i>Eliseo Reclus: l'uomo e il pensiero</i> . In: <i>Volontà</i> , a. 15, pp. 278-283.
1964	77. RECLUS, PAUL, <i>Les frères Élie et Élisée Reclus, ou, Du protestantisme à l'anarchisme</i> . Paris, Amis d'Élisée Reclus.
1965	78. MACIL, J., <i>Ifratelli Reclus: recensione</i> . In: <i>L'Adunata dei refrattari</i> .
1967	79. MASON, EDWARD, <i>The Paris Commune: an episode in the history of the movement</i> . New York, Howard Fertig.
1968	80. STOCKMANS, FRANÇOIS, <i>Élisée Reclus</i> . In: <i>Biographie nationale</i> (Bruxelles), vol. 34, suppl. vol. 6 (fasc. 2), col. 671-690.
1969	81. DUZER, JACQUES, <i>Les idées anarchistes d'Élisée Reclus</i> [mémoire polycopié pour le Diplôme d'études supérieures d'histoire du droit et des faits sociaux, Faculté de droit et des sciences économiques de Dijon].
1970	82. MAITRON, JEAN (ed.), <i>Dictionnaire biographique du mouvement ouvrier français</i> , vol. 8, deuxième partie: 1684-1871, La Première Internationale et la Commune. Paris, Les Éditions ouvrières, pp. 299-301.
1971	83. GIBLIN, BEATRICE, <i>Élisée Reclus: pour une géographie</i> [thèse de doct. de 3e cycle]. Paris, Université de Paris-Vincennes. 84. VUILLEUMIER, MARC, <i>Élisée Reclus et Genève</i> . In: <i>Musées de Genève</i> , a. 12, n. 114, pp. 9-13.
1972	85. THOMALE, ECKHARDT, <i>Sozialgeographie: eine disziplingeschichtliche Untersuchung</i>

	<i>zur Entwicklung der Anthropogeographie</i> . In: Marburger Geographische Schriften (Marburg/Lahn), n. 53.
1973	86. HICKS, JOHN-TUCKER, ROBERT, <i>Revolution and reaction: the Paris Commune</i> . Amherst, University of Massachusetts Press.
1974	87. DA FONSECA, CARLOS, <i>Élisée Reclus e o movimento libertário em Portugal: subsídios para a história das relações internacionais do operariado português</i> . In: Seara Nova (Lisboa), pp. 26-30. 88. DUNBAR, GARY S., <i>Élisée Reclus and the Great Globe</i> . In: Scottish Geographical Magazine, vol. 90, pp. 57-66.
1975	89. DUNBAR, GARY S., <i>Élisée Reclus</i> . In: Dictionary of scientific Biography, vol. 11. New York, Scribner's, pp. 337-338. 90. GIBLIN, BEATRICE, <i>Élisée Reclus: géographie, anarchisme</i> . In: Hérodote (Paris), n. 2 (avr.-juin) pp. 30-49. 91. STODDART, D. R., <i>Kropotkin, Reclus and "relevant" geography</i> . In: Area, vol. 7, pp. 188-190. 1977 92. NETTLAU, MAX, <i>Élisée Reclus, Anarchist und Gelehrter (1830-1905)</i> . Vaduz (Lichtenstein), Topos-Verlag.
1978	93. DUNBAR, GARY S., <i>Élisée Reclus, historian of nature</i> . Hamden (Conn.), Archon Books.
1979	94. BECK, MYRL E., Comment. In: Geology, n. 7, p. 418. 95. BERKLAND, JAMES O., <i>Élisée Reclus: neglected geologic pioneer and first continental drift advocate</i> . In: Geology, n. 7, pp. 189-192. 96. FLEMING, MARIE, <i>The anarchist way to socialism: Elisee Reclus and nineteenth-century European anarchism</i> . London, Croom Helm; Totowa (N.J.), Rowman and Littlefield.
1980	97. ROBERT, OLWIG KENNETH, <i>Historical geography and the society / nature 'problematic': the perspective of J.F. Schouw, G.P. Marsh and E. Reclus</i> . In: Journal of Historical Geography, vol. 6, pp. 29-45.
1981	98. DUNBAR, GARY S., <i>Élisée Reclus, an anarchist geographer</i> . In: Stoddart, D.R. (ed.), <i>Geography, ideology and social concern</i> . Blackwell. 99. <i>Élisée Reclus: un géographe libertaire</i> . In: Hérodote (Paris), n. 22 (1981). 100. FLEMING, MARIE, <i>Life, liberty and the pursuit of a natural order: the anarchism of Elisee Reclus</i> . In: Social Anarchism, vol. 2, n. 1, pp. 19-35. 101. PESCE, G., <i>Da ieri a domani</i> . Bologna, CLUEB. 102. STODDART, D.R., <i>Humane geographer: the enigma of Élisée Reclus</i> . In: Progress in Human Geography, vol. 5, pp. 99-104.
1982	103. BECK, HANNO, <i>Grosse Geographen (Pioniere-Aussenseiter-Gelehrte)</i> . Berlin: Reimer. 104. <i>Eliseo Reclus, un geografo anarchico</i> . In: A Rivista anarchica, n. 99.
1983	105. GIBLIN, BEATRICE, <i>Élisée Reclus, 1830-1905</i> . In: Geographers Biobibliographical Studies, vol. 3, pp. 125-132. 106. VICENTE MOSQUETE, MARIA TERESA, <i>Eliseo Reclus: la geografía de un anarquista</i> . Barcelona, Romero. 107. <i>Vita ed opere di Élisée ed Élie Reclus</i> [pref. Mammolo Zamboni]. Torino, Assandri [rist. anastatica].
1985	108. <i>Élisée Reclus: colloque organisée à Bruxelles les 1 et 2 février 1985</i> . Bruxelles, Institut des Hautes Etudes de Belgique. 109. ALLIANCE LIBERTAIRE (Belgique), <i>Élisée Reclus (1830-1905): savant et anarchiste; exposition du 22 janvier au 1er février 1985</i> , Université libre de Bruxelles/Alliance libertaire. Bruxelles, Alliance libertaire. 110. SARRAZIN, HELENE, <i>Élisée Reclus, ou, La passion du monde</i> . Paris, La Découverte.
1986	111. NOZAWA HIDEKI, <i>Le sentiment de la nature chez Élisée Reclus</i> . In: Cosmology, Epistemology and the History of Geography [Nozawa Hideki ed.]. Fukuoka Kyūshū University, pp. 51-61. 112. PELLETIER, PHILIPPE, <i>Élisée Reclus, au-delà de la mode</i> . In: Le Monde Libertaire, n. 619, pp. 6-7.
1987	113. JUD, PETER, <i>Élisée Reclus und Charles Perron, Schöpfer der "Nouvelle Géographie Universelle"</i> . Konstanz, Stadler.
1988	114. ABRAMSON, PIERRE-LUC, <i>L'espérance américaine d'Élisée Reclus</i> . In: Mélanges offerts à Maurice Molho, Paris, Editions hispaniques. 115. FLEMING, MARIE, <i>The geography of freedom: the odyssey of Elisee Reclus</i> . Montreal; New York, Black Rose Books. 116. NOËL, FRANCINE, <i>1894: l'université libre de Bruxelles en crise</i> . Bruxelles, Université de Bruxelles.

	117. RIVAROLA, MILDA (ed.), <i>La polémica francesa sobre la guerra grande: Eliseo Reclus, la guerra del Paraguay</i> . Laurent-Cochelet, correspondencia consular. Asunción (Paraguay), Editorial Histórica.
1989	118. GIBLIN, BÉATRICE, <i>Eliseo Reclus: geografia, anarchismo</i> . Milano, Inquietudes.
1990	119. LACOSTE YVES, <i>Paysages politiques: Braudel, Gracq, Reclus</i> . Paris, Le Livre de poche.
1992	120. HORTA DUARTE, REGINA, <i>Elisée Reclus, geografia e anarquismo: visões da revolução</i> . In: LPH: revista de história, vol. 3., n. 1, pp. 80-94. 121. <i>Geografia senza confini</i> . N. monografico di: Volontà .
1993	122. CLARK, JOHN P., <i>Elisée Reclus, voyage to New Orleans 1855</i> . In: Mesechabe, n. 11, pp. 15-17 [segue nel n. 12 (1994), pp. 17-22]. 123. CLARK, JOHN P., <i>Putting freedom on the map: the life and work of Élisée Reclus</i> . In: Mesechabe, n. 11, p. 14 124. LARKIN, ROBERT P. - PETERS, GARY L., <i>Biographical dictionary of geography</i> . Westport (Conn.), Greenwood press. 125. MARSHALL, PETER, <i>Demanding the impossible</i> . Fontana press.
1995	126. CORNUAULT, JOËL, <i>Elisée Reclus, géographe et poète</i> . Eglise-Neuve d'Issac, Fédérop. 127. GOBY, VALENTINE, <i>Élisée Reclus: un anarchiste et l'éducation</i> [mémoire présenté à l'Institut d'études politiques de Paris, sous la dir. De Gaetano Manfredonia]. Paris, Institut d'études politiques. 128. WERLEN, BENNO, <i>Landschaft, Raum und Gesellschaft: Entstehungs- und Entwicklungsgeschichte wissenschaftlicher Sozialgeographie</i> . In: Geographische Rundschau, a. 47, n. 9, pp. 513-522.
1996	129. ALTIERI, ROCCO, <i>Elisée Reclus: note su uno scienziato anarchico (1830-1905)</i> . In: Rivista Storica dell'Anarchismo, a. 3, n. 2, pp. 143-152. 130. CLARK, JOHN P., <i>The dialectical social geography of Elisée Reclus</i> . In: Philosophy and Geography, vol. 1. 131. CLARK, JOHN P., <i>La pensée sociale d'Élisée Reclus, géographe anarchiste</i> . Lyon, Atelier de création libertaire. 132. CLARK, JOHN P., [recensione a] Marie Fleming, <i>The Geography of Freedom: The Odyssey of Elisée Reclus</i> . In: Social Anarchism, n. 22, pp. 57-65. 133. DUNBAR, GARY S., <i>Élisée Reclus: an anarchist in geography</i> . In: DUNBAR, GARY S., <i>The History of Geography</i> . New York, pp. 76-87. 134. DUNBAR, GARY S., <i>Élisée Reclus and the Great Globe</i> . In: DUNBAR, GARY S., <i>The History of Geography</i> . New York, pp. 12-22. 135. DUNBAR, GARY S., <i>Élisée Reclus in Louisiana</i> . In: DUNBAR, GARY S., <i>The History of Geography</i> . New York, pp. 122-131. 136. DUNBAR, GARY S., <i>Elisée Reclus' Japanese disciple, Ishikawa Sanshiro</i> . In: DUNBAR, GARY S., <i>The History of Geography</i> . New York, pp. 132-134. 137. DUNBAR, GARY S., <i>Rebecca West and the Reclus brothers</i> . In: DUNBAR, GARY S., <i>The History of Geography</i> . New York, pp. 204-213. 138. GONOT, ROGER, <i>Élisée Reclus, prophète de l'idéal anarchique</i> . Pau, Covedi. 139. GULLICKSON, GAY, <i>Unruly women of Paris: images of the Commune</i> . Ithaca, London, Cornell University Press.
1997	140. CHARDAK, HENRIETTE, <i>Elisée Reclus, une vie: l'homme qui aimait la Terre</i> , Paris, Stock. 141. CLARK, JOHN P., <i>The dialectical social geography of Elisée Reclus</i> . In: Philosophy and Geography I: Space, Place, and Environmental Ethics. Lanham, MD, Rowman and Littlefield, pp. 117-142. 142. CLARK, JOHN P., <i>Du bon usage d'Elisée Reclus</i> . In: Le Monde libertaire, n. 1079 (1997). 143. PELLETIER, PHILIPPE, <i>John Clark analysant Elisée Reclus, ou comment prendre ses désirs pour des réalités</i> . In: Le Monde Libertaire, n. 1065 (1997), pp. 4-5. 144. PELLETIER, PHILIPPE, <i>L'enjeu intellectuel et politique d'Élisée Reclus: réponse à John P. Clark</i> . In: Le Monde Libertaire, n. 1085, pp. 4-5. 145. PROVAIN, GEORGES, <i>Élisée Reclus, le fil rouge</i> . In: Etre franc-maçon en pays foyen [s.l., s.n.].
1998	146. BECKER, HEINER, <i>Bibliographie</i> . In: Itinéraire, n. 14-15, pp. 100-107. 147. BECKER, HEINER, <i>Les frères Reclus et Bakounine</i> . In: Itinéraire, n. 14-15, pp. 66-68. 148. BECKER, HEINER, <i>Jean-Pierre Michel 'Elie' Reclus</i> . In: Itinéraire, n. 14-15, pp. 15-20. 149. BECKER, HEINER, <i>Paul Reclus</i> . In: Itinéraire, n. 14-15, pp. 26-28.

	<p>150. BEDOS, PASCAL, <i>La vie d'un 'doux entêté de vertu'</i>. In: Itinéraire n. 14-15, pp. 4-14.</p> <p>151. BOINO, PAUL, <i>Une géographie pertinente et combattante</i>. In: Itinéraire, n. 14-15, pp. 80-90.</p> <p>152. BREMAND, NATHALIE, <i>Education: un professeur pas comme les autres</i>. In: Itinéraire, n. 14-15, pp. 45-54.</p> <p>153. COLOMBO, MAURICE, <i>Adhémar Schwitzguébel</i>. In: Itinéraire, n. 14-15, pp. 64-65.</p> <p>154. CORNUAULT, JOËL, <i>Elisée Reclus, écrivain et poète</i>. In: Itinéraire, n. 14-15, pp. 40-42.</p> <p>155. ENCKELL, MARIANNE, <i>Suisse: un exil très actif</i>. In: Itinéraire, n. 14-15, pp. 60-63.</p> <p>156. MOULAERT, JAN, <i>Belgique: un rendez-vous manqué</i>. In: Itinéraire, n. 14-15, pp. 91-96.</p> <p>157. NEYTS, JEAN-MARIE, <i>Les conceptions sociétales d'Élisée Reclus: la conquête du bonheur</i>. In: Itinéraire, n. 14-15, pp. 72-75.</p> <p>158. PELLETIER, PHILIPPE, <i>Élisée Reclus: géographe ou écologue? Anarchiste ou écologiste?</i>. In: Itinéraire, n. 14-15, pp. 29-39.</p> <p>159. SARRAZIN, HELENE, <i>Du protestantisme à l'anarchisme</i>. In: Itinéraire, n. 14-15, pp. 21-25.</p>
1999	<p>160. CORNUAULT, JOËL, <i>Elisée Reclus, étonnant géographe</i>. Perigeux, Fanlac.</p> <p>161. CLARK, JOHN P., <i>Elisée Reclus: natura e società: scritti di geografia sovversiva</i>. Milano, Eléuthera.</p>
s.d. (2000)	<p>162. CLARK, JOHN P., <i>Liberty, equality, geography: the social thought of Élisée Reclus</i>.</p> <p>163. CORDIER, J., <i>Actualité de la pensée d'Élisée Reclus et de son activité à l'Université nouvelle</i>. In: IHEB, pp. 173-177.</p> <p>164. DAY, HEM, <i>Dos hermanos de buena voluntad: Eliseo Reclus y Han Ryner</i> [prol. De Eugen Relgis]. Montevideo, Solidaridad.</p> <p>165. DE GREEF, GUILLAUME, <i>Eloges d'Elisée reclus et de Kellès-Kranz</i>, séance de rentrée du 3 novembre 1905. Gand, Université Nouvelle.</p> <p>166. DESMED, R., <i>Élisée Reclus, la Franc-maçonnerie et la loge "Les amis philanthropes"</i>. In: IHEB, pp. 9-22.</p> <p>167. DESPY-MEYER, A., <i>L'Institut géographique et l'Université nouvelle</i>. In: IHEB, pp. 53-69.</p> <p>168. <i>Élisée Reclus: géographe, anarchisme</i>. [S.l.], Groupe libertaire Germinal [Fédération anarchiste].</p> <p>169. GENTELLE, PIERRE, <i>De la géographie physique à la géopolitique: Élisée Reclus et l'Asie orientale</i>. In: Hérodote, n. 22, pp. 80-93.</p> <p>170. GIBLIN, BEATRICE, <i>Anarchie et géographie: Élisée Reclus</i>. In: L'Arc (Anarchies), (Le Revest- Saint-Martin), n. 91-92, pp. 93-96.</p> <p>171. GIBLIN, BEATRICE, <i>Reclus: un écologiste avant l'heure?</i>. In: Hérodote, n. 22, pp. 107-118.</p> <p>172. GIBLIN, BEATRICE, <i>Élisée Reclus, 1830-1905</i>. In: Hérodote, n. 22, pp. 6-13.</p> <p>173. GIBLIN, BEATRICE, <i>Élisée Reclus et l'Ecole géographique française</i>. In: IHEB, pp. 109-118.</p> <p>174. GIBLIN, BEATRICE, <i>Élisée Reclus et les colonisations</i>. In: Hérodote, n. 22, pp. 56-79.</p> <p>175. GIBLIN, BEATRICE, <i>Quand les géographes osaient parler de stratégie: Élisée Reclus et l'Afghanistan, il y a un siècle</i>. In: Hérodote, n. 18.</p> <p>176. JAUMOTTE, A. L., <i>Notes et documents. Autour d'Élisée Reclus (1830-1905)</i>. In: IHEB, pp. 181sq.</p> <p>177. LACOSTE, YVES, <i>Élisée Reclus: éditorial</i>. In: Hérodote, n. 22.</p> <p>178. LACOSTE, YVES, <i>Géographicité et géopolitique: Élisée Reclus</i>. In: Hérodote, n. 22, pp. 14-55.</p> <p>179. LEUNIS E. ET J. M. NEYTS, <i>La formation de la pensée anarchiste d'Élisée Reclus</i>. In: IHEB, pp. 139-154.</p> <p>180. MOULAERT, JAN, <i>Élisée Reclus et l'anarchisme en Belgique</i>. In: IHEB, pp. 155-172.</p> <p>181. NETTER, MARIE-LAURENCE, <i>Élisée Reclus: une certaine conception de l'histoire</i>. In: Hérodote, n. 22, pp. 119-128.</p> <p>182. NICOLAÏ, HENRI, <i>Élisée Reclus et l'Afrique</i>. In: IHEB, pp. 95-108.</p> <p>183. <i>Notice pour la carte physique de l'Amérique du Nord</i>. Paris, [s.n.].</p> <p>184. PECHOUX, PIERRE-YVES, <i>Élisée Reclus au Panthéon des libertaires</i>. In: Hérodote, n. 22, pp. 94-97.</p> <p>185. RYNER, HAN [pseud. de HENRY NER], <i>Elisée Reclus, ses idées et son œuvre</i>. In: Sciences, p. 16.</p> <p>186. UYTTEBROUCK, A., <i>L'"incident Reclus" vu à travers les archives officielles de l'Université Libre de Bruxelles</i>. In: IHEB, pp. 23-52.</p>

187. VANDERMOTTEN, CHRISTIAN, *La pensée d'Élisée Reclus et la géographie de la Belgique en son temps*. In: IHEB, pp. 71-94.
188. VICENTE MOSQUETE, M.T., *Élisée Reclus et la géographie espagnole*. In: IHEB, pp. 119-138.
189. WOLKENHAUER, W., *Élisée Reclus*. In: Deutscher Rundschau für Geographie und Statistik, Jahrg. 28, Heft. 1.
190. ZEMLIAK, MARTIN, *Reclus, les anarchistes et les marxistes*. In: Hérodote, n. 22, pp. 98-106.

Fonte: RONCO, Daniele. **Bibliografia di Élisée Reclus**. (aggiornata al 2000). Gálica.bnf.fr (acesso em 10 /05/2012).